



Marcelin Chamoin

FRANCÊSGUISTA

Crônicas de um francês
apaixonado pelo Flamengo

Francêsguista

*Crônicas de um francês apaixonado pelo
Flamengo*

Marcelin Chamoin

Sumário

Apresentação.....	10
Na geral.....	15
Bem-vindo no francêsguista.....	16
A criação do consulado Fla Paris.....	19
Mais uma final.....	23
A Fla Paris celebra três anos de existência.....	25
Minha volta na Norte.....	30
A Copa do Brasil eu tenho 4.....	33
Eu fui no AeroFla.....	37
Fla é tri e eu sou feliz.....	41
Um fim de semana inteiramente rubro-negro.....	44
Encontrei Deus.....	47
Hoje eu vi Zico em campo.....	50
A decepção.....	53
A vergonha.....	56
Fla virou e a Fla Paris comemorou.....	58
Uma rifa para uma boa ação.....	64
Meu adeus ao Maracanã.....	68
Jogos eternos.....	73
Flamengo 1x0 Vasco 1944.....	74
Flamengo 4x0 Burnley 1957.....	79
Flamengo 2x0 Corinthians 1961.....	83
Flamengo 0x0 Fluminense 1963.....	86
Flamengo 1x0 Benfica 1972.....	91
Flamengo 5x1 Corinthians 1974.....	95
Flamengo 2x2 Vasco 1975.....	97
Flamengo 4x1 Fluminense 1976.....	101
Flamengo 5x1 Atlético Mineiro 1979.....	105
Flamengo 1x0 Internacional 1980.....	108
Flamengo 8x0 Fortaleza 1981.....	110
Flamengo 4x2 Uberaba 1981.....	112
Flamengo 2x1 Colorado 1981.....	115

Flamengo 2x0 Cobreloa 1981.....	117
Flamengo 3x0 Liverpool 1981.....	120
Internacional 2x3 Flamengo 1982.....	124
Flamengo 7x1 Rio Negro 1983.....	127
Flamengo 2x0 Goiás 1983.....	130
Flamengo 5x1 Corinthians 1983.....	132
Flamengo 1x1 Fluminense 1985.....	135
Flamengo 4x1 Fluminense 1986.....	137
Coritiba 2x2 Flamengo 1988.....	141
Toronto Blizzard 0x2 Flamengo 1989.....	143
Fluminense 0x5 Flamengo 1989.....	145
Flamengo 5x1 Capelense 1990.....	148
Flamengo 5x3 America 1991.....	150
Flamengo 2x1 Botafogo 1991.....	152
Flamengo 2x0 Vasco 1991.....	155
Flamengo 4x2 Fluminense 1991.....	158
Flamengo 3x0 Botafogo 1992.....	161
Flamengo 3x3 Racing 1992.....	165
Flamengo 3x2 Fluminense 1993.....	167
Flamengo 2x1 Bragantino 1995.....	170
Juventude 0x2 Flamengo 1995.....	173
Flamengo 3x0 Vélez Sarsfield 1995.....	175
Flamengo 2x0 Vasco 1996.....	178
Flamengo 3x1 Internacional 1996.....	180
Goiás 1x4 Flamengo 1997.....	182
Flamengo 3x0 Real Madrid 1997.....	185
Flamengo 3x2 Atlético Mineiro 1998.....	188
Flamengo 4x1 Corinthians 1998.....	190
Bangu 0x2 Flamengo 1999.....	193
Colo-Colo 0x4 Flamengo 1999.....	195
Flamengo 7x0 Universidad de Chile 1999.....	197
Palmeiras 3x3 Flamengo 1999.....	201
Gama 2x4 Flamengo 2000.....	205
Volta Redonda 0x3 Flamengo 2001.....	208

Flamengo 3x1 Vasco 2001.....	210
Fortaleza 3x4 Flamengo 2006.....	216
Real Potosí 2x2 Flamengo 2007.....	218
Flamengo 3x1 Cruzeiro 2007.....	221
Flamengo 2x0 Boavista 2008.....	224
Flamengo 3x0 Coritiba 2009.....	226
Flamengo 2x1 Grêmio 2009.....	228
América Mineiro 2x3 Flamengo 2011.....	232
Santos 4x5 Flamengo 2011.....	235
Flamengo 3x2 Fluminense 2011.....	240
Flamengo 1x1 Vasco 2011.....	243
Flamengo 2x0 Nova Iguaçu 2012.....	245
Flamengo 2x0 Athletico Paranaense 2013.....	248
Resende 0x3 Flamengo 2014.....	251
Flamengo 5x1 Portuguesa-RJ 2017.....	253
Flamengo 3x3 Fluminense 2017.....	255
Madureira 0x2 Flamengo 2019.....	259
Corinthians 0x1 Flamengo 2019.....	262
Flamengo 2x0 Emelec 2019.....	264
Ceará 0x3 Flamengo 2019.....	268
Flamengo 1x0 Santos 2019.....	271
Athletico Paranaense 0x2 Flamengo 2019.....	273
Flamengo 5x0 Grêmio 2019.....	276
Flamengo 2x1 River Plate 2019.....	281
Flamengo 6x1 Avaí 2019.....	284
Flamengo 3x1 Al Hilal 2019.....	287
Independiente del Valle 2x2 Flamengo 2020.....	290
Flamengo 3x0 Independiente del Valle 2020.....	292
Flamengo 2x2 Palmeiras 2021.....	294
Flamengo 4x1 Unión La Calera 2021.....	298
Cuiabá 0x2 Flamengo 2021.....	301
Bahia 0x5 Flamengo 2021.....	303
Flamengo 1x0 Vasco 2022.....	306
Athletico Paranaense 0x1 Flamengo 2022.....	308

Ídolos.....	311
Leônidas.....	312
Zizinho.....	319
Carlinhos.....	325
Rondinelli.....	328
Raul.....	332
ZICO.....	338
Júnior.....	352
Andrade.....	356
Nunes.....	360
Zinho.....	365
Romário.....	369
Sávio.....	373
Petkovic.....	377
Adriano.....	382
Obina.....	386
Renato Abreu.....	389
Ibson.....	396
Elias.....	400
Diego.....	403
Vinícius Jr.....	407
Times históricos.....	415
1912.....	416
1936.....	421
1953.....	428
1964.....	435
1972.....	438
1974.....	442
1977.....	450
1979.....	453
1981.....	461
1983.....	465
1987.....	470
1993.....	485

1996.....	489
2000.....	494
2005.....	500
2008.....	505
2009.....	509
2015.....	516
2017.....	519
2019.....	526

Apresentação

Meu maior sonho, desde criancinha, sempre foi o Brasil. Sonhava de assistir aos jogos da Seleção, de conhecer os jogadores brasileiros, de ir ao Brasil passar férias. Ainda tinha a ousadia de sonhar em morar no Brasil. E consegui, de setembro de 2022 até julho de 2023, morando na cidade mais bonita do mundo, a Cidade Maravilhosa, Rio de Janeiro.

Ainda sonhei de fazer muitas coisas no Brasil e consegui algumas. Conheci Rio, os arredores e outros estados do Brasil, fiz amizades com brasileiros, franceses e outras nacionalidades. Sonhei de fazer um trabalho social com crianças, e consegui, fazendo treinos de futsal e dando aulas de xadrez na Rocinha, a maior favela de Rio.

E ainda mais, sonhei de ficar ainda mais perto do Flamengo. Na França, eu já tinha um coração 100% rubro-negro, a alma também, agora meu corpo estava no Rio. Consegui ir no Maracã e na Gávea, assistir a jogos eternos, conhecer ídolos e o pessoal do clube, ver times históricos conquistar títulos. Eu queria estar o mais perto possível do Flamengo, ser o mais possível Flamengo.

Por isso, quando pousei no RJ, abri um blog chamado francêsguista, escrito por um francês flamenguista. Escrevi 137 crônicas, do 6 de setembro de 2022, dia de minha chegada no Rio, até 24 de julho de 2023, dia de minha volta para Paris. Criei 4 categorias, a primeira chamada “Na geral”, porque nunca vou conhecer a geral do Maracanã, seu peso e seus personagens folclóricos, seu Flamengo de outros tempos. Mas aqui podia escrever, em 16 crônicas, sobre minha vida no Rio com o Flamengo, o consulado Fla Paris e outras coisas.

Outra categoria é dos jogos eternos, sobre um jogo só da história do Flamengo, geralmente contra o mesmo adversário que o Flamengo 2022-2023 ia enfrentar no dia da publicação da crônica. Um jogo do

Flamengo é eternizado com um golaço, um lance, uma goleada, um título, a atuação de um jogador e outras coisas. Tem 81 jogos eternos, confesso que no final da temporada, parei de propósito na crônica 81, porque 81 é um número muito bom na história do Flamengo. Número muito bom e grande, mas mesmo assim, falta no blog muitos jogos eternos, principalmente alguns dos títulos brasileiros. Mas tem sobre a primeira Libertadores, o Mundial contra Liverpool, o Milagre de Lima e muitos outros jogos eternos, até os esquecidos.

Ainda tem a categoria dos ídolos, com 20 crônicas, sobre a história de um jogador que vestiu o Manto Sagrado, e minhas lembranças mais pessoais, afinal é um blog. Claro, Flamengo tem muito mais do que 20 ídolos, e não tem aqui necessariamente os melhores ou meus maiores, sinto por exemplo a falta de Dida, Leandro e Gabigol, mas esses ídolos estão presentes nos jogos eternos. Dida é o personagem principal do jogo contra o Corinthians em 1961, Leandro brilhou contra Fluminense em 1985 e Gabigol aparece, como protagonista e artilheiro, olha, várias vezes no francêsguista.

E ainda tem a categoria dos times históricos, sobre uma temporada do Flamengo, com também 20 crônicas. De novo, não são necessariamente as melhores ou meus maiores, tem 2015 mas não 1980, tem 2000 mas não 1992, tem 2008 mas não 2001. Mas tem a história da temporada, minhas lembranças e as anedotas que li em outros livros sobre Flamengo. Também tem o gol do Penta de Júnior e o gol de Pet no minuto 43 na categoria dos jogos eternos, ainda não tive tempo de eternizar o gol de Nunes contra o Galo.

Na minha volta na França, para matar a saudade e fazer viver o Flamengo, resolvi fazer um livro e juntar todas as crônicas, não na ordem de publicação, mas por categoria e de ordem cronológica. Na geral, do nascimento do francêsguista até meu adeus ao Maracanã, nos jogos eternos, do título carioca contra Vasco em 1944 até a vitória contra o Furacão no caminho do Tetra da Copa do Brasil em 2022, nos ídolos, de Leônidas até Vini Jr, nos times históricos, de

1912, primeiro ano do futebol, até 2019, ano que fez vibrar todos os flamenguistas.

Flamengo é diferente de todos os outros clubes de futebol, Flamengo se inscreveu na eternidade e sua história se escreveu na infinidade. Então, não era possível contar toda a história do Flamengo. Mas acho que com as categorias dos jogos eternos, ídolos e times históricos, achei uma maneira completa de escrever a história incompleta do Flamengo. Falta muitas coisas sim, mas tem 500 páginas de paixão sobre nosso Flamengo. E ainda não é o fim, mesmo de volta na França, vou continuar a escrever no blog francêsguista. No começo de cada crônica no livro, tem um código QR para ler a crônica diretamente no blog e ver o video associado, do jogo eterno, do ídolo, do time histórico.

Talvez no livro tem erros, de fatos, de ortografo ou de inatenção. Já peço desculpas por isso, meu leitor pode ter a certeza que dei o maior cuidado na releitura. Provavelmente tem também erros de português, de gramática, pelos quais não vou me desculpar. Até tem alguns neologismos de quais tenho um pouco de orgulho, como tenho orgulho desse blog, desse livro. Escrever num idioma estrangeiro era também um sonho que nem ousei fazer. Mas consegui, durante um ano e 137 crônicas sobre Flamengo. Afinal, meu maior sonho é Flamengo.

Fecho essa apresentação dedicando esse livro para quem me apoiou com essa escolha de vida, principalmente minha família, que eu amo mais que tudo. Dedico também esse livro para as pessoas com quem cruzei o caminho do gol e da alegria durante minha temporada no Brasil, e para quem ama Flamengo, talvez não como eu, mas que ama Flamengo, de uma maneira ou de uma outra. Uma vez Flamengo, Flamengo além da morte.

Na geral

Bem-vindo no francêsguista

Crônica #1 publicada originalmente no 6 de setembro de 2022



“Cada brasileiro, vivo ou morto, já foi Flamengo por um instante, por um dia” escreveu o tricolor e grande escritor Nelson Rodrigues. Eu particularmente não sou brasileiro, eu sou francês, mas eu sou flamenguista, por cada dia de minha vida. Uma vez Flamengo, sempre Flamengo, fala o hino popular do clube.

Bem-vindo no meu blog francêsguista, que nada vai ser sobre a França e tudo sobre o Flamengo. Vai mexer os jogos de hoje e os jogos eternos do passado, vai mexer os ídolos e os menos ídolos, mas que honraram o Manto Sagrado. Vai falar sobre os times históricos, de 1912 até 2022, porque cada time, cada jogador, faz história vestindo a camisa do Flamengo. Eu só preciso de duas cores para escrever, o negro e o vermelho. Flamengo sempre eu hei de ser.

Quem escreve é Marcelin Chamoin, francês de 30 anos, nascido um dia 7 de julho, mesmo dia do que o primeiro Fla-Flu, exatamente 80 anos antes do meu nascimento. Um dia depois do meu nascimento, Flamengo ganhava de 3 a 1 contra Santos no Maracanã e classificava-se para a final do Brasileirão 1992. Com a maestria do Vovô Garoto Júnior, Flamengo conquistou o pentacampeonato contra o Botafogo. Eu particularmente precisou de apenas 12 dias de

existência para viver a maior emoção que existe no mundo, ser flamenguista e ser campeão. O meu maior prazer, vê-lo brilhar.

A paixão pelo Flamengo do brasileiro, vivo ou morto, não se explica, mas a origem dessa paixão pode. A paixão vem do pai, da mãe, do irmão, do primo. De um ídolo, de um jogo eterno, de um time histórico, de um primeiro jogo no Maraca, na geral. A paixão de um gringo já é inusitada, mas pode vir dos primeiros passos na cidade maravilhosa ou nos primeiros cantos no templo do futebol. A paixão pelo Flamengo é contagiante. Seja na terra, seja no mar.

Eu particularmente não sei explicar a origem dessa paixão. A paixão pelo Brasil, acho que vem da Copa de 1998. Tinha exatamente seis anos quando vi o Brasil se classificar para a final, depois de uma disputa de penalidades contra os Países Baixos. Antes, tinha visto Ronaldo ser fenomenal contra a Escócia no jogo de abertura, talvez o início de uma paixão sem fim. Depois, foi só Brasil, apenas o Brasil, sempre o Brasil. Na final contra a França, meu país de nascimento, torcia pelo Brasil, chorei com a derrota, mas foi para um bem maior, o amor pelo Brasil. O Brasil posso explicar, o Flamengo não. Então quando alguém pergunta o porquê, respondo que às vezes as coisas bonitas não têm explicações. Que emoção no coração.

Agora, meu leitor, sinto com você uma proximidade maior eu posso te fazer duas confissões. A primeira é que abro esse blog porque vou morar um ano no Rio de Janeiro, ou mais, se Deus quiser, e espero que vai me dar muitas oportunidades de ser feliz e de crescer como pessoa. Espero que vou me realizar, espero escrever, espero ensinar coisas que eu sei, aprender coisas que eu não sei, fazer amizades, encontrar pessoas que vão mudar minha vida, e quem sabe, encontrar o amor de minha vida. E claro vibrar com o Brasil hexacampeão, chorar de emoção com o Flamengo, no Maracanã e em todos os cantos do Rio de Janeiro, com irmãos flamenguistas. Eu teria um desgosto profundo se faltasse o Flamengo no mundo.

Última confissão é que talvez tenho uma explicação possível para todo esse rubro-negrismo que sinto na minha carne e na minha pele. Eu particularmente acredito na reencarnação. Acredito num outro mundo depois da morte do corpo, e que depois a alma volta nessa Terra, num outro corpo. Acho possível que na minha última incarnação, eu era brasileiro, daí todo esse amor pelo Brasil. Não sei se a reencarnação realmente existe e se numa outra vida eu era brasileiro. Mas se isso é o caso, tenho certeza absoluta que nesta vida, eu era Flamengo, minha alma era rubro-negríssima. Então, talvez a frase “Flamengo até morrer eu sou” é incompleta, não justa. Flamengo é imortal, e se nossa alma também é imortal, então o sentimento de ser Flamengo é imortal.

Uma vez Flamengo, Flamengo além da morte.

A criação do consulado Fla Paris

Crônica #2 publicada originalmente no 11 de setembro de 2022



Essa crônica é para contar um pouco de um dos melhores feitos de minha vida, a criação do consulado Fla Paris. De meu ponto de vista obviamente. Para mim, começou no Twitter com um cara chamado E-van no Twitter, que eu não conhecia bem, mesmo de um modo virtual, mas que falou que um amigo dele procurava pessoas de Paris para fazer um consulado do Fla Paris. Não sabia o que era um consulado do Flamengo, mas morava em Paris e eu era muito Flamengo. Topei.

Depois, foi o Nicholas Reis, fundador da Embaixada Fla-Portugal que me contou um pouco sobre os consulados do Flamengo. Um consulado precisa de cinco sócios-torcedores para ser fundado, com o objetivo de atrair outros flamenguistas para assistir aos jogos do Flamengo juntos, fazer brilhar o nome do Flamengo no mundo inteiro, e aproveitar dessa força para participar em ações sociais. Topei.

E-van, Ivan na vida real, me deu o contato do Cidel, que morava em Paris e queria criar um consulado aqui. Criamos um grupo no Whatsapp com outras pessoas interessadas. Cidel foi o primeiro a se tornar sócio, depois foi o Felipe. Para mim, teve um problema típico

de gringo no Brasil. Não tinha CPF, o que é obrigatório para se tornar sócio. Foi Dudu Barbosa, coordenador dos consulados do Flamengo, que me falou de fazer um CPF fictício para me registrar como sócio. Fiz e funcionou. Agora podia ser sócio-torcedor do Flamengo. Topei.

Uma confissão agora. A primeira vez que fui na Rocinha, em 2017, fui num bar e comecei a falar com dois homens, de 60 anos mais ou menos. Rapidamente, falamos do Flamengo e um deles me mostrou seu cartão de sócio. O primeiro ano de registro era 1981. Falei “bom ano para se tornar sócio”. Eu me tornei sócio-torcedor dia 3 de setembro de 2019. Também um bom ano para botar seu nome na história do Flamengo.

Eu fui o terceiro, depois teve o quarto, o Waldez, e o quinto, que foi o Hugo. O consulado Fla Paris era criado, um 19 de setembro de 2019. Também no movimento da criação do consulado, tinha Flora e Irene, apesar de não ser sócias-torcedoras. Depois teve uma racha por causa de uma matéria sobre a criação do consulado. Quem não era fundador virava fundador e quem era fundador desaparecia. Coisa não muito importante para o consulado, quem é o consulado Fla Paris é quem vai se reunir no bar, assistir ao jogo com outros flamenguistas, participar no grupo no Whatsapp, participar nas ações sociais.

O objetivo dos consulados é de se reunir para assistir aos jogos juntos, mas ainda faltava um bar, uma casa. O primeiro jogo do consulado foi o jogo de ida da semifinal da Libertadores contra Grêmio, 2 de outubro de 2019. O bar escolhido foi The Moore, em Châtelet, no centro de Paris. Foi o consulado do Grêmio em Paris que abriu sua casa para receber os flamenguistas. Quando o futebol é assim, futebol é muito lindo. Por causa do trabalho, não fui. Meu primeiro jogo no consulado foi o jogo de volta, no 23 de outubro de 2019. O Cincum. Também um bom jogo para estreiar no consulado Fla Paris.

Antes do jogo, fui beber algumas cervejas com Piriquito, companheiro do time de futsal, parceiro das cervejas no bar, irmão flamenguista. Depois, fomos no The Moore e relembro que perto do balcão do bar, vi os outros fundadores, Cidel, Felipe e Waldez. Relembro que Felipe foi o primeiro a me reconhecer, depois foram abraços com pessoas que ainda não conhecia, mas que já eram meus irmãos. Inclusive, a foto no topo dessa crônica é desse dia, desse momento. Do dia do Cincum. No bar, tinha 3 gremistas e 50 flamenguistas. Flamengo é muito maior do que o Grêmio. A Wi-Fi era muito fraca, perdemos vários lances do jogo. Em Paris, o gol de pênalti do Gabigol nunca chegou nas redes. Mas éramos juntos, torcendo juntos, vibrando juntos, graças e por causa do Flamengo.

Quando era adolescente, estava muito sozinho com minha paixão. Ninguém, ou quase, conhecia Flamengo na França. Isso era bom nos dias seguintes de derrotas, mas tinha ninguém para zoar depois de uma vitória num clássico. Só com meu melhor amigo podia falar sobre o Flamengo, assistíamos muitos jogos do Flamengo juntos. No domingo, era Paris SG na televisão e Flamengo no computador.

Mas nas quartas-feiras, 2h30 da manhã na França, eu estava sozinho. Gosto muito de assistir aos jogos sozinho, em plena noite. Às vezes, um grito contido é mais forte ainda. Relembro de muitos jogos de noite, vitórias ou derrotas, e a impossibilidade de dormir depois, às 4 ou 5 da manhã, apesar do trabalho no dia seguinte. Mas naquela noite do Cincum, não estava sozinho mais, estava com irmãos flamenguistas. Relembro do outro gol do Gabigol, no início do segundo tempo. Estava na rua, perto do bar. Alguém assistia ao jogo no celular, eu não vi o gol, não vi nada, mas celebramos juntos, abraçados, pulando, gritando, vibrando. Foi um dos gols mais emocionantes que (não) vi no Flamengo.

O Cincum foi histórico para o Flamengo e para o consulado Flá Paris. Depois, teve outros capítulos, outros momentos mágicos, outros jogos eternos, que falarei nas próximas crônicas. Pelo

momento, esse foi, para mim, como a Fla Paris surgiu entre os outros consulados e embaixadas do Flamengo, nos quatro cantos do mundo.

Mais uma final

Crônica #3 publicada originalmente no 15 de setembro de 2022



Ontem foi minha volta ao Maracanã. Desde 2019 que não estava no templo do futebol. Um 7 de julho, dia de meu aniversário, quando o Brasil conquistou a Copa América contra o Peru. Mas era de verdade minha volta ao Maraca desde 2017, porque em 2019 faltava uma coisa, faltava o Flamengo.

Antes do jogo de ontem, fui em quatro jogos do Flamengo, três no Maracanã. O primeiro foi no Pacaembu, só fui em São Paulo porque Flamengo estava lá. Depois, tive muita sorte, no Maraca, foram um Clássico dos Milhões e dois Fla-Flu, os da Sudamericana de 2017. Uma primeira vitória 1x0 na ida, gol de Everton, para chorar de emoção. E um empate 3x3 na volta, para vibrar como nunca, cantar, gritar, rezar, sonhar. E tive muita muita sorte, nos três jogos, estava na tribuna Norte.

Ontem, minha volta ao Maraca não foi completa, porque não estava na Norte. Só ficava ingressos na Oeste quando meu plano de sócio-torcedor abriu. Flamengo no Maraca para mim é tribuna Norte, é frustrante de olhar a tribuna de lá, de ver eles cantar quando tenho pessoas conversando ao meu lado. Ontem, a menina perto de mim passou a metade do jogo sentada, sem nem ver o jogo. Fica na sua

casa menina, que o seu sofá deve ser mais confortável. Mas mesmo na Oeste, a entrada dos times em campo foi emoção, o clima depois do gol do Arrasca foi emoção. Vibrei, vibrei com o quase golão de Gabigol, que fora desse lance, não fez um bom jogo. Vendo o lance de novo, fico ainda mais decepcionado, seria um gol histórico. Mas vibrei com o gol do Arrasca, com a assistência do Éverton Ribeiro, que fizeram um grande jogo.

Agora o Flamengo está na final, sem tremer, fazendo o que precisava para se classificar. Estou louco para ganhar a Copa do Brasil, desde muito tempo. Desde que o Flamengo começou a ganhar tudo de novo, falta só dois títulos: o Mundial e a Copa do Brasil. Gosto da Copa do Brasil, mata-mata, emoção, virada, e para o clube, dinheiro. O Flamengo precisa ganhar essa Copa do Brasil, contra Corinthians ou Fluminense, minha preferência vai para o Fluminense. Porque pode ser a vingança da final do Carioca, porque será mais dois Fla-Flu, no Maraca, onde fui muito sorteado e espero ser sorteado de novo. O mais importante será ganhar, imitar o Palmeiras de 2020, e talvez, sonhar como uma tríplice coroa inédita.

A Fla Paris celebra três anos de existência

Crônica #4 publicada originalmente no 19 de setembro de 2022



Hoje é uma data muito importante para mim. O consulado Fla Paris foi criado nesse dia, um 19 de setembro de 2019, um ano de glória eterna para o Flamengo. E espero para a Fla Paris também.

Já falei numa outra crônica sobre a criação do consulado. Eu tenho um grande orgulho de ser um dos fundadores do consulado. Mas também já falei que quem é o consulado é quem vai aos encontros, vai assistir aos jogos com a galera. Agora morando no Rio, vou ter muita saudade da Fla Paris. Mesmo de longe, o consulado vai ficar no meu coração.

Para os três anos, quero falar sobre a Fla Paris e nosso presida Cidel, que foi o idealizador do consulado. Sempre motivado para organizar encontros, para ajudar as pessoas, para fazer brilhar o nome da Fla Paris. Sempre vai fazer fotos e postar no Instagram para motivar outras pessoas a vir no consulado. O projeto dos consulados e embaixadas do Flamengo tem sorte de ter um cara como Cidel como presidente de um consulado. Dos fundadores, tem também Waldez, um baiano que promete moqueca, demora, mas honra a palavra. É o cara que vai lançar os cantos no bar, sempre que tem um lance de perigo, tem um « Mengoooo » do Waldez, como no antigo Maraca.

Outro fundador é Felipe, que infelizmente não pode vir aos jogos muitas vezes, mas que é um cara de uma gentileza extrema, com uma tranquilidade contagiante.

Agora na diretoria também tem Sammy e Danilo. Sammy foi quem achou nosso local para ver os jogos, o Fleurus, no sul de Paris. É quem falou com o pessoal do bar para organizar os jogos. Também é um dos caras mais generosos e engraçados que conheço. Num jogo no bar, a final do campeonato carioca 2020, falou que o novo bike dele ia pegar como nome o nome do jogador que faria o gol do título. Agora é fã eterno do Vitinho. Danilo também é um cara muito humilde e gentil, deixou várias mensagens me desejando uma boa viagem no Rio e me deu o contato do irmão dele para me buscar no aeroporto.

No consulado, também tem o Piriquito, que conhecia antes, do time de futsal. São muitos anos de amizade, de cervejas e de conversas sobre Flamengo e de outras coisas. Conheço a mulher dele, a filha, o pai, a mãe, o irmão, Vini, que vem também no consulado quando pode. Acho que amigo se torna irmão quando você passa a conhecer a família dele, então Pirika é meu irmão, de verdade.

No consulado tem também Bruno, que foi o primeiro a abrir sua casa para receber os membros do consulado e ver um jogo quando não tinha gente suficiente para assistir ao jogo no bar. O Thiago está no consulado também, me desejou uma boa temporada no Brasil de uma maneira simples mas linda, não falava com a boca, falava com o coração.

Agora o Glen, filho de pai americano, dos Estados Unidos, não do alvirrubro, e de mãe brasileira. Deixa-me contar como ele foi se apaixonar pelo Flamengo que a história é sensacional. Toda a família dele do lado do mãe é vascaína, os tios todos vascaínos. E o pai é mais football que soccer, mais basket-ball ou essas coisas de americanos, mas começou a torcer pelo Flamengo só para zoar a

família vascaína da mulher. Virou flamenguista e Glen é flamenguista por causa do pai americano.

O consulado tem até seu casal franco-brasileiro, Kevin e Sheyla. No início, ficavam mais no canto deles no bar, mas agora são da família do consulado e sempre vão nos jogos, do pré-jogo até o pós-jogo, com alegria e cervejas. Kevin é francês, é flamenguista. As vezes é bom de falar um pouco em francês sobre o Flamengo ou Rio, que ele adora também Rio e sempre é disposto a ajudar com contatos ou conselhos. Sheyla também me ajudou, me deu contatos de pessoas no RJ, e sempre tem um largo sorriso no rosto. São dois corações puros, adoro eles.

E tem o Davidson, que faltou alguns jogos por causa do trabalho, mas que sempre quer ir nos encontros. No meu aniversário, dia 7 de julho, convidei todo o consulado e ele não podia ir. Mesmo assim, comprou um presente para mim, ainda não sei qual é o presente porque infelizmente não o viu antes de chegar no RJ. Mas ele é carioca, e quando ele me falou que não podia ir no meu aniversário, falei pra ele que íamos comemorar juntos o próximo aniversário, mas no Rio. Isso era mais uma coisa de tipo sensação, premonição e espero muito que vai ser o caso.

E tem ainda muito mais gente, que foram num jogo só, ou de vez em quando, que sempre vão ser bem recebidos. Outro motivo que me fez adorar o consulado é que às vezes têm turistas brasileiros, de férias em Paris e que vão assistir a um jogo no consulado. É um jogo só, mas tem flamenguistas de todos os estados do Brasil, de passagem em Paris, que vão contar a história deles, trocar dicas, gritar juntos na hora do gol. Tudo isso graças ao Flamengo e a Fla Paris.

Sobre os turistas de passagem no consulado, tenho uma história boa mas precisa de um pouco de contexto. O consulado foi criado em 2019, mas no início só tinha os jogos de Libertadores, o Cincum, o Milagre de Lima. Encontros muitos marcantes mas raros. Depois, por

causa da pandemia, não teve uma rotina de assistir aos jogos juntos em 2020 e 2021, então o consulado realmente começou em 2022. Agora estou pensando que é incrível como em tão pouco tempo toda essa galera ficou no meu coração.

Mas apesar de toda a alegria de se reunir para ver os jogos, também teve muita frustrações por causa dos resultados. Derrota na final do carioca, derrota na Supercopa do Brasil. No Brasileirão foi pior ainda, parecia maldição. Quando não tinha encontros no consulado, teve 6 vitórias, 1 empate, 3 derrotas. Quando tinha consulado, teve um empate contra Ceará, 4 derrotas e nenhuma vitória! Teve busca para identificar o pé frio dentro do grupo, até teve uma reflexão para mudar de local para ver os jogos. No jogo contra Avaí, o consulado buscava sua primeira vitória no Brasileirão e teve um turista chamado José que foi ver o jogo com a gente. Foi no banheiro e teve um gol do Flamengo, foi de novo no banheiro e de novo um gol do Flamengo. Então depois do segundo gol, de própria iniciativa claro, ele ficou nas escadarias, sem ver o jogo e quando teve o apito final, pude voltar com a gente, comemorar a vitória tão esperada. Nosso pé frio, acho que é o Waldez mas ainda não tem certeza, mas nosso pé quente é o José com certeza.

Apesar das frustrações dos resultados, a gente não vai trocar de lugar, porque no Fleurus sempre nós somos muito bem recebidos. Tem o dono do bar Ali, o cozinheiro Moussa, o garçom Djack. Djack é outro coração puro, zoador também mas gente boa. Eu dei uma camisa do Flamengo para ele, Vini deu outra, e quando tem jogo no Fleurus, ele sempre vai com o Manto Sagrado, como toda a gente. Ele faz parte da Fla Paris também.

Meu último jogo no consulado foi contra Ceará, um dia antes de minha ida no RJ. Aliás, uma outra decepção com um empate frustrante. Mas queria ver uma última vez todas essas pessoas que amo. Nesse dia, tinha dois flamenguistas de Paris que foram no consulado pela primeira vez. Tinha Luiz e um outro cara que agora

me falta o nome. Um procurou no Instagram se tinha um consulado em Paris e outro descobriu o consulado nas sugestões de Instagram.

Como falei antes, quem é a Fla Paris é quem vai nos jogos. E espero que vai ter muitas pessoas novas para descobrir o consulado e fazer parte do consulado. O Flamengo é imortal, foi fundado há mais de cem anos, e depois dos fundadores, foram muitas muitas muitas pessoas que fizeram a história e a glória do Flamengo. Espero que a Fla Paris também não vai ter fim. Vi o início da Fla Paris, três anos atrás, mas meu sonho é de pensar que o consulado vai me sobreviver, que vai ter outras pessoas depois para organizar os jogos, se reunir, cantar e vibrar juntos. Fazer as amizades deles, ter as histórias boas, as risadinhas, ter uma galera que se transforma em uma família de flamenguistas, que vai vibrar a 10.000 quilômetros do Maracanã, lá em Paris. E tudo isso que quero comemorar para os três anos da Fla Paris.

Minha volta na Norte

Crônica #5 publicada originalmente no 19 de setembro de 2022



Ontem fui no Maracanã pela segunda vez desde minha chegada no RJ. Na quarta, uma vitória contra São Paulo e uma classificação na final da Copa do Brasil. Ontem, uma derrota no Fla-Flu. Odeio perder o Fla-Flu. Porém, acho que preferi o jogo de ontem. Porque na quarta estava na Oeste, e ontem na Norte. O coração do Flamengo está na tribuna Norte. Cantei, vibrei, quase chorei de emoção vendo a lindeza do Maraca, a montanha no fundo, a torcida de perto, muito perto.

Antes do jogo, encontrei Ramon da Fla Miami, que me procurou o tão desejado ingresso na Norte. Mais um irmão flamenguista, mais um irmão dos consulados. Fizemos fotos com a bandeira da Fla Paris, aproveitando o pré-jogo nos arredores do Maraca, com o Manto Sagrado e a bandeira na mão, uma cerveja na outra mão, falando dos projetos da Fla Paris, dos próximos encontros, no Maracanã, na Gávea, no Vidigal. Acho que esse ano vai ser incrível.

Estava com dois franceses do meu hostel, que tinham também o ingresso na Norte, e outros franceses que ajudei a entrar no estádio. Virei quase um guia do Maraca. Depois, enfim, fui na Norte. É um

dos lugares mais maravilhosos do mundo. Falta palavras para descrever quanto essa tribuna é tão linda.

Eu estava com os dois franceses, vibrando comigo, como se o Maraca era a casa deles, arriscando um “vai pra cima deles Mengo”. Era emoção no campo e nas arquibancadas, só faltava o gol do Flamengo, que dominava o jogo, sem marcar. Isso sempre é um perigo. Eu tenho um amigo carioca, Gabriel, que eu não tinha visto desde 2019, ele me falou que estava na Norte também, com a Fla Manguaça. Eu era do outro lado da cerca, olhei um pouco por lá, e incrivelmente, consegui o ver, sem camisa, vibrando. Gritei, mas ele não me viu. Era no momento do pênalti, então esperei Ganso fazer o gol para ter um momento mais calmo e ver ele. Ganso marcou, e eu subi imediatamente as escadeiras. Mas a torcida começou a gritar, a cantar o hino, eu cantando, Gabriel cantando, depois ele me viu, surpreso e feliz, então começamos a cantar juntos, só a cerca nos separando. Foi um momento maravilhoso, que não existe na Oeste.

No segundo tempo, eu e os dois outros franceses foram no outro lado da tribuna, com a Fla Manguaça. Foram emoções ainda mais fortes, em campo e na Norte. Quando o jogo foi um pouco mais calmo, Fluminense fez o segundo. Depois teve o gol do Gabigol mas era tarde demais. Apesar da derrota, teve pelo menos um gol, esperava isso para que os novos amigos franceses podem ver como é um gol do Flamengo, na Norte. Eles adoraram o clima do Maraca e eu adoro a paixão que tem quando tem um gol, o grito, o copo de cerveja no ar, o abraço com o irmão mais próximo, o choro, o canto, a oração, a vibração. Ontem, tudo isso não foi suficiente para ganhar o Fla-Flu. Ficava então tempo para tirar fotos na Norte, com a bandeira da Fla Paris, aproveitando da beleza do Maraca num pôr do sol.

Com a derrota, acho que é o fim da esperança para Flamengo ganhar o Brasileirão. Doze pontos atrás, não vejo como Palmeiras pode perder essa vantagem. Acho que parte da culpa está nas mãos do Dorival Júnior. Contra Palmeiras, quando foi empate, era para escalar

a força máxima em campo. Os reservas foram muito bem esse ano, mas jogo decisivo é para colocar melhor time possível. Num jogo contra Palmeiras, com nove pontos de diferença, é para colocar Arrasca, Pedro e os outros, ganhar e meter pressão. Agora sim, com doze pontos em onze jogos, é focar nas finais. Que sejam dois títulos.

O Flamengo perdeu o Fla-Flu e certamente perdeu o campeonato. Mas voltar na Norte era bom demais.

A Copa do Brasil eu tenho 4

Crônica #6 publicada originalmente no 27 de outubro de 2022



Eu peguei tempo para escrever essa crônica sobre a final da Copa do Brasil de 2022. Talvez porque a ficha não caiu ainda, talvez porque vivi outras emoções com o Flamengo desde o 19 de outubro, e preciso explicar antes o que vivi no 19 de outubro. Vamos então voltar a esse dia, dia de final, dia de Flamengo ser campeão.

Já falei que queria muito ganhar a Copa do Brasil, porque era o único título com o Mundial que o Flamengo não tinha vencido desde que começou a ganhar de novo tudo, em 2019. Adoro também o formato de mata-mata, tem muita emoção e teve muitas frustrações nos anos passados, contra o Athletico Paranaense duas vezes, contra o São Paulo uma vez. Mas em 2022, Flamengo passou do Athletico nas quartas, do São Paulo nas semifinais, já tinha eliminado Altos e Atlético Mineiro antes. Agora, o Flamengo, e eu também, podíamos sonhar alto.

Inclusive, já estava presente no Maracanã para o jogo de volta da semifinal, meu primeiro jogo no Maracanã em 2022. E agora estava de volta para a final, minha primeira decisão do Flamengo no Maracanã de sempre, pelo menos nessa encarnação. Já tinha assistido a uma decisão no Maracanã, quando a Seleção venceu o Peru para

conquistar a Copa América de 2019, mas agora eu tinha o Manto Sagrado nas costas.

A escolha do Manto Sagrado para o dia 19 de outubro era importante. Deixei várias camisas do Flamengo na França, porque claro não cabia tudo numa mala de 20 quilos. Tenho só algumas no Brasil e escolhi finalmente o Manto Sagrado de 2014. Não um ano grande para o Flamengo, mas Flamengo vestiu essa camisa como campeão da Copa do Brasil. Então para a final da Copa do Brasil, me parecia a melhor escolha possível.

No 19 de outubro, cheguei bem cedo no Maracanã. Nunca tinha assistido a uma decisão do Flamengo no Maraca, mas já imaginava as confusões. E mais, ainda não tinha o ingresso na mão. Um ingresso de valor alta, em reais e no coração. Cheguei no Maracanã mais de duas horas antes do apito inicial e chegou o primeiro susto. Estava sem internet, sem saber como podia encontrar o Ramon que tinha meu ingresso. Reparei um cara que estava ligando alguém e o pedi depois para ele ligar o Ramon para mim. Aproveito aqui para dizer que o povo brasileiro é de uma gentileza extrema, ajuda plenamente e com o coração, sem esperar nada em troca. O cara não só ligou Ramon, ele também esperou comigo, apesar da pressa dos amigos dele para entrar no estádio. Esperou uns vinte minutos, me deixando só quando eu tinha o ingresso na mão.

Eu tinha o ingresso na mão e podia entrar no Maracanã, evitando as confusões do pré-jogo. O Maraca virou minha casa, desde a semifinal de volta contra São Paulo, fui de novo para o Fla-Flu, para as vitórias contra o Red Bull Bragantino e o Atlético Mineiro. No 19 de outubro, passei das seguranças para entrar no Maracanã. Sempre tenho um pequeno estresse antes de entrar no estádio, de o ingresso não ser valido, mas agora estava bom, estava dentro do Maraca, pronto para o jogo. Eu nunca tinha chorado de verdade no Maracanã, chorei no meu primeiro gol no estádio, lá no Fla-Flu de 2017, gol de Everton, mas era lagriminha, ficando no olho. Mas no 19 de outubro,

nos corredores, eram lágrimas no rosto inteiro. Tive de parar a caminhada para recuperar das emoções. Clima de decisão é diferente.

Não sei o que é melhor, ganhar um título com o Flamengo ou assistir a um jogo no Maracanã, na Norte. Por sorte, fiz os dois ao mesmo tempo. Estou agora mais acostumado com o Maracanã, fui diretamente no 43, perto da Fla Manguaça. Subindo as escadas, chorei de novo, com lágrimas no rosto. Faltava uma hora antes do jogo, e o Maraca já era cheio, cantando, vibrando, fumando. Arrepiei, chorei, estressei. E depois cantei, alto, forte, às vezes errado, mas sempre com o coração.

O pré-jogo foi um dos maiores espetáculos que eu vi na minha vida. A entrada do time foi uma coisa pela qual não tenho as palavras suficientes, em português ou em francês, para descrever. Mas acho que meu maior jogo no Maracanã ainda é o Fla-Flu de 2017, o 3x3 na Sudamericana. Porque no 19 de outubro, a vibração da torcida caiu durante o jogo. Claro, com um ingresso tão caro, é mais difícil de ter o ambiente que já existiu no Maracanã faz tempo, que fez do Flamengo a melhor torcida do mundo. Na final contra o Corinthians, até na Norte, tinha pessoas quase não cantando durante todo o jogo. Algumas pessoas esperavam o lance do jogador, o chute perto do gol para apoiar o time, quando deve ser o contrário, é a torcida que empurra para o jogador fazer o lance decisivo.

A torcida podia ter uma responsabilidade em caso de derrota na final, como Dorival Júnior, que mexeu errado, fez o time esperar a reação do Corinthians. Flamengo fez um gol com 5 minutos de jogo, e depois esperou, esperou o Corinthians fazer o gol, que de fato aconteceu. Para minha primeira decisão do Flamengo, era um disputa de penalidades, e sem saber porquê, estava vestido de um pessimismo grande. Ainda mais quando Filipe Luís errou, na primeira tentativa.

E de novo, a torcida podia ter sido melhor, o barulho maior. É o fim do jogo, pode dar tudo que fica ainda na voz para empurrar o Flamengo, vaiar o Corinthians, mas teve de esperar o erro de Fagner para ter um ambiente digno do Maraca, digno do Flamengo. Depois, ainda mais estresse, ainda meu vestido de pessimista, nas tentativas de Gabigol e Everton Cebolinha. Mas Gabigol é ídolo da Nação, não tremeu, e fez tremer a torcida, agora completamente louca. Na Norte, orações, lágrimas, abraços com o irmão desconhecido. E depois foi Rodinei, meu Rodilindo. Adoro ele, um jogador limitado, mas esforçado, de comportamento exemplar. Merecia o gol, como o Flamengo merecia o título. Chutou cruzado e fez, fez a torcida vibrar.

Depois foi um outro show nas arquibancadas que não merecia fim. Infelizmente, precisava pegar o último metrô e não foi possível de ficar muito tempo, nem de ver o time levantar a taça. Mas nesse 19 de outubro, já estava bem de emoções. Podia voltar tranquilamente, mas não evitei as confusões do pós-jogo. Na rampa, fogos eram lançados nos torcedores. Dei um pique para entrar no metrô, de novo com os olhos úmidos, mas agora por causa do gás de pimenta. O metrô chegou, e eu podia voltar a sonhar com meu Flamengo. Vi um título do Flamengo, no Maracanã, e ainda hoje, 27 de outubro, parece um sonho. Depois voltei na Rocinha, fui ver rapidamente a Roça Fla, o grupo de torcedores de lá, que espero vai virar minha casa para os jogos fora de casa. A Roça Fla que fez o show dela, com fogos e cantos. Dei um abraço para Nando, vibramos juntos, quase duas horas depois do apito final. Ainda fui no bar onde já estou acostumado de ir, e vi a felicidade no olho da gerente, Irani, com o título do Flamengo. Flamengo ainda tem a melhor torcida do mundo.

Eu fui no AeroFla

Crônica #7 publicada originalmente no 28 de outubro de 2022



Sempre gostei das demonstrações de torcidas quando a bola não está rolando, quando não tem jogo. Seja um treino aberto, seja uma recepção depois de um título. Ou melhor ainda, um incentivo antes de um jogo importante, lá no aeroporto. Confesso que um dos que gosto mais nem é do Flamengo. Quando o Corinthians foi no Japão em 2012, a festa no Guarulhos foi impressionante. Acho que por ser num local fechado, se tornava mais irrespirável, mais impressionante. Mas a torcida do Flamengo não cabe em nenhum aeroporto internacional do mundo. Aliás, Flamengo não tem torcida, Flamengo tem Nação.

Com o Flamengo, fiquei fascinado no AeroFla de 2016 no Santos Dumont e o de 2019 no Galeão, antes da final da Libertadores. Sempre com uma vontade só, de estar lá com os irmãos flamenguistas para torcer juntos. Em 2022, estou no Rio, posso ir para mais um AeroFla apesar do horário nada agradável, com um início às 6 da manhã no Galeão, e, pelo menos, uma hora de transporte para mim.

Procurei no Twitter a página do AeroFla e pedi para me inscrever num grupo WhatsApp para ter mais informações. Com um limite de

256 pessoas por grupo, os grupos enchem rapidamente. Tive a sorte de ficar no grupo 7. Um número que gosto já, o número de um dos meus maiores ídolos no futebol, Garrincha. O dono atual da camisa 7 no Flamengo também é ídolo, Éverton Ribeiro, um dos jogadores mais antigos do clube, um craque, o melhor jogador da final da Copa do Brasil, que tive o prazer de assistir no Maracanã. Também, nasci um 7 de julho, 07/07. Esse grupo era predestinado.

O dia antes, não fui no Maraca para o jogo contra Santos. Ainda um pouco doente, e com um jogo às 21h45, sabia que não ia voltar em casa antes de uma hora da manhã, com algumas cervejas bebidas. E que talvez não ia conseguir acordar para o AeroFla. Um jogo no Maracanã é quase uma vez por semana, um AeroFla é uma vez na temporada, duas vezes no melhor dos casos. Preferi o AeroFla e fiz bem.

Dia do AeroFla, acordei às 5h45 de manhã. Muito cedo, ainda mais que agora no RJ tenho costume de não acordar antes de 9 horas. Mas Flamengo vale todos os esforços. Peguei um Uber da Rocinha até Galeão, e cheguei um pouco antes de 7 horas. Já tinha alguns flamenguistas e depois os selfies de identificação, encontrei a primeira do grupo 7 da AeroFla do WhatsApp, Ana Paula. Depois, mais pessoas se juntaram, virou uma galerinha. E chorei discretamente. Portanto, ainda não tinha tanta animação, não foi o show da torcida que me fez chorar, foi de estar lá, nesse momento presente, uma quarta-feira às 7 da manhã, para o Flamengo. Tudo pelo Flamengo, nada do Flamengo.

Depois, mais pessoas do grupo 7 da AeroFla do WhatsApp se juntaram, virou uma família. Fui muito bem acolhido, a informação que era francês se passando rapidamente. Fui batizado “gringo da sorte”. Mas quem tinha sorte era eu. Já falei que o povo brasileiro é de uma gentileza extrema, de coração puro. Claro que a paixão flamenguista em comum ajuda, mas acho que ia ser acolhido da mesma maneira em outras ocasiões. Recusei a cerveja de 7h30 da

manhã, aceitei a de 8h30. Eu dificilmente fazia 100 metros sem Taynara perguntar “cadê o gringo?”, Tiffany responder “não podemos perder o gringo da sorte”, Guto abrir o caminho para mim. Tive muito sorte, fui muito feliz.

Andei com meu Manto Sagrado, a bandeira da Fla Paris na mão, cantando muito, vibrando muito. A Torcida Jovem chegou, a ponte tremeu, tremi de cair na água, a Nação estava lá, numa quarta-feira, 9 horas da manhã. Ainda cantei, ainda vibrei. Quando o ônibus dos jogadores chegou, foi de arrepiar. Talvez minha maior emoção com o Flamengo desde que cheguei no RJ, e fui no Maracanã ver o Flamengo ser campeão da Copa do Brasil. Mas no AeroFla tinha uma coisa a mais, o povo era presente, com a voz alta e o coração batendo forte, e com alguns loucos subindo o ônibus para fazer a bandeira do Flamengo voar no topo do mundo. Depois, Taynara foi me buscar que estava me perdendo um pouco de tanta emoção, perdendo o espaço, a hora, ficando o brilho no olho.

Ainda teve cantos, fotos com a bandeira da Fla Paris, abraços entre o “gringo da sorte” e novos irmãos flamenguistas, algumas cervejas, teve até entrevista na televisão, perto de 10 da manhã. E teve Flamengo, muito Flamengo, sempre Flamengo. Uma vez Flamengo, Flamengo além da morte.

Depois teve a volta, a longa caminhada, a chegada de ônibus até a Penha, onde mora Guto, um cara sensacional, que ajuda quem pode ajudar, sem nenhum tipo de distinção. Fui muito sorteado de encontrar ele, o AeroFla não teria sido tão bom sem ele, tive tempo de dizer isso para ele e falo isso aqui de novo. Fomos beber uma cerveja no bar, eu queria ficar mais tempo, mas estava de cansaço forte e de bateria do celular fraca, já era meio dia, mas era um dia inteiro pelo Flamengo e com o Flamengo.

Voltei na Rocinha de trem, passando por Olaria, Ramos, Bonsucesso, Manguinhos e mais. Um recado para mim, que fica principalmente

na Zona Sul. O Rio é muito lindo, o Rio é muito Flamengo, mas é de muitas desigualdades também. E no AeroFla, encontrei pessoas de Vila Cruzeiro, Vigário Geral, Cidade de Deus e de outros lugares sem saber, e quero agradecer todos pelo acolhimento que fizeram ao “gringo da sorte”. Que toda essa força se transforma em uma vitória de nosso Mengo amanhã.

Fla é tri e eu sou feliz

Crônica #8 publicada originalmente no 1º de novembro de 2022



Eu esperava a recepção da torcida para escrever sobre a final da Libertadores, mas acho que posso esperar um tempão ainda. Vamos então para o dia de 29 de outubro de 2022. Na verdade, no dia antes, 28 de outubro. Claro que a ansiedade começa no dia da classificação para a final, 7 de setembro de 2022, dia do bicentenário da independência do Brasil e também um dia depois de minha chegada no RJ. A ansiedade se intensifica no começo da semana da final, e para mim, se torna realmente insuportável um dia antes da final.

Talvez a ansiedade do dia antes é pior que a do dia D. No 29 de outubro de 2022, já tem a excitação do jogo. Eu estava na Rocinha, onde moro atualmente, e sempre tem muitas camisas do Flamengo no morro. Mas no 29 de outubro, a Rocinha estava de duas cores só, o preto e o vermelho. Era de uma energia incrível, a Nação estava lá, com estava em todos os lugares do Rio, favelas e asfalto, em todos os cantos do Brasil, do Norte até o Sul, no Nordeste e no Distrito Federal. Isso, só o Flamengo.

Assisti ao jogo com a Roça Fla, um grupo de torcedores do Flamengo na Rocinha. Já tinha assistido ao jogo de ida da final da Copa do Brasil, e para a final da Copa da Libertadores, o jogo era

retransmitido numa quadra de futebol. E claro, a quadra estava cheia de rubro-negros. Eu estava com a camisa da Fla Paris e outra da Roça Fla. E já falei da hospitalidade dos brasileiros, mas vou falar mais uma vez aqui, porque fui muito bem acolhido de novo. O presidente da Roça Fla, Nando, me acolheu com sorriso, abraços e muita fé na vitória do Flamengo. E retribuí um pouco o carinho, chamando franceses para assistir ao jogo na Rocinha. Dois foram, e acho que eles gostaram muito do ambiente do local. Talvez mais dois rubro-negros no mundo. Porque a paixão flamenguista é contagiante.

A final não foi o melhor jogo da Libertadores, como acontece muitas vezes numa final. Fui entrevista pelo Diário do Fla no AeroFla e falei que o placar não importava, o que importava era a vitória, o título. Na Rocinha, a expulsão do Pedro Henrique foi festejada como um gol, com cerveja no ar, gritos, cantos, foguetório. A festa era impressionante, a torcida não para de cantar, nunca. A quadra da Rocinha virava uma Maracanazinho. E o gol do Gabigol foi de uma emoção indescritível. Eram abraços, lágrimas, orações. Isso, só o Flamengo.

Flamengo é merecidamente o campeão da Libertadores de 2022. Fez uma campanha incrível, com 12 vitórias, um empate e nenhuma derrota. Talvez é a maior campanha da história do torneio, Estudantes teve um aproveitamento de 100% em 1969, mas com 4 jogos só. Porém, acho a campanha de 2019 do Flamengo mais marcante, com uma qualificação dramática contra Emelec nas oitavas, e depois confrontos contra os dois grandes do Rio Grande do Sul, Internacional e Grêmio, com um Cincum eterno. Mais eterno, só o jogo final, contra River, com dois de Gabigol. E uma taça que não vinha desde 38 anos finalmente nas mãos rubro-negras.

Na quadra da Rocinha, teve mais festa ainda, com cantos, hino, cerveja, churrasco e até champanhe. Depois, claro, muita música. Kevin, da Fla Paris, me ligou, para compartilhar a alegria. Sabia que tinha muito festa em Paris também, e apesar de ser bastante feliz

aqui, tenho também saudade do consulado da Fla Paris. Depois, fui num bar da Rocinha, onde de novo, tinha só camisas do Flamengo. No 29 de outubro de 2022, o Manto Sagrado parecia dress code. Fiz outras amizades, um cara chegou a me dizer que estava mais feliz de me ter conhecido de que ter visto a vitória do Flamengo. Agradei pelo elogio e estou muito feliz de conhecer ele, mas a honestidade me obrigou a dizer que sou mais feliz ainda com o título do Flamengo. Tem uma alegria e um orgulho incomparáveis nas conquistas do Flamengo, ainda mais numa Libertadores. Começa o dia com ansiedade tremenda, fecha o dia com felicidade imensa. Isso, só o Flamengo.

Fecho a crônica com a atuação do Gabigol. Decidiu mais uma vez uma final da Libertadores. É bicampeão, em 2019 e 2022, e também duas vezes artilheiro, em 2019 e 2021. Falei que meu top 3 particular dos ídolos da Nação é primeiro Zico claro, depois a camisa 2 Leandro e em terceiro nosso Didico. Mas acho que o Gabigol pode ser agora o segundo maior ídolo do Flamengo. No Flamengo, só dois jogadores marcaram gols em finais de Libertadores, o Rei Arthur e o Gabigol. Para Gabigol, foram 4 gols em 3 jogos, achando as redes em todos os jogos. Gabigol é a cara dessa geração do Flamengo, que ganhou tudo, menos o Mundial, que vai ganhar. Falta ainda alguns meses para esse jogo chegar, com uma ansiedade que não vai parar de crescer. Isso, só o Flamengo.

Um fim de semana inteiramente rubro-negro

Crônica #9 publicada originalmente no 16 de novembro de 2022



Ontem era o aniversário do Flamengo, 127 anos de glória e de luta, de raça, amor e paixão. As festividades para mim começaram no sábado com o encontro das embaixadas e dos consulados na sede do clube. Tinha bandeiras de todos os lugares do Brasil, de Roraima até cidades da Baixada Fluminense. E bandeiras de fora do Brasil, do Miami de Ramon, do Washington de Bernard, outro gringo flamenguista, e claro da Fla Paris. Nenhum outro clube do Brasil é capaz de fazer isso.

Eu estava com Toni, filho do nosso presidente Cidel. Era a primeira vez que o encontrava, mas a gente se falava antes e tinha essa impressão de se conhecer já. O Flamengo permite isso também. Bebemos cervejas, fizemos amizade com os Flamigos de Natal, depois Tiffany, que estava comigo no AeroFla, me falou que o irmão dela estava lá, com a Fla Unidos de Campo Grande. Encontrei ele com muita alegria. E a Fla Unidos estava com a Fla Oceânica, de Niterói. E a Fla Paris apoia uma ONG de Niterói, a Associação Amor ao Próximo. Pegamos contatos da Fla Oceânica para organizar ações juntos. Se tem um outro clube do Brasil que é capaz de fazer isso, não o conheço.

Depois, era a hora de ir no Maracanã, infelizmente para a última vez do ano. Assisti a 7 jogos esse ano, com muito amor e muito orgulho. No calor do Maracanã, perdi meus óculos no pré-jogo. Fui pedir no bar se alguém tinha deixado os óculos aqui, mas o irmão desconhecido flamenguista ao meu lado era mais sensato: “Já era irmão, aproveite o jogo”. Então fui aproveitar, mas com uma visão fraca, mudei de lugar na arquibancada. Sempre vou com a Fla Manguaça, um pouco em cima do grupo mais animado e das bandeiras. Sem óculos, fui um pouco em baixo na Fla Manguaça. Não sei se é a troca de lugar ou é porque era o último jogo, mas o ambiente, no primeiro tempo, foi um dos melhores que vivi esse ano. Todo mundo, ou quase, cantava. Frustrante que o segundo tempo foi menos animado, talvez por causa da derrota. Mas o Flamengo já deu muitas alegrias esse ano de 2022, meu primeiro no Brasil.

Domingo é dia de torcer pro time que sou fã. Não no Maracanã, mas no Centro do Rio, para a recepção dos jogadores. Desde que eu sei que estarei no Brasil para a final da Copa Libertadores, eu estava louco para viver a recepção, como foi em 2019 com imagens incríveis. Em 2022, já duas semanas depois do título e não o dia seguinte, o ânimo foi um pouco menor. Estava com a Roça Fla, o grupo de torcedores da Rocinha, e acho que o AeroFla foi mais impressionante. No AeroFla, era a torcida, na recepção era a ligação entre a torcida e os jogadores. E o Flamengo é muito bem servido de ídolos. Claro essa torcida merece. Em 2019, foi Bruno Henrique, em 2022, David Luiz e Arturo Vidal. Como gringo flamenguista, me identifico com o Arturo Vidal, que deve viver um sonho incrível. Mas o ídolo maior dessa geração é sem dúvida Gabigol. Decisivo, provocante com os ex-rivais, Gabigol continua a fazer história num time da favela. E agora meu ídolo veste a camisa 10. Por muitos anos eu espero.

Segunda-feira fui no CT Ninho do Urubu, com outros sócios-torcedores e membros de consulados. Outras amizades, mas uma visita um pouco rápida, do lugar da base até o dos profissionais. Para

mim, momento mais emocionante talvez foi um pouco inusitado. Foi quando o guia mostrou o lugar onde o ônibus fica para esperar os jogadores antes de ir no aeroporto dia de jogo fora de casa, ou no Maracanã dia de jogo em casa. Imaginei a mistura de excitação e de ansiedade dos jogadores antes de um jogo importante. Não dá realmente para perceber, mas muitos momentos importantes do clube aconteceram nesse lugar. Também uma decepção, não vi nenhuma homenagem aos 10 garotos do Ninho, com se essa tragédia não existiu. Mas aconteceu, e eles merecem ser lembrados, como a torcida lembra durante todos os jogos no Maracanã.

Terça-feira era dia do aniversário, dia de todos os flamenguistas. Cheguei um pouco tarde na Gávea e faltei a inauguração do busto de Lico, homenagem bem-merecida, e da maior parte do grupo de música. Mas cheguei a tempo para encontrar de novo pessoas que estavam comigo na visita do CT, ver de novo o americano Bernard, ser entrevistado pelo Alan do canal Urubu 81, tirar uma foto com o Adílio, e comprar a biografia do Mozer, que me fez o prazer de dedicar o livro. Um dia lindo para quem é flamenguista, cheio de alegria e de saudade já, porque vou sentir muita falta do Flamengo até o ano próximo, eu espero, outro ano de ouro para meu Flamengo.

Encontrei Deus

Crônica #10 publicada originalmente no 20 de novembro de 2022



Encontrei Deus, Nosso Rei, O Galinho de Quintino, Arthur Antunes Coimbra. Zico. E como a vida é bem-feita, essa crônica da categoria da Geral, é a número 10, como a camisa que Zico eternizou com o Manto Sagrado.

Encontrar Zico fazia parte das coisas que eu queria fazer durante minha temporada no Brasil. Imaginava ser no Centro de Futebol Zico, o CFZ lá no Recreio dos Bandeirantes, mas quando soube que ele estava no Leblon para o lançamento do livro A história com o Flamengo, de Luís Miguel Pereira, não perdi a ocasião. Eu ia encontrar Zico, ainda sem acreditar, sem ousar sonhar.

Realizei o sonho de muitos flamenguistas, encontrar Zico. Mas também um sonho que muitos flamenguistas já realizaram. Porque Flamengo é uma Nação, tem muita muita gente, e é o maior sonho de muitos flamenguistas de encontrar nosso maior ídolo, e porque Zico é muito muito acessível. Então ele já realizou o sonho de muita gente, e continua a fazer isso para minha alegria.

A humildade de Zico é bem conhecida. Uma coisa que me marcou é que, claro, todo mundo queria sua foto como o Nosso Rei. Servi três

vezes de fotografia para as pessoas na minha frente. E a cada vez, Zico olhava o celular, claro, mas não por 3 ou 4 segundos e depois voltava a assinar os livros, e tinha muitos livros. Não, Zico olhava o celular até o fotografo baixar o celular. Assim, ele tinha certeza que teve tempo para a pessoa tirar uma foto legal. Parece pequena coisa, mas não é.

Zico brincou também com um garoto, falando do gol de Rondinelli contra Vasco em 1978. “E pesquisa quem bateu o escanteio!”. E depois o momento de minha maior emoção, meu encontro com Zico. Falei que era francês, mas o nome para a assinatura era “Marcelino”, porque para os brasileiros “Marcelino” é mais fácil que “Marcelin”. Então Zico brincou comigo também: “Francês e se chama Marcelino? Quer nos enganar, é francês paraguaio!”. Zico é de uma simplicidade extrema, te deixa a vontade apesar de o momento ser irreal. Mas sim, sou bem francês, sou flamenguista e sou fã de Zico.

Já falei que Flamengo tem muita chance de ter uma torcida assim. E Flamengo, e a torcida, têm muita chance de ter um ídolo maior como o Zico. É a personificação do Flamengo, de Quintino até o Mundo. Nunca desrespeitou o clube, nunca se colocou acima do clube, apesar de representar tanto para o Flamengo. A relação entre Zico e o Flamengo é única no Brasil, não tem outro clube que tem um ídolo como Zico é ídolo no Flamengo.

Já falei também que meu melhor momento no Rio com o Flamengo desde minha chegada foi o AeroFla, um momento único da demonstração do que é a torcida do Flamengo. Em segundo, tem que ser um momento no Maracanã, o pré-jogo da final da Copa do Brasil contra o Corinthians. Terceiro, provavelmente um título, o da Libertadores, vivido na Rocinha. Tem também o Fla-Flu e o reencontro com Gabriel, cantando o hino juntos depois do gol do Ganso que não calou o Maracanã. Tem também claro a recepção dos campeões no Centro do RJ, um momento único entre os jogadores e a torcida. Mas acho que o encontro com Zico supera todos esses

momentos. Esses outros momentos, eu sei que estava lá, mas não conheço a data. Vou ter que aprender a data do Tri sim, mas a data do encontro com Zico, o 18 de novembro de 2022, fica marcada na história. E acho que agora todos os 18 de novembro, até o fim de minha vida, vou relembrar que nessa data encontrei Deus.

No 18 de novembro de 2022, Zico conseguiu fazer mais uma proeza, ele conseguiu se tornar ainda mais ídolo do que ele era antes para mim.

Hoje eu vi Zico em campo

Crônica #11 publicada originalmente no 30 de dezembro de 2022



Hoje, ou mais anteontem, o Zico estava lá. Arthur Antunes Coimbra. Eu vi Zico jogar, pela primeira vez, e talvez pela última vez. É inesquecível, mais um grande momento vivendo no Rio. Zico em campo.

Meus amigos franceses Antoine e Marc-Antoine chegaram na segunda-feira dia 26 de dezembro. Antônio e Marco no Brasil. Hospedados comigo, na Rocinha. Já teve tempo de ir na Pedra do Sal, na parte baixa da Rocinha, em Copacabana, na parte alta da Rocinha. Hoje o dia começou lindo, com uma trilha da Pedra Bonita. Depois fomos na sede do Flamengo na Gávea, onde fomos recebidos de uma forma maravilhosa pelo Dudu, do projeto das Embaixadas e Consulados. Ele falou com os franceses em inglês, mais fácil e mais precioso para comunicar. Eu, representando com orgulho a Fla Paris, mostrou para eles a sede, as instalações, as infraestruturas, os esportes diferentes. A capela, o ofício de Dudu, o bar, a loja. Uma grande alegria para mim.

Antoine pegou já a camisa do Flamengo para ele, primeira camisa, com nome Gabi, com camisa 9. Só faltou o patch da Libertadores que não era disponível. Depois vai ter que voltar para comprar mais

dois Mantos Sagrados, para o pai e para o irmão. Marco ainda não precisava, emprestei para ele a camisa mais bonita do Flamengo, a do ano de 2008. Fomos visitar a sede, o ofício dos consulados e fomos beber uma cerveja, bem geladinha, com sede e na sede. Um momento único para mim. Os franceses já gostavam muito do Flamengo. E depois era hora de ir no Maracanã, com uma primeira parada no Buxixo, com mais cervejas. E depois era hora de ir no Maracanã. Mais 3 cervejas para nós, e depois, com um vendedor malandro, mais 3 a mais. Mas com alegria, prazer e gratidão de estar aqui, no Rio, no Maraca, no Brasil.

E depois era hora de entrar no Maracanã. Uma emoção enorme para quem nunca foi no Maracanã. Uma emoção enorme para quem tinha muita saudade do Maracanã, após uma dezena de jogos lá em 2022. Não tinha jogo do Flamengo, mas foi mais um show da torcida do Flamengo. Antes do apito inicial, foram muitos cantos do Flamengo, os mais conhecidos, cantados pelo 90% dos 60.356 torcedores, os outros, vascaínos, tricolores e botafoguenses, caladinhos. Foi meu primeiro jogo das estrelas e não sabia como ia ser. Esperava alguns cantos do Flamengo, menos para mim do que pra meus amigos franceses. E com esse show de 10-15 minutos, Antoine e Marc-Antoine estavam lá, com o celular na mão e o brilho no olho. E com uma vontade só, voltar no Maracanã, para um jogo do Flamengo.

O anúncio das escalações foi mais um grande momento. Um momento de alegria e também de risos, até para os amigos franceses que não entendiam tudo, não entendiam também como podia ter tanta paixão num jogo beneficente. O time vermelho é quase um Flamengo, todo mundo foi muito aplaudido. E a emoção maior com o nome de Zico. Muitas palmas, muitos gritos, muito amor, muita emoção. Isso, só Zico. Agora, o time branco é quase um Vasco. Foram muitas vaias, e aplausos claro para Andrade, Nunes, Hernane, Endrick e alguns outros.

Vi muitos jogadores jogar pela primeira vez. Adoro o menino Endrick, que tem muita estrela. Vi ídolos, como Sávio, Petkovic, Júnior, Júlio César. Mas eu só olhava para o Zico. Numa noite cheia de estrelas, a do Zico brilho mais, muito mais, quase apaga o brilho das outras estrelas. Queria ver o Zico marcar um gol. E teve oportunidade num pênalti. Estava pronto a vibrar, mas Carlos Germano fez a loucura de parar o pênalti de Zico, na frente de meus olhos, eu na Norte, claro. No minuto seguinte, Zico quase fez um golaço. Valia a pena perder o pênalti para fazer o golaço em seguida. Mas Germano defendeu de novo. Acho que é meu maior lamento num estádio ao vivo. Queria esse golaço, essa vibração.

Não teve, e Zico saiu no intervalo. Acho que ele merecia sair aos 40 minutos, para ser ovacionado pelo Maracanã lotado. Mas talvez pela própria humildade, Zico não queria. E Zico entrou no fim do jogo, fazer o gol tão esperado, num passe de Arrascaeta. Mas estava longe de meus olhos, e o Maracanã já estava meio vazio. Quando Zico saiu, as pessoas saíram do Maracanã. Isso só Zico.

Zico fez o gol, fez a alegria de milhares de torcedores, e vai ajudar milhares de pessoas com a renda. Tinha mais de 60.000 pessoas no Maracanã, para um jogo beneficente, com um ingresso não tão barato. Isso só Zico. Meus amigos franceses curtiram muito, querem voltar para um jogo do Mengo. Antoine já tem a camisa do Flamengo, com o nome de Gabi. E Marc-Antoine vai comprar, e escolher um jogador. Ele já me falou que queria botar o nome de um jogador antigo, de Nosso Rei, de Deus. Só Zico tem esse peso, esse tamanho de idolatria que até um francês vai querer eternizar sua camisa com o nome de Zico. Isso só Zico.

Mais uma vez, obrigado Zico. Por tudo.

A desilusão

Crônica #12 publicada originalmente no 8 de fevereiro de 2023



Na última crônica sobre o jogo contra Al Hilal em 2019, falei que final do Mundial é jogo para ganhar e semifinal é jogo para não perder. E Flamengo perdeu o jogo que não podia perder, se juntou ao Internacional 2010, Atlético Mineiro 2013 e Palmeiras 2020. Roteiros diferentes, mas mesmo final, sem final. E para Flamengo, a hora do Real Madrid nem vai chegar. Uma desilusão enorme, porque acho que o Real Madrid de 2023 era mais fácil de vencer do que o Liverpool de 2019, ainda mais com as ausências de Courtois e Benzema.

Para começar, uma palavra sobre o juiz, porque normalmente não gosto de falar sobre as atuações dos juízes. Mas acho que o juiz errou ontem. O primeiro pênalti, com apenas dois minutos de jogo, é duvidoso, discutível, alguns juízes apitaram pênalti, outros não, mas acho que foi mais falha da defesa do Flamengo do que do juiz. Agora o segundo pênalti foi falha do juiz. Gosto do VAR, acho que com o VAR o futebol é menos injusto, mas tem um defeito. Com o VAR, com câmera lenta, imagens repetidas e rerepetidas, o empurrãozinho vira empurrão, o pisinho vira pisão. Quais eram as chances do Al Hilal de fazer o gol, ou até de chutar, no lance final do primeiro tempo? Zero. Ou se considera que o impossível é possível, 0,1%, não

mais. E o juiz ainda expulsou Gerson, quase acabando com as chances do Flamengo. Gerson errou no primeiro cartão amarelo sim, qual é a necessidade de cravar um pênalti quando tem VAR? Não tem, mas o juiz falhou no segundo amarelo.

O técnico Vítor Pereira também errou no intervalo, substituindo Arrascaeta por Erick Pulgar. Não estou convencido pela explicação que precisava mais do Éverton Ribeiro para fazer a ligação entre o meio de campo e o ataque. Obvio que o Al Hilal, com um gol a mais e um jogador a mais, ia ficar na retranca e o Flamengo precisava ao menos três jogadores no ataque, Pedro, Gabigol e Arrascaeta. E Vítor Pereira também errou com a escolha de Erick Pulgar. Arturo Vidal fez algumas besteiras esses últimos dias e entrou muito mal contra Palmeiras, também entrou mal ontem, mas acho que ainda era uma melhor opção do Erick Pulgar. E na última crônica, também falei que Jorge Jesus errou contra Liverpool ao tirar ambos Arrascaeta e Everton Ribeiro. E o VP fez o mesmo erro ontem.

O time estava sem ritmo e foi erro da diretoria, com falta de planejamento. Não sou um grande fã de Dorival Júnior, mas ganhou títulos e a diretoria errou também ao buscar um outro técnico. Ainda mais para trazer Vítor Pereira, que já no Corinthians não me convencia. A diretoria também errou no mercado, prometendo 3 jogadores e uma referência mundial. Gerson, ainda sem ritmo, substituiu João Gomes e Rodinei nem foi substituído. E ontem Flamengo pagou caro o preço disso, com uma atuação ruim de Matheuzinho. Dos outros jogadores, só Pedro se salvou, com mais um grande jogo e um dobrele.

A torcida no estádio também fez mais um jogo fraco numa decisão no exterior. Se dá para ser ouvido no comecinho do jogo, dá para ser ouvido o jogo todo. A torcida não empurrou o time, que também não inflamou o jogo. O segundo tempo foi de desespero, de tortura, porque já com um gol atrás só, eu não acreditava no título. O terceiro gol de Al Hilal, com falha de Erick Pulhar, matou o jogo. E nem o

segundo gol de Pedro deu uma esperança total. Flamengo estava muito longe de ganhar esse jogo, de ganhar esse Mundial. Estou triste, ainda mais para os amigos que estavam ou iam no Marrocos, Cidel, o presida da Fla Paris, Ramon, da Fla Miami e que me acolheu tão bem aqui no RJ e Piriquito, o irmão do futsal, das cervejas, do Flamengo. Um sonho que acabou muito cedo, sem a hora do Real Madrid chegar.

Eu assisti ao jogo com a Roça Fla no Caipira Top Bar, na famosa Curva do S da Rocinha. Esperava uma final para assistir ao jogo na quadra da Roupa Suja, onde já tinha assistido a final da Libertadores, um dos meus melhores momentos vividos aqui no Rio. Mas não vai acontecer. A frustração é ainda mais forte que era a última chance de ganhar o Mundial de novo. O próximo Mundial será com 32 times, a metade vindo da Europa. É possível de passar a primeira fase, de fazer um ou dois milagres na fase final, mas ganhar o Mundial é tipo uma seleção africana ganhar a Copa do Mundo hoje. 0,1% de chance. A temporada do Flamengo de 2023 quase não começou e parece que já acabou. Mas ainda tem títulos na frente, o campeonato carioca para começar, que Vítor Pereira deve ganhar se quer ficar, e depois um tetra da Libertadores, um penta da Copa do Brasil, dois títulos ganhos em 2022, e um Brasileirão que não vem desde 2020. Vai ter que aguentar as piadas dos rivais que nem chegaram no Mundial, mas apesar da desilusão enorme, ainda tem muitos jogos na frente e sempre, sempre, tem o Flamengo no coração e na alma. Uma vez Flamengo, Flamengo além da morte.

A vergonha

Crônica #13 publicada originalmente no 11 de abril de 2023



E o Flamengo conseguiu o que nem parecia possível, piorar o início da temporada de 2023. Achava que o campeonato carioca era ganho depois da vitória 2x0 na final de ida contra Fluminense. E, com prevista de voltar na França em julho, era minha última decisão no Maracanã. Sonhava de ser no Maior do Mundo campeão estadual, nacional e internacional. Ganhei a Copa do Brasil, perdi a Recopa Sudamericana e perdi o que nem parecia possível de perder, o campeonato carioca.

E não foi a única vergonha do ano, o único vice. Flamengo perdeu a Supercopa do Brasil contra Palmeiras e passou vergonha no Mundial contra Al Hilal. Até perdeu a Taça Guanabara, já contra Fluminense. E perdeu o campeonato carioca. Achava impossível perder o campeonato carioca depois do 2x0 na ida. Na verdade, no Maracanã, falei com uma senhora, falando que não podia perder esse jogo. E foi nesse exato momento que comecei a imaginar que era possível perder. Porque esse Flamengo de 2023 é regular na mediocridade.

E perdeu. Tomou um primeiro gol de Marcelo, que alia as qualidades naturais do craque e a disposição, o que muitos no Flamengo não têm. E tomou um segundo gol numa jogada coletiva, porque esse

Fluminense joga muito mais bonito e merece a vitória. E tomou o terceiro e quarto gol num segundo chute, porque Fluminense tinha mais raça também, mais uma vergonha para Flamengo. O gol de Ayrton Lucas, um dos únicos destaques positivos do ano, só serviu para diminuir um pouco a vergonha. Mas não deixa de ser uma das maiores vergonhas dos últimos anos, mais uma vergonha.

Agora é esperar Vitor Pereira cair, o que já deveria ter acontecido antes. É buscar um outro técnico. É cobrar mais da diretoria, que contratou quase ninguém quando prometeu muitos reforços. É focar no segundo semestre com as maiores competições, a Copa do Brasil, o Brasileirão, a Libertadores. Sem eu no Rio.

Fla virou e a Fla Paris comemorou

Crônica #14 publicada originalmente no 28 de abril de 2023



Minha chegada no Rio no fim do ano de 2022 foi um sonho, não apenas com Flamengo, mas foi um sonho ainda mais bonito com Flamengo. Ganhei a Copa do Brasil no próprio Maracanã, ganhei a Liberta com a Roça Fla. E o início de 2023 em relação ao Flamengo foi um pesadelo. Perdi a Supercopa do Brasil, e tive a maior desilusão de meu maior sonho, a derrota no Mundial dos clubes, antes da hora do Real Madrid chegar. Um pesadelo.

Também perdi a Recopa Sudamericana dentro do próprio Maracanã, ainda perdi no Maracanã a Taça Guanabara com uma derrota contra Fluminense, e ainda pior, perdi a final do campeonato carioca com uma vergonha contra Fluminense. Muitas desilusões no Maraca e, um pouco magoado com o time de meu coração, eu tinha decidido não ir no jogo de volta contra Maringá na Copa do Brasil, para salvar um pouco de dinheiro nesse fim de temporada no Brasil, para acalmar um pouco os nervos vermelhos e pretos bem solicitados nesses últimos jogos.

Mas meu Mengo, até no pior momento vou te apoiar até o final. E Flamengo está bem longe de viver o pior momento de sua história. Então eu estava no Maraca para a estreia do Brasileirão contra

Coritiba. E eu vivi um dos meus melhores momentos no Maracanã com o gol de Ayrton Lucas no minuto 12. No minuto 10, no Maracanã dia de Flamengo, é sempre a hora de cantar para os Garotos do Ninho, para 10 estrelas a brilhar no céu do Mengão. Essa tragédia nunca vai passar, essa Nação jamais vai esquecer. Sempre arrepiado nesse canto, com pele de galinha, lágrima no olho, oração no céu. E o gol de Ayrton Lucas aconteceu justamente no fim desse canto, o gol caiu como uma homenagem aos filhos rubro-negros. De arrepiar. Depois, os gols de Gabigol e Pedro só serviram para a vitória fácil e aliviar a frustração dos últimos jogos no Maracanã.

Mas já o dia antes do jogo contra Coritiba, eu tinha finalmente decidido ir ao Maraca para o jogo de volta na Copa do Brasil, depois de mais uma vergonha com essa derrota 2x0 contra Maringá no jogo de ida. O motivo era simples, tinha a Fla Paris no Rio. Ou ao menos, dois fundadores, Cidel e Waldez, ambos morando em Paris, mas de passagem na cidade mais bonita do mundo. A ocasião era de pura sorte, como falou Cidel, se a gente tinha combinado isso, não teria conseguido. Então, comprei mais um ingresso para o Maracanã, dia do Flamengo.

E o reencontro com Waldez também foi de pura sorte. Achava que ele chegava na segunda-feira, mas no domingo, dia do Flamengo, mais uma frustração na manhã com a derrota contra o Internacional, numa samba na tarde no centro do Rio, apareceu Waldez no canto da rua, pronto para festejar. Um abraço, duas cervejas, ou mais, e na segunda, mais festa, na Pedra do Sal, mais caipirinhas. Isso aqui é Rio. E no dia seguinte, de ressaca leve, se juntou Cidel na galera dos fundadores do consulado Fla Paris no Rio de Janeiro. Já escrevi sobre a fundação da Fla Paris, dia 19 de setembro de 2019, e só faltava Felipe para ter todos os fundadores. O local, se não era o Maracanã, não podia ser outro, a Gávea, sede do Flamengo.

Depois dos abraços e das fotos obrigatórias com a estátua do Rei Zico, fomos recebidos pelo Pedro, que cuida do projeto das

embaixadas e dos consulados. A visita foi completa, do escritório das embaixadas, onde ganhei copo do último encontro entre as embaixadas, até o treino do time multicampeão de basquete, onde vi Olivinha repetir os lances livres com muito sucesso. Entre os dois momentos, algumas histórias do Flamengo, do gol do Valido no primeiro tri do Flamengo, da oração do Padre Góes no segundo tri do Flamengo. Também muitas fotos, perto de muitos esportes do Flamengo, natação, tênis, ginástica, e perto, ou não tão perto, de muitas belezas do Rio, o Corcovado, a Pedra da Gávea, e até minha Rocinha. Isso aqui é Rio, isso aqui é Flamengo.

A visita foi top e faltava uma coisa, jogo do Flamengo, no Maracanã, marcado pelo dia seguinte. Outro motivo para finalmente pagar o ingresso para o jogo era o jogo mesmo, contra Maringá, numa quarta-feira, as 21h30. A expectativa não era de uma casa cheia, mas às vezes no Maracanã, o clima é inversamente proporcional ao nível da importância do jogo, ao nível do adversário. Um jogo assim, quem vai no estádio é só quem realmente quer torcer, cantar, vibrar e virar. Porque Flamengo precisava de uma virada depois do 0x2 no jogo de ida. No meu roteiro de sonho, Flamengo fazia um gol nos 15 primeiros minutos, o Maracanã virava inferno, Flamengo fazia mais um gol nos 25 primeiros minutos, e depois de um tempo com menos lances, menos emoção, Flamengo fazia mais dois gols na metade do segundo tempo para uma vitória meio tranquila, meio bonita. Isso era o roteiro do sonho. Mas Flamengo é além dos sonhos.

Para o jogo, Cidel, como presidente da Fla Paris, foi nas cadeiras cativas e os outros membros da diretoria, eu e Waldez, tiveram que ir na arquibancada. Brincadeira, só tem um lugar no Maraca onde quero ficar, minha Norte. Já pensei a assistir a um jogo no Maracanã Mais, mas eu sei que vou ter inveja de quem está na Norte. Infelizmente, não deu para se encontrar com Cidel antes do jogo e foi só com Waldez que fui beber as primeiras cervejas no bar dos Chicos para testar o clima, alias bem tranquilo no momento. Depois, foi momento de encontrar Tom, outro francês que foi ao Maracanã nesse

jogo pela primeira vez na vida, e que dividia a agitação com Waldez, que voltava ao Maracanã depois de 5 anos sem poder ir. Eu, com meu 13º jogo na Norte desde o Fla-Flu do 18 de setembro de 2022, quase fui um guia para chegar o mais rápido possível no setor 43, lugar da Fla Manguaça, também meu lugar.

O pré-jogo e a entrada dos jogadores em campo foram, de um ponto de vista do clima na Norte, normais, razoáveis. Esse jogo poderia virar sonho ou pesadelo, eram os jogadores que precisavam fazer a diferença, virar o jogo, fazer o gol rapidamente. Esperava um gol rápido, mas não tão cedo, com Thiago Maia que abriu o placar com apenas dois minutos de jogo. Mas Flamengo ainda estava eliminado, precisava de mais, e deu mais. Num escanteio no mesmo lugar do que o primeiro gol, Pedro fez o primeiro dele do dia. Flamengo agora empatou no placar agregado, e, como previsto, o Maracanã virou inferno. Era difícil de respirar, e depois de muitos cantos e gritos, eu precisava parar um pouco para recuperar. Minha camisa estava molhada, cheia de suor, como se eu estava no meio de campo, lutando pela bola, mas eu estava na Norte, lutando pelo Flamengo.

O jogo aproximava-se de meu roteiro de sonho, só que Flamengo não parou aqui, Flamengo continuou a atacar. Dez minutos depois, um pênalti obtido pelo Gerson, e festa na Norte, e o pênalti transformado pelo Gabigol, ainda mais festa na Norte. Eu adoro a Norte após um gol, e essa possibilidade de compartilhar a alegria com o vizinho mais próximo. Abracei Waldez, abracei Tom, e nesse jogo, eu abraçava também o desconhecido ao meu lado, que não parava de cantar igual eu, abraçava os caras na frente, as minas atrás, abraçava todos os flamenguistas. E ainda mais incrível, reconheci um cara na Norte, bem na minha frente. Eu sabia que o conhecia, mas não relembrava de onde, e quando Waldez também o reconheceu, eu entendi, era Matheus, o cara com quem nos falamos durante um bom tempo no samba do domingo com o amigo dele, Guilherme, falando de futebol, de Flamengo e da Rocinha, onde Guilherme morou. Isso aqui é Rio, isso aqui é Flamengo.

No fim do primeiro tempo, um gol de Maringá, ou, mais exatamente, um gol contra do Flamengo. Tomar um gol sempre é ruim, mas adoro a tradição de cantar o hino depois de um gol do adversário, porque já não mais paramos de cantar, já voltamos a apoiar, a vibrar, a cantar. E, para esse gol específico, eu pensava que deixava o jogo vivo, que ia ter emoção até no segundo tempo, sem Flamengo já matar o jogo. E Flamengo quase matou o jogo antes do final do primeiro tempo, com mais um gol, de Gerson que fez um grande jogo. Na Norte, uma loucura total e agora falta palavras para descrever quanto mágico foi o primeiro tempo.

No segundo tempo, troca de lado de ataque, e agora o Flamengo atacando na frente da Norte. Gosto muito de Sampaoli, porque ele não para de atacar. Gosto da personalidade e gosto do estilo do jogo, bem ofensivo, bem no ADN do Flamengo. E Flamengo não parou de atacar no segundo tempo, ao contrário, fez sonhar ainda mais o Maraca, da Norte até as cativas onde tinha os pequenos filhos de Cidel, que imaginava como eu, muito, muito felizes. E Gabigol, que também fez um grande jogo, fez um passe digno de um camisa 10 para Everton, que fez mais uma vez a pura alegria da Norte. Mais uma vez, depois de abraçar todo mundo, o Maracanã virou inferno. Estava muito feliz para Waldez, e também para Tom, que conhecia de muito perto a loucura do Flamengo.

Eu já tinha perdido a conta dos gols, e com um pouco de sorte, Maringá fez um gol, o gol do 5x2, que mais uma vez deixava o jogo vivo. O hino não veio nesse momento, mas teve muitos cantos, de festa e de terror. Isso aqui é Flamengo. Flamengo não tremeu, Flamengo fez tremer o adversário, e Flamengo fez mais um gol depois de uma jogada coletiva, com Ayrton Lucas, com Gabigol, com Everton, com Gerson, com Pedro. Nessa hora, o abraço com todo mundo perto de mim já era tradição e eu tinha certeza que ia ter ao menos mais um gol, longe da vitória meio tranquila, meio bonita que eu tinha previsto. Foi cem por cento bonito, foi pura festa.

E no final do jogo, Gabigol, que só fez um gol de pênalti, fez mais uma jogada mágica, digna de Zico, com uma bola na cabeça de Vidal, para a cabeça de Pedro, que podia pedir a música, pedir a bola do jogo, fazer a reverência, fazer a alegria do Maraca, a alegria da Nação flamenguista. E três minutos depois, a três minutos do final do jogo, Pedro, com um chute cirúrgico, deixava o quarto gol dele e fazia um das suas atuações mais marcantes com o Manto Sagrado. Um jogo marcante não só para o Pedro, mas para todo o time, um jogo já eterno. Na volta no metrô, lembrava que Flamengo já atropelou um time 8x2, Minervén, só não lembrava o ano, que, depois de uma olhada na Internet, foi o ano de 1993.

Na volta no metrô, muita felicidade com Waldez e o francês Tom, que já quer comprar a camisa do Flamengo. Depois, me aproximei da galeria mais animada do metrô, que cantou até São Conrado, estação de descida da Rocinha. Eu, já cansado de cantar para 8 gols e 16 guerreiros durante 90 minutos, não participei dos cantos, mas voltei em casa com o sorriso e uma certeza: não posso faltar um jogo do Flamengo quando tenho possibilidade de ir, porque o Maracanã sempre é especial, a Norte sempre é excepcional. Isso aqui é Rio, isso aqui é Flamengo.

Uma rifa para uma boa ação

Crônica #15 publicada originalmente no 3 de junho de 2023



Eu já falei que eu sou com muito orgulho um dos fundadores do consulado Fla Paris, que já tem mais de três anos de existência. A Fla Paris me deu irmãos flamenguistas e quando estava em Paris, adorava assistir aos jogos com a galera de sempre, e gostava também de encontrar turistas brasileiros, de passagem em Paris. E tem um outro aspecto do consulado que adoro, é a promoção de ações sociais.

A participação social sempre foi importante para mim e era um objetivo quando cheguei no Brasil. Consegui na Rocinha, onde estou dando com muita alegria aulas de xadrez num projeto e treinos de futsal num outro projeto. O projeto Craques da Rocinha, no futsal fut7, ajuda mais de 130 crianças e adolescentes, e vejo a necessidade de apoio financeiro. Com treinos todos os dias, as bolas se estragam rapidamente, se perdem nos becos quando a rede da quadra não salva a bola, e tem uma diferença enorme entre fazer um treino com uma bola para cada jogador ou uma bola para o time inteiro só. Sempre precisa de bolas, coletes, cones e outras coisas para fazer o melhor treino possível. E apesar das dificuldades, vale a pena insistir, porque só a educação permite um melhor futuro. Mas claro, para ter um ensinamento de qualidade, precisa de recursos financeiros.

O consulado Fla Paris apoia a associação Amor ao Próximo, no Complexo de Sapê, em Niterói. Preciso antes falar um pouco da associação, fundada em 2003, mas que teve ainda mais importância e necessidade a partir da pandemia de Covid. A associação, que funcionava com próprios recursos, conseguiu uma parceria com a CUFA e uma fábrica de pão para a distribuição de cestas básicas com produtos alimentares e de higiene. Conseguiu toda a documentação para ser reconhecida oficialmente e ajuda agora cerca de 800 famílias.

A associação tem também vários, muitos, projetos sociais, para ajudar as pessoas a se autodesenvolver. Tem formações profissionais para pessoas sem emprego para voltar ao mercado de trabalho, tem apoio psicológico e jurídico para famílias, doações para idosos muitas vezes esquecidos nos projetos sociais, uma creche que atende mais de 100 crianças, com reforço escolar e lanche, porque crianças precisam não estar com fome para estudar bem, tem pintura e colagem porque crianças precisam desenvolver autonomia, criatividade e motricidade, tem cine pipoca porque crianças precisam se divertir e ser felizes. Tem com os professores Ana, Léo e Vinícius aulas de dança, futebol (até jogando a Taça das favelas) e artes marciais. Porque crianças e adolescentes precisam fazer atividade física, fazer amizades, aprender uma arte e as regras da arte, aprender a ganhar e a perder, a dividir a responsabilidade numa mini sociedade.

Sempre adorei o Brasil e sua cultura, mas ao mesmo tempo, sempre fiquei chocado com as diferenças entre a favela e o asfalto. Ninguém escolhe o lugar onde vai nascer, crescer, se tornar um ser humano. E com tanta desigualdade, com (não)chances tão diferentes, é difícil julgar as pessoas que vão fazer as escolhas erradas, pagando com a própria vida e dificultando ainda mais a vida dos outros. O momento da adolescência e da construção como adulto é difícil para todo mundo, não importa o lugar ou a época. Mas sem apoio, econômico

ou emocional, sem modelos ou com modelos errados, é fácil pegar o caminho errado, mesmo sem ser uma pessoa de mau caráter. Muitas vidas foram perdidas não por falta de talento, mas por falta de oportunidades, falta de lugares para descobrir o talento deles.

Infelizmente, por causa da distância, fui só uma vez no Complexo de Sapê. Foi um pouco antes do Natal, quando a Fla Paris tinha conseguido roupas e brinquedos para melhorar o Natal das crianças. Encontrei Renata e as crianças, foi um dos dias mais lindos que passei no Brasil. Renata é de uma energia incrível, e acreditam, eu falando disso só passando algumas horas por semana com as crianças da Rocinha, precisa de toda essa energia, todos os dias. Encontrei as crianças, relembro de um menino que pediu duas vezes uma foto comigo, ele sabia que já tinha uma, mas queria uma segunda. E relembro de uma menina que jogava muito futebol, fiz uma pelada com as crianças e ela era minha parceira favorita. Não relembro dos nomes, mas relembro dos rostos e dos sorrisos. Teve um outro menino e Renata falou que para Natal todas as crianças podiam pedir um presente e ele pediu uma bicicleta. Aí ela falou que ele estava exagerando, que ia ser difícil achar uma bicicleta. Mas no final da história, ela conseguiu a bicicleta para ele, porque Renata faz tudo o que é possível e faz até o impossível.

Enfim, eu acho a educação primordial e sem boa educação, é a sociedade toda que paga o preço, um preço alto, principalmente as comunidades mais carentes. Hoje a educação ainda depende de iniciativas pessoais, de apoio de institutos e da participação dos cidadãos. Claro, todos esses projetos têm um custo, e precisa de dinheiro para os manter, para manter a ajuda para a comunidade. Têm várias maneiras de participar, entrar em contato com a associação Amor ao Próximo nas redes sociais, ou fazer diretamente um pix (Banco do Brasil agência 1578-4 conta-corrente 31127-8).

Hoje, o consulado Fla Paris propôs mais uma maneira de ajudar com uma rifa para ganhar uma camisa do Flamengo assinada por diversos

jogadores do clube. O presente é lindo, mas a ação ainda mais. Pode entrar com o consulado Fla Paris e seu presidente Cidel Cavalcante para mais detalhes, mas por apenas 2,5 euros na França ou 12,5 reais no Brasil (pix +330601097095), é possível adquirir um dos 200 números possíveis e tentar a sorte de ganhar a camisa e fazer a sorte de muitas muitas pessoas.

Meu adeus ao Maracanã

Crônica #16 publicada originalmente no 24 de julho de 2023



Não é exatamente um adeus, já que tenho a certeza de que eu voltarei no Rio de Janeiro, de férias apenas ou para morar, isso só Deus sabe. Mas eu pego o voo hoje de volta na França, e se dez dias sem o Maracanã parece uma eternidade, então um ou dois anos sem o Maraca, nem quero imaginar.

Em um ano, assisti a 27 jogos do Flamengo no Maracanã. Faltei pouquíssimos. Relembro de um contra o Internacional porque estava doente. E tinha o ingresso na mão, então estava realmente doente, perto da morte com pouco exagero. Faltei o contra Santos também, porque era na véspera do AeroFla que não podia faltar. Teve um no campeonato carioca também por causa de viagem, o contra Racing na Libertadores, e talvez alguns outros, mas pouquíssimos. Se não tem motivo para não ir, eu vou ao Maraca. Tem muitas, muitas lembranças no Maior do Mundo, com o Maior do Mundo.

O adeus ao Maracanã foi um 1x1 morno contra o América Mineiro, um jogo que talvez acaba com as chances de título do Flamengo. E as lágrimas no meu rosto rubro-negro ficaram no penúltimo jogo, um Fla-Flu. Chorei no metro, na rampa, na entrada dos jogadores, na saída da arquibancada. Porque era minha despedida da tribuna Norte,

o coração e a emoção do Maraca. Se não tenho ingresso para a Norte, eu não vou ao Maraca. Uma vez, estava sem ingresso para um outro Fla-Flu e meu amigo Gabriel me ofereceu de graça um ingresso na Este. Nem queria. Porque eu sei que uma vez que estarei dentro do estádio, vou ter inveja de quem está na Norte, de quem canta, às vezes de quem não canta. Fui ver 27 vezes Flamengo no Maracanã, 25 na Norte.

O primeiro jogo, estava louco para ver o jogo, contra São Paulo na semifinal da Copa do Brasil, e, sem ingresso na Norte, fui na Oeste, para ver Flamengo mais uma vez na final. Meu primeiro jogo na Norte foi um Fla-Flu, de derrota mas de muita emoção, e para meu último jogo, não consegui ingresso na Norte. Meu amigo Kevin do consulado Fla Paris tinha um ingresso na Oeste, e achei raiz e romântico de me despedir da Norte como voltei, com um Fla-Flu. O reencontro com Kevin, francês e flamenguista roxo como eu, foi bom, mas teve essa frustração de estar longe da Norte. A Oeste é para assistir a um jogo de futebol e a Norte é para torcer pelo Flamengo. E eu prefiro mil vezes torcer pelo Flamengo do que assistir bem ao jogo. Eu não sou espectador, eu sou torcedor, faço parte do jogo.

Tive muitas emoções na Norte, teve até título, contra o Corinthians na Copa do Brasil. Vi muitas coisas, fui muito feliz, vi Gabigol herdar da camisa 10 de Diego, vi a transformação do canto sobre Zico que xingava inutilmente Pelé para homenagear Gabigol artilheiro e Adriano Imperador, cantei muito. Adoro os cantos do Flamengo e arrepio a cada jogo quando chega o minuto 10, que homenageia os garotos do Ninho. Arrepiei ainda mais quando Pedro fez gol contra Cabofriense no minuto 12, no final desse canto. Inclusive, estou em favor de cantar de novo esse canto nos segundos tempos, no minuto 10. É sempre de arrepiar. Claro, tive frustrações também, perder uma decisão contra Independiente Del Valle, perder contra Vasco, perder mais uma decisão, levando goleada no Fla-Flu. Essa foi a pior derrota no estádio.

Mas vamos focar nas alegrias, vivi meu primeiro jogo de Libertadores, vi um gol de Ayrton Lucas no minuto 12, é de arrepiar, vi uma virada-goleada 8x2 contra Maringá na Copa do Brasil com Waldez, outro amigo do consulado Fla Paris. Vi Flamengo golear Vasco, mas confesso que com um placar de 4x0 no intervalo, esperava um final ainda mais feliz para Flamengo, ainda mais duro para Vasco. Vi vitória no Fla-Flu com gols de Arrasca e Gabi, vi um Maracanã cheio de cantos e fogos contra o Athletico Paranaense, onde assisti ao jogo com meus amigos franceses Maxime e Julie. Na Copa do Brasil, vi em 2022 a semifinal e a final, e em 2023, a terceira fase, as oitavas e quartas, e quero acreditar que o Flamengo vai levar o penta ainda em 2023. Eu fui muito feliz no Maraca, não vi gol de Éverton Ribeiro, mas vi a volta de Bruno Henrique, com gol contra Grêmio, vi golaço de cavadinha de Pedro contra Coritiba, o que eu vi e vivi em um ano, em 27 jogos, esta gravado na memória de minha alma.

O último jogo na Norte foi um Fla-Flu, um 0x0, com gol anulado de Gabigol no minuto 80. E foi uma frustração, porque quando tem um 0x0 e Flamengo abre o placar no fim do jogo, o Maracanã vira paraíso, todo o estádio canta. Eu sou um torcedor de cadeira, um pé na cadeira, o outro na cadeira da fileira de frente. Eu sou um torcedor de 90 minutos, canto todos os cantos, até os que não conheço bem. A torcida do Flamengo é um espetáculo, do pré-jogo até a saída da arquibancada. Quero deixar aqui um desejo: quando morrer, quero um minuto de silêncio no Maracanã, para a torcida ter um minuto a mais para cantar. Eu iria ao Maracanã sem Flamengo se tinha a torcida do Flamengo. Inclusive, eu fui, para ver Zico jogar, no Jogo das estrelas. Eu fui muito feliz no Maracanã e não posso esquecer do Flamengo sem o Maracanã, a conquista da Liberta na Rocinha, e muitos jogos vividos com a Roça Fla e a Fla Atrevida, dois grupos de torcedores na Rocinha. Aproveito para agradecer os dois presidentes, Nando e Paula, dois corações puros, dois corações rubro-negros. Flamengo é além do Maracanã, é além de qualquer fronteira.

Para fechar essa crônica, a última escrita no Brasil, relembro que na criação desse blog, falei que talvez eu encontrarei o amor de minha vida no Brasil. E encontrei mesmo. 27 vezes. Te amo Flamengo. Uma vez Flamengo, Flamengo além da morte.

Jogos eternos

Flamengo 1x0 Vasco 1944

Crônica #63 publicada originalmente no 18 de maio de 2023



Com 5 dias sem jogos do Flamengo, tem tempo para mais um jogo eterno, um dos mais importantes da história do clube. O rival é o maior, Vasco. O ano é 1944, fim de guerra na Europa, o que terá sua importância para o futebol carioca. O Flamengo era o bicampeão carioca 1942-1943, o Vasco era no início do Expresso da Vitória com alguns craques como Lelé, Isaías, Chico e Ademir e os argentinos Berascochea e Rafanelli.

Flamengo ganhou o campeonato carioca 1942 facilmente, o campeonato carioca 1943 menos facilmente, e em 1944 foi ainda mais difícil. Domingos foi vendido ao Corinthians e o atacante Perácio, conhecido como “o homem do chute mortal”, se juntou a Força Expedicionária Brasileira e foi combater o fascismo na Itália. A guerra tinha consequências até no Brasil, Palestra Itália virou Palmeiras ou Cruzeiro, e Flamengo, sem Perácio, estava sem força ofensiva. Jacir, Sanz, Djalma ou Tião, ninguém convencia o exigente técnico Flávio Costa. Flamengo perdeu 5x2 do Botafogo e estava 7 pontos atrás do líder. O campeonato, o tricampeonato, era quase perdido. Quase.

Sem Domingos e sem Perácio, Flamengo também estava sem Agustín Valido. Argentino, o atacante Valido jogou no Boca Juniors e Lanús antes de ir em 1937 no Brasil e no Flamengo. Era o início do platinismo, onde o Brasil achava que era bem inferior ao futebol do Uruguai e sobretudo da Argentina. Muitos clubes, sobretudo Flamengo e Fluminense, compraram jogadores argentinos ou uruguaios. Valido, Arcádio Lopez, Artur Naon, Raimundo Orsi, Agustín Cosso, Sabino Coletta, Carlos Volante e Alfredo González para Flamengo, Armando Reganeschi, Esteban Malazzo, Angel Capuano, Luis Maria Rongo e Américo Spinelli para Fluminense. Tinha até técnicos, como o uruguaio Ondino Viera, treinador do Fluminense entre 1938 e 1942, do Vasco a partir de 1942. Muitos argentinos, mas ninguém jogou tanto que Valido. Foi campeão carioca em 1939 ao lado de Leônidas e Domingos, com 12 gols em 22 jogos. Em 1942, ele fez contra Canto do Rio o primeiro gol da campanha vencedora do campeonato carioca. Jogou, ao lado de Newton Canegal e Jayme de Almeida, todos os 27 jogos do campeonato carioca 1942, mas com 29 anos, pendurou as chuteiras antes do campeonato carioca 1943 para cuidar de seus negócios.

Sem Domingos, sem Perácio, sem Valido, Flamengo apanhou 5x2 do Botafogo, sentou-se em campo, mas reagiu. Ganhou 5 jogos consecutivos até uma goleada 7x1 contra Bangu no General Severiano. Flamengo estava de volta no campeonato. O grande Roberto Sander escreveu no seu livro Anos 40: Viagem à década sem Copa: “Na semana seguinte a esse jogo um encontro mudaria de vez o rumo do campeonato. Foi quando o então aposentado Valido apareceu na Gávea para visitar os ex-companheiros e pedir a Flávio Costa o campo emprestado para um jogo dos funcionários de sua gráfica. Como tinha todo crédito, o campo foi cedido. No dia da partida, Valido, na ausência de um funcionário, acabou jogando. Flávio estava por perto e ficou impressionado com o quanto ex-jogador ainda estava em forma. Fez um apelo para que ele voltasse ao Flamengo. Mesmo surpreso, Valido aceitou o desafio”. Valido foi inscrito na federação como amador, fez dois treinos, e jogou o Fla-

Flu. Outro desafio para o Flamengo era a reforma do estádio da Gávea, com a proibição das tribunas de madeira. Em menos de um mês, Flamengo construiu arquibancadas de cimento e botou o Fla-Flu na Gávea.

E Flamengo goleou Fluminense, 6x1. Mesmo sem marcar, Valido fez um grande jogo, alimentando Pirillo, autor de 2 gols, e Zizinho, que fez um gol. Valido se exaustou, quase até cair em campo. Explicam Roberto Assaf e Roger Garcia no livro *Grandes jogos do Flamengo da Fundação ao Hexa*: “O esforço empregado no clássico, disputado sob forte calor, deixou Valido desidratado, com uma febre que permaneceu por toda a semana e, portanto, afastado da partida contra o Vasco, no domingo 28, que decidiria o campeonato. Nesse dia, embora ainda um tanto debilitado, Valido foi à Gávea, como mero espectador. Flávio Costa tinha pelo menos três jogadores para a ponta direita: Jacir, Nilo e Tião. Mas resolveu contrária às recomendações, e até o bom senso, escalando o seu ex-jogador. O treinador tinha quase 20 anos de clube, quatro títulos cariocas, um deles como jogador, nos idos de 1927, e ninguém ali ousava questioná-lo”. Explicaria também depois Valido: “Passei a semana com febre. Eu estava magro, abatido, mas me obrigaram a entrar”.

Antes do jogo, o jogo preliminar com os reservas, incluindo Jair Rosa Pinto para Vasco, cortado do jogo principal por falta de raça. Valido tinha raça e entrou no jogo principal no sacrifício. Já no meio-dia, a Gávea estava cheia, com quase todos os 20.308 espectadores do jogo já presentes para o jogo. No dia 28 de outubro de 1944, inclusive dia de São Judas Tadeu, ainda não padroeiro do Flamengo, Flávio Costa escalou Flamengo assim: Jurandir; Newton Canegal, Quirino, Biguá; Modesto Bria, Jayme de Almeida; Valido, Zizinho, Pirillo, Tião, Vevé. No preliminar do jogo, uma vitória 5x1 do Vasco com 4 gols de Jair Rosa Pinto. Nas páginas do *Jornal do Brasil*, uma enquete para saber quem ia marcar o gol do título: 1.522 pessoas apostavam no Ademir, outros 1.218 no Pirillo e 437 loucos esperavam ver o aposentado Valido marcar o gol do Tri. O

aposentado e debilitado Valido, que passou quase todo o jogo na ala direita, apenas fazendo o número. Se as substituições fossem autorizadas na época, provavelmente Valido teria deixado o jogo. Mas não tinha, só tinha Valido, sem correr, sem chutar, sem pular.

Vamos então no minuto 41 do segundo tempo, um minuto quase tão eterno no Flamengo x Vasco que o minuto 43 do segundo tempo, imortalizado 57 anos depois. Em 1944, na Gávea, o placar ainda era 0x0, um placar que oferecia um final em 3 jogos. Numa falta de Vevé, Valido, sem força para pular, se apoiou nas costas do Argemiro para fazer o gol da cabeça, o gol do Tri. Foi falta sim, mas o juiz não viu ou não apitou, foi gol válido de Valido, foi o gol do primeiro tricampeonato do Flamengo. Foi uma explosão na Gávea, uma certeza de felicidade, uma invasão no campo dos 20.308 torcedores, e até mais, como relembra Zizinho: “Quando a bola atingiu a rede vascaína, houve uma invasão de campo como eu nunca havia visto. Até os soldados que eram todos Flamengo, juntaram-se à torcida e o campo ficou totalmente tomado por aquela multidão que vibrava enlouquecida de alegria”. Flamengo campeão, Flamengo tricampeão.

Pirillo fez 15 gols em 16 jogos, Zizinho 8 gols nos 18 jogos do campeonato e o soldado Perácio 3 gols em 5 jogos antes de ir na Itália. Mas o herói da guerra foi Valido, com um gol que criou uma nova rivalidade entre Flamengo e Vasco. “Se o clube já era popular, com essa conquista obtida na base de heroísmo, ficou ainda mais, pois, a partir daí, se criou a mística da camisa rubro-negra de buscar as vitórias na pior adversidade. Pelo lado do Vasco, a frustração foi enorme. Sentiu-se como se alguém lhe houvesse tirado o doce da boca”, escreveu Roberto Sander. Os vascaínos choram até hoje desse gol de Valido não legal para eles, muito legal para nós. José Lins do Rego, nove dedos na literatura e um no futebol, escreveu: “Para o Brasil, o Tri do Flamengo é mais importante que a Batalha de Stalingrado”. Mas confesso que prefiro a palavra de Ary Barroso, dez dedos na música, uma voz no microfone e um coração flamenguista,

sobre a suposta falta de Valido: “Ele se escorou sim. E teria sido melhor ainda se estivesse impedido e feito com a mão...”.

Fecho essa crônica com as palavras de Valido, argentino e flamenguista, ainda emocionado 50 anos depois do gol do Tri: “Posso relembrar a história desse gol, que me fez entrar definitivamente para a história do meu clube de duas maneiras. Na primeira, eu digo que não adianta contar a verdade, porque os vascaínos preferem a mentira. Então, eu vou dizer: trepei mesmo no Argemiro para cabecear. Na segunda, explico que não posso deixar de elogiar o cruzamento do Vevé, que veio perfeito, tanto que só tive o trabalho de meter a cabeça na bola para tirá-la do Barqueta. Mas acredite: ela veio tão forte e pesada que fiquei com a testa roxa por 15 dias. E vou dizer: eu não estava me sentindo muito bem, pelo menos para jogar, mas aqueles eram outros tempos, a gente tinha sobretudo amor à camisa e eu não ia deixar uma chance daquelas passar. Além disso, os companheiros insistiram e o Flávio Costa acabou me escalando. Naquele dia, quem me ajudou foi Deus. Mas também devo tudo isso ao presidente José Bastos Padilha, o maior que o clube teve em todos os tempos, que me contratou. Aquele gol e o tricampeonato representaram um fecho de ouro para mim, pois desde a Argentina sempre sonhei em atuar no Brasil, onde só encontrei felicidade e glórias. Depois do jogo, tive uma crise nervosa tão grande que fui obrigado a sair do Rio para me recuperar. Muita emoção. Então, resolvi dar um adeus, aí, sim, definitivo, ao futebol. Mas olha, na verdade nunca consegui me desligar completamente do Flamengo”.

Flamengo 4x0 Burnley 1957

Crônica #72 publicada originalmente no 17 de junho de 2023



Hoje, a Seleção brasileira joga na Espanha, em Barcelona. É a oportunidade para falar de um jogo do Flamengo em Barcelona, e não qualquer jogo, porque foi um jogo durante a inauguração em 1957 do Camp Nou, ainda hoje o maior estádio da Europa, com uma capacidade para quase 100.000 pessoas.

Flamengo não participou do jogo da inauguração, que foi entre Barcelona e Légia Varsovia, com uma vitória 4x2 de Barcelona e um gol de Evaristo, antigo ídolo do Flamengo. E foi justamente por causa das boas relações entre Barcelona e Flamengo, Evaristo tinha saído do Flamengo alguns meses antes para o Barcelona, que o clube rubro-negro foi convidado para um jogo amistoso, um dia depois da inauguração do Camp Nou. O Brasil ainda não era campeão do mundo, mas seu futebol já era muito respeitado, com um futebol alegre e ofensivo, cheio de malabarismo e de técnica. E Flamengo também era muito respeitado, por ter ganhado o tricampeonato carioca entre 1953 e 1955. Um gigante, tanto que Barcelona pagou Flamengo 8 mil dólares para vir na Espanha.

O adversário do Flamengo era um grande time, Burnley, um dos 12 fundadores da Liga Inglesa em 1888. Os ingleses, por ser os

inventores das regras do futebol, eram os mais respeitados no futebol. E Burnley ganhou a Copa da Inglaterra em 1914 e o campeonato inglês em 1921. Escreve o Barcelona no seu site oficial em inglês, tradução livre: “Burnley, com uma impressionante time jovem, liderada pelo provavelmente maior jogador a vestir a camisa vinho tinto de todos os tempos, o norte-irlandês Jimmy McIlroy, estava disputando a supremacia da Inglaterra com Manchester United na época”. Aluns meses antes, já na Espanha, Burnley tinha goleado o campeão espanhol de 1956, o Athletic Club Bilbao, com um 5x1 e três gols de McIlroy.

Por sua vez, Flamengo estava de reformulação no time. O técnico tricampeão carioca 1953-1955, o paraguaio Fleitas Solich, ainda estava lá, mas além da saída de Evaristo, Flamengo perdeu outros dois atacantes, Paulinho no Palmeiras e Índio no Corinthians. Mas Fleitas Solich não era chamado de Feiticeiro à toa, promoveu no time vários jovens, como Joubert e Milton na defesa e Moacir e Henrique no ataque. Dida, já ídolo do Flamengo com 3 gols na decisão do campeonato carioca 1955 contra o America, ganhava a plena titularidade. Para ir na Espanha, Flamengo conseguiu antecipar um jogo do campeonato carioca, vencido 4x1 contra o Bangu de Zizinho, e embarcou no Galeão com um voo de Air France, sem o capitão Dequinha, lesionado e substituído pelo jovem Milton, e sem o ídolo Joel, doente da gripe asiática e substituído pelo também jovem Luís Carlos. O Mengo embarcou também com os locutores Rui Porto e Jorge de Souza, que iam retransmitir o jogo para o Brasil.

Os jogadores do Flamengo desfilarão no Camp Nou com a bandeira do Brasil e um dia depois da vitória do Barcelona para a inauguração do estádio, Flamengo entrou em campo no Camp Nou, na época realmente novo. O feiticeiro Fleitas Solich optou por um 4-2-4 ainda pouco visto no futebol brasileiro, mas que ia marcar a Seleção brasileira campeã do mundo um ano depois. Fleitas Solich escalou Flamengo assim: Ari; Joubert, Pavão, Jadir, Jordan; Milton, Moacir; Luís Carlos, Zagallo, Dida, Henrique. No lado de Burnley, a maior

estrela era Jimmy McIllroy, também líder da Irlanda da Norte, que tinha realizado uma sensação, eliminando a Itália e o Portugal no início do ano para se classificar para a Copa do Mundo 1958.

O jogo, apitado pelo espanhol Gómez Contreras, começou equilibrado, mas Flamengo pouco a pouco mostrou a força e a magia do futebol brasileiro. Na metade do primeiro tempo, num escanteio curto, Luís Carlos abriu para Zagallo, que cruzou perfeitamente na cabeça de Dida para fazer o primeiro gol do Flamengo. Três minutos depois, o contrário. Moacir, que era tão bom que quase tirou Didi do time titular da Seleção de 1958, driblou um jogador e deixou para Dida, que avançou um pouco e abriu na esquerda para o chute poderoso e cruzado de Zagallo, que estufou as redes. No intervalo, Flamengo 2x0 e o ídolo Dida aplaudido a cada jogada.

No segundo tempo, Burnley tentou reagir, mas numa jogada boba, Winton não percebeu que seu goleiro estava avançado e fez o gol contra tentando dar um passe em recuo. Flamengo fez um quarto gol, de Luís Carlos após jogada de Moacir, mas o juiz o anulou por uma suposta mão de Luís Carlos. O quarto gol do Flamengo finalmente chegou a 15 minutos do final do jogo, um golaço de Henrique, que driblou vários defensores, goleiro incluído, antes de decretar o placar final: Flamengo 4x0 Burnley. Infelizmente, não tem registro desse gol, apenas da imprensa espanhola e do Mundo Deportivo, que escreveu no dia seguinte: “O time do Flamengo se move com facilidade pelo campo, e com um sentido tático que nos impressiona [...] A vitória brasileira foi mais uma prova de que os ingleses já não são mais os donos do belo jogo”. Parece exagero, mas talvez o Brasil começou a ganhar sua primeira Copa do Mundo ali, no Camp Nou, com essa atuação magistral do Flamengo sobre os poderosos mas derrotados ingleses.

Flamengo voltaria duas vezes ao Camp Nou com mais dois jogos eternos, uma vitória 2x0 em 1962, com dois gols do ídolo Dida, e

uma derrota 4x5 em 1968 na final da terceira edição do troféu Joan Gamper. Flamengo em Barcelona é sempre um show à parte.

Flamengo 2x0 Corinthians 1961

Crônica #77 publicada originalmente no 2 de julho de 2023



O Torneio Rio – São Paulo foi disputado pela primeira vez em 1933, para comemorar a oficialização do profissionalismo. Depois, só voltou a ser organizado em 1950, ainda sem o Maracanã. Gosto muito desse torneio, 10 times só, os 4 gigantes de Rio, os 4 gigantes de São Paulo e a Portuguesa, às vezes Bangu, às vezes o America. Só grandes times e um nível muito alto.

Os paulistas ganharam todas as edições de 1950 até 1955, e depois de um ano sem os cariocas na competição, Fluminense conquistou o título em 1957. No ano seguinte, foi a vez do Vasco. Depois, claro, o Santos de Pelé, e Fluminense voltou a ganhar o título em 1960. Flamengo foi vice em 1957 e 1958, no terceiro lugar em 1959 e 1960. Sempre bem colocado, mas nunca campeão.

Flamengo começou bem a edição do Rio – São Paulo de 1961, com vitórias no Pacaembu, contra São Paulo e Palmeiras, Dida fazendo gols nos dois jogos. Flamengo vinha de uma derrota dolorosa, num amistoso, mas no placar humilhante de 7x2 contra o Corinthians. E na terceira rodada do Rio – São Paulo, Flamengo voltou a ser goleado, em pleno Maracanã, um vergonhoso 7x1 contra o Santos de Pelé, que fez 3 gols nesse dia. Flamengo também perdeu o Fla-Flu e

foi derrotado 3x0 pelo Botafogo de Garrincha, que fez o último gol do jogo. Era uma época cheia de craques sim, mas o Flamengo estava numa posição difícil, perto de uma eliminação na primeira fase.

Flamengo voltou a ganhar contra a Portuguesa, também venceu America e Vasco. Na última rodada da primeira fase, mais uma derrota dura, um 3x0 contra Corinthians, que não impediu Flamengo de se classificar, em terceiro lugar, com dois pontos a mais do que Fluminense, primeiro eliminado. Na fase final, 6 times, bem equilibrado entre times cariocas e paulistas: Flamengo, Botafogo e Vasco para Rio, Santos, Corinthians e Palmeiras para SP. E curiosidade da segunda fase, os paulistas jogaram apenas contra os cariocas, e inversamente. Acho o sistema um pouco injusto, mas era assim.

Flamengo começou com vitória 3x1 contra Palmeiras, com gols de craques só: Joel, Dida e Gérson. Ainda mais importante, Flamengo se vingou do 7x1 contra Santos com outra goleada, agora no Pacaembu. Sem Pelé, Santos tomou um 5x1 com 3 gols de Gérson e 2 de Dida. Na última rodada, para ser campeão, Flamengo precisava de uma vitória contra o Corinthians, que tinha perdido seus dois primeiros jogos em São Paulo contra Botafogo e Vasco. Para Flamengo, também era a oportunidade de se vingar do 7x2 no amistoso, do 3x0 no torneio. O outro candidato ao título era o grande rival da época, o Botafogo de Garrincha, que jogava contra o Santos de Pelé, mas também de Pepe e Coutinho, os dois finalmente artilheiros do torneio com 9 gols. Uma época cheia de craques.

No 23 de abril de 1961, o técnico paraguaio Fleitas Solich, que conquistou o tricampeonato carioca com Flamengo entre 1953 e 1955 e voltou ao clube em 1960, escalou Flamengo assim: Ari; Joubert, Balero, Jadir, Bigode; Carlinhos, Gérson; Joel, Henrique, Germano, Dida. Uma época cheia de craques e de ídolos, como Carlinhos, Gérson, Joel e Dida. No primeiro tempo, maior

oportunidade do jogo foi de Dida, que acertou o travessão. No segundo tempo, a televisão perdeu o lance, mas o mais importante era a bola nas redes, gol de Joel, explosão no Maracanã e seus 40.000 torcedores, número relativamente pequeno em consideração da época e da importância do jogo.

Na segunda metade do segundo tempo, Joel cruzou na linha de fundo, Dida só teve a empurrar a bola nas redes, fazer seu oitavo gol do torneio, abrir os braços. Flamengo era o campeão. Flamengo conquistava um título nacional graças a uma grande atuação de Joel e Dida, dois jogadores que começaram a Copa do Mundo 1958 como titulares, antes de perder a posição para Garrincha e Pelé. Uma época cheia de craques e ídolos.

Flamengo 0x0 Fluminense 1963

Crônica #49 publicada originalmente no 1º de abril de 2023



O maior publico da história do futebol para um jogo entre clubes. Um Fla-Flu eterno, para 194.603 espectadores. O Flamengo não tinha vencido o campeonato carioca desde 1955. Flamengo tinha um time muito bom e um meio de campo de sonho com Carlinhos e Gérson. Mas era uma Era de ouro para o futebol carioca, com o Botafogo de Didi e Garrincha, o Vasco de Bellini e Vavá, o Fluminense de Waldo e Telê. Todos campeões, menos o Flamengo. No 15 de dezembro de 1962, Flamengo perdeu o jogo decisivo do campeonato carioca contra o Botafogo, Garrincha sendo o grande herói do jogo. Gérson, que já reclamava dos bichos fracos, foi ao conflito com Flávio Costa em razão de sua função no jogo, onde devia anular Garrincha, sem conseguir, anulando do mesmo jeito seu próprio futebol.

Ainda insatisfeito em 1963, Gérson foi mandado no próprio Botafogo e foi substituído no Flamengo pelo Nelsinho. No campeonato carioca, Flamengo perdeu na primeira fase contra o America e Bangu, e não perdeu mais depois. E no último jogo, precisava apenas de um ponto contra Fluminense para se sagrar campeão. Jogo aconteceu no 15 de dezembro de 1963, exatamente um ano após a derrota 3x0 na final contra Garrincha e Botafogo.

Domingo, dia de futebol, o sábado tinha sido um dia de chuva. Esperança de nova chuva e de um público modesto no Maracanã, mas no 15 de dezembro de 1963, Rio acordou lindo, acordou com sol, e todo mundo foi em direção do Maracanã. “O jogo começava às 15 h. Mas ao meio-dia já estava difícil para entrar. As pessoas se acomodam como podem, penduradas nos túneis de acessos às arquibancadas, sentando de lado entre os degraus, tem gente até na marquise [...] Era mais do que um jogo. Daí o ar de Brasil x Uruguai. Era uma coisa que se julgava impossível no Maracanã. Mas aconteceu: via-se, subitamente, alguém escorregar por cima das cabeças da multidão compacta”, escreveu Mário Filho no Jornal dos Sports.

No Maracanã, 177.020 pagantes e 194.603 espectadores. Um número impressionante, nunca atingido antes, e nunca será depois. Esse número, só o Fla-Flu de 1963. E talvez tinha ainda mais que 194.603 espectadores, com uma invasão no Maracanã antes do jogo. Não relembro mais onde ouvi essa história, mas teve gente que estava bloqueada nos corredores do Maracanã, sem conseguir entrar na arquibancada, ainda menos ver o campo. Mas gente que estava lá, a maioria flamenguista. Com tanta gente, obviamente tinha torcedores ainda não ilustres, mas que serão a maior expressão do rubro-negrismo, Zico e Júnior. Lembra Júnior no livro *Grandes jogos do Flamengo*, de Roberto Assaf e Róger Garcia: “Eu estava no Maracanã naquele Fla-Flu de 1963. Vi o jogo todo nos ombros do velho Leovegildo, já que na arquibancada não conseguimos entrar e fomos para a geral. Eu tinha nove anos, e somente nos ombros dele eu poderia ver o jogo. Lembro-me que, na última bola, aos 45 minutos do segundo tempo, Escurinho, ponta do Fluminense, quase marca. Eu lembro que fechei os olhos e só escutei a galera delirando com o fim da partida e o time campeão. Começava ali a alegria de ser rubro-negro”.

Outro torcedor no Maraca, Radamés Lattari Filho, futuro técnico de voleibol, que fala no livro *Carlinhos*, de Renato Zanata e Bruno

Lucena: “Minha estreia de verdade no Maracanã aconteceu no Fla-Flu de 63. Já tinha ido várias vezes ao estádio, mas este foi o 1º que eu realmente sabia do que se tratava. Durante o jogo, em diversos momentos meu pai falava: ‘Filho veja a elegância do Carlinhos’. Ele realmente foi um grande craque como jogador, treinador e como homem. Suas atitudes dentro e fora do campo sempre serviram de exemplo para diversas gerações.”. Carlinhos era o líder de um time escalado assim pelo Flávio Costa no 15 de dezembro de 1963: Marcial; Murilo, Luiz Carlos, Ananias, Paulo Henrique; Carlinhos, Nelsinho; Espanhol, Aírton, Geraldo e Osvaldo.

No 15 de dezembro de 1963, um jogo eterno no Maracanã, o primeiro Fla-Flu decisivo desde 1941 e as bolas na Lagoa. Flamengo precisava de um empate para ser campeão e recuou durante o jogo. Muita emoção no Maraca, mas nada de gol. Até o último minuto, e um lance de ouro para Ecurinho, que podia oferecer o título ao Fluminense. Na frente dele, só a luz de campeão e o goleiro flamenguista, Marcial, 22 anos, quase um desconhecido, que tinha conquistado a vaga de titular durante o campeonato. E Ecurinho ficou na sombra, Marcial defendeu o gol, ofereceu ao Flamengo o brilho do campeão. Quarenta e cinco anos depois, falou Marcial para Roberto Assaf: “Havia, naquela época, um conceito de que o time que jogava pelo empate acabava perdendo. O empate era nosso. E pelo menos daquela vez fomos campeões. Trata-se de um jogo absolutamente inesquecível. O Maracanã, com quase 200 mil pessoas, a torcida do Flamengo esperando um título que não ganhava desde 1955. Mas, apesar de tudo, eu estava tranquilo [...] O jogo foi muito disputado, os dois times estavam no mesmo nível, e eu pratiquei pelo menos três grandes defesas. A que entrou para a história, e que ajudou a deixar meu nome na história, foi a do chute do Ecurinho, quando o jogo estava acabando. A bola quicou e ele pegou de frente, tentando me encobrir. A torcida do Fluminense já ensaiava a comemoração, mas dei dois passos para trás, me estiquei e acabei com ela nas mãos. Joguei também no Atlético-MG, no Corinthians e até na Seleção Brasileira, mas o Fla-Flu de 1963 foi,

sem dúvida, a partida mais importante da minha carreira. Em 1967, com 26 anos de idade, tive que optar entre o futebol e o curso de Medicina, pois a matrícula, trancada desde a minha ida para o Rio, perderia a validade, caso eu não voltasse à faculdade. E deixei a bola. Mas a lembrança daquela tarde jamais sairá da minha memória”.

Flamengo era o campeão da cidade, e todo mundo se curva ao campeão, até o mais tricolor dos escritores, Nelson Rodrigues: “Apesar dos trapos, da caspa e da sarna, o profeta é bem-educado. E, como tal, faz questão de cumprimentar a maravilhosa torcida rubro-negra. A solução do empate deu ao Flamengo o título. Ele é o campeão oficial da cidade. Pode sair por aí, tropeçando na própria faixa. Jamais o profeta ousaria discutir a legitimidade do campeonato que o clube da Gávea acaba de levantar”. Outro craque da caneta e da literatura esportiva, o botafoguense Armando Nogueira também eternizou o título do Mengo e a atuação de Marcial: “O Flamengo conquistou o título de campeão 1963 muito mais com os nervos do que com o coração. Os nervos do Flamengo foram os nervos do goleiro Marcial: o Fluminense atacava, penetrava, rolava a bola, fechava o cerco, chutava em gol e Marcial desmoralizava o gigantesco esforço do Fluminense com a simplicidade de um mineiro velho a pitar cigarro de palha nos fundos de uma fazenda”.

E ao lado do Marcial, o grande herói flamenguista foi Carlinhos. O herói e a explicação do sucesso rubro-negro, como foi escrito no Jornal do Brasil: “Não fossem a serenidade neurótica de Marcial e a eficiência técnica de Carlinhos, e o sistema defensivo do Flamengo ruiria, facilmente”. Flamengo tem o orgulho e a alegria de ter um ídolo como Carlinhos. No Jornal dos Sports, Álvaro Queirós também se curvou ao Carlinhos: “Carlinhos é um dos raros remanescentes do time rubro-negro à época em que Flávio Costa retornou a direção técnica do Flamengo, em 1962. Médio volante e grande responsável pela segurança do meio-campo da sua equipe, Carlinhos recebeu o apelido de Aranha tal a aparência de possuir mais de duas pernas, segundo os seus colegas, nas disputas de bolas com os adversários.

Suas características essenciais, são a calma e a classe. Acadêmico, talvez seja o único sobrevivente dos volantes clássicos que o Brasil já conheceu. Marcador implacável, destruidor eficiente, dotado de rara habilidade no controle da bola, Carlinhos é chamado de craque das bolas limpas, dada a precisão dos seus passes”.

Fechando assim essa crônica com as palavras de Carlinhos, para Placar em 1970: “Mesmo que viva cem anos, não posso esquecer o 0 a 0 contra o Fluminense, em 63, quando fomos campeões. Foram minutos de tensão e luta. A própria torcida, normalmente tão barulhenta, só conseguiu gritar no fim da partida, e aí foi um carnaval na cidade inteira”. Infelizmente, Carlinhos morreu aos 77 anos, mas para nós flamenguistas, o Carlinhos Violino é eterno, dentre de outras coisas, por causa do Fla-Flu de 1963. E mais que Marcial e Carlinhos, mais que Flávio Costa e Espanhol, esse título foi da Nação. O jogo não é eterno pelo 0x0, pelo fim do jejum de 8 anos, pelo 15º título carioca do Flamengo. O Fla-Flu de 1963 é eterno por causa da Nação, a alma do Maraca e o coração da geral, o Fla-Flu de 1963 é eterno por causa de 194.603 pessoas, a maioria louca de alegria após 90 minutos sem respirar. Vale então citar de novo Nelson Rodrigues, um tricolor derrotado, mas um tricolor que teve seu dia de Flamengo, maravilhado com a força da torcida, a energia de um Maracanã que viu o Maior ser o maior mais uma vez: “Que coisa linda, incomparável, a alegria dos rubro-negros. O seu berro, ao soar o apito final, comoveu o Maracanã em suas raízes eternas”.

Flamengo 1x0 Benfica 1972

Crônica #73 publicada originalmente no 20 de junho de 2023



Hoje, a Seleção brasileira joga no Portugal, em Lisboa. E Flamengo e Lisboa, só vem para mim uma coisa na mente, um jogo que aconteceu no Rio de Janeiro, mas contra o Benfica, um jogo de um golão, um jogo de um canto, um jogo de uma polêmica também.

O jogo aconteceu no início da temporada de 1972. Foi na abertura da segunda edição do Torneio Internacional do Rio de Janeiro, a primeira foi vencida pelo Flamengo, derrotando em 1970 Vasco, Independiente e a Seleção de Romênia. Era os tempos sombrios da ditadura e o futebol era uma das únicas distrações do povo, além da música, quando não era censurada. Pela essa edição do Torneio de Verão, um triangular com um português, um brasileiro e um meio português meio brasileiro, Benfica, Flamengo e Vasco. O primeiro jogo, um Flamengo x Benfica.

Fio Maravilha ia ser o grande nome, a grande estrela do jogo. No site Trivela, Emmanuel do Valle escreve sobre Fio Maravilha: “Capaz de, num mesmo jogo, marcar um golão ou criar de improviso uma jogada genial e no lance seguinte tropeçar na bola ou dominar de canela, era, não obstante, uma figura carismática com seu jeito simples, suas tiradas espirituosas, corpo truncado, jeito de andar um

tanto desengonçado e, sobretudo, sua pronunciada arcada dentária”. Era isso Fio Maravilha, um jogador que a gente não sabia se era craque ou perna de pau, a cada jogada a dúvida ficava mais forte. Também não sabia se era ponta ou centroavante, se era polivalente ou apenas jogava onde tinha espaço para ele. Certeza é que, com o novo técnico do Flamengo, o jovem Zagallo, e com muitos outros técnicos, Fio Maravilha era reserva. Outra certeza é que era ídolo do Flamengo. Talvez por causa justamente dessa dificuldade a saber qual era o verdadeiro nível dele em campo, talvez por causa do jeito simples de ser, talvez por causa da dentição tão particular, não sei, o que eu sei, é que Fio Maravilha era um ídolo do Flamengo, ídolo da arquibancada e da geral do Maraca.

Como no primeiro jogo da temporada, contra Botafogo, Fio Maravilha começou o jogo contra Benfica no banco. No 15 de janeiro de 1972, Zagallo escalou Flamengo assim: Ubirajara; Aloísio, Fred, Reyes, Paulo Henrique; Liminha, Rodrigues Neto, Rogério; Caio Cambalhota (Samarone), Paulo César Caju, Arílson (Fio Maravilha). Do lado de Benfica, o craque que ninguém duvidava que era craque, Eusébio, estava machucado, mas o clube de Lisboa era uma máquina, o líder disparado do campeonato português com 13 vitórias e 2 empates em 15 jogos. O jogo começou equilibrado, com lances de perigo de Rogério para o Flamengo. E depois, Arílson se machucou. E a torcida flamenguista só tinha um nome na boca, uma boca tão grande que a do jogador em questão, Fio Maravilha, o perna de pau mais craque do futebol, o craque mais perna de pau da história do Flamengo, a alegria do Maracanã. No intervalo, pressionado pela torcida flamenguista, Zagallo botou em campo Fio Maravilha e sua camisa 14, não camisa de craque como Cruyff, camisa 14 de reserva, de coringa, às vezes de milagre.

Esse jogo é um jogo de um golaço, um jogo de um lance só. Então vamos diretamente no minuto 33 do segundo tempo, bola nos pés de Samarone no centro, nos pés de Rogério na direita, nos pés de Fio Maravilha para o milagre, para a maravilha de Fio Maravilha que ia

maravilhar 44.280 torcedores maravilhados, entre eles, o compositor Jorge Ben Jor. Fio Maravilha pegou a bola, passou entre os defensores Rui Rodrigues e Messias, driblou o goleiro Zé Henrique, deixou a bola no fundo do gol. Um golaço, um dos mais importantes dos 84 gols de Fio Maravilha com o Manto Sagrado. “Fio tem noite de Pelé”, escreveu no dia seguinte Globo. “Gol de rei, não. Gol de Fio, mesmo”, respondeu o humilde Fio Maravilha. “Ainda tentei fazer pênalti, mas não sei como passou por mim. Provou no drible que é mais esperto que eu” inclinou-se o goleiro Zé Henrique.

Pela beleza plástica, o gol já era famoso. Pela importância também, já que Flamengo conquistou o título do torneio internacional de Rio depois de mais uma vitória 1x0, contra Vasco, gol de Paulo César Caju. Mas o gol virou eterno com uma canção de Jorge Ben e interpretada pela Maria Alcina no Festival Internacional da Canção, vencendo a fase nacional no Maracanãzinho, uma canção que virou hit nas boates de Rio e até de Paris. Uma canção simples como Fio Maravilha, com letras bonitas como o gol contra Benfica. Vale a pena lembrar a letra inteira: “E novamente ele chegou com inspiração, Com muito amor, com emoção, com explosão em gol, Sacudindo a torcida aos 33 minutos do segundo tempo, Depois de fazer uma jogada celestial em gol. Tabelou, driblou dois zagueiros, Deu um toque, driblou o goleiro, Só não entrou com bola e tudo, Porque teve humildade em gol, Foi um gol de classe, onde ele mostrou sua malícia e sua raça. Foi um gol de anjo, um verdadeiro gol de placa, Que a galera, agradecida, se encantava, Foi um gol de anjo, um verdadeiro gol de placa, Que a galera, agradecida, se encantava. Filho Maravilha, nós gostamos de você, Ih-ih-ih-ih-ih-ih-ih-ih, Filho Maravilha, faz mais um pra gente ver, Ih-ih-ih-ih-ih-ih-ih-ih”.

E depois teve a polêmica. Diante do sucesso da música, um ingênuo Fio Maravilha deixou seu advogado entrar em processo na Justiça para tentar ganhar dinheiro sobre os direitos autorais. Magoado, Jorge Ben Jor trocou “Fio Maravilha” pelo “Filho Maravilha”. Mas só tem um Fio, só tem uma Maravilha, o golaço contra Benfica, e as

duas partes finalmente selaram a paz. O que fica finalmente é o golaço de Fio Maravilha, a música de Jorge Ben Jor, e o Maracanã cheio de alegria com um gol de seus ídolos particulares.

Fecho essa crônica com as lembranças de Fio Maravilha, no livro *Grandes jogos do Flamengo*, de Roberto Assaf e Roger Garcia: “Foi um jogo interessante. O Eusébio estava machucado, mas o Benfica tinha um grande time. Em 10 anos de Flamengo, só fui titular em 1969 e 1970, com o Yustrich. O Zagallo não era muito simpático ao meu futebol, ao meu estilo. Eu estava na reserva, mas o Zagallo me chamou para entrar. Naquele dia, eu estava inspirado. Numa jogada com o Rogério, saí driblando e fui parar dentro do gol. Daí, veio a música e ela caiu no gosto popular. O problema com o Jorge Ben Jor é que houve um desencontro de informações. Havia um amigo, já falecido, o Joaquim Reis, que era advogado de alguns jogadores, como o Jairzinho, o Rodrigues Neto e meu também. Um dia me perguntou: ‘O autor da música te botou como parceiro? Posso entrar em contato com ele para você ganhar alguma coisa?’. Disse que podia. Pouco depois, fui jogar em Vitória. Quando cheguei ao Rio, já estava um burburinho tremendo. Não tinha a intenção de processar. Mas não culpo o advogado. Se alguém cometeu um engano, fui eu, não ele, que era uma pessoa maravilhosa. Não tiro também a razão do Ben Jor. Seria um prazer um dia reencontrá-lo. Mesmo morando nos Estados Unidos, acompanho os jogos do Flamengo, que defendi com muito carinho. Contra o Benfica foi especial, porque disseram que o Fio fez gol de Pelé. Adorei, porque eu era comparado com um monte de perna de pau. Depois do meu pai, Pelé foi o meu maior ídolo”.

Flamengo 5x1 Corinthians 1974

Crônica #24 publicada originalmente no 18 de dezembro de 2022



Com o fim da temporada, vamos relembrar um jogo de início de uma temporada, um amistoso contra o Corinthians em 1974. Nesse ano, Zico se tornava titular absoluto e referência técnica do time. Com quase 21 anos, começava a responder a todas expectativas que a torcida tinha já quando ele jogava na base. E começou com um amistoso, contra o Corinthians.

O Corinthians de 1974 era um time cheio de craques: Zé Maria, Wladimir, Vaguinho, Adãozinho, Roberto Miranda e o nome mais importante, que jogava sua última temporada com o Corinthians antes de ir no Fluminense, o tricampeão Rivelino. Apesar da falta de títulos, era um timaço. Já o Flamengo, treinado pelo técnico Joubert, que jogou quase dez anos no Flamengo como zagueiro, foi escalado assim no 17 de fevereiro de 1974: Renato; Souza, Chiquinho Pastor, Luís Carlos, Rodrigues Neto; Liminha, Geraldo, Rogério; Zico, Paulinho Carioca, Dario.

No Maracanã, Zico procurou-se a primeira oportunidade do jogo, um chute poderoso bem defendido pelo Armando, mas quem fez o primeiro gol foi o Corinthians, com um gol marcado pelo Vaguinho. Era suficiente para acordar os 13.926 espectadores no Maracanã, a

maioria na geral, e os 11 rubro-negros em campo. E o Flamengo empatou. Como? Quando Zico está em campo, a resposta mais óbvia é um gol de falta de Zico. E foi, com uma falta de 20 metros na gaveta, sem chance para Armando. Flamengo empatou mas era só o início de uma goleada.

No segundo tempo Flamengo desempatou, com outro gol de falta. Mas agora quem fez o gol foi o melhor companheiro de Zico na base, Geraldo, que morreu dois anos depois, com apenas 22 anos depois de uma cirurgia. Se o Flamengo de 1978-1983 foi mágico, poderia ter sido ainda mais com uma dupla Geraldo – Zico. Uma pena e uma grande perda pelo Flamengo e pelo futebol brasileiro. No jogo contra Corinthians, Zico fez mais um golaço, depois de passar entre três zagueiros, finalizou com tranquilidade, fora do alcance de Armando. Geraldo – Zico era para brilhar durante dez anos e aterrorizar os adversários.

Depois foi o centroavante Dario que fez o gol. Bateu com força os zagueiros, bateu com inteligência o goleiro, e empurrou nas redes. E como Zico, Dario deixou o segundo dele, de novo com um drible no goleiro, agora um drible de vaca. Rivelino estava desolado no meio de campo, Flamengo aplicava uma goleada irresistível, um 5x1 eterno.

Num amistoso contra o Corinthians, Flamengo fez um show para a geral do Maraca e para iniciar uma temporada brilhante, com gols e genialidade de Zico, e concluída da melhor forma possível, com um título carioca em cima do Vasco.

Flamengo 2x2 Vasco 1975

Crônica #28 publicada originalmente no 9 de janeiro de 2023



Infelizmente, uma semana depois da homenagem ao Rei Pelé e o jogo eterno contra o Atlético Mineiro em 1979, uma nova homenagem a um ídolo do futebol brasileiro, Roberto Dinamite. Roberto Dinamite nunca vestiu a camisa do Flamengo, mas fez Zico vestir a camisa do Vasco. Isso basta a mostrar quanto foi tão grande o Roberto Dinamite.

Roberto Dinamite foi uma espécie de Zico para os vascaínos. A classe em campo, os gols, de falta ou de voleio, mas também a classe fora dos gramados, honrou a camisa de seu clube de sempre, e sempre respeitou os outros clubes, as outras torcidas. Por isso Roberto Dinamite e Zico são tão respeitados no mundo do futebol.

Durante quase duas décadas, Zico e Roberto Dinamite fizeram do Flamengo x Vasco um dos maiores clássicos do Rio, se não o maior. Foram muitos duelos entre Zico e Roberto Dinamite, desde a base, o Zico é apenas um ano mais velho do que Roberto Dinamite. No profissional, ainda mais jogos, com pequena vantagem para Roberto Dinamite: 42 jogos, 13 vitórias do Vasco, 17 empates, 12 vitórias do Flamengo, 22 gols do Roberto Dinamite, 14 gols do Zico.

Foram muitos duelos, uma rivalidade muito grande. No site Eusoumengao, Zico explica: “Tinha uma rivalidade nossa, de Flamengo e Vasco, dentro do campo, mas existia uma amizade muito grande. Nossas mães assistiam os jogos juntas. E acho que desde a época de juvenil a gente já jogava contra. Então a gente nunca precisou ficar falando um do outro para motivar e levar mais de 100 mil pessoas ao Maracanã”. Tive muitos duelos, era só escolher o jogo certo para mais um jogo eterno. Pensei, como Pelé contra o Galo, a um jogo de 1979. Um jogo do campeonato carioca especial, com gols de Roberto Dinamite e Zico. Um voleio de Roberto Dinamite, que relembra o gol que fez contra Botafogo em 1976, e um gol de cabeça de Zico, depois de toques de cabeça de outros dois companheiros. Foi um jogo qualquer do segundo turno, a quinta rodada, mas com 122.596 presentes no Maracanã. Não era um jogo qualquer, era um jogo entre o Flamengo de Zico e o Vasco de Roberto, mas 122.596 pessoas para um jogo não-decisivo é coisa de outros tempos. Coisa de Zico e Dinamite. Mas Flamengo finalmente ganhou esse jogo e achei feio homenagear Roberto Dinamite com uma derrota.

Pensei então num jogo do Brasileirão 1975, com um gol de Zico e dois gols de Roberto. Um ano antes, Zico se tornava titular absoluto do Flamengo, maior craque do time. Roberto Dinamite fazia ainda mais, com apenas 20 anos, foi campeão brasileiro e artilheiro do torneio. No Flamengo – Vasco do Brasileirão 1975, Roberto Dinamite deu a vitória ao Vasco com um gol de falta. Nesse aspecto do jogo, não era tão bom que o Zico – e quem seria?, mas com muito trabalho e dedicação, Roberto foi um exímio batedor de faltas. Coisa de outros tempos. Também pensei no hat-trick de Dinamite no 4x2 contra Flamengo no campeonato carioca 1979, mas eu sou de um clubismo intenso e imenso, porém necessário e moderado. Não quero ver aqui Flamengo perder do Vasco.

Fui então de um jogo do campeonato carioca, também em 1975. Zico e Roberto Dinamite fizeram a história do campeonato carioca, com

gols, títulos e jogadas de gênio. Na estreia do campeonato carioca 1975, Flamengo enfrentou Vasco. Na verdade, Vasco já tinha disputado um jogo antecipado, contra Portuguesa, Roberto Dinamite fazendo o primeiro gol do torneio. No 2 de março de 1975, Joubert escalou Flamengo assim: Renato, Júnior, Jaime, Luís Carlos, Rodrigues Neto; Liminha, Geraldo, Edson; Paulinho, Zico, Doval. Do outro lado, Mário Travaglini escolheu nomes conhecidos como o goleiro Andrada, que tomou o gol 1000 de Pelé, Paulinho, que como Geraldo, que também disputou esse jogo, faleceu precocemente, com 23 anos de uma leucemia em 1977, e Edu Coimbra, irmão de craque, sim o irmão do Zico. E claro, no ataque, o camisa 10, Roberto Dinamite.

E foi Roberto Dinamite que abriu o placar, com um golaço. Recebeu um cruzamento de Luís Carlos, matou a bola de peito, e sem deixar a bola cair, empurrou as redes de Renato. No segundo tempo, Flamengo empatou, com outro golaço. Jogada começa nos pés de Zico, para o calcanhar de Edson, a trivela de Liminha e o golaço de Paulinho. Um golaço coletivo, e apenas dois minutos depois, um golaço individual, com Zico, que depois de um passe de Geraldo, driblou toda a defesa do Vasco, goleiro incluído, para virar o jogo. No final do jogo, aproveitando uma falha de Rodrigues Neto, Luís Carlos empatou e decretou o placar final: 2x2.

Um empate para a alegria ou a frustração de 55.715 torcedores presentes no Maracanã. No final do campeonato, o Fluminense de Rivelino foi campeão, e pela primeira vez, Zico se tornava o artilheiro do campeonato carioca, com 30 gols, 5 a mais do que o segundo, Roberto Dinamite, o que anunciava duelos disputadíssimos durante muitos anos. Quase 50 anos depois, fica a magia dos lances de Roberto Dinamite e Zico, fica agora na memória o gênio de Roberto, ficam pensamentos para a família dele e para o Zico, que perdeu o maior rival que o futebol lhe deu, mas que também perdeu um grande amigo, que ajudou a fazer do Flamengo x Vasco o Clássico dos Milhões e que deixou agora milhões de pessoas,

vascaínos, flamenguistas ou apenas amantes de futebol, com muita tristeza.

Flamengo 4x1 Fluminense 1976

Crônica #67 publicada originalmente no 1º de junho de 2023



O Fla-Flu, o clássico mais charmoso do Rio, foi tudo no futebol. Já foi decisão do campeonato carioca, já foi mata-mata numa copa continental, já foi emoção no Brasileirão. Já foi recorde de público para um jogo entre clubes, já foi golaço de Leandro, já foi goleada na estreia do carioca com música de Zico, já foi goleada na despedida de Zico, já foi falta com a maestria do Vovô-Garoto Júnior, já foi virada com a maestria do Vovô-Garoto Júnior, já foi minha maior emoção num estádio, já foi tudo. E o maior clássico do mundo também tem o maior palco do mundo, o Maraca. O Fla-Flu é tudo, até amistoso vira clássico porque é, sempre foi, sempre será, o Fla-Flu.

No início de 1976, Fluminense vinha de um título no campeonato carioca e de um semifinal do Brasileirão. Não era apenas Rivelino no time, era Félix, era Carlos Alberto Torres, era Edinho, era Gil, era Paulo César. Era um timaço, era uma Máquina. E o presidente Francisco Horta resolveu trocar jogadores com os rivais do Rio. No Flamengo, foram Zé Roberto, Toninho e Roberto, goleiro. Do outro lado, saíram da Gávea para Laranjeiras o também goleiro Renato, Rodrigues Neto e o ídolo Doval. Com as também chegadas de Dirceu do Botafogo e Miguel Ferreira do Vasco, Fluminense era ainda mais

Máquina. Era craque a cada linha, até no banco de técnico tinha craque, Didi. Do outro lado, Flamengo tinha Zico.

Zico festejou seu 23º aniversário quatro dias antes do Fla-Flu, e já era craque consagrado. Melhor jogador do Brasileirão 1974, artilheiro do carioca 1975, estreante da Seleção em 1976 com gol no Centenário, dois dias depois, um golaço de falta no Monumental. Zico era craque, era até par Nelson Rodrigues “o melhor jogador do mundo”. O grande dramaturgo Nelson Rodrigues era justamente o grande nome do pré-jogo, virou nome da Taça, para festejar o Dia do Cronista Esportiva. Era dia de festa no Rio, também dia de reestreia do Maracanã depois de dois meses de obras.

Antes do Fla-Flu, um amistoso mas a Taça Nelson Rodrigues, Flamengo começou o ano 1976 com outros amistosos, às vezes contra times fracos, às vezes contra os melhores times brasileiros, mas uma coisa não mudava, Flamengo não perdia. Até contra o Internacional campeão brasileiro 1975, Flamengo conseguiu o empate no Beira-Rio, gol de Zico. Foram 10 vitórias e 4 empates do Flamengo de 1976 antes do Fla-Flu. Mas a Máquina era tricolor e o Flu era o favorito do Fla-Flu. Mas Fla tinha Zico, outra máquina.

Outro detalhe, com a troca de jogadores, chegou no Flamengo o grande lateral-direito e saudoso Toninho Baiano. Assim, o jovem Júnior trocou a direita para a esquerda, melhorou o pé esquerdo, virou ídolo. No 7 de março de 1976, Carlos Froner escalou Flamengo assim: Cantarele; Toninho Baiano, Rondinelli, Jaime, Júnior; Merica, Geraldo, Zico; Paulinho, Luisinho Lemos, Luís Paulo. Fluminense, estava sem Rivelino, doente, mas com Carlos Alberto Torres, Edinho, Gil, Doval e Paulo César Caju. Era o favorito, mas toda máquina pode ser destruída.

Mesmo apenas um amistoso, o Fla-Flu do 7 de março de 1976 convenceu 87.529 pagantes a ir no Maracanã. Porque era show de bola, era show de craques, com o maior deles, Zico. E foi Zico que

brilhou em primeiro, aproveitando da falha do antigo goleiro flamenguista Renato para abrir o placar. Foi o único gol do primeiro tempo. Mas Zico tinha ainda mais coisas para o segundo tempo. O gol de empate do Fluminense, de pênalti de Carlos Alberto Torres, não mudou nada, esse jogo, essa Taça Nelson Rodrigues, eram para ser show de Zico.

No meio do segundo tempo, começou o verdadeiro show de Zico, com um gol de falta, de qual a perfeição só pode ser comparada com a perfeição do próprio Zico. Uma falta de 25 metros, perfeitamente no meio, uma curva linda, uma bola perfeitamente na gaveta, uma explosão da geral, perfeitamente feliz. Jorge Ben, que já tinha imortalizado o gol de Fio Maravilha contra Benfica em 1972, imortalizava agora, dentro do Maraca, o sentimento de todo rubro-negro: “É falta na entrada da área, advinha quem vai bater, é o camisa 10 da Gávea”.

Cinco minutos depois, num chute firme, mais um gol de Zico. O terceiro dele no jogo, mas não o último. Nos últimos minutos do jogo, mais um golaço, um toque de calcanhar perfeito do craque e também saudoso Geraldo para o quarto gol de Zico, que assim se juntava ao Pirillo pelo Fla e ao Simões pelo Flu com jogador a fazer 4 gols num Fla-Flu. E até hoje, Zico é o único jogador a fazer 4 gols num Fla-Flu no Maracanã. Também uma palavra para Geraldo, que faleceria no mesmo ano de 1976 com uma operação considerada sem perigo das amígdalas. O Flamengo de 1978-1983 só não foi perfeito porque tinha a falta de Geraldo, não tão craque que Zico claro, mas craque como poucos.

Zico se tornava o grande nome do pós-jogo, o herói do Fla-Flu, o herói dos flamenguistas e o herói das capas de jornais, destaque para o Jornal dos Sports e seu “Que Zicovardia, pô!”. Mas gosto ainda mais da manchete da Manchete e de um simples “Zico 4 Flu 1”, porque existe uma foto de Zico lendo tranquilamente o artigo no café da manhã do dia seguinte. Mas como a atuação do Zico permitiu ao

Flamengo de conquistar brilhantemente a Taça Nelson Rodrigues, fecho essa crônica com duas citações de Nelson Rodrigues, escritor de gênio e eternamente tricolor de coração, mas que nunca deu atenção aos idiotas da objetividade e do clubismo. A primeira, dois dias depois do Fla-Flu, sobre Zico: “Tenho dito e repetido que Zico é o maior jogador do mundo. Há os que negam, cegos pelo óbvio ululante. Mas, se a evidência quer dizer alguma coisa, não cabe dúvida, nem sofisma”. A segunda, sobre nosso eterno Flamengo: “Por onde vai, o Rubro-Negro arrasta multidões fanatizadas. Há quem morra com seu nome gravado no coração, a ponta de canivete. O Flamengo tornou-se uma força da natureza e, repito, o Flamengo venta, chove, troveja, relampeja. Cada brasileiro, vivo ou morto, já foi Flamengo por um instante, por um dia”.

Flamengo 5x1 Atlético Mineiro 1979

Crônica #26 publicada originalmente no 2 de janeiro de 2023



Para o início do ano, uma volta no tempo. Para o enterro do Rei, um jogo eterno, quando ele vestiu o Manto Sagrado. Flamengo e Pelé juntos, dois monumentos do Brasil. Uma história linda, de apenas um jogo.

O jogo aconteceu no 6 de abril de 1979 entre Flamengo e o Atlético Mineiro, antes do início de uma das maiores rivalidades interestaduais do Brasil. Esse jogo foi um amistoso beneficente para as vítimas de uma chuva no Minas Gerais, que deixou 246 mortos e milhares de pessoas sem casa. Pelé, já aposentado e mineiro de nascimento, vestiu a camisa mais linda do mundo, a do Flamengo, o Manto Sagrado. O jogo no Maracanã teve a presença de 139.953 pagantes, para uma renda de mais de 8 milhões de cruzeiros. Ver Pelé e Zico juntos em campo valia todos os cruzeiros do ingresso, independentemente do preço final do ingresso.

No 6 de abril de 1979, o saudoso Cláudio Coutinho escalou Flamengo assim: Cantarele; Toninho Baiano, Rondinelli, Manguito, Junior; Andrade, Paulo César Carpegiani, Zico; Tita, Pelé, Júlio César Uri Geller. Um time histórico para um jogo eterno. Não era só Flamengo, era Flamengo com a presença do maior jogador de todos

os tempos. Zico, com toda sua classe, cedeu sua eterna camisa 10 para Pelé, que fez a camisa 10 ser não apenas uma camisa, mas um mito, uma definição do futebol-arte.

O Atlético Mineiro tinha também alguns craques, em todas as posições, como João Leite, Luizinho, Toninho Cerezo, Paulo Isidoro e Dario. E quem abriu o placar foi o próprio Galo, com cruzamento de Serginho e chute de primeira de Marcelo. Mas o Flamengo já era irresistível sem Pelé, então com Pelé, era quase desleal para os adversários. Tita se infiltrou na grande área driblando, até ser derrubado pelo Luizinho. O juiz marcou pênalti, e o Maraca chamou Pelé para cobrar o pênalti. Zico, com toda sua classe, deixou a bola para Pelé. Pelé, com toda sua classe, recusou e deixou Zico bater. Zico, camisa 9, pronto a bater. Só Pelé podia impedir Zico de vestir a camisa 10 do Manto Sagrado. Zico, com toda sua classe, empatou. Pelé, com toda sua classe, abraçou Zico. O Pelé e o Pelé branco. O Rei do futebol e Nosso Rei. Dois Reis. Pelé e Zico, juntos com o Flamengo.

Pelé saiu no intervalo, com lesão na perna. Não foi um grande jogo no primeiro tempo, mas foi um jogo eterno. Um jogo que fez brilhar o olho de todos, os jogadores do Flamengo, os torcedores, até o juiz, até os adversários. “Eu posso dizer que foi o jogo mais importante da minha vida. Eu me senti um torcedor privilegiado dentro do gramado vendo Pelé e Zico barbarizarem juntos” falou depois o centroavante atleticano Dario. Um jogo que ultrapassa as gerações, um jogo na eternidade, um jogo com Zico e Pelé, um jogo de fatos e fatos históricos. E ainda não tinha a goleada. No segundo tempo, Zico fez o segundo, com oportunismo, e o terceiro, com um show na esquerda de Júlio César, um novo Garrincha.

Zico ainda fez uma assistência para o gol de Luisinho, e depois, Cláudio Adão, com passe de Júnior, fez o quinto gol, o gol final da goleada por 5x1. Um jogo eterno, com Pelé, que com tudo que

conhecia da bola, previa que o Flamengo ia ganhar muitos títulos. E ganhou.

Pelé morreu no 29 de dezembro de 2022, mas Pelé não foi, porque Pelé é eterno, como esse jogo de 1979 contra o Atlético Mineiro é eterno.

Flamengo 1x0 Internacional 1980

Crônica #8 publicada originalmente no 5 de outubro de 2022



No 2 de março de 1980, ainda era o início do Brasileirão. No Maracanã, foi um jogo entre o campeão em título, Internacional, e o futuro campeão, Flamengo. Ainda mais, Internacional foi campeão invicto em 1979, até hoje o único da história do Brasileirão. Mas em 1980, já tinha perdido a invencibilidade, já na primeira rodada, uma surpreendente derrota em casa contra Itabaiana. Flamengo tinha jogado apenas um jogo no Brasileirão de 1980, uma vitória 1x0 contra Santos.

Mesmo desfalcado de Falcão, o Inter tinha craques, como Batista e Mário Sérgio, ambos expulsos durante o jogo. Outro expulso do Internacional nesse jogo foi Adilson Miranda, que morreu nesse ano de 1980, de um acidente de carro, com apenas 30 anos. Flamengo também tinha craques, com o maior de todos, Zico, que, mais uma vez, ia demonstrar a beleza de seu futebol nesse jogo. No 2 de março de 1980, Flamengo foi esgaldo assim pelo técnico Cláudio Coutinho, que também morreu precocemente, em 1981: Raul; Carlos Alberto, Marinho, Rondinelli, Júnior; Andrade, Carpegiani, Adílio; Tita, Zico, Reinaldo.

Jogando em branco, num Maracanã em festa, Flamengo começou bem o jogo, sem fazer o gol. O gol veio no segundo tempo. No lado direito, Tita para Andrade. Esse Flamengo se achava de olhos fechados, se conhecia de coração e cérebro. O movimento do Zico foi perfeito, o de Andrade também. O passe de Andrade foi perfeito, a finalização de Zico também. 1x0 Flamengo. “Mengo, Mengo, Mengo”, canta a torcida, em festa.

No fim, Flamengo quase fez um outro golaço. Outra jogada de olhos fechados e cérebro aberto, com um passe de calcanhar de Zico. Mas o Tita chutou na trave. Sem consequência, Flamengo ganhava 1x0 e conquistava sua segunda vitória em dois jogos de um campeonato que ainda ia trazer muitas felicidades aos rubro-negros.

Flamengo 8x0 Fortaleza 1981

Crônica #76 publicada originalmente no 1º de julho de 2023



Mais um jogo de 1981, o maior ano da história do Flamengo. Flamengo conquistou no fim do ano a Libertadores contra Cobreloa, o campeonato carioca contra Vasco, o Mundial contra Liverpool, mas também brilhou no início, no Brasileirão. Na primeira fase, começou com um empate contra Santos, uma vitória contra Nacional, uma derrota contra Paysandu. Em seguida, venceu Sampaio Corrêa e Itabaiana, até o jogo contra Fortaleza.

No 4 de fevereiro de 1981, o técnico e ídolo Modesto Bria, que tinha substituído Cláudio Coutinho no início do ano, escalou Flamengo assim: Raul; Vítor, Luís Pereira, Marinho, Carlos Alberto; Paulo César Carpegiani, Adílio, Peu; Fumanchu, Édson, Nunes. Um time misto, sem Zico e Júnior, convocados com a Seleção brasileira para as eliminatórias da Copa do Mundo. Talvez por causa disso e do dia, uma quarta-feira, teve um pequeno publico, apenas 11.804 pagantes no Maracanã.

Com apenas 5 minutos de jogo, já um gol no Maraca, um chute cruzado de Peu. O primeiro gol do Flamengo, não o último. Com meia hora de jogo, um chute forte de Vítor, Ado, goleiro campeão do mundo em 1970 e jogando seu último Brasileirão em 1981,

defendeu, mas Nunes fez o gol de cabeça. O primeiro gol de Nunes, não o último.

No segundo tempo, Nunes, depois de um cruzamento de Édson, fez mais um gol de cabeça. E de pênalti, Nunes fez seu terceiro do jogo, fez o hat-trick, pediu a música. Uma chuva de gol, que não parava. Fumanchu, uma grande promessa da base do Vasco quando Zico jogava com os juvenis, chutou na trave de Ado, bola foi na outra trave, foi nos pés de Vítor, que, com a camisa 2 de Leandro, fez o quinto gol do jogo, o quinto gol do Flamengo.

E Nunes voltou a marcar, depois de uma tabelinha com Adílio, bola foi na trave, e em seguida, nas redes. Mais um gol, num passe de Marinho e com chute forte, Peu fez o dobrele. A goleada parou no 8x0 com o quinto gol de Nunes, depois de driblar o goleiro. Uma atuação de sonho para Nunes, que era o recorde de mais gols por um jogador num jogo do Brasileirão, recorde que seria batido pelo Edmundo em 1997. Para o recorde de mais gols com a camisa do Flamengo, era, ainda é, de Durval, que fez 7 gols num amistoso no 30 abril de 1950, quando Flamengo goleou 13x1 Campos Atlético Associação. Mesmo assim, o 8x0 contra Fortaleza é um jogo eterno e a prova que mesmo sem Zico, Júnior e Leandro, o Flamengo de 1981 era um timaço.

Flamengo 4x2 Uberaba 1981

Crônica #5 publicada originalmente no 25 de setembro de 2022



Como não tem jogo hoje, vamos matar a saudade do Mengo com um jogo eterno, de um time histórico, o de 1981. Faz parte dos melhores times da história, com o Santos de Pelé, o Ajax de Cruyff, o Milan de van Basten, o Barcelona de Messi, o Real Madrid de Cristiano. E tinha o Flamengo de Zico, que ganhou tudo em 1981.

Ganhou tudo, menos o Brasileirão. Mas mesmo assim, não deixou de fazer história e vamos lembrar de um jogo do Brasileirão, no Maracanã. O adversário era Uberaba Sport Clube, time do Minas Gerais, que agora joga na segunda divisão do campeonato mineiro. Outros tempos do futebol. Na primeira fase do Brasileirão 1981, Flamengo ficou na 2ª colocação, atrás do Santos. Mas como tinha 7 dos 10 times do grupo classificados pela próxima fase, não foi problema.

Foi mais difícil na segunda fase. Agora eram grupos de quatro, com apenas dois classificados pelas oitavas de final. Flamengo começou com uma vitória contra o Atlético Mineiro, mas depois empatou contra o mesmo Galo e Uberaba no jogo de ida. Pior, contra o Colorado, time de Curitiba que também desapareceu do cenário nacional, foi derrotado por 4x0. Flamengo precisava de uma reação.

Apos quatro rodadas, o líder era o surpreendente Colorado, com 5 pontos, na frente do Flamengo e de Uberaba, ambos com 4 pontos, e o Atlético Mineiro na última colocação, com 3 pontos. Tudo aberto no grupo H. No Maracanã, numa quarta-feira, 1º abril de 1981, Flamengo, jogando em branco, era escalado assim: Raul; Carlos Alberto, Luís Pereira, Marinho, Júnior; Vitor Silva, Adílio, Zico; Tita, Carlos Henrique, Nunes.

Flamengo precisava de uma reação no campeonato, mas começou muito mal contra Uberaba. Um gol de fora da área de Paulo Luciano, após apenas 5 minutos de jogo, e antes do fim do primeiro tempo, outro gol, agora marcado pelo Serginho. No intervalo, Flamengo 0x2 Uberaba, Flamengo quase eliminado.

Mas Flamengo é raça, Flamengo é reação, Flamengo é virada. No início do segundo tempo, escanteio de Júnior, na primeira trave. Escanteio de novo. Agora, na segunda trave. Num ângulo quase impossível, Tita conseguiu fazer o gol. Flamengo passou a dominar o jogo, procurando-se várias oportunidades do gol. Até uma falta de Zico na área, Marinho, o homem dos gols importantes, empatou. Flamengo 2x2 Uberaba, melhor, mas ainda não suficiente.

Num outro escanteio de Júnior, primeira trave de novo. Zico estava lá, desviando a bola de calcanhar numa autentica jogada de craque. A dois metros do gol, bem no centro, tinha Nunes, para fazer o gol da virada. Nunes fez um grande jogo nesse dia, e a recompensa estava lá, da melhora forma possível para um centroavante, um gol.

Mas Nunes não era só centroavante, tinha habilidade também para jogar nesse time cheio de craques. Pegou a bola a 40 metros do gol, fixou a defesa, deixou para Júnior, que de primeira, achou Ronaldo Marques no lado esquerdo. Cruzamento na segunda trave, Tita, de voleio, fez o gol. Flamengo 4x2 Uberaba, agora bem melhor.

Era a recompensa para a geral do Maraca, que apoiou, torceu, acreditou. Talvez, provavelmente, essa virada não teria sido possível sem a geral. Flamengo se recuperou no campeonato, se classificou nas oitavas, passou do Bahia, mas acabou sendo eliminado nas quartas pelo Botafogo. Mesmo assim, num domingo sem futebol, valia a pena lembrar uma quarta-feira cheia de Maracanã, de Flamengo, de gols, de virada.

Flamengo 2x1 Colorado 1981

Crônica #20 publicada originalmente no 27 de novembro de 2022



No 25 de setembro de 2022, alias aniversário de meu irmão, Flamengo não jogava. Então fui de um jogo eterno de 1981, um time histórico, contra Uberaba. No início, estava na dúvida com o jogo contra Uberaba dia 1º de abril de 1981, ou contra Colorado, dia 4 de abril. Então fui de ordem cronológica, com o jogo contra o Uberaba, sabendo que um outro dia terá oportunidade para o jogo contra Colorado. E agora, com a temporada infelizmente, muito infelizmente, acabada, tem tempo para o jogo contra Colorado.

Vamos voltar ao tempo, 4 de abril de 1981, com um jogo no Maracanã, Modesto Bria escalando Flamengo assim: Raul; Carlos Alberto, Luís Pereira, Marinho, Júnior; Vitor, Adílio, Zico; Tita, Ronaldo Marques, Nunes. Um timaço, que fez muita história em 1981, apesar de não ganhar o Brasileirão. Até tinha esquecido que Luís Pereira, um verdadeiro craque, ídolo do Palmeiras e do Atlético de Madri, tinha jogado num time tão histórico.

No Brasileirão de 1981, Flamengo passou na primeira fase no segundo lugar, atrás apenas do Santos. Na segunda fase, estava num grupo com Atlético Mineiro, Uberaba e Colorado. Ganhou do Galo, depois empatou contra Uberaba e foi surpreendentemente goleado

contra Colorado, uma derrota 4x0. Nos jogos de volta, empatou contra o Atlético Mineiro e ganhou de 4x2 contra Uberaba. No 4 de abril de 1981, era hora de vingança, contra Colorado, um time de Curitiba que foi extinto em 1989.

No Maracanã, com um publico de 61.749 pagantes, Flamengo jogando de branco de novo, Colorado abrindo o placar, Aladim na recepção de um cruzamento de Buião. Nem tenho comentários a fazer sobre os nomes dos jogadores.

Flamengo só reagiu no final do jogo, no minuto 33 do segundo tempo. Júnior para Marinho. Marinho para Adílio, que dominou de peito, acelerou de calcanhar, tabelou com Fumanchu. Adílio passou entre dois defensores, deixou para Zico de trivela entre mais dois defensores. Zico, claro, fez o gol e comemorou com a geral.

Dois minutos depois só, Zico, no meio de campo, achou Tita. Tita achou o melhor jogador do mundo, Zico. O Rei Arthur fez uma finta, passou entre dois jogadores, e antes da chegada de mais dois defensores fez o gol, o gol da virada, o gol da vitória. Quatro defensores não eram suficientes para parar o Flamengo de 1981. Flamengo 2x1 Colorado, Flamengo nas oitavas de final. Depois, Flamengo perdeu nas quartas contra Botafogo mas é outra história. No 4 de abril de 1981, o Mengo fez mais um show num ano dourado.

E esse jogo é ainda melhor do que dois meses atrás, porque agora encontrei Deus, nosso Rei, Arthur Antunes Coimbra, Zico.

Flamengo 2x0 Cobreloa 1981

Crônica #15 publicada originalmente no 29 de outubro de 2022



Para hoje, um dos dias mais importantes da história do Flamengo com uma nova final da Copa do Brasil, não vamos de um jogo eterno contra o Athletico Paranaense, até porque já escrevi sobre a última final contra o clube paranaense, o tri da Copa do Brasil em 2013. Eu vou então de uma final de Libertadores vencida pelo Flamengo, e como já escrevi também sobre o Milagre de Lima em 2019, vamos da primeira conquista do Flamengo na competição, contra Cobreloa em 1981.

Eu também já escrevi sobre o time histórico de 1981, o maior time da história do Flamengo. Vamos então diretamente para a final, contra Cobreloa, time chileno que, como Flamengo, estreava na competição. O jogo de ida, no Maracanã, teve marca de gênio, com dois gols de Zico. O jogo de volta, no Estádio Nacional, teve marcas de sangue, com o zagueiro Mario Soto agredindo Adílio, Lico e Tita com pedra na mão que o juiz fingia não ver. Na época, não tinha uma final única, mas teve um jogo de desempate, no Centenario de Montevideu, onde alguns meses antes a Seleção tinha perdido o Mundialito contra os donos da casa. O Centenario, palco também da primeira final da Copa do Mundo. Um estádio que infelizmente não será tão feliz para o Flamengo 40 anos depois da glória de 1981.

No 23 de novembro, dia histórico para o Flamengo, Paulo César Capergiani escalou o time assim: Raul; Nei Dias, Marinho, Mozer, Júnior; Andrade, Leandro, Zico; Adílio, Tita, Nunes. Um time histórico, e uma ousadia de Carpegiani, que escalou Leandro no meio de campo, Lico não podendo jogar por causa da violência e das batidas do Mario Soto. Mas Leandro é craque em qualquer lugar de campo, se não tinha Zico, poderia ter jogado com a camisa 10. Mas graças a Deus, Zico estava lá.

Flamengo entrou em campo com as camisas dos juniores, as camisas do time principal foram perdidas em algum lugar do aeroporto de Santiago. Zico recusou de apertar a mão de Mario Soto. Fez certo. Mario Soto não estava aqui para jogar bola, estava lá para bater, com arma não mão. Se fosse na rua e não num campo de futebol, seria preso com toda justiça. Mas a justiça no futebol é muitas vezes diferente. No Centenario, o jogo começou com muita violência dos chilenos, como no Estádio Nacional. E no Centenario, o jogo começou com gol de Zico, como no Maracanã.

O primeiro gol de Zico pode parece ser sorte. Mas não é. É o gol de quem acredita, de quem não desiste. Zico era cercado por quatro jogadores, perdeu a bola, mas não desistiu, fazendo a pressão. Com a ajuda de Andrade e Adílio, a bola voltou nos pés de Zico. Na verdade, voltou só no pé direito de Zico, que com um toque só, já mandou a bola no fundo das redes. Golaço. Flamengo 1x0 Cobreloa.

Depois, Alarcón foi expulso por falta dura e o jogo ficou mais fácil entre um time que sabe jogar futebol e um outro que gosta de bater. Mas mesmo assim, Cobreloa não desistiu da violência. No segundo tempo, mais uma falta, com uma oportunidade boa para o Flamengo. Na verdade, uma grande oportunidade quando o batedor se chama Zico. O Rei Arthur já tinha batido uma falta no jogo no Maracanã, já tinha observado que o goleiro fazia antecipação, já sabia que ia bater

no outro lado, no contrapé. Pensou com a cabeça, matou com o pé. Golaço. Flamengo 2x0 Cobreloa.

O jogo estava quase acabado, o Flamengo enfim era oficialmente o dono da América. E o Carpegiani fez o que milhões de rubro-negros sonhavam. Fez entrar Anselmo, que realizou o sonho de uma Nação, a Nação do Flamengo e também quem não era flamenguista, mas que se apaixonava com um time que jogava um futebol maravilhoso, mesmo contra muita violência. Anselmo atendeu ao pedido especial de Carpegiani, entrou no jogo, não procurou a bola, procurou o Mario Soto e deu um soco no Soto. No livro 1981, o ano rubro-negro de Eduardo Mansanto, Zico fala: “O Brasil inteiro queria dar uma porrada no cara por tudo que tinha acontecido. O Anselmo, já entrou, encostou do lado e deu-lhe uma jamantada. O cara arriou! Capotou. Estava terminando o jogo, ninguém viu! A gente só viu depois os caras correndo atrás dele. Por que estão correndo atrás dele? Alguma coisa aconteceu, não é”. Acho que foi justo.

O pedido do Carpegiani, a realização perfeita de Anselmo ficaram na história desse jogo eterno. E quem fica na história do futebol é o Flamengo de 1981, é o Zico, nosso perfeito craque, que mais uma vez brilhava com o Manto Sagrado e fazia do Flamengo, ainda não oficialmente, o melhor time do mundo.

Flamengo 3x0 Liverpool 1981

Crônica #23 publicada originalmente no 13 de dezembro de 2022



Hoje é o dia, pela lei estadual, das embaixadas e dos consulados do Flamengo, um projeto muito lindo, de qual tenho o orgulho de fazer parte com a Fla Paris. E o dia escolhido não é por acaso, no 13 de dezembro de 1981, Flamengo jogava o que é para mim o seu maior jogo da história.

Claro, tem o Milagre de Lima de 2019, com os dois gols de Gabigol. Mas Mundial é Mundial. E era realmente o caso na época, apesar de ser um confronto apenas entre o campeão europeu e o campeão sul-americano, os times dos outros continentes não podiam entrar na conversa. Era o que se fazia do melhor no mundo, principalmente o Flamengo. No 13 de dezembro de 1981, Paulo César Carpegiani escalou Flamengo assim: Raul; Leandro, Marinho, Mozer, Júnior; Andrade, Adílio, Zico; Tita, Lico, Nunes. Um time histórico, o melhor da história, para um jogo eterno, o maior da história.

O Liverpool era o favorito e os jogadores sequer conheciam os jogadores do Flamengo, com exceção de Zico e Júnior. E não era para menosprezar o time, era alguns meses antes da Copa de 1982, Leandro não era titular da Seleção e ainda hoje os jogos do futebol

sul-americano não são retransmitidos nas televisões da Europa. Então imagina em 1981...

Liverpool não menosprezou o Flamengo, ou talvez não, mas riu do Flamengo. Quem escreve agora é Eduardo Monsanto, escritor do livro 1981, o ano rubro-negro: “Carpegiani deu o recado, e antes do aquecimento, houve tempo para um pouco mais de samba à beira do gramado. Figueiredo, Adílio, Peu, Zico, Anselmo e Júnior ainda faziam som quando tiveram o primeiro contato visual com os ingleses, que estranharam ver os adversários cantando e batucando antes do jogo, algo inimaginável na terre de Sua Majestade”. Depois, os jogadores do Flamengo rezaram juntos, e os jogadores do Liverpool riram juntos. Um choque de cultura ainda visível quando europeus não entendem que os jogadores da Seleção comemoram os gols com dança. Mas Zico usou o argumento do rir e reuniu todos os jogadores do Flamengo: “Quem ri por último, ri melhor. Vamos entrar concentrados. Nossa reposta vai ser dada dentro de campo”.

E Flamengo deu a reposta, com juro, bônus, extra e tudo mais. No estádio Nacional de Tóquio, construído para os Jogos Olímpicos de 1964, na frente de 62.000 torcedores, Flamengo abriu o placar com apenas 12 minutos de jogo. Um passe perfeito de Zico, uma finalização perfeita de Nunes. Quando é perfeito, não precisa de outras palavras para dizer que é perfeito. É apenas perfeito. Flamengo 1x0 Liverpool.

Era a primeira reposta, mas ainda faltava os juro. Numa falta de Zico, o goleiro defendeu, mas com dificuldades e não segurou a bola. Adílio foi o mais rápido, o mais determinado, o mais abençoado. Com um detalhe não muito conhecido: Adílio não deixou Rio para Tóquio com o resto da delegação por uma razão simples e importante: estava em lua de mel. Por isso mandou beijos nas arquibancadas para comemorar o gol. Para o livro 1981, o ano rubro-negro, Adílio fala do momento do gol, homenageando o técnico Cláudio Coutinho, que tinha falecido alguns meses antes: “Passou de

tudo pela cabeça! Eu cheguei lá em lua de mel, a resposta para mim era maior. Quando veio o gol, aí foi a realização, missão cumprida! Eu agradei a Deus, era isso que o Coutinho queria que acontecesse. Foi uma causa bem espiritual. Claro que Coutinho estava com a gente! A toda hora, a todo momento. Era desejo dele; ele queria ver isso de perto”.

Cláudio Coutinho foi o técnico tricampeão carioca 1978-1979-1979 Especial e campeão brasileiro 1980. Se o Flamengo jogou tão bem nesse momento, foi graças aos jogadores sim, mas também graças a ele, com liberdade para os laterais, liberdade para o gênio Zico, e ideias de jogo como o overlapping e a polivalência dos jogadores. E acho também que ele teve uma grande influência na tão mítica Seleção de 1982. No 13 de dezembro de 1981, o rubro-negro Cláudio Coutinho estava em paz, e feliz, como milhões de outros rubro-negros.

O capitão inglês Thompson devia marcar o Zico. Ele não fez uma partida ruim, apenas a tarefa era demasiado difícil. Se você dá a missão para alguém de parar o vento, ele tem boas chances de fracassar. Porque no estádio Nacional, Zico voava em campo. Antes do intervalo, Zico fez mais um lançamento perfeito para o Nunes. Galvão Bueno antecipou o gol de quem ele ia chamar o “artilheiro das decisões”, com toda justiça. Flamengo 3x0 Liverpool. “Esse Zico é mesmo infernal, é um jogador de sonho. Estive atrás dele o tempo todo, e mesmo assim ele armou a maior confusão na nossa defesa, com lances absolutamente imperdíveis. É um monstro”, falou Thompson depois do jogo.

O segundo tempo não serviu para muitas coisas. Flamengo levou o pé, Liverpool ficou abaixo do chão. Era tarde demais para Liverpool para rezar, Flamengo podia rir, podia dançar, podia comemorar. É uma das Copas intercontinentais mais marcantes, com o Santos – Benfica de 1962 e o São Paulo – Barcelona de 1992. Porque o Liverpool era gigante na Europa, ganhando 3 das últimas 4 Copas

europeias. Mas o Flamengo era gigante no Rio, no Brasil, na América do Sul, e agora no Japão. Flamengo era o Maior do Mundo.

Depois de ter o melhor clube do mundo, faltava eleger o melhor jogador da partida. Os jornalistas japoneses escolheram Zico com 22 votos, um pouco na frente dos 19 votos para Nunes. Adílio recebeu um voto, e também o goleiro Raul, provavelmente de um jornalista que tinha entendido que precisava eleger quem menos apareceu no jogo. “Fiquei meio frustrado porque não participei do jogo. Só veio uma bola. O Flamengo podia ter jogado sem goleiro, que seria 3 a 1”, explica Raul no livro 20 jogos eternos do Flamengo de Marcos Eduardo Neves.

Zico ganhou do sponsor Toyota um carro Celica zero-quilômetro, e o artilheiro Nunes um Toyota Carina. Os dois ficaram com os carros mas ofereceram para os outros jogadores o valor compartilhado do carro. Era também isso esse Flamengo de 1981, era mais do que 11 jogadores em campo jogando juntos, era a perfeição mais perfeita de um time de futebol.

Internacional 2x3 Flamengo 1982

Crônica #55 publicada originalmente no 23 de abril de 2023



Antes do jogo de hoje, uma volta num jogo de um Flamengo campeão, contra o Internacional, o grande time brasileiro do final da década de 1970. Mas o início da década seguinte era rubro-negro. Flamengo ganhou o Brasileirão 1980, a Libertadores e o Mundo em 1981, e queria mais título em 1982. Um título que quase não veio.

O Brasileirão 1982 começou de maneira tranquila, com 8 grupos de 5 times, onde os três primeiros de cada grupo passavam na segunda fase. Tinha até repescagem para os quartos colocados. Apesar de ter São Paulo no grupo, a primeira fase não foi um problema para Flamengo que ganhou 7 de 8 jogos e cedeu o empate em casa contra Náutico. Zico já estava em grande forma com 9 gols.

A segunda fase do Brasileirão já era mais difícil, com apenas os dois primeiros de grupos de quatro que se classificavam para a terceira fase. E foi ainda mais difícil para Flamengo, que foi no grupo da morte. Tinha o Corinthians de Sócrates e Casagrande, campeão paulista nesse ano, o Atlético Mineiro de Reinaldo e Éder, campeão mineiro nesse ano e finalista do Brasileirão 1980, e o Internacional de Mauro Galvão e Rodrigues Neto, campeão gaúcho nesse ano e campeão brasileiro em 1979. Para dar uma ideia dos outros grupos,

Vasco jogou contra o America de Rio, Operário e Internacional de Santa Maria, Botafogo contra Londrina, São José e Treze, e Fluminense contra Anapolina, Cruzeiro e Moto Clube. O mesmo torneio, mas uma competição completamente diferente.

E o início da segunda fase foi difícil para Flamengo, que começou com um empate contra o Corinthians no Morumbi. Depois venceu o Atlético Mineiro no Maracanã, empatou contra o Internacional, de novo no Maracanã, e perdeu contra o Atlético Mineiro no Mineirão. Quatro jogos e 4 pontos, pressão em cima do Flamengo. O próximo jogo, contra o Inter, no Beira-Rio, era imperdível.

E o pré-jogo começou com uma polêmica. No mesmo dia, Telê Santana anunciou uma das últimas listas de convocações antes da Copa do Mundo. E tinha uma surpresa. Telê chamou Leandro, Júnior, Adílio, Zico, sim, mas não Andrade. Nunca entendi porque Telê não gostava de Andrade. Acho que ele teria sido ótimo na Seleção de 1982 e, apesar de eu considerar Toninho Cerezo como craque também, acho que a história poderia ter sido diferente com Andrade no meio de campo, ao lado de Falcão, Sócrates e Zico. Mas, enfim, Telê não chamou Andrade, e ainda mais constrangido, chamou Vítor, craque também, mas menos craque, e reserva do próprio Andrade no Flamengo.

Até o técnico do Flamengo, Paulo César Carpegiani, tinha suas dúvidas entre Vítor e Andrade, ainda recuperando de uma pancada, na hora de escalar o Flamengo para o jogo decisivo contra o Internacional, mas no 18 de março de 1982, ele foi assim: Raul; Leandro, Marinho, Mozer, Júnior; Andrade, Adílio, Zico; Tita, Anselmo, Lico. Vantagem para Andrade e, no Beira-Rio, para Flamengo. Com 23 minutos de jogo, Flamengo recuperou a bola no campo do Inter com o esforço combinado de Leandro e Júnior. Os dois craques laterais ainda tabelaram antes de Júnior lançar a bola no peito de Adílio, que dominou e achou Zico com um olhar de craque e

um toque rápido. Zico chutou, Gilmar Rinaldi defendeu, mas em seguida, Zico abriu o placar de cabeça.

O Flamengo estava bem, mas ainda no primeiro tempo, o Inter empatou, com gol de cabeça de Mauro Pastor, chamado assim porque era evangélico. E no segundo tempo, o Inter virou, com gol de cabeça de Geraldo, sozinho na grande área. Agora o Flamengo estava mal, quase eliminado do Brasileirão 1982. Pior ainda, Flamengo jogava sem Andrade, que teve que ser substituído no intervalo. Entrou no seu lugar... Vítor.

Num contra-ataque, Lico entrou na grande área, fixou um zagueiro, deixou para Adílio, para Zico, com o olhar do craque e o toque rápido, para Reinaldo, que tinha entrado no lugar de Anselmo. Com força, Reinaldo empatou de trivela. Melhor para o Flamengo, mas o empate ainda deixava a situação complicadíssima para passar na terceira fase.

E no minuto 42 do segundo tempo, o milagre. Adílio de novo, para Vítor, no meio de campo. Para Zico, já na direção do gol, que abriu na esquerda para Tita, um lance similar ao segundo gol. Tita na grande área para Vítor, que dominou de pé direito e chutou cruzado de pé esquerdo. O chute, bem colocado, foi nas redes coloradas. Flamengo contra-virou, com um gol do recém-convocado e reserva de sempre, Vítor. Nessa hora, vantagem para Telê e vantagem para Flamengo, que seguia vivo no Brasileirão com essa vitória no Beira-Rio, onde ainda não tinha ganho em 4 jogos no Brasileirão.

No final, Vítor foi titular na Seleção para o amistoso contra a Alemanha, vencido 1x0 com golão de Júnior. Vítor não foi chamado para a Copa, Andrade também não, e o Brasil não foi campeão. Mas Flamengo foi bicampeão brasileiro em 1982, com durante a campanha um gol não muito conhecido, mas um dos gols mais importantes da história do Flamengo, o gol do reserva Vítor contra o Internacional.

Flamengo 7x1 Rio Negro 1983

Crônica #71 publicada originalmente no 14 de junho de 2023



Com a pausa internacional, eu vou de um jogo contra um time que não deveria jogar no Brasileirão antes de um bom momento, Rio Negro, time de Manaus, que até foi rebaixado da primeira divisão do campeonato amazonense. Mas faz agora 40 anos que conquistamos o Brasileirão 1983, com um time histórico, e vale a pena falar sobre um jogo da conquista.

Flamengo começou o Brasileirão de 1983 com fechou: com vitória sobre Santos no Maracanã. Depois, empatou contra Moto Club e Rio Negro, venceu Paysandu e Moto Club. Precisava da vitória contra Rio Negro no Maracanã e seus 25.181 torcedores. Uma afluência pequena por causa do Carnaval no mesmo fim de semana. Mas Flamengo deu outro carnaval.

No 20 de fevereiro de 1983, o técnico Paulo César Carpegiani escalou Flamengo assim: Raul Plassmann; Cocada, Leandro, Marinho, Júnior; Andrade, Adílio, Zico; Júlio César Barbosa, Robertinho, Baltazar. Um time histórico, mas perto do desfecho, com a venda de Zico alguns meses depois.

Curiosidade do jogo é que Flamengo tomou o primeiro gol da partida, uma jogada bem executada e concluída pelo Aluísio Guerreiro. Mas o gol acordou um gigante, que empatou no final do primeiro tempo, com um cruzamento alto de Robertinho e uma cabeçada de Adílio. A geral, único setor cheio do Maracanã, estava feliz, mas ia ver ainda muito mais gols. Ainda no primeiro tempo, Flamengo virou, com uma jogada digna do Flamengo de 1978-1983, toques de efeito, passes curtos e precisos, finalização certa. Andrade com um passe na frente para Júlio César, de trivela para o domínio de Joelinho de Baltazar, e sem deixar a bola cair, de novo de trivela para Robertinho, chegando em velocidade, chutando forte, virando o jogo.

E Flamengo fez o terceiro em apenas 4 minutos, Zico na velocidade e na direção do gol, de trivela para Baltazar, que dominou e girou, tentando achar de novo Zico na profundidade. Goleiro demorou muito a sair e quem aproveitou foi Leandro, para fazer o terceiro do Flamengo. A geral bem feliz, só precisava esperar 15 minutos para ver mais gols. Quinze minutos ou um pouco mais, o quarto gol só chegou na segunda metade do segundo tempo. Baltazar para Zico, que recebeu de costas, mas já no domínio estava na frente do gol. Um domínio de um autêntico craque, que precisa ser visto mais de uma vez para ser plenamente entendido, plenamente avaliado. Na continuidade da jogada, um carinho para fazer o quarto gol do Flamengo de bico. Numa goleada assim, não podia faltar o gol de Zico.

E o quinto gol chegou cinco minutos depois, com bola longa de Andrade, falha da zaga do Rio Negro, passe atrás de Júnior, gol de Baltazar. O Baltazar não conseguiu substituir plenamente o ídolo Nunes, mas ele fez jogos muito bons com o Manto Sagrado. Final do jogo pertence ao jogador menos conhecido do time, o lateral-direito Cocada, que fez apenas 9 jogos com Flamengo. Irmão do ídolo são-paulino Müller, Cocada aproveitou de um chute de Baltazar mal defendido pelo goleiro para fazer de cabeça seu primeiro gol no Flamengo. E no final do jogo, uma dupla tabelinha entre Zico e

Elder, um drible de Zico e um passe atrás. Cocada chegou firme, chutou forte, fez o dobrete.

No final, uma goleada 7x1, a maior da campanha vitoriosa do Brasileirão de 1983, e mais um carnaval no Rio de Janeiro.

Flamengo 2x0 Goiás 1983

Crônica #60 publicada originalmente no 10 de maio de 2023



Antes do jogo de hoje, uma lembrança do primeiro Flamengo x Goiás no Brasileirão, em 1983, um ano histórico, um ano de Flamengo campeão. No Brasileirão de 1983, com 44 times, Flamengo passou da primeira fase atrás do Santos e da segunda fase atrás do Palmeiras. E a terceira fase, num grupo com Corinthians, Guarani e Goiás, onde os dois primeiros passavam nas quartas de final, começou justamente com esse jogo contra Goiás.

Antes do jogo contra Goiás, Flamengo jogou duas vezes na Copa Libertadores na altitude da Bolívia, com um empate contra Blooming e uma derrota contra Bolívar. Flamengo tinha três pontos a menos do que Grêmio, e com apenas o primeiro a se classificar na semifinal, Flamengo estava quase eliminado. Flamengo precisava de uma reação, precisava ganhar o Brasileirão.

No 11 de abril de 1983, uma segunda-feira, apenas 21.535 espectadores no Maracanã para o jogo entre Flamengo e Goiás. Um dia antes, o Corinthians e Guarani tinham ficado no empate, e Flamengo já podia fazer uma pequena diferença. Carlinhos, que dirigiu muitos jogos eternizados nesse blog, escalou Flamengo assim: Raul; Leandro, Marinho, Mozer, Júnior; Vitor Silva, Adílio, Zico;

Elder, Robertinho, Baltazar. No time de Goiás, um grande nome, Dario, o Dadá Maravilha, que jogou no Flamengo dez anos antes.

Com 21 minutos, um golaço do Flamengo, uma jogada que como muitas vezes, partiu dos pés de Leandro no lado direito. Para mostrar a beleza do gol, vale apenas citar os nomes dos jogadores que tocaram na bola: Leandro, Baltazar, Leandro, Adílio, Elder, Baltazar, Adílio, Robertinho. Um golaço coletivo incrível, com finalização perfeita de Robertinho, na gaveta do gol de Edison. Acho que o Flamengo 1978-1983, com as Seleções brasileiras de 1970 e 1982, é minha definição máxima do futebol. Claro, teve outros times, como o Real de Di Stéfano, o Santos de Pelé, o Ajax de Cruyff, o Milan de van Basten, o Barça de Messi, o Real de Cristiano. Mas pelos movimentos coletivos, a maneira de jogar na frente, com passes curtos, toques rápidos, dribles bonitos, o jeito complicadíssimo de jogar simples, o Flamengo 1978-1983 era muito especial. E claro, tinha Zico.

E Zico foi o autor do segundo gol do jogo contra Goiás. Jogada começou nos pés de Adílio, uma tabelinha com Zico, um drible de Adílio no goleiro, um chute na trave. A bola voltou nos pés de Baltazar, que não conseguiu fazer o gol, voltou nos pés de Zico, que conseguiu fazer o gol. Flamengo 2x0, uma vitória tranquila para estreiar na terceira fase do terceiro título do Brasileirão do Flamengo.

Flamengo 5x1 Corinthians 1983

Crônica #16 publicada originalmente no 2 de novembro de 2022



O último jogo entre Flamengo e Corinthians no Maracanã foi um jogo eterno, com o tetra na Copa do Brasil. O jogo de hoje também vai ser eterno, com a recepção dos tricampeões da Libertadores. Vamos então de um outro jogo eterno, também num ano histórico, em 1983.

Na primeira fase do Brasileirão 1983, Flamengo ficou no segundo lugar, atrás do outro finalista daquele Brasileirão, Santos. Na segunda fase, ficou de novo no segundo lugar, de novo atrás de um time paulista, Palmeiras. Eram muitas fases, três antes das quartas de final, muitos times, 44, muitos grupos, até a letra T! O grupo T era justamente o do Flamengo na terceira fase, com Goiás e outros dois times paulistas, Guarani e Corinthians.

Flamengo começou o grupo T com vitória contra Goiás no Maracanã, gols de Robertinho e Zico. Depois, empatou por 0x0 contra Guarani no Brinco de Ouro. Zico estava nos momentos finais de sua primeira passagem no Flamengo, sem ninguém saber. No 17 de abril de 1983, o Rei Arthur estava em campo, o saudoso Carlos Alberto Torres escalando Flamengo assim: Raul; Leandro, Marinho, Mozer, Júnior; Vitor, Adílio, Zico; Júlio César, Elder, Baltazar. Um time cheio de

craques e o Corinthians, bicampeão paulista em 1982 e 1983, também estava bem de craques, com Emerson Leão, Wladimir, Zenon e Sócrates para o jogo no Maracanã, com 91.120 presentes.

O Corinthians começou melhor, com uma cabeçada de Sócrates, que não foi no gol só graças a intervenção de Júnior na linha do gol. Depois, Zenon bateu uma falta no travessão de Raul, que ficou só olhando. Num contra-ataque, Vidotti bateu, mas Raul fez a defesa. Corinthians não fazia o gol, Flamengo fez. O cruzamento do pé direito de Leandro foi bloqueado, a bola voltou no Leandro, que cruzou com o pé esquerdo. Julio César Barbosa, a não confundir com o craque Júlio César Uri Geller que vestiu o Manto Sagrado algumas temporadas antes, fez uma autentica jogada de craque, um desvio de calcanhar para Zico, que não teve dificuldades para fazer o gol. Flamengo 1x0 e era só o início.

Antes do fim do primeiro tempo, uma falta para o Flamengo. Todo mundo já sabe o que vai acontecer. Zico bateu e fez o gol, com um rebote mortal para o Leão. Flamengo 2x0 Corinthians. No início do segundo tempo, um golaço, bem ao estilo desse Flamengo 1978-1983. Uma falta provocada pelo Leandro depois de um drible curto, no campo do Flamengo. Zico jogou rápido, no outro lado, o esquerdo, para o desvio de cabeça de Júnior. Bola para Adílio, que matou no peito, achou Elder, que matou no peito, achou Baltazar. Baltazar, um giro, um segundo giro, um Wladimir meio perdido, um cruzamento. De cabeça, Adílio completou o golaço coletivo. Flamengo 3x0 Corinthians.

O jogo foi um pouco mais equilibrado depois, mas Adílio quase fez o quarto. Num escanteio, Zico cruzou para Mozer, que cabeceou, deixando Emerson Leão sem reação. Flamengo 4x0. Virava goleada. Depois, Zico recebeu a bola, e como tinha feito três minutos antes, dominou com a sola do pé, uma pisada digna dos melhores jogadores de futsal. Assim, o craque podia esperar a pressão dos adversários, podia ver os movimentos dos companheiros. Magicamente,

perfeitamente, O Galinho achou Elder na profundidade, que conseguiu fazer um drible de vaca sobre o pobre Emerson Leão, batido pela quinta vez no jogo. Flamengo 5x0 Corinthians, virava uma goleada humilhante.

No fim do jogo, outro craque, Sócrates, fez o gol de honra para os corintianos, mas mesma assim foi um jogo eterno, a maior goleada em favor do Flamengo no Clássico do Povo. Com uma atuação mágica de Zico, que fez dois gols no primeiro tempo e deu duas assistências no segundo tempo, o povo do Brasil estava feliz.

Flamengo 1x1 Fluminense 1985

Crônica #29 publicada originalmente no 11 de janeiro de 2023



Ainda não falei muito nesse blog sobre Leandro, para mim o segundo maior ídolo do Flamengo. Recentemente, escrevi um pouco sobre ele, na crônica sobre o time histórico de 1983, onde ele fez gol na final do Brasileirão contra Santos. No livro 6x Mengão de Paschoal Ambrosio Filho, Leandro falou: “Nunca fui de fazer muitos gols, mas o Zico me dizia que, quando eu marcava, era sempre um gol importante. Foi o caso deste dia”. Vamos então de um outro dia importante, o 11 de dezembro de 1985, contra Fluminense.

O jogo foi a estreia no triangular final do campeonato carioca. Fluminense era bicampeão, e Flamengo bi vice-campeão. Acontece também para o nosso Mengo. Flamengo queria o título carioca, que não vinha desde 1981. Uma anomalia para um time cheio de craques. Até Zico tinha voltado ao time, mas estava fora do jogo, por causa de uma entrada criminosa do Márcio Nunes, jogador do Bangu. No 11 de dezembro de 1985, Sebastião Lazoni escalou o Flamengo assim: Cantarele, Jorginho, Leandro, Mozer, Adalberto; Andrade, Adílio, Waltinho; Chiquinho, Marquinho, Bebeto. Um time de craques, só faltava Zico para liderar o time.

Flamengo dominou o jogo, mas no fim do primeiro tempo, Washington abriu o placar para Fluminense com um gol de cabeça. Flamengo sofreu muito com o Casal 20, a dupla Assis – Washington, nos triangulares finais do campeonato carioca em meado dos anos 1980. Flamengo estava fora do título, até o último minuto, até o brilho de Leandro.

Leandro é o maior lateral-direito da história do Flamengo. E os flamenguistas consideram Leandro como o maior lateral-direito da história, não só do Flamengo claro, mas do futebol mundial. Tem candidatos já no Brasil: Djalma Santos, Carlos Alberto, Cafu, Dani Alves. Todos com ótimos argumentos, mas a meu ver, Leandro, de uma maneira geral, supera todos. No mundo, ainda tem Javier Zanetti ou Philipp Lahm. Leandro supera eles também. Leandro é criminosamente esquecido nesse debate do maior lateral-direito, no mundo e até no Brasil. Não posso explicar isso mais em detalhes porque não tem explicação.

Leandro não foi apenas o maior lateral-direito da história do Flamengo, também foi um dos maiores zagueiros da história do clube rubro-negro. Na segunda parte da carreira, brilhou na zaga, com a mesma classe, a mesma técnica, a mesma eficiência de sempre. E brilhou no triangular final de 1985, com um chute de 30 metros, um chute poderoso e preciso, um dos gols mais bonitos da história do Flamengo. Salvou o Flamengo, que infelizmente perdeu no jogo seguinte contra Bangu, com Márcio Nunes, sem Zico. Fluminense ficou com o tricampeonato.

Um final infeliz, mas valia a lembrança para o golaço de Leandro, um dos maiores nomes da história do Flamengo e do futebol mundial.

Flamengo 4x1 Fluminense 1986

Crônica #43 publicada originalmente no 8 de março de 2023



Para a semana do aniversário de Zico e o Fla-Flu de hoje, vamos relembrar de um Fla-Flu histórico e um dos maiores jogos do Zico com o Manto Sagrado. Hoje, um Fla-Flu para fechar a Taça Guanabara. Em 1986, um Fla-Flu para estreiar na Taça Guanabara e no campeonato carioca.

No 16 de fevereiro de 1986, para um Fla-Flu histórico, o técnico Sebastião Lazaroni escalou Flamengo assim: Cantarele; Jorginho, Leandro, Mozer, Adalberto; Andrade, Adílio, Sócrates, Zico; Chiquinho, Bebeto. Inclusive, foi o único jogo de Zico e Sócrates juntos no Flamengo. Uma pena, que uma dupla assim que brilhou tanto com a Seleção, jogou tão pouco com o Manto Sagrado. Mas os dois foram vítimas de lesões, foram convocados com a Seleção e não teve tempo de jogar mais juntos. Foi um Fla-Flu só, um Fla-Flu eterno, onde o Fluminense, tricampeão carioca entre 1983 e 1985, tinha também grandes nomes, como Ricardo Gomes, Branco e Romerito.

Flamengo entrou em campo na frente de 84.303 presentes e a torcida do Fluminense provocou Zico: “bichado, bichado”. Desde o 29 de agosto de 1985 e o atentado de Márcio Nunes, Zico tinha dificuldade

para voltar ao seu melhor nível, até para voltar apenas em condições de jogo. Na verdade, a reputação de bichado começou antes de 1985, e saiu do próprio presidente do Flamengo, Antônio Augusto Dunshee de Abranches, que vendeu Zico em 1983, alegando que “ele estava bichado, a verdade é essa. Zico jamais será o mesmo. Ele era o arco e a flecha. Armava e voava para finalizar. Agora, no máximo, poderá armar”. Zico foi vendido, voltou no Flamengo, foi machucado, foi operado, foi machucado de novo, voltou ao campo.

Zico voltou de maneira oficial nesse 16 de fevereiro eterno, num Flamengo reforçado por um outro craque da Seleção de 1982, Sócrates. Mas quem brilhou nesse dia foi o próprio Zico. E brilhou com poucos minutos. Apenas dez, como o número da camisa eterna. E Zico foi o arco e a flecha. Armou a jogada para Bebeto, Alexandre Torres cortou mas a bola foi nos pés de Adílio, que cruzou desde a esquerda. A flecha Zico cabeceou e fez seu gol 15 num Fla-Flu. Já não tinha mais canto de bichado, só a torcida do Flamengo que cantava “Zico, Zico”.

Alguns minutos depois, uma advertência. Uma falta sensacional de Zico no travessão de Paulo Vitor. Fluminense impedia no momento um novo gol de Zico e empatou um pouco antes do intervalo com um pênalti de Leomir. Zico brilhou muito no primeiro tempo, errando quase nada, mas ia brilhar ainda mais no segundo tempo.

Com 3 minutos de jogo no segundo tempo, Zico deu um passe sensacional atrás para Sócrates, que abriu na esquerda, Adílio achou Bebeto, que não conseguiu finalizar. Depois, mais uma advertência de Zico. Uma finta com a perna direita suspendida no ar, e um chute, no meio de gol, sem problema para Paulo Vitor. O arco Zico voltou em ação, com um passe sensacional de calcanhar para Adalberto, que parou no goleiro tricolor. No momento, jogo ficava no empate.

E depois, a obra arte de Zico, uma falta perto da grande área, uma falta perfeita, na gaveta de um Paulo Vitor que só olhou. A

comemoração é icônica também, Zico, de braços para o céu, num Maracanã cheio de lenços brancos para homenagear mais uma vez a genialidade de Zico. Nosso Rei não precisava desse jogo para ser eternizado no Flamengo, mas mais uma vez, ele provou a existência de Deus, apenas com essa falta. Já sem o contexto, é uma das faltas do Zico que gosto mais, a curva é sensacional. Agora com o contexto, vira uma divindade. Depois, com outra ginga, Zico quase fez o terceiro dele no jogo, mas Paulo Vitor defendeu.

A torcida do Flamengo cantou, cantou forte, cantou bonito. E Flamengo fez mais um gol, agora sem a participação de seu maior jogador, do dia e da história. Chiquinho para Sócrates, de novo para Chiquinho, em seguida para Bebeto, que fazia nesse dia seu 22º aniversário, e com uma bola no fundo das redes, quase matava o jogo. E o jogo acabou com mais um gol de Zico, de pênalti, que fazia assim seu gol 700 na sua carreira. Números surreais para um jogador fora de série. E o juiz apitou o fim do jogo com a bola nos pés de Zico, que fez nesse dia uma das suas partidas mais memoráveis de uma carreira de ouro. De novo, falta palavras para descrever o gênio do Nosso Rei. Quem ficava também sem palavra era a torcida do Fluminense, que não podia engolir o próprio canto de “bichado” no início do jogo.

Quem também não falou nada foi o próprio Zico, demonstrando mais uma vez a mesma classe em campo e fora do campo. No livro Zico: 50 anos de futebol, de Roberto Assaf e Roger Garcia, Zico voltou a falar desse jogo eterno: “Foi duro ouvir a torcida do Fluminense me chamando de bichado antes do jogo. Mas não fiquei com raiva da torcida deles. O problema é que quando fui vendido para a Udinese o Antônio Augusto, numa festa em que estava meio alegre, jogou a merda no ventilador. E para justificar a minha saída do clube disse que eu estava bichado. Ainda bem que Deus me ajudou naquele dia. Acho que foi um jogo em que não consegui errar nenhuma jogada. Dava tudo certo... bicicleta, passe de calcanhar, tudo, tudo... Eu não sei como a torcida do Fluminense deve ter voltado para casa. Mas eu

não abri meu braço, minha boca, não fiz nada, fiz os gols, fui sempre para a torcida do Flamengo, para a torcida do Fluminense eu não disse um aí para ela”. Ah Zico, você nos deu tanta alegria e tanto orgulho de ser flamenguista...

Coritiba 2x2 Flamengo 1988

Crônica #17 publicada originalmente no 6 de novembro de 2022



Antes de um dos últimos jogos do ano, vamos relembrar de um jogo entre Coritiba e Flamengo, de 1988. Por uma vez, o campeonato brasileiro, depois do muito polêmico de 1987, era relativamente simples. Duas fases, dois grupos, dois classificados por grupo para as quartas de final. Mas CBF é CBF e tinha que fazer alguma coisa esquisita. O jogo valia agora 3 pontos e não mais 2 pontos. O jogo sim, e não a vitória. A vitória valia 3 pontos sim, mas em caso de empate, tinha uma disputa de penalidades para obter um ponto bônus!

Flamengo perdeu sua primeira disputa de penalidades no campeonato, contra Santa Cruz, mas depois ganhou três em seguida, contra Botafogo, Grêmio, Cruzeiro, aquela um jogo antes da partida contra Coritiba. O jogo contra Coritiba era o último da primeira fase, Flamengo já sem chance de se classificar. No Couto Pereira, para um público de 45.458 torcedores, Flamengo foi escalado assim: Zé Carlos; Xande, Rogério, Darío Pereyra, Leonardo; Delacir, Luvonor, Zinho, Zico; Sérgio Araújo, Bebeto. Um time com craques, como o veterano uruguaio Darío Pereyra atrás, Zico no meio e Bebeto na frente, e jogadores mais desconhecidos. Técnico também era craque, Telê Santana, que chegou no Mengão duas semanas antes.

No Coritiba, treinado pelo Valdir Espinosa, que passou pouco tempo depois no Flamengo, o craque era Tostão e tinha o japonês Kazu Miura, inspiração para o mangá Captain Tsubasa. Detalhe, com agora 55 anos, Kazu ainda está jogando num nível profissional no Japão! No 9 de novembro de 1988, Flamengo começou melhor mas levou o primeiro gol, marcado por Osvaldo, com 32 minutos de jogo. Flamengo reagiu rapidamente, com Zico mais uma vez. O toque de calcanhar foi bloqueado pelo zagueiro Everaldo, mas Zico não desistiu e empatou de pé esquerdo.

No segundo tempo, Xande cruzou e Bebeto fez o gol da virada. Zico e Bebeto faziam os gols, uma dupla que foi pura magia para o Flamengo em 1987. Coritiba voltou bem no jogo, e depois de uma bola na trave, fez o gol do 2x2 com Tostão. Empate no final, o que não existia em 1988. O herói da disputa de penalidades foi o goleiro de Coritiba, Rafael, que fez defesas nas tentativas de Zico e Luvonor, e fez o dele, no contrapé de Zé Carlos. Bebeto e Leonardo fizeram para o Mengo, mas no fim, Zinho achou o travessão e Coritiba ganhou o ponto bônus. Pelo menos, hoje, também num jogo sem importância, não teria disputa de penalidades.

Toronto Blizzard 0x2 Flamengo 1989

Crônica #78 publicada originalmente no 7 de julho de 2023



Hoje é meu aniversário, 7 de julho, dia do primeiro Fla-Flu, dia da estreia de Pelé com a Seleção brasileira. Também dia de um Flamengo x Toronto, para a comemoração do Dia do Canadá, celebrado no 1º de julho. Alguns dias depois, Toronto Blizzard recebeu Flamengo para a “Canada Day Cup” no estádio Varsity.

No 7 de julho de 1989, três anos antes de meu nascimento, o saudoso Telê Santana escalou Flamengo assim: Cantarele; Leandro Silva, Márcio Rossini, Rogério, Leonardo; Ailton, Renato Carioca, Zinho, Zico; Alcindo, Nando. Um time muito bom, com o maior de todos, Zico, 36 anos na época, mas um craque sempre é um craque. Antes do jogo, o narrador do jogo falou sobre Zico: “He can still play, if he gets a free kick outside the box, watch out tonight folks, he can score from anywhere”. Tradução livre: “Ele ainda pode jogar, se ele tem uma falta fora da área, cuidado hoje amigos, ele pode fazer o gol de qualquer lugar”. E não é só de falta que Zico pode brincar de qualquer lugar do campo.

Flamengo abriu o placar com uma grande jogada de Zinho, que iniciou a jogada driblando dois jogadores e depois de uma

triangulação, recebeu de volta, fez um passe perfeito na profundidade para Nando, que driblou o goleiro e fez o gol.

Mas essa crônica não é muito sobre meu aniversário ou sobre o Canada Day, mas sim, sobre Zico, sobre seu eterno talento. Ainda no primeiro tempo, Zico recebeu a bola na direita e esperou o momento certo para dar uma caneta num defensor sem recurso. Zico evitou o carrinho de um segundo defensor, passou por um terceiro, passou por um quarto, e antes da chegada do quinto jogador, chutou de pé esquerdo, fez o gol, fez o golaço. Claro, o nível do time adversário é de dúvida, mas o nível de Zico, 36 anos ou não, no Brasil ou no Canadá, não. Zico é craque para a eternidade e um de seus últimos gols com o Manto Sagrado foi um golaço, contra Toronto, no dia de meu aniversário.

Fluminense 0x5 Flamengo 1989

Crônica #3 publicada originalmente no 18 de setembro de 2022



“Ganhar Fla-Flu é normal” cantam os torcedores tricolores. Verdade que eles ganharam o primeiro Fla x Flu, no 7 de julho de 1912. Inclusive, dia de meu aniversário. Verdade também que eles ganharam muitas decisões contra o Flamengo, embora algumas não sejam verdadeiras decisões, embora perderam as últimas. Verdade também que quando os dois clubes unificaram as estatísticas dos jogos, para o Fla x Flu 431 do 14 de março de 2021, Flamengo estava na frente: 158 vitórias do Fla, 139 empates, 133 do Flu.

Eu acho que ganhar um Fla-Flu nunca será normal. Fla-Flu é sempre especial. É meu clássico favorito no futebol. Apesar de a rivalidade ser maior com o Vasco, o Fla-Flu é diferente, mais charmoso. O peso da história é maior, como foi o caso em 1936, 1941, 1973, 1984, 1995 e 2022 para Flu, como foi o caso em 1963, 1972, 1991, 2017, 2020 e 2021 para Fla. E em tantos outros jogos em mais de 100 anos de história, em mais de 400 Fla-Flus. Como foi o caso em 1989.

Dia era o 2 de dezembro de 1989. Inclusive, dia do aniversário de meu pai. Um jogo qualquer do Brasileirão, os dois times não tinham nada mais a jogar, nada a ganhar, nada a perder, nada a esperar, nada a tremer. Mas Fla-Flu nunca será normal, sempre será especial. Ainda

mais quando o jogo marca a despedida do Rei Arthur, do Deus Zico. Começou como profissional contra Vasco em 1971, e dezoito anos depois, acabava seu reino contra Fluminense.

Zico merece um capítulo a parte nesse blog, de tantas coisas incríveis que ele fez. Talvez sua maior façanha foi de dar aos flamenguistas um sentimento eterno de orgulho. Talvez é a ligação mais forte entre um jogador e um clube no futebol brasileiro. Com certeza, Zico será para sempre o maior ídolo do Flamengo. Com certeza, Zico não podia deixar de brilhar no seu último jogo, no seu último Fla-Flu.

Último jogo de Zico merecia o Maracanã. Mas o mandante era Fluminense e mandou o jogo em Juiz de Fora, no estádio Mário Helênio, inaugurado um ano antes. O técnico Valdir Espinosa escalou Flamengo assim: Zé Carlos; Josimar, Rogério, Júnior, Leonardo; Aílton, Luís Carlos, Bujica, Zinho, Zico; Renato Gaúcho. Um misto de gerações e um ídolo máximo, Zico. Com 20 minutos de jogo, deixou a bola entre as pernas de Donizete, que impediu a continuação da jogada com uma falta. Não impediu o perigo. Falta de 30 metros, bem no centro, com Zico como batedor, é muito perigo. Três passos e bola na gaveta.

No seu último jogo, Zico fazia mais um gol de falta com o Manto Sagrado, o 47º dele, número impensável nos dias de hoje, ainda mais no Flamengo, que ficou num jejum de três anos sem gol de falta. Um último golaço, de marca registrada. “Zico, Zico, Zico” canta o estádio. Mas Zico é muito mais do que os gols de falta. É os chutes bem colocados ou rasteiros, os golaços de cabeça ou de bicicleta, os dribles desconcertantes e precisos, a visão de jogo, a qualidade do passe. Maior artilheiro do Flamengo com 509 gols, Zico era camisa 10, organizador do time, dava presentes para os companheiros.

No início do segundo tempo, duas embaixadinhas e um lançamento de gênio. Só um gênio pode fazer um passe assim. Um passe para outro gênio, Renato Gaúcho, que corta com um drible e chute com

força. Outro golaço. “Ei, ei, ei, Zico é o nosso rei” canta o estádio. Zico podia ceder seu lugar ao Uidemar, era seu último jogo com o Flamengo. Tudo tem um fim, menos o amor do Flamengo para Zico e o amor do Zico para o Flamengo.

Para GloboEsporte, falou Moacyr Toledo, um dos administradores do estádio: “Entre os vários jogos que foram realizados aqui no Mário Helênio, sem dúvida essa partida foi uma das mais marcantes. E olha que eu já vi muita coisa ao longo desses anos. Receber um craque como Zico, para uma partida que representou tanto para ele e para o futebol brasileiro, foi um privilégio”.

Foi um privilégio sim, como falou bem o bem nomeado Milagres, goleiro reserva do Flamengo durante o jogo, e natural de Juiz de Fora: “Eu não diria que o Zico é um grande ídolo do Flamengo. Ele é um grande ídolo mundial, e supera qualquer preferência por clubes. Pra mim, foi uma honra participar desse momento, com a camisa rubro-negra e na minha cidade. Um jogo memorável para todos que lá estiveram”.

Fim do jogo não tinha mais importância, mas foi importante. Teve outros gols, outros golaços, de Luiz Carlos, Uidemar e Bijuca. E teve vitória do Flamengo de 5x0. O último jogo do Zico no Flamengo, o jogo 732, merecia um Fla-Flu e merecia uma goleada. Ainda hoje, Zico é o maior artilheiro do Fla-Flu com 19 gols. Para sempre, Zico é o maior ídolo do Flamengo.

Flamengo 5x1 Capelense 1990

Crônica #52 publicada originalmente no 13 de abril de 2023



Flamengo estreia hoje numa nova competição, a Copa do Brasil, contra Maringá, time do Paraná. Para dar sorte, vamos relembrar uma estreia de uma outra Copa do Brasil que deu certo, o primeiro título do clube na competição, em 1990, um ano após o início da Copa do Brasil.

No 21 de junho de 1990, em plena Copa do Mundo, um dia após a vitória do Brasil contra a Escócia, Flamengo estreou na Copa do Brasil contra Capelense, time do Alagoas. No estádio da Moça Bonita de Bangu, na frente de apenas 187 espectadores, menor público de toda a história do Flamengo, Jair Pereira escalou Flamengo assim: Zé Carlos Paulista; Zanata, Vitor Hugo, Fernando, Leonardo; André Cruz, Aílton, Djalminha, Alcindo, Zinho; Gaúcho.

Num escanteio da esquerda, o saudoso Gaúcho abriu o placar. Mas Capelense fez surpresa e empatou com gol de falta de Norinho. Zinho até teve medo de Capelense virar Camarões, que tinha vencido a Argentina de Maradona, campeã mundial, na estreia da Copa do Mundo alguns dias antes.

Mas Flamengo fritou o Capelense no segundo tempo, com mais 2 gols de Gaúcho, e gols dos laterais, Leonardo e Zanata. Sem muito mais detalhes, deixo aqui a matéria sensacional de Márcio Canuto.

Flamengo 5x3 America 1991

Crônica #27 publicada originalmente no 8 de janeiro de 2023



Com o ano novo e a aproximação do reinício do campeonato carioca, vamos de um jogo de um campeonato carioca, o de 1991, contra o time que não joga mais na elite do futebol carioca, mas um time histórico do Rio, o America da rua Campo Sales.

Em 1991, o jogo foi no Maracanã, justamente para a estreia do campeonato carioca daquele ano. No 14 de agosto de 1991, para um pequeno publico de 3.506 pagantes, Vanderlei Luxemburgo escalou o Flamengo assim: Gilmar; Fabinho, Wilson Gottardo, Rogério, Pia; Júnior, Marquinhos, Zinho, Marcelinho; Paulo Nunes, Gaúcho. Um time com veteranos, promessas e muitos craques. Um time digno do Flamengo.

E o Flamengo não esperou muito para brilhar no campeonato carioca 1991. Com apenas três minutos, numa falta, Júnior achou a gaveta do goleiro, de pé direito. Já escrevi isso na crônica sobre nosso ídolo Júnior, mas me impressiona a categoria de Júnior com os dois pés, parece que o pé direito é igual ao pé esquerdo, dois pés de um craque só, que nem sabe com qual perna joga melhor. Nesse jogo contra o America, começou a brilhar de pé direito. Flamengo deixou America igualar ao placar e no intervalo, era um decepcionante 1x1 para a

pouca torcida presente no Maracanã. No segundo tempo, será bem melhor.

De novo no início do tempo, Pia cruzou para Marcelinho, para o gol do 2x1. De novo, America empatou, com erro grosseiro de Rogério, que tentou cabecear para o goleiro Gilmar. E o America até virou, com Nando sendo mais rápido do que Gilmar. Mas boas coisas iam acontecer no segundo tempo para o Flamengo, que empatou com assistência de Júnior e gol de Gaúcho.

E no fim do jogo, o saudoso Gaúcho provocou um pênalti. E provocou a fúria dos jogadores do America contra o juiz Jorge Emiliano. Outros tempos do futebol, o Gaúcho, não nosso Gaúcho rubro-negro mas um outro jogador do America, até agrediu o juiz. O America ficou com apenas oito jogadores em campo, e o próprio Gaúcho, nosso ídolo rubro-negro, fez o pênalti depois de uma meia-hora de paralisação do jogo, de ameaças da diretoria do America de retirar o time do campo, de ameaças do juiz de expulsar todo mundo. Tudo isso na frente das câmeras. Realmente, outros tempos do futebol.

Com ampla vantagem numérica, Flamengo fez mais um gol, Djalminha definindo um placar de 5x3 para o Mengo. No fim, o presidente do America falou de uma vergonha do futebol brasileiro, para um clássico histórico do futebol carioca, ainda furioso com a marcação de um pênalti que para mim, mesmo clubismo a parte, me parecia legítimo. Enfim, o Flamengo estreava com o pé direito no campeonato carioca, um campeonato onde o Flamengo ia perder apenas um jogo, e ia conquistar depois de uma final emocionante contra o Fluminense, de novo com a maestria de Júnior.

Flamengo 2x1 Botafogo 1991

Crônica #40 publicada originalmente no 25 de fevereiro de 2023



Eu sempre fui um grande fã do campeonato carioca, um dos melhores do mundo durante muitas décadas. Nos anos 1990, o nível caiu, mas ainda era o campeonato raiz. Eternizei aqui um 5x3 contra o America, também em 1991, também com elementos raízes do futebol carioca. E o jogo contra Botafogo, também em 1991, também respira a alma do futebol carioca.

Era o último jogo da Taça Guanabara, o primeiro turno do campeonato carioca. Botafogo, ainda invicto, sonhava com o título, com 16 pontos. Flamengo, com 15 pontos, também podia ser o campeão. Mas o líder era Fluminense, com 17 pontos e que jogava nas Laranjeiras contra o America. Futebol raiz.

Flamengo vinha de um jejum contra o Botafogo no campeonato carioca. Nas edições de 1988 e 1989, foram 5 empates seguidos e no jogo de volta da final do campeonato de 1989, Botafogo ganhou e punha fim a um outro jejum, muito mais constrangedor, 21 anos sem título no campeonato carioca. No campeonato carioca 1990, Botafogo ganhou os dois jogos contra Flamengo, ou seja, foram 8 jogos seguidos sem vencer o Botafogo para nosso Mengo entre 1988 e 1990.

Mas no 21 de setembro de 1991, a história mudou. O palco, o de sempre, o Maracanã. Com pouco público, apenas 10.311 espectadores, mas com uma geral antiga, um Maraca raiz. Radinho de pilha, torcedor botafoguense fumando o cachimbo, torcedor flamenguista nas costas de outro torcedor botafoguense, este voltaria a ser personagem do jogo. Para pôr fim ao jejum, o saudoso Carlinhos escalou Flamengo assim: Gilmar, Charles Guerreiro, Wilson Gottardo, Rogério, Piá; Uidemar, Júnior, Marquinhos, Zinho; Nélio, Gaúcho.

Flamengo era uma máquina, com um maestro, o Vovô-Garoto Júnior, ídolo do Flamengo. Passe sem olhar, dribles curtos, dois chapéus seguidos, um passe incrível de trivela, um show de um mestre. Com apenas 5 minutos de jogo, Júnior já brilhava no Maraca. Uma falta de perna direita na pequena área, uma cabeçada de Djair, e Rogério sobe mais do que Válber. Flamengo 1x0 Botafogo.

Depois, Valdeir empatou, com um autêntico golaço, um gol de calcanhar. Ser flamenguista não impede de desfrutar um bom futebol, bem ao contrário. Flamengo 1x1 Botafogo. E no segundo tempo, Flamengo marcou, com um gol esquisito. Gaúcho errou o voleio, a bola foi nos pés de Nélio, que errou o chute, a bola foi nos pés de Gaúcho de novo, a bola foi na rede do Botafogo. Flamengo 2x1 Botafogo. Gaúcho era o artilheiro do campeonato nesse momento, com 9 gols, e seria também no fim do campeonato, com 17 gols.

No fim do jogo, Botafogo fez o gol do empate com Vivinho, mas o bandeirinha anulou um gol que parecia legítimo. E o torcedor botafoguense que carregou o flamenguista no início do jogo, não carregou a pressão no fim do jogo. Invadiu o campo, agrediu o bandeirinha, que rebateu, com a ajuda da própria bandeirinha. O torcedor valentão foi entrevistado e depois foi preso. Futebol carioca raiz.

No fim, Flamengo ganhou mas quem riu foi Fluminense, que conquistava a Taça Guanabara com um empate contra America. Mas quem riu por último é o Flamengo, campeão carioca 1991 em cima do Fluminense, de novo com um show de Júnior.

Flamengo 2x0 Vasco 1991

Crônica #44 publicada originalmente no 13 de março de 2023



O jogo eterno de hoje não foi uma semifinal do campeonato carioca, mas foi um jogo importante no caminho do título de 1991. Como em 2023, Fluminense tinha vencido a Taça Guanabara e assim já tinha o passaporte para a final do campeonato carioca. Ficava apenas uma vaga, para o vencedor da Taça Rio de Janeiro e Flamengo estava na luta com Botafogo e Vasco, o adversário do dia.

Foi um jogo de muitos lances, craques em campo e show de torcidas. No Maracanã, 42.734 espectadores, não um número impressionante para a época, mas as vezes é melhor ter 42.734 apaixonados do que 70.000 caladinhos. No 24 de novembro de 1991, neste ano e em 1992 o campeonato carioca foi disputado após o Brasileirão, o saudoso Carlinhos escalou Flamengo assim: Gilmar; Charles Guerreiro, Júnior Baiano, Wilson Gottardo, Piá; Uidemar, Júnior, Nélcio, Zinho; Paulo Nunes, Gaúcho. No Vasco, alguns nomes como Carlos Germano, Alexandre Torres, França, Bismarck e Bebeto. Um jogo de craques em campo.

Na entrada dos times em campo, um show das torcidas. O antigo jogador do Flamengo Bebeto teve a primeira oportunidade depois de um drible sobre Júnior Baiano, mas chutou fraco. O mesmo Júnior

Baiano foi o primeiro jogador do Flamengo a ter uma chance de gol após uma falta perfeitamente cobrada pelo pé direito de Júnior. Júnior também deu um bom passe para Gaúcho, que quase fez o gol depois de um drible de giro, mas a bola saiu do gol de Carlos Germano. Num bom cruzamento de Charles Guerreiro, Gaúcho teve mais uma chance de voleio, mas Carlos Germano defendeu. A torcida do Flamengo sentia o gol e empurrava o time. Paulo Nunes para Júnior, e um lindo toque de pé direito, com a classe do mestre Vovô-Garoto. Na finalização, Zinho, de cabeça, mais colocada do que com potência, colocada no canto oposto do Germano. Um golaço e Flamengo na frente do placar.

No segundo tempo, Willian tentou fazer o gol para Vasco, a bola foi bloqueada pela zaga do Flamengo e voltou nos pés de Júnior, que com tranquilidade e classe, deu duas embaixadinhas e um passe longo atrás para o goleiro Gilmar. Um ano depois, será impossibilitado um goleiro pegar com as mãos um passe de um companheiro, a Dinamarca abusando da antiga regra na final da Eurocopa 1992.

Júnior, de novo ele, sempre ele, deu bom passe para Paulo Nunes, que chutou cruzado, mas sem força. Nesse momento, infelizmente uma briga entre torcedores no Maracanã. Quando tem 42.734 apaixonados num mesmo lugar, tem alguns burros pelas leis da probabilidade. Vasco tentava empatar, e Júnior, ainda Júnior, deu um bom cruzamento, agora com o pé esquerdo, para a cabeçada de Gaúcho, que passou um pouco em cima do gol de Carlos Germano. Júnior estava na finalização também com um chute pé esquerdo, mas de novo Carlos Germano defendeu. Um jogo de muitos lances.

No meio do segundo tempo, o segundo gol do Flamengo saiu dos pés de... Júnior, evidentemente. Uma falta no lado esquerdo, de pé direito. Bola alta para a cabeça de Gaúcho, que com inteligência, tentou achar um companheiro perto da pequena área. O companheiro foi Fabinho, que tinha entrado no lugar de Paulo Nunes, e que

fuzilou Carlos Germano. Flamengo 2x0 Vasco. Festa no Maraca, festa na favela e festa em campo, quando um torcedor foi dentro das quatro linhas para abraçar Júnior. Um jogo de show de torcidas.

Apesar de mais um lance do Vasco, nenhum outro gol saiu, e Flamengo ganhou o Clássico dos Milhões, depois ganhou a Taça Rio de Janeiro e depois ganhou o campeonato carioca, o primeiro desde 1986, que tinha começado com um Fla-Flu eterno. Mais uma vez, aprende Flamengo de 2023.

Flamengo 4x2 Fluminense 1991

Crônica #51 publicada originalmente no 9 de abril de 2023



Com uma vitória 2x0 no jogo de ida, Flamengo tem boa vantagem para vencer mais uma decisão do campeonato carioca contra Fluminense. A primeira foi em 1963, com um jogo eterno. A segunda foi em 1972, com um time histórico. Vamos então da terceira, em 1991.

O regulamento era bem simples em 1991, com uma final entre o vencedor da Taça Guanabara e o vencedor da Taça Rio. Fluminense ganhou a primeira fase, com um ponto a mais do que Flamengo, e Flamengo ganhou a segunda fase, de forma invicta, com 8 vitórias e 3 empates. Fla-Flu na final.

Na posso falar do campeonato carioca de 1991 sem falar de Júnior, maestro e ídolo da Nação. Dois anos antes, Júnior ainda jogava na Itália, onde desfilava sua classe desde 1984. A volta no Flamengo nem era uma opção. Mas a história mudou de uma forma inesperada. Fala Júnior na sua biografia *Minha paixão pelo futebol*: “Estava inclinado a renovar o contrato, e o faria se meu filho, Rodrigo, involuntariamente, não tivesse interferido. Certo dia, estávamos todos assistindo a alguns jogos históricos em uma velha fita de videocassete. Com a camisa de número 5, vimos passagens em que

eu dava passes certos para os companheiros do Flamengo. Meu filho, no auge da curiosidade de seus cinco anos, disparou: ‘Pai, quando eu vou ver você jogar no Maracanã?’ Não pensei duas vezes. Desliguei a televisão, olhei para Heloísa e disse: ‘Está na hora de voltar para casa!’ Era mais do que uma decisão. Era uma promessa ao meu primogênito”. Júnior era do Flamengo, de novo.

Flamengo ganhou a Copa do Brasil 1990 e Júnior virou o Vovô-Garoto de uma garotada que ganhou no mesmo ano a primeira Copinha da história do Flamengo. E em 1991, Flamengo, que não tinha ganhado o campeonato carioca desde 1986, jogou a final do campeonato carioca. Contra Fluminense, que tinha ganhado dois jogos decisivos em 1983 e 1984 contra Flamengo no campeonato carioca.

No jogo de ida, um empate 1x1 com gols de artilheiros e jogadores de classe, Ézio e Paulo Nunes. Jogo de volta era marcado para o 19 de dezembro de 1991, no Maracanã, com um público pequeno para a época, 49.975 espectadores. Mas um torcedor ilustre, o pequeno Rodrigo, o filho de Júnior, pronto para ver o pai ganhar um título no Maraca, enfim para ele, de novo para muitos flamenguistas. O saudoso Carlinhos escalou Flamengo assim: Gilmar; Charles Guerreiro, Wilson Gottardo, Júnior Baiano, Piá; Uidemar, Júnior, Nélcio, Zinho; Paulo Nunes, Gaúcho. Uma mistura de jovens talentos e de jogadores experimentados.

No jogo de volta, no Maracanã, Fluminense abriu o placar com um golão. De cabeça, Ezio achou a trave de Gilmar, mas a bola voltou no pé esquerdo de Ézio, que, com um toque leve e sutil, achou as redes de Gilmar. Os dois times voltaram no vestiário com essa vantagem de um gol para Fluminense, mas a história mudou no segundo tempo. Zinho driblou um e abriu na esquerda para Piá, na limite da linha de impedimento. O cruzamento foi ótimo, a cabeçada de Uidemar também, Flamengo empatou. E alguns minutos depois, Uidemar foi dessa vez no início da jogada, com um lançamento na

esquerda, de novo para Piá. De novo um cruzamento ótimo, e dessa vez o saudoso Gaúcho na conclusão. Flamengo agora na frente.

O jogo mudou completamente e o Maracanã se inflamou. E o Maraca viu um golão no jogo, agora do Flamengo. Outro lançamento, de Paulo Nunes para Nélío, que fez a jogada inesperada, mas a jogada certa, a jogada perfeita. Um passe de cabeça, atrás para Zinho, que chegava em plena velocidade. Um chute poderoso, um golão, Flamengo muito perto do título. Mas com 33 minutos no segundo tempo, Ézio aproveitou uma falha de Júnior Baiano para fazer o dobrete, para deixar um pouco de esperança para a torcida tricolor. Na verdade, esse gol do Fluminense se aproximando de um possível empate só serviu para deixar a história do Flamengo ainda mais linda. A história do Flamengo e a história do Júnior.

No final do jogo, com um carrinho generoso, Piá desarmou Márcio e ainda no chão, passou a bola para a maestria de Júnior. Júnior achou na profundidade Zinho, que fixou o goleiro e deixou para Júnior de volta. De pé direito e firme, Júnior fez o gol do 4x2, o gol do título, o gol da emoção. Fala Júnior, agora no livro Os dez mais do Flamengo, de Roberto Sander: “Naquela final com o Fluminense, fiz o último gol na vitória por 4 a 2. Quando o juiz apitou o fim do jogo, o Rodrigo já estava no gramado. Ter proporcionado a ele a alegria de ter me visto jogar no Maracanã, como ele me pedira na Itália, e ainda sendo campeão e marcando gol, foi sensacional. Quando nos abraçamos, ele me disse: ‘Nós ganhamos, pai!’ Foi emoção demais”. Uma emoção e um Flamengo campeão, depois de mais um Fla-Flu vencido, o clássico mais charmoso do Rio.

Flamengo 3x0 Botafogo 1992

Crônica #57 publicada originalmente no 30 de abril de 2023



Nasci no 7 de julho de 1992, exatamente 80 anos depois do primeiro Fla-Flu da história. E para a lembrança de hoje, vamos de um Flamengo (quase) campeão e de um jogo que aconteceu no 12 de julho de 1992, 5 dias depois de meu nascimento.

O Flamengo de 1992 tinha um time muito bom, com muitas promessas que tinham conquistado a Copinha em 1990, alguns jogadores experientes e um craque veterano, o Vovô-Garoto, o Maestro Júnior. Mas Flamengo não era o favorito do Brasileirão numa época diferente do futebol brasileiro, onde tinha times como São Paulo e Palmeiras entre outros. Na campanha, Flamengo foi irregular, o Mestre Carlinhos foi criticado, mas Flamengo arrancou no final. Fala Júnior no livro 6x Mengão de Paschoal Ambrósio Filho: “A química aconteceu no momento certo. Tínhamos problemas de salários atrasados e combinamos que a galera que ganhava pouco receberia, enquanto quem ganhava mais aguardaria o final da competição. Este gesto de alguns foi o bastante para se criar um clima favorável e de fraternidade entre os jogadores. Quando chegamos para jogar a final, já estávamos com os salários e bichos em dia, devido às vitórias anteriores, principalmente porque o Maracanã lotava em quase todos os jogos”.

Um dia depois de meu nascimento, Flamengo jogou no Maracanã, com 29.149 espectadores e 29.150 almas flamenguistas, venceu Santos e se classificou para a final contra o Botafogo de Renato Gaúcho. O time botafoguense ainda tinha Márcio Santos, Carlos Alberto Dias, Valdeir e Válber, e era o favorito da final do Brasileirão de 1992. Fala ainda Júnior, agora na sua biografia Minha paixão pelo futebol: “Alguns jogadores adversários passaram a falar como campeões, na semana do jogo, e deram declarações menosprezando o Flamengo, time conhecido mais do que tudo por sua imensa raça. Estavam todos, do outro lado, se achando campeões. Esse veneno foi mortal. Recortei as entrevistas dos jornais e as coleí no quadro de avisos de todos os jogadores do Flamengo. Eu as deixei ali para que lessem e arrumassem dentro da alma a motivação para a primeira partida”.

No 12 de julho de 1992, o Flamengo entrou com tudo no Maracanã, com o apoio dos (quase) 102.547 espectadores no estádio, nas arquibancadas e na geral. Carlinhos escalou Flamengo assim; Gilmar; Fabinho, Wilson Gottardo, Júnior Baiano, Piá; Uidemar, Júnior, Zinho, Júlio César Garcia; Gaúcho, Nélío. Nos vestiários, Júnior deixou um recado para os jovens talentos do time: “Qual é o maior desejo de um jogador quando inicia a carreira? Não é comprar uma casa para a mãe? Então, façam de conta que nesse jogo vocês vão comprar os primeiros tijolos de uma casa que vai ficar pronta muito em breve”. E Júnior inflamou a torcida com apenas 8 minutos de jogo e um drible curto do interior do pé direito para deixar no chão Renato Gaúcho, que (quase) se recuperou, voltou de novo em cima do Júnior, e tomou de novo um drible seco, agora da parte exterior do pé direito, para voltar ao chão. Impressão na geral foi de um gol do Flamengo.

O verdadeiro gol do Flamengo não demorou a chegar. Com 15 minutos de jogo, Zinho na esquerda para Piá que cruzou atrás. Com inteligência, Gaúcho, criticado durante o ano pelo nível em campo e

as festas fora do campo, deixou para Júnior, chutando de carrinho na raça, estufando as redes com um tijolo quente, fazendo a alegria da geral flamenguista. E a própria alegria dele, comemorando o gol com dois socos no ar, como Pelé, comemorando com os jovens companheiros, como o Vovô-Garoto que era. Flamengo 1x0 Botafogo.

O segundo gol, vinte minutos depois do primeiro, nasceu com a raça de Fabinho, que recuperou a bola e, chutando a bola com um solto, lançou para Nélío na esquerda. Nélío dominou e deixou a bola entre as pernas do goleiro Ricardo Cruz. Flamengo 2x0 Botafogo.

E o terceiro gol do Mengo chegou ainda no primeiro tempo. Falta na esquerda, Júnior hesitou a lançar a bola na grande área, mais deixou a bola ao seu lado para Piá, que foi na velocidade até a linha do fundo e cruzou alto. O timing e o salto do Gaúcho são perfeitos, o timing e o salto do goleiro Ricardo Cruz são os opostos da perfeição, gol de cabeça, gol de raça, gol de Flamengo. Flamengo 3x0 Botafogo.

O jogo estava (quase) ganho, a final também. A atuação do time era magistral, todos os jogadores foram em grande forma. Fala de novo Júnior: “Deu tudo certo naquela partida. Muita gente neste dia jogou o que não tinha jogado em todo campeonato, como, por exemplo, o Piá, que participou de todos os gols do time. A chuteira dele rasgou notes de entrarmos em campo e emprestei uma das minhas para ele. A galera brincava, dizendo que a que eu havia emprestado tinha ido com um ‘pouco de jogo’”. No segundo tempo, não aconteceu muitas coisas, a não ser os cantos “É campeão” da torcida flamenguista.

Todos os jogadores eram de parabéns, mas esse time tinha um líder, um Maestro, um Vovô-Garoto, que cogitou a pendurar as chuteiras depois do campeonato carioca 1991, mas continuou a vestir o Manto Sagrado em 1992. No dia seguinte, podia se ler no Jornal dos Sports: “O Flamengo ontem, foi um time de destaques. Toda a equipe

mostrou um futebol de alto nível técnico. Um homem, porém, e mais uma vez, merece destaque especial. Júnior provou sua condição de líder nato, apresentando um futebol limpo, técnico e, principalmente, vigoroso, na plenitude de seus 38 anos. Como na maioria dos jogos em que o Flamengo deu início à sua recuperação neste Campeonato Brasileiro, ele voltou a ser impecável. Quis o destino que fosse dele o gol que abriu caminho para a memorável vitória. De frente para a meta, ele bateu firme, com convicção, sem chance para o goleiro Ricardo Cruz. Como um iniciante, Júnior vibrou correndo com os companheiros para os braços da galera. Foi dele ainda o primoroso lançamento para o gol de Nélío, o segundo do jogo, que praticamente definia a partida. Inacreditável? Não para o velho Júnior, que, mesmo nos piores momentos do Flamengo no campeonato, acreditou no time”. Acreditou, liderou e, uma semana depois, conquistou mais um título do Brasileirão.

Flamengo 3x3 Racing 1992

Crônica #58 publicada originalmente no 3 de maio de 2023



Como no último jogo eterno aqui, a final de ida do Brasileirão contra Botafogo, vamos ficar hoje em 1992 e avançar de alguns meses para enfrentar o Racing, clube argentino de Avellaneda. A competição não era a Copa Libertadores, mas a Supercopa Libertadores, onde só os campeões da Libertadores podiam jogar a competição. Flamengo passou na primeira fase do Grêmio, campeão em 1983, e nas quartas de final de Estudantes, tricampeão entre 1968 e 1970. Por sua vez, o Racing eliminou o grande rival Independiente e aproveitou da desistência do Nacional para alcançar a semifinal.

Por causa do acidente no jogo de volta da final do Brasileirão contra Botafogo, que matou 3 pessoas, o Maracanã foi impossibilitado e Flamengo jogou o resto da temporada em vários estádios. Para a semifinal da Supercopa Libertadores, Flamengo optou pelo Pacaembu de São Paulo e o saudoso Carlinhos escalou Flamengo assim: Gilmar; Fabinho, Júnior Baiano, Rogério, Piá; Uidemar, Marquinhos, Júnior, Djalminha; Paulo Nunes, Gaúcho.

No Pacaembu, um publico pequeno para uma semifinal continental, apenas 7.951 espectadores na noite do 4 de novembro de 1992, mas que iam assistir a um jogo, e já um golaço, uma falta bem na

esquerda com o pé direito de Júnior, diretamente no gol do Carlos Roa. Júnior, agora de cabelos bem grisalhos, jogou demais no Brasileirão e continuava assim nesse fim de temporada de 1992.

O gol de Júnior foi o único do primeiro tempo e o Racing empatou no início do segundo tempo, Júnior deixando Turco García cruzar para o gol de cabeça de Alfredo Graciani. O Racing empatou, e virou dois minutos depois, agora com gol de Turco García, depois de um drible sobre o goleiro Gilmar. Flamengo reagiu rapidamente e Rogério empatou depois de um escanteio de Júnior.

Fim do jogo foi bem animado, com expulsões de Rogério e Jorge Reinoso, pênalti de Matosas para o Racing, expulsões de Luís Antônio e Distefano, pênalti de Djalminha para Flamengo. No final um 3x3, que será finalmente insuficiente para o Flamengo, derrotado 1x0 na Argentina uma semana depois. Deixo aqui os gols do jogo com a narração de Sílvio Luiz, provavelmente meu comentarista preferido do futebol brasileiro.

Flamengo 3x2 Fluminense 1993

Crônica #62 publicada originalmente no 3 de maio de 2023



Hoje tem Fla-Flu, o clássico mais charmoso do Rio, também meu clássico favorito no Rio. Hoje será o primeiro Fla-Flu da história da Copa do Brasil, então para a lembrança do dia vamos de um jogo do campeonato carioca, onde os times já se enfrentaram 266 vezes.

O ano é 1993, um ano histórico, mesmo sem títulos. No campeonato carioca, Fluminense tinha conquistado a primeira fase e já estava classificado para a final. Flamengo precisava vencer a segunda fase, iniciada com 2 vitórias contra America e Volta Redonda e um empate contra Americano. Contra um rival, Flamengo precisava vencer.

No 25 de abril de 1993, o técnico Jair Pereira escalou Flamengo assim: Gilmar Rinaldi; Andrei, Wilson Gottardo, Júnior Baiano, Rogério; Fabinho, Júnior, Marquinhos, Nélío; Paulo Nunes, Gaúcho. No Maracanã, apenas 33.765 pessoas, mas uma geral muito animada, para ver mais um Fla-Flu, o #305 da história, com um retrospecto em favor do Flamengo: 110 vitórias, 98 empates, 96 derrotas. Ganhar Fla-Flu nunca é normal, sempre é especial.

Os goleiros, Gilmar Rinaldi e Ricardo Pinto, começaram a brilhar, e foi Fluminense que abriu o placar com Vagner, em dois tempos,

depois de um primeiro chute defendido pelo Gilmar. Dez minutos depois, de novo Vagner, agora no passe, para o saudoso Ézio, que permitia ao Fluminense de ter dois gols de vantagem e uma boa opção na vitória. Mas Fla-Flu nunca é normal.

Fla-Flu nunca é normal, ainda mais quando tem jogadores excepcionais, como Júnior, um dos maiores ídolos da história do Flamengo, um maestro indomável. Antes do intervalo, um passe milimétrico para Paulo Nunes, que faz, não o gol da virada, mas o gol da esperança.

No segundo tempo, Ézio saiu machucado e Vagner foi expulso de forma boba. Sem ataque, Fluminense precisava defender. Defender mal. Um drible sensacional de Marcelinho, que tinha entrado no lugar de Paulo Nunes, para o cabeceio perfeito do também saudoso Gaúcho, um jogador de raça, de amor, de paixão. Torcida inflamada no Maraca, Flamengo 2x2 Fluminense, Fla-Flu nunca será normal.

Depois de perder 2x0, Flamengo agora olhava para a vitória. E aqui é o verdadeiro motivo de ter escolhido esse jogo para mais uma crônica. O último gol oficial de Júnior foi marcado dez dias depois, numa vitória 2x0 contra Olaria, na rua Bariri. Mas pode se ver no YouTube que o cruzamento de Júnior foi desviado nas redes pelo Nilson, e que o juiz errou na súmula ao atribuir esse gol ao Júnior, o 77º dele com o Manto Sagrado.

Então, o verdadeiro último gol de Júnior pelo Flamengo foi esse gol da virada no Fla-Flu, inclusive um golaço. Mais um cabeceio preciso de Gaúcho, agora em passe para Júnior que, sem nunca deixar a bola cair, dominou de peito e mandou de voleio a bola nas redes tricolores. Um golaço, uma virada em mais um Fla-Flu eterno, com a marca do Vovô-Garoto. Acho que a história seria mais linda com o último gol oficial de Júnior ser num Fla-Flu, no antigo Maracanã. Mas finalmente não tem muita importância, afinal o Maestro Júnior

deu muitas alegrias aos flamenguistas, durante 15 temporadas, jogando 876 jogos, fazendo, entre muitas outras coisas, 77 gols.

Flamengo 2x1 Bragantino 1995

Crônica #7 publicada originalmente no 1º de outubro de 2022



Hoje vamos com um jogo não tão eterno, mas que poderia ter sido. O jogo de abertura do Brasileirão 1995. Já falei na crônica sobre Sávio que eu considerava a contratação de Edmundo um erro. Já em maio de 1995, quando Edmundo foi apresentado na Gávea, era um erro. Claro, apesar da rivalidade com o Vasco, considero Edmundo como um craque. Em outros tempos, poderia ter ajudado Flamengo. Mas o Flamengo de 1995 era muito bem de ataque já, com uma dupla que tinha tudo para funcionar, Sávio e Romário. O time era desequilibrado, fraco na defesa e no meio-campo. Se tinha que contratar, devia ser para reforçar as linhas mais defensivas.

E mais, Flamengo já tinha seu craque problema com Romário. Um craque problema pode funcionar, um time precisa de um jogador diferenciado, que pode ganhar jogos sozinho, fazendo esquecer os problemas com os companheiros, adversários, técnicos, juízes, torcedores com uma jogada de craque só. Dois craques problemas é muitos problemas. E o futebol deles acaba se anulando, um querendo ser melhor do que o outro, o outro privilegiando o chute na hora de fazer o passe para o craque companheiro. É inevitável que vai criar problemas, para os companheiros, os dirigentes, o técnico, os

torcedores. Romário e Edmundo funcionou no Vasco durante um tempo, mas no Flamengo, era um erro desde o início.

Edmundo chegou no Flamengo dizendo: “Que eu, Romário e Sávio possamos formar o melhor ataque do mundo”. Outro erro, não era uma coisa a dizer na apresentação, e foi obviamente exagerado pela imprensa. Fácil de dizer depois, mas mesmo antes, não dava para imaginar os três jogando bem juntos. Talvez, uma jogada de craque de Romário, depois um lindo drible de Sávio numa outra jogada, e no fim, Edmundo que faz a diferença sozinho. Diversas jogadas de craques, sim, eles eram craques, mas jogar bem juntos, ao longo dos jogos e da temporada, não.

Quando Edmundo chegou, Romário falou: “Edmundo sem confusão não é Edmundo. As confusões vão continuar, só que em menor intensidade”. Outro erro. Foram muitas, e com muita intensidade. Briga generalizada em campo contra Vélez, e pior, um acidente de carro que provocou a morte de 3 pessoas.

Primeiro jogo de Romário e Edmundo juntos foi um amistoso, contra Guarani, em Cuiabá. Era ano de centenário, Flamengo jogou até esse amistoso de papagaio de vintém. Mas viu Guarani abrir o placar. Empatou com um golaço, Edmundo, camisa 11, para Romário, camisa 100, que procurou a tabelinha de trivela. Completou a tabelinha com a chegada de Edmundo, que fez o gol. 1x1, nada de vitória, mas muita esperança para o resto da temporada.

Estreia oficial do Edmundo foi a estreia do Brasileirão, contra Bragantino. Flamengo estava de briga com a Suderj, e deslocizou o jogo, do Maracanã para o São Januário, por ironia, onde começaram Romário e Edmundo. Já no iníciozinho do jogo, foi arrancada e dribles de Sávio. Depois, assistência de Romário e gol de Edmundo. “Edmundo é cruel” falou o comentarista Januário de Oliveira. Marcelo Henrique empatou e estragou a festa até o finalzinho do jogo quando Aloísio, 20 anos e que tinha entrado no jogo, chutou

com força. O goleiro rebateu sem força, Romário fez o gol da vitória. “Romário é cruel” falou Januário de Oliveira.

Flamengo começava o Brasileirão com uma vitória. Era o ano do centenário, Flamengo esperava um título, uma glória eterna para os 100 anos. E o ano do centenário foi cruel para Flamengo. Flamengo começou bem, dava para pensar que não ia se concluir tão bem, mas não dava para pensar que ia ser tão ruim. Flamengo fechou a primeira fase na última colocação, escapando do rebaixamento de pouco!

Um ano para esquecer, mas Flamengo é inesquecível.

Juventude 0x2 Flamengo 1995

Crônica #18 publicada originalmente no 9 de novembro de 2022



Por mais incrível que parece, Flamengo é freguês do Juventude no campo deles. Flamengo ganhou os dois primeiros confrontos no Brasileirão, em 1995 e 1997, e depois nos dez últimos confrontos, o Mengo não ganhou nenhum jogo! Vamos então da primeira vitória, em 1995.

Na abertura do Brasileirão de 1995, Flamengo venceu o Bragantino, já um jogo eterno no Francesguista. Depois, foi bem mais difícil, um 0x0 contra Guarani, uma derrota 0x2 contra Paysandu, e outras duas derrotas, contra os rivais Palmeiras e Corinthians, as duas vezes pelo placar de 1x2, as duas vezes com gol de Romário. Flamengo já precisava de uma reação.

O técnico do Flamengo era o jornalista Washigton Rodrigues, o Apolinho, que escalou Flamengo assim para o jogo contra Juventude: Paulo César; Agnaldo, Cláudio, Ronaldão, Leonardo Inácio; Pingo, Márcio Costa, Djair, Nélío; Sávio, Romário. Apesar da qualidade do ataque, era um time bem mediano. No outro lado, o técnico Emerson Leão estreava no Juventude e tinha no meio de campo o Cuca, em fim de carreira. No Alfredo Jaconi, tinha 15.690 torcedores no 17 de setembro de 1995 para ver o jogo entre Juventude e Flamengo.

Com 16 minutos, uma bola longa de Agnaldo para Sávio, pronto para a jogada do craque que ele era. Dominou a bola, girou, pedalou, fintou, fintou mais uma vez, o defensor já meio perdido. Depois, um drible curto, um chute cruzado, um golaço. Mais um golaço de Sávio, que apesar de estar no começo da carreira, já tinha brilhado tanto com o Manto Sagrado.

Ainda no primeiro tempo, Sávio fez um belo cruzamento para Romário pegar de primeira, mas o goleiro defendeu. No segundo tempo, lançamento de Ronaldão para a velocidade de Nélío. A bola no meio de campo, a meia altura. Com esse tipo de bola, às vezes quem ganha o lance é quem tem mais raça. E às vezes quem ganha o lance é quem conhece mais o jogo, é o jogador que sente o que deve ser feito, é quem tem mais visão de jogo, é o craque. Romário chegou primeiro e de um toque só, perfeitamente executado, deixou Sávio em condição ideal. O Anjo Loiro também não perdeu tempo com a bola, já no domínio da bola, driblou o goleiro. Depois, só tinha a empurrar a bola no fundo das redes para fazer um outro golaço no jogo.

Uma atuação marcante, porém não tanto conhecida do craque Sávio, um ídolo da Nação, também um ídolo no Francesguista. Que essa bela lembrança ajuda o Mengão a trazer, enfim, uma vitória no campo do Juventude.

Flamengo 3x0 Vélez Sarsfield 1995

Crônica #69 publicada originalmente no 8 de junho de 2023



Eu já escrevi sobre o Flamengo 3x3 Racing de 1992 e para hoje eu vou contra um outro adversário argentino que joga de branco e azul, Vélez Sarsfield. O ano é o centenário de 1995 e a competição a Supercopa Libertadores, que reunia só timaços. Vélez, como vencedor da Copa Libertadores 1994 contra o São Paulo de Telê Santana, participava pela primeira vez. Flamengo participava pela oitava vez, com melhor resultado uma final em 1993, perdida nos pênaltis, também contra o São Paulo de Telê.

Na estreia do torneio de 1995, já oitavas de final, não contando o triangular da primeira fase entre São Paulo, Olimpia e Boca Juniors, Flamengo começou com uma vitória de virada nos últimos minutos no campo de Vélez, um 3x2 com gols de Edmundo, Sávio e Rodrigo Mendes. Um jogo já tenso, onde o técnico e jornalista Washington “Apolinho” Rodrigues saiu do campo dizendo: “Cuspiram na gente, ofenderam o Brasil, jogaram pedra. Mas ninguém ganha da gente no grito”. Três semanas depois, Apolinho Rodrigues escalou Flamengo assim: Paulo César; Agnaldo, Cláudio, Ronaldão, Lira; Márcio Costa, Djair, Nélío; Sávio, Edmundo, Romário. Flamengo talvez tinha no papel o melhor ataque do mundo, mas o resto do time estava bem longe disso. No lado de Vélez, destaque para o goleiro

Chilavert, que eu adorava quando era criança por causa da Copa do Mundo de 1998, e para o técnico Carlos Bianchi, que ainda ia ganhar 3 Copas Libertadores com Boca Juniors.

Jogo começou com tudo, já com falta dura sobre Romário e em seguida dois dribles de Sávio e um chute na direção do gol, até no gol, com a ajuda do defensor Pellegrino. Num passe sensacional de Edmundo, Romário quase fez o segundo mas seu chute flirtou com a trave. Realmente, poderia ter sido o melhor ataque do mundo, e um dos maiores times do Flamengo, mas faltou muita coisa. Eu não resisto aqui de citar algumas frases do Apolinho, que antes de ser o técnico de Romário, na sua posição de jornalista, criticava o Baixinho, dizendo por exemplo segundo o site Trivela “Romário é que nem dono de sauna, ganha dinheiro com o suor dos outros” ou ainda um sensacional “talvez ele decida suar a camisa tanto quanto sua camisinha”.

No segundo tempo, depois de tabelinha com Sávio, Edmundo quase fez o segundo mas ele parou no grande goleiro que era Chilavert. Numa contra-ataque mortal, Edmundo passou entre três defensores e abriu na esquerda para Romário, que, sem vaidade, fixou o último defensor e achou de novo Edmundo, fazendo um gol em um toque só. Um golaço digno de um dos melhores ataques do mundo. Alguns minutos depois, de novo num passe de Romário, Edmundo teve boa oportunidade, mas chutou bem longe do gol. Perto do fim, Rodrigo Mendes, que tinha entrado no lugar de Sávio, fez um drible sensacional no Zandoná, perdido no chão, Rodrigo Mendes invadiu a grande área e deu o passe atrás para o gol fácil de Romário. Flamengo 3x0 Vélez, gols de Sávio, Edmundo, Romário. Pena que o melhor ataque do mundo saiu do papel para o campo pouquíssimas vezes.

O jogo já poderia ser eterno aqui com a atuação do Flamengo, que não rendeu muito em 1995, mas estreou bem na Supercopa Libertadores, uma competição que de novo ia perder na final,

perdendo a última oportunidade de ganhar um título no ano do centenário. Mas se esse jogo é eterno e todo mundo lembra das imagens, é por outro motivo. No tempo adicional, num choque com Zandoná, Edmundo teve o supercílio aberto. Passou a mão no sangue e deu tapa no Zandoná. Na hora, Zandoná retribuiu com tapa e Edmundo deu as costas, fim da briga para ele. Não para Zandoná. O argentino tinha razão de revidar a tapa no Edmundo, mas foi além, e quando Edmundo era de costas, atingiu ele com um socão que deixou o Animal no chão. Foi covardia. Romário foi o primeiro a reagir, dando uma voadora também eterna no Zandoná e a briga foi de um quase fim a uma briga generalizada. Teve de tudo em campo, jogadores, reservas, comissões técnicas, jornalistas, policiais.

No reencontro entre Flamengo e Vélez na Libertadores de 2022, ainda se falava da briga, que já rendeu bandeiras das torcidas e boas histórias, como do próprio Zandoná, que explicou que ele teve um desconto num hotel de Florianópolis pelo dono que não gostava de Edmundo. Para o Flamengo, uma pena que a parceria entre Romário e Edmundo na briga não se estendeu muito em campo. Para fechar, deixo a voz para o folclórico técnico e jornalista Apolinho Rodrigues, falando para GloboEsporte: “Foi uma pega para capar que começou em Buenos Aires e terminou em Uberlândia. Zandoná deu um tapa e fez o Edmundo sangrar. Ele tirou o sangue com a mão e passou no rosto do argentino, mas deu as costas. Foi quando tomou uma pancada que ficou sem som e sem imagem. O Romário daquele tamaninho deu a voadora. Quando a polícia entrou, eu falei que na Argentina eles ficam do lado dele, aqui eles tinham que ficar do nosso lado. Foram dez minutos de pancadaria. Vencemos as duas e foi um duelo que me deu muita alegria”.

Flamengo 2x0 Vasco 1996

Crônica #42 publicada originalmente no 5 de março de 2023



De novo, o Flamengo está de volta no campeonato carioca, de novo vindo de um vice-campeonato. Só em 2023 são três competições perdidas e agora tem apenas o campeonato carioca para conquistar um título no primeiro semestre. Ou, diante de tantas frustrações, podemos até considerar a Taça Guanabara um título, e já levantar uma taça esse domingo. Última vez que Flamengo ganhou a Taça Guanabara em cima do Vasco foi em 1996, quando tinha um time histórico e craques como Romário e Sávio.

Como hoje, Flamengo chegou em 1996 em condição de ganhar a Taça Guanabara de maneira invicta. Em 1996, era o último jogo da fase, hoje ainda falta o Fla-Flu depois do jogo contra Vasco. Em 1996, o Vasco de Juninho Pernambucano tinha perdido apenas um jogo e estava também em posição de ganhar a Taça Guanabara. Hoje, o Vasco de Pedro Raul precisa de pontos para ficar no G-4, com apenas um ponto a mais do que Volta Redonda e Botafogo.

No 5 de maio de 1996, com 89.686 espectadores no Maracanã, inclusive os atletas americanos Michael Johnson e Mike Powell, Joel Santana escalou Flamengo assim: Roger; Zé Maria, Jorge Luiz, Ronaldão, Gilberto; Márcio Costa, Mancuso, Nélío, Marques; Sávio,

Romário. Um time com jogadores muito bons e dois craques diferenciados, que iam fazer a diferença, Sávio e Romário.

Quem começou a brilhar, com muitos dribles, foi Sávio, para quem Vasco tinha só carrinhos e pancadas como respostas. Romário não tardou a brilhar, com um domínio sensacional num lançamento longo de Zé Maria, mas não conseguiu finalizar. Sávio chutou de longe, sem perigo para Carlos Germano. Vasco reagiu, com Assis e Juninho Pernambucano, sem marcar. No intervalo, 0x0.

No início do segundo tempo, Válber chutou sem defesa para Zé Carlos, mas Nélío salvou em cima da linha. Com uma hora de jogo, Iranildo achou Romário que achou as redes, aproveitando a falha de Carlos Germano. Romário foi demais nessa Taça Guanabara, em 10 jogos, fez 17 gols, passando em branco apenas no primeiro jogo. Contra o antigo clube, Romário comemorou exaltando a torcida flamenguista.

Vasco precisava agora de dois gols para conquistar a Taça Guanabara, mas Zé Carlos, que entrou no decorrer do jogo e reestreava no time depois de 5 anos longe do clube, defendeu no seu ângulo um chute de Assis. Flamengo voltou a atacar, e Zé Maria, que fazia seu primeiro jogo com o Manto Sagrado, fez um passe sensacional para Sávio, que, de primeira, fez um gol que valia um título, que valia uma Taça Guanabara. Depois, ainda com Sávio e Romário brilhando, Flamengo conquistou o campeonato carioca de maneira invicta. Aprende, Flamengo de 2023.

Flamengo 3x1 Internacional 1996

Crônica #56 publicada originalmente no 26 de abril de 2023



Mais um jogo contra o Internacional, agora de Copa do Brasil. Depois do vexame contra Maringá na Copa do Brasil, Flamengo precisa de uma virada, de uma remontada como se chama na Europa. Em 2023, tem dois gols de diferença, em 1996, só tinha um gol de atraso, mas contra um adversário com mais tradição, o Internacional. Na época, Flamengo tinha perdido 3x2 no Beira-Rio contra o Inter de Sérgio Goycochea, Carlos Gamarra, Paulo Isidoro e Leandro Machado. Um resultado entendível, hoje seria mais uma grande vergonha em 2023 de ser eliminado pelo Maringá.

No 16 de maio de 1996, Joel Santana escalou Flamengo assim: Roger; Zé Maria, Valber, Ronaldão, Gilberto; Márcio Costa, Mancuso, Marques; Nélío, Sávio, Romário. Precisando da vitória, Flamengo partiu no ataque, com Marques na direita, que cruzou para Sávio, que abriu na esquerda para Romário. O Baixinho fez uma finta sensacional de letra e voltou atrás para Mancuso. O argentino chutou, o companheiro argentino Goycochea defendeu, defendeu mal, Nélío só teve a empurrar a bola nas redes para abrir o placar. Com 20 minutos de jogo, Flamengo já empatou no placar agregado.

Mais um ataque do Flamengo, agora na esquerda. No seu estilo particular, Sávio invadiu a grande área e foi mais rápido que Argel, obrigado a conceder o pênalti para parar Sávio. O juiz avisou Romário de não fazer paradinha, Romário bateu diretamente, bateu mal, Goycochea defendeu. No final do primeiro tempo, Flamengo virou no geral com um gol de Sávio, que aproveitou as falhas de dois gringos, o zagueiro paraguaio Gamarra e o goleiro argentino Goycochea, para fazer o gol depois de um lindo drible seco. Flamengo precisou de apenas 45 minutos para fazer a diferença e inflamar o Maracanã e seus 43.725 torcedores.

No início do segundo tempo, de novo Sávio, ainda Sávio, sempre Sávio. Num longo lançamento de Ronaldão, Sávio foi mais rápido que Goycochea e o juiz marcou mais um pênalti. O juiz avisou de novo Romário de não fazer a paradinha, Romário fez a paradinha, fez o gol. Flamengo 3x0 e muito perto de uma classificação na semifinal da Copa do Brasil. O torcedor menos confiante teve medo no final do jogo, Sávio se machucou num lance que deveria valer mais um pênalti e o Internacional fez um gol a 3 minutos do fim, aproveitando de um frango de Roger. No final, sem consequência, Flamengo virou no Maracanã e seguia vivo na Copa. Mais uma vez, aprende, Flamengo de 2023.

Goiás 1x4 Flamengo 1997

Crônica #1 publicada originalmente no 11 de setembro de 2022



A categoria dos jogos eternos é para relembrar os grandes jogos do Flamengo, seja por uma goleada, uma virada, a grande atuação de um jogador, um golaço ou servir de pré-jogo antes de assistir ao nosso Mengo. Para esquentar o jogo de hoje, vou falar de um outro Goiás x Flamengo, de goleada, de outros tempos no Flamengo, no início do Brasileirão 1997. Flamengo tinha começado com duas derrotas, contra Santos e Bahia, e depois se recuperou com uma vitória contra Criciúma. O jogo contra Goiás era o da quarta rodada, lá na Serra Dourada.

Começando com o time do Goiás de 1997, tem que falar de uma dupla que me fez sonhar quando era criança. Alex Dias e Aloísio. Em 1999, eles foram no Saint-Etienne, na França. Com 7 anos de idade, eu já adorava o Brasil, embora não tinha acesso aos jogos. A temporada 1999-2000 do campeonato francês foi a primeira que acompanhei, com Telefoot, um programa de televisão que era meu culto dos domingos de manhã. Um dia, chorei de raiva só porque tinha faltado o horário para assistir.

Todos os brasileiros eram meus ídolos e essa dupla Alex Dias – Aloísio me marcou. Alex Dias fez quatro gols contra o Olympique de

Marselha numa vitória histórica por 5x1, ele tinha uma coisa de Bebeto, mas confesso que gostava mais de Aloísio, que era mais semelhante ao Ronaldo Fenômeno, meu primeiro ídolo no futebol. Claro, essas comparações são com proporções guardadas e de meus olhos de criança. Mas adorava essa dupla, que depois continuou no Paris SG e no São Paulo, com menos sucesso. Eu tenho um carinho pelo São Paulo de 2005-2008, que foi o primeiro grande time brasileiro que acompanhei e ainda hoje sou um grande fã de Aloísio Chulapa, adoro as resenhas dele, ele tem essa alegria de viver, sempre com um sorriso no rosto e às vezes uma cerveja na mão. Acho que não é à toa que ele é amigo do Adriano Imperador, que tem semelhanças na personalidade deles.

Voltando ao Flamengo, o time de 1997 era bom. Tinha Clemer no gol, Júnior Baiano na zaga, Fábio Baiano no meia, mas era no ataque que Flamengo era impressionante, com uma dupla bem melhor do que Alex Dias – Aloísio, que era Romário – Sávio. Muitos gols, muita habilidade, muito carisma. No 16 de julho de 1997, o técnico Sebastião Rocha escalou Flamengo assim: Clemer; Fábio Baiano, Júnior Baiano, Fabiano; Gilberto, Jamir, Jorginho, Evandro; Lúcio, Sávio, Romário. Na Serra Dourada cheia, com uma maioria de flamenguistas, Flamengo precisou de apenas cinco minutos no primeiro tempo para abrir o placar, com jogada de Romário e finalização de Sávio. Com cinco minutos no segundo tempo, Sávio provocou o pênalti, Romário o transformou. O juiz mandou bater de novo, Romário bateu com a mesma tranquilidade e fez o gol. Um outro pênalti, agora com força, de Aloísio, fez o Goiás voltar a esperança.

Mas Romário é matador, goleador. Deixou Goiás sem esperança, com dois gols no finalzinho do jogo. Um de cabeça para o Baixinho, e um golaço de falta, à la Zico. Flamengo ganhava com tranquilidade, mas voltou a perder três jogos seguidos num campeonato finalmente conquistado pelo arquirrival Vasco. Mas só

pelas jogadas do Romário, valia a pena lembrar esse jogo contra Goiás.

Flamengo 3x0 Real Madrid 1997

Crônica #48 publicada originalmente no 29 de março de 2023



Ainda sem jogo do Flamengo hoje, vamos lembrar um jogo eterno do Flamengo. Eu queria escrever sobre esse jogo no início do ano no Mundial dos clubes, mas não deu, Real Madrid não precisa mais esperar, o jogo tão esperado não vai acontecer. Mas já aconteceu um Flamengo x Real Madrid e deu um jogo eterno, uma goleada histórica, um show do ídolo Sávio.

Jogo aconteceu num torneio amistoso, o Troféu Cidade de Palma de Mallorca em 1997. O torneio já não tinha mais o prestígio de alguns torneios amistosos da Europa na década de 1960, mas ainda era importante, e Flamengo já ganhou esse torneio, em 1978, já na frente do Real Madrid. Quase vinte anos depois, os dois times se reencontraram, agora na semifinal do torneio.

No 15 de agosto de 1997, Paulo Autuori escalou Flamengo assim: Clemer; Fábio Baiano, Júnior Baiano, Luiz Alberto, Gilberto; Jamir, Jorginho, Maurinho, Sávio; Lúcio, Renato Gaúcho. Um time muito bom, mas do outro lado tinha muitos nomes de muito peso: Cañizares, Panucci, Sanchís, Seedorf, Guti, Zé Roberto, Mijatovic, Suker e Raúl entre outros.

Real Madrid era o franco favorito, mas Flamengo teve a primeira oportunidade, com Renato Gaúcho, que perdeu o gol cara a cara com Cañizares. Em seguida, uma cabeçada de Raúl foi facilmente defendida pelo Clemer. Amavisca perdeu um gol de pouco pelo Real Madrid. E Sávio começou a brilhar no jogo, com dois dribles e um cruzamento perfeito da esquerda pela cabeçada de Maurinho, que abriu o placar com 20 minutos de jogo.

O Real Madrid reagiu com a dupla Mijatovic – Suker no ataque, sem conseguir fazer o gol. O lateral madrilenho Secretário se aventurou fora do escritório e perdeu a bola no seu próprio campo. Sávio desviou de toque leve para Gilberto, que deixou de trivela para Lúcio. A bola passou entre as pernas de Cañizares e Flamengo tinha agora dois gols de vantagem com apenas 30 minutos de jogo. Numa posse de bola de 35 segundos e 12 passes, Flamengo quase fez o terceiro mas Cañizares salvou o Real Madrid. Flamengo continuou a dominar e ainda no primeiro tempo, o chute de Lúcio passou por pouco fora do gol espanhol.

Real Madrid foi melhor no início do segundo tempo, chutou quatro vezes no mesmo lance, mas não fez o gol. Os Deuses do futebol estavam com o Flamengo. O Real tinha a posse de bola, as oportunidades no ataque, mas nada de gol. E Sávio brilhou mais uma vez no lado esquerdo. O Anjo Loiro fugiu do Secretário, voltou atrás para Jorginho, que achou Gilberto, de calcanhar, para Lúcio, já na grande área. Fixou o goleiro para o gol fácil de Renato Gaúcho, mas Cañizares fez o milagre e conseguiu desviar o chute de Renato Gaúcho. Bola voltou nos pés de Maurinho, que só tinha a empurrar a bola nas redes. Maurinho saiu para a comemoração, mas o juiz mal anulou o gol com um impedimento inexistente e salvou um pouco o Real Madrid no momento.

Mas Sávio ainda ia brilhar durante o jogo. Num passe em profundidade, Sávio chegou antes do Secretário, atrasado e completamente perdido, que usou os braços e cometeu o pênalti.

Sávio pegou a bola, e com a tranquilidade do craque, achou a gaveta de Cañizares, um gol em cereja do bolo para Sávio, que agora podia ceder seu lugar para Iranildo. Sávio acabou com o Real Madrid, acabou o jogo, vitória 3x0 do Fla, um jogo eterno.

Na grande final, Flamengo perdeu 2x0 contra Mallorca, os donos da casa, mas o mais importante era o primeiro jogo contra o Real Madrid. E Sávio deixou os madrilenhos tão de boquiaberta, tão maravilhados com a classe de seu futebol, que o Real Madrid o comprou no início do ano seguinte, onde ele ganhou 3 Champions e uma Copa Intercontinental, contra Vasco. E talvez ainda mais importante, no jogo do terceiro lugar, o Real Madrid venceu Vitória de Bahia com grande atuação de um jogador então reserva no Real Madrid, Dejan Petkovic. E Vitória ficou tão maravilhado com a classe do futebol de Petkovic que importou o sérvio no Brasil.

Flamengo 3x2 Atlético Mineiro 1998

Crônica #11 publicada originalmente no 15 de outubro de 2022



Flamengo x Atlético Mineiro é um clássico do futebol brasileiro. Talvez o maior clássico interestadual. Dois jogos Flamengo x Atlético Mineiro fazem parte dos maiores jogos do Flamengo. Em 1980 e 1987. Duas vitórias 3x2. Hoje vamos de uma outra vitória 3x2, mas sem título no fim, em 1998.

No Brasileirão 1998, Flamengo não estava bem. Na verdade, estava muito mal, com apenas 3 vitórias nos 15 primeiros jogos! Precisava de uma vitória para ainda acreditar numa classificação nas quartas de final. Poucas pessoas pareciam ainda acreditar no título, no Maracanã para enfrentar o Galo, tinha apenas 7.467 torcedores.

No 3 de outubro de 1998, o lendário Evaristo de Macedo escalou Flamengo assim: Clemer; Pimentel, Ricardo Rocha, Luís Alberto, Vagner; Fabinho, Jorginho, Cleisson, Iranildo; Romário, Rodrigo Fabri. Romário merecia um time melhor do que isso.

Romário era craque absoluto, um dos maiores jogadores da história do Flamengo. Começou com um chute no travessão, depois provocou uma falta com um drible sensacional. Um presente para Fabiano, que achou a gaveta do goleiro Emerson. Um golaço.

No segundo tempo, o Galo empatou com um gol de uma outra lenda do futebol brasileiro, Paulo Baier, na época ainda chamado Paulo César. Romário provocou uma outra falta, agora com cartão vermelho, de Lima, que não conseguia parar Romário limpamente. Mesmo em desvantagem numérica, Galo desempatou, com gol de Marques.

O Atlético Mineiro tinha 10 jogadores, Flamengo tinha 10 jogadores + um craque, Romário. Primeiramente, achou com um toque de trivela, de muita categoria, Cleisson, que achou duas vezes a trave no mesmo chute. Depois, Romário achou as redes do Atlético. Um domínio, um chute, um gol de Romário. Parecia muito simples. 2x2 no placar.

Romário ainda tinha o gol da virada, uma jogada de craque, um golaço, no tempo adicional. Com um lateral jogado rapidamente pelo Jorginho, Romário dominou de joelho. Essa matada de bola parecia simples também, mas tem poucos jogadores capazes de fazer isso. Romário fez a finta de corpo, eliminou um jogador. Deixou de trivela para Iranildo, que procurou a tabela. No domínio, Romário eliminou mais um defensor. Também um domínio de craque. No mesmo lance, Romário fazia dois domínios de classe, uma chamada de bola de um típico centroavante que entende o jogo. Faltava a finalização, num ângulo fechado, não para Romário. Com força, Romário fez o gol da virada, a jogada do craque, o golaço.

Inclusive, o gol relembre um pouco o gol de Nunes, também num 3x2 contra Galo, no Brasileirão de 1980. Mas o final em 1998 foi mais difícil para o Flamengo. Apesar de terminar o campeonato com 6 vitórias nos últimos 8 jogos, Flamengo não se classificou para as quartas de final. Romário merecia coisas melhores, mas mesmo assim, fez sonhar os torcedores no Maracanã contra o Atlético Mineiro, com dois gols no 3x2, sempre um bom placar para vencer o Galo.

Flamengo 4x1 Corinthians 1998

Crônica #64 publicada originalmente no 21 de maio de 2023



Para aquecer o jogo de hoje, uma lembrança de um jogo de 1998, onde Flamengo foi bastante irregular durante o campeonato. Foi até péssimo com apenas 3 vitórias nos 15 primeiros jogos e derrotas em casa contra Bragantino, Juventude e a Portuguesa. Já no fim da primeira fase, conseguiu vencer em seguida o Atlético Mineiro e Sport antes do jogo contra o Corinthians, o terceiro consecutivo no Maracanã.

No 10 de outubro de 1998, o técnico e ídolo Evaristo de Macedo escalou Flamengo assim: Clemer; Fábio Baiano, Ricardo Rocha, Fabão, Leonardo Inácio; Marcos Assunção, Jorginho, Cleisson, Iranildo; Beto, Romário. No time do Corinthians, alguns craques, alguns jogadores internacionais, até alguns campeões do mundo no penta do Brasil: Cris, Carlos Gamarra, Sylvinho, Freddy Rincón, Vampeta, Marcelinho Carioca, Ricardinho e Edílson. Um timaço, que seria campeão brasileiro no final do ano. Mas Flamengo é Flamengo, é capaz de tudo.

Já no início do jogo, Cleisson conseguiu uma falta, quase na entrada na área do Corinthians, um pouco no lado esquerdo. Marcos Assunção, 22 anos na época e emprestado pelo Santos, chutou com a

parte interna do pé, chutou forte, chutou colocado, chutou na gaveta. Adorava Marcos Assunção na época do Betis na Espanha e foi para mim, e não só para mim, um dos maiores batedores de faltas da história do futebol brasileiro, e não só do futebol brasileiro, mas também do futebol mundial.

Flamengo abriu o placar com essa falta de Marcos Assunção e ampliou no minuto seguinte. O lateral-esquerdo Leonardo, nada a ver com o grande Leonardo Nascimento de Araújo que jogou no Flamengo entre 1987 e 1990, mas Leonardo Inácio, cruzou e Beto dominou de uma forma incrível, quase de letra, na direção do gol. Quando alguém consegue um domínio tão bonito, é difícil ter a lucidez e a tranquilidade para fazer o gol. Mas Beto abriu bem o pé e venceu o goleiro, Flamengo 2x0, Flamengo fazendo a alegria e a festa dos 54.309 torcedores no Maracanã.

No Maraca, algumas faixas para pedir ao Vanderlei Luxemburgo, técnico do Corinthians e da Seleção brasileira, convocar Romário, que tinha sido descartado da lista para o amistoso contra o Equador, marcado alguns dias depois. Romário, que no dia do jogo contra o Corinthians falou para a Folha de S. Paulo que nunca foi atleta, não teve oportunidade de mostrar nesse dia todo seu talento ao Luxemburgo, e foi substituído antes do intervalo por causa de uma lesão muscular.

Já no final do jogo, um golaço do Flamengo, com no início da jogada dois jogadores que tinham saído do banco. Uma bola alta na grande área de Eduardo, e a visão do craque de Caio, que chegou no Flamengo junto com Marcos Assunção na troca que deixou Athirson no Santos. Caio fez um passe de peito para a chegada de Jorginho, nada a ver com o grande Jorginho que jogou no Flamengo entre 1984 e 1989, mas Jorge Marcelo de Araújo. Jorginho bateu forte e brocou, mas a beleza do gol foi no domínio-passe de peito de Caio Ribeiro.

Alegria no Maraca e quase no minuto seguinte ao terceiro gol, mais um gol do Flamengo, mais uma assistência do Caio, ajudado pela incompreensão entre os zagueiros corintianos Batata e Gamarra. Bola para o craque Iranildo, bola para atropelar o Corinthians. O Maracanã pegou fogo, literalmente, e Marcelinho Carioca deixou a conta um pouco mais leve para o Corinthians com um gol no final do jogo. Mesmo assim, uma goleada 4x1 para o Flamengo, que voltava ao 13º lugar, a 3 pontos do Vasco, oitavo na tabela e último classificado para as quartas de final. Flamengo ainda aplicou um outro 4x1 no jogo seguinte, com três de Romário, mas perdeu contra América e Paraná e foi eliminado do Brasileirão antes da fase final. Flamengo, capaz de tudo.

Bangu 0x2 Flamengo 1999

Crônica #33 publicada originalmente no 24 de janeiro de 2023



O Bangu foi um grande clube do futebol brasileiro, jogando várias vezes no Brasileirão. E o campeonato carioca foi um grande campeonato, numa época um dos melhores do mundo. Tenho carinho para o Bangu e para o campeonato carioca, porque agora o nível é bem diferente, mas ainda é Rio, ainda é o mais charmoso do mundo.

E em 1999 era ainda mais o caso, com um jogo que é a essência do futebol carioca. Estádio clássico, o da Moça Bonita, lá em Bangu. Bangu já foi grande, até gigante foi, quase campeão brasileiro, bicampeão carioca. Essa crônica é a número 33 dos jogos eternos, e Bangu foi campeão carioca em 1933 e 1966. Diretoria acreditava num título a cada 33 anos e par o ano de 1999, trouxe de volta aos gramados um jogador muito carioca na alma, Renato Gaúcho. Fora de forma, Renato Gaúcho saiu da aposentadoria e fez finalmente apenas dois jogos com Bangu, contra Vasco e esse contra Flamengo, o último da sua carreira. Sem brilho, e sem título para Bangu.

Flamengo também tinha seu craque, carioca na alma, carioca de nascimento, Romário. O Baixinho vivia seu último ano com o Flamengo, talvez o melhor, apesar do fim frustrante. Era sua estreia no campeonato carioca 1999, onde era o artilheiro das 3 últimas

edições do torneio. Na temporada, o gênio da grande área já tinha feito jogadas de gênio, o Amaral ainda se lembra desse elástico mortal e imortal no jogo contra o Corinthians no Pacaembu.

Na Moça Bonita, como o estádio respirava o futebol carioca, foi o lançamento da nova camisa do Flamengo, um Manto Sagrado muito lindo, que tenho na minha coleção, com a camisa 11 de Romário. Lindo, muito lindo. O saudoso Carlinhos escalou Flamengo assim: Clemer; Fábio Baiano, Luís Alberto, Fabão, Athirson; Vagner, Jorginho, Iranildo, Beto; Leandro Machado, Romário. No lado de Bangu, além do Renato Gaúcho, destaque para o próprio técnico, Alfredo Sampaio, que foi o primeiro técnico de Ronaldo no São Cristóvão.

No primeiro lance, Romário teve oportunidade de chutar, mas, acontecia, preferiu fazer o passe para Leandro, que errou no domínio. A torcida flamenguista apoiava, empurrava as barreiras e o time, tinha flamenguistas até nas árvores do estádio. Lindo, muito lindo. No segundo tempo, visão perfeita e passe sensacional de Romário, que abriu para Fábio Baiano, que chegou na bola só um pouco antes do goleiro do Bangu. Pênalti. Romário, claro, fez o gol sem tremer, e já deixava o dele na sua estreia no campeonato carioca. Romário poderia ter feito dois gols nesse jogo, primeiramente uma falta no travessão, e depois um chute de cobertura após passar entre vários defensores do Bangu, mas o goleiro foi vigilante.

Nesse jogo, Romário brilhou mais com os passes, e cruzou perfeitamente para Caio que marcou “um pouco do abdômen, um pouco da lateral do corpo e um pouco de braço, mas do antebraço, não da mão” como explicou o próprio Caio depois do jogo. Tanto faz, numa tarde de sol em Bangu, o Flamengo ganhava mais um jogo do futebol carioca, aquele futebol raiz, aquele futebol lindo, muito lindo.

Colo-Colo 0x4 Flamengo 1999

Crônica #65 publicada originalmente no 24 de maio de 2023



Como Ñublense não tem muita tradição, eu vou para a lembrança do dia de um jogo contra um gigante chileno, Colo-Colo, Universidad de Chile ou Universidad Católica. E como os resultados do Flamengo na Copa Libertadores no Chile foram quase só derrotas, inclusive na final de 1981 contra Cobreloa, eu vou de um jogo contra Colo-Colo na Copa Mercosul de 1999.

No 4 de agosto de 1999, contra Colo-Colo, Carlinhos escalou Flamengo assim: Clemer; Pimentel, Fabão, Marco Antônio, Célio Silva; Jorginho Araújo, Leandro Ávila, Fábio Baiano, Rodrigo Mendes; Caio, Romário. Flamengo estreou na competição com uma vitória 2x1 sobre Olimpia e podia já se aproximar da classificação com uma nova vitória na segunda rodada, no estádio Monumental David Arellano. Missão difícil, mas para Flamengo, nada impossível.

Jogo começou bem para o Flamengo, com um chute de longe do canhoto Rodrigo Mendes, aproveitando da semi-falha do goleiro uruguaio Claudio Arbiza para abrir o placar. Antes do gol, Caio teve que ser substituído e deixou seu lugar para Reinaldo que, com meia hora de jogo, achou Romário, que driblou um e achou as redes chilenas. Flamengo 2x0, mas em seguida, e como aconteceu no

último jogo eterno aqui contra o Corinthians em 1998, Romário se machucou e teve que sair, entrando Maurinho.

Ainda no primeiro tempo, Rodrigo Mendes, de novo com um chute de fora da área do pé esquerdo, fazia o dobrele, fazia o 3x0 para Flamengo. Jogo era tranquilo para Flamengo, a não ser as lesões, Reinaldo, que tinha entrado no início do jogo, também se machucou e cedeu o lugar para Lê. Flamengo estava bem de opções ofensivas e continuou a dominar o jogo.

No final do jogo, o golaço do dia, Fábio Baiano para Fabão, que tentou a tabelinha em altitude. Tentou e conseguiu, de voleio, Fábio Baiano deu um chute diretamente na gaveta de Arbiza. Uma goleada 4x0 em terras chilenas, os jogos seguintes serão muito mais difíceis, mas no final, o mais importante, Flamengo campeão.

Flamengo 7x0 Universidad de Chile 1999

Crônica #46 publicada originalmente no 22 de março de 2023



Aproveitando da janela internacional para voltar a um jogo internacional, na Copa Mercosul 1999. A Copa Mercosul foi criada um ano antes para ser a segunda competição continental na América do Sul. Na época, só tinha dois times para cada país na Copa Libertadores e a Copa Mercosul virou um torneio muito prestigioso. Na primeira edição, o Palmeiras de Arce, Zinho e Alex ganhou na final do Cruzeiro de Dida, Valdo e Müller.

Na edição de 1999, participaram os 5 grandes da Argentina (Boca Juniors, River Plate, Independiente, Racing e San Lorenzo) e o Vélez Sarsfield de José Luis Chilavert. Participaram também os 3 maiores do Chile (Colo-Colo, Universidad de Chile e Universidad de Católica), os 2 maiores do Uruguai (Peñarol e Nacional) e os 2 maiores do Paraguai (Olimpia e Cerro Porteño). E no Brasil, 7 times, todos dos 12 gigantes originais do futebol brasileiro: Corinthians, Cruzeiro, Flamengo, Grêmio, Palmeiras, São Paulo e Vasco. Um torneio com 20 clubes, todos da elite do futebol sul-americano. Juntos, esses 20 times já conquistaram 420 campeonatos nacionais. A Copa Mercosul de 1999 talvez é o torneio mais disputado da história do futebol sul-americano.

Flamengo ficou no grupo E e começou com duas vitórias contra Olimpia e Colo-Colo. Em seguida, perdeu contra Universidad de Chile e o jogo de volta contra Olimpia. Depois de um empate contra Colo-Colo, a situação era complicada. Para se classificar, Flamengo precisava vencer do Universidad de Chile no último jogo e torcer para uma derrota do Colo-Colo para conquistar o segundo lugar. Ou, para depender apenas de si mesmo, se classificar como um dos melhores terceiros dos grupos. A condição era de ganhar pelo menos de quatro gols do Universidad de Chile. Parecia difícil, quase impossível mas nada é impossível para o Flamengo.

No 7 de outubro de 1999, uma quinta-feira de noite, poucos acreditavam num milagre: apenas 6.050 pagantes no Maracanã, mas 11 guerreiros em campo, escalados assim pelo saudoso Carlinhos: Róbson; Maurinho, Juan, Ronaldo, Marco Antônio; Leandro Ávila, Fábio Baiano, Beto; Caio, Leandro Machado, Romário. Um time razoável com um craque diferenciado e que ia fazer a diferença, Romário.

Flamengo precisava ganhar, precisava golear, precisava atacar e começou o jogo atacando, fazendo gols, muitos gols. Com apenas 5 minutos, Fábio Baiano cruzou, Romário dominou no ar e sem deixar a bola cair no sol, procurou o gol de voleio. O goleiro defendeu, mas Caio foi o mais rápido para chegar na bola, chutar no gol, abrir o placar. Flamengo 1x0, jogo começou bem.

Depois, foi o início do show Romário. Com 16 minutos, dominou de peito e tentou um passe em profundidade. A defesa chilena interveio, mas Romário foi o mais rápido para chegar na bola. Escapou do carrinho de um defensor, driblou um zagueiro, driblou o outro, 3 defensores no chão e o goleiro na frente, que saiu do gol e já sabia o que ia acontecer. Com tranquilidade, será que Romário sabia fazer de outro jeito?, de meio bico meio trivela, deixou a bola na gaveta. E uma mensagem na camisa debaixo do Manto Sgarado para a torcida,

para os fãs, para quem pode entender “Seja forte com força e fé, você sairá desse”. Flamengo 2x0, a metade do caminho já estava feita.

Um minuto depois, apenas um minuto depois, uma saída duvidosa do goleiro, Fábio Baiano foi o mais rápido para chegar na bola e cruzou para Caio. Não tinha mais goleiro, mas tinha defensores na linha do gol. Defensores e Romário. A bola bateu no Romário, que, dando um carrinho, fez mais um gol. Romário também sabia fazer gols na raça. Flamengo 3x0, só faltava um gol.

E o gol salvador veio ainda no primeiro tempo. Leandro Ávila recuperou uma bola no campo da Universidad do Chile, deixou para Beto, na frente para Leandro Machado, que achou de cabeça na direita Fábio Baiano. Goleiro defendeu, Leandro Machado foi o mais rápido para chegar na bola, mas Vargas defendeu de novo. A bola flirtou com a linha do gol, e Romário foi o mais rápido para chegar na bola e a empurrar de trivela no fundo das redes. Flamengo 4x0, o terceiro do Romário, Flamengo classificado.

No segundo tempo, um drible de vaca de Leandro Machado na grande área e um chute, goleiro defendeu com o pé. Bola voltou fora da grande área, Marco Antônio foi o mais rápido para chegar na bola e chutar. Bola foi desviada, bola foi no gol. Flamengo 5x0, virou um show, agora sem a participação de Romário.

Mas claro, Romário não podia deixar de aparacer durante o jogo. Podia até desaparecer durante um tempo, fazer a defesa esquecer dele, e aparecer de novo no momento certo, na hora de fazer o gol. No lado esquerdo, Caio pegou a bola e voltou no centro do campo, evitando dois defensores. Fez um passe em diagonal sensacional para Romário, um domínio na direção do gol, e um chute sem muita convicção, mas suficiente para fazer o quarto dele no jogo. E mais importante, era o gol 200 do Baixinho com o Manto Sagrado. Flamengo 6x0, com mais um show do ídolo da torcida.

Flamengo estava classificado mas queria a maior goleada da história da Copa Conmebol. No final do jogo, de novo na direita, Maurinho cruzou na frente do gol. Romário desviou da ponta do pé para Rodrigo Mendes, que chutou forte, sem chance para o pobre goleiro. Flamengo 7x0, uma goleada histórica, um jogo eterno.

Com esse grande jogo e 4 gols de Romário, Flamengo se classificava nas quartas de final. Passou do Independiente, do Peñarol e, já sem Romário que brigou com a diretoria, conquistou a Copa Conmebol depois de mais dois jogos eternos contra Palmeiras. Um time campeão, que quase foi eliminado na primeira fase, mas era um time de raça e de coração, de força e fé, e de um gênio da grande área, Romário.

Palmeiras 3x3 Flamengo 1999

Crônica #79 publicada originalmente no 8 de julho de 2023



Tinha algumas possibilidades para escrever sobre um Palmeiras x Flamengo, no campo deles. A rivalidade entre Palmeiras e Flamengo é bem forte desde a metade dos anos 2010 quando os dois times passaram a brigar juntos pelos títulos nacionais, mas teve jogos eternos antes, o de 1979 para Palmeiras no Maraca, o show de Sávio em 1994, o dobrete de Pet em 2009 no Parque Antártica. Parece que ano que acaba com um 9 é ano de jogo eterno entre Palmeiras e Flamengo e eu vou finalmente de um de 1999, um dos últimos jogos de futebol antes dos anos 2000.

A competição era a Copa Mercosul, uma das melhores competições da América do Sul, com apenas grandes times, ou até gigantes, do continente. Já escrevi aqui sobre dois jogos da primeira fase, quando Flamengo goleou no campo de Colo-Colo, e depois quando goleou ainda mais a Universidad de Chile para conseguir uma classificação nada certa antes do jogo. Flamengo nas quartas de final, e depois de passar de outros gigantes, Independiente e Peñarol, Flamengo na final, contra Palmeiras.

Mas entre esses jogos e o da final contra Palmeiras, teve uma grande mudança no Flamengo: Romário não era mais do Mengo. Depois da

eliminação frustrante do Flamengo no Brasileirão, Romário fugiu da concentração para ir num boate em Caxias do Sul e a diretoria não perdoou mais um ato de indisciplina, rompendo seu contrato. Acho que foi um erro da diretoria, mas Romário também errou antes, faltando vários treinos.

Mesmo sem Romário, Flamengo fez um grande jogo na ida da final da Copa Mercosul, com uma vitória 4x3 sobre Palmeiras no Maracanã, com apenas 13.414 espectadores, por causa de reformas no estádio. E não era qualquer Palmeiras, o time tinha conquistado sua primeira Copa Libertadores alguns meses antes e tinha muitos jogadores da Seleção brasileira, tinha campeões do mundo, tinha craques, como Marcos, Júnior, Júnior Baiano, César Sampaio, Zinho, Euller e Paulo Nunes, além do paraguaio Arce e do colombiano Asprilla. Ainda mais, muito mais, tinha como camisa 10 e cérebro do time um craque diferenciado, injustiçado na Seleção, Alex. Até injustiçado pelo próprio técnico do Palmeiras e futuro pentacampeão, Luiz Felipe Scolari.

Três semanas depois de perder a oportunidade de conquistar seu primeiro Mundial, Palmeiras tinha a possibilidade de conseguir um bicampeonato continental inédito no mesmo ano. Flamengo queria concluir os anos noventa com um título, depois de várias frustrações durante a Era Romário. E sem seu maior craque, o time era menos impressionante. No 20 de dezembro de 1999, o saudoso técnico Carlinhos escalou Flamengo assim: Clemer; Maurinho, Célio Silva, Juan, Athirson; Leandro Ávila, Marcelo Rosa, Leonardo Inácio, Caio; Leandro Machado, Reinaldo.

Jogo começou tenso, com Palmeiras dominando a partida, apoiado pelos 32.000 torcedores. Número pode parecer pequeno, mas jogo era no antigo Parque Antártica, lotado nesse dia. Um estádio menor, mas mais impressionante com Palmeiras que o Morumbi ou o Pacaembu. Um estádio pronto a explodir, e que explodiu quando depois de uma tabelinha entre Júnior e Zinho, o atacante

flamenguista Leandro Machado concedeu o pênalti. Sem tremer, Arce venceu um Clemer muito avançado em cima da linha, e abriu o placar para Palmeiras, igualou o placar no agregado.

Jogo continuou muito animado, com Palmeiras dominando, Paulo Nunes perdendo um gol mais difícil de perder do que fazer. Os dois times voltaram nos vestiários com um gol de diferença para Palmeiras, quase um bom placar para Flamengo, que viu o adversário ameaçar a área do gol várias vezes no primeiro tempo. Flamengo voltou diferente no segundo tempo e com apenas um minuto, Caio empatou depois de bom trabalho de Rodrigo Mendes, que entrou durante o intervalo. E depois de um quase golaço de falta de Arce, Flamengo virou, com um golaço. De novo Rodrigo Mendes, que recebeu na profundidade, cruzou, Júnior Baiano afastou o perigo, mas a bola voltou nos pés de Rodrigo Mendes, que fez um lindo drible e deu um chute de fora da área. Bola na gaveta de Marcos, uma pintura, alegria para a torcida flamenguista em bom número no estádio, Flamengo agora perto do título. Não muito perto, porque jogo continuava tenso, com quase uma briga entre os jogadores dos dois times.

Antes da hora do jogo, quase da mesma posição onde quase fez o golaço de falta, de novo numa falta, Arce agora fez o golaço, apesar do esforço de Clemer. No jogo, Palmeiras 2x2 Flamengo, apenas um gol de diferença no placar agregado, e depois do 4x3 na ida, a promessa de um jogo eterno virou certeza. Ainda mais quando alguns meses antes, Palmeiras, no mesmo Parque Antártica, fez uma virada histórica sobre Flamengo na Copa do Brasil, fazendo 3 gols, os dois últimos nos últimos momentos, para se classificar. No 20 de dezembro de 1999, o Parque Antártica lotado acreditava numa nova virada.

E o estádio acreditou ainda mais quando Paulo Nunes, esquecido pela zaga do Flamengo e bem servido pelo Zinho, fez o gol de cabeça, fez o gol de outra virada no jogo. Paulo Nunes comemorou

com um chapéu verde de Papai Natal, e agora todo flamenguista tremia de conhecer mais uma dura decepção. Jogo ia agora forçar um jogo desempate, previsto para 23 de dezembro. Os dois times ainda tiveram lances perigosos, o maior para Iranildo, que entrou no lugar de Caio e chutou depois de um drible de vaca, mas Marcos fez boa defesa. Em seguida, Oséas, que também entrou durante o jogo, quase fez o gol do título alviverde, mas Clemer também defendeu. Faltando dez minutos para um outro jogo na decisão.

E Carlinhos mostrou mais uma vez que tinha uma boa estrela, uma estrela eterna, com a entrada em campo de Lê, de apenas 20 anos. No meio de campo, Iranildo foi o mais rápido para chegar na bola, que foi nos pés de Lê, que abriu na frente para Reinaldo. De calcanhar, Reinaldo tentou, e conseguiu, a tabelinha. Lê abriu o pé e fechou o placar, fazendo um dos gols mais emblemáticos da história do Flamengo, o último dos anos 1990. Depois de dois lances defendidos pelo Clemer, o juiz apitou o fim do jogo, apitou o início da festa do campeão, mais uma vez Flamengo.

Gama 2x4 Flamengo 2000

Crônica #22 publicada originalmente no 11 de dezembro de 2022



Gama é um clube de Brasília, que em 2022 jogou apenas o campeonato brasiliense. Mas em 2000, foi o pivô de uma nova virada de mesa do futebol brasileiro, onde os detalhes não serão detalhados nessa crônica. Basta dizer que Gama recorreu na justiça comum para garantir seu lugar no Brasileirão de 2000, uma edição com 116 clubes! A competição pegou o nome de Copa João Havelange, do nome do presidente brasileiro da FIFA, onde também aqui nós não vamos contar mais detalhes.

Gama ficou no Módulo Azul da Copa João Havelange, que era mais ou menos a Série A, com 25 clubes, incluindo obviamente Flamengo, que nunca foi rebaixado do Brasileirão. Flamengo não fez um ótimo início no Brasileirão 2000, com 5 vitórias, 5 empates e 2 derrotas. Antes do jogo contra Gama, vinha de uma vitória 3x0 contra Santos no Maracanã, com gols de Adriano, Petkovic e Fernando.

No 30 de setembro de 2000, no antigo estádio Mané Garrincha, o técnico Carlinhos escalou Flamengo assim: Júlio César; Bruno Carvalho, Fernando, Ronaldo, Athirson; Leandro Ávila, Rocha, Mozart, Petkovic; Denílson, Edílson. Um time com craques e ídolos, que poderia ter feito bem mais em campo, mas a diretoria era bem

mais desorganizada do que hoje, o que nunca ajuda. Uma palavra aqui para a camisa de 2000, a primeira de Nike depois de anos com Umbro. Era um Manto Sagrado muito lindo, para mim mais lindo do que os últimos do Umbro.

Contra Gama, Flamengo abriu o placar com 17 minutos. Jogada começou com Denílson, um jogador que eu adorava com a Seleção, particularmente na Copa de 1998, com um estilo de jogo tipicamente brasileiro, cheio de ginga e de dribles. Em 2002, foi novamente muito bem na Copa. Entre os dois, uma passagem no Flamengo não tão feliz. Mas contra Gama, matou a bola de peito e deixou de calcanhar para Athirson, que eliminou um adversário de caneta e entrou na área. Bola para Petkovic, primeiro chute bloqueado por um zagueiro, segundo chute nas redes. Flamengo 1x0. Depois de uma primeira experiência brilhante no Brasil com a camisa de Vitória, e uma volta na Europa com Venezia, Petkovic foi num clube bem maior, nosso Flamengo, e começou a brilhar com gols, assistências e jogadas mágicas.

Alguns minutos depois do gol, Gama aproveitou da desorganização da zaga do Flamengo para empatar com um gol de Juary. Antes do intervalo, Flamengo conseguiu ter um pênalti, depois de dois dribles do lateral-direito Bruno Carvalho. Era mais falta do que pênalti, mas para Petkovic falta e pênalti eram quase a mesma coisa, quase um gol. De 11 metros, Petkovic bateu com força, com precisão e fez o seu segundo do jogo. No intervalo, depois de dois milagres de Júlio César e de uma bola salvada na linha do gol de Ronaldo, Gama 1x2 Flamengo.

No início do segundo tempo, Gama empatou com um gol contra do não tão gênio Mozart. Depois, Flamengo e Gama tiveram oportunidades, mas nada de gol. Com 30 minutos no segundo tempo, a torcida do Flamengo, que enchia quase todo o estádio Mané Garrincha, foi à loucura com Adriano que finalizava o aquecimento e se preparava para entrar, e com uma falta para Petkovic, a mais ou

menos 25 metros do gol, bem no eixo central do gol. E para Pet, uma falta era quase um pênalti, quase um gol. Com uma trajetória que ia ser eternizada no ano seguinte, a bola foi na gaveta do pobre goleiro de Gama. Petkovic completava o hat-trick, seu único com o Manto Sagrado, e de novo, Flamengo estava na frente no placar..

Só que dessa vez, Flamengo não cedeu o empate, conservou a vantagem, ampliou-a. Porque agora tinha um outro gênio em campo, não da Sérvia mas da favela, um atacante de 18 anos, Adriano Leite Ribeiro, nosso Didico. Na sua primeira bola, no meio de campo, Adriano passou de um defensor e antes da chegada do segundo, abriu na direita para Rocha. Adriano foi na grande área, Rocha tentou finalizar a tabela, mas por poucos centímetros, Adriano não conseguiu dominar a bola. A torcida flamenguista ficou no grito de desespero.

Adriano ficou na frente da ataque, e Athirson se infiltrou na zaga, Adriano abriu espaço na esquerda, Athirson deixou de trivela, Adriano bateu cruzado, brocou, comemorou com a torcida agora com gritos de alegria, sob os aplausos do Petkovic no banco, que tinha cedido seu lugar para Alessandro. Gama 2x4 Flamengo, show de Petkovic, brilho de Adriano, que fazia aqui seu sexto gol da temporada.

Flamengo fazia aqui um dos seus melhores jogos do campeonato, mas era o Flamengo do fim do século XX – começo do século XXI. Em seguida, perdeu cinco jogos consecutivos e ficou fora da fase seguinte por 3 pontos. Flamengo já estava eliminado de um campeonato que ia ser conquistado pelo arquirrival Vasco. Para esquecer, mas a história, de novo como Petkovic, ia ser bem diferente alguns meses depois.

Volta Redonda 0x3 Flamengo 2001

Crônica #37 publicada originalmente no 15 de fevereiro de 2023



Flamengo volta ao Rio de Janeiro, sem o título mundial tão desejado. Pelo menos conseguiu o terceiro lugar. Agora é focar de novo no campeonato carioca, com um jogo contra Volta Redonda. Em 2001, ano do quarto tricampeonato carioca da história do Flamengo, o rubro-negro enfrentou Volta Redonda, no antigo Raulino de Oliveira.

No 4 de fevereiro de 2001, Zagallo escalou Flamengo assim: Júlio César; Maurinho, Juan, Gamarra, Cássio; Leandro Ávila, Jorginho, Beto, Iranildo; Roma, Edílson. Um time muito boma apesar da ausência de Petkovic, Reinaldo e Adriano. E tinha uma das zagas mais fortes da história do Flamengo com Juan e Gamarra.

Com meia hora de jogo, Edílson fintou, pedalou e achou Iranildo. Iranildo driblou um, atirou um outro e achou Roma. Roma dominou, driblou um e deixou para Beto que só tinha a fazer o gol. Um gol muito simples, graças à qualidade superior de drible e de passes dos jogadores.

No segundo tempo, Roma é mais rápido do que a defesa de Volta Redonda. Entre dois defensores, ele transmitiu a bola para Edílson, que mostrou que ele era craque. A finalização é de artilheiro, ele não

se precipitou, e também não demorou. O domínio deixou o zagueiro sem possibilidade de intervir, a finta deixou o goleiro no chão. Um golaço graças à qualidade superior de um craque.

E Edílson também foi na construção do terceiro e último gol da partida. Ele recebeu na ala direita, invadiu a grande área, fez o drible de vaca. O adversário atrasado não tinha muita possibilidade, parar o jogador com a falta ou deixar ele completar o drible de vaca. Pênalti. Edílson também foi na finalização do gol. Com a mesma tranquilidade de que na bola rolada, Edílson completou o dobrete na bola parada, achando o canto do goleiro. Edílson fazia seu quarto gol em 3 jogos do campeonato carioca e seria no fim do campeonato o artilheiro máximo, acabando com o reino de Romário, penta artilheiro do campeonato carioca entre 1996 e 2000.

Nesse 4 de fevereiro de 2001, uma vitória tranquila do Flamengo em Raulino de Oliveira, no caminho de um tri inesquecível.

Flamengo 3x1 Vasco 2001

Crônica #68 publicada originalmente no 5 de junho de 2023



Há alguns dias, no 27 de maio, foi o 22º aniversário do Fla x Vasco de 2001, gol de Pet. Conheço algumas datas do Flamengo de coração e de cabeça. 3 de março, dia do nascimento de Zico, claro, e das maiores conquistas, o Mundial de 1981, no 13 de dezembro, as Libertadores de 1981 e 2019, ambos no 23 de novembro, a despedida de Zico, 2 de dezembro de 1989, dia do aniversário do meu pai, o primeiro Fla-Flu, 7 de julho de 1912, dia de meu aniversário. E ainda outras datas, como o 27 de maio de 2001, gol de Pet. Porque é um jogo eterno. Também um minuto eterno, 43 do segundo tempo, quando, para cada jogo do Flamengo, tudo pode acontecer. Tudo isso graças ao Petkovic.

Começo essa crônica com a palavra de Rodrigo Mandarini, jornalista por Meia Hora, no livro 2001, isso aqui é Flamengo, de Claudio Portella e Roberto Assaf: “O dia 27 de maio de 2001 mudou a minha vida. E não há nessa afirmação qualquer exagero. Desde aquele minuto 43, quando o Pet comprovou a existência de Deus naquela falta, minha vida é outra. Se antes eu não acreditava em santos, Pet me fez virar devoto de São Judas Tadeu. Se eu antes não havia presenciado um milagre, naquela bola ele se fez diante de mim. Não sei como não morri naquela hora. Sei que cheguei com uma faixa do

Vasco campeão que arranquei do desconhecido que estava na minha frente nas antigas cadeiras azuis, onde presenciei sozinho aquele momento. Não há dúvida de que aquele foi o momento mais feliz da minha vida. E olha que eu tenho dois filhos, Arthur (homenagem ao Zico) e Theo (que não consegui que fosse Dejan, mas significa Deus, então tá valendo de tamanho milagre), pelos quais sou enlouquecido. Mas nem quando eles nasceram fiquei tão alucinado. Se me perguntarem se quero ser dez vezes campeão do mundo contra o Barcelona, mas esquecer aquele 27 de maio, eu juro que não troco. Não troco nada por aquela alegria, que espero que nenhum Alzheimer me tire. Pode fazer eu esquecer até de mim, mas não daquela tarde. Naquele 27 de maio, então no primeiro período de Faculdade de Comunicação, escrevi um texto e mandei para o site do Flamengo. As minhas linhas emocionadas foram publicadas e muito elogiadas nos comentários. Decidi trabalhar no jornalismo esportivo com uma missão: entrevistar o Pet e falar daquele dia com ele. Consegui poucos anos depois. Já conversei com ele tantas vezes desde então que me honra muito que o meu ídolo seja uma pessoa que me conhece e me trate tão bem. Sempre me sinto um garoto diante da primeira namorada quando estou diante do Gringo. O coração acelera, a boca fica seca, os olhos brilham, o sorriso não sai da boca”.

Todo mundo sabe o que aconteceu no minuto 43 do 27 de maio de 2001. Sobre o jogo, quase tudo já foi escrito. Momentos difíceis no Flamengo, apesar dos craques em campo. Momentos de muros pichados na Gávea, de salários atrasados, de brigas de ego entre jogadores. Flamengo perdeu o jogo de ida da final do campeonato carioca contra o arquirrival Vasco e Petkovic quase não jogou o jogo de volta, como explica Marcos Eduardo Neves no livro 20 jogos do Flamengo: “Na sexta-feira, insatisfeito com mais um vencimento não honrado na data correta, o sérvio brigou com dirigentes e abandonou a concentração antes do jantar. Só de madrugada voltou ao hotel, tendo sido levado praticamente à força por um amigo, que lhe explicara o significado daquele improvável Tri. O craque, que a

princípio não queria jogar, mudou de ideia. Conscientizou-se de que poderia entrar para a história do principal clube do país”. Mais do que o amigo, foi intervenção de Deus. Esse jogo, esse gol, só podem ser coisas de Deus.

Apesar da derrota no jogo de ida, Flamengo acreditava, porque tinha um técnico de muita fé, Zagallo, acostumado a vencer, inclusive o tricampeonato carioca 1953-1955 com o Manto Sagrado. Um técnico de experiência, de história, que sabia que o título era possível. Um técnico de superstição também, que fez do número 13 seu número de predileção, de sorte. E “Dejan Petkovic” tem 13 letras. Ao lado de Pet, no eterno 27 de maio de 2001, Zagallo escolheu várias pratas da casa, que podiam entender o poder de uma decisão contra Vasco, escalando Flamengo assim: Júlio César; Alessandro, Fernando, Juan, Cássio; Leandro Ávila, Rocha, Beto, Petkovic; Edílson, Reinaldo. Um time histórico para um jogo eterno. Do outro lado, o timaço do Vasco, de Pedrinho, Juninho Paulista, Euller e Viola, campeão brasileiro alguns meses antes. Mas Flamengo é Flamengo, sempre Flamengo.

Com 20 minutos de jogo, Beto, camisa do Che Guevara por baixo do Manto Sagrado, driblou um, achou Cássio, que achou o pênalti. Sem briga entre Edílson e Petkovic, Edílson pegou a bola, pegou larga distância e chutou forte, chutou no gol. Com esse gol, Edílson chegava ao 15º gol no campeonato, acabando com o reino de Romário, lesionado para esse jogo, e que vinha de cinco artilharias consecutivas. Por causa do critério de desempate, Flamengo ainda estava atrás no placar agregado e numa falta de sorte, Viola recuperou a bola e deixou Juninho Paulista livre para empatar o jogo, para deixar Vasco ainda mais perto do título.

Mas Flamengo é Flamengo, Zagallo é fé, e nos vestiários, o técnico veterano conseguiu incentivar o time, fazer todo mundo acreditar no título. E no início do segundo, um primeiro brilho de Pet, um drible com pedaladinha sobre Paulo Miranda, e um doce na cabeça de

Edílson, para o 16º do campeonato, para o gol da fé. Agora, vamos já no final do jogo, no minuto 43. Uma falta de Fabiano Eller sobre Edílson, a 25 metros do gol vascaíno. Uma falta perfeita, para um craque, brasileiro ou não, um craque como Zico foi, como Petkovic era. Um segundo antes da falta, a cara de ansiedade de Alessandro no banco representava todos os flamenguistas nesse exato momento. No banco, Zagallo e a fé: “Santo Antônio estava no meu bolso, ele anda sempre comigo. Na hora da falta, quando vi que o Pet ia bater, segurei com força meu terço e apelei: ‘Me ajude por favor’. É preciso ter fé sempre”. Cito também o goleiro Júlio César, que falou: “Creio que 35 milhões de pessoas bateram aquela falta junto com o Pet”. E não foi falta de sorte, foi falta de Deus.

Dejan Petkovic, com 35 milhões de flamenguistas e Deus ao seu lado, chutou, achou um ângulo perfeito, o ângulo de Helton, curto de alguns centímetros e eternizado ao mesmo tempo do que Pet. Petkovic saiu correndo igual louco, colapsou no chão para uma comemoração também eterna. É provavelmente o gol do Flamengo que mais assisti na minha vida, e também um dos gols mais icônicos da história do Flamengo, junto com o gol de Gabigol no Milagre de Lima. Nem o gol de Zico contra Cobreloa ou o gol de Nunes contra Liverpool têm essa coisa. O gol de Pet foi o gol do Tri, um gol contra Vasco numa final sim, mas ainda tem uma coisa a mais, talvez porque seja de falta, seja no final do jogo, seja do Pet, não sei porque exatamente, e talvez é isso, porque esse gol tem uma coisa inexplicável, indescritível, mas com uma certeza: “gol de Pet”, todo mundo sabe de qual jogo é.

Quando falo com alguns flamenguistas apaixonados, gosto de perguntar qual foi a maior emoção deles no Maracanã. E já encontrei alguns dos 60.038 sortudos presentes no Maraca nesse dia, com para mim a mesma mistura de emoções, um sentimento de inveja e de alegria para o irmão flamenguista. Se podia escolher ir num jogo passado do Flamengo, ficaria na dúvida entre alguns jogos, talvez o gol de Rondinelli contra Vasco em 1978, talvez o Tri e o 3x0 contra

Santos em 1983, mas mais provavelmente o Hexa contra Grêmio em 2009 ou o gol de Pet. Talvez com uma dúvida, escolher o gol de Pet seria arriscar demais uma parada cardíaca.

No final, Flamengo tricampeão em cima do Vasco, Vasco tri-vice, Fla tetra-tri, um título do campeonato carioca mas que valia a Copa do Mundo, até para quem já conquistou o título supremo do futebol, e 4 vezes, como o técnico Zagallo, que falou depois do jogo: “Ficou claro que o preto e vermelho é quem manda no Maracanã. Era minha última oportunidade de conquistar um novo Tri. Este tricampeonato, na minha vida, valeu como se eu tivesse ganho outra Copa do Mundo”. Flamengo é eterno, como esse gol do Gringo, ídolo do Flamengo e que falou de um desejo que sem saber realizaria só dez anos depois: “Já disse que quero encerrar minha carreira no Flamengo, mas isso não depende só de mim. O que sei é que faço parte agora da história do Flamengo, e isso ninguém vai nunca poder apagar”. Ninguém vai apagar, ninguém pode apagar, ninguém quer apagar, e todo mundo vai lembrar o gol de Pet, para quem viveu, no Maracanã ou na televisão, ou quem não viveu, mas que sabe do patrimônio do Flamengo.

Para fechar a crônica, um longo trecho do livro de João Luiz Silva, Flamengo, uma história divina, que evidentemente fala sobre o gol de Pet: “E chegou o tão esperado dia: 27/05/2001. A princípio, um dia como outro qualquer. Mas que, a despeito do que dizem e pensam os historiadores do Universo, tem antes e depois desse dia. A torcida vascaína, então campeã brasileira e da Mercosul, chegava extremamente confiante ao Maior do mundo. A torcida rubro-negra, apesar da necessidade da vitória, e que ainda não fosse pela diferença mínima, cresce nas adversidades e também chegava confiante. Pelo Vasco, Romário, contundido, não ia jogar. Um problema a menos para o rubro-negro. Mesmo assim, a maioria das opiniões de crítica e público era de que a vitória, ou pelo menos o título, seria cruz-maltina. Também nos céus a torcida se preparava para assistir ao jogo. Primeiro chegou Deus, em segundo, aliás, como sempre

acontecia, chegou São Januário. Depois, chegaram os outros. A tensão era grande. E o Vasco, com todo o favoritismo, realmente começou melhor [...] Até que acontece o lance que mudou a história do Universo. 43 minutos do segundo tempo. Falta para o Flamengo. A torcida cruz-maltina já comemora o título não acreditando que a falta, que realmente era um pouco longe, pudesse resultar em alguma coisa. No céu São Judas Tadeu vê o técnico Zagallo segurar a sua medalhinha e fazer uma prece. Sem pensar que o técnico não podia ouvi-lo São Judas comenta: - Desculpe Zagallo, mas ao contrário do que você imagina, eu não posso fazer nada. - Nem você, nem ninguém - sorri São Januário, feliz da vida. Será que ninguém mesmo ? Deus assiste ao jogo muito quieto, diferente da Sua maneira habitual. No entanto, tal atitude é confundida com calma ou até com apatia, mas ninguém desconfia do que está para acontecer. A torcida do Flamengo estica os braços e balança as mãos buscando transmitir energia positiva para Petkovic. O comentarista Washington Rodrigues, o Apolinho, informa que São Judas acaba de chegar ao Maracanã. No céu, São Judas, nervoso, ri de brincadeira. O Maracanã aguarda ansioso. O paraíso também. Pet corre para a bola, bate com muita categoria buscando tirar o goleiro Helton da jogada e fazer com que a bola entre no ângulo superior esquerdo da meta vascaína. Mas para infelicidade rubro-negra a bola segue o caminho da linha de fundo. Por pouco, muito pouco, mas mesmo assim para fora. E exatamente neste instante, tudo muda. Deus não vai perder a oportunidade de mais um tri. Sentado onde está, sem nenhum esforço aparente, Ele sopra de leve. Muito de leve. Mas o suficiente para a bola sofrer um desvio milimétrico e morrer no fundo da rede. Fla 3x1. Fla tricampeão. Vasco tri-vice. Êxtase no céu e na terra. A galera rubro-negra comemora enlouquecida no Maracanã, no Rio, no Brasil, no planeta. E além dele. Também no céu onde a maioria rubro-negra pula e grita animadamente até o apito final”.

Fortaleza 3x4 Flamengo 2006

Crônica #6 publicada originalmente no 28 de setembro de 2022



No início do Brasileirão da era dos pontos corridos, Flamengo foi muito mal. Em 2003, a 8ª posição foi razoável, mas depois Flamengo foi 17º em 2004 e 15º em 2005, escapando de pouco do rebaixamento. Em 2006, no 22 primeiros jogos, foram apenas 6 vitórias! De novo, Flamengo estava na zona de rebaixamento.

Graças a uma vitória contra Botafogo, Flamengo escapou do Z-4 antes de ir no Ceará para jogar contra Fortaleza. O time era limitado e o principal jogador do ano foi Renato Abreu. Um outro Renato, o Renato Augusto, era a maior promessa da base. Mas com um time que não podia sonhar conquistar o Brasileirão, a temporada já era um sucesso porque Fla ganhou a Copa do Brasil, e ainda melhor, em cima do Vasco. A volta na Libertadores era garantida, só faltava escapar do rebaixamento.

Para o jogo contra Fortaleza, Ney Franco não tinha a disposição sua dupla de ataque habitual, o ídolo Sávio e o pentacampeão Luizão. Mas Flamengo tinha um outro ídolo, eternizado com o gol contra Paraná, imortalizado com o gol contra Vasco, Obina. No 17 de setembro de 2006, Flamengo foi escalado assim no Parques dos Campeonatos: Bruno; Léo Moura, Renato Silva, Fernando, André;

Paulinho, Léo, Renato Abreu, Renato Augusto; Obina, Fabiano Oliveira.

Flamengo começou bem o jogo, com um gol de Fabiano Oliveira no 11º minuto e uma assistência de um outro Renato, o zagueiro Renato Silva. Depois, foi Renato Abreu que fez a assistência, para Obina, agora com uma camisa 7 menos histórica que a 18, mas que venceu o goleiro Albérico de um chute cruzado, de fora da área. Três minutos depois, numa jogada ensaiada, de novo foi Renato Abreu para Obina, que fez seu segundo do jogo. Um golaço, meio de calcanhar, meio de trivela. Obina talvez não era um craque, mas mostrava com esse gol que ele tinha habilidade e instinto de goleador, fez o único gesto que podia ser feito para fazer o gol. Uma pintura de um operário, que permitia ao Flamengo de fazer três gols num jogo do Brasileirão 2006 pela apenas segunda vez, a primeira foi na segunda rodada com uma vitória 3x1 contra Juventude, meses atrás!

Fortaleza não desistiu, insistiu e numa jogada nada ensaiada, fez o gol do 3x1. No início do segundo tempo, outro golaço, agora de Rinaldo, Fortaleza era agora a um gol de um empate inesperado. Flamengo podia tremer, mas foi o lateral Bruno Barros que tremeu, errando um lateral, curto demais, a destinação de seu goleiro. Obina estava com espírito de matador nesse dia, antecipou a saída do goleiro, driblou-o e completou seu primeiro hat-trick como profissional. No Flamengo, faria um outro hat-trick, contra America, no campeonato carioca 2008.

O segundo gol de Rinaldo no jogo foi inútil, Flamengo vencia 4x3 no Fortaleza, com uma grande atuação de seu ídolo Obina e ficava mais longe do tão temido rebaixamento.

Real Potosí 2x2 Flamengo 2007

Crônica #50 publicada originalmente no 5 de abril de 2023



Flamengo estreia hoje na Copa Libertadores, num jogo em altitude, em Quito. Um jogo de estreia na altitude traz a lembrança do jogo contra Real Potosí em 2007. Comecei a acompanhar o futebol brasileiro de clubes no fim do ano de 2005, com o Mundial de clubes conquistado pelo São Paulo. Em 2006, ainda estava limitado com um site em francês e pouquíssimas notícias. Mas em 2007, descobri o site Placar, que passou a fazer parte de meu cotidiano, lendo todos os dias artigos sobre o Flamengo, já o grande amor de minha vida. Não entendia tudo, mas entendia o que era Flamengo.

Entendia também a dificuldade de jogar na altitude, essa particularidade do futebol sul-americano, mais uma diferença com o futebol europeu. O pré-jogo quase foi apenas sobre a altitude de Potosí, mais de 4.000 metros. Um inferno, diferente mas quase igual do Maracanã, nesses tempos ainda o templo do futebol, um inferno para os adversários. Também relembrava que o time do Real Potosí tinha a identidade do Real Madrid, outro clube de meu coração, um escudo quase igual, um nome Real, uma camisa quase igual. Outra particularidade do futebol sul-americano que começava a conhecer.

No 14 de fevereiro, dia dos namorados na França, o amor de minha vida estava em campo, escalado assim pelo Ney Franco: Bruno; Léo Moura, Thiago Gosling, Moisés, Ronaldo Angelim, Juan; Claiton, Renato Augusto, Renato Abreu; Paulinho, Obina. Comecei a assistir aos melhores momentos de todos os jogos no início de 2007 só, não conhecia ainda bem os jogadores, mas acho que meu coração começava a bater pela raça de Claiton, a juventude de Renato Augusto, as faltas de Renato Abreu e o carisma de Obina, já um herói da conquista da Copa do Brasil de 2006 contra Vasco, que ofereceu o ingresso para a Libertadores de 2007, minha primeira como torcedor do Flamengo. Também já entendia bom o que representava a Copa Libertadores na América do Sul. O goleiro Bruno nunca vai ter a crônica dele na categoria dos ídolos, mas gostava muito dele na época. No banco, entraram ídolos também, Juninho Paulista e Souza.

No inferno de Potosí, quem começou a brilhar foi um brasileiro, Edu Monteiro. O jogador de 35 anos na época, passou toda a carreira na Bolívia, e passou entre a zaga do Flamengo para abrir o placar com apenas 13 minutos de jogo. E no final do primeiro tempo, outro estrangeiro do Real Potosí, o paraguaio Ruben Oliveira, aproveitou da apatia da defesa do Flamengo para fazer o gol do 2x0. O estádio virou inferno, era impossível de respirar e relembro de imagens dos jogadores do Flamengo respirando com balão de oxigênio. Flamengo estava derrotado e uma goleada podia até ser temida. Flamengo não conseguia respirar, mas Flamengo nunca morre.

No início do segundo tempo, Roni, que tinha entrado no intervalo no lugar de Juan, aproveitou uma falta de Renato Augusto para fazer um gol de cabeça. E numa outra batida de falta, agora pelo Juninho Paulista, que tinha entrado no lugar de Thiago Gosling, meu ídolo Obina fez outro gol de cabeça. Flamengo conseguia um verdadeiro milagre, um empate tão difícil a alcançar do que o pico mais alto da América do Sul. Estava muito orgulhoso de meu time e dos jogadores, verdadeiros guerreiros. Uma estreia maravilhosa na competição, que será seguida de 5 vitórias na fase de grupos. Daí a

decepção ainda mais forte com a eliminação contra Defensor nas oitavas, mas isso é outra história.

Relembro também que a revista francesa So Foot fez um artigo sobre o jogo, falando da altitude. Gostei claro do artigo, mas agora não estava mais limitado as notícias francesas e tinha outros canais de informações para acompanhar, todos os dias, o grande amor de minha vida.

Flamengo 3x1 Cruzeiro 2007

Crônica #66 publicada originalmente no 27 de maio de 2023



Para a lembrança do Flamengo x Cruzeiro, fiquei na dúvida com duas goleadas, o 6x2 de 2004 e o 5x1 de 2011. Mas, finalmente, eu vou de outra vitória com menos gols, mas de um ano que adorei, porque corresponde ao ano em que comecei a acompanhar Flamengo com mais regularidade, e escrevi sobre apenas um jogo de 2007 até agora, no campo de Real Potosí, na altitude e no calor da Libertadores. Então, hoje volto ao ano de 2007, dos primeiros amores.

Na França, o ano escolar começa em setembro e em 2007 foi meu primeiro ano de ensino médio, numa outra escola, o “lycée” em francês. E no início de setembro de 2007, comecei a já ter uma nova rotina. Depois da pausa para o almoço, tinha acesso aos computadores com Internet. Era uma outra época, YouTube tinha só um ano de existência e não tinha os melhores momentos dos jogos de futebol brasileiro na plataforma. Mas tinha no GloboEsporte os melhores momentos, com duração média de 8 minutos. E comecei a acompanhar todos os jogos do Flamengo na escola nas segundas-feiras e quintas-feiras.

Na quarta-feira 12 de setembro de 2007, Flamengo recebeu Cruzeiro no Maracanã com um público pequeno: 11.640 pagantes. Joel Santana, que eu já adorava por ter conquistado o campeonato carioca de 2007 com muita raça, amor e paixão, escalou Flamengo assim: Bruno; Léo Moura, Ronaldo Angelim, Fábio Luciano, Juan; Rômulo, Jailton, Cristian, Toró, Renato Augusto; Souza. Com apenas alguns meses de conhecimento do elenco do Flamengo, eu já estava bem servido de ídolos, mas ninguém mexia meu coração como Obina, que começou o jogo no banco.

Mas Flamengo tinha outros ídolos, a começar pelo Léo Moura, que teve o primeiro lance do jogo depois de dois dribles e um chute em cima do travessão. No minuto seguinte, depois de dois dribles de novo, Léo Moura achou Toró, de quem o chute flirtou com a trave de Fábio. E também foi Léo Moura que fez o primeiro gol do jogo, inclusive um golaço. Um cruzamento de Souza, um passe de cabeça de Toró, e um chute de Léo Moura, tanto potente que preciso, diretamente no gol cruzeirense. Golaço de Léo Moura, Flamengo na frente. No minuto seguinte, de novo Léo Moura driblando na grande área, de novo um passe para Toró, de novo fora do gol. No fim do primeiro tempo, Flamengo quase fez o segundo com cabeçada de outro ídolo, Fábio Luciano, que também adorava por causa do campeonato carioca de 2007, por causa da raça, do carisma e do amor a camisa.

Segundo tempo começou com outra cabeçada do Fábio Luciano, perto do gol, mas não no gol. Dominação do Flamengo era total, mas faltava o segundo gol. E o segundo gol finalmente saiu de novo nos pés de Léo Moura, que entrou na grande área, foi até a linha do gol para cruzar na cabeça de Souza. Fábio foi um pouco lento para reagir e a Nação, mesmo em número modesto, explodiu. Cruzeiro reagiu, fez um gol com dois jogadores que entraram no jogo alguns minutos antes, o Kerlon Foquinha, outro motivo para gostar do futebol brasileiro e de seu folclore, fazendo passe para Guilherme. Flamengo 2x1, pressão no Maraca.

Mas o Papai Joel também sabia mexer e fez entrar quem mexia com meu coração, o ídolo Obina. Três minutos depois de entrar, dois minutos antes do fim do jogo, Obina fez o passe para Léo Moura, ainda Léo Moura, sempre Léo Moura, que puxou o contra-ataque, a 70 metros do gol cruzeirense. Um 4 contra 2, perfeitamente negociado pelo Léo Moura, com passe em profundidade para Léo Medeiros, com passe atrás para Obina, que só tinha a fazer o gol para fazer a alegria dos 11.640 no Maraca, dos milhões no Brasil e, no dia seguinte, de um adolescente num pequeno lycée francês.

Flamengo 2x0 Boavista 2008

Crônica #35 publicada originalmente no 1º de fevereiro de 2023



Para hoje um texto pequeno porque ainda estou de ressaca da derrota contra Palmeiras na Supercopa do Brasil. Flamengo já ganhou um título em cima de Boavista, a Taça Guanabara 2011, mas guardo esse jogo para um outro Flamengo x Boavista. Hoje vai ser um texto rápido, de dois lances só, dois gols, um jogo de 2008.

O jogo foi a estreia do ano 2008. Apesar de frustrações, tenho muita saudade desse time, com muitos ídolos, meus primeiros no Flamengo. No 20 de janeiro de 2008, dia de São Sebastião, padroeiro do Rio de Janeiro, Joel Santana escalou Flamengo assim: Diego; Léo Moura, Ronaldo Angelim, Fábio Luciano, Juan; Jaílton, Cristian (Obina), Ibson, Toró, Renato Augusto (Marcinho); Souza. Ao menos 6 ídolos nesse time e outros jogadores para quem tenho muito carinho até hoje.

No Maracanã, ainda antigo, ainda fervente, jogo ficou sem gol no primeiro tempo. No segundo tempo, Papai Joel mexeu e fez entrar Marcinho e Obina. Com 20 minutos, Marcinho acelerou no meio de campo e abriu para Obina, que esperou um pouco, e achou de volta Marcinho. Com dois toques, o segundo de trivela, Marcinho deixou Souza livre, que de primeira, abriu o placar. Era o primeiro jogo de

Marcinho com o Manto Sagrado e adorei a temporada dele no Flamengo. Um jogador rápido e driblador, ideal para fazer a diferença nos fins dos jogos. Obina é um dos ídolos mais carismáticos do Flamengo e também decisivo saindo do banco. Souza era irregular mas um ótimo goleador e fez grande dupla com Obina. Adorava o Flamengo de 2008, ainda mais no Maracanã, sempre pronto a explodir.

No final do jogo, numa falta do ídolo Juan, Toró brigou para a bola, e o capitão Fábio Luciano aproveitou para fazer o gol. Fábio Luciano também era um ídolo muito carismático e também fez uma grande dupla, agora na zaga, com outro ídolo, Ronaldo Angelim. No fim, Flamengo 2x0 Boavista e um feriado lindo no Maracanã.

Os jogos passam, os títulos passam, as vitórias passam, as derrotas passam, os jogadores passam, mesmo os ídolos, mesmo o Maracanã passa. O que fica é a torcida, o Manto Sagrado, o Flamengo. Te amo Flamengo, para sempre. Uma vez Flamengo, Flamengo além da morte.

Flamengo 3x0 Coritiba 2009

Crônica #53 publicada originalmente no 16 de abril de 2023



Flamengo reestreia no Brasileirão com um jogo em casa contra Coritiba. E para começar o Brasileirão de pé direito, uma ótima lembrança de 2009, com um jogo eterno, que pode ser chamado “O jogo dos 3 golaços”.

Na época, o Brasileirão já estava quase na rete final. Flamengo estava bastante irregular durante o campeonato e conheceu 4 derrotas em 5 jogos entre o fim do primeiro turno e o início do segundo turno. Mas melhorou um pouco e conquistou 7 pontos nos três jogos seguintes. Depois de uma vitória 3x0 contra Sport, dois gols de Adriano, um de Zé Roberto, Flamengo fechou a 24ª rodada na 8ª posição e recomeçava a sonhar com um G-4 e um vaga na Copa Libertadores. Na época, o hexa, nem sonhar.

No 20 de setembro de 2009, o ídolo Andrade escalou Flamengo assim: Bruno; Léo Moura, Álvaro, Ronaldo Angelim, Éverton; Maldonado, Aírton, Fierro, Petkovic; Denis Marques, Adriano. O adversário era Coritiba, Flamengo precisava da vitória. Vale a pena lembrar que no time do Coritiba tinha um dos meus ídolos quando ele ainda desfilava sua classe nos gramados europeus, e que depois honrou o Manto Sagrado em 2008, Marcelinho Paraíba.

Os gols são tão bonitos que nem precisa falar dos lances perigosos, dos chutes ao gol sem ir nas redes, dos quase gols. Hoje, só golaços. Começou com uma falta de Petkovic na grande área, a zaga de Coritiba não conseguiu afastar o perigo, Éverton recuperou a bola, nova falta. Agora, com 18 metros de distância, bem no centro do gol. Quase foi um pênalti. Mas para Petkovic, uma falta é quase um pênalti, quase um gol. Um passo e a bola nas redes, com a ajuda da trave. Golaço.

No segundo tempo, um contra-ataque. No meio de campo, Adriano deixa de trivela para Petkovic e vai em profundidade. O passe de Petkovic é de uma perfeição perfeita. A bola ficou um pouco nos pés de Adriano, mas o chute de cobertura foi perfeitamente cobrado, com muita categoria, para fazer seu 13º gol do Brasileirão e igualar Jonas na artilharia do campeonato. Golaço.

Mas ainda tinha um momento de alegria para a maioria dos 47.921 no Maraca. No 82º minuto, de novo Petkovic, ainda Petkovic, sempre Petkovic. Para Adriano, que dominou mal, mas a bola voltou nos pés de Willians, que chutou com força e precisão para fazer seu primeiro gol no campeonato. Golaço.

No final, um jogo eterno para continuar a sonhar com a Liberta, e para os mais ousiados, a sonhar com o Hexa. Um 3x0 contra Coritiba, o jogo dos 3 golaços.

Flamengo 2x1 Grêmio 2009

Crônica #2 publicada originalmente no 14 de setembro de 2022



A categoria dos jogos eternos é para relembrar os grandes jogos do Flamengo, seja por uma goleada, uma virada, a grande atuação de um jogador, um golaço, servir de pré-jogo, mas tem coisa ainda melhor, que é conquistar um título. Como é o caso para a lembrança de hoje.

Vamos falar de um título brasileiro, no Maracanã, depois 17 anos de espera. Em 2009, eu tinha 17 anos, nasci com o Flamengo campeão. 17 anos é longo, foram 5.831 dias sem o Flamengo ser campeão brasileiro.

Em 2009, o time era bom, com dois craques, que já brilharam no Flamengo no início do século. Petković, o Rambo, camisa 43, que relembre um outro jogo eterno, uma virada, um golaço de falta. Em 2009, fez gols de falta contra Coritiba e Vitória, mas ainda é mais lembrado para os gols olímpicos contra Palmeiras e Atlético. Outro craque, Adriano, o Imperador, camisa 10 depois de ser camisa 29, 27, 92, 90, 100, 9 na temporada. Em 2009, fez três gols na goleada contra o Inter, fez um gol na virada contra Santos, fez uma grande atuação no Fla-Flu, fez um golaço contra Coritiba. Ganhou o título no final.

O campeonato de 2009 parecia perdido. O clube era na 11ª colocação, 11 pontos atrás do líder. Imaginar o Flamengo campeão era motivo de piadas. Não para o presidente em exercício Delair Dumbrosck, que trouxe de volta no banco um ídolo do clube, Andrade. Flamengo se recuperou, ganhou jogos e posições na tabela. Afinal, São Judas Tadeu, o patrono das causas impossíveis, também é o padroeiro do Flamengo.

Para o último jogo da temporada, Adriano era de volta depois de se queimar o pé, com uma moto, um churrasco, uma lâmpada, sei lá. Pela primeira vez, o Flamengo era o líder e só precisava de uma vitória contra Grêmio para gritar “É campeão”. Grêmio só precisava perder para agradecer seus torcedores porque o grande rival, o Internacional, ainda podia ser campeão, no ano do seu centenário, 30 anos depois do último título. Para o Inter, é muita espera também, são 15.606 dias de espera. 15.607 dias amanhã.

No Maracanã, no dia 6 de dezembro de 2009, foram 84.848 almas, esperando só um gol para vibrar. Na verdade, foram mais do que 84.848 torcedores. Não tem o número exato, mas vendo o jogo, dá para perceber que tem muito mais gente, que tem torcedores em lugares onde não tem cadeiras. Se puder voltar no passado e escolher um jogo para assistir no Maracanã, provavelmente seria aquele Flamengo x Grêmio. Nunca conheci e nunca vou conhecer de perto o antigo Maraca, mas esse Maracanã, da reforma para os Pan-Americanos de 2007, é meu Maraca, era aquele estádio quando comecei a assistir aos jogos.

Eu não assisti ao jogo ao vivo, porque na época ainda era difícil para mim de achar um streaming e claro, o jogo não era retransmitido na televisão francesa. A solução foi de ir no site da Globo, para ver o placar ao vivo, a descrição escrita de alguns lances, vibrar com a atualização às vezes automática, às vezes forçada, da página. Nada do Flamengo, tudo pelo Flamengo.

Quando era de esperar um jogo fácil, Aírton fez tremer o Maracanã, abrindo o placar pelo Grêmio. No minuto seguinte, Alecsandro abria o placar no Beira-Rio. Flamengo não era mais o virtual campeão. Mas dez minutos depois, na grande área gremista, Adriano levou a mão, reclamou de uma mão e queria o pênalti. O quase desconhecido David Braz, jogando apenas por causa da suspensão do Álvaro, continuou o lance e deu um pouco de alívio ao Maraca, empatando o jogo. Ainda não era suficiente, no intervalo, o Internacional ganhava agora 3x0 e era o megacampeão. Agora a palavra é para o futuro herói do jogo, Ronaldo Angelim, no livro 20 jogos eternos do Flamengo, de Marcos Eduardo Neves: “No intervalo, pela primeira vez vi o Andrade chateado. Concordamos com ele. Tinha que ser na raça. Precisávamos pressionar de alguma forma”.

Flamengo voltou na raça no segundo tempo e no escanteio de Petkovic, que ia ser substituído, Ronaldo Angelim, o único Ronaldo rubro-negro, foi lá no céu do Rio, realizando a premonição de sua mulher. De cabeça, o Magro de Aço, flamenguista desde criança, virou o jogo, fez o Flamengo campeão, depois de 5.831 dias de espera. Ronaldo Angelim fez apenas um gol no Brasileirão 2009, mas só com esse gol só, e muita raça claro, eternizou-se como um dos grandes ídolos do Mengão. O Flamengo, enfim, era o campeão do Brasil.

Para fechar, duas citações das duas grandes figuras do hexacampeonato, Petkovic e Adriano, do livro 6x Mengão de Paschoal Ambrósio Filho. Fala Petkovic: “Dizem que minha chegada levantou o grupo, mas foi o contrário. Foi esse grupo que me levantou e me fez seu líder em campo. É fácil ser líder com o respaldo de um grupo de guerreiros. Dizem que sou velho, sinto orgulho em ser comparado com o Júnior, que comandou o Mengo no título de 1992, com 38 anos de idade. Posso ser velho na idade, mais ainda sou muito jovem na força de vontade. O Flamengo merece ser campeão todo ano. Essa torcida merece”. E o Imperador sonhou:

“Não acordei deste sonho. Nem vou acordar tão cedo. Para mim esse título vale muito mais. Voltei ao Brasil muito mal. Estava triste e queria voltar a sorrir. Vejo que tudo que fiz valeu a pena. Essa conquista é muito importante para mim e para a minha família, que ficou ao meu lado quando eu estava sendo criticado por muita gente”.

América Mineiro 2x3 Flamengo 2011

Crônica #13 publicada originalmente no 22 de outubro de 2022



De volta com jogos eternos contra o adversário do dia, hoje o América Mineiro. O jogo é de 2011, na Arena do Jacaré em Sete Lagoas, porque o Independência era em reforma na época. Flamengo vinha de um título carioca invicto e ainda não tinha perdido no Brasileirão em 6 jogos. Mas eram apenas 2 vitórias e já 4 empates.

No 29 de junho de 2011, Vanderlei Luxemburgo escalou Flamengo assim: Felipe; Léo Moura, Welinton, Ronaldo Angelim, Júnior César; Willians, Luiz Antônio, Renato Abreu; Thiago Neves, Ronaldinho, Deivid. O time realmente era bom e poderia ter feito mais em campo, mais do que o 4º lugar no final do campeonato.

Ronaldinho era o craque do time, já campeão carioca, já capitão. Para mim, era um erro, a braçadeira era mais para um líder como Ronaldo Angelim, Léo Moura ou Renato Abreu. Acho que Ronaldinho não é um capitão, um líder vocal, um líder no exemplo. E apesar do título carioca, era contestado pela torcida. Apesar dos gols, dribles, algumas jogadas de gênio, estava fora de forma, com atuações sem brilho, pênalti perdido e mais ainda. Até foi vaiado na eliminação da Copa do Brasil.

Contra o América Mineiro, Ronaldinho brilhou desde o começo, com boladinha de calcanhar para Júnior César. Depois, cravou uma falta, a 20 metros do gol do Flávio. Ronaldinho na bola, dois passos, bola na gaveta. Golaço. Falta era a jogada do primeiro tempo, com dois gols vindo de uma falta, o Coelho conseguiu virar antes do intervalo. América 2x1 Fla após 45 minutos de jogo.

Como no primeiro tempo, Ronaldinho brilhou desde o início do segundo tempo. Um duelo vencido, uma pedaladinha, e um chute do pé esquerdo, que passa bem perto do gol. No 10º minuto do segundo tempo, o gol do empate para Flamengo. Renato Abreu para Thiago Neves, com um drible curto e um passe de trivela para Deivid. De pivô, Deivid fez o gol do empate. O trio Ronaldinho – Thiago Neves – Deivid foi eficiente em 2011, com 21 gols para cada jogador na temporada. O time podia ter brilhado mais.

Leandro Fereira foi expulso por falta dura no Willians. Gostava muito do Willians, um dos maiores pitbulls que vestiram o Manto Sagrado. Depois de uma tabelinha com Ronaldinho, Darío Botinelli, que tinha entrado em campo, quase fez o gol do 3x2, mas Flávio fez a defesa. Gostava muito do Darío Botinelli, talvez não um dos maiores argentinos que vestiram o Manto Sagrado, mas um jogador que podia fazer a diferença saindo do banco.

E Botinelli fez a diferença nesse jogo, com um passe cruzado para Ronaldinho. Com a tranquilidade do craque, Ronaldinho dominou e chutou, sem força, chutou colocado e preciso, para fazer o gol da virada, o gol da vitória. Uma vitória que tinha a cara do Ronaldinho. Infelizmente, não aconteceu tantas vezes nessa temporada.

Flamengo ficou invicto até a 16ª rodada, quando era vice-líder, com o mesmo número de pontos do que o líder e futuro campeão, o Corinthians. Mas depois, ficou 10 jogos sem nenhuma vitória! Uma série impossível para quem quer ser campeão. Flamengo poderia ter

feito mais em 2011, mas pelo menos, ganhou no campo do América, com grande atuação do Ronaldinho.

Santos 4x5 Flamengo 2011

Crônica #74 publicada originalmente no 25 de junho de 2023



Por uma vez, não tive nenhuma dúvida na hora de escolher a lembrança de um Santos x Flamengo. Só apareceu um, o Santos x Flamengo de 2011, um dos maiores jogos da história do Brasileirão, se não o melhor. Como o Flamengo x Vasco de 2001 sobre qual escrevi há pouco, todo mundo que assistiu ao jogo lembra onde era, de tanto alucinante era esse jogo. E quem foi na cama no 3x0 de Santos, se levantou no dia seguinte muito arrependido. E quem não assistiu ao jogo, ficou tanto alucinado que o próprio jogo ao ver o placar, até duvidando da realidade. Foi um jogo de sonho, foi uma obra de Deus, nenhum romancista poderia ter escrito um roteiro tão incrível.

Infelizmente, não assisti ao jogo desde a França, em Troyes mais precisamente. Jogo meio da semana, meio da noite, com trabalho no dia seguinte, não podia assistir. Mas já era um jogo antes da bola rolando, entre nosso Flamengo e Santos, que tinha conquistado a Copa Libertadores um mês antes, com uma grande atuação de Neymar. Com 19 anos, Neymar era a maior promessa do Brasil, aliás já era realidade, desde talvez Ronaldinho, que brilhou igualmente aos 19 anos num GreNal contra Dunga e depois com a camisa amarelinha. E Ronaldinho vestia justamente o Manto Sagrado nesse

ano de 2011 depois de conquistar tudo na Europa. Ganhou o campeonato carioca de maneira invicta, mas o início de Brasileirão, sem ser ruim, era longe do nível do craque que ele foi no Barcelona. Mas o craque é craque para sempre, e pode brilhar a qualquer momento, ainda mais quando tem um outro craque do outro lado do campo, um duelo particular nesse Santos x Flamengo, um duelo de gerações também entre Neymar e Ronaldinho.

Outro duelo desse Santos x Flamengo ficou no banco com dois dos maiores técnicos da história do futebol brasileiro, Muricy Ramalho para Santos, que tinha vencido 4 vezes o Brasileirão, o último um ano antes com Fluminense, e Vanderlei Luxemburgo e seus 5 títulos do Brasileirão, o último em 2004, justamente com Santos. Dois técnicos que gostam do jogo limpo, de um futebol ofensivo, cheio de gols. No 27 de julho de 2011, Vanderlei Luxemburgo escalou Flamengo assim: Felipe; Léo Moura, Welinton Silva, Ronaldo Angelim, Júnior César; Willians, Luiz Antônio, Renato Abreu; Ronaldinho, Thiago Neves, Deivid. Vale a pena também anunciar a escalação toda de Santos, que não ganhou a Libertadores só com o talento de Neymar, tinha também um timaço com grandes jogadores em cada linha: Rafael Cabral; Pará, Edu Dracena, Durval, Léo; Arouca, Elano, Ibson, Ganso; Neymar, Borges. Um jogo, antes do jogo eterno.

E o Santos x Flamengo de 2011 não esperou muito tempo para se inscrever na eternidade. Com 5 minutos de jogo só, um drible de vaca de Neymar, um outro drible sobre Luiz Antônio e bola para Elano, com um passe preciso para Borges, com bom domínio e finalização também precisa. Já um golaço e Santos na frente. E com 15 minutos de jogo, novo golaço, que começou com um passe errado de Renato Abreu para Neymar, que procurou a tabelinha com seu melhor parceiro no Santos, Ganso. Neymar recebeu de volta, invadiu a grande área com a facilidade dele, e quase conseguiu a cavadinha. Felipe defendeu, mas Neymar era craque, sempre é craque, e de costas ao gol, teve a inteligência de fazer uma bicicleta em dois

tempos, talvez diretamente para o gol, mas no final para Borges fazer o dobrete, para fazer a alegria dos 12.968 espectadores na Vila Belmiro. E cinco minutos depois, mais alegria na Vila, com um dos gols mais perdidos da carreira de Deivid, que perdeu muitos gols feitos, sozinho no gol vazio depois de bom cruzamento de Luiz Antônio, tocou do pé esquerdo no pé direito, fora do gol. Inacreditável, tanto incrível que o próprio jogo.

E cinco minutos depois, o golaço dos golaços, a obra de arte de uma obra de arte, o gol Puskás de Neymar. Talvez nem vale a pena descrever o gol de tantas vezes a gente assistiu. Passou entre Willians e Léo Moura, “a facilidade de Neymar, levitando o jogador de Santos”, achou em pivô Borges, que devolveu a Neymar para o golaço, a obra de arte, a pintura. Um drible desmoralizante, a palavra parece ser inventada para esse drible, sobre Ronaldo Angelim, um drible de vaca com a sola, e um toque leve para tirar Felipe da jogada. Um golaço. Santos 3x0 Flamengo na Vila Belmiro. Talvez alguns flamenguistas foram dormir depois desse gol. Acontece, o que não acontece mais é esse Santos x Flamengo. Mas eles já estavam errados, o jogo já era jogação, com golaços só.

E Flamengo reagiu em apenas 3 minutos, com o gol menos golaço do dia, mas uma jogada bem construída, Renato Abreu no meio de campo abriu na direita para Léo Moura, que achou até a linha de fundo Luiz Antônio, que cruzou. Rafael falhou, Ronaldinho não perdoou e fez seu sexto gol do Brasileirão em 11 jogos. Bons números, mas a torcida flamenguista esperava ainda mais genialidade do Ronaldinho Gaúcho. Pelo menos por uma noite em Santos, a torcida ia ter o que ela queria. E dois minutos depois, Flamengo inflamou o jogo, que virou do possível ao impossível, com mais um gol bem construído. Um chapéu de Renato Abreu, uma bola para Deivid que, com inteligência, abriu na direita para Léo Moura. O cruzamento foi ótimo, a chegada de Thiago Neves também, que descontou com uma cabeçada, Santos 3x2 Flamengo.

Nessa altura, já era jogação, com tanta bola rolando tinha pouco tempo para os replays das jogadas, não tinha câmera lenta para um jogo tão rápido, tão cheio de jogadaças. Na esquerda, mais um pique de Neymar, muito mais veloz do que Willians, que cometeu o pênalti. E mais uma loucura no jogo, uma cavadinha de Elano, o goleiro Felipe antecipou a jogada, ficou de pé, dominou com as mãos e, outra loucura, fez 4 embaixadinhas, de pé e de joelho. Jogo já era na história, foi mais uma peripécia de uma peça teatral que ainda estava longe de seu desfecho. Claro, teve o show de Neymar e Ronnie, teve os 9 gols, muitos golaços, mas tanto essa jogada que o gol perdido de Deivid colocam ainda mais magia nesse jogo eterno. Esse jogo é a pura essência do futebol brasileiro.

Nome do fim do primeiro tempo foi Deivid, que quase empatou, mas gol foi mal anulado, e dois minutos antes do intervalo, num escanteio de Ronaldinho, Deivid desviou de cabeça, fez valer a lei do ex, empatou. O intervalo serviu só para descansar, jogadores, torcedores, comentaristas e todos os envolvidos nesse jogo, 15 minutos, não mais. Com apenas 5 minutos no segundo tempo, Léo avançou no campo do Flamengo, achou com sorte Neymar, que passou na frente de David Braz. Dessa vez, a cavadinha funcionou, mais um golaço, agora Santos 4x3 Flamengo. Uma loucura total, no estádio ou na frente da televisão, a gente não sabia como esse jogo ia acabar, o que ia acontecer ainda num jogo que era o recado de porque nós amamos o futebol.

O segundo tempo foi finalmente um pouco mais tranquilo, mas ainda teve seus momentos de gênio, de bruxo. Numa falta a 20 metros do gol santista, Ronaldinho mostrou que era craque para sempre. O Bruxo chutou bola no chão, a barreira pulou, Rafael viu a bola passar por baixo da barreira, ir no seu gol, sem ter o tempo de fazer nada. Mais um golaço, mais um momento de pura magia, talvez um gol ainda mais mágico do que o Puskás de Neymar, porque ninguém esperava isso num jogo que já foi além de todas as esperanças. E um gol que mudou o futebol, hoje é comum ver um jogador deitado para

completar a barreira e impedir essa jogada. Mas antes, Ronaldinho fez isso, um gol para aplaudir de pé.

Definitivamente um jogo eterno com esse golaço de Ronaldinho, que deixava o placar louco igual os espectadores, Santos 4x4 Flamengo. Talvez num jogo assim o empate teria sido mais justo. Mas tinha um duelo particular, Neymar, que brilhou muito no primeiro tempo, e Ronaldinho, que brilhou ainda mais no segundo tempo. Era um duelo entre os dois maiores gênios brasileiros do século XXI, um duelo entre o pai e o herdeiro. Então precisava de um vencedor, o Deus do futebol não podia deixar o duelo particular empatado. A dez minutos do final, o trio ofensivo flamenguista entrou mais uma vez em ação, Deivid para Thiago Neves para Ronaldinho na esquerda. Ronaldinho abriu o pé, fez o hat-trick, pediu a música, que deveria ser uma música homenageando a beleza do Brasil, de seu futebol tão genial, que brilhou como poucas vezes nesse 27 de julho de 2011.

No final, vitória 5x4 do Flamengo, mas alegria na Vila Belmiro, porque, apesar da derrota, ninguém poderia se arrepender de ter ido no estádio. Foi uma vitória do futebol, uma vitória do futebol brasileiro. Falou no fim do jogo o técnico do Flamengo, Vanderlei Luxemburgo: “O jogo de hoje vai entrar para a história. Teve tudo de um grande jogo de futebol. As mexidas, as alternativas, os erros, acertos, gols. A gente fica encantado. O futebol sai enriquecido. Parecia um jogo de pingue-pongue – bola pra um lado, bola pro outro, quase não parava no meio-campo”. Não era pingue-pongue, era futebol, era o futebol brasileiro na sua essência pura, na sua pura magia.

Se tiver um filho, vou deixar esse jogo para ele assistir e se apaixonar pelo futebol brasileiro. Para se apaixonar com o Flamengo, ainda tenho muitos, muitos jogos eternos.

Flamengo 3x2 Fluminense 2011

Crônica #81 publicada originalmente no 16 de julho de 2023



Com todo respeito ao Clássico dos Milhões, o Fla-Flu é o maior e o melhor clássico do Rio. É mais que um jogo, como poucos no mundo, talvez Real Madrid x Barcelona, Boca x River, Celtics – Rangers, El Clásico, El Superclásico, the Old Firm, o Fla-Flu. Nesse jogo, não importa a posição na tabela, a forma dos dois times, os jogadores suspensos ou lesionados, o jejum do centroavante, a fase ruim do goleiro, só importam os 90 minutos e os acréscimos, onde tudo pode acontecer. Cada Fla-Flu, desde o 7 de julho de 1912, tem sua própria história, coloca mais um capítulo no grande livro do Fla-Flu, até o próximo Fla-Flu.

Tinha então uma infinidade de possibilidades para falar do Fla-Flu. Na verdade, não uma infinidade, mas um número bem definido: 435, como o número de Fla-Flus em mais de 100 anos de história. Na verdade, um pouco menos, esquecendo das 137 vitórias do Fluminense, o resultado menos visto na história do Fla-Flu. Ficavam 160 vitórias do Flamengo e 138 empates. Na verdade, um pouco menos, já que escrevi muito sobre o Fla-Flu: 1963, 1976, 1985, 1986, 1989, 1991, 1993 e 2017. Ainda assim, ficavam muitas, muitas possibilidades.

E eu vou de um Fla-Flu inesquecível de 2011. Os dois times vinham de vitórias importantes, Flamengo no Morumbi contra o São Paulo de Luís Fabiano que reestreava com o Tricolor nesse jogo, e Fluminense contra o Santos de Neymar com um gol no minuto 50 do segundo tempo. Assim, antes da 28ª rodada, os dois times tinham 44 pontos, brigando para o G-5, Fluminense dentro, Flamengo de fora, por causa de número de vitórias menor do que o rival. Os dois times tinham desfalques importantes, Ronaldinho para Flamengo e Fred para Fluminense, ambos convocados com a Seleção brasileira. Mas o Fla-Flu é maior do que qualquer personagem.

Faltava porém um personagem muito importante na história do Fla-Flu: o próprio Maracanã, já em obras para a Copa do Mundo de 2014. Assim, o Fla-Flu foi deslocalizado no Engenhão e apenas 25.513 pessoas assistiram ao jogo no 9 de outubro de 2011. Com também as suspensões de Aírton e Willians, Vanderlei Luxemburgo escalou Flamengo assim: Paulo Victor; Léo Moura, Welinton Silva, Alex Silva, Júnior César; Maldonado, Muralha, Renato Abreu; Thiago Neves, Diego Maurício, Deivid. Para Fluminense, um técnico histórico no Flu e bem menos histórico no Fla, Abel Braga, que escalou Diego Cavalieri no gol, a dupla Rafael Sóbis – Rafael Moura no ataque e um craque no meio de campo, Deco.

O Fla-Flu era animado mas os gols só começaram a chover no segundo tempo. Na hora do jogo, Rafael Sóbis abriu o placar para Fluminense depois de bom cruzamento de Leandro Euzébio. No banco, Vanderlei Luxemburgo reagiu com três mudanças de uma vez só. Saiu Diego Maurício, que tinha perdido a bola na jogada do gol, para a entrada de Negueba, e Jael entrou no lugar de Deivid. Para ter um time mais ofensivo, saiu Maldonado e entrou Darío Bottinelli. Sempre gostei quando tinha um gringo, um argentino no Flamengo. Ilidiu-me muito com Maxi Biancucchi, que de Messi, tinha só a mesma família. Já Bottinelli era melhor de bola, às vezes até relembrava Petkovic, e era um exímio batedor de faltas. E tinha um

nome parecido a um outro ídolo do Fla, de outra época, Rondinelli. Mas a hora de Bottinelli ainda não tinha chegado nesse Fla-Flu.

As escolhas técnicas e táticas de Luxa funcionaram e Flamengo reagiu rapidamente. Num cruzamento alto de Júnior César, Jael brigou no ar pela bola, que foi nos pés de Negueba, que chutou, que cruzou, quem sabe, bola foi nos pés de Thiago Neves, que fez valer a lei do ex e empatou. Abel Braga também foi feliz nas mudanças, com a entrada de Souza e do jovem argentino Lanzini. O primeiro cruzou para o segundo, que desempatou de cabeça. Faltando dez minutos no jogo, o Tricolor estava perto de ganhar seu primeiro Fla-Flu do ano. Mas agora era hora de outro argentino saindo do banco, Darío Bottinelli.

Num pique do jovem Muralha, que não jogava fazia um mês, Lanzini fez falta, a 25-30 metros do gol, bem no centro. Bottinelli alternava titularidades e jogos saindo do banco, e não tinha marcado desde o jogo contra o São Paulo, no primeiro turno. Um turno inteiro sem marcar. Thiago Neves queria bater a falta, mas o gringo insistiu. Ficava só o destro Bottinelli e o canhoto Renato Abreu. Renato Abreu deixou, Bottinelli correu, chutou, achou a gaveta de Cavalieri, com a ajuda do travessão. Um golaço.

Bottinelli já era na história do Fla-Flu, mas três minutos depois, fez outra magia. Depois de um passe do capitão Léo Moura, Bottinelli recebeu e fez um drible curto para abrir o ângulo no pé direito. Bateu forte, bateu cruzado, bateu com efeito, bateu no gol. Bottinelli virava o jogo em três minutos, se tornava o herói improvável de um Fla-Flu inesquecível. Relembro bem que estava em Paris na casa de minha mãe assistindo ao jogo. Esse Fla-Flu foi tão marcante que ele marcou uma época para mim, perto do final de meus estudos, morando com minha mãe e minha irmã. Ganhar o Fla-Flu nunca é normal, sempre é especial, e o Bottinelli, com esses dois golaços no final do jogo, fez desse jogo um Fla-Flu ainda mais especial.

Flamengo 1x1 Vasco 2011

Crônica #21 publicada originalmente no 4 de dezembro de 2022



Por causa da Copa do mundo, a temporada do futebol acabou mais cedo do que costume, que geralmente se fecha mais ou menos nesse período do ano. Como foi o caso em 2011, com um jogo contra Vasco. Inclusive, a CBF teve a ideia de programar oito clássicos na última rodada do Brasileirão. Não gosto da ideia, prefiro ver clássicos regularmente durante o ano, e não todos decisivos, ou não, com times que não têm mais nada a ganhar, a menos um clássico, que já é muito.

Mas a última rodada do Brasileirão de 2011 era decisiva, com dois dos maiores clássicos do país, o Clássico dos Milhões e o Derby Paulista, Flamengo x Vasco e Corinthians x Palmeiras. E vejam como as coisas podem mudar em dez anos, em 2011, Vasco brigava pelo título da Série A. Para o Vasco ser campeão, precisava vencer Flamengo e torcer para uma derrota do Corinthians contra Palmeiras.

4 de dezembro foi um dia muito triste para o futebol brasileiro, com a perda de um craque eterno, o Doutor Sócrates, para mim um ídolo do Flamengo, apesar de ter jogado muito pouco com o Manto Sagrado. Porque era um ídolo do Brasil. Sócrates ez muita mais história no Corinthians e sua morte era mais um motivo para desejar a vitória do

Corinthians no Brasileirão 2011. Por seu lado, Flamengo precisava pelo menos de um ponto para ficar na frente do Internacional e se classificar na pré-Libertadores.

No Engenhão, para um público de 34.604 pessoas, Vanderlei Luxemburgo escalou Flamengo assim: Felipe; Léo Moura, Welinton, Alex Silva, Júnior César; Willians, Fierro, Renato Abreu; Thiago Neves, Ronaldinho, Nogueira. Um time limitado, para quem uma classificação na Libertadores já era uma satisfação.

O Vasco de Diego Souza, Alessandro e Felipe, precisando da vitória, começou melhor a partida. Com meia hora de jogo, Gonzalo Fierro foi facilmente driblado pelo Nilton, que cruzou para Diego Souza fazer valer a lei do ex. Vasco estava na frente e agora dependia de uma vitória de Palmeiras para ser campeão. Era para ver qual união era a melhor, entre Vasco e Palmeiras ou Flamengo e Corinthians.

No início do segundo tempo, Vasco também começou melhor. Mas, Flamengo tinha um craque que Vasco não tinha. Ronaldinho, que apareceu muito pouco durante o jogo, recebeu no campo do Flamengo uma bola de Renato Abreu, resistiu ao contato do Dedé, e com uma facilidade impressionante mas não surpreendente, fez um lançamento com o pé esquerdo de 50 metros em profundidade para o Deivid. De forma surpreendente, Deivid pedalou e achou Renato Abreu, chegando na grande área em velocidade. Um domínio, um drible curto para abrir o ângulo, e um chute esquerdo para empatar. Gol do Flamengo, agora Vasco nem precisava olhar o que acontecia no Pacaembu, não ia ser campeão brasileiro.

Depois, foram lances perigosos, expulsões, uma de cada lado, Jumar e Renato Abreu, mas nada de gol. E no Pacaembu, também foi empate sem gol e com expulsões. No final das contas, Corinthians campeão, Flamengo na Libertadores e para o Vasco, a resposta vinha da torcida flamenguista nas arquibancadas do Engenhão: “Ôooo, vice de novo”.

Flamengo 2x0 Nova Iguaçu 2012

Crônica #32 publicada originalmente no 21 de janeiro de 2023



Antes do jogo de hoje, uma lembrança de um jogo contra Nova Iguaçu, em 2012, que marcou a reestreia de Vágner Love no Flamengo. Foi quase 10 anos atrás e o Flamengo mudou muito, mas o que não muda é a força da torcida, a capacidade de fazer a festa, de fazer ídolos.

Descobri Vágner Love em 2004, quando jogou a Liga dos campeões pelo CSKA Moscou, com dois jogos e um gol contra o Paris SG. Nesse ano, ganhou a Copa UEFA, fazendo gol contra outro time francês, Auxerre, nas quartas de final, e contra o Sporting na final. Também foi chamado na Seleção brasileira, mas nunca se firmou como titular, até porque, apesar de ser um ótimo atacante, não tinha o nível suficiente para isso.

Depois de muitos anos na Rússia, Vágner Love voltou ao Brasil, no clube de seus inícios profissionais, Palmeiras. No ano seguinte, em 2010, foi no Flamengo onde formou o Império do Amor com nosso Didico. Foi artilheiro do campeonato carioca com 15 gols, até hoje a maior marca desde Fábio em 2002, que fez 16 gols pelo Volta Redonda. Mas Vágner Love ganhou nenhum título com o Flamengo em 2010.

A tentativa de compra definitiva fracassou com os russos e Vágner Love voltou no CSKA em 2011. E em 2012, foi emprestado de novo ao Flamengo. Foi um grande reforço, foi muito bem em 2010 com 23 gols em 29 jogos, para uma torcida que tinha grandes esperanças para o ano 2012, o ano do centenário do futebol do clube. O centenário do Clube de Regatas do Flamengo, em 1995, foi uma frustração, uma vergonha, 2012 não podia ser assim. Podia, sim.

No 12 de fevereiro, dois dias antes do dia dos Namorados na França e em vários países do mundo, Vágner Love reestreava com o Flamengo. O rubro-negro ainda era invicto no campeonato carioca e tinha se classificado na fase de grupos da Copa Libertadores depois de passar no sufoco contra o Real Potosi na pré-Libertadores. Para o jogo contra Nova Iguaçu, no estádio de Macaé tudo rubro-negro, Joel Santana escalou Flamengo assim: Felipe; Léo Moura, Welinton, David Braz, Júnior César; Luiz Antônio, Willians, Renato Abreu; Ronaldinho, Vágner Love, Deivid. Um time mediano, com jogadores de qualidade, que poderia ter feito mais do que fez em 2012.

Vágner Love vestia de novo o Manto Sagrado num dia de festa para a torcida. Porque a torcida do Flamengo é assim, sabe fazer ídolos, sabe festejar, até nos dias mais difíceis. E Vágner Love nem esperou quinze minutos para brilhar. Ganhou de um adversário na força física, ganhou de outro com técnica e drible curto, e achou Ronaldinho. Ronaldinho fez pouco, muito pouco pelo Flamengo em 2012, e seria bem melhor com o Atlético Mineiro no resto da temporada, mas ele nunca deixou de ser craque, de ser capaz de visão alucinante e toque de gênio. Com um toque absolutamente maravilhoso, o Bruxo achou de novo Vágner Love na grande área, pronto a fazer o gol. O goleiro desviou e Deivid, sozinho na frente do gol, conseguiu essa vez fazer o gol. Flamengo na frente, festa no Moacyrão.

Depois, teve caneta de Vágner Love, cabeçada de Deivid num escanteio de Ronaldinho e não muito mais emoções no primeiro tempo. No segundo tempo, Renato Abreu conseguiu obter uma boa falta, com 30 metros de distância, bem no centro. Ronaldinho com categoria, ou Renato Abreu com força. Foi Renato Abreu, com muita força, muita precisão, muita categoria. Um golaço de um jogador, que também não fez muito em 2012, mas que eu adorava, desde meus primeiros dias de torcedor assíduo do Flamengo nos meados dos anos 2000. O Renato Abreu merece um capítulo na categoria dos ídolos e nesse quase dia dos Namorados, fez mais um golaço de falta. Flamengo com dois gols de vantagem, para a festa e o amor da torcida.

Depois, de novo, não teve muitas emoções. Mas Flamengo ganhava mais um jogo, Vágner Love reestreu bem, apesar de não fazer um gol. Nos 5 próximos jogos, ia fazer 5 gols, deixando o dele a cada jogo. Vágner Love não ia voltar com a artilharia do campeonato carioca, apesar de ótimas estatísticas, 9 gols em 10 jogos. No Brasileirão, ia ser menos convincente, com 13 gols em 36 jogos. Fez o gol que rebaixou seu antigo clube, Palmeiras, mas mesmo assim, igual ao ano de 1995, a temporada de 2012 do Flamengo foi de muitas frustrações e para o Vágner Love, igual ao ano de 2010, sem nenhum título.

Flamengo 2x0 Athletico Paranaense 2013

Crônica #12 publicada originalmente no 19 de outubro de 2022



Uma exceção hoje, nós não vamos de um jogo contra o adversário de dia, mas vamos de um título. Porque hoje é dia de decisão, é dia de título. Estou louco desde muito tempo para ganhar mais uma Copa do Brasil. Porque é mata-mata, é emoção. Gosto muito da Copa do Brasil, e desde que o Flamengo recomeçou a ganhar tudo, só falta o Mundial e a Copa do Brasil.

Flamengo merece a Copa do Brasil e a Copa do Brasil merece Flamengo. Em 2013, os times classificados na Copa Libertadores estreavam na Copa do Brasil nas oitavas. Mas Flamengo, depois de uma temporada 2012 muita fraca, começou na Copa já na primeira fase. Passou de Remo, Campinense, ASA. Eliminou o Cruzeiro campeão brasileiro, com gol de Elias no fim do jogo. Em meio a uma crise, goleou o Botafogo de Seedorf, com três de Hernane. Venceu duas vezes 2x1 Goiás na semifinal.

Na final de ida, contra o Furacão, empate fora de casa. Inclusive, como foi esse ano contra o Corinthians. Ainda tinha a regra do gol fora de casa, e Flamengo podia ser campeão com um 0x0. O Maracanã foi reinaugurado esse ano de 2013, depois de anos longe de casa para o Flamengo, no Engenhão. Todo mundo queria estar no

Maraca, apesar dos ingressos muitos caros. Ingresso mais barato era 250 reais, um absurdo. E o Maracanã estava lotado, com 68.857 torcedores. Com isso, Flamengo arrecadou quase 10 milhões de reais, quase um recorde, só perdendo para a final da Libertadores do mesmo ano.

27 de novembro de 2013, Flamengo foi escalado assim: Felipe; Léo Moura, Wallace, Samir, André Santos; Amaral, Elias, Carlos Eduardo; Luiz Antônio, Paulinho, Hernane. O técnico era Jayme de Almeida, o interino de sempre, agora efetivado. Gostava muito de Jayme, era limitado como técnico, mas se há uma coisa que não pode ser duvidada, é seu rubro-negrismo. É próximo dos jogadores, e para um trabalho de poucos meses, para buscar um título, pode ser o nome ideal.

No Maracanã, Flamengo dominou o primeiro tempo, sem fazer o gol. Luiz Antônio achou a junção do travessão e da trave de Weverton numa falta de bem longe. No segundo tempo, Hernane teve boas chances, de pé esquerdo, de cabeça, até de voleio. Ainda 0x0, a um gol de uma glória eterna ou de um vexame histórico.

No 87º minuto, Elias achou em profundidade Paulinho, que cruzou para Hernane. Chutou de pé direito, Weverton rebateu com a cabeça. Hernane recuperou a bola, cruzou de pé esquerdo para Paulinho. Paulinho esperou e fez uma finta sensacional, um giro que deixou o defensor meio perdido. Paulinho para Elias, bem colocado na grande área, só esperando a bola para fazer a alegria dos torcedores, no Maracanã e no mundo inteiro. Elias para o fundo das redes, Flamengo 1x0.

Esse gol teve a participação dos jogadores mais importantes do ano. Gostava muito de Paulinho, um driblador, bom de bola. Num time limitado, precisa de um jogador que pode fazer a diferença sozinho, ganhar 30 metros com uma arrancada, dois dribles e uma falta. E Elias reinou no meio de campo em 2013. Flamengo não fracassou

por pouco em 2013 e boa parte do mérito é por Elias, líder técnico do time. E claro Hernane, que fez uma temporada de sonho, e que era quase um Obina para mim em termo de idolatria.

O jogo começou as 21:50 no Brasil, e assisti ao jogo no meio da noite na França, sem poder gritar porque minha irmã estava dormindo no mesmo quarto. Não sei a qual hora aconteceu o gol do Elias em Paris, mas gritei em silêncio. Gosto muito de assistir aos jogos do Flamengo sozinho na noite, ainda mais para comemorar um título. Mas no fundo, o gol não mudava muitas coisas, com um gol só do Athletico, tinha de batalhar de novo para o tricampeonato.

André Santos foi expulso, Manoel cabeceou, Felipe salvou. Num contra-ataque, Paulinho quase fez o segundo. Mas o segundo era para o homem do ano, o ídolo Hernane. Amaral achou na direita Luiz Antônio, que fez um drible de vaca e cruzou na área. O domínio de Hernane não foi de craque, foi de ídolo. O chute não foi na técnica, foi na raça, no amor, na paixão. Flamengo 2x0, Hernane acabou com o jogo, fez o gesto do acabou, o Maracanã em delírio, eu também em delírio no meu quarto dividido. Esse jogo foi uma das minhas maiores emoções com o Flamengo, o Flamengo era campeão.

Hernane merecia muito esse gol, fez uma temporada de sonho. O Brocadador foi artilheiro do campeonato carioca, vice-artilheiro do Brasileirão, artilheiro da Copa do Brasil. Fez 36 gols no ano, foi eleito craque da galera. Não era exatamente craque, mas era da galera, tinha essa ligação com a torcida que poucos têm. Deu muitas alegrias aos flamenguistas, a maior, sem dúvida, esse 27 de novembro de 2013, quando Flamengo foi tricampeão da Copa do Brasil.

Resende 0x3 Flamengo 2014

Crônica #38 publicada originalmente no 18 de fevereiro de 2023



Para o jogo de hoje, uma pequena lembrança de um jogo de 2014, um ano que ninguém gosta de lembrar, que seja pela seleção brasileira ou seja pelo nosso Mengo. Mas vamos de uma vitória fácil contra Resende, com um frango e dois golaços.

No 22 de fevereiro de 2014, Jayme de Almeida escalou Flamengo assim: Felipe; Léo Moura, Wallace, Samir, André Santos; Muralha, Cáceres, Elano, Lucas Mugni; Everton, Alecsandro. Alguns bons jogadores sim, mas vale a pena lembrar, ou não vale, que quem vestia a camisa 10 era Lucas Mugni. E no ataque, tinha Alecsandro. Um bom jogador do Brasileirão, que fez mais de 100 gols no campeonato nacional. Ganhou alguns campeonatos estaduais, uma Copa do Brasil com Vasco, um Brasileirão com Palmeiras e duas Libertadores, com Internacional em 2010 e o Atlético Mineiro em 2013. Um bom atacante sim, mas que nunca me fez realmente vibrar, e muito longe de outros centroavantes titulares no Flamengo, até nos períodos mais difíceis.

Mas Alecsandro foi o personagem do jogo em Raulino de Oliveira, com apenas 1.786 pagantes, protestando com uma faixa contra o preço alto dos ingressos. Ainda mais com um futebol tão baixo, o

Flamengo de 2014 foi um dos piores da história do clube. Mas ganhou fácil nesse dia, contra Resende.

No primeiro tempo, um cruzamento e um erro do goleiro Mauro, que deixou escapar a bola. De cabeça, Alecsandro aproveitou para abrir o placar. Dez minutos depois, agora um golaço, um chute de longe de Alecsandro, na gaveta do goleiro, que esta vez não podia fazer nada. No intervalo, Flamengo 2x0 Resende.

Mas a pintura do dia só chegou no segundo tempo. Num passe no chão, Léo Moura deu um chapéu espetacular com um toque só, encobrendo o defensor. Não era mais o Léo Moura da metade dos anos 2000, mas ainda era nesse time meu jogador preferido, talvez por falta de outras opções. Léo Moura completou o chapéu e deu a bola na profundidade para Alecsandro que errou o chute. O chute transformou-se em assistência para outro bom jogador, Everton, que como Léo Moura, falou algumas besteiras quando saiu do clube.

O time de 2014 não me empolgou, mas vale lembrar que foi campeão carioca, em cima do Vasco. Até no pior, tem bons momentos.

Flamengo 5x1 Portuguesa-RJ 2017

Crônica #30 publicada originalmente no 15 de janeiro de 2023



Para preparar o jogo de hoje, uma lembrança de 6 anos atrás, na estreia da Taça Rio, com um jogo entre Flamengo e a Portuguesa da Ilha do Governador no Raulino de Oliveira. Provavelmente o melhor jogo de Leandro Damião com o Manto Sagrado. Gostava muito do Leandro Damião no seu início de carreira com o Internacional e acho que ele tinha tudo para ser o centroavante da Seleção nos anos 2010. Mas decepcionou, e no Flamengo, ainda achei um bom reforço, decepcionou ainda mais.

No 11 de março de 2017, para um pequeno publico de 1.301 torcedores, Zé Ricardo escalou Flamengo assim: Thiago; Rodinei, Juan, Donatti, Renê; Márcio Araújo, Cuéllar, Matheus Sávio; Gabriel, Felipe Vizeu, Leandro Damião. Faltava peças importantes como Réver, Diego e Paolo Guerrero, mas Flamengo mudou muito em 6 anos.

Mesmo assim, Flamengo era bem superior ao adversário e Leandro Damião abriu o placar no primeiro tempo, depois de um toque de calcanhar de gênio de um ídolo, o zagueiro e capitão Juan. Num longe cruzamento do pé esquerdo de Rodinei, Leandro Damião fez o segundo, de cabeça.

Ainda no primeiro tempo, a Portuguesa voltou no jogo, de novo com um gol de cabeça, do zagueiro Marcão. Mas no minuto seguinte, aproveitando as hesitações e falhas de toda a defesa do time da Ilha do Governador, Leandro Damião completou o hat-trick. Três gols em um tempo, três gols em puro oportunismo, bem ao estilo do Damião. Pena que não fez mais com o Manto Sagrado.

No último minuto do primeiro tempo, Leandro Damião quase fez o quarto dele, mas a bola saiu do lado errado da trave. O quarto gol do Flamengo não demorou a chegar, com 5 minutos no segundo tempo, teve mais um gol, mais um gol de cabeça, do nosso ídolo e capitão Juan.

Flamengo ganhava 4x1, jogo estava ganho e o segundo tempo foi mais tranquilo. Mas com mais um gol, agora de uma promessa que deu certo. No tempo adicional, Lucas Paquetá fez um lindo gol de falta, decretando o placar final: 5x1 para o Flamengo.

Flamengo estreava com o pé direito na Taça Rio, turno onde o time sairia invicto. Como sairia invicto e campeão do carioca 2017.

Flamengo 3x3 Fluminense 2017

Crônica #47 publicada originalmente no 26 de março de 2023



Para a janela internacional, vamos de um jogo internacional, mas de um clássico da cidade, o clássico mais charmoso do Rio, o Fla-Flu. E um Fla-Flu muito especial para mim, o Fla-Flu da Copa Sudamericana em 2017, nas quartas de final.

Eu fui no Brasil pela primeira vez em 2014, para a Copa do Mundo. Por motivo financeiro, não deu para ficar até o primeiro jogo do Flamengo depois da Copa, e voltei na França sem assistir ao meu Mengo. Então na segunda viagem, em 2017, planejei as datas para assistir ao Flamengo no Maracanã, ou ao menos, no Luso-Brasileiro. E vi no início do ano que entre as duas datas da semifinal da Copa Libertadores, tinha um Flamengo x Vasco. As datas de minha viagem eram definidas.

Flamengo foi eliminado na fase dos grupos da Libertadores e foi na Copa Sudamericana. Ainda na França, foi um golpe duro para mim, mas a esperança de uma semifinal de Liberta no estádio virou a esperança de um Fla-Flu nas quartas de final da Sudamericana, nas mesmas datas da semifinal da Libertadores. E depois de dois turnos contra Palestino e a Chape, deu Fla-Flu.

Meu primeiro jogo do Flamengo foi no Maracanã, contra Fluminense. O Fla-Flu sempre foi meu clássico favorito no Rio. E comecei da melhor forma possível, com um Fla-Flu no Maraca, na Norte, com vitória, gol de Éverton, com lágrima no meu olho. Depois, um Clássico dos Milhões, meu segundo clássico favorito claro, Vasco é vice, na Norte de novo, com pouca emoção em campo, e muita emoção na arquibancada.

Eu sonhava de voltar ao Maraca para o Fla-Flu de volta. Mas tinha a incerteza do ingresso. Ainda não era sócio, e não sabia se ia conseguir um ingresso. Mas consegui e relembro de minha alegria na Gávea, com o ingresso na mão e a felicidade no coração. Não relembro bem se tinha ingresso na Este ou na Norte, mas a entrada na Norte foi liberada, e fui no que já era meu lugar, a Norte do Maraca.

Relembro também da ansiedade de pré-jogo, nem dava para aproveitar de verdade o show da torcida. Na arquibancada, virou quase irrespirável, tinha pressa do jogo começar só pra aliviar um pouco essa pressão. “O futebol é a coisa mais importante dentre as coisas menos importantes” falou uma vez o técnico italiano Arrigo Sacchi. Nesse 1º de novembro de 2017, futebol virou a coisa mais importante das coisas mais importantes.

E no Maracanã, com 41.087 torcedores, um deles ainda mais feliz do que todos os outros, Reinaldo Rueda escalou Flamengo assim: Diego Alves; Pará, Juan, Rhodolfo, Trauco; Willian Arão, Cuéllar, Diego; Éverton Ribeiro, Éverton, Felipe Vizeu. Um time de transição, longe do fracasso de 2015 e também longe do sucesso de 2019. Nesse time, destaques no meu coração para Juan, Cuéllar, Diego e Éverton Ribeiro.

Enfim para meu coração e meu ritmo cardíaco, o jogo começou. E começou mal. Com apenas 3 minutos, na frente da Norte, na frente de meus olhos em pânico, Lucas abriu o placar com um chute muito forte. E com 10 minutos, na frente da Sul, longe de meu coração

sempre em sofrência, uma falta para Diego, meu ídolo nessa época. Bem perto do gol, e já no gol. Faltei o gol, estava admirando a arquibancada e a energia da Norte. Meu irmão desconhecido ao lado de mim também faltou o gol, “estava rezando”. Mas a alegria foi a mesma, Flamengo tinha feito o gol do empate, o gol da classificação. Mas jogo ainda estava longe de acabar.

E no fim do primeiro tempo, um escanteio para Fluminense, na minha frente, uma cabeçada de Renato Chaves, ninguém na segunda trave, e Fluminense de novo na frente no placar, de novo classificado para a semifinal. E no início do segundo tempo, de novo uma bola parada, de novo uma cabeçada de Renato Chaves, agora com a ajuda do travessão, de novo um gol de Fluminense, longe de meus olhos, perto de minha raiva no coração, perto de meu desespero na cabeça. Fluminense tinha dois gols de vantagem e o sonho virava pesadelo. O Fla-Flu era o ápice de minha viagem no Brasil, não podia perder.

A esperança nunca saiu de mim e dobrou quando Vini Jr entrou em campo. Desde a base, ele foi meu ídolo, meu garoto do Ninho, meu craque da base. Sempre adorei Vini e ainda hoje é meu jogador favorito da atualidade. Entrou e mudou o jogo. Com apenas três minutos em campo, deu um bom passe para Éverton Ribeiro, que, como o gênio que foi e ainda é, achou Felipe Vizeu com um toque de calcanhar maravilhoso. Felipe Vizeu fez o gol do 3x2, o gol que ia inflamar o Maraca até o fim o jogo. Não sei se já gritei com tanta voz, com tanto coração na minha vida.

E Reinaldo Rueda fez entrar um outro craque da base, Lucas Paquetá. Também ídolo para mim, adoro ele, mas tem menos espaço no meu coração que Vinícius. E com dois minutos de Paquetá em campo, foi de novo Vini Jr que fez a diferença. Agora na direita, um drible de vaca sobre de Marlon e uma falta de Douglas. Faltava, tempo adicional incluído, dez minutos de jogo. Faltava um gol. Eu só aguentava porque não tinha escolha.

Uma falta perto da área, na direita, perto de meus olhos e de minha alma, um lance ideal para o gol da classificação. Respirar é a coisa mais natural do mundo, mas Flamengo é a coisa mais amada do mundo, e ficou difícil de combinar os dois, amar e respirar, respirar e amar. Ainda hoje, posso ligar nesse estado emocional durante o jogo. Enfim o apito, e Pará, menos ídolo, cruzou, para a cabeçada de Willian Arão. Meu coração parou, Flamengo empatou. Falta agora palavras para descrever o que aconteceu na minha pele e na minha alma.

Willian Arão jogou mais de 350 jogos, alguns muitos bons, outros mais difíceis e até jogos ruins. Mas minha maior recordação é esse gol, onde ele conseguiu transformar minha segunda temporada no Brasil, onde o pesadelo do jogo virou sonho eterno. Também nesse paragrafo tento descrever minha felicidade, o que sentiu na hora do gol, mas às vezes Flamengo é indescritível, quem é, sabe, quem não é, nunca vai entender.

Flamengo estava na semifinal, voltei no meu hostel, na favelinha de Pereira da Silva, com brilho nos olhos, sorriso no rosto, euforia no corpo, deleitação na alma. Nesse 1º de novembro de 2017, estava sozinho no Rio, mas esse dia foi um dos mais alegres de minha vida.

Madureira 0x2 Flamengo 2019

Crônica #31 publicada originalmente no 18 de janeiro de 2023



Antes do jogo de hoje, uma lembrança do melhor ano que vi como torcedor do Flamengo, o de 2019, com um jogo eterno de nosso agora camisa 10, Gabigol. Sempre gostei de acompanhar o futebol brasileiro para saber antes dos outros europeus as grandes promessas brasileiras. Primeiro, Pato, já em 2006, começo a ser antigo. Depois, Neymar, claro. Hoje, Endrick. No Flamengo, Renato Augusto, Adryan, Vinícius Junior. Alguns com muito sucesso, outro não tanto.

E sempre gostei muito do Gabigol, já chamado de Novo Neymar na base do Santos, já extremamente promissor. Relembrei de assistir ao primeiro jogo dele como profissional, também o último do Neymar com Santos, um 0x0 contra nosso Flamengo na abertura do Brasileirão 2013, lá em Brasília. Quase dez anos atrás...

Depois, acompanhei Gabigol no Santos, sendo artilheiro da Copa do Brasil em 2014 e 2015. Torci pelo seu sucesso na Europa, na Inter e depois no Benfica. Sucesso que não veio. Que bom. Gabigol voltou no Brasil, no seu antigo clube de Santos, e depois vestiu o Manto Sagrado. Estava muito feliz com essa contratação, sempre foi um dos jogadores que eu gostava mais no futebol de hoje. Justamente para

relembrar um pouco um futebol antigo, com alegria e ginga, provocações e carisma.

Junto ao Gabigol, veio do Santos também Bruno Henrique. Gostava menos dele, achava ele muito irregular. E era, no Brasileirão 2018, fez apenas um gol em 28 jogos com Santos. Mas no seu primeiro jogo com o Manto Sagrado, fez os dois gols da vitória contra Botafogo. Já para o Gabigol, o início foi mais difícil, o atacante de 22 anos na época passou em branco nos seus 5 primeiros jogos.

Mas quando Gabigol começou a brocar, não parou mais. Fez um contra Americano, dois contra a Portuguesa. Na Libertadores 2019, estreou fazendo o único gol do jogo contra San José. Também deixou o dele contra a LDU Quito. No 19 de março de 2019, para o jogo contra Madureira, Flamengo foi escalado assim pelo técnico Abel Braga: Diego Alves; Pará, Rodrigo Caio, Léo Duarte, Renê; Willian Arão, Ronaldo, Diego; Éverton Ribeiro, Bruno Henrique, Gabigol.

No Maracanã, o perigo veio no início dos pés de Bruno Henrique, mas um defensor do Madureira salvou em cima da linha, depois foi o goleiro que impediu o gol de BH27. Um outro defensor salvou em cima da linha uma cabeçada de Willian Arão, depois foi o goleiro que impediu o gol de Éverton Ribeiro. Flamengo dominava muito, sem conseguir fazer o gol. No duelo cara a cara, Gabigol perdeu para o goleiro no fim do primeiro tempo. Mas no último minuto do primeiro tempo, Diego chutou de longe, goleiro defendeu, Willian Arão cabeceou, goleiro desviou na trave, Gabigol, de pé esquerdo e de cabelo loiro, abriu o placar. No intervalo, Madureira 0x1 Flamengo.

De novo, no segundo tempo, foi Bruno Henrique o maior perigo no início, sem conseguir fazer a assistência ou o gol. Com 33 minutos no segundo tempo, Gabigol recebeu de Renê, chutou forte, zagueiro desviou, goleiro se inclinou, dobrado de Gabigol. Para o quinto jogo consecutivo, Gabigol fazia um gol com o Flamengo, uma série que ia continuar no jogo seguinte numa vitória 3x2 no Fla-Flu. Ainda não

dava para imaginar quanto bonito será esse ano de 2019, mas depois de muitas frustrações, já dava para cheirar os títulos se aproximando, porque agora o Flamengo tinha um jogador muito diferenciado, artilheiro como um camisa 9, carismático como um camisa 10, Gabigol.

Corinthians 0x1 Flamengo 2019

Crônica #10 publicada originalmente no 12 de outubro de 2022



Antes da final da Copa do Brasil, vamos relembrar um outro Corinthians x Flamengo da Copa do Brasil, na Arena Corinthians, em 2019. O ano precedente, os times já se haviam enfrentados na Copa do Brasil, na semifinal, com classificação do Corinthians, antes de perder a final contra o Cruzeiro de Arrascaeta.

Flamengo teve de esperar um ano só para se vingar. Agora era oitavos de final, estreia na competição para o Flamengo. O Corinthians, que foi apenas 13º do Brasileirão 2018, começou na primeira fase, passando Ferroviário, Avenida, Ceará e Chapecoense para chegar nas oitavas de final.

No 15 de maio de 2019, Abel Braga escalou Flamengo assim: Diego Alves; Pará, Rodrigo Caio, Léo Duarte, Renê; Willian Arão, Gustavo Cuellar, Arrascaeta; Everton Ribeiro, Bruno Henrique, Gabigol. Um time pronto a ser eternizado, com algumas peças diferentes daqui o fim do ano.

Apito inicial de Anderson Daronco e primeira chance de Flamengo, com uma cabeçada de Léo Duarte. Flamengo dominou, mas Cássio fez algumas defesas. Jogo foi mais equilibrado no segundo tempo,

com chutes de Danilo Avelar e Renê passando perto do gol. Mas no momento, ainda era 0x0.

No 34º minuto do segundo tempo, Bruno Henrique, sem dúvida o jogador ofensivo do Flamengo mais em ação, cruzou na grande área, Willian Arão chegou de trás e cabeceou na gaveta de Cássio. Willian Arão, que começou sua carreira no Corinthians, fazia mais um gol de cabeça com o Manto Sagrado. Confesso que não era um grande fã do Willian Arão, mas ele fez gols importantíssimos pelo Flamengo e aquele contra o Corinthians foi um deles.

Flamengo vencia 1x0 no jogo de ida, também venceu 1x0 no jogo de volta, mas caiu nas quartas de final contra o Athletico Paranaense. A história de hoje será diferente, mas esperamos o mesmo final na Arena Corinthians: vitória do Flamengo.

Flamengo 2x0 Emelec 2019

Crônica #75 publicada originalmente no 28 de junho de 2023



De novo, um jogo de 2019. Mas 2019 foi muita emoção, e esse jogo também. O adversário é um time do Equador, Emelec. Para mim, um trauma, com a eliminação da Libertadores 2012 no último minuto, até depois do fim do jogo para Flamengo, no último minuto do jogo entre Olimpia e Emelec. Sete anos depois, o time do Flamengo era muito diferente, mas vinha de outras decepções, em 2017, em 2018. O time era muito bom, faltava um título, nacional, ou melhor, continental.

A Copa Libertadores sempre é diferente, e em 2019, mais uma vez, Flamengo passou da fase de grupos no sufoco, com um 0x0 em Montevideu contra Peñarol na última rodada. No final, três times empatados com 10 pontos, mas essa vez, deu Flamengo no primeiro lugar, Flamengo nas oitavas, Flamengo contra Emelec, que por sua vez se classificou com mais um milagre. Depois de ter apenas três pontos nas quatro primeiras rodadas, Emelec conseguiu duas vitórias fora da casa, a última contra Cruzeiro no Mineirão, para se classificar nas oitavas.

E no jogo de ida, Flamengo decepcionou mais uma vez com uma derrota 2x0 em Guayaquil. Essa vez, nem podia culpar a altitude,

Guayaquil sendo uma cidade no nível do mar. O placar deixava tudo possível para o jogo de volta, o que era nada reconfortante. A desilusão era possível, como era possível uma noite mágica no Maracanã, cheio com 67.664 espectadores. Tudo era possível, até o impossível.

Depois de um mês a trabalhar no centro de treinamento durante a pausa para a Copa América, Jorge Jesus estreou com o Flamengo contra o Athletico Paranaense na Copa do Brasil. Em 6 jogos, o Flamengo de Jorge Jesus brilhou, como no 6x1 contra Goiás, mas também decepcionou, com eliminação contra o Furacão na Copa do Brasil e derrota contra Emelec. Flamengo precisava ganhar, e não qualquer vitória, mas ao menos de dois gols de diferença, Flamengo não podia viver mais uma frustração na Libertadores. No 31 de julho de 2019, Jorge Jesus escalou Flamengo assim: Diego Alves; Rafinha, Pablo Marí, Filipe Renê; Willian Arão, Cuéllar, Gerson; Éverton Ribeiro, Bruno Henrique, Gabigol.

Na França, jogo aconteceu meio da semana, meio da noite, mas mesmo trabalhando no dia seguinte, eu não podia faltar esse jogo. Num Maracanã pronto a explodir, Flamengo começou bem, Everton Ribeiro quebrando uma linha com um passe em um toque só, para Renê, que de carinho abriu para Gabigol. Gabigol teve duas oportunidades de fazer o gol, na primeira parou no goleiro, na segunda mandou a bola fora do gol. Mas Flamengo queria o gol de qualquer maneira, e num escanteio curto, Rafinha, que já tinha feito duas assistências no jogo anterior, recebeu a bola, entrou na grande área, conseguiu o pênalti. Em Paris, pouco barulho por causa do horário, mas muita vibração e muito estresse quando Gabigol começou a correr, muita libertação quando Gabigol conseguiu fazer o gol de contrapé. O Maracanã, por sua vez, explodiu.

Em seguida, Bruno Henrique também teve a oportunidade de fazer o gol, mas cabeceou fora. Não desistiu, dois minutos depois, Bruno Henrique ganhou uma bola, escapou do carrinho de um zagueiro, e

fez o passe atrás, para Gabigol, para o segundo gol de Gabigol, para mais uma explosão do Maracanã. Em menos de 20 minutos, Flamengo já tinha igualado o placar agregado. No Maraca, no Brasil e em Paris, depois de comemorar com gritos, às vezes altos, às vezes abafados, todo mundo esperava agora uma goleada.

Mas a goleada não veio, não teve quase outros lances no primeiro tempo. No segundo tempo, Flamengo levou mais perigo perto do gol, mas sem fazer o gol. E Emelec teve também oportunidades. E em Paris, tive muito medo. Não entendia porque o time tinha parado de jogar depois do 2x0. Se era possível de fazer dois gols em menos de 20 minutos, era possível de fazer mais um, mais dois gols e ter uma classificação tranquila. Mas não foi o caso, e depois do drama de 2012, eu temia, até antecipava, para ter uma dor menos intensa, um gol de Emelec, uma eliminação do Flamengo.

Mas não teve gol, teve disputa de penalidades. E eu estava ainda menos confiante, cada vez mais vendo Flamengo eliminando. Os quatro primeiros batedores fizeram, 2x2 no placar geral, 2x2 na disputa de penalidades. Empate. E era a vez de Renê. Estava quase certo que ele ia errar, ainda mais quando eu o vi chegar lentamente na bola, de uma maneira horrível, que quase sempre dá errado. Mas ele fez o gol, quebrou o empate. Claro, o dobrele de Gabigol foi importante, mas acho que Flamengo começou a ganhar a Copa Libertadores nesse exato momento, quando Renê fez esse gol de pênalti. Ainda mais quando em seguida, Diego Alves, um dos maiores pegadores de pênalti, se não o maior, da história, defendeu a cobrança de Arroyo.

Outro lateral do Flamengo, Rafinha, também bateu, também fez o gol, agora 4x2 para Flamengo. Em Paris, ainda não um total alívio, mas o estresse agora se sentia de uma maneira positiva. E Queiroz parou no travessão, explosão no Maracanã, Flamengo classificado, no sufoco sim quando a tranquilidade era possível no primeiro

tempo, mas Flamengo vivo na Libertadores, ainda não campeão, mas daqui até 4 meses, Flamengo campeão sim.

Ceará 0x3 Flamengo 2019

Crônica #25 publicada originalmente no 26 de dezembro de 2022



Para o presente de Natal, mais um jogo eterno de um ano histórico, o de 2019. Esse ano foi maravilhoso, e vamos de mais um jogo, contra um time que foi rebaixado em 2022, Ceará.

O Flamengo vinha de uma vitória 2×0 contra o Internacional no jogo de ida das quartas de final da Libertadores. No jogo antes, uma goleada contra Vasco. O Flamengo de Jesus já era uma realidade, faltava os títulos, mas as vitórias, as goleadas, os gols já desfilavam no Maracanã e nos outros estádios do Brasil e da América.

Depois da alegria do Maraca contra o Internacional, Flamengo foi no Ceará, em Fortaleza, para jogar contra Ceará, no Castelão. Detalhe importante para o final da história, o jogo foi num domingo as 19 horas no Brasil, então meia-noite na França. No 25 de agosto de 2019, um domingo, Jorge Jesus escalou um time misto, por causa do jogo de volta da Libertadores três dias depois. No Castelão, Flamengo entrou em campo assim: Diego Alves; João Lucas, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Renê; Willian Arão, Pires da Motta, Gerson, De Arrascaeta; Berrío, Gabigol.

Na metade do primeiro tempo, um primeiro golaço. Um passe de peito de Berrío, um voleio de Marí, sem chance para o goleiro. Um golaço para a alegria do setor flamenguista do Castelão, para outros torcedores do Castelão nos setores de Ceará mas com o coração dividido, para os flamenguistas em todos os cantos do Brasil e do mundo, e para mim em Paris, já na cama de meu pequeno studio parisiense. Depois, João Lucas salvou em cima da linha de uma maneira impressionante. Flamengo ficava na frente no placar. Ainda no primeiro tempo, tabelinha entre Berrío e Gabigol, e um chute poderoso de Gabigol, sem chance para o goleiro. Segunda assistência de Berrío e segundo golaço do jogo.

Depois, foi história de gol anulados por impedimento, dois para Ceará, bem anulados, e um golaço de Gabigol de cobertura, também bem anulado. Depois, foi história de lances perigosos, sem gol. E para mim, acabou aqui a história do jogo. O juiz Wilton Pereira Sampaio deu 8 minutos de acréscimo. Na França, era duas da manhã, com trabalho cedo no dia seguinte. Para ganhar alguns minutos de sono, com o jogo já ganhado, desliguei a televisão e fui dormir. Mas o jogo não tinha acabado ainda, e o jogo virou eterno. Narrou Luiz Carlos Júnior: “La vem o Flamengo, querendo o terceiro, para terminar bem o jogo, Arrascaeta...”. Num cruzamento de Rafinha, Arrascaeta fez uma das bicicletas mais impressionantes que vi na minha vida. Mas que não vi ao vivo, e eu não terminei bem o jogo, ao contrário de todos os flamenguistas na frente da televisão.

Não relembro se vi o gol pela primeira vez no dia do jogo ou no dia seguinte. Acho que foi no dia do jogo mesmo. Sempre tenho um pouco de insônia depois de um jogo de Flamengo de noite, e após um tempo sem conseguir dormir, vou olhar o que está se dizendo no Twitter. E nesse dia no Twitter, foi só Arrascaeta, só o golaço do nosso Arraxxxca. Estava muito frustrado de ter faltado esse gol ao vivo por poucos minutos de (não) sono. Desde esse dia do 25 de agosto de 2019, ou dessa noite do 26 de agosto, nunca desligo um jogo do Flamengo antes do apito final. Luto até o fim. Mas desde lá,

nunca vi um goloço tão bonito do que o gol de bicicleta de Arrascaeta.

Flamengo 1x0 Santos 2019

Crônica #14 publicada originalmente no 25 de outubro de 2022



Para essa semana de final de Libertadores, vamos com o ano dourado de 2019, com um jogo eterno contra Santos. Relembro que estava muito ansioso com esse jogo. Em jogo, o título do primeiro turno. Flamengo era líder com 39 pontos, Santos só um pouco atrás com 37 pontos. Era a 19ª rodada do Brasileirão, quem ganhava o jogo, ganhava o primeiro turno.

Santos era muito bem esse ano, com um grande técnico, Jorge Sampaoli. Tinha grandes jogadores também, como Everson, Luan Peres, Lucas Veríssimo, Carlos Sánchez, Soteldo, Eduardo Sasha. Tinha também ex ou futuros flamenguistas, como Gustavo Henrique, Jorge, Marinho e Uribe. Mas Flamengo era melhor. Tinha seu técnico estrangeiro também, chamado Jorge também, o Mister. No 14 de setembro de 2019, Jorge Jesus escalou Flamengo assim: Diego Alves; Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís; Willian Arão, Gerson, Everton Ribeiro, Arrascaeta; Bruno Henrique, Gabigol. Um time histórico.

No Maracanã, um jogo eterno, com 68.243 espectadores, inclusive o técnico da Seleção, Tite. Um clima de decisão no Maraca, Flamengo começou melhor, sem fazer o gol. Santos reagiu, sem fazer o gol. Até

o fim do primeiro tempo, quando brilhou a estrela do Gabigol. Um chute colocado, de cobertura, sem chance para Everson. O artilheiro do campeonato fazia valer a lei do ex, fazia um golaço, um dos gols mais bonitos de sua carreira com o Manto Sagrado. Quando precisava, o craque apareceu para fazer a diferença. Uma comemoração icônica, Maracanã em delírio, Flamengo na frente no placar.

No segundo tempo, de novo, muita emoção, jogadas lindas, chutes, dribles – um sensacional de Bruno Henrique, faltas, mas nada de gol. Gabigol fazia o único gol do jogo, decidia o jogo, oferecia ao Flamengo o primeiro turno. Relembro que foi depois desse jogo que eu tinha a certeza quase absoluta que Flamengo ia vencer o Brasileirão 2019. Mas claro, não podia imaginar que esse ano ia ser tão histórico.

Athletico Paranaense 0x2 Flamengo 2019

Crônica #59 publicada originalmente no 7 de maio de 2023



Mais um jogo de 2019, mas uma evidencia antes do jogo contra o Athletico Paranaense na Arena da Baixada. Em 2019, Flamengo vinha de um tabu de 45 anos contra o Furacão. A última vitória do Flamengo no Brasileirão no campo do Athletico era de 1974, um 2x1, gols de Zico e Paulinho. Depois, foram alguns empates e muitas derrotas, 7 seguidas entre 2001 e 2008.

E o desejo de vingança era dobro, três meses antes do jogo do Brasileirão, o Athletico Paranaense tinha eliminado Flamengo nas quartas de final da Copa do Brasil, após uma disputa de penalidades. E em 2019, a missão era ainda mais difícil com vários desfalques no Flamengo: Rodrigo Caio e Gabigol convocados na Seleção, Filipe Luís e Arrascaeta lesionados. Ainda recuperando da lesão no tornozelo, Diego era outro desfalque. Jorge Jesus teve que improvisar um pouco e escalou Flamengo assim: Diego Alves; Rafinha, Pablo Marí, Rhodolfo, Renê; Willian Arão, Gerson, Lucas Silva; Éverton Ribeiro, Vitinho, Bruno Henrique. E o time do Furacão também era muito bom, com Thiago Heleno e Léo Pereira na zaga, Lucho González no meio de campo e uma dupla Marcelo Cirino – Rony no ataque.

No 13 de outubro de 2019, 25.473 espectadores na Arena da Baixada para ver o fim de um tabu de 45 anos. Nas camisas do Flamengo, os números e nomes foram desenhados por crianças de institutos de caridade, uma iniciativa linda que o clube poderia repetir. Primeira oportunidade foi para Willian Arão, mas chutou fraco. No mesmo minuto, Vitinho chutou fora do gol. Lucas Silva, que aproveitava dos desfalques para ter seu primeiro jogo como titular depois de sete meses, provocou um pênalti na grande área athleticana, mas o juiz anulou após o VAR. O Athletico Paranaense tomou o controle de jogo, e Diego Alves fez uma grande defesa numa cabeçada de Thiago Heleno. Mais uma grande defesa de Diego Alves contra Thonny Anderson e Vitinho quase abriu o placar para Flamengo com uma bola batida com o joelho, que passou muito perto do gol de Léo.

Um minuto antes do intervalo, no estilo bem particular de Thiago Nunes, os zagueiros e goleiro do Athletico Paranaense trocaram passes arriscadas na grande área. No estilo particular de Jorge Jesus, Everton Ribeiro, Willian Arão e Bruno Henrique fizeram a pressão, o goleiro Léo errou o passe para Wellington, Bruno Henrique recuperou e deixou sem chance para Léo. Flamengo estava na frente na Arena da Baixada, como foi o caso por exemplo em 2014 e 2017, antes da reação do Furacão.

No segundo tempo, o Athletico dominou a partida, sem conseguir fazer o gol. Bruno Henrique teve a oportunidade de fazer o gol do 2x0, mas o chute cruzado passou perto da trave. Um minuto antes do fim do jogo, um toque de gênio de calcanhar de Éverton Ribeiro para Renê, que podia cruzar na pequena área, e com outro toque de gênio de calcanhar, uma Madjer com é chamado na França, Bruno Henrique fazia o dobrele, fazia o gol da vitória, fazia a alegria da torcida rubro-negra. Com esses dois gols de BH, uma atuação brilhante na função de Gabigol, e a vitória 2x0, Flamengo acabava com um jejum de 45 anos sem vitória na Arena da Baixada no Brasileirão, e ficava com 8 pontos de vantagem na liderança do Brasileirão.

Acho que essa vitória foi fundamental para o fim da temporada do Flamengo, afinal jogo aconteceu 10 dias antes do Cincum. Depois, Flamengo não conseguiu ganhar no campo do Furacão no Brasileirão, com derrotas em 2020 e 2022, e um empate concedido em 2021 no minuto 95, depois de abrir 2x0 com dobrele de Gabigol no primeiro tempo. Mais uma vez, aprende Flamengo de 2023.

Flamengo 5x0 Grêmio 2019

Crônica #70 publicada originalmente no 11 de junho de 2023



Um jogo eterno e uma das minhas maiores emoções como torcedor do Flamengo. Acho que todo mundo relembra onde era quando assistiu a esse jogo. Porque esse jogo tem uma coisa de surreal. Todo mundo esperava uma classificação, mas ninguém esperava de tal maneira.

O ano de 2019 é histórico e já no decorrer da temporada, já antes do Milagre de Lima, se sentia que esse ano poderia ser histórico. O Flamengo de Jorge Jesus conseguiu fazer duas coisas muito difíceis de combinar: ganhar e encantar. Antes do jogo contra Grêmio, Flamengo vinha de uma sequência de 17 jogos sem perder, o último jogo uma vitória 2x0 no Fla-Flu. A última derrota era um jogo contra Bahia, quatro dias depois de uma classificação difícil, emocionante e histórica na Libertadores contra Emelec.

Depois, ninguém resistiu ao Flamengo. Não o Internacional na Copa Libertadores, não os rivais históricos do Flamengo, no Rio, como Vasco, que tomou um 4x1 no Mané Garrincha, ou de fora do Rio, como Palmeiras, campeão brasileiro mas derrotado 3x0, ou o Atlético Mineiro, que perdeu 3x1 no Maracanã. Um futebol alegre e ofensivo, um Maracanã lotado, e um entrosamento entre os jogadores que

poucas vezes apareceu num time de futebol, no Brasil ou no mundo inteiro. O Flamengo de Jorge Jesus ganhava, encantava, fazia gols.

Mas mesmo assim, ninguém esperava um jogo assim contra Grêmio. Na ida, o empate foi até injusto, Flamengo merecia ganhar, mas empatou, e deixava as possibilidades abertas na volta. No Maracanã, Jorge Jesus escalou Flamengo assim: Diego Alves; Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís; Willian Arão, Gerson, Éverton Ribeiro, Arrascaeta; Bruno Henrique, Gabigol. Uma escalação perfeita, sem nenhum desfalque. Um time histórico, um time que talvez só perde pelo Flamengo de 1981 na história do clube. Do outro lado, o Grêmio com Everton Cebolinha no ataque e uma zaga fortíssima com Kannemann e Pedro Geromel. E no banco, um ídolo dos dois clubes, Renato Gaúcho, campeão da Libertadores dois anos antes com Grêmio. Esse Grêmio era muito perigoso e muito respeitado na América do Sul.

Todo mundo relembra onde estava nesse 23 de outubro de 2019 porque o jogo foi além das possibilidades. Eu não posso esquecer onde estava nesse dia, até já falei aqui, quando escrevi sobre a criação do consulado Fla Paris. Foi meu primeiro jogo com a Fla Paris, no meio da semana, meio da noite. Fui com meu amigo Piriquito e encontrei pela primeira vez Cidel, Waldez e Felipe, os outros fundadores da Fla Paris. A retransmissão do jogo foi ruim, mas o encontro foi ótimo. O jogo já era especial só por causa disso, iria ser ainda mais especial com bola rolando.

Jogo começou equilibrado e Grêmio teve primeiro lance de perigo, com Everton Cebolinha driblando na grande área e Maicon parando no Diego Alves. Flamengo reagiu com cabeçada de Bruno Henrique, perto da trave de um antigo Ninho do Urubu, Paulo Victor. Depois, numa disputa de bola entre Everton e Willian Arão, Everton tomou o cartão amarelo e jogo quase partiu para briga no meio de campo, com quase todos os jogadores envolvidos. Jogo tenso, jogo equilibrado. Nos minutos seguintes, Éverton Ribeiro deixou em

profundidade para Arrascaeta, que chutou, ou cruzou, na direção do gol. Paulo Vitor defendeu, Gabigol tentou uma bicicleta, tocou a bola mas não marcou. Em seguida, num passe de Gerson, Gabigol chutou, Paulo Vitor defendeu de novo. Ainda era 0x0, mas jogo não estava equilibrado mais.

No minuto 42, no campo do Flamengo, Everton Ribeiro deu o pique para recuperar a bola, para Gerson, para Bruno Henrique. Ainda no campo do Flamengo, Bruno Henrique deu o pique, passou entre vários defensores e achou na profundidade Gabigol. De pé direito, Gabigol chutou, Paulo Victor defendeu de novo, mas Bruno Henrique estava aqui para empurrar a bola nas redes e abrir o placar. No intervalo, 1x0 para Flamengo, placar magro, mas já muita bola e muito futebol do Flamengo.

Flamengo começou o segundo tempo com 6 jogadores na linha central e os 4 defensores um pouco atrás na mesma linha. Esse Flamengo era ofensivo, queria ir no ataque, para o desespero de Grêmio e de outros times, para a alegria do Maraca e dos torcedores, sempre queria fazer mais gols. Por isso, além dos títulos, o Flamengo de 2019 foi tão especial. Com apenas 20 segundos de jogo, com raça, Bruno Henrique ganhou uma bola dividida no campo de Grêmio e deixou para Everton Ribeiro, que não fez o segundo gol de pouco. Bola foi no escanteio, e no escanteio, Gabigol fez um de seus gols mais bonito com o Manto Sagrado, com um gol de voleio muito difícil de conseguir. Até foi achar na arquibancada uma placa “Hoje tem gol do Gabigol”. Esse Flamengo era show. Tinha gol de Gabigol, e tinha ainda mais.

No terceiro minuto do segundo tempo, quando Galvão Bueno falava que Grêmio era imortal, Flamengo quase matou o Grêmio, quase fez o terceiro, com chute de Bruno Henrique em cima do travessão. No banco, Renato Gaúcho parecia desesperado, sem poder de reação. Seu time também não sabia reagir. Numa chegada na esquerda de Felipe Luís, Bruno Henrique recebeu a bola, evitou o carinho de

Matheus Henrique, tomou o carrinho de Pedro Geromel. O Bruno Henrique tomou o carrinho, a bola já estava longe, fora do Geromel, fora do Grêmio, e o juiz não hesitou: pênalti para Flamengo. Sem hesitar também, Gabigol fez o dobrele, fez o terceiro do Flamengo. Teve dança com o quarteto mágico, Everton Ribeiro, Bruno Henrique, Arrascaeta e Gabigol, já era muito para Grêmio, mas tinha ainda mais, Flamengo estava além do possível.

Com uma hora de jogo, Gabigol recebeu a bola na esquerda e abriu para Bruno Henrique fazer o quarto gol. Era um momento surreal, até de ter pena para Grêmio, uma avalanche de gols que relembra, agora no bom lado, o 7x1. Mas o juiz deu um pouco de normalidade ao jogo e anulou o gol por impedimento. Tanto faz, cinco minutos depois, num escanteio de Arrascaeta, o zagueiro Pablo Marí fazia o quarto gol, agora válido. E cinco minutos depois, também numa bola parada da esquerda, agora de Éverton Ribeiro, teve outro gol do outro zagueiro, Rodrigo Caio. Gosto muito dessa sequência de dois gols dos zagueiros para uma das maiores duplas de zaga que vi no Flamengo, talvez só perdendo de Fábio Luciano – Ronaldo Angelim.

Mais impressionante ainda, era o placar: Flamengo 5x0 Grêmio. Antes do jogo, tinha um certo favoritismo do Flamengo, mas nada de evidente. Depois, só tinha um Grêmio morto. E Jorge Jesus estava sem piedade, quando Pablo Marí e Gerson começaram a trocar passes laterais no campo de Flamengo, ele entrou numa fúria e pediu o time atacar. Por isso seu Flamengo foi tão vencedor, tão memorável. E Jorge Jesus ainda ofereceu um nome a esse jogo eterno, “o Cincum”, na verdade ele falou isso dez dias antes do jogo, para reclamar da violência dos outros times contra um Flamengo imparável. Não importa o motivo, gosto muito de jogos que têm nomes, e acho “o Cincum” um dos mais legais.

Com esse nome, “o Cincum” era ainda mais eterno. Flamengo foi muito bonito em 2019, mas mais bonito do que esse jogo durante a temporada, só a própria final da Liberta e o Milagre de Lima. E “o

Cincum” é o jogo que representa mais o Flamengo de 2019, de um futebol alegre e ofensivo, com no banco um técnico aborrecido e vitorioso, um jogo que marcou eternamente todos os 69.981 presentes no Maracanã e todos os flamenguistas, no Rio, em Paris e em todos os cantos do mundo.

Flamengo 2x1 River Plate 2019

Crônica #4 publicada originalmente no 21 de setembro de 2022



Difícil fazer um jogo tão histórico, um jogo tão eterno que esse jogo do 23 de novembro de 2019. Só pode ter o 3x0 contra Liverpool na frente, e ainda é questão de preferência. O jogo contra Liverpool já era ganho no fim do primeiro tempo. O jogo contra River não, bem ao contrário.

Já falei que o consulado da Fla Paris foi fundado em 2019 e meu primeiro jogo com a galera foi o Cincum, na casa do consulado do Grêmio. Para a final, agora a Fla Paris tinha sua própria casa, jogo foi na sala em baixo do Belushi, um bar gigante especializado com transmissão de eventos esportivos.

Em Paris, tinha muita emoção e muito estresse no pré-jogo. Mas não só em Paris, em todos os lugares do mundo onde tinha pelo menos um flamenguista, tinha estresse. Porque final de Libertadores é assim, é diferente de qualquer jogo. Ainda mais quando faz 38 anos que seu time não jogou uma final de Libertadores. Era uma anomalia e também a lembrança que antes disso foram muitos anos de sofrimento, de decepções e às vezes até de vergonha.

Mas Flamengo foi tudo diferente em 2019. Esse time fez coisas bonitas em muitos lugares, mas fez história em Lima. Já era um jogo antes do primeiro minuto, contra o vencedor da última edição, River Plate. Flamengo podia ser o favorito, mas não de muito. E foi tudo pior depois de apenas quatorze minutos de jogo, com o gol de Borre. Flamengo 0x1 River Plate.

Depois foi de novo sofrimento, medo de perder, de deixar mais uma oportunidade de gritar é campeão, de ser rei da América. No intervalo, no Belushi, nós fomos da sala de baixa para a de cima. Na sala de baixa, tinha talvez 60-70 pessoas, que já era muito bom para um consulado de 2 meses de existência. Mas quando fomos na sala principal, tinha ainda mais flamenguistas, no total talvez 200 flamenguistas doentes, estressados, mas era muito bom de ver toda essa força. Apesar da derrota parcial, esse momento foi de euforia para mim, de ver o tamanho dessa torcida. Em Paris, no RJ, em Lima.

Em Lima, a torcida estava lá. Flamengo não era 11 homens, era muito mais. Em Paris, a sala virou um caldeirão, tinha gritos a cada lances de perigo, gritos de desespero, de esperanças, de ódio, de fé. E o milagre aconteceu. O gol de empate foi uma síntese do que aconteceu durante o ano, com a participação de cada jogador de um trio eternizado na história do futebol brasileiro. De Arrascaeta é uruguaio, não é só técnica, também é raça, e foi no carrinho que recuperou a bola dos pés argentinos. A bola foi nos pés do Bruno Henrique. Fez uma jogada de craque, esperou um pouco, driblou, acelerou, ficou entre quatro zagueiros e teve o tempo suficiente para achar de novo Arrascaeta, já uma lenda do futebol brasileiro. Nosso Arraxxxca fez o passe, caindo no chão, na raça, no coração. Não foi o gol mais difícil da carreira do Gabigol, mas com certeza foi o mais importante da carreira dele até esse momento. Flamengo 1x1 River Plate.

Gol foi no minuto 44 do segundo tempo. Confesso que queria ser minuto 43, porque um gol tão emocionante, talvez só o do Petkovic contra Vasco na hora do tri. E confesso também que a alegria não foi total para mim em Paris, porque no final do jogo, a retransmissão do bar travou um pouco. Então alguém foi na internet, vi que Flamengo tinha empatado, gritou, a palavra foi de boca a boca, Flamengo tinha empatado antes de ver o gol na televisão. E foi a mesma coisa com o gol da virada.

Confesso que ainda fico puto com isso. Talvez escapei de uma parada cardíaca mas queria viver esse momento ao vivo, sem saber, como se estava em Lima. Sempre que tenho a oportunidade, assisto ao segundo gol. Última vez foi anteontem, dia do terceiro aniversário da Fla Paris, lá na Gávea, na loja do Flamengo. Posso assistir da TV brasileira, prefiro a versão de João Guilherme do que a do Luís Roberto, da TV argentina ou ainda melhor, da arquibancada. Tudo foi perfeito nesse gol, da bola do Diego, não importa se foi chutão ou cruzamento, foi assistência para o anjo Gabigol, que, empurrado pela torcida, chutou, com força, com precisão, com coração, para ficar marcado na história, para fazer o gol mais importante da carreira dele. Flamengo 2x1 River Plate.

O estádio monumental de Lima agora é eternizado, sempre conectado com o espírito rubro-negro. É de arquitetura linda, mas é de história ainda maior. 23 de novembro é eterno para os rubro-negros, em 1981 com dois de Zico em Montevideu, e em 2019 com dois de Gabigol em Lima e uma virada até hoje incrível. Flamengo, o Rei da América.

Flamengo 6x1 Avaí 2019

Crônica #19 publicada originalmente no 12 de novembro de 2022



Para o último jogo do ano, vamos de um outro Flamengo x Avaí num fim de temporada, de uma temporada de ouro, a de 2019. O Flamengo de 2019 foi incrível, era certeza de futebol bem jogado, alta probabilidade de golaços, possibilidade forte de goleada. Jogo contra Avaí, o último do ano no Maracanã, foi o jogo das faixas de campeão da Libertadores e do Brasileirão. E não só dos profissionais. Flamengo ganhou em 2019 também o Brasileirão sub-17 e o Brasileirão sub-20. Realmente, um ano de ouro.

No 5 de dezembro de 2019, Flamengo entrou em campo contra Avaí num clima de festa, com um time misto: César; Rafinha, Thuler, Rhodolfo, Renê; Piris da Motta, Diego, Éverton Ribeiro, Arrascaeta; Lincoln, Gabigol. No Maracanã, um dia de chuva, mas mais um dia de festa com 3 troféus, o do campeonato carioca nas mãos de Juan, o do Brasileirão nas mãos de nosso Didico, o da Libertadores nas mãos do Adílio. Flamengo é gigante.

Gigante e bonito é o Flamengo do Jorge Jesus. Com 10 minutos de jogo, numa falta de Arrascaeta, Rafinha se movimentou bem na direita e recebeu a bola. Cruzou no chão para Lincoln, que de pivô deixou para Arrascaeta. A jogada começou com Arrascaeta de falta,

dois toques rápidos de Rafinha, dois toques rápidos de Lincoln, e finalização de primeira de Arrascaeta. Do início até o fim, um golaço na construção. O Mengo do Mister realmente era bonito.

Quatro minutos depois, outra falta, agora de Éverton Ribeiro, no travessão. Calma torcedor, a chuva de gols só não vai ser maior do que a chuva no Rio nesse 5 de dezembro de 2019. Avaí empatou com um chute de longe de Lourenço. Acordou o gigante. No fim do primeiro tempo, um chute colocado de Diego no ângulo, bem no ângulo, indefensável para o goleiro. Outro golaço. Sem dúvida um dos gols mais bonitos do Diego com o Manto Sagrado. Dois minutos depois, um chute de Gabigol de fora da área, um rebote na frente do goleiro, mortal com a ajuda da chuva. Esse Flamengo de 2019 é imortal, não tinha piedade, sempre buscava fazer mais um gol. No intervalo, 3x1 para o Flamengo.

No início do segundo tempo, quase mais um golaço. Bola alta de Diego, Lincoln quase conseguiu fazer o chapéu no goleiro, concluir de bicicleta, mas não deu. O golaço veio um pouco depois. O Flamengo de 2019 era incrível na movimentação. Piris da Motta acou Arrascaeta, de trivela para Gabigol, de calcanhar para completar a tabelinha com Arrascaeta. Arrascaeta pedalou, e a bola foi com a ajuda de Deus nos pés de Lincoln. Deus ajudou porque a jogada era bonita, e merecia se transformar em gol para a alegria da arquibancada. Flamengo 4x1 Avaí.

No fim do jogo, outro golaço. Gabigol para Reinier, outra promessa do Mengo. Com um toque só para Diego, que devolveu também com um toque para Reinier. Reinier dominou com um toque rápido, e achou de novo de calcanhar Diego, agora com perigo na grande área do pobre Avaí. Com um toque do pé esquerdo, Diego deixou em condição ideal ninguém mais que Reinier. Já não era mais tabelinha, virava tabelão. Reinier dominou a bola e chutou cruzado. Golaço, no puro estilo do Mengo do Mister. E ainda tinha outro gol, de novo

com Reinier, na recepção de um cruzamento de Rafinha, para fazer o gol do 6x1.

Por isso que acho o Flamengo de 2019 maior do que o de 2022. Porque o futebol exibido era melhor. Muitas goleadas, muitos golaços, muitos jogos eternos. Mas para fechar o ano de ouro de 2022, também quero uma goleada contra Avaí.

Flamengo 3x1 Al Hilal 2019

Crônica #36 publicada originalmente no 7 de fevereiro de 2023



O jogo eterno para a lembrança do dia era evidente, com a semifinal do Mundial 2019, contra o mesmo adversário, Al Hilal, time da Arábia Saudita. Só espero que não vai dar o mesmo azar do que a lembrança da Supercopa do Brasil vencida contra Palmeiras em 2021, perdida em 2023. Mas não estou muito de superstição, e já tem milhares de supersticiosos que têm justificações para uma possível derrota ou vitória. Então vamos desse jogo de 2019.

2019 foi um ano de ouro. Ainda não cansei de dizer que foi meu melhor ano vivido como torcedor do Maior do Mundo. Já nesse blog teve jogos eternos de 2019, contra Madureira, Santos, Ceará, Avaí, Corinthians e claro, River Plate, o Milagre de Lima. Esse jogo contra Al Hilal era no melhor dos casos o penúltimo do ano, no pior, o último. Acho que no Brasil a semifinal do Mundial é ainda mais importante do que a final. A final é um jogo que pode ganhar, a semifinal é um jogo que não pode perder, a não querer aguentar piadas dos rivais. Os torcedores do Internacional, Atlético Mineiro ou Palmeiras ainda lembram.

E no caso do Flamengo é pior. Basta relembrar que os rivais, e os não tão rivais, mas mesmo assim antis, zoaram Flamengo por causa da

derrota contra Liverpool. Uma partida onde Flamengo jogou, sim, de igual a igual contra um Liverpool invencível em 2019 durante 70 minutos. Não vale vitória, mas tinha motivos de orgulho, Bruno Henrique teve uma atuação magistral e achou que quem errou mais foi Jorge Jesus, com as substituições de Éverton Ribeiro e Arrascaeta, e a entrada de Lincoln em vez de Reinier. Mas a história é assim e nada pode mudar, só pode ter uma outra chance.

Então o jogo da semifinal contra Al Hilal era muito importante e Jorge Jesus escalou no estádio de Doha o time ideal, o time quase perfeito: Diego Alves; Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís; Willian Arão, Gerson, Arrascaeta; Éverton Ribeiro, Bruno Henrique, Gabigol. No time de Al Hilal, algumas estrelas com Giovinho e o francês Gomis, e um ex que não podia fazer valer a lei do ex, Gustavo Cuéllar. Adorava Cuéllar no Flamengo, mas acho que saiu mal do Flamengo.

Relembro que assisti a semifinal do Mundial de 2019 com a Fla Paris no Bellushi's, onde também tinha assistido ao jogo contra River Plate. Por causa das férias do final do ano, tinha bem menos pessoas no local, mas mesmo assim, foi lindo. O que não foi lindo foi o início do jogo do Flamengo, que começou mal o jogo e tomou um gol no 18 minuto, um gol aliás similar ao gol tomado contra River Plate, de Borré, também no início do jogo. Flamengo estava perdendo o jogo que não podia perder.

O gol tomado provocou a reação do Flamengo, que teve algumas oportunidades de fazer o gol, sem conseguir fazer. Al Hilal vencia 1x0 no intervalo, mas já no início do segundo tempo, Flamengo empatou, com o trio mágico de 2019, que já tinha sido acionado para o gol de empate contra River Plate. Dessa vez, a ordem foi diferente, Gabigol para Bruno Henrique, para Arrascaeta sozinho, para o gol do empate, para a alegria dos flamenguistas, em todos os lugares do mundo.

Mas Al Hilal é um bom time e o empate persistia até os quinze minutos finais, até um cruzamento perfeito de Rafinha e uma finalização letal de cabeça de Bruno Henrique, o melhor jogador do Flamengo nesse Mundial. Flamengo estava na frente no placar, e estava quase na final quatro minutos depois, quando Bruno Henrique, de novo ele, forçou o zagueiro Ali Al Bulayhi a fazer o gol contra, que fazia para sua infelicidade o gol 150 na temporada 2019 do Flamengo. De novo Flamengo estava na decisão do Mundial, 38 anos depois, de novo contra Liverpool, infelizmente não com um final tão feliz. A história é assim e não pode ser mudada, mas pode ter uma outra chance.

Independiente del Valle 2x2 Flamengo 2020

Crônica #39 publicada originalmente no 21 de fevereiro de 2023



A lembrança de hoje é fácil, com um jogo da Recopa Sudamericana, contra o mesmo adversário, Independiente del Valle, que jogou muito em 2019 e conquistou a Copa Sudamericana. Mas no continente sul-americano, ninguém jogou mais que Flamengo em 2019, ganhando em dois dias a Libertadores e o Brasileirão. E continuou a conquistar títulos em 2020, já com a Supercopa do Brasil, conquistada com um 3x0 contra o Athletico Paranaense.

Três dias depois do título da Supercopa do Brasil, Flamengo estreou para mais uma decisão, a Recopa Sudamericana, contra o Independiente del Valle. E Flamengo estava sem Gabigol, vale relembrar que além do dobrele no Milagre de Lima, Gabigol foi expulso no fim do jogo contra River Plate. Mesmo assim, como nos três primeiros jogos dele com o Manto Sagrado, Pedro, principal reforço da temporada de 2020, começou no banco. No estádio Olímpico Atahualpa de Quito, Jorge Jesus escalou Flamengo assim: Diego Alves; Rafinha, Rodrigo Caio, Gustavo Henrique, Filipe Luís; Willian Arão, Gerson, Éverton Ribeiro, Diego, Arrascaeta; Bruno Henrique.

No início do jogo, dois lances, um de cada time, um chute de fora da área, fora do gol. E no 20º minuto, um golaço de falta do Independiente del Valle, Murillo achando a gaveta de Diego Alves. Em apenas 6 minutos, Bruno Henrique empatou, driblando o goleiro, mas o gol foi muito mal anulado, Bruno Henrique saindo do próprio campo para mostrar toda sua velocidade.

No início do segundo tempo, Independiente del Valle teve três oportunidades de fazer o gol, sem conseguir. E nesse tipo de jogos, quem não faz acaba tomando. De novo, Bruno Henrique na velocidade, agora sem bandeirinha para impedir o golaço. Jogou demais, e ainda vai jogar demais nosso Bruno Henrique no Flamengo. Infelizmente, três minutos depois, machucou-se e saiu do campo.

De novo, Independiente del Valle teve oportunidades de fazer o gol, não conseguiu e tomou o gol da virada. Na segunda trave, Éverton Ribeiro foi mais esperto para ganhar a bola dividida. Depois foi gênio para driblar o defensor com um giro à la Cruyff, e foi lucido para fazer um passe atrás. E Pedro, que tinha entrado no lugar de Bruno Henrique, fez seu terceiro gol com o Flamengo em 4 jogos, todos entrando durante a partida. Jogou e ainda joga demais nosso Pedro no Flamengo.

No fim do jogo, mais um erro de arbitragem, o juiz dando um pênalti inexistente com uma suposta falta de Rafinha. O Independiente del Valle aproveitou do presente para empatar e deixar tudo igual antes do jogo no Maracanã. Deixo o último capítulo da Recopa Sudamericana de 2020 para a próxima semana e o jogo de volta, do novo no Maraca.

Flamengo 3x0 Independiente del Valle 2020

Crônica #41 publicada originalmente no 28 de fevereiro de 2023



A lembrança do dia é evidente para o jogo de hoje, com um outro jogo de volta da Recopa Sudamericana, contra o mesmo Independiente del Valle. Mas diferente do jogo de ida de 2020, Flamengo entra nesse jogo de 2023 com uma desvantagem e vai ter que reverter a decisão.

Na Recopa Sudamericana de 2020 de ida, jogo foi 2x2 antes da volta no Maracanã. E a volta foi muito bom. No 26 de fevereiro de 2020, também dia do primeiro caso de Covid no Brasil, a torcida lotou o Maracanã, com 69.986 presentes. Para um de seus últimos jogos no Flamengo, Jorge Jesus escalou Flamengo assim: Diego Alves; Rafinha, Gustavo Henrique, Léo Pereira, Filipe Luís; Willian Arão, Gerson, Éverton Ribeiro, Arrascaeta; Gabigol, Pedro. Um timaço, que ia fazer um jogo eterno.

Primeiro lance perigoso foi do Flamengo, Gerson escapando da saída do goleiro para fazer um passe atrás para o Gabigol, que chutou, mas o zagueiro Segovia salvou de cabeça. Um minuto depois, o mesmo Segovia se perdeu, cabeceou atrás para seu goleiro, bola foi na trave e depois para Gabigol, loiro e imperdoável, que fazia mais um gol numa final.

Com apenas 23 minutos, Willian Arão foi expulso e deixou Flamengo com 10 homens. Mas esse Flamengo de Jorge Jesus era avassalador. Éverton Ribeiro lançou em profundidade Gabigol, que acelerou, passou entre três defensores e chutou cruzado. Goleiro defendeu, impedindo um golaço. Mesmo sem o gol, que saudade desse Flamengo brilhante e ofensivo.

No segundo tempo, quem começou a brilhar no Flamengo foi Diego Alves, com uma defesa impressionante contra Favarelli, que estava na cara do gol, a 10 metros de distância. Cinco minutos depois, Gabigol, mais uma vez ele, driblou na direita, acelerou, entrou na área, cruzou atrás para Gerson, que, com um chute de carrinho, fazia o terceiro gol de sua carreira com o Manto Sagrado.

No fim do jogo, mais uma contra-ataque e uma triangulação com Michael, Gabigol e Vitinho. Vitinho se distanciou do goleiro adversário, mas conseguiu rolar a bola para Gerson. O Coringa dominou de sola e achou com a tranquilidade do artilheiro que ele não é, o canto apostado. Inclusive, um gol quase em câmera inverso do gol eterno de Tardelli contra Botafogo, na final do campeonato carioca de 2008. Mesmo em desvantagem numérica durante uma hora, Flamengo deu mais um show, com a marca do Vapo, que em apenas um jogo, dobrou seus números de gols com o nosso Mengo.

Flamengo, dez dias depois de ganhar a Supercopa do Brasil, ganhava mais um título, fazia mais uma vez a alegria de um Maraca lotado. Aprende, Flamengo de 2023.

Flamengo 2x2 Palmeiras 2021

Crônica #34 publicada originalmente no 28 de janeiro de 2023



Antes do jogo de hoje, a lembrança do dia era evidente: a Supercopa do Brasil 2021, em Brasília, contra Palmeiras. Foi um jogo entre dois supertimes. De um lado, nosso Flamengo, campeão brasileiro. Do outro lado, Palmeiras, campeão da Copa do Brasil. Um jogo no papel, que também foi no campo.

Considero que a rivalidade entre Flamengo e Palmeiras é a maior do Brasil desde 2016. Os dois times brigam pelo todos os títulos, no Brasil e no continente. Os dois times quase sempre no G-4, com título em 2016, 2018 e 2022 para Palmeiras, em 2019 e 2020 para Flamengo. Os dois times com os 4 últimos títulos da Copa Libertadores, dois para cada um. Números impressionantes.

Gosto muito da Supercopa do Brasil, uma competição que foi criada em 1990 por apenas duas edições e que voltou em 2020, com as mãos do Flamengo já na taça. Em 2021, era hora de mais um clássico entre Flamengo e Palmeiras. Era infelizmente também tempo da Covid e do lockdown. O estádio Mané Garrincha era de portões fechados. Na França, o terceiro lockdown começou uma semana antes da Supercopa do Brasil e assisti ao jogo sozinho em casa. Também gosto de assistir aos jogos sozinho, mas o momento era

difícil, com saudade da família, dos amigos e do consulado da Flá Paris.

No 11 de abril de 2021, Rogério Ceni escalou Flamengo assim: Diego Alves; Isla, Willian Arão, Rodrigo Caio, Filipe Luís; Gerson, Diego, Arrascaeta; Everton Ribeiro, Bruno Henrique, Gabigol. Um time muito ofensivo, com muita qualidade também. O Palmeiras era outro timaço, com grandes jogadores em cada linha: Wewerton, Gustavo Gómez, Felipe Melo, Raphael Veiga, Rony. Também tinha muita qualidade no banco, entraram durante o jogo Mayke, Gabriel Menino, Danilo, Gabriel Veron e Gustavo Scarpa. Um jogo com dois timaços, um jogo eterno.

E jogo começou muito mal para o Flamengo, muito rapidamente. Com apenas um minuto de jogo, Raphael Veiga fez de calcanhar um drible de vaca que deixou Willian Arão perdido e finalizou, também de calcanhar. E Flamengo empatou, também com um grande drible, agora de Filipe Luís sobre Gustavo Gómez. Filipe Luís finalizou na trave, mas Gabigol, de dreadlocks loiras, empatou. Não importa o corte de cabelo, o homem gosta de marcar nos dias de finais, nos dias de títulos, nos dias de jogos eternos.

No minuto seguinte, Palmeiras quase desempatou. Breno Lopes driblou Diego Alves e chutou, mas Diego Ribas salvou em cima da linha, um dos lances mais memoráveis de Diego com o Manto Sagrado. De falta, Raphael Veiga teve a oportunidade do dobrlete, mas Diego Alves foi vigilante. E quem desempatou foi Flamengo, no tempo adicional do primeiro tempo. Desempatou com um golaço. Bruno Henrique para Arrascaeta, que driblou no centro e chutou de fora da área. Wewerton só olhou. No intervalo, Flamengo 2x1 Palmeiras, já um jogo.

Segundo tempo foi também muito animado, Gabigol também teve a oportunidade do dobrlete, e até fez o gol, mas o gol foi muito mal anulado, com um impedimento inexistente. O VAR não foi acionado,

e estou tentando entender até hoje o porquê. Quem aproveitou foi Palmeiras, dois minutos depois, Rony entrou na área e o juiz marcou um pênalti duvidoso. Agora sim, Raphael Veiga fez o dobrê. Ainda não era o momento de Diego Alves brilhar nos pênaltis. No fim do jogo, Wewerton fez duas grandes defesas contra Bruno Henrique e Gabigol. No apito final, empate, decisão de penalidades.

No começo da disputa de penalidades, os craques Raphael Veiga e Arrascaeta fizeram. O capitão Gustavo Gómez também fez. Filipe Luís, depois de achar a trave durante o jogo, achou o travessão durante a disputa. Gustavo Scarpa, outro canhoto, fez, ainda não era o momento de Diego Alves brilhar. Matheuzinho errou, com defesaça de Wewerton. Flamengo 1x3 Palmeiras. Relembro que considerei o jogo como perdido e que me consolei sozinho, me dizendo que a Supercopa não era um título importante. Já estava sem esperança mas agora sim, era o momento de Diego Alves brilhar.

Diego Alves era um dos melhores goleiros do mundo quando se tratava de pênaltis, talvez o melhor. Muito ativo na linha, já tinha defendido pênalti de Messi, Cristiano Ronaldo, Neymar, Griezmann e Diego Costa. Os melhores da Espanha, do mundo. Coisa impressionante. No calor de Brasília, com flamenguistas desesperados na televisão, Diego Alves defendeu a cobrança de Luan. A esperança ainda existia, ainda mais depois do gol de Vitinho. Ainda faltava um milagre, que Diego Alves fez, contra outro canhoto, Danilo, com defesa maravilhosa. Gabigol, quinto cobrado, não podia errar se não queria oferecer o título ao Palmeiras. Não errou, fez com tranquilidade. Flamengo 3x3 Palmeiras. Que eu amo o futebol, que eu amo o Flamengo.

Com ainda mais estresse, Viña, outro canhoto, fez. O garoto João Gomes, 20 anos, chutou, Wewerton desviou, o coração parou, mas João Gomes empatou. Outro garoto, até no nome, Gabriel Menino, chutou, Diego Alves fez outro milagre. O garoto Pepê tinha o título no pé direito, mas bateu fraco, e Wewerton defendeu. Muita emoção

em Brasília, Flamengo 4x4 Palmeiras. Mais um garoto, mais um Gabriel, agora Gabriel Veron, fez. Michael, com força, empatou. Agora era a vez de Mayke, e Diego Alves defendeu mais uma vez, a quarta cobrança defendida. Defender dois já é muito, três é coisa de milagre, mas defender quatro pênaltis na mesma disputa, só Diego Alves, só nosso goleiraço.

Rodrigo Caio foi o nono jogador do Flamengo a chutar, só faltava Isla e Diego Alves depois. Wewerton ficou no meio, Rodrigo Caio fez o gol, ofereceu o título ao Flamengo, mas o herói era de luvas e de camisa amarela, Diego Alves. Com essa disputa de penalidades eterna, Diego Alves chegou ao 40º pênalti defendido na carreira. Com Flamengo, 11 defesas nos 39 pênaltis cobrados, um aproveitamento de 28%, uma coisa realmente impressionante.

Obrigado Diego Alves para sua passagem no Flamengo, onde honrou muito o Manto Sagrado de Raul Plassman e outros, onde nos ofereceu um título, depois de um jogo eterno contra Palmeiras.

Flamengo 4x1 Unión La Calera 2021

Crônica #54 publicada originalmente no 19 de abril de 2023



Fazia tempo que eu queria escrever sobre o jogo de Unión La Calera, na Copa Libertadores de 2021. E com o jogo de hoje contra Ñublense, outro time chileno, na segunda rodada da Liberta, no Maraca, parece o momento ideal.

Em plena pandemia de Covid-19, Flamengo recebeu Unión La Calera, num Maracanã vazio. No 27 de abril de 2021, Rogério Ceni escalou Flamengo assim: Diego Alves; Isla, Bruno Viana, Willian Arão, Filipe Luís; Gerson, Diego, Éverton Ribeiro; Arrascaeta, Bruno Henrique, Gabigol.

Relembro bem que comentei esse jogo para o canal francês Lucarne Opposée. E com apenas dois minutos, Flamengo já levava o perigo no gol chileno, com um chute de Bruno Henrique de fora da área. Numa bela jogada coletiva, Diego teve uma oportunidade de voleio, mas bola foi longe do gol. Depois, Gerson chutou para fora, Gabigol chutou nas mãos do goleiro. Apesar de um domínio no jogo do Flamengo, o placar ainda estava de 0x0.

E com meia-hora de jogo, uma tabelinha na esquerda entre Arrascaeta e Gerson, Arrascaeta em um toque para Gabigol, Gabigol

em um toque para o gol. Um golaço coletivo e Flamengo estava, já ou enfim, na frente no placar. E três minutos depois, Éverton Ribeiro recuperou a bola perto do gol do Flamengo, girou e deixou para Arrascaeta puxar o contra-ataque. Arrascaeta para Bruno Henrique para puxar o contra-ataque com ainda mais velocidade. Bruno Henrique para Arrascaeta de novo para fazer o passe certo na frente do gol. Ou diretamente o gol. Arrascaeta dominou a bola com classe, chutou com categoria, mais um golaço, agora de contra-ataque.

No início do segundo tempo, La Calera aproveitou de um erro de posicionamento da zaga do Flamengo para fazer o gol da esperança. E apesar de chutes dos craques Arrascaeta, Everton Ribeiro e Diego, Flamengo não conseguiu fazer o gol do 3x1, o gol da vitória certa. Até o 34º minuto do segundo tempo, com Bruno Henrique que recuperou a bola no campo de Calera, Gabigol abriu o espaço na direita, recebeu, dominou e chutou cruzado de pé direito, para fazer, talvez o gol menos lindo do Flamengo durante o jogo, mas o gol da vitória certa. Rogério Ceni podia mexer, entraram, entre outros, Vitinho e Pedro.

Vitinho deixou a desejar durante muito tempo, mas já estava numa melhor fase nessa época. E numa das primeiras bolas dele no jogo, a 80 metros do gol chileno, Vitinho fez o drible da vaca e partiu em velocidade. Conduziu a bola uns 40 metros, Gabigol chamou a bola na grande área, abrindo um espaço para Pedro um pouco atrás. No domínio, Pedro já demonstrou que era craque. Fintou um, fintou outro, deixando até o defensor no chão, e a finalização foi de outro mundo. Um toque leve, um doce, um beijo na bola para matar o goleiro. Foi sem dúvida um dos gols mais bonitos que eu vi ao vivo do Flamengo, até porque faltei o gol de bicicleta de Arrascaeta contra Ceará. E era só para esse golaço, essa pintura, do artista Pedro, que queria escrever sobre o jogo contra Unión La Calera.

Na época, Pedro era reserva e eu tinha medo de uma transferência. Porque merecia muito uma vaga de titular. Conseguia jogar com as

ausências de Gabigol, mas muitas vezes só jogava 15 minutos ou menos no jogo. E nesse jogo eterno contra La Calera, mostrou em apenas 2 minutos que era e ainda é um dos maiores centroavantes da história do Flamengo.

Cuiabá 0x2 Flamengo 2021

Crônica #9 publicada originalmente no 8 de outubro de 2022



Dias de jogo, gosto de relembrar um jogo eterno contra o mesmo time, com o mesmo mandante. Para hoje, não tive dúvida nem escolha: só teve um Cuiabá x Flamengo na história. Graças a Deus, Flamengo ganhou.

Jogo foi ano passado, ainda no início do Brasileirão. Como Flamengo tinha atletas convocados para a Seleção, principal e olímpica, o clube conseguiu adiar alguns jogos do Brasileirão. Começou com 3 vitórias e 2 derrotas, e com 2 jogos adiados, precisava de pontos para aparacer na parte alta da tabela.

Cuiabá, para seu primeiro ano na Série A, precisava também de pontos, com 4 empates, uma derrota e nenhuma vitória. Mas ainda não tinha sido vencido na Arena Pantanal na temporada, seja no campeonato mato-grossense, seja no Brasileirão.

No 1º de julho de 2021, Rogério Ceni escalou um Flamengo bem ofensivo: Gabriel Batista; Matheuzinho, Willian Arão, Rodrigo Caio, Filipe Luís; João Gomes, Diego; Vitinho, Michael, Bruno Henrique, Pedro. No dia seguinte, Brasil derrotou o Chile na Copa América,

com Éverton Ribeiro e Gabigol no banco, por isso eram desfalques contra Cuiabá. Pelo mesmo motivo, faltava Isla e Arrascaeta.

Não tinha Gabigol, mas tinha Pedro. No início do jogo, Vitinho recuperou uma bola na parte alta do campo de Cuiabá. De primeira, Bruno Henrique achou na área João Gomes, que girou de calcanhar em cima do defensor, e deixou para Pedro abrir o placar. Era o segundo gol de Pedro no Brasileirão 2021, em 4 jogos.

Flamengo teve oportunidades de fazer o segundo gol, com Bruno Henrique e Vitinho, mas Walter fez boas defesas. Flamengo matou finalmente o jogo no tempo adicional, com dois jogadores que tinham entrado no segundo tempo, Rodrigo Muniz e Thiago Maia. Alias, era o segundo jogo de Thiago Maia desde sua lesão no joelho, em novembro de 2020. Num contra-ataque, Rodrigo Muniz deixou Thiago Maia cara a cara com o goleiro. Com tranquilidade, Thiago Maia fez seu primeiro gol com o Manto Sagrado.

Cuiabá 0x2 Flamengo, Cuiabá perdia a invencibilidade na Arena Pantanal e Flamengo voltava na 6ª colocação na tabela.

Bahia 0x5 Flamengo 2021

Crônica #61 publicada originalmente no 13 de maio de 2023



Com 3 derrotas em 4 jogos e uma vergonhosa presença no Z-4, Flamengo precisa urgentemente de uma vitória, de um resultado, de uma reação. Em 2021, Flamengo também começou mal o Brasileirão com 4 derrotas em 9 jogos antes do jogo contra Bahia.

No 18 de julho de 2021, Fla foi jogar no Pituaçu e Renato Gaúcho escalou Flamengo assim: Diego Alves; Isla, Gustavo Henrique, Léo Pereira, Filipe Luís; Willian Arão, Diego, Éverton Ribeiro; Arrascaeta, Michael, Gabigol. Um time muito bom, que estava longe da posição que deveria ocupar, mas o lugar se explicava também pela ausência de alguns jogadores por causa da Copa América, como Isla, Arrascaeta, Éverton Ribeiro e Gabigol. Sem férias e sem possibilidade de descansar, o quarteto estava de volta no Flamengo, para um jogo no Pituaçu.

Jogo começou com dois chutes de longe, fora do gol, Nino Paraíba para Bahia, Willian Arão para Flamengo. Com 20 minutos de jogo, Michael arrancou e deixou para Arrascaeta, que provocou um pênalti. Gabigol abriu o placar de pênalti e no minuto seguinte quase fez o dobrete. O segundo gol de Gabigol finalmente saiu um pouco antes do intervalo. Uma tabelinha entre Isla e Arrascaeta na direita, um

cruzamento atrás e um chute de trivela de Gabigol, bem colocado, sem chance para o goleiro. Um golaço com um toque bem difícil, mas perfeitamente executado.

No início do segundo tempo, Gabigol saiu no contra-ataque desde seu próprio campo, resistiu ao zagueiro, mas seu chute cruzado foi defendido pelo Matheus Teixeira. O terceiro gol finalmente saiu na hora do jogo, com bom passe de Éverton Ribeiro, bom domínio de Gabigol, que cruzou de novo de pé esquerdo, dessa vez no fundo das redes. Depois de não brilhar muito com a camisa amarela na Copa América, Gabigol brilhava muito com o Manto Sagrado. Apesar de ser goleador, era apenas o segundo hat-trick de Gabigol no Flamengo, o primeiro foi no campeonato carioca 2020 contra Cabofriense.

Gabigol podia pedir a música e ceder seu lugar para um jogador que não merecia a reserva, Pedro. E como goleador que era, não esperou muito antes de fazer o gol. Jogada começou com um carrinho de Éverton Ribeiro, bola para Pedro e um passe um pouco profundo na esquerda para Vitinho, que teve tempo de recuperar a bola e de cruzar. De forma bem acrobática, Pedro fazia mais um gol, seu terceiro no Brasileirão, o primeiro como reserva depois de começar o campeonato como titular por causa da ausência de Gabigol. Flamengo tinha dois goleadores e ainda tem, agora jogando juntos.

No final do jogo, mais uma vez Éverton Ribeiro no início da jogada, com um passe para Arrascaeta, que chegou na grande área, que mostrou que era craque. Uma finta de chute, um toque de sola, um passe de trivela. Vitinho, que ele sim merecia a reserva mas entrou bem no jogo, fez o quinto gol do Flamengo. Bahia 0x5 Flamengo, a maior goleada do Flamengo no campo de Bahia, apesar de o jogo não ser na Fonte Nova. Flamengo reagia no Brasileirão, conseguiria depois mais duas vitórias, 5x1 contra São Paulo e 3x1 contra o Corinthians em São Paulo, antes de ser goleado 4x0 no Maracanã

contra o Internacional. O ano de 2021 também foi frustrante, mesmo sem ficar num vergonhoso Z-4.

Flamengo 1x0 Vasco 2022

Crônica #45 publicada originalmente no 19 de março de 2023



Para dar sorte para o jogo de hoje, vamos lembrar um jogo de apenas um ano de existência, mas um jogo onde Flamengo tinha uma vantagem de um gol sobre o Vasco, numa semifinal do campeonato carioca, em 2022.

Na época, Flamengo tinha conseguido a vitória no jogo de ida com um placar magro, 1x0, gol de Gabigol, de pênalti. Em 2023, placar foi maior, mas com vantagem igual: 3x2 Mengão. Como em 2023, o Flamengo de 2022, de outro português, Paulo Sousa, ainda estava longe de convencer. Mas estava perto de uma primeira decisão no ano, e no 20 de março de 2022, Flamengo foi escalado assim: Hugo Souza; Rodinei, Fabrício Bruno, David Luiz, Filipe Luís; Willian Arão, João Gomes, Arrascaeta; Lázaro, Gabigol, Pedro.

Na frente de 58.478 espectadores, jogo começou equilibrado, com leva vantagem do Vasco, mas Hugo Souza fez boas defesas. Hugo Souza deixou de brilhar em alguns jogos e tomou alguns frangos duros, mas acho que ele é um bom goleiro e que, se corrige alguns pontos fracos, pode ter uma carreira linda. Flamengo reagiu e Pedro quase fez o gol, mas o goleiro vascaíno fez a defesa. Último lance do primeiro tempo foi de Nenê, livre na entrada da área, para achar o

ângulo flamenguista do pé esquerdo mágico, mas bola fugiu das redes. No intervalo, Flamengo 0x0 Vasco.

Primeiro lance do segundo tempo, de novo Nenê, de novo fora do gol do Flamengo. Nenê inflamou a torcida vascaína, mas Hugo Souza fez de novo grande defesa num chute poderoso de Edimar. Flamengo reagiu, cabeçada fora do gol de Léo Pereira, chute defendido de Pedro. E Flamengo fez o gol. De novo Arrascaeta, cruzamento da direita para a esquerda, para Lazaro, com um toque, bola na pequena área. Pedro perdeu a bola, Willian Arão não, de pé esquerdo, o jogador mais antigo do elenco fez o gol da vitória, o gol da classificação, o gol da final, o gol da decisão.

Gabigol quase fez o segundo, mas o chute de cobertura flirtou com a trave. Hugo Souza quase falhou, mesmo num grande jogo dele podia falhar, mas foi salvo pela trave. Último lance foi de Marinho, mas não mudou o placar, não mudou o classificado pela grande final, Flamengo, em cima do velho freguês, Vasco.

Athletico Paranaense 0x1 Flamengo 2022

Crônica #80 publicada originalmente no 12 de julho de 2023



O Flamengo x Athletico Paranaense virou um clássico da Copa do Brasil. Depois de Flamengo ganhar a final da Copa do Brasil 2013 contra o Furacão com um jogo eterno, os dois times se encontraram na competição cinco anos consecuidos entre 2019 e 2023, entre oitavas e semis de final. Em 2019 e 2021, deu Athletico, em 2020 e 2022, deu Flamengo. Ambos tiveram um título da Copa nesses anos, Athletico em 2019, Flamengo em 2022. Agora vem o quinto capítulo, talvez o último, para desempatar, para desfazer a igualdade.

Tinha então várias possibilidades para um jogo eterno, e eu vou do último, o da Copa do Brasil de 2022, no caminho do tetra. O empate 0x0 no Maracanã na ida deixava tudo aberto na Arena da Baixada. Para Flamengo, era a oportunidade da vingança da eliminação de um ano antes, quando tomou um 3x0 em pleno Maracanã na semifinal de volta. Para o Athletico, o desejo de vingança era mais fresco ainda. Três dias antes, tomou um 5x0 no Maracanã, no Brasileirão. No 17 de agosto de 2022, para uma vaga na semifinal, Dorival Júnior escalou Flamengo assim: Santos; Rodinei, Léo Pereira, Fabrício Bruno, Filipe Luís; João Gomes, Vidal, Éverton Ribeiro; Arrascaeta, Gabigol, Pedro. Um time eterno, com uma dupla Gabigol – Pedro que funcionou muito bem em 2022.

Primeiro tempo não foi de muitos lances perigosos, só Gabigol teve oportunidade, mas Bento mandou para escanteio. Flamengo voltou melhor no segundo tempo e levou perigo ao gol athleticano graças a Rodinei, que jogou muito nesse segundo semestre de 2022. Arrascaeta também quase fez gol, depois de boa jogada de Gabigol e Pedro. O empate permanecia, a invencibilidade do Furacão de 15 jogos na Arena da Baixada também.

Essa crônica, como foi a sobre a goleada de La Calera, é de um gol só, de Pedro, que aconteceu no minuto 12 do segundo tempo. Rodinei, ainda ele, abriu para Éverton Ribeiro e invadiu a grande área. Éverton Ribeiro completou a tabelinha, e com um toque só, Rodinei cruzou. Bola um pouco alta para a cabeçada de Arrascaeta, bola perfeita para a bicicleta de Pedro, um gesto instintivo e perfeitamente executado, um furacão na Arena da Baixada. Um golão de Pedro, mais um, seu 20º gol da temporada.

Flamengo continuou a dominar, Santos, antigo da casa, fez boa defesa num chute de longe de Erick, Gabigol perdeu um gol quase feito, tudo isso não importava muito. O que importava era o golão de Pedro, o que importava era a classificação na semifinal do Flamengo. Ainda faltava um pouco tempo antes da torcida gritar “a copa do Brasil eu tenho 4”.

Ídolos

Leônidas

Crônica #12 publicada originalmente no 18 de março de 2023



A camisa 12 no Flamengo é da torcida. Para a 12^a crônica, eu poderia ter escolhido Júlio César como ídolo, que vestiu a camisa 12 na sua volta ao clube, justamente para homenagear a torcida. Júlio César é muito ídolo do Flamengo e ele merece a crônica dele aqui. Mas hoje eu vou de um jogador antigo, de uma época tão antiga que nem tinha número nas costas dos jogadores, mas eu vou de um jogador que se confundiu com a torcida, que representou a torcida como ninguém, Leônidas da Silva. Vale começar a crônica com essa fala de um gênio do jornalismo, Luiz Mendes: “Leônidas não foi melhor do que Pelé. Mas também não foi pior”.

Leônidas não vestiu a camisa 9, não vestiu a camisa 10, não vestiu a camisa 12, Leônidas vestiu o Manto Sagrado. Nasceu no Rio de Janeiro em 1913, apenas 25 anos após o fim da abolição oficial do escravidão. Cresceu nos subúrbios pobres, onde começou a jogar peladas, descalçado, com bola de papéis. Futebol já era paixão das crianças humildes, mas nos campos oficiais, era coisa de ricos. Na elite do futebol carioca, tinha poucos clubes que aceitavam negros no time deles: Bonsucesso, Syrio e Libanez, São Cristóvão, Bangu, Vasco. E, com exceção do Bangu, Leônidas passou pelo todos esses clubes, com muito brilho.

Jogando no Bonsucesso, Leônidas foi chamado na seleção carioca e foi o destaque do campeonato brasileiro de seleções estaduais de 1931, com 2 gols na final contra São Paulo. No mesmo ano, Leônidas falou para Globo: “O elemento de cor entre num grande clube nunca é bem recebido. O único clube grande que recebe com simpatia esses elementos é o Vasco. Nos outros grandes teams, o elemento negro não muda de cor. É um negro... Portanto, é melhor ficar onde se é cercado de consideração. E é por isso que eu ficarei no Bonsucesso”. No ano 1932, Leônidas assinou com o America, mas por causa do racismo, não foi bem recebido. Ainda foi acusado de ter roubado a coleira de uma senhora da alta sociedade, de ser uma vergonha para os ricos espectadores nas arquibancadas. No salão nobre dos clubes, a presença de Leônidas e dos outros jogadores não era bem-vista.

Em 1932, Leônidas fez seu primeiro gol de bicicleta. “É possível que o gol de bicicleta não seja criação minha, mas antes de mim não vi ninguém fazê-lo” explicou Leônidas. Na Argentina, a jogada é conhecida como “chilena”, por causa do chileno Ramón Unzaga, que fazia esse gesto antes de Leônidas. Mas no Brasil, e nos meus livros franceses de futebol quando eu era criança, o inventor foi Leônidas. Porque ninguém fazia a bicicleta com tanta facilidade, tanta classe e tanta frequência do que Leônidas. Nesse mesmo ano de 1932, Leônidas foi convocado na Seleção brasileira, o que virou problema para o presidente da CBD, que até tentou impedir a convocação de Leônidas. Não conseguiu, e, ao lado do zagueiro Domingos, Leônidas brilhou no Uruguai, com dois gols no Centenario contra os campeões mundiais para conquistar a Copa Rio Branco. Leônidas virou o Diamante Negro, Domingos virou o “melhor back do continente”, Peñarol comprou Leônidas, Nacional comprou Domingos. Domingos foi campeão uruguaio, e Leônidas brilhou mais nas noitadas alcoolizadas de Montevideu do que nos campos.

Leônidas era carioca de alma, voltou ao Brasil, voltou no Rio, no único grande clube que aceitava negros e pobres: Vasco. Com a Seleção brasileira, Leônidas jogou a Copa do Mundo 1934. O Brasil foi eliminado após apenas um jogo e Leônidas fez o único gol do Brasil na Copa na Itália. Leônidas foi campeão carioca 1934, e assinou com o Botafogo, onde foi campeão carioca 1935. Era o melhor jogador do país, mais ainda não era o ídolo do país. Faltava alguma coisa divina, faltava Flamengo.

Leônidas se declarou flamenguista na imprensa e o dirigente botafoguense Carlito Rocha mandou ele embora. Obrigado Carlito. Leônidas assinou em 1936 com o Flamengo, onde o presidente José Bastos Padilha transformou o clube, abrindo as portas para os jogadores negros. Fausto no início do ano, Domingos depois, mas sobretudo Leônidas. Mais do que Fausto e Domingos, mais do que a imprensa escrita e o rádio, foi Leônidas que fez do Flamengo o clube do povo. Fez a alegria do pobre, o orgulho do negro, com gols, carisma, luta em campo e fora do campo contra o racismo. Em apenas três meses, fez 23 gols. Leônidas foi um fenômeno, como apareceu um a cada geração. Foi o maior de seus tempos, a ligação entre Friedenreich, que vestiu o Manto Sagrado em fim de carreira, e Pelé, que vestiu o Manto Sagrado uma vez, em 1979. Leônidas nem precisava ganhar títulos para ganhar o coração do povo, viu o Fluminense dos ricos, dos brancos, dos italianos, dos paulistas, conquistar o tricampeonato carioca entre 1936 e 1938.

Em 1938, Leônidas tornou-se definitivamente o ídolo do povo com a Copa do Mundo, na minha França. No primeiro jogo, fez três gols contra a Polônia. Fez um gol de novo contra a Tchecoslováquia, e marcou de novo contra a mesma Tchecoslováquia no jogo desempate. Machucado, desfalcou o jogo contra a Itália e o Brasil deixou escapar a taça. No jogo pelo terceiro lugar, Leônidas fez 2 gols na vitória 4x2 contra a Suécia e o Brasil fez sua melhor campanha em Copa. Leônidas merecia uma Copa, mas a Segunda Guerra mundial o impediu de ter uma outra chance. Mesmo sem o

título final, foi suficiente para voltar como o herói do povo, para voltar como o Homem-Borracha, apelido dado pelos franceses, ainda maravilhados com a “magia negra” de Leônidas. Escreveu A Gazeta no 14 de julho de 1938: “O povo arrancou Leônidas do automóvel na praça Mauá. O grande center-forward nacional rogava que se afastassem porque queria respirar. Os fuzileiros navais, na impossibilidade de o isolar, usaram cassetetes e conseguiram metê-lo num carro-forte. Não obstante, a massa popular acompanhou o veículo na esperança de abraçar Leônidas. É um fato inédito. Não há memória na cidade de que nenhum vulto proeminente necessitasse socorro da polícia, a fim de evitar que morresse nos braços do povo”.

Leônidas era um dos três homens mais famosos do país, com Getúlio Vargas e Orlando Silva. Política, música e futebol. Leônidas virou garoto-propaganda de várias empresas, teve o chocolate Diamante Negro da Lacta, vendeu a goiabada Peixe, fez apresentações num cassino. Quem lembre é Zizinho, que estreou no Flamengo em 1939 e sucedeu ao Leônidas como o ídolo da Nação: “Depois que terminou o campeonato carioca de 1938, o Leônidas foi contratado pelo Cassino da Urca para mostrar como foram feitos os gols dele no campeonato. E Leônidas foi lá para o palco e cada dia fazia um lance de um jogo. Foi uma atração enorme. Mas quando Leônidas terminou o contrato dele, ele um dia foi lá no Cassino da Urca. Eles disseram assim: ‘Aqui não. Negro não entra.’ [...] Ele tinha dinheiro para entrar, só que não deixaram”. Mais uma vez, a aberração e a vergonha do racismo.

Em 1939, o Flamengo acabou com um jejum de 12 anos e enfim conquistou o campeonato carioca, com uma rodada de antecedência. Com 10 gols, Leônidas não foi o artilheiro do time, mas foi a principal figura, alimentando os companheiros do ataque, os argentinos Alfredo González, com 13 gols, e Valido, com 12 gols. No 24 de dezembro de 1939, numa derrota 3x4 contra o Independiente na Argentina, também jogo de estreia de Zizinho com o Manto Sagrado, Leônidas fez um gol de bicicleta. “O gol de Leônidas não

surpreenderia tanto se não constituísse uma dessas jogadas históricas, inéditas em matches de futebol. [...] Dentro da área, antes que o couro chegasse ao solo, estando mesmo mais alto do que um homem de estatura média, o Diamante Negro salta espetacularmente de costas para o gol e de bicicleta, num verdadeiro salto mortal, consagra o terceiro gol” escreveu o Globo Sportivo.

Em 1940, Leônidas foi pela primeira vez o artilheiro do campeonato carioca, com 30 gols, igualando o recorde de Nilo em 1927. Mas Fluminense foi o campeão, com um ponto a mais do que Flamengo. Nesse ano, num amistoso contra a Portuguesa vencido 9x1, Leônidas fez 6 gols, um recorde do clube na época. Leônidas também tornou-se o maior artilheiro da história do Flamengo, ultrapassando Nonô, que tinha feito 123 gols entre 1920 e 1930. Mas o ápice da glória já tinha passado, Leônidas começava a ter problemas com a diretoria do Flamengo. Em 1941, machucado no joelho, recusou-se a entrar num jogo amistoso na Argentina. Rebelde, ou apenas sensato, seguiu firme quando o autoritário Flávio Costa sugeriu que Leônidas podia entrar em campo alguns minutos, a fim de preservar a cota oferecida ao Flamengo pelos times argentinos. Leônidas foi criticado pelo presidente Gustavo de Carvalho, também autor do primeiro gol da história do Flamengo em 1912, e que acusava Leônidas de fazer corpo mole. Leônidas deixou de receber a diária e respondeu ao presidente com uma carta: “Eu estava doente. Eu não podia jogar [...] Profissional de football não é escravo”.

Ainda pior para Leônidas, o ídolo no povo foi na cadeia. Em 1935, por ser arrimo de família, o único a sustentar a família, Leônidas, 21 anos na época, podia escapar do serviço militar. Precisava de um documento, e Leônidas foi enganado por um sargento, comprando um falso documento. Leônidas foi na prisão militar, foi operado no joelho realmente machucado e passou 8 meses na prisão, jogando todos os dias peladas, uma vez com o time dos oficiais, uma vez com o time dos soldados. Leônidas era o povo, com a classe do rico, comprando vários ternos de primeira qualidade. No Flamengo,

Leônidas foi substituído com sucesso pelo Pirillo, que bateu o recorde do próprio Leônidas, fazendo 39 gols no campeonato carioca 1941. Mesmo assim, Pirillo às vezes era vaiado pela própria torcida e era vítima das críticas do locutor flamenguista Ary Barroso. Não tinha nada a ver com ele, o povo só não podia ver um outro jogador do que Leônidas no ataque do Flamengo, ninguém representava o povo como o Leônidas fazia. O ídolo da Nação saiu da cadeia, mas não voltou ao Flamengo. Recusou-se a jogar no maior do mundo se o presidente ainda era Gustavo de Carvalho. Perdeu a queda de braço, deixou o Flamengo como maior artilheiro do clube, com 153 gols em 149 jogos. Hoje, fica na sétima posição, com seu lugar ameaçado pelo Gabigol. Mas ainda é hoje, e provavelmente para sempre, o artilheiro com a maior média de gols, mais de um gol por jogo. Com 37 gols em 37 jogos, Leônidas também tem a maior média de gols da Seleção brasileira.

Leônidas jogou depois no São Paulo, onde foi ídolo do povo já na chegada dele na cidade, mais de 100.000 pessoas participaram na sua recepção na estação de trem. “Nem um ministro de Estado, nem o maior escrito vivo, nem Portinari já tiveram recepção tão vibrante” escreveu o Jornal dos Sports. Leônidas bateu vários recordes, fez muitos gols, ganhou muitos títulos, foi o primeiro ídolo do São Paulo. Mas infelizmente para a maior torcida do Brasil, não era mais do Flamengo. Jogou até 1949, pendurando as chuteiras quando viu que não tinha chance de participar da Copa do Mundo 1950 depois de vários conflitos com o autoritário Flávio Costa, já no Flamengo, ainda mais na Seleção. Talvez com Leônidas no ataque, o Brasil teria vencido sua primeira Copa no Maracanã.

Quando se fala dos ídolos do Flamengo, acho que é mais fácil de separar a Era pré-Zico da Era Zico e o que foi depois. No meu top 5 de ídolos de 1978 para cá, Zico obviamente no topo, e Leandro com a camisa 2. E depois, sem ordem particular a não ser alfabética de tanto é difícil escolher: Adriano, Gabigol e Júnior. E para a Era pré-Zico, outros cinco nomes, também pela ordem alfabética: Carlinhos,

Dida, Domingos, Leônidas, Zizinho. Mas acho que o nome de Leônidas seria um dos primeiros escolhidos se tinha que escolher mesmo. Não vou escolher hoje, mas Leônidas também faz parte de um dos outros tops 5 meus. Jogador da Era da pré-televisão, existem poucas imagens do Leônidas. Mas existem algumas, e já pode ver toda a classe dele, a facilidade no domínio, a ginga no drible, a determinação na hora de fazer o gol. Até apenas em fotos, Leônidas respira a classe do autêntico craque. “Leônidas era, em termos de estilo, um misto de Pelé e Romário. Organizava jogadas com o mesmo brilho com que as concluía. Era do tamanho de Romário e, no entanto, fazia muitos gols de cabeça”, explicou Luiz Mendes. Imagina só, Pelé e Romário no mesmo corpo, na mesma cabeça para pensar e nas mesmas chuteiras para driblar, gingar, marcar, maravilhar os espectadores, o povo. Vira até injustiça para os adversários.

Voltando ao meu top 5, se eu tinha a chance de assistir os melhores lances e partidas inteiras de jogadores dessa Era, acho que vou de Leônidas, Garrincha porque também tem poucas imagens dele nos jogos, Heleno de Freitas e outros dois flamenguistas, Domingos e Zizinho. Mas se tinha que escolher apenas um jogador, acho que seria Leônidas. Porque, para fechar a crônica sobre o ídolo do povo, vou corrigir o que escrevi precedentemente: Leônidas não é um fenômeno que aparece uma vez a cada geração, é um craque que apareceu apenas uma vez e não vai aparecer mais.

Zizinho

Crônica #17 publicada originalmente no 30 de maio de 2023



Eu já falei que gosto de separar a história do Flamengo do pré-Zico e do post-Zico de tanto ele mudou o clube. E no período de 1912 até 1971, acho que teve três ídolos máximos: Leônidas, Zizinho e Dida. Então hoje a crônica é sobre Zizinho. Para o descrever, basta dizer que Zizinho foi o maior ídolo de Pelé e a maior inspiração de Didi, que explica na sua autobiografia: “Ziza era pura magia. Além do mais, tinha um dom especial. Colocava a bola aonde queria. Conheci goleiro que não dormia na véspera. Tinha pesadelos com o Zizinho”.

Começo essa crônica com uma anedota sobre Zizinho, que pelo que eu sei, só aconteceu com ele e o próprio Pelé. Num jogo amistoso, Zizinho foi expulso pelo juiz. Mas o promotor do jogo não deixou e preferiu expulsar o próprio juiz para permitir a volta de Zizinho. Esse era o futebol de Zizinho, que nasceu em São Gonçalo no 14 de setembro de 1921 e cresceu em Niterói. Fez testes em vários clubes do Rio, não foi aprovado, até o teste na Gávea. E a tarefa não era fácil: substituir nada menos que o Leônidas. No jogo-treino, Zizinho perdeu sua primeira bola, fez dois gols em seguida. Escrevem João Máximo e Marcos de Castro no livro Gigantes do futebol brasileiro: “Passou por um, dois, três, foi avançando até a área, driblou mais outro e chutou forte, no canto. Pouco depois, um lance

parecido; nova sucessão de dribles e outro gol. Flávio e todo o pessoal do Flamengo, inclusive Leônidas, não sabiam o que dizer”. O início de uma história muito linda.

Como um presente, para ele e ainda mais para os flamenguistas, Zizinho fez seu primeiro jogo com o Manto Sagrado no 24 de dezembro de 1939, uma derrota 3x4 contra Independiente, jogo marcado também pelo gol de bicicleta de Leônidas. Zizinho jogou tanto que, completamente exausto, teve que sair a 10 minutos do fim do jogo. Claro, não vi Zizinho jogar, mas gosto de imaginar ele jogando, reinando no meio de campo. Parecia capaz de fazer tudo: defender, driblar, fazer o passe, fazer o gol. Gosto dessa frase no livro Gigantes do futebol brasileiro: “Ser completo, e cada vez mais completo, foi o segredo de Zizinho”. Posso também citar outro craque do meio de campo, outro feiticeiro de Niterói, Gérson: “Uma vez perguntaram sobre o Ziza ao Pelé, e ele respondeu: ‘Esse era o mestre’. Melhor não vai ter. É difícil definir o mestre. É a inteligência, a capacidade, o PHD. O mestre não tem explicação”.

No Flamengo, foram gols, assistências, carrinhos, corridas. Uma vez, quando pessoas criticavam Zizinho pelo seu estilo boêmio, Flávio Costa pegou a camisa de Zizinho, torceu-a, mostrou a suor e falou que Zizinho podia sair tanto que ele queria se ele continuava fazendo tantos esforços no campo. Zizinho deu vida para futebol, deu vida para o Flamengo. Em 328 jogos no Flamengo entre 1939 e 1950, fez 146 gols, um total que ainda lhe vale o décimo lugar na história do clube. Mas vale a pena repetir, Zizinho foi muito mais do que gols no Flamengo.

Zizinho também foi história de pernas quebradas. Em 1942, num jogo tenso entre as seleções paulista e carioca, Zizinho quebrou a perna de Agostinho. O próprio Agostinho, o público e a imprensa paulistas nunca o perdoaram. Zizinho chegou a ser condenado a dois meses de prisão com sursis e sempre foi vaiado pelo público paulista, até com jogos da Seleção brasileira. Na estreia do campeonato

carioca 1946, Zizinho quebrou a própria perna, num choque com Adauto, jogador do Bangu. Explica Zizinho: “Foi uma estupidez minha. O jogo estava ganho, mas eu queria mais. Fui com toda a velocidade numa jogada na linha de fundo. Quando tentei cruzar, por causa do gramado irregular, acabei furando e acertando a trava da chuteira do Adauto. Ele era meu amigo e tenho certeza que não teve a menor intenção de me machucar. O pessoal do Flamengo criou um clima para que eu o processasse, mas não tinha nada a ver. Tanto que pedi que levassem o Adauto ao hospital para me visitar. Ele foi e parecia meio envergonhado. Fui logo dizendo: ‘Negão, o que aconteceu, aconteceu. Tem gente que quebra a perna andando na rua, sendo atropelado ou descendo uma escada. Eu quebrei no meu trabalho. Nós vamos continuar amigos. Esqueça isso, desça o cacete no próximo jogo, pois o que ocorreu foi um acidente’”.

Zizinho recusou-se a ir na Justiça, dizendo: “Achar que Adauto tenha me atingido de propósito é admitir má intenção minha no lance com Agostinho”. Um autêntico craque, em todos os sentidos da palavra, ao contrário de Agostinho, que mandou um telegrama para Zizinho, alegrando-se da lesão. “Doeu mais quando rachei a perna do Agostinho do que quando partiram a minha. Fiquei tão chateado que passei uns 15 dias recluso em Friburgo” ainda fala o craque e mestre Ziza. Zizinho sofreu, trabalhou e voltou, um ano depois, na estreia do campeonato carioca 1947. E já no primeiro jogo, Zizinho quebrou de novo a perna. Ainda Zizinho: “Com o perônio partido, joguei ainda duas partidas. Só que depois da segunda, contra o Olaria, na Gávea, comecei a sentir dores terríveis. Quando saltei da barca em Niterói, não podia mais andar. Fui carregado por torcedores até em casa. Ainda por cima, chovia muito esse dia. Fiquei gelado de tanta dor. No dia seguinte, minha mãe, que era enfermeira, me levou no hospital e ficou constatado que estava mesmo com a perna fraturada. Foram mais não sei quantos meses em convalescência”. Um guerreiro. Voltou de novo e foi eleito “jogador mais eficiente” do campeonato pelo Jornal dos Sports. Um craque.

Claro, Zizinho também foi um craque da Seleção, o líder na técnica e na raça. Estreou no campeonato sul-americano 1942 contra a Argentina e fez seu primeiro gol contra o Equador, no mesmo torneio. Em 1945, fez parte de um dos maiores times da Seleção, no campeonato sul-americano no Chile. Escreveu o jornalista Luiz Mendes no livro Os dez mais do Flamengo de Roberto Sander: “Zizinho estava em plena forma. Seu futebol era algo de extraordinário. Vê-lo jogar trazia a todos um prazer indescritível. Fazia coisas com a bola que contando ninguém acredita. Pena que não existia televisão para registrar tudo”. Infelizmente, não foi campeão, mas conquistou a Copa Roca no final do ano contra a Argentina, fazendo gol num eterno 6x2 no São Januário, ao lado de Leônidas, Ademir, Chico e Heleno, todos craques, todos fazendo gol. No início do ano de 1946, outro campeonato sul-americano, na Argentina. Zizinho fez 4 gols contra o Chile, um recorde da seleção brasileira na época, mas no jogo decisivo, a Seleção apanhou da Argentina toda, dos jogadores, do público e até da polícia, que ainda ameaçou o time se não voltava em campo. O técnico Flávio Costa pediu ao time deixar a Argentina ganhar e Zizinho pediu a substituição: “Já havia apanhado muito. Não concordava com aquilo. O Flávio Costa acabou aceitando”. Com a Seleção, o maior título de Zizinho veio no campeonato sul-americano 1949 e a maior decepção no Maracanã de 1950. Como Leônidas, como Zico, Zizinho merecia ser campeão do mundo, mas o título não veio. Coisa de futebol.

Como falou o próprio Zizinho, a “maior mágoa de sua carreira” foi em 1950. Mas não foi a perda da Copa, foi a perda de sua maior alegria e maior orgulho, vestir o Manto Sagrado. Em 1950, um pouco antes da Copa do Mundo, Zizinho foi vendido pelo Flamengo no Bangu. Uma história de política e uma covardia do presidente do Flamengo, Dario Melo de Pinto. Relembra Zizinho: “No início, eu nem acreditei. Foi quando o doutor Silverinha (Guilherme da Silveira Filho era patrono e presidente do Bangu) pegou o telefone e ligou para o Dário Melo de Pinto, presidente do Flamengo. Fiquei pasmo

com a confirmação da história. Pedi então que ele colocasse o contrato na mesa que eu assinaria. Estava magoado pela forma com que me dispensaram. Cheguei a jogar um campeonato inteiro pelo Flamengo com o tornozelo enfaixado. Eu tirava a bota de esparadrapo depois das partidas e meu tornozelo ficava enorme, completamente inchado. Passava a semana inteira sem treinar e no domingo jogava de novo. Até com a perna fraturada cheguei a jogar. Eu me sacrifiquei demais pelo Flamengo. Merecia mais consideração”. No Flamengo, foram muitos gols, um tricampeonato carioca 1942-1944, muitas camisas cheias de suor, muitos torcedores fanáticos e conquistados com o futebol de Zizinho, mas no final, foi uma mágoa.

Foi um grande erro vender Zizinho, que ainda mostrou que ele era craque. No dia seguinte de sua transferência, fez um golaço de voleio para ajudar a seleção carioca a conquistar o Campeonato Brasileiro de Seleções. Mostrou que era craque no Bangu, no São Paulo FC onde conquistou o campeonato paulista 1957, e até na Seleção, quando fez dois gols contra o Paraguai para conquistar a Taça Oswaldo Cruz 1955. Nessa partida, Zizinho jogou ao lado de outro craque, Didi, também maravilhado com o futebol de Zizinho. Relembra Didi na sua biografia, escrita pelo Pêris Ribeiro: “Quando vim para o Rio, o Zizinho era o jogador mais famoso do Brasil. Havia se consagrado como o maestro do primeiro tricampeonato do Flamengo, e tudo o que fazia, dentro e fora de campo, logo virava notícia. Era Mestre Ziza pra lá, Mestre Ziza pra cá... Mas o Ziza merecia toda aquela fama. Era seu fã. E fiquei mais fã ainda, depois de vê-lo jogar seguidamente. Com o tempo, criaram uma rivalidade entre nós. Afinal, brigávamos pela mesma posição na Seleção Brasileira. Mas o Flávio Costa, malandramente, ajeitou as coisas. Tanto que, em 1955, o Brasil foi campeão de uma Taça Oswaldo Cruz, comigo e o Ziza jogando juntos. Demos um baile no Paraguai, em pleno Maracanã. Como não podia deixar de ser, nós tornamos grandes amigos. E fico orgulhoso do Zizinho ser o maior ídolo, o grande espelho do Pelé. Quanto aos nossos estilos, costume dizer que

o Ziza levava o recado a domicílio, isto é: gostava de estragar a bola na boa, no pé do atacante. Já eu preferia mandar pelo correio, fazia o lançamento longo, de 40 metros. Além do mais, sempre gostei de pensar mais o jogo, enquanto ele gostava de correr o campo todo, como um guerreiro. Mesmo sendo um gênio da bola. E que gênio!”.

Claro, não vi jogar Zizinho, o ídolo de Pelé. Então, para fechar essa crônica, deixo a palavra para quem viu jogar, jornalistas do Brasil e de fora, como o italiano Giordano Fatori, que escreveu durante a Copa de 1950 para a Gazzeta dello Sport: “O futebol de Zizinho me faz lembrar Da Vinci pintando alguma obra rara”. Mas quem fala melhor do Zizinho ainda é o craque da literatura brasileira, Armando Nogueira: “Tinha o futebol na medula e no cérebro, no coração e nos músculos. Era, ao mesmo tempo, o pianista e o carregador do piano. Sempre suou a camisa, na derrota ou na vitória – era um operário; mas quanta beleza na transpiração de sua obra”.

Carlinhos

Crônica #2 publicada originalmente no 13 de setembro de 2022



A crônica de hoje é sobre um ídolo que nunca vi jogar, mas que deve ser ídolo de cada flamenguista. É o Luís Carlos Nunes da Silva, o Carlinhos.

Tem jogadores que jogaram em todos os quatro clubes do Rio, como o Léo Moura ou o Paulo César Caju, que talvez um dia terão o artigo deles na categoria dos Ídolos. Outros jogaram no Flamengo e no Vasco, no Flamengo e no Fluminense, outros no Flamengo e no Botafogo ou em 3 dos 4 clubes. Dessa lista, tem ídolos e menos ídolos, tem o Romário e Petkovic, que com certeza terão o artigo deles na categoria. Tem jogadores que no Rio só jogaram no Flamengo como Arrascaeta e Gabigol, os novos ídolos. E tem jogadores que no Brasil só jogaram no Flamengo como Zico e Júnior, os maiores ídolos.

E tem Carlinhos, que na carreira inteira, só jogou no Flamengo. No lado deles, ainda menos jogadores, e da classe dele, só Leandro. Carlinhos é um nome a parte na lista dos ídolos de Flamengo. Meio-campista clássico, tinha tanta classe que o apelido dele, o Violino, porque seu futebol parecia música clássica. Adoro o apelido dele,

acho um dos mais estilosos do futebol brasileiro. O Violino, que jogava futebol como um Mozart tocava música.

Luís Carlos Nunes da Silva nasceu no 19 de novembro de 1937 e chegou no Flamengo em 1954. Nesse ano, recebeu as chuteiras do Biguá, em fim de carreira, como símbolo, um presente de um craque antigo para o novo craque. E não foi um erro. Carlinhos começou como profissional em 1958, mas era reserva do Dequinha. Depois, Dequinha quebrou a perna e Carlinhos virou titular ao lado do Gérson, para formar um meio-campo de tanta técnica, de tanta classe, que não parecia justo para os adversários. Fez seu primeiro gol em 1959, jogou numa excursão na Europa em 1960, ganhou o Rio – São Paulo em 1961. Agora a palavra para a Revista do Esporte em agosto de 1961: “Carlinhos pode ser apontado como um dos melhores médios de apoio do futebol carioca. Clássico e inteligente, fez com que a torcida do Flamengo esquecesse mais depressa seu antigo ídolo Dequinha, de quem Carlinhos herdou muitas qualidades no manejo da pelota. Quando se fala dos nomes dos craques que irão ao Chile, em 1962, o nome do centromédio rubro-negro vem à baila, numa prova do quanto o seu futebol vem sendo apreciado”.

Foi pré-convocado para a Copa de 1962, mas finalmente não fez parte de uma lista onde tinha muitos, muitos campeões do mundo de 1958. Não vi Carlinhos jogar, nem o Zequinha do Palmeiras, que foi convocado, mas acho uma injustiça. Carlinhos merecia ser campeão do mundo, não foi, mas foi campeão carioca, em 1963, no maior Fla-Flu da história, pelo menos de ponte de vista do público, 194.603 torcedores para admirar o futebol do Violino. Em 1970, para a revista Placar, Carlinhos falou: “Mesmo que vivo cem anos, não posso esquecer o 0 a 0 contra o Fluminense, em 63, quando fomos campeões. Foram minutos de tensão e luta. A própria torcida, normalmente tão barulhenta, só conseguiu gritar no fim da partida, e aí foi um carnaval na cidade inteira”.

Infelizmente, Carlinhos não viveu 100 anos, nos deixou em 2015. Mas teve tempo suficiente para fazer muitas coisas, ganhar um outro campeonato carioca, em 1965, ganhar o Belfort Duarte, para completar dez anos sem nenhuma expulsão, além de clássico, o futebol do Violino era limpo. Como técnico, de novo no Flamengo, ganhou o Brasileirão em 1987 e 1992. Para mim, é o maior técnico da história do Flamengo, por causa dos títulos, da ligação com o clube e com a torcida, da longevidade. Foram 830 jogos no Flamengo, 517 como jogador e 313 com técnico.

E Carlinhos fez uma coisa a mais para o Flamengo. Como Biguá deu para ele as chuteiras no fim da carreira, na sua própria fim da carreira, Carlinhos deu as chuteiras para um jovem jogador, um certo Zico. Por isso, Zico foi o escolhido para escrever o prefácio do livro Carlinhos, um maestro no meio-campo rubro-negro, de Renato Zenata e Bruno Lucena, que também vai ser o fim desta crônica: “Quando eu já estava há três anos no Flamengo, ele parou de jogar e eu fui o garoto escolhido para receber as chuteiras dele. Era um cara espetacular. Aquela tranquilidade, delicadeza, na forma como ele tratava todo mundo, envolvidos ou não no trabalho dele. Uma pessoa de diálogo. Gostava de falar sobre futebol e também era professor. Naturalmente, por dar aulas em escolas, estar toda hora diante de alunos, isso facilita, te dá muito cancha para você se relacionar com as pessoas, porque não é fácil comandar. Ser professor o ajudou muito como treinador de futebol. E vejam vocês como é o destino. Eu pude entregar a ele a camisa do meu último jogo pelo Kashima. Foi contra o Flamengo, e o Carlinhos era o técnico. Pude retribuir o que ele havia feito por mim”.

Rondinelli

Crônica #13 publicada originalmente no 25 de março de 2023



O Deus da Raça. Rondinelli. De nome completo, é Antônio José Rondinelli Tobias. Nem sabia que tinha Antônio no início, que tinha Tobias no fim. No Flamengo, apenas Rondinelli. Ou o Deus da Raça. No Flamengo, tem dois Deuses, o Zeus Zico, pai de todos os Deuses, e Ares Rondinelli, Deus da guerra, Deus da Raça. No Flamengo, teve muitos gênios da bola, Deuses da técnica, mas a torcida gosta ainda mais de uma coisa, a raça, o carisma, a vontade de morrer em campo para defender o Manto Sagrado. E dessa raça flamenguista, Rondinelli foi o maior representante.

Rondinelli nasceu no 26 de abril de 1955, no São José do Rio Pardo, estado de São Paulo. Foi na base do Flamengo em 1968 e estreou no time principal com apenas 16 anos, em 1971, mesmo ano do que a estreia do Zico. Em 1973 estreou o saudoso Geraldo, em 1974 Júnior, em 1975 Adílio e Júlio César, em 1976 Leandro e Andrade, em 1977 Tita. Uma geração de ouro e uma expressão eterna: “Flamengo, o craque faz em casa”. Mas por pouco, esse time não foi desmentido.

Em 1975 e 1976, Flamengo viu a Máquina Tricolor de Carlos Alberto, Rivelino e Paulo César conquistar o campeonato carioca. Em 1976, Flamengo perdeu a Taça Guanabara nos pênaltis contra

Vasco, Zico e Geraldo errando o pênalti deles. Em 1977, Fla perdeu a decisão do campeonato carioca, de novo contra Vasco, de novo nos pênaltis, essa vez com Tita errando. Flamengo precisava ganhar e decepcionou no Brasileirão de 1978 com um 16º lugar. Flamengo precisava ganhar. Cláudio Coutinho foi chamado como técnico e o campeonato carioca de 1978 era a última chance antes de fazer mudanças no time e vender alguns jovens jogadores.

No 3 de dezembro de 1978, com 120.433 espectadores no Maracanã, Flamengo decidiu mais um título carioca contra Vasco. A palavra agora com Marcelo Schwob, no seu livro Seleção brasileira de histórias do futebol: “Com o time que já tinha (Zico, Júnior, Toninho, Carpegiani, Adílio e cia.), era uma injustiça o fato de o Flamengo ter até então perdido em duas finais seguidas (1976 e 1977) decididas nos pênaltis com o Vasco. O Flamengo estava virando freguês do time cruzmaltino e se ocorresse mais uma, o grande time seria fatalmente desfeito, o que seria uma perda para o futebol. Mas aos 42 minutos da segunda etapa, quando o jogo permanecia empatado (0x0), placar que faria o Vasco mais uma vez campeão carioca em cima do Flamengo, eis que o zagueiro Rondinelli sobe mais alto que toda a defesa vascaína e faz o gol da vitória, que daria o Campeonato Carioca de 1978 para o rubro-negro, iniciando a trajetória mais vitoriosa da história do clube nos cinco anos seguintes. Apesar de seu futebol não muito técnico, mas sempre empenhando e corajoso, Rondinelli atingia o Olimpo da história do Flamengo”. Nesse dia, Rondinelli virou o Deus da Raça para sempre e escreveu o primeiro capítulo do maior Flamengo de todos os tempos.

Agora a palavra para o herói do título, Rondinelli, que falou para Placar em 2018: “Realmente foi um divisor de águas. Vínhamos de fases adversas, de nenhuma conquista de campeonato. Vejo de uma forma positiva em relação à liderança do nosso maior ídolo, Zico. Isso sempre contribuiu para que os jogadores chegassem ao clube e se espelhassem nessa geração enquanto profissionais. Foram grandes conquistas, o ambiente de trabalho, amizade, confiança, respeito,

amor. Gratidão desde o presidente até o funcionário mais humilde do clube, que nos ensinaram a ter amor por esta sigla CRF”. Nesse jogo, Rondinelli não fez só o gol como anulou completamente Roberto Dinamite. Um jogo eterno contra Vasco, um golaço do Deus da Raça num escanteio de Deus.

Agora a palavra para Deus, para Nosso Rei Zico: “Aquele gol é o que mais me arrepiava até hoje quando revejo”. Quando encontrei Zico, nesse eterno 18 de novembro de 2022, ele falou sobre esse gol. E foi Zico que bateu o escanteio, sob protestos de uma parte da torcida que queria ver Zico na grande área. Mas a curva foi perfeita e a cabeçada de Rondinelli ainda mais. Com Carisma, com Raça, com Flamengo, CRF, três letras perfeitas.

Agora a palavra com o genial escritor tricolor Nelson Rodrigues sobre o gol de Rondinelli: “Daqui a cinquenta anos, dirão os que viveram o grande dia: ‘Nunca o Flamengo foi tão Flamengo!’”. E é exatamente isso, só Rondinelli podia fazer esse gol, que tem a cara do Flamengo, um gol de luta, de raça, de conquista.

Rondinelli jogou no Flamengo até 1981, mas desfalcou a decisão do Brasileirão 1980. Jogou a partida de ida, quando saiu machucado. “Durante uma jogada complicada na área, o Palhinha, de maldade, me deu um chute no maxilar e eu caí desacordado. O juiz não marcou nem falta. Saí de campo ainda desmaiado e a consequência é que, até hoje, só tenho trinta por cento da audição do ouvido esquerdo. Fui operado para corrigir as várias fraturas do maxilar e não pude jogar a finalíssima no Maracanã. Sou cheio de fios de aço e parafusos” lembrou Rondinelli. Sua ausência no jogo de volta foi noticiada pelo grande João Saldanha, que escreveu para o Jornal do Brasil no dia seguinte do jogo: “Claro que o Flamengo estava merecendo o jogo do Maracanã. Mas Rondinelli faz muita falta. Manguito ou Marinho podem ser complementos para o zagueiro efetivo mas os dois juntos deixa uma coisa um pouco vulnerável”. Só

o Rondinelli era invulnerável na zaga, protegido pelo e defendendo o Manto Sagrado.

Flamengo ganhou o Brasileirão e Rondinelli desfalcou também o time nos títulos de 1981, porque ele já havia sido negociado no Corinthians, a diretoria flamenguista apostando nos zagueiros ainda mais jovens, Figueiredo e Mozer. Rondinelli até jogou no Vasco, mas não tem importância. Jogou em vários clubes até pendurar as chuteiras em 1985, mas a alegria de jogar saiu antes. “Acabou em 1981, quando saiu do Flamengo” falou Rondinelli. No Flamengo, foram 10 anos, 407 jogos e 12 gols. Mas acho que Rondinelli é de um gol só. Esse gol de 1978, voando na defesa do Vasco, no céu do Maracanã, e com uma cabeçada só, o Deus da Raça ofereceu a melhor definição do que é Flamengo.

Raul

Crônica #16 publicada originalmente no 14 de maio de 2023



A camisa 16 pode ser camisa de goleiro, então para a 16^a crônica, vamos de um goleiro, de um monumento no Flamengo. Que os grandes goleiros do Flamengo, de Fernandinho a Diego Alves, sem esquecer de Yustrich, Jurandir, Garcia, Cantarelli, Zé Carlos, Gilmar Rinaldi e outros me perdoam, ou talvez nem precisa porque eles vão concordar comigo, mas só vejo dois candidatos ao posto de maior goleiro da história do Flamengo: Raul e Júlio César. Não vi ao vivo os dois, comecei a acompanhar Flamengo em 2005 e o melhor que eu vi foi Bruno, mas, por causa das coisas que ele fez fora, ele nunca terá sua crônica aqui. Fica dois candidatos, e eu vou de ordem cronológica, começo com Raul.

Nascido no 27 de setembro de 1944 no Paraná, começou sua carreira de goleiro no Athletico Paranaense, jogou no rival Coritiba, também jogou no São Paulo, mas foi no Cruzeiro que escreveu o primeiro grande capítulo de sua carreira. Nos meados dos anos 1960, o futebol brasileiro ainda era limitado quase apenas ao eixo Rio – São Paulo, até a final da Taça Brasil 1966, entre Cruzeiro e Santos. No Mineirão, um baile cruzeirense contra o Santos de Pelé, 5x0 no intervalo, 6x2 no final. No Pacaembu, Santos, que tinha conquistado as 5 últimas edições da Taça Brasil, ainda era favorito, mas perdeu 3x2. Cruzeiro

é campeão, Cruzeiro mudou para sempre o futebol brasileiro. E ao lado dos craques Tostão e Dirceu Lopes, Raul, goleiro de apenas 22 anos, foi decisivo, parando até Pelé. Para a revista francesa *Lucarne Opposée*, escrevi um artigo sobre esse título do Cruzeiro e tive a sorte e a alegria de entrevistar Raul Plassmann, uma lenda cruzeirense.

Não vou falar mais sobre o jogo contra Santos, mas deixo aqui as palavras de Raul sobre a camisa amarela que ele já usava na época de Cruzeiro: “Quando comecei a jogar no Cruzeiro, ninguém trocava camisa, você jogava dois ou três anos com a mesma camisa. Quando fiz meu primeiro jogo no Cruzeiro, o goleiro titular era muito pequeno. A camisa dele não entrava, resolvi pegar um moletom de frio que o lateral esquerdo Neco usava. Ele me emprestou a camisa, fiz um número 1 de esparadrapo atrás da camisa. Teve muita repercussão porque era uma camisa de cor e todo goleiro usava uma camisa cinza ou preta. O presidente do Cruzeiro gostou muito, achava que dava sorte porque era muito supersticioso e ele mandou fazer 10 camisas amarelas para mim. Comecei a usar mais por causa da vontade do presidente e do clube”. Raul criou um novo habito para os goleiros e fez parte do maior Cruzeiro de todos os tempos, ganhando muito títulos, a Taça Brasil sim, o pentacampeonato mineiro entre 1965 e 1969 também, outros 5 campeonatos mineiros na década de 1970, e ainda mais importante, a primeira Copa Libertadores do Cruzeiro, o segundo clube brasileiro a ganhar a Libertadores depois do Santos de Pelé, em 1976. Uma lenda do Cruzeiro.

Mas esse blog é sobre Flamengo e Raul virou uma lenda do Flamengo. Chegou no Maior do Mundo em 1978, depois da Copa do Mundo que ele não jogou. Na Seleção, estreou em 1968 com um amistoso contra a Argentina no seu Mineirão, e depois só voltou a jogar em 1975 durante a Copa América, onde o Brasil foi eliminado num sorteio duvidoso. Conquistou em 1976 a Taça do Atlântico, a Copa Roca e o Torneio Bicentenário dos Estados Unidos, sem ser o

goleiro titular. No Flamengo, Raul estreou num Fla-Flu na Espanha e logo conquistou o Troféu Cidade de Palma de Mallorca, com uma vitória 2x1 contra o poderoso Real Madrid. Era o início de uma nova Era no Flamengo, que tinha uma base promissora, mas faltava alguns líderes para transformar o potencial em potência. Raul Plassmann foi um deles.

Raul chegou no Flamengo com quase 34 anos, já veterano, quase um velho, inclusive um apelido dele. Para mim, o Flamengo de 1978-1983 é um dos 10 melhores times de toda a história do futebol e cada grande time, ou quase, começa com um grande goleiro. Foi o caso do Flamengo de 1978-1983. E a ajuda de Raul não foi só no gol, também foi no vestiário, onde com Paulo César Carpegiani, que chegou um ano antes, ajudou os jovens, Zico e Rondinelli, também já líderes, e depois Júnior, Leandro, Adílio, Tita e todos que fizeram do Flamengo o campeão de tudo. Explica Júnior no livro Os dez mais do Flamengo de Roberto Sander: “Todos aqueles bons resultados foram consequência da política do clube de valorizar a prata da casa, mas, por outro lado, contratando aqui e ali jogadores experientes, como foram os casos do Raul e do Carpegiani. Assim, quem vinha das categorias de base já encontrava um suporte. Oitenta por cento do elenco se identificava com o clube e isso contagiava quem vinha de fora”. Flamengo começou a ganhar no Rio de Janeiro, com o tricampeonato carioca 1978-1979-1979 Especial.

Depois do Rio, o Brasil, e o Brasileirão 1980 conquistado em cima do Atlético Mineiro. No jogo de ida no Mineirão, Flamengo perdeu 1x0, gol de Reinaldo. Os jovens jogadores do Flamengo não se assustaram com a derrota em Belo Horizonte, até comemoraram o resultado no vestiário. Relembra Raul no livro 6x Mengão de Paschoal Ambrosio Filho: “Estava a maior festa. Todo mundo se abraçando. Parecia que a gente tinha ganhado o título. Aí eu perguntei ao Júnior: ‘Ô cara, que festa é essa? Parece até que a gente já é campeão’. O Capacete respondeu com um sorriso: ‘E você acha que a gente vai perder pra eles lá no Maraca, Véio?’ Aí eu também

entrei na festa”. No Maracanã, Flamengo ganhou 3x2 e foi campeão em cima do maior rival do Cruzeiro, que também ia ser o maior rival do Flamengo fora do Rio. Flamengo campeão do Rio, campeão do Brasil. E Raul ídolo do Flamengo.

Para sua primeira participação na Copa Libertadores, Flamengo chegou até a final e no dia 23 de novembro de 1981 no Centenario, foi campeão da América, o terceiro clube brasileiro a conquistar a Copa Libertadores depois do Santos de Pelé e do Cruzeiro de Raul. E teve a oportunidade de conquistar o Mundo, lá no Japão, contra Liverpool, no dia 13 de dezembro de 1981, jogo mais importante da grande história do Flamengo, para mim e para Raul também. Mais um trecho de minha entrevista com Raul, com uma pequena história que eu acho sensacional: “No Flamengo, eu usei camisa amarela e camisa verde também, as camisas chegavam para mim. Quando fomos decidir o Mundial contra Liverpool no Tóquio, todo mundo sabia que eu era o goleiro que ficou marcado pelo fato de usar camisa amarela. Nós fomos para Los Angeles, ficamos três dias por causa do fuso horário, para minimizar um pouco a diferença no Japão. O Domingos Bosco, que era o supervisor, me falou: ‘Raul, nós esquecemos sua camisa, você não tem camisa para jogar. Vou sair em Los Angeles para comprar uma camisa’. Falei: “Mas Bosco, aqui não tem futebol, só tem beisebol, basquete, você não vai encontrar”. Ele entrou numa loja de roupas comuns e, olha como é a vida, ele comprou outro moletom, igualzinho ao do Neco, lateral do Cruzeiro. Idêntico, igualzinho, parecia um replay de minha vida”.

Com uma camisa amarela, sem o escudo do Flamengo, Raul conquistou o Mundial, mas apareceu pouco durante o jogo contra Liverpool. “Fiquei meio frustrado porque não participei do jogo. Só veio uma bola. O Flamengo podia ter jogado sem goleiro, que seria 3 a 1” explicou Raul no livro 20 jogos do Flamengo de Marcos Eduardo Neves. Raul não foi decisivo no Mundial de 1981, mas foi no Brasileirão de 1982. Nas quartas de final, contra Santos no Maraca, Raul fez várias defesas. No jogo de volta da final contra

Grêmio, Raul jogou machucado, jogou com a braçadeira de capitão cedida pelo Zico, jogou muito, com defesas, preservou o 0x0, preservou as chances de Flamengo de ser campeão. A maior defesa foi a mais polêmica, Grêmio viu uma mão de Andrade na grande área, mas foi defesa de Raul, foi legal, em todos os sentidos da palavra. No desempate, Raul recusou a braçadeira oferecida mais uma vez pelo Zico, achando normal Zico levantar a taça de campeão. Dois jogadores de classe, dentro e fora do campo. E com um 1x0 gol de Nunes, o capitão Zico levantou a taça, o Flamengo foi campeão.

Alguns meses depois, a Seleção brasileira perdia o Tetra na Sarrià. Acho que Telê errou na escalação do time, no gol, no meio de campo e no ataque. Acho que o melhor goleiro brasileiro no momento era Emerson Leão. Mas, pelo caráter dele, é compreensível não o levar na Copa. Agora, acho que dos três goleiros que foram na Copa, o melhor e o que deveria ter sido titular era Carlos. Mas eu acho que Raul merecia, não apenas ir na Copa de 1982, mas também ter a vaga de titular. Talvez com ele a história seria diferente, afinal se Raul provou uma coisa na vida, é que ele sabe ganhar títulos, e muitos. Mas a história é assim e parece que Raul não tem mágoa, declarando na época: “Quem joga no Flamengo não precisa de Seleção”. Até porque Flamengo é uma Seleção. Em 1983, mais um replay na vida de Raul, mais um título brasileiro com o Flamengo, dessa vez contra Santos, com 155.523 torcedores no Maracanã para ver o 3x0, para ver o tricampeonato.

Com 39 anos, ainda titular num dos maiores times do mundo, Raul pendurou as luvas e a camisa amarela no fim do ano de 1983. Teve um jogo de despedida no Maracanã em 1983, onde cedeu o lugar para o novo goleiro do Flamengo, Abelha, que não repetiu a mesma história. Um Raul, um só. Flamengo perdeu 3x2 contra uma seleção de amigos e Raul voltou ao Maracanã quase 7 anos depois para despedida de outro ídolo, o maior de todos, Zico. Dessa vez, Raul saiu do gol durante o jogo para a entrada de Cantarelli. Então, acho

justo no meu jogo fictício do Flamengo de todos os tempos, Raul ceder seu lugar ao Júlio César no decorrer do jogo.

Fecho essa crônica com mais um trecho de minha entrevista de Raul, sobre a camisa amarela usada no 3x0 contra Liverpool, sem o escudo do Flamengo por causa de ser um simples moletom de Los Angeles: “Sempre me senti incomodado por não ter o escudo no peito para a decisão mundial do Flamengo, no jogo mais importante da vida do clube. Então, fui ao Flamengo pedir licença e pago Flamengo para produzir minhas camisas de goleiro que representam o título mundial. Coloquei o escudo do Flamengo, por isso que eu paguei Flamengo. Eu fiz 500 camisas comemorativas, Cidel comprou uma”. Cidel é o presidente da Fla Paris, e Raul é mais um ídolo do Flamengo a ser presente para as embaixadas e consulados do Flamengo e para os flamenguistas em geral. Durante suas férias em Paris, Raul até encontrou membros da Fla Paris para visitar a Cidade Luz. Faltei o encontro, eu já estava no Rio, mas pretendo ir daqui a pouco no Minas Gerais e gostaria de encontrar Raul, fazer mais uma entrevista, para falar do Cruzeiro multicampeão, e claro, da instituição do Flamengo, protegida muitas vezes pelo talento, pela raça e pela camisa amarela de Raul.

ZICO

Crônica #19 publicada originalmente no 15 de julho de 2023



Eu queria escrever a crônica sobre Zico igual à carreira dele com o Manto Sagrado. Mas a perfeição não é atingível para mim, então sem esperar mais, vem essa crônica, que até duvidei a nomear simplesmente Deus. Zico ou Deus, uma palavra de 4 letras, um sinônimo.

A torcida do Flamengo tem muita sorte de ter um ídolo com Zico. Para 99,99% da torcida, o maior ídolo do Flamengo é Zico. Mas o 0,01% que falta é ou louco ou não flamenguista, então Zico é unanimidade no Flamengo. Acho que não tem muitos outros jogadores que são tão ídolos no clube deles, tão unanimidade. Talvez Messi no Barcelona, Pelé no Santos, Maradona com Napoli. Tem o Rei do futebol e el Dios, e Zico é tudo isso, é Nosso Rei, mas também é Deus. Zico tem a realeza de um rei e a eternidade de um Deus. A Santíssima Trindade é isso: Zico, Zico e Zico.

Zico era Flamengo antes de nascer e será depois de morrer, Zico é Flamengo para a eternidade. Na família Coimbra, até os animais eram Flamengo. O cachorro se chamava Mengo e o papagaio era rubro-negro. Tudo por causa do pai, o português José Antunes, que chegou ao Brasil em 1911, ano da fundação da seção do futebol do

Flamengo. Nessa época, o Vasco como futebol nem existia. E o pai de Deus assistiu a um jogo em 1916, alguns meses depois da fundação da seção do futebol do Vasco. Foi um America x Flamengo. America ganhou, mas Antunes gostou da camisa rubro-negra, gostou do Manto Sagrado. Virou flamenguista, até sócio do Flamengo, e a família agora era flamenguista por todo o tempo que Flamengo vai existir, a família é Flamengo para a eternidade. Quando um filho nascia, ele recebia uma camisa do Flamengo. Zico era Flamengo antes de nascer.

A família Coimbra era predestinada pelo Flamengo, pelo futebol também. O pai teve uma oportunidade no próprio Flamengo, mas o patrão dele na padaria onde ele trabalhava, um vascaíno doente, sabendo que a ausência no trabalho era para fazer um teste no Flamengo, não o liberou. Explica o próprio Zico no livro Zico, 50 anos de futebol, de Roberto Assaf e Roger Garcia: “Quando era rapaz, meu pai foi goleiro do Municipal, chegando a ganhar o tricampeonato da Liga Amadora. Assim, surgiu até uma oportunidade para jogar no Flamengo. À época, ele trabalhava numa padaria e o patrão dele era Vasco. Ao saber que ele poderia jogar no Flamengo, o patrão ameaçou-o de demissão. Mas tomou ódio do Vasco, ódio mesmo, impressionante. Foi terrível para ele aceitar a ida do Edu para o Vasco. Quando brincavam com ele, perguntando-lhe como um português fazia para torcer pelo Flamengo, ele retrucava: ‘Português é sabão e vascaíno, eu sou é lusitano’”.

Zico cresceu com o futebol, cresceu com o Flamengo. Na casa, o antigo jogo de botões. Fala Zico no mesmo livro de Roberto Assaf e Roger Garcia: “Fazia os campeonatos, havia aqueles botões em que punha a cara dos jogadores: o Flamengo era sempre o campeão; e o Dida, invariavelmente o artilheiro”. Zico cresceu com o Maracanã, com Flamengo e de novo com Dida, o primeiro ídolo. Primeira lembrança do Maraca de Zico é um jogo eterno aqui, o do título do Rio – São Paulo 1961 contra o Corinthians, com gol de Dida. Depois, Zico foi várias vezes no Maracanã, sempre torcendo, vibrando com o

Flamengo. Fala Zico no livro Gigantes do futebol brasileiro de João Máximo e Marcos de Castro: “No Maraca, na arquibancada, sempre atrás das balizas. E via a rede balançando. E ouvia. Era música para os meus ouvidos de menino”.

Zico cresceu com futebol em casa, com jogadores de futebol em casa, os irmãos Antunes e Edu. Os irmãos ajudaram Zico para estreiar no time de juventude, até jogando contra jogadores mais velhos, mas depois foi só o talento e o trabalho de Zico para segurar a vaga no time. Fala ainda Zico, agora no seu próprio livro Zico conta sua história: “Meus irmãos Antunes e Edu já eram jogadores profissionais e viviam brincando que ‘o melhor da família’ ainda estava em Quintino. O Edu acabou me levando para treinar na escolinha do America. Só que, naquela mesma semana, um amigo da família, o Ximango, que era torcedor fanático do Flamengo, trouxe o Celso Garcia, um locutor esportivo muito conhecido, para assistir a uma partida do River, nosso time de futebol de salão. O Ximango queria que o Celso me visse jogar”.

Precisaria de um livro inteiro para falar do Zico no Flamengo. Em 1967, Zico jogou um torneio na Piedade, com a camisa do Santos, com a camisa 10 de Pelé. Zico fez 9 gols na vitória 14x4, deixou Celso Garcia maravilhado. Zico nunca foi no clube do irmão Edu, o America, foi no Flamengo. A história não começou aqui, começou antes do nascimento de Zico. Mas agora Zico era jogador do Flamengo. E o começo foi muito difícil, o técnico da base e antigo jogador Modesto Bria quase vetou Zico de jogar. Zico treinou, fez um primeiro jogo contra Everest, fez 2 gols na vitória 4x3. Mas como o Everest, nome parece predestinado para Zico, era só o início de um muito longo e muito difícil caminho. Falou depois do jogo para Zico seu irmão e maior conselheiro, Antunes: “Escuta, garoto... Põe isto na cabeça... Você é um jogador de futebol. Nasceu para isso, quer vencer, quer ser muito bom, o melhor, se possível! Então, fique sabendo que você vai ter que renunciar a muitas coisas e que a sua vida vai se transformar. Não vai ser como a vida de outros garotos da

sua idade. Vai ter muito sacrifício, treinos que não acabam mais, disciplina...”.

E foi difícil, foi muito sacrifício, foi muita disciplina. Zico era craque, mas ainda muito franzino, sofria com zagueirões altos e fortes, e fez apenas 3 gols em 18 jogos em 1969. Zico era franzino, mas era craque. E o vice-presidente do clube, George Helal, acreditou no Zico, montou um programa com o técnico Joubert, o médico José de Paula Chaves, o preparador físico José Roberto Francallaci. E ainda mais, George Helal pagou da própria bolsa o programa. Mas foi Zico que fez os sacrifícios, que teve uma disciplina de um atleta e ser humano diferenciado. Zico saía da casa de Quintino às 5h30, ia na escolinha do Flamengo na Gávea, depois na escola na Presidente Vargas, depois na academia de Leblon para fazer musculação, cochilando ou estudando no ônibus e no trem, voltando para casa às 10h30 da noite. E no dia seguinte, fazia tudo de novo. Foi um sacrifício que valia a pena, como fala o próprio Zico, no livro Zico, paixão e glória de um ídolo, de Lucia Rito: “Foi um superesforço. É preciso ter muita paciência e querer vencer na carreira para aguentar a barra. As salas de musculação eram ambientes muitos solitários. Não é como as academias de hoje, onde a garotada vai por curtição. Eu precisava cumprir um programa rígido de exercícios, para exercer o meu ofício. Repetia os exercícios centenas de vezes, procurava me superar a cada dia, e não tinha tempo para bate-papo. Minha vida era toda cronometrada naquele tempo. Mas não me arrependo, faria tudo de novo”.

Zico ganhou 16 quilos em 3 anos e estreou no Maracanã em 1970 com os juvenis contra o America. Ainda recebeu as chuteiras de um ídolo perto da aposentadoria, Carlinhos, que tinha recebido 16 anos antes as chuteiras de um outro ídolo, Biguá. Zico fez 27 gols em 22 jogos em 1970 com os juvenis e fez seu primeiro gol no Maracanã, ainda com os juvenis, no 14 de março de 1971, alguns dias depois de seu 18º aniversário. No preliminar de um Flamengo x Botafogo, na frente de muitos dos 142.892 presentes nesse dia, Zico bateu um

pênalti, fez passar o Maraca do silêncio mais profundo a alegria mais pura. Fala Zico no livro Zico, 50 anos de futebol: “Fiquei assim impressionado com o silêncio das arquibancadas. Dava para sentir aqueles milhares de olhos me acompanhando, querendo adivinhar, pela minha maneira de ajeitar a bola, de tomar distância, se eu ia acertar o chute. Soube que minha mãe começou a rezar e que meu irmão Edu ficou tão nervoso que queria sair e só voltar depois da cobrança. Corri e chutei – gol. O Maracanã explodiu. Eu ia sentir aquilo muitas e muitas vezes. Juro que senti o chão tremer. O chão treme, a gente treme também, por isso tem que correr, pular, socar o ar, qualquer coisa!”.

Pouco tempo depois, Zico estreou como profissional, no 29 de julho de 1971, num clássico contra Vasco, um eterno Clássico dos Milhões. Estreou com uma assistência e uma vitória 2x1. Foi lançado pelo feitiçeiro Fleitas Solich, que também tinha lançado, 17 anos antes, o ídolo do Zico, Dida. Zico fez o primeiro gol da história do Flamengo no Brasileirão, num 1x1 contra Bahia na Fonte Nova, e ganhou do locutor Waldyr Amaral o apelido Galinho de Quintino, por causa do estilo brigador e do cabelo grande, que parecia uma crista. Mas a chegada no topo é um caminho longo, cheio de dificuldades. Ainda franzino e sem a confiança do novo técnico Zagalo, Zico voltou nos juvenis em 1972. Apesar de ter feito o gol do título do pré-olímpico em 1971 contra a Argentina, Zico não foi chamado pelas Olimpíadas, a maior mágoa de sua carreira, por causa da promessa do técnico Antoninho, que tinha garantido ao Zico uma vaga no time. Fala Zico no livro Zico conta sua história: “Fiquei quebrado por dentro. Senti-me traído... Se futebol era isso, então eu não queria mais saber de nada! Minha família inteira me cercou, tentou me animar, mas eu não conseguia me recuperar. Alguma coisa, uma espécie de confiança nos outros, na justiça do mundo, tinha se desfeito. A seleção havia se classificado para os Jogos Olímpicos com um gol meu, eu confiava na promessa da convocação... Fiquei muito abatido e só pensava em largar o futebol. E aquilo me deprimia ainda mais, porque já me via sem fazer a coisa que mais adorava na vida. Os dias foram rolando

meio sem vontade nem jeito, até que chegou a final do campeonato dos juvenis. Estávamos decidindo contra o Vasco e terminamos o primeiro tempo vencendo de 1 a 0. Só que, além do meu estado de espírito – ainda bem por baixo – ou justamente por causa disso, havia passado muito mal na concentração. Cheguei até a vomitar, e tudo o que eu queria era que chegasse logo o intervalo, já pensando em pedir para sair – estava me arrastando em campo no final do primeiro tempo”. O irmão Antunes proibiu a substituição e Flamengo foi campeão, Zico fazendo o gol do título. Era a volta por cima, para o topo do mundo.

Zico voltou no time principal em 1973, como reserva polivalente num ataque cheio de craques, como Rogério, Dario, Afonsinho, Doval e Paulo César Caju. Explica Zico: “Naquele ataque, joguei em todas as posições. Armava, lançava, distribuía da intermediária, invadia pelos flancos e pelo meio, fazia as assistências, centrava e finalizava. Tive que aprender a fazer um pouco de tudo, a aproveitar cada oportunidade que aparecia para mostrar o quanto poderia ser útil ao time”. Uma estrela, nascida há muito tempo, começava a brilhar. Zico trabalhou muito nos treinos, sempre concluídos com 80 faltas e 20 pênaltis. Zico ficou na reserva apesar da chegada como técnico principal de Joubert, seu técnico nos juvenis. Zico continuou a trabalhar, brilhou nos treinos, brilhou nos amistosos, inclusive um 5x1 contra o Corinthians de Rivelino, e um 3x1 contra Zeljeznicar, time da Iugoslávia, Zico fazendo dobrele nos dois jogos. Escreveu o eterno mas tricolor Nelson Rodrigues: “Ao longo dos 90 minutos, os iugoslavos foram dominados, envolvidos, batidos. Zico foi uma figura excepcional. É um jogador que está a caminho de uma furiosa plenitude. Como sabe lidar com a bola, como seus passes saem límpidos, precisos. Zico entrou nessa fase em que o jogador faz o que quer com a bola”.

Zico era craque, mas sempre trabalhou como o mais simples operário nos treinos. Sempre tentou melhorar seu futebol, nos treinos, nos jogos também. Ainda Zico: “O que eu mais fazia dentro do campo

era pensar. Pensar como estava meu time, quem estava em melhor condição no momento de passar a bola, nas fraquezas que o adversário demonstrava e como eu podia aproveitá-las para vencer o jogo. Com o tempo, aprendi, na hora de bater uma falta, por exemplo, a identificar o lado mais fraco do goleiro. Como ele sai, se sai antes. Eu provocava faltas porque sabia como fazer o gol. Então, sempre acabava uma partida mais cansado da cabeça, do que das pernas. De tanto pensar”. E Zico começou a fazer o que ele ouviu muitas vezes na infância no Maraca, fazia a música das redes balançando depois do gol. Foram muitos gols, 49 gols só em 1974, ultrapassando o recorde do ídolo Dida. Ainda em 1974, Zico foi eleito o melhor jogador do Brasileirão e conquistou no final do ano o campeonato carioca depois de um empate com Vasco. A camisa 10 do Flamengo tinha um dono, a torcida do Flamengo tinha um ídolo.

O ano de 1975 foi ano da primeira artilharia do campeonato carioca, ano da consolidação da dupla com Geraldo, outro craque, que o pai de Zico chamava de “filho marrom”. Também foi o ano da maior conquista de Arthur Antunes Coimbra, o casamento com a namorada da infância, vizinha de Quintinho, também flamenguista, Sandra. Um dos padrinhos do casamento foi George Helal, que ajudou Zico a ser Zico no início da carreira. Em 1976, Zico estreou na Seleção brasileira na Taça do Atlântico com grande estilo: jogo no Centenario contra o Uruguai, vitória 2x1, gol de falta, dois dias depois, jogo no Monumental contra a Argentina, vitória 2x1, gol de falta. Uma estrela amarelinha começava a brilhar. Duas semanas depois, fez 4 gols num jogo eterno contra Fluminense. “Zicovardia” mancheteou o Jornal dos Sports. Nelson Rodrigues, jornalista tricolor mas longe de ser um idiota da objetividade ou do clubismo, curvou-se ao Zico: “Tenho dito e repetido que Zico é o maior jogador do mundo. Há os que negam, cegos pelo óbvio ululante. Mas, se a evidência quer dizer alguma coisa, não cabe dúvida, nem sofisma”. Mas Zico não era apenas gols. Explica João Máximo, outro jornalista tricolor: “O Zico foi um desequilibrador de jogo. Quando ele pegava na bola, a jogada podia até não terminar em gol, mas ele tinha uma inteligência, uma

habilidade, uma agilidade, uma capacidade de decisão, que o torcedor do time adversário, como era o meu caso, tinha medo. Quando ele chegava na bola era o momento de angústia do jogo”.

Mas o caminho ao topo do mundo, ao Monte Everest, é cheio de dificuldades, de etapas difíceis. Zico perdeu um pênalti decisivo contra Vasco e perdeu a vaga de titular na Copa do Mundo de 1978, uma jogada infeliz do portanto técnico do Flamengo Cláudio Coutinho, influenciado pelo presidente da CBF, o vascaíno e também militar, mas almirante, Heleno Nunes. Uma mudança que talvez custou ao Brasil o Tetra nesse ano. Mas Zico voltou no topo de tudo, com um time do Flamengo cheio de craques da casa, mas quase desfeito diante dos insucessos. Flamengo voltou no topo do Rio em 1978, num Clássico dos Milhões eterno, com um escanteio de Zico e uma cabeçada de Rondinelli. Em 1979, Flamengo brilhou na Espanha e completou o tricampeonato carioca. Zico foi artilheiro do campeonato carioca pela quinta vez e chegou ao topo da artilharia geral do Flamengo, ultrapassando mais uma vez o ídolo Dida. Com 81 gols só esse ano, Zico também chegou ao topo da idolatria máxima do Flamengo, a maior conquista de Zico. Diferente de muitos outros clubes, o Flamengo tem como maior ídolo só Zico, apenas Zico, exclusivamente Zico.

E Zico chegou no topo do Brasil em 1980, com um gol na vitória 3x2 sobre o Atlético Mineiro, no Maracanã e seus 154.355 apaixonados. Flamengo era o campeão do Brasil pela primeira vez e Zico no topo da artilharia do Brasileirão pela primeira vez, com 21 gols. Em 1981, Zico foi no topo da América, com dois dobrete e golaço de falta na final da Libertadores contra Cobreloa, No final do ano, foi no topo do Mundo, no Monte Everest, com uma atuação magistral no maior jogo do Flamengo, o 3x0 contra Liverpool, que ficou marcado na história. Em 1982, o passe foi do Zico, o título foi no Olímpico, Zico foi artilheiro, de novo com 21 gols, Zico foi eleito melhor jogador, Zico foi tudo. Só não foi campeão do mundo com o Brasil esse ano,

uma pena, uma injustiça. No meu coração, ele é campeão do mundo. Zico é no topo de meu coração rubro-negro.

Em 1983, a primeira Era Zico chegou ao fim no Flamengo. Zico não queria sair do Flamengo, a torcida do Flamengo ainda menos. Zico tinha 30 anos, já uma idade considerada avançada para um jogador de futebol na época, e foi vítima do presidente Antônio Augusto Dunshee de Abranches, que queria o vender. Fala Zico no livro Gigantes do futebol brasileiro: “Eu não tinha o menor interesse em deixar o Flamengo, mas o presidente Antônio Augusto forçou a minha saída. Mostrou que na verdade não queria que eu continuasse no clube, porque existiu essa possibilidade, com a Adidas pagando as luvas de renovação de contrato, como se dispunha a pagar. Mas ele quis jogar para a torcida, invertendo as coisas e dizendo que eu é que estava forçando minha saída do clube. Esse tipo de procedimento infelizmente é comum entre os cartolas brasileiros”. Sem nenhum dos 155.523 presentes no Maracanã nesse dia sabendo da saída iminente do ídolo, Zico jogou muito na final do Brasileirão 1983 contra Santos, abrindo o placar com menos de um minuto de jogo, oferecendo ao Flamengo seu terceiro título nacional em 4 anos, reforçando a sua supremacia no futebol brasileiro.

Zico merecia, igual ao Leandro, vestir só o Manto Sagrado e a Amarelinha na sua carreira. “Ele mudou a história do clube. Existem dois Flamengo: antes e depois de Zico” explica George Helal. Zico é uma divindade, poderia ter seu próprio calendário, com a criação no 3 de março de 1953 do calendário gregoriano. Com apenas alguns meses do ano 1 do calendário Zico, Flamengo já iniciava seu segundo tricampeonato carioca. Até o ano 31, Flamengo tinha vencido tudo no mundo. Zico merecia jogar só no Flamengo, e merecia também um melhor time na Europa do que Udinese, onde se tornou também ídolo. Quase foi artilheiro do campeonato italiano na primeira temporada, perdendo de um gol para Platini, que fez 6 jogos a mais. A única coisa boa da saída do Zico do Flamengo foi que ele voltou. O presidente Augusto Antônio Dunshee de Abranches teve

que sair do clube depois de cometer o crime contra o futebol, contra o Flamengo, de vender Zico. George Helal, o apoio de sempre de Zico, foi eleito presidente e montou o Projeto Zico para repatriar o craque. A torcida bancou e Zico era de novo do Mengo. Nunca deixou de ser do Mengo, mas agora era de novo jogador do Flamengo.

No 12 de julho de 1985, ou no 10º dia do 4º mês do ano 32 do calendário Zico, Zico voltou a vestir da camisa 10 do Mengo, num amistoso contra um time de amigos de Zico, que tinha a presença de ídolos jogando na Itália, Júnior, Falcão e até Maradona, que vestiu uma camisa amarela e verde. Zico fez um golaço de falta num ângulo impossível. Dois dias depois, Deus voltou agora de forma oficial, num jogo do Brasileirão contra Bahia. Flamengo ganhou 3x0, Zico fez um golaço de falta no Maraca, como se nunca tinha saído do Flamengo, como se nunca tinha deixado de fazer ouvir a doce música das redes para a geral. O time, treinado pelo Zagalo, era muito bom, e dava para brigar pelos títulos, mas depois de chegar no topo do Mundo, no Monte Everest, tem que descer, com etapas igualmente, às vezes mais, difíceis do que na subida. Depois de Augusto Antônio Dunshee de Abranches, foi Márcio Nunes que cometeu um crime contra o futebol. Com uma entrada criminoso, o jogador de Bangu quebrou os dois joelhos e o tornozelo esquerdo de Zico, quebrou o coração dos flamenguistas. Quase quebrou o futebol de Zico, mas Zico é acima de tudo.

Fala Zico sobre a lesão no seu livro Zico conta sua história: “Se, naquele momento, eu tivesse adivinhado o que me aguardaria nos próximos meses – na verdade, a última operação que realizei, em consequência, mesmo que indiretamente, dessa lesão, foi em 94 –, não sei qual teria sido minha atitude, ali, no momento. Talvez largasse tudo e fosse para casa aproveitar a vida. Ou não... É, acho que não aguentaria mesmo. Sempre disse que queria parar um dia com o futebol, e não que o futebol parasse comigo. Queria parar jogando, não por cause de uma lesão. E, depois, tinha a Copa para

disputar, tinha tanta coisa que achava que ainda poderia obter do futebol, tanta coisa que eu achava que ainda poderia fazer...”. Zico trabalhou muito, como nos tempos de juvenil, acordando cedo para trabalhar, para sofrer na academia. Zico voltou no final do ano de 1985 e fez mais um Fla-Flu eterno em 1986, com hat-trick, com música nas redes, com golaço de falta.

Mas depois Zico voltou a se machucar várias vezes, sempre lesões musculares, o que o impedia de pegar ritmo. Jogou a Copa de 1986 e perdeu um pênalti contra a França. Fala Zico sobre a operação, agora no livro Zico, paixão e glória de um ídolo: “Me deu vontade de morrer, achei que nunca mais jogaria futebol novamente. Minha perna passara tanto tempo semi-arqueada, que, até conseguir esticá-la, foi um sofrimento terrível. Eram dores insuportáveis. Fiz um esforço constante, porém cuidadoso, para não romper os pontos. Cada centímetro a mais que meu calcanhar conseguia deslizar, numa risca traçada na banheira lá de casa, era comemorado com choro e palmas. Levei quatro meses para conseguir esticar a perna por inteiro”. Durante o processo, Zico ainda teve a dor de perder o pai, como ele fala no livro Zico, 50 anos de futebol: “Acho que a morte do meu pai foi decorrência também de tudo o que passei. O sofrimento dele de ver um filho na situação em que eu estava. E você acompanhar o trauma de um filho, aos 85 anos, é difícil. Acho que isso o debilitou ainda mais, e depressão gera doença”.

Zico voltou no 21 de junho de 1987, exatamente um ano após o pênalti perdido contra a França. Fez gol num outro Fla-Flu eterno, de pênalti. Depois do pênalti contra a França, Zico nunca mais perdeu um pênalti. E 1987 foi um ano histórico. Eu gosto muito do título da Copa União, o Brasileirão de 1987, com um dos maiores times da história do Flamengo. Mas adoro esse título principalmente por causa de Zico, que tem uma história de superação no futebol como talvez só o Ronaldo Fenômeno, que tem como ídolo o próprio Zico, tem. “Foi um título emocionante. Não só em função de tudo que eu havia passado, mas por causa do Thiago. Foi o primeiro ano que ele pôde

me acompanhar melhor, nunca tinha me visto. E também quando acabou o jogo com o Inter, eu já estava descendo para o vestiário e a torcida começou a gritar o meu nome. Tive que voltar para dentro do campo e dar a volta olímpica, porque eu já tinha saído do jogo” relembra Zico. Zico era agora no Monte Olimpo, a casa dos Doze Deuses, doze nomes, como um time de futebol apoiado pelo décimo segundo Deus, a maior Nação do Mundo, a torcida do Mengo. E o primeiro Deus, o Deus do céu, do raio e do trovão, é Zico, Zico é Zeus, Zico é tudo.

Zico ainda jogou em 1988 e 1989 e se despediu como profissional, no 2 de dezembro de 1989, num clássico contra Fluminense, um eterno Fla-Flu. Se despediu com um golaço de falta e uma goleada 5x0. Ainda teve outra despedida, no início de 1990, reunindo vários jogadores do Flamengo e do Mundo. Antes do jogo, meu escritor preferido sobre o futebol, Armando Nogueira, anunciou a festa: “Maracanã, enfeita de bandeiras tuas arquibancadas que hoje é dia de festa no futebol. Encomenda um céu repleto de estrelas. Convida a lua (de preferência a lua cheia). Veste roupa de domingo nos teus gandulas. Põe pilha nova no radinho do Geraldino. E, por favor, não esquece de regar a grama (de preferência com água-de-cheiro). Avisa à multidão que ninguém pode faltar. É despedida de Zico e estou sabendo, de fonte limpa, que hoje à noite, ele vai repetir conosco a bela coleção de gols que fez nos seus 20 anos de Maracanã”. Outro a escrever sobre o jogo foi Sérgio Cabral para o jornal O Dia: “Adeus Zico. Nós, vascaínos, tricolores, botafoguense etc., dormiremos mais tranquilos sabendo que uma falta cometida nas proximidades de nossa área não será tão perigosa assim. Que não teremos de enfrentar os seus dribles, seus lançamentos, suas soluções inteligentíssimas para as jogadas mais difíceis, a sua movimentação que o levava, em frações de segundo, da intermediária à porta do gol e aos gritos de “Zico! Zico! Zico!” quando você fazia uma das suas e chutava aquelas bolas que tocavam na rede e batiam em cheio em nossos corações. Em compensação, nós, que tanto amamos nossos clubes

quanto o futebol, estaremos com as nossas tardes de domingo mais pobres. E, aí, veja, que ironia, teremos saudades de você”.

Mas, como essa crônica inútil, nada pode ser escrito que seja maior do que Zico, maior do que a perfeição mais pura. Zico pendurou as chuteiras, e como Biguá para Carlinhos, como Carlinhos fez antes para ele mesmo, Zico deu as chuteiras para uma jovem promessa da base, o chamado Pintinho. A herança era muito pesada, infelizmente, ou felizmente, Zico não tem herdeiro. O futebol de Zico, só Zico mesmo. Depois, Zico voltou a jogar, ajudou a tornar o futebol profissional no Japão, virou ídolo, virou o Deus do Sol. Pendurou definitivamente as chuteiras, com 831 gols em carreira, 509 pelo Flamengo, 333 no Maracanã, mais dois recordes de Zico. Zico é o dono do Maracanã. De todas as estrelas que voaram no Estádio Jornalista Mário Filho, Zico é o filho mais pródigo do Maraca, o prodígio, o maior símbolo. Explica Zico: “Cinco anos depois do meu primeiro jogo, eu me localizava no Maracanã até de olhos fechados. Podia chutar no gol sem olhar, sabia que direção dar ao chute pela posição que os repórteres ocupavam atrás da linha de fundo. Localizava as bandeiras. Mesmo de costas eu sabia onde ia acertar. O Maracanã era a minha casa. Eu conhecia a textura da grama, o pique da bola e o principal personagem do jogo, a torcida. Ainda hoje, quando vou ao Maraca, me emociono ao lembrar dos gols que bati. É de arrepiar”.

Depois da primeira morte do jogador, Zico virou ídolo na Turquia como técnico, trabalhou na política, ajudou a pôr fim ao sistema do passe, abriu um centro de futebol, fez muitas coisas, principalmente para o futebol. Mas acho que é a maior função de Zico é de ser ídolo máximo do Flamengo. Teve vários ídolos do Flamengo, ídolos de gerações, como Leônidas, Zizinho, Dida, Carlinhos, Leandro, Júnior, Romário, Júlio César, Adriano, Obina, Hernane, Arrascaeta, Gabigol e tantos outros. Teve muitos, mas só Zico é ídolo de todas as gerações. Quando o menino começa a se apaixonar pelo Flamengo, a vestir sua alma de rubro-negrismo, ele naturalmente vira fã de Zico.

Zico é ídolo de todos, Zico é para sempre o ídolo máximo do Flamengo. E é um sentimento que vai além dos flamenguistas. Quando fui assistir ao jogo das estrelas de Zico no final do ano de 2022, meu amigo francês Marco, que sabe quase nada do Flamengo, assistindo ao jogo e vendo a paixão do povo pelo Zico, queria personalizar seu Manto Sagrado com a eterna camisa 10 de Zico.

Mas antes de se apaixonar pelo Zico, o amigo francês apaixonou-se pelo Flamengo, apaixonou-se pela paixão do torcedor. Flamengo tem a maior torcida do mundo, uma torcida diferente, capaz de tudo, ainda mais para Zico. Tem torcedor que poderia vender tudo que tem só para passar um momento com Zico. A torcida do Flamengo fez para Zico inúmeras festas, no Maraca ou em outros lugares do Brasil, do Mundo, sempre endeusando Zico. Zico tem sorte de ser o maior ídolo de uma torcida tão incrível. Mas também, nessa função de ídolo maior do Flamengo, nessa missão, Zico nunca falhou. E a torcida do Flamengo tem muita sorte de ter como maior ídolo um jogador e um ser humano como Zico. Incrível de ser um dos maiores jogadores da história do futebol e de ser tão humilde. A humildade de Zico, como o talento dele em campo ou o amor pelo Mengo, nunca foi questionada. Tem inúmeras histórias de torcedores atendidos pelo Zico com o maior carinho, o maior respeito, a maior humildade. Tive a sorte de encontrar Zico, zerei a vida e foi como encontrar Deus. Estava nervoso, mas Zico, com toda sua simplicidade e jeito de ser, deixa todo mundo confortável. Acredito que no dia de minha morte vou encontrar Deus e espero que o encontro será tão bom que o encontro com Deus nessa vida terrestre, no 18 de novembro de 2022, ou 16º dia do 8º mês do ano 70 do calendário Zico.

Flamengo e Zico é um encontro feito no paraíso, duas entidades místicas e míticas. Zico nasceu antes de Arthur Antunes Coimbra, e vou plagiar duas vezes o grande tricolor Nelson Rodrigues. Primeiramente, Flamengo nasceu 40 minutos antes do nada. E mais, Flamengo e Zico nasceram com a vocação da eternidade.

Júnior

Crônica #5 publicada originalmente no 9 de outubro de 2022



Agora eu vou usar os números das crônicas para escolher os ídolos. E com o número 5, escolher Júnior é mais do que justo. Confesso que às vezes não sei me posicionar com o Júnior. Às vezes, acho ele muito flamenguista, e outras vezes, não tanto. Certamente por isso, ele está fora de meu top 3 dos ídolos do Flamengo desde a era Zico. Não vejo nele o rubro-negrismo que têm Zico, Leandro, Adriano, meu top 3. Mas falando de carreira, de acontecimentos com o Manto Sagrado, ele está no top 2, só atrás de Zico. E para quem duvida, só um número para lembrar: 876. 876 jogos com o Manto Sagrado. Júnior foi tudo no Flamengo. Foi de Capacete a Vovô-Garoto, foi lateral-direito, lateral-esquerdo, volante. Foi líder. Foi campeão.

Paraibano de nascimento, chegou no Rio ainda criança. Verdade que, por causa da influência do tio e do pai, era mais Fluminense no início. Virou Flamengo depois de assistir a uma vitória do Mengão contra Botafogo no Maracanã. “Gostava do Fluminense. Mas era o Flamengo que mexia comigo. Aquela força, a energia da torcida tinha muito mais a ver com a minha personalidade [...] O micróbio foi parar nas minhas entranhas. A partir disso, como gosto de dizer, o Flamengo virou minha segunda pele” explicou Júnior no livro *Os dez mais do Flamengo* de Roberto Sander.

Júnior jogou no futebol de areia, no futsal, no futebol. Fez teste no Fluminense, fez três meses no America, mas o destino era Flamengo. Foi na base com 19 anos já, perto de esquecer do futebol para ganhar a vida. Mas quem ganhou foi a própria vida, e toda a torcida do Mengo, mexida nas entranhas com o futebol de Júnior. Começou na base como volante, sob as ordens do Modesto Bria.

Mas depois virou lateral-direito e começou nos profissionais, em 1974. Firmou-se rapidamente no time titular, fazendo gols decisivos no fim da campanha do campeonato carioca. Contra America no triangular final, fez um gol quase do meio de campo, aquele gol que Pelé não fez, Júnior fez. Logo na primeira temporada como profissional, Júnior já era campeão. Em 1976, com a chegada de Toninho, foi na lateral-esquerda. Quando se fala de jogador ambidextro, sempre tem um pé mais forte do que do outro, o pé de origem. Júnior é talvez o mais ambidestro dos ambidestros, não parece ter pé de predileção, como se Deus tinha lhe dado dois pés já perfeitamente prontos para jogar futebol.

Júnior foi o jogador com mais participações nos 73 jogos do tricampeonato carioca 1978-1979-1979 especial. Ele fez 70 jogos, com boa margem sobre os 65 de Zico e os 63 de Adílio. Deus também tinha lhe dado pernas de atleta, aprimoradas com a prática do futebol de areia e o profissionalismo. Júnior foi campeão carioca, recusou a proposta do Real Madrid em 1981 para ser campeão do Brasil, campeão da América, campeão do Mundo. Sempre com grandes atuações. Talvez é o maior parceiro de Zico da história.

Júnior não precisava da Europa para brilhar, e mesmo assim brilhou na Europa. Brilhou na Espanha na Copa de 1982 e na Itália com Flamengo num torneio em 1984. Flamengo precisava de dinheiro e Júnior, com 30 anos, foi vendido. Brilhou durante 5 anos na Itália. Só com a primeira passagem dele no Flamengo, Júnior era uma lenda do Flamengo. Mas queria fazer mais, queria ser Maestro.

E Júnior voltou no Flamengo, honrando uma promessa feita ao filho. E como 15 anos antes, quando começou como profissional, Júnior não esperou muito para brilhar com o Manto Sagrado. Virou Vovô, porque já estava velho, com cabelos grisalhos, e virou Vovô-Garoto, porque tinha mais forma de quem tinha 25 anos. De novo, Júnior foi campeão, da Copa do Brasil, a primeira da história do clube, do campeonato carioca 1991, onde ele abraçou o filho, como ele fala no seu livro Minha paixão pelo futebol: “No fim do campeonato carioca de 1991 vivi um momento de glória e particularmente emocionante porque havia um convidado especial assistindo àquele Fla-Flu. Quis ainda o destino que eu protagonizasse o quarto e último gol da partida. Quando faltavam três minutos para o fim do jogo, olhei para o meu convidado, próximo à beira do campo, sentadinho, ansioso para ouvir o sonoro apito final. Mal o juiz levou o apito à boca, Rodrigo se levantou e disparou chorando em direção ao meu abraço. Vinha comemorar como se ele fosse um dos jogadores. Entre soluços, me disse: ‘Pai, nós ganhamos, somos campeões.’ Naquele abraço apaixonado, eu honrava, finalmente, a promessa, feita ainda em Pescara, de que meu filho me veria jogar no Maracanã. A alegria de um abraço no fim de um jogo vitorioso só o futebol traduz. Mas, dessa vez, a comemoração extrapolara o lado esportivo. Era um encontro mágico entre pai e filho”.

E em 92 a falta foi de Júnior. Em 1992, o que não faltou, foi Júnior. Em 1992, Júnior fez de tudo. Se tornou líder de um time jovem, cheio de craques e promessas. Jogou no meio de campo com maestria. Fez gols de falta, matando a saudade do craque e do amigo de sempre. Talvez o pentacampeonato é o Brasileirão conquistado pelo Flamengo com a maior ligação a um jogador. 1992 vem com Júnior, e Júnior vem com 1992, como ele vem com 1974, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1990, 1991 até pendurar as chuteiras em 1993. Júnior foi campeão, quase todos os anos, Júnior campeão, e até depois de parar de jogar, Júnior ainda campeão do mundo, no futebol de areia tão amado, com um amigo, craque e Rei, Zico.

“Sempre foi muito fácil jogar com o Léo. Nós nos entendíamos só no olhar. Um já imaginava o que o outro ia fazer e aí era só se preparar para receber a bola. Treinávamos também muitas jogadas e, quando aparecia a oportunidade, era só realizá-las” explica Zico no livro *Os 11 maiores laterais do futebol brasileiro*, de Paulo Guilherme.

Comecei essa crônica na dúvida sobre o rubro-negrismo de Júnior, e agora estou conquistado, pelo futebol e pela carreira do Vovô-Garoto com o Manto Sagrado. Deixo então a palavra para o próprio Maestro, que escreveu o prefácio do livro *Grandes jogos do Flamengo*, da fundação ao Hexa, de Roberto Assaf e Róger Garcia: “Algumas pessoas me perguntam como foi jogar no Flamengo. Não dá para descrever. Até hoje não encontrei uma palavra, uma frase, que possa definir a sensação de entrar no Maracanã lotado, seja decisão ou não, vestindo o Manto Sagrado. É uma responsabilidade [...] O Flamengo sempre será minha segunda casa e sua camisa, a segunda pele”.

Andrade

Crônica #6 publicada originalmente no 30 de novembro de 2022



De volta com os ídolos, depois de um bom tempo. O último era Júnior, camisa 5. Vou seguir a combinar número de crônicas e número de ídolos, e vou continuar com um jogador da geração de ouro, Andrade.

Andrade nasceu no 21 de abril de 1957 em Juiz de Fora, terra flamenguista. Mas nesses tempos, Andrade era botafoguense. Acontece. Mas depois foi na base do Flamengo, estreou com o Manto Sagrado, e logo depois foi emprestado na ULA, na Venezuela. Voltou no Flamengo em 1979, fez parte do maior meio-campo da história do Flamengo, e um dos maiores da história do futebol, talvez só atrás do Barcelona de Busquets-Xavi-Iniesta e do Real de Casemiro-Modric-Kroos. Pode ser também, sem clubismo, o maior da história, porque Andrade-Adílzio-Zico era coisa de outro mundo. Andrade escreveu o primeiro grande capítulo de sua carreira em 1980.

Data, 1º de junho de 1980, palco, Maracanã, adversário, Atlético Mineiro, público, 154.355 pagantes. Em jogo, o título do Brasileirão. Nunes abriu o placar, Reinaldo empatou no minuto seguinte. Nosso Rei Zico marcou, Reinaldo empatou de novo. No fim do jogo, Nunes

desempatou, Flamengo era o virtual campeão. E no finalzinho do jogo, no fim do fim do jogo, o desconhecido Manguito, zagueiro do Flamengo, substituindo um Deus da Raça Rondinelli lesionado, fez um passe atrás, para o goleiro Raul, um passe muito curto, Pedrinho teve tempo de interceptar a bola. Se fizesse o gol, título era do Galo. Mas Andrade voltou a tempo, salvou o Flamengo, salvou o Manguito também: “Salvei a carreira do Manguito. Ele sairia crucificado do Maracanã” falou Andrade no livro 20 jogos eternos do Flamengo de Marcos Eduardo Neves.

Andrade, como toda uma geração de ouro, foi campeão carioca, campeão brasileiro, campeão americano (com o primeiro cartão vermelho de sua carreira numa final violenta contra Cobreloa), e enfim campeão mundial. Mas deu o maior orgulho a torcida flamenguista contra o seu time de infância, Botafogo. Em 1972, Botafogo goleou Flamengo por 6x0. Doí, mas acontece. A torcida do Flamengo pediu vingança por muitos anos. Teve várias goleadas, mas nada de um 6x0. Até 1981, um ano histórico para o Flamengo. No campeonato carioca, no Maracanã, um jogo eterno. No intervalo, Flamengo 4x0 Botafogo. Mas a torcida do Flamengo queria mais, pedia o 6x0. Zico fez o quinto de pênalti. Faltava mais um. E no final do jogo, Andrade abriu no lado esquerdo para Adílio, que cruzou na grande área. A bola voltou nos pés do camisa 6 Andrade, para um chute poderoso, para um gol inesquecível, para o gol do 6x0, para uma goleada completa, para uma vingança inteira, para um momento único na carreira de Andrade: “Tive a sensação de ter saído do ar por alguns instantes. Deu um branco, tanto que na hora do gol corri para o lado errado”. Depois de 9 anos, o Flamengo era vingado, e o Botafogo tinha que esperar uma revirada, um outro 6x0. Até hoje, nunca aconteceu.

Em 1982, foi bicampeão brasileiro, contra Grêmio. No jogo de desempate, uma polêmica, uma confusão na grande área do Flamengo, com uma bola na mão de Andrade para os gremistas, com uma bola no punho do goleiro Raul para os flamenguistas. E para

Andrade, “ficou aquele bate-rebate e eu estava em cima da linha quando a bola subiu. Em fração de segundos, pensei, esses caras vão me jogar com bola e tudo pra dentro do gol e o juiz vai correr pro meio, não vai nem querer saber se foi falta ou não. Pensei em colocar a mão. Mas a coisa aconteceu tão rápido que, naquele tumulto, nem sei se tirei com a mão ou de cabeça”. Vendo o lance de novo, eu também não sei, apenas sei que o Flamengo foi campeão esse ano.

O Tromba, como era chamado no vestiário do Flamengo, não é apenas bicampeão brasileiro, nem tri, depois do título contra Santos em 1983. Foi tetra em 1987, agora como veterano, sempre decisivo, com uma assistência para Bebeto no gol do título: “As pessoas esperavam que eu chutasse. Eu batia bem de fora da área, estava numa posição boa. Mas conduzi a bola de cabeça erguida, vi a movimentação do Bebeto na diagonal e a defesa saindo. O Bebeto era um jogador que, no olhar, entendia tudo. Quando meti, ele arrancou. O Taffarel tentou sair, mas hesitou. No que hesitou, o Bebeto chegou antes e deu o toquinho. A mesma alegria que ele teve com o gol, eu tive com o passe. Saí correndo que nem maluco naquele campo enlameado. Era um passe que significava o título”. Obrigado, Andrade, que honrou muito o Manto Sagrado.

Depois, foi penta em 1989, com a camisa do Vasco. Vamos esquecer essa breve passagem ainda mais rapidamente. Mas Andrade não é só penta, é hexacampeão brasileiro. Agora técnico, no início interino depois efetivado, montou um time que tinha como craques Petkovic e Adriano. No final do primeiro turno, perdeu 4x1 contra o Grêmio e depois de duas mais derrotas, o cargo estava ameaçado. Mas Andrade ficou, o Petkovic brilhou, nosso Didico brocou, o Flamengo goleou. E no jogo decisivo, contra Grêmio, que esperava uma derrota, o Flamengo estava atrás no placar. No intervalo, o Tromba deu bronca. “No intervalo, pela primeira vez vi o Andrade chateado. Concordamos com ele. Tinha que ser na raça. Precisávamos pressionar de alguma forma”, relembra o herói Ronaldo Angelim. O segundo tempo é conhecido, um jogo eterno, o Flamengo campeão,

Andrade hexacampeão particular. “Foi talvez, a conquista mais importante de minha carreira. Acho que fizemos uma grande campanha e o nosso grupo foi forte. Sou uma pessoa positiva e de fé. Acho que o título estava escrito. Deus botou a mão e nos deu de presente” emocionou-se nosso Andrade, que deu a torcida flamenguista o presente tão esperado.

Para fechar, voltamos a uma injustiça. Jogou apenas 13 jogos com a Seleção. Em 1982, contra a Alemanha Ocidental no Maracanã, Telê escalou para o Brasil o meio do campo do Flamengo: Adílio, Zico e... Vítor, reserva do Andrade com o Flamengo. Uma loucura. Toninho Cerezo era craque, mas para mim, na Seleção de 1982 tão bonita, o meio-campo devia ser Zico, Sócrates, Falcão e Andrade. Talvez isso era a chave para o Tetra que o Brasil merecia.

Andrade fez apenas um gol com a Seleção, mas um autentico golaço, desfilando sua classe no meio da zaga da Áustria em 1988. Um gol que para Andrade deve ser lembrado: “Mas daqui 100 anos, as pessoas só vão falar do gol do 6x0”. Tá certo, Andrade.

Nunes

Crônica #9 publicada originalmente no 5 de fevereiro de 2023



A camisa 9 é muito especial no futebol. Acima, só a camisa 10, ainda mais no Flamengo. É a camisa do centroavante, do artilheiro, do goleador. E Flamengo teve muitos na sua história. Para o ídolo de hoje, vamos de um artilheiro das decisões, e jogou muitas decisões, ganhou muitos títulos, fez muitos gols. Nunes, o João Danado, camisa 9 da maior geração do Flamengo.

João Batista Nunes de Oliveira nasceu no Nordeste, em Sergipe, em Cedro de São João. Chegou com 14 anos no Rio de Janeiro e chegou bem, já no infantil do Flamengo. Mas não funcionou e Nunes voltou em Sergipe, na Confiança. Nome de predestinado, faltava confiança no Flamengo, foi achar de novo a confiança no Nordeste. Ficou depois no Nordeste, num clube maior, Santa Cruz. Foi tricampeão pernambucano e estreou na Seleção brasileira num jogo não-oficial contra uma seleção fluminense em Niterói. Fez um gol, Brasil ganhou 7x0, Zico fez cinco. Estreou oficialmente no 1º de abril de 1978 contra minha França, no meu Parque dos Príncipes. Era nome quase certo para a Copa do Mundo de 1978 mas infelizmente se machucou um pouco antes da Copa.

E Nunes voltou ao Rio, infelizmente para nós flamenguistas, no Fluminense. Jogou muito bem no Fluminense, mas viu o Flamengo ganhar o tricampeonato carioca entre 1978 e 1979. E Nunes voltou no time da infância, no Maior do Rio, no Maior do Mundo, nosso Flamengo. Craque, o Flamengo faz em casa e o bom filho a casa torna. Nunes era do Mengão.

Nunes estreou no último jogo da primeira fase do Brasileirão de 1980, contra a Ponte Preta. E voltou com estilo, com um gol e uma assistência para Zico depois de passar vários adversários, no 2x2 contra a Ponte Preta. Fez um outro na goleada 6x2 contra Palmeiras e também marcou um contra Bangu. E Nunes não era só goleador. No 3x0 contra a Desportiva Ferroviária, ele fez as três assistências do jogo. Zico fez os três gols. Uma dupla de ouro.

No jogo de volta da semifinal, Coritiba abriu 2x0, igualando o placar agregado. Em 4 minutos, Nunes fez dois e empatou o jogo de volta. Flamengo ganhou 4x3 e se classificou para sua primeira final do Brasileirão. Era a hora de Nunes brilhar ainda mais. Flamengo perdeu 1x0 o jogo de ida, mas na volta no Maracanã, foi diferente. Zico lançou em profundidade Nunes, que abriu o placar. Reinaldo empatou, Nosso Rei Arthur marcou, Reinaldo empatou de novo. No fim do jogo, Nunes fez um dos gols mais emblemáticos do Flamengo. Uma finta sensacional sobre Silvestre, uma finalização perfeita, uma comemoração eterna. “Senti o estádio dentro da minha camisa, como se cada pessoa fosse um Nunes e eu fosse cada um daqueles torcedores” falou depois Nunes para Manchete.

O Flamengo era campeão brasileiro pela primeira vez e Nunes se tornava um ídolo da Nação. “Acho que também mereço ter o meu dia de ídolo, pois isso com Zico já é rotina” explicou Nunes depois desse jogo. Sim Nunes, para esse dia e para sempre, você é ídolo do Flamengo. No Jornal dos Sports, Nunes desabafou: “Eles disseram até que sou maconheiro. A resposta foi no campo e não na violência. Fizemos três gols e essa é a minha resposta. Estou muito feliz com a

notícia que recebi agora da diretoria, de que serei comprado em definitivo. Isso é a prova do futebol que venho jogando e uma resposta aos que não me queriam. Futebol se ganha dentro de campo, com humildade, acima de tudo coragem, sangue, raça e muita vibração. Foi o que procurei fazer o jogo todo”. Repito Nunes, você é ídolo da Nação para sempre.

Em 1981, Nunes continuou a brilhar. Na goleada 8x0 contra Fortaleza, fez apenas 5 gols no jogo. Dois de cabeça para começar, um de pênalti, e por fim, dois de perna esquerda, a “perna ruim” que ele não tinha. Um artilheiro completo. Flamengo foi eliminado nas quartas de final do Brasileirão contra Botafogo, sem Nunes, expulso no jogo de ida. Talvez o jogo teria sido diferente com Nunes, que foi o artilheiro do Brasileirão nesse ano com 16 gols. Nunes voltou a brilhar no campeonato carioca. Contra Americano, fez 3 gols na goleada 7x0, e também jogou muito no Jogo da Vingança contra Botafogo, abrindo o placar no eterno 6x0. Na final da Libertadores, não marcou nos três jogos contra Cobreloa. Na final do Carioca, foi expulso no primeiro jogo. Flamengo perdeu os dois primeiros jogos da final contra Vasco e podia perder um campeonato considerado como quase já ganhado. No último jogo da final, Nunes fez o gol do 2x0, outro gol emblemático, outra comemoração eterna com uma cambalhota para a alegria da maioria dos 161.989 pagantes no Maracanã. Nunes se transformava como o goleador das finais.

E no fim do ano, o maior jogo da história do Flamengo, o 3x0 contra Liverpool. Ou mais exato ainda, o maior primeiro tempo da história do Flamengo. Porque Flamengo liquidou o jogo ainda no primeiro tempo. Em dezembro de 1981, no 3x0 contra Liverpool, Nunes ficou marcado na história. Com 13 minutos de jogo, um passe genial de Zico para Nunes, para um gol emblemático do Flamengo, uma finalização perfeita, uma comemoração eterna. Flamengo 1x0 Liverpool, depois falta de Zico e gol de Adílio, Flamengo 2x0 Liverpool. E ainda no fim do primeiro tempo, posicionamento perfeito de Nunes, novo lançamento genial de Zico e chute de Nunes

sem chance para o goleiro inglês, que na verdade nasceu na África do Sul e jogou na seleção do Zimbábue. Enfim, o gol só foi possível por causa do entendimento perfeito entre Zico e Nunes. E no Rio não tem outro igual, só o Flamengo é campeão mundial e Nunes, meu povo, era batizado como o Artilheiro das Decisões pelo narrador do jogo, o eterno Galvão Bueno. E para a eternidade também, Nunes era o Artilheiro das Decisões.

Como artilheiro do jogo, Nunes ganhou uma Toyota Carina. Nunes ficou com o carro, mas dividiu o valor com os companheiros campeões mundiais. Foi o fim de um ano de ouro para Nunes, que foi artilheiro do clube com 48 gols. Em 1982, jogou menos, fez menos gols, mas não perdeu a condição de Artilheiro das Decisões. Fez apenas 5 gols no Brasileirão, mas fez o mais importante de todos, no último jogo da final contra Grêmio, no Olímpico. De novo, quem fez a assistência foi o Rei Zico. A cumplicidade entre os dois era mortal para os adversários, imortal para os rubro-negros. Zico falou: “Quando eu pego na bola, a primeira coisa que faço é olhar o centroavante, que é quem está mais perto do gol. O Nunes fica sempre esperando. Na hora do gol, recebi na lateral, dei uma caneta no Vilson Taddei, ele ficou sem pai nem mãe, procurei então alguém e meti a bola entre os dois zagueiros. O Nunes entrou por ali e bateu firme”. Outro gol emblemático, outra finalização perfeita e outra comemoração eterna, agora para a filha Livia, de três meses de idade. “Se é final, sempre apareço para conferir. Nunca me senti tão predestinado como nesta decisão” falou depois Nunes. Sim, Nunes era predestinado.

No dia seguinte, Telê anunciou a lista dos pré-convocados para a Copa de 1982, com Nunes. Infelizmente, como em 1978, Nunes se machucou antes do torneio e foi cortado. Meu ataque de sonhos para 1982 era Reinaldo e Roberto Dinamite. Mas talvez com Nunes na frente do ataque, o Tetra na Espanha teria sido realidade. Nunes não jogou mais com a Seleção, onde fez 8 gols em 13 jogos entre 1978 e 1980. Ótimos números.

Nunes foi emprestado ao Botafogo em 1983 e voltou ao Flamengo em 1984 onde de novo fez gols, o último justamente contra o antigo clube do Botafogo, com assistência de Bebeto. Foi a transição para uma outra geração de ouro, que ia ser tetracampeão brasileiro em 1987. Nunes ainda jogou no Náutico, no Santos, no Atlético Mineiro e até no Portugal, no Boavista. Mas o bom filho a casa torna e Nunes voltou ao Flamengo, justamente para a Copa União 1987. Não fez gol em 8 jogos, mas ainda assim, é tricampeão brasileiro pelo nosso Mengo. Com o Manto Sagrado, jogou 214 partidas e fez 99 gols, muitos muito importantes. Em fim de carreira, ainda jogou no Flamengo EC, em Varginha no Minas Gerais. O Artilheiro das Decisões era muito Flamengo.

Para fechar, duas lembranças mais pessoais. Com a Fla Paris, tinha oportunidade de comprar camisas autografadas de jogadores do Flamengo: Júnior, Raul Plassmann e Nunes. Comprei apenas a do Nunes, a branca do Mundial de 1981, com o nome Nunes e a camisa 9, a camisa da eternidade e da glória eterna. Outra lembrança foi na sede da Gávea, quando fui entrevistado pela Júlia Corson, que depois me ligou para me dizer que Nunes estava aqui e que eu podia o encontrar. Falei um pouco com o Artilheiro das Decisões e tiramos fotos. Estava perto de um ídolo eterno da Nação.

Zinho

Crônica #11 publicada originalmente no 4 de março de 2023



A camisa 11 é um pouco menos emblemática do que a 9 ou a 10 no Flamengo, mas também é cheia de história. A escolha óbvia era Romário, que brilhou durante muitos anos com a camisa 11. Brilhou não só com a camisa 11 no Flamengo, até fez história nos clubes rivais, mas com o Manto Sagrado, foram muitos muitos gols, 204 exatamente, muitas artilharias e um pouco menos de títulos. Outro ídolo do coração é Renato Abreu, artilheiro durante muitos anos do Flamengo no século XXI. Brilhou quando comecei a assistir aos jogos, brilhou no meio do campo, com raça e carisma, brilhou fora da área, com muitos gols de falta. Romário e Renato Abreu são ídolos do Flamengo e terão um dia a crônica deles aqui. Mas hoje eu vou de um outro ídolo camisa 11, Zinho.

Zinho, ou Crizam César de Oliveira Filho de nome completo, nasceu no 17 de junho de 1967 no estado de Rio de Janeiro, em Nova Iguaçu. Craque de casa, estreou com o Manto Sagrado no campeonato carioca 1986 e logo já se tornou campeão pelo Flamengo. O ano seguinte, em 1987, foi pura magia, quando ganhamos a Copa União. Foi um dos times mais fortes da história do Flamengo, com antigos craques como Zico, Andrade e Leandro e a nova geração, com Zinho, Leonardo e Jorginho. E entre as duas

gerações, um jogador diferenciado, que jogou muito nesse ano, Renato Gaúcho. Um time cheio de craques, com muitos jogadores tetracampeões em 1994 e apenas um titular que nunca jogou na Seleção, mas jogou muito com o Manto Sagrado, Aílton. Um título muito marcante, que alguns podem desmerecer se quiseram, mas que vale ouro, com um time de ouro.

Em 1988, o canhoto Zinho fez um golaço contra o Atlético Mineiro na Copa União. Uma matada da bola alta, uma caneta entre as pernas de Carlão e um chute cruzado entre as pernas de um outro defensor, um golaço. Em 1989, foi convocado pela primeira vez na Seleção, num amistoso contra Equador. E os títulos voltaram com o Flamengo, a Copa do Brasil de 1990 e o campeonato carioca 1991. Zinho agora fazia a ligação entre os jovens da base e os craques mais consagrados. Marquinhos, Djalminha e Marcelinho de um lado, e do outro, Gilmar Rinaldo, Wilson Gottardo e Gaúcho, e claro, o mestre, o Vovô-Garoto Júnior. Na final do Brasileirão, contra Botafogo, Zinho foi o craque do primeiro tempo no jogo de ida. Inclusive, foi ele que provocou a falta eternizada pelo Júnior. No 19 de julho de 1992, doze dias depois de meu nascimento, Zinho se tornava bicampeão e, no aniversário da mãe, cedia a faixa de campeão para ela. Um craque dentro e fora dos campos.

Era a hora de sair do Flamengo e Zinho foi no supertime do Palmeiras da Era Parmalat. Foi campeão brasileiro mais duas vezes, completando um tricampeonato consecutivo que poucos fizeram. Também foi bicampeão paulista e ganhou o Torneio Rio – São Paulo 1993. Em 1994, foi nos Estados Unidos para ser mais uma vez tetracampeão, agora com a Seleção de Romário, a quem cedeu a sua camisa 11 para pegar a 9. Zinho foi criticado pela falta de apoio ofensivo numa seleção bem organizada e defensiva. “Vendo o povo na rua, louvei a Deus. Essa Copa não foi boa para minha carreira, mas tenho certeza de que dei a minha contribuição para a conquista do título. Dar essa alegria ao povo foi muito mais importante do que os interesses profissionais e a reputação do Zinho” falou Zinho sobre

a recepção da torcida no Brasil no livro Quem venceu o tetra escrito pelo Alex Dias Ribeiro e que fala sobre a história dos Atletas do Cristo, de quem Zinho faz parte. E sim, hoje Zinho é lembrado como tetracampeão, como campeão de tudo.

Depois, Zinho seguiu o caminho aberto pelo Zico e foi jogar no Japão, no Yokohama Flügels. Voltou ao Palmeiras, tempo de ganhar ainda mais títulos, uma nova Copa do Brasil e títulos continentais, a Copa Mercosul de 1988 e ainda mais, a Copa Libertadores 1999. Um supercampeão. No Grêmio, ganhou em 2001 a Copa do Brasil e o campeonato gaúcho. Depois, foi reserva do Alex no Cruzeiro de 2003, que conquistou a tríplice coroa inédita, o campeonato mineiro, a Copa do Brasil e o Brasileirão. No jogo do título do primeiro campeonato da era de pontos corridos, Zinho substituiu um Alex suspenso e jogou muito na vitória contra Paysandu. Com esse pentacampeonato pessoal, igualou-se como maior vencedor do Brasileirão a outro craque do Flamengo, Andrade.

Zinho ganhou tudo, mas para ter uma carreira completa, precisava voltar ao Flamengo. E 18 anos depois do primeiro título carioca, Zinho voltou a ser campeão com o Maior do Rio em 2004, jogando no meio de campo com outros craques, Ibson e Felipe. Em 2005, entrou em conflito com Cuca e saiu do Flamengo. 2005 também foi o ano que comecei a acompanhar o Flamengo, mesmo de longe, mesmo com poucas informações, mas com muito coração. Não tenho lembranças do Zinho com o Manto Sagrado, mas lembro da camisa desse ano, então Zinho é o craque da época antiga que me sinto próximo, quase como se tinha o visto jogar em campo. Depois, ainda jogou no Nova Iguaçu, o time de sua cidade de nascimento, e encerrou a carreira nos Estados Unidos, no Miami, com 40 anos.

Zinho era esse jogador carismático, com essa mecha de cabelos brancos e sobretudo com muitas qualidades, um pé canhoto brilhante, um jogador que podia fazer tudo, defender e atacar, recuperar a bola nos pés adversários, avançar no campo, fazer o drible, dar a

assistência ou fazer o gol. Só com o Flamengo foram 470 jogos, 247 vitórias, 121 empates, 102 derrotas e 63 gols. E, talvez ainda mais impressionante, ao longo de uma carreira de 20 anos, ganhou 29 títulos, quase a metade com nosso Flamengo.

E para fechar, vale dizer que Zinho é o padrinho do meu tão amado consulado Fla Paris, onde ele deixou vários vídeos e mensagens para apoiar campanhas de ajuda do consulado, na França e no Brasil. Obrigado por isso Zinho, e obrigado para tudo que fez com o Manto Sagrado.

Romário

Crônica #15 publicada originalmente no 22 de abril de 2023



Romário é o ídolo de uma geração. Para quem assistiu a uma Copa do Mundo pela primeira vez em 1994, difícil não ter Romário como maior ídolo. Uma pena que a Bola de Ouro só se abriu aos jogadores não-europeus em 1995 porque a de 1994 era dele. Minha primeira Copa do Mundo foi em 1998, aquele Copa que Romário foi injustamente descartado. Acho que com ele o Brasil poderia ter ganho a Copa. Mas enfim, mesmo assim, Romário é meu ídolo.

Relembro que na frente de minha bicicleta quando era criança, eu tinha colado a figurinha Panini de Romário. Na época, Romário ainda jogava, mas longe de meus olhos de criança que só tinha a televisão e revistas francesas para ter notícias sobre o futebol. Romário jogava em vários clubes, até vários continentes. Jogou no Brasil, Catar, Estados Unidos, Austrália. Longe, muito longe. Mas mesmo assim, Romário era meu ídolo. Eu tinha uma cassete VHS sobre as Copas do Mundo, e Romário me maravilhou com seu futebol maravilhoso. Tinha classe, habilidade e era goleador.

Em 2005, comecei a acompanhar o futebol brasileiro de clubes na Internet. Romário tinha 39 anos, mas ainda era o maior artilheiro do Brasileirão, na frente de Carlos Tévez. E continuou a jogar quando

comecei a assistir aos jogos. Jogava no Vasco, mas mesmo assim, era meu ídolo. Tinha esse objetivo do gol 1000, e apesar de ter jogos duvidosos na conta, ele conseguiu essa marca, como Pelé, num pênalti, como Pelé. Foi um grande momento para a história do futebol brasileiro e gostei de acompanhar essa época.

Romário jogou durante mais de 20 anos, então já é ídolo de uma ou duas gerações. E com o futebol que ele tinha, foi também ídolo dos mais velhos, de quem já tinha visto vários craques em campo, mas ninguém tão matador do que Romário na grande área. E para quem não acompanhou essa época, mas tinha cassete VHS ou ainda tem YouTube, Romário pode ser ídolo, modelo como centroavante. E não foi só o artilheiro da grande área, o Baixinho sabia fazer tudo com a bola, na grande área e no meio de campo, o gol e o passe, o drible e a finta. Romário deu ao Brasil o Tetra depois de 24 anos de espera e desespero. E seis meses depois, voltou no Brasil, no Maior do Mundo, Flamengo. Ainda hoje parece incrível que Romário, com tudo que ele jogava no Barcelona, voltou no Brasil, com 28 anos de idade, em plena auge. Mas a saudade do Rio e a vontade de vestir o Manto Sagrado foram maiores.

Romário chegou no Flamengo que tinha um time limitado e muita instabilidade. Chegou como já ídolo da Nação, que queria um título para comemorar o centenário do clube. Mas a diretoria errou feio, se focalizou em ter o “melhor ataque do mundo”, quando era melhor contratar bons jogadores em todas as linhas para acompanhar a dupla Sávio – Romário. Mesmo assim, Romário fez muito com o Flamengo. Foram muitos gols, artilharias, jogadas de gênio, e também, polêmicas, faz parte do personagem. Deveria ser muito bom para quem cresceu como flamenguista na década de 1990 de ter Romário como ídolo. Gênio da grande área como ele era, é possível para o pequeno garoto, mesmo numa casa pequena, cheia de móveis, com uma bola de papel ou de meia, imaginar ser Romário, fazer um gol como Romário.

Romário tem a alma de carioca. Quando Adriano é o carioca da favela, da Zona Norte, Romário, apesar de também crescer na Zona Norte, é carioca mais geral. Festa, praia, samba, mulherada, irreverência. Romário também é ídolo para isso, essa liberdade de ser do brasileiro e ainda mais, do carioca. Romário se colocava acima dos clubes onde ele jogava, criticando até Zico quando ainda jogava no Flamengo. Já falei que para mim isso é a característica do anti-ídolo. Mas Romário talvez é a exceção disso. Por isso que ele é ídolo no Flamengo e também no Vasco. Não maior ídolo, mas ídolo, porque tem que aceitar Romário como ele é, com as polêmicas, a irreverência e a arrogância. Porque no campo, mesmo depois de uma noite sem dormir, ele vai resolver, fazer o gol da vitória, com um toque de gênio só.

Acho que outro erro da diretoria do Flamengo, depois de não construir o time em função de Romário, foi de liberar o contrato do Baixinho por mais uma festa, depois da eliminação no Brasileirão 1999. Romário perdeu a oportunidade de jogar uma final continental com o Flamengo, a Copa do Mercosul de 1999, que ele jogou, e venceu, um ano depois com Vasco. Romário merecia esse título com o Flamengo, ele merecia grandes campanhas na Libertadores ou no Brasileirão, e apesar de todos os gols, fica essa dor de não ter um time melhor quando Flamengo tinha um dos melhores jogadores do mundo. Finalmente, as melhores lembranças são os gols, o mais emblemático, o gol contra o Corinthians, com um elástico sobre Amaral, que até hoje procura a bola.

Para fechar, acho que Romário é subestimado na Europa. Na hora de definir o melhor centroavante da história, Gerd Müller, van Basten e Ronaldo são mais lembrados quando no Brasil, o debate é sobre quem foi melhor entre Ronaldo e Romário. Eu não sei escolher, acho que Ronaldo é um pouco mais na frente, mas prefiro a carreira do Romário, mesmo jogando tanto no Vasco. Porque prefiro a liberdade e o jeito carioca de Romário, prefiro jogar no Flamengo do que recusar o Flamengo, prefiro fazer 204 gols em 240 jogos com o

Manto Sagrado, ser ídolo da Nação, ídolo das crianças e dos idosos, da Zona Sul e da Zona Norte, eu prefiro, sempre, como Romário, ser ídolo do Flamengo.

Sávio

Crônica #3 publicada originalmente no 23 de setembro de 2022



O Sávio é um ídolo de uma geração no Flamengo. Comecei a acompanhar o Flamengo de perto entre 2005 e 2006, meu primeiro ídolo foi Obina. Mas para quem começou a acompanhar o Flamengo em 1994, o nome de Sávio como primeiro ídolo é evidente.

Sávio Bortolini Pimentel nasceu no Espírito Santo no 9 de janeiro de 1974, e em 1988, com 14 anos, já era do Flamengo. Torcedor do clube, foi observado pelo Flamengo num torneio em Vitória: “No meio tempo, o meu pai disse que o diretor do Flamengo me pediu. Eu falei: ‘Pai, pelo amor de Deus é meu sonho’. Em 92, eu subi e o saudoso Carlinhos, que eu sempre tive um carinho grande, me efetivou no profissional. Eu participei de todo processo. Tinha o Júnior, o Zinho e outros craques”, relembra Sávio para Colonudofla. Começou no Flamengo, com o coração já flamenguista.

O ano de revelação foi 1994 com um dos melhores jogos, não só de Sávio, mas de um jogador com a camisa do Flamengo, o 2x0 contra Palmeiras no Maracanã. Nesse momento, Sávio já era da Seleção, estreando contra a Islândia. Ele tinha habilidade e muita classe, ao ponto de ser comparado ao Zico. Apenas isso. Chegou a ser nomeado Diabo Loiro, mas depois virou eternamente Anjo Loiro. Sávio

explica: “Anjo ou Diabo Loiro? Hoje é Anjo. Quem me deu esse apelido foi o Januário de Oliveira, um dos maiores narradores do futebol brasileiro. Tinha bordões incríveis, improvisos muito legais. Teve um momento no Carioca, acho que em 94, que eu fiz gol e ele disparou ‘Diabo Loiro da Gávea’. Mas a avó da minha esposa é muito católica, e o ‘Diabo’ incomodava muito ela. Ela dizia: ‘Sávio, eu sei que é com carinho, mas eu não gosto desse apelido!’. Ela se encontrou com o Januário uma vez, foi pedir pra ele, ‘não chama mais meu Savinho de Diabo? Pra mim ele é um anjo!’. E, no jogo seguinte, eu fiz o gol e ele trocou o meu apelido pra Anjo Loiro da Gávea”.

Em 1995, se firmou na Seleção e buscava um título com o Mengão, ano do centenário. Sávio foi artilheiro da Copa do Brasil, fazendo um jogo eterno contra o Grêmio mas Flamengo foi eliminado pelo próprio Grêmio nas semifinais. Flamengo também não ganhou o campeonato carioca, não ganhou o Brasileirão, não ganhou a Supercopa Libertadores. Sávio merecia um título esse ano, Flamengo merecia um título. Um time que tem Sávio e Romário no ataque é um pesadelo para os adversários. Acho que contratar Edmundo foi um erro. Um time que tem Edmundo e Romário no ataque juntos é um pesadelo para o próprio time. O Flamengo ganhou nada no ano do centenário e Edmundo saiu. Sávio falou depois sobre essa época, mostrando que ele era muito flamenguista, nunca se colocando acima do clube, que é a qualidade indispensável do verdadeiro ídolo: “Criaram essa coisa de melhor ataque do mundo e isso sempre atrapalhou. Era realmente um grande ataque, mas o resto do time era muito fraco. É só pegar o elenco e olhar. Além disso, era muita bagunça. O fracasso em campo era apenas um reflexo de tudo que acontecia do lado de fora. Todo mundo via aquela zona. Não tinha como dar certo. As principais peças do time não entendiam que a instituição Flamengo estava acima dos interesses pessoais. Era muita vaidade, muita individualidade. O ego atrapalhou o que o time tinha de melhor”.

Flamengo voltou a ganhar em 1996, Sávio sempre jogando bem. Foi campeão invicto do campeonato carioca, com 18 vitórias e 4 empates, inclusive o jogo do título, um 0x0 contra Vasco. Conquistou também a Copa de Ouro, um torneio organizado pela Conmebol, que convidou quatro times: Rosário Central, Grêmio e São Paulo também participaram. Na final, Flamengo venceu São Paulo 3x1, com três gols de Sávio. Apenas isso. Mas a Taça foi levantada em Manaus, na frente de apenas 4.680 torcedores e o título não faz parte das grandes conquistas da história do Flamengo.

Quem faz parte da história do Flamengo é o próprio Sávio. Jogou ainda em 1997, onde fez um jogo eterno contra o Real Madrid, sendo decisivo nos três gols da vitória por 3x0. Sávio jogou tão bem que acabou contratado pelo Real Madrid. Minhas lembranças de criança apaixonado pelo futebol com Sávio começaram nesse momento. Eu era fã do Real Madri, virei fã do Sávio, que virou tricampeão da Liga dos campeões, campeão mundial em cima do Vasco. Eu ainda tive o prazer de ver ele jogar na minha França, no Bordeaux. Não me marcou tanto que outros jogadores brasileiros do campeonato francês, mas o que me marcou já nessa época era a classe dele em campo. Futebol virava uma coisa delicada com ele.

Voltou ao Flamengo em 2006, mas eu não me lembro muito, até porque jogou pouco. Mas no seu jogo de volta, contra Goiás, fez uma jogada para provocar uma falta, de onde saiu o único gol da partida, marcado pelo Obina. O ciclo dos ídolos estava completo. Faltava fechar o ciclo do Sávio no Flamengo, o que foi feito numa vitória 3x0 contra o Corinthians em 2006. Foram 95 gols e 261 jogos com o Manto Sagrado. Na Seleção, também conquistou uma Copa de Ouro em 1996, fazendo dois gols durante o torneio. Por causa da concorrência absurda da época, não disputou uma Copa do Mundo mas foi medalha de bronze nos Jogos Olímpicos, também em 1996. Na seleção principal, foram 6 gols e 24 jogos, mas foi com a camisa rubro-negra que Sávio fez história, sendo o ídolo principal da

geração 94, encantada pela classe dele e o futebol mágico que saía de seus pés. Sávio, o Anjo loiro, para sempre.

Petkovic

Crônica #14 publicada originalmente no 9 de abril de 2023



Eu queria associar o número das crônicas ao número da camisa dos jogadores, e hoje a camisa 14 no Flamengo é quase sinônima de camisa 10, é camisa de craque, é camisa de gringo, é camisa do Arrasca. Mas prefiro esperar o fim da trajetória do Arrasca com o Manto Sagrado para escrever a crônica dele, então vou de outro gringo. E para mim, tem dois maiores gringos da história do Flamengo, com todo o respeito aos Doval, Reyes, Gamarra & Cia., os dois maiores gringos são Arrascaeta e Petkovic. Então hoje eu vou de Petkovic.

Dejan Petkovic nasceu no 10 de setembro de 1972 na Iugoslávia, hoje na Sérvia. Estreou no campeonato iugoslavo com apenas 16 anos e depois foi jogar num dos maiores clubes do país, o Estrela Vermelha. Brilhou no estádio do clube, que tem como apelido o... Marakana. Petkovic brilhou, e foi num dos maiores clubes do mundo, o Real Madrid. Mas fez poucos jogos, apenas 5 jogos da Liga em duas temporadas. E no início da temporada 1997-1998, jogou no Troféu Cidade de Palma de Mallorca, o mesmo torneio onde Flamengo atrapalhou o Real Madrid na semifinal com um show de Sávio e uma vitória 3x0. E no jogo do terceiro lugar, o sérvio reserva Petkovic jogou e fez 2 gols contra o brasileiro Vitória e ainda deus

duas assistências. E em seguida, foi emprestado no Vitória, sendo um dos muitos poucos europeus a jogar no Brasil. O raciocínio de Petkovic era simples: se muitos brasileiros conseguiam ir na Europa depois de brilhar no Brasil, podia ser o caso dele também. E deu certo.

Petkovic, com toda sua classe de camisa 10 e sua raça de europeu do Este, se tornou ídolo do Vitória, sendo artilheiro da Copa do Brasil de 1999, junto com Romário. E voltou na Europa, no Veneza. Mas sua história agora era outra. Voltou no Brasil, num dos maiores clubes do mundo, Flamengo. Começou de maneira quase perfeita, jogo contra Santos num Maracanã cheio, um golaço para abrir o placar e uma assistência num escanteio de um canto que será eternizado pelo próprio Pet alguns anos depois. Fez alguns bons jogos depois, fez um gol perfeito: no Maracanã, contra Fluminense, de falta. Mas depois foi no banco e não participou da final do campeonato carioca 2000, onde Flamengo conquistou o bicampeonato contra Vasco. E um dos maiores técnicos do Brasil, Zagallo, chegou no banco, e o futebol de Petkovic cresceu. E para os supersticiosos, como Zagallo, ligado para sempre ao número 13, campeão em 58 ($5+8=13$), campeão em 94 ($9+4=13$), o nome “Dejan Petkovic” tem 13 letras.

Zagallo viu as qualidades de craque de Petkovic e fez dele seu camisa 10. Petkovic era titular quando não estava lesionado, e se inscreveu na eternidade no 27 de maio de 2001 quando escreveu uma das maiores páginas da história do Flamengo. Flamengo precisava de uma vitória de 2 gols de diferença para ser tricampeão carioca, em cima do Vasco. Vasco era o campeão brasileiro, agora tinha Romário no elenco e parecia o favorito antes do jogo, e durante o jogo, até o minuto 43 do segundo tempo. E uma falta perfeita de Petkovic para um dos gols mais icônicos do Flamengo. Bola na gaveta, Flamengo tricampeão. “Eu queria que o mundo parasse naquele momento” falou Petkovic. Não sei se o mundo parou, mas o coração dos flamenguistas sim.

Só com esse gol, Petkovic se tornou um dos maiores ídolos do Flamengo. E ainda mais, deixou uma homenagem a Nosso Rei: “Tenho certeza de que o Zico está orgulhoso. Ele sabe que a 10 que ele tanto consagrou hoje foi honrada”. Zico estava orgulhoso, como todos os flamenguistas, orgulhosos de torcer pelo Maior do Mundo, orgulhosos de ter como ídolo um sérvio que entendia o que era Flamengo. Ainda Petkovic sobre esse gol eterno: “É algo que nunca saíra da minha memória. Se não fosse aquela falta, eu não estaria na história do Flamengo”. Aí discordo, porque mesmo sem esse gol, Petkovic está na história do Flamengo, com dribles curtos, passes mágicos, canetas, golaços de falta, até gols olímpicos. E uma volta de sonho, que nenhum romancista podia escrever. Só Petkovic escreveu sua própria história.

Petkovic voltou ao Flamengo em 2009. Entre o gol eterno do minuto 43 e a volta, comecei a acompanhar muito mais o Flamengo, a conhecer a história do clube de meu coração. E em 2009, eu já sabia do gol de Pet contra Vasco, já sabia da trajetória do ídolo. Na escola do Flamengo, o gol de Pet é ensinado no ensino fundamental, no primeiro ano, junto com o Flamengo 3x0 Liverpool de 1981. E o gol de Pet passou a ser o gol que mais assisti no YouTube. Acho que não tem outro gol que vi tantas vezes. Talvez o gol de Gabigol no Milagre de Lima, mas o gol de Pet tem alguns anos de avanço. Nunca parei de me maravilhar com a trajetória da bola, que vai morrer nas redes do vascaínos, para matar os vascaínos de desespero, matar os flamenguistas de alegria.

E Pet logo se tornou um dos meus maiores ídolos do Flamengo, daqueles que não tinha visto ao vivo. Acho que depois de Zico, ele tinha o segundo lugar de meu coração. Petkovic é ídolo dos flamenguistas pelo tudo que fez em campo, pelo gol eterno contra Vasco, mas tem uma coisa a mais com Petkovic: ele é europeu. Sérvio sim, aqueles que às vezes são chamados de brasileiros da Europa, mas ele faz parte de um clube onde só tem o nome dele. O clube dos europeus que tiveram sucesso no Brasil numa época onde

muitos jogadores brasileiros sonhavam, muitos até realizavam esse sonho, de jogar na Europa. Essa particularidade, além do nível dele em campo, lhe dá essa idolatria, para os brasileiros, e ainda mais para mim, europeu, que gosta de jogar com a camisa 10, dar bons passes ou bons dribles. Adriano para o garoto da zona norte de Rio, Petkovic para mim.

E Pet voltou no Flamengo, com a camisa 43, como o minuto do jogo que o eternizou no Flamengo. Difícil de voltar num clube onde o jogador é ídolo, e muitas vezes, a volta não é do mesmo nível do que a primeira passagem, ainda mais com uma passagem de um nível tão alto. A volta de um ídolo é cheia de esperanças e às vezes vira desespero, frustração. Com Petkovic, foi o contrário. Escreve Paschoal Ambrósio Filho no livro 6x Mengão: “Logo após o empate com o Avaí, veio o segundo acontecimento marcante da campanha do hexa. No dia 19 de maio, o presidente em exercício do Flamengo, Delair Dumbrosck, contratou o meia Dejan Petkovic, então com 36 anos, herói do tri carioca de 2001, para resolver uma antiga briga na Justiça do Trabalho. O Flamengo devia muito dinheiro a ele e Delair encontrou uma fórmula que poria fim à pendência financeira. Muita gente teve que engolir o retorno do craque. Uns diziam que ele era ‘um ex-jogador em atividade’. A volta de Pet gerou uma crise na Gávea. O vice de futebol, Kléber Leite, pediu demissão do cargo e deixou o clube. O técnico Cuca também era contra o retorno”.

Na verdade, não lembro bem de como acolhi a volta de Petkovic. Com felicidade certamente, mas sem muita esperança depois das passagens dele sem muito destaque no Santos e no Atlético Mineiro. Eu estava muito mais animado com outra volta, de Adriano, depois da traição de Ronaldo Fenômeno. E no início Petkovic não jogou, ou muito pouco, saindo às vezes do banco por alguns minutos. E outro ídolo voltou, agora Andrade, no banco. E Petkovic saiu do banco, e jogou, jogou muito. Deu dribles, deu passes, deu carrinhos, deu assistências. Fez gols, golaços, gols olímpicos. Seu jogo contra Palmeiras é uma das maiores atuações de um jogador de toda a

história do Flamengo. Em 2009, Petkovic deu a torcida esperança e sonhos, deu uma certeza de felicidade, uma alegria sem fim.

E teve o gol de Angelim, no escanteio que o Pet cobrou. O Flamengo era campeão, hexacampeão e Pet era mais uma vez um dos heróis do título: “Dizem que minha chegada levantou o grupo, mas foi o contrário. Foi esse grupo que me levantou e me fez seu líder em campo. É fácil ser líder com o respaldo de um grupo de guerreiros. Dizem que sou velho, sinto orgulho em ser comparado com o Júnior, que comandou o Mengo no título de 1992, com 38 anos de idade. Posso ser velho na idade, mais ainda sou muito jovem na força de vontade. O Flamengo merece ser campeão todo ano. Essa torcida merece”. A comparação com Júnior tem muito sentido, eles conseguiram fazer o que pouco fizeram: voltar no Flamengo para melhorar uma história já perfeita, escrever um último capítulo ainda mais incrível.

Hoje, eu acho que por causa dos títulos e do nível em campo, Arrascaeta ultrapassou Petkovic como maior gringo da história do Flamengo. Mas, mesmo sendo muito difícil, acho que pode aparecer um outro Arrasca no futuro, como ele pode ser visto como um outro Doval, apesar das diferenças entre os dois. Agora Petkovic, com toda a grande história e as pequenas histórias, nunca vai ter outro igual. Em dois períodos distintos, com 57 gols e 198 jogos, com 2 campeonatos carioca e um Brasileirão, com momentos eternos em 2001 e 2009, Pet deu todo o brilho ao Flamengo que o clube merece, e virou imortal.

Adriano

Crônica #4 publicada originalmente no 30 de setembro de 2022



Essa crônica é um pedido de meu amigo Kevin, também flamenguista roxo, também francês, também membro da Fla Paris. Mas claro, Adriano ia ter sua crônica no francesguista. Porque é ídolo demais do Flamengo.

Descobri Adriano quando jogava no Parma. Nessa época, não sabia que ele tinha começado no Flamengo. Ele estava emprestado pelo Inter, onde jogava meu primeiro ídolo no futebol, Ronaldo. Jogava é uma palavra forte, porque as lesões não paravam de acontecer, e quase parecia que ele estava aposentado. Eu estava privado de um ídolo. E tinha Adriano, com muitas semelhanças, de físico e de futebol. Habilidade, velocidade e claro, potência, ainda mais do que o Fenômeno.

Vibrei com Adriano na Seleção em 2004 e 2005, e ele me impressionou com a camisa do Inter. Não era Ronaldo para mim, mas era um de meus jogadores favoritos. E mais, agora, eu sabia que ele era cria daqui, que tinha ganhado alguns títulos com o Manto Sagrado, como o campeonato carioca em 2000 e 2001.

Em 2009, Ronaldo quase foi no Flamengo, falarei desse momento num outro dia. Porque hoje é dia de Adriano. Em 2009, Adriano foi convocado com a Seleção no Brasil e nunca voltou na Itália. Teve rumores de desaparecimento, Adriano era alcoólatra, era drogado, era traficante, era morto. Mas Adriano era bem vivo e saiu do silêncio: “Resolvi dar um tempo na minha carreira, pois perdi a alegria de jogar. Não sei se vou parar dois ou três meses, para repensar minha carreira. Não gostaria de voltar a Itália. Lá a pressão é muito grande. Quero viver em paz, aqui no Brasil. Estou fazendo isso pensando em minha felicidade”. Adriano estava em paz, no Brasil, num lugar onde não tem tanta paz, Vila Cruzeiro, mas Adriano estava em casa, pronto a ser feliz.

E Adriano voltou na outra casa, a casa do Mengão. Ele não tinha outra opção: “Se eu for jogar no Brasil, tem que ser no Flamengo. Senão a minha avó me mata!”. Acho que nós flamenguistas temos essa vantagem sobre os outros torcedores, Adriano é nosso. Imperador para eles, Didico para nós. Adriano é a identificação do torcedor rubro-negro, quando tem gol do Didico, tem festa na favela, em dose dupla. Adriano é esse Flamengo que eu gosto, o Flamengo raiz, humilde, feliz com as coisas simples da vida. Na apresentação, quase foi nas lágrimas falando da favela e do Flamengo, queria conquistar a sua felicidade, que aconteceu quando vestiu o Manto Sagrado, com um sorriso largo, profundo, sincero.

Adriano vestia de novo a camisa do Flamengo, estreando contra o Athletico Paranaense. Estreando no Maracanã, com um gol de cabeça. Festa no Maraca, festa na favela. “O Imperador voltou” cantou o Maraca, “O Didico é nosso” cantou a favela. No fim do jogo, Adriano estava feliz: “Foi muito importante fazer o gol. Não tem dinheiro que traga tanta felicidade. Recuperei a alegria de jogar, mas sei que ainda posso fazer muito mais. Vamos devagar e com humildade”.

Adriano fez muito mais no Flamengo em 2009. Golaços contra Inter, Coritiba, Santos, decidiu o Fla-Flu sozinho, gols de cabeça, de pênalti. Fez um ano histórico, e no fim, Flamengo campeão, depois de um jogo eterno contra Grêmio. O Hexa tem a cara do Adriano, Adriano tem a cara do Flamengo, do povo. Nesse momento, todo mundo estava feliz. Já Imperador, Adriano, com essa temporada de 2009, foi coroado como um dos maiores ídolos da história Flamengo.

Em 2020, Globo colocou Adriano como o 10º ídolo de toda a história do Flamengo. Eu tenho dificuldades para colocar nesse ranking os ídolos antigos, como Leônidas, Domingos, Zizinho, Dida, Carlinhos. Prefiro fazer um ranking a partir da Era Zico, com Zico no topo claro. Na 2ª colocação, como o número de sua camisa, Leandro. E depois, terceiro, acho que vou de Adriano.

Na final de Libertadores 2019, esse Milagre de Lima, teve um vídeo emocionante, o abraço entre Gabigol, Petkovic e Júnior, ídolos de três gerações. Mas teve um vídeo ainda mais emocionante para mim, não em Lima, mas no Rio, numa casa simples, Adriano, com amigos e familiares, chorando com a vitória do Mengão. Essas lágrimas são mais Flamengo do que qualquer declaração.

Por isso que Adriano é no meu top 3, ele é Flamengo. Gabigol, outro candidato possível ao top 3, tem ligação forte com a torcida, mas Adriano é a torcida, faz partes de nós. O Imperador pode ser Didico no Flamengo, um menino simples e humilde, que vibrou com o Flamengo e fez o Flamengo vibrar. Adriano não brilhou muito em 2010 e voltou em 2012, sem sequer jogar. Não foi sempre profissional, mas nunca desrespeitou o que é Flamengo.

Adriano parou de jogar em 2016, sonhou com uma volta no Flamengo, mas não deu. Mas Didico nunca saiu do Flamengo, sempre foi Flamengo, sempre foi favela. “Adriano não sumiu nas favelas. Ele apenas voltou pra casa” concluiu Didico no seu emocionante depoimento ao Players Tribune.

Na Europa, tem a ideia que Adriano hoje é arruinado, deprimido, que virou traficante. Acho que não é o caso, tem dinheiro, mas prefere ser feliz e ser ele mesmo em casa, no Vila Cruzeiro. É apenas o que eu desejo para ele, seja feliz Didico.

Obina

Crônica #1 publicada originalmente no 9 de setembro de 2022



A lista dos ídolos do Flamengo é grande, é gigante, tão gigante que o Flamengo é gigante. No topo, claro, Zico. Cada flamenguista tem sua própria lista, com nomes consagrados e nomes mais esquecidos. Cada flamenguista tem seu ídolo particular e nessa categoria também vou falar sobre jogadores mais comuns, talvez até perebas, mas que vestiram o Manto Sagrado.

Mas para começar essa categoria, nada de pereba, embora ele não esta também de grande habilidade. Meu ídolo particular, meu primeiro ídolo, foi ídolo da Nação. Tem o mesmo nome do que um dos meus maiores ídolos no futebol, o Garrincha. Manoel Francisco dos Santos para driblar na direita e cruzar para o gol de Manoel Brito de Filho, o Obina. Até escolher o nome de Manoel para meu filho faz sentido.

Comecei a acompanhar o futebol brasileiro de clubes em 2005. Antes, não faltava a paixão, faltava o acesso as informações. Tudo que eu podia ter sobre futebol de clubes brasileiros valia ouro. Relembro de uma matéria do Onze Mondial sobre o Vasco, relembro de algumas imagens do Telefoot sobre as pedaladas do Robinho em 2002, o gol de Fred em 3,14 segundos na Copinha em 2003, a briga

do Romário com um torcedor do Flu também em 2003. Poucas coisas, muitas poucas coisas. Única coisa que eu tinha do Flamengo era a figurinha do Edílson no álbum Panini da Copa de 2002, onde tinha o clube dele, o Flamengo, que não era mais o clube dele, mas não sabia disso. Adorava Edílson só porque achava que jogava no Flamengo.

Em 2005, com acesso à Internet, descobri o site Sambafoot, em francês, porque na época eu não falava português. O site falava mais sobre a Seleção e brasileiros jogando na Europa, mas tinha algumas informações sobre o futebol de clubes. Acompanhei assim o Mundial de clubes 2005 conquistado pelo São Paulo. Depois, comecei a arriscar a leitura em português no Placar com a ajuda de um tradutor online. Enfim, o Flamengo se aproximava de mim, eu me aproxima do Flamengo. Comecei a acompanhar os melhores momentos dos jogos, comecei a conhecer os jogadores.

Obina foi meu primeiro ídolo no Flamengo. Não tinha muita habilidade, mas tinha muita raça. Um carisma forte, uma identificação incrível com a torcida. Eu adorava Obina porque a torcida adorava Obina. Na verdade, acho que meu primeiro ídolo no Flamengo foi a própria torcida.

Mas Obina merecia toda essa idolatria. Fez gols decisivos, como na final da Copa do Brasil 2006 contra Vasco, que realmente foi meu primeiro título com flamenguista. Brilhou na decisão do campeonato carioca 2008 contra Botafogo. Mas não foram só os gols decisivos contra os rivais, Obina tinha uma coisa impalpável a mais, essa pequena coisa indescritível que faz a diferença entre um jogador comum e um ídolo. E Obina realmente era melhor do que Eto'o. Essa comparação não precisa de comparações, Obina era melhor do que Eto'o, fato, todo flamenguista sabe disso.

Obina saiu do Flamengo em 2009, depois de apenas um jogo no Brasileirão contra o Santo André. Suficiente para ser campeão

brasileiro, depois de ser vencedor da Copa do Brasil e tricampeão carioca. Depois, acompanhei a carreira dele com grande carinho, no Palmeiras, no Atlético Mineiro e no Bahia. Ainda hoje Obina é meu ídolo. Mas tinha esquecido que voltou no Flamengo em 2010, para apenas dois jogos, sem brilho. Fica outras memórias, por exemplo eu gostava do atacante nigeriano Obinna, só porque era um quase Obina. Em 2008, mudei a capa do jogo PES para ter uma especial do Obina. Na capa, na lombada, tinha só Obina.

Para fechar, só quero agradecer Obina, obrigado Manoel, para todas as alegrias com você me deu com o Manto Sagrado.

Renato Abreu

Crônica #18 publicada originalmente no 18 de junho de 2023



Eu comecei a acompanhar o futebol brasileiro e Flamengo em 2005 e apesar da situação difícil do Flamengo, o time estava muito bem servido de ídolos. Claro, o maior para mim era Obina, mas ainda tinha Zinho, Ibson e foi o ano da chegada de dois outros ídolos, Léo Moura e Renato Abreu.

Carlos Renato de Abreu nasceu no 9 de junho de 1978 em São Paulo e começou sua carreira em clubes de Santa Catarina, a começar pelo Marcílio Dias, onde foi expulso no seu primeiro jogo profissional. Jogou no Joinville, ainda no Santa Catarina, e depois voltou no futebol paulista, em União Barbarense e em seguida Guarani, onde, para seu primeiro jogo com o time, fez dois gols contra... Flamengo, no Maracanã, num 3x3 na Copa do Brasil de 2000.

Em 2001, Renato chegou no Corinthians, onde conquistou vários títulos, fez gol olímpico contra Palmeiras e, sem ser ídolo, chegou ao Flamengo em 2005. “Quando cheguei ao Flamengo, meu objetivo era vestir a camisa com o maior orgulho e carinho. Lembro que na primeira entrevista disse que eu não podia prometer títulos, mas que prometia vontade de vencer o tempo todo, brigar pela vitória, e isso não ia faltar nunca” falou Renato Abreu em 2013 para GloboEsporte.

Por causa da presença do jovem Renato Augusto no elenco, Renato virou Renato Abreu. E ainda mais, virou ídolo. Camisa 11, Renato Abreu fez seu primeiro gol com o Manto Sagrado num clássico contra Botafogo no campeonato carioca. O segundo, contra Friburguense, veio de pé direito, o terceiro, contra Coritiba, veio de uma falta de longe, de um chute de pé esquerdo. As faltas foram a principal característica do Renato Abreu. Por isso, e para sempre, é ídolo do Flamengo.

Impressionante o número de grandes batedores de falta no Brasil. Didi, Pelé, Pepe, Rivelino, Nelinho, Marcelinho, Rogério Ceni, Juninho Pernambucano, Ronaldinho Gaúcho e claro, obvio, Zico. Mas, tem uma coisa evidente, no Brasil, e no mundo inteiro também, o grande batedor de faltas teve a tendência de sumir nos últimos anos. Então Renato Abreu é um dos últimos sobreviventes, faz parte de uma espécie em vias de extinção. Uma falta para o Flamengo na época do Renato Abreu tinha muito mais emoção do que hoje, por causa do Renato Abreu. E qualquer falta, Renato Abreu podia fazer gol de falta de 16 até 40 metros de distância.

Mas Renato Abreu não foi só faltas. Podia recuperar a bola nos pés do adversário, tinha boa técnica, podia fazer passes na frente e claro, podia chutar de longe. Não foi só faltas, foi também chutes de longe, só gols. Era o coração do time e ele foi uma das únicas satisfações do Flamengo em 2005, sendo artilheiro do time, mesmo jogando no meio de campo. E em 2006, de novo ele foi artilheiro do time, com a marca impressionante de 19 gols. E mais, ele fez contra São Caetano um duplete com dois gols de falta. E ainda mais, contra Fluminense, quando Flamengo estava num jejum de dois anos e meio sem vitória no Fla-Flu, Renato Abreu fez, de novo, dois gols de falta e Flamengo goleou. E mais importante, Renato Abreu foi artilheiro do Flamengo na Copa do Brasil, fazendo na semifinal o gol da virada contra Ipatinga, vencendo a final contra Vasco. Agora, Renato Abreu não era mais só coração do time, só artilheiro, era também, par a eternidade do Clássico dos Milhões e

para os 35 milhões de flamenguistas, campeão nacional com o Flamengo.

Comecei a acompanhar o futebol brasileiro em 2005 mas realmente comecei a assistir aos melhores momentos de todos os jogos do Flamengo em 2007. Então, o campeonato carioca 2007 foi minha primeira competição mais ou menos ao vivo, e adorei, do início até o fim. Quase todos os jogadores do time viraram meus ídolos., ao menos durante um momento. Bruno, Léo Moura, Ronaldo Angelim, Juan, Claiton, Renato Augusto. E Renato Abreu. A final contra Botafogo foi surreal, um Maracanã lotado, cheio, pronto para se inflamar. E Renato inflamou o Maraca, com um gol de pênalti e uma comemoração do Urubu-Rei que o inscrevia ainda mais na galera dos ídolos rubro-negros, uma comemoração que o eternizava no Flamengo. Vale a pena ler as lembranças de Renato Abreu sobre o Urubu-Rei: “Sempre gostei das comemorações do Viola. Sempre. Acho que era uma coisa que ele representava bem a alegria do torcedor em campo. Saímos comemorando quando marcamos o gol, mas não sabemos a dimensão daquilo para o torcedor lá em cima. Eu era muito torcedor de arquibancada. Ia sempre para os estádios torcer pelo Santos com meu pai e vibrávamos muito, de todas as formas. Nas peladas, a gente imitava o Viola. Quando cheguei no Flamengo, vi que o carioca, o Maracanã tinha muito isso. A geral, onde ficava todo mundo correndo, tinha muita gente fantasiada. Era anjinho, Popeye... Na véspera da final de 2007, contra o Botafogo, estava falando com minha esposa no telefone e pensei: ‘Poxa, queria fazer algo de diferente’. Tinha umas máscaras em casa para brincar com minha filha. Comprei de cachorro, ratinho, elefante, tigre, e tinha uma de galinha. Eu falei com ela: ‘Amor, pega aquela máscara de galinha, pinta de preto e faz uma de urubu para mim. Você é inteligente’. Ela cortou a crista da galinha, costurou, fechou e pintou. Como era de borracha, não tinha problema de colocar no calção. Ninguém estava sabendo. Fui para o estádio já com a máscara na cueca. Na hora de me trocar, botei a toalha, disfarcei, ajeitei e fui para o jogo pensando: ‘Vamos ganhar e vou fazer gol para ser

campeão e comemorar com a máscara’. O Botafogo fez 1 a 0, fez 2 a 0 e pensei: ‘Já era’. Até que tablei com o Souza pelo meio, driblei o goleiro e sofri o pênalti. Peguei a bola para bater o pênalti e pensei: ‘Não quero nem saber, vou comemorar como pensei’. Fiz o gol e botei a máscara. Renato Augusto ficou olhando assustado, o Souza... E vi que a galera levantou, incendiou o jogo, empatamos e fomos campeões nos pênaltis. Aí virou marca registrada. Lembro que subi na trave, comemorei o título, começaram a chamar de urubu, eu batia asa”.

Quatro dias depois da final, Renato Abreu brilhou muito no jogo de volta das oitavas de final da Libertadores, depois de perder 3x0 no jogo de ida contra Defensor. Como capitão, liderou o time e fez mais um dobrele, um chute de falta na gaveta para começar, e depois mais um golaço de fora da área, agora um chute com bola rolando, na gaveta de novo. Infelizmente, não foi suficiente e Flamengo foi eliminado apesar da vitória 2x0. Foi uma mistura de decepção e de orgulho, orgulho do Maracanã e do time, que lutou muito para a classificação que não veio. Renato ainda jogou alguns jogos do Brasileirão de 2007, fez mais um dobrele, contra Sport, de pênalti e de gol olímpico, o Rei das bolas paradas, de qualquer jeito, principalmente de faltas, o Urubu-Rei, Renato Abreu.

Infelizmente, Renato Abreu saiu do Flamengo nos meados do ano de 2007 para Al-Nasr, nos Emirados Árabes Unidos. Não relembro com certeza, mas acho que fiquei muito chateado com a saída dele, ainda mais para o Oriente Médio. Ainda descobria o futebol brasileiro e achava que todo mundo amava o Flamengo igual eu, que os dirigentes e jogadores estavam aqui para o Flamengo, apenas o Flamengo. A realidade é bem longe disso, e hoje entendo a escolha dele, mas não fui o único a ficar chateado, como fala o próprio Renato Abreu no GloboEsporte sobre a despedida dele da Gávea: “Chorei muito. Despedida é muito triste. Ainda mais quando se cria um laço de amizade forte no clube. E não só com jogadores, mas todas as partes. Roupeiro, massagista, dirigente, torcedor... Deixei

uma marca importante. Fiquei feliz porque todos também sentiram. Quando somos queridos, acabamos retribuindo de alguma forma. Além de deixar o país, o clube, deixei vários amigos. Lembro que uns três jogos antes de sair para os Emirados eu tive uma proposta do Bordeaux, mas ninguém sabia. Um repórter até comentou e eu respondi que não sabia de nada. No jogo seguinte, contra o Grêmio, o time estava muito mal e a torcida, não sei se estavam revoltados porque eu ia deixar o Flamengo, pegava no meu pé. Eu pegava na bola e me vaiavam”.

E finalmente, Renato Abreu voltou na Gávea, em 2010, com a ajuda de Zico, na época diretor de futebol do Flamengo. A segunda passagem, como acontece muitas vezes, foi menos convincente, mas o Urubu-Rei, agora proibido de fazer essa comemoração, o futebol virando cada vez menos engraçado, ainda fez alguns bons jogos e foi um líder do time, até podia orientar a maior estrela da época, Ronaldinho. De novo Renato Abreu, sobre um gol do Bruxo contra o Galo: “Lembro que ali ele fez um gol e a torcida pegava muito no pé dele há alguns jogos. Não tinha aquele laço de amizade tão forte com o Ronaldinho, mas é um cara totalmente do bem, superamigo, gente boa. No vestiário, falávamos que ele que faria a diferença. Nesse jogo, ele fez o gol e ia fazer algum gesto. Na hora, eu abracei, peguei pela cabeça e falei: ‘Não faz nada porque você é grande’. Por ser mais velho no Flamengo, acho que ele escutou. O carinho dele pelo clube também era grande. É algo momentâneo. Muitos jogadores fizeram isso, esse tipo de comemoração. São coisas de segundos. O torcedor está revoltado lá em cima e nós, às vezes, nos revoltamos também pela derrota e pela luta em campo. Na maioria das vezes, tentamos acertar”.

Renato Abreu ganhou mais um campeonato carioca, o de 2011, de forma invicta, ainda fez alguns bons jogos, até estreou com a Seleção brasileira com 33 anos num jogo contra a Argentina. Teve depois algumas lesões, teve até cirurgia no coração, mas Renato Abreu voltou e ainda marcou gols com o Manto Sagrado. Na despedida de

Petkovic, Renato Abreu fez gol de falta, olha o tamanho da personalidade de Renato Abreu e da homenagem ao Pet. Renato Abreu ainda fez um dobrele contra Fluminense e mais um dobrele de falta contra Campinense, na Copa do Brasil de 2013. Mas Renato Abreu não viu a final dessa campanha vitoriosa, porque saiu antes. Na verdade, foi mandado embora pelo Flamengo. Entre um jogador e o Flamengo, eu sempre vou do lado de meu clube. Às vezes, eu acho que sou muito fã de um jogador do Flamengo, mas quando ele sai do clube, eu não ligo, fico frio, tanto faz, acabou, obrigado e que vem o próximo. Flamengo sempre é o mais importante. Mas acho que no caso de Renato Abreu, a diretoria errou e o tratou de uma forma deslegante. Algumas semanas antes de ter seu contrato rescindido pela diretoria, Renato Abreu falava isso para GloboEsporte: “Não me vejo em outro clube porque criei uma identificação muito grande, muito forte. Não sei nem como falar. Tenho um dia a dia no clube, olho as categorias de base, os funcionários, procuro falar uma coisa ou outra. Nunca me vi fora do Flamengo. Claro que não sabemos do futuro, mas não penso em sair do Flamengo. Só se me tirarem. O laço é forte. Minhas filhas eu nem preciso fazer força para falar que torcem. Quero viver aqui muitos e muitos anos ainda. Não sei quanto tempo ainda vou jogar. Talvez dois, três anos...”

Infelizmente, o futebol é assim, às vezes cruel. Depois, Renato Abreu, que encerrou a carreira alguns meses depois no time da infância, Santos, entrou em justiça contra o Flamengo, faz também parte do futebol profissional. O presidente nesse momento, Eduardo Bandeira de Mello, falou na época: “O afastamento dele foi uma decisão do departamento de futebol, foi uma decisão técnica. Em que se entendeu que não seria mais interessante contar com ele no elenco. Tenho o maior respeito pelo Renato Abreu. Eu considero que, talvez, ele seja o melhor cobrador de faltas do Brasil. Ele tem uma história no Flamengo que deve ser respeitada. Eu tenho certeza que ele não está sendo desrespeitado pela diretoria do Flamengo”. No final, as duas partes acertaram as contas em 2015. Ficam desse jeito os títulos, duas vezes a Copa do Brasil e duas vezes o campeonato carioca, fica

o Urubu-Rei, ficam os números: 271 jogos e 73 gols, o último, de calcanhar contra o Athletico Paranaense. Eu conheço o número de 73 gols de coração e cabeça porque durante muito tempo, Renato Abreu foi o maior artilheiro do Flamengo do século XXI. Por isso e por muitas outras coisas, Renato Abreu é um dos maiores ídolos da história do Flamengo.

Ibson

Crônica #7 publicada originalmente no 16 de dezembro de 2022



Eu já escrevi que meu primeiro ídolo no Flamengo foi Obina. Porque comecei a conhecer os jogadores do Flamengo em 2006, e Obina, cheio de carisma e gols, era o ídolo da torcida. Dessa época, também gostava de Léo Moura, Juan, Renato Augusto, Renato Abreu. Depois Bruno, Fábio Luciano, Claiton, Souza.

Primeiro Brasileirão que acompanhei foi em 2007. Eu já tinha conquistado um título com o Flamengo, a Copa do Brasil 2006, mas primeiro Brasileirão, foi 2007 mesmo. E o início do Flamengo no Brasileirão foi muito ruim, até para o Flamengo dessa época que decepcionava muitas vezes no Brasileirão. Nos 13 primeiros jogos, Flamengo ganhou apenas um jogo! Flamengo ficava na lanterna e Ibson chegou como grande reforço depois de semanas de incerteza.

Eu estava feliz com esse reforço, porque ele era cria da casa, começou como profissional no Flamengo em 2003 e ganhou o campeonato carioca 2004. Depois, foi no Porto, onde não se destacou tanto que outros brasileiros do clube portista, mas era um meia com muitas qualidades. Mas Ibson, camisa 7, recomeçou com o Flamengo com duas derrotas, contra Santos e o Atlético-PR. Ganhou seu primeiro jogo no último jogo do primeiro turno, contra Náutico,

também primeira vitória depois da volta de um outro conhecido do clube, o técnico Joel Santana. Flamengo ganhou, mas Flamengo ainda era na vice-lanterna, com um verdadeiro risco de rebaixamento.

Mas o segundo turno foi melhor, muito melhor. Ibson fez seu primeiro gol, de cabeça, contra Goiás, na 21ª rodada, onde a vitória deixava enfim Flamengo fora do Z-4. No Maracanã, já tinha mais de 50.000 pessoas. Esse Maracanã, o da reforma para os Jogos Pan-Americanos de 2007 é meu Maracanã particular, apesar de infelizmente nunca ter ido. Porque quando comecei a assistir aos jogos, era esse o Maracanã, e mesmo no computador, era um show incrível. A arrancada de 2007 não teria sido possível sem o Maracanã. Também não teria sido possível sem Ibson.

Ibson voltou a marcar contra Figueirense e depois contra São Paulo. Foi uma das vitórias mais marcantes da temporada, porque São Paulo tinha um timaço e era o líder disparado do campeonato, porque era até lá o maior público do Brasileirão 2007, com quase 60.000 pessoas, porque Ibson fez o único gol do jogo, aliás um golaço.

E Ibson não era só gols claro, era de uma liderança técnica incrível, também um líder de homens. Ibson transformou o Flamengo de 2007 e o Flamengo de 2007 tinha a cara de Ibson. De lá até cá, talvez nenhum outro jogador carregou tanto sozinho um time do Flamengo. Era um show em campo do Ibshow, e também um show na arquibancada do Maraca. Depois de uma derrota contra Fluminense, Flamengo venceu 5 jogos consecutivos, e o recorde do público do Brasileirão 2007 estava batido a quase cada jogo do Flamengo no Maracanã.

A torcida acompanhava o time, o time acompanhava o Ibson, mais líder do que nunca. Depois da vitória do Flamengo contra o Corinthians, com mais um gol de Ibson, o Flamengo estava no G-4, uma situação improvável no fim do primeiro turno. Era a arrancada

que marcou todo flamenguista que assistiu. Flamengo bateu mais duas vezes o recorde do publico e garantiu a volta na Libertadores após uma vitória contra o Atlético-PR, para a alegria de 82.044 rubro-negros no Maracanã.

Ibson foi merecidamente eleito no time do Brasileirão e só não foi o melhor jogador porque o campeão também tinha um grande líder, Rogério Ceni, que também foi eleito craque da galera. Mas Ibson ficou na história, ficou no coração dos flamenguistas, foi ídolo para sempre. Foram gols, liderança, e um estilo particular que eu adorava, com chuteiras pretas e meias brancas. Duvido achar um flamenguista que não gostava do Ibson nessa época.

Em 2008, Ibson começou muito bem o Brasileirão, com 4 gols nos seus 5 primeiros jogos. Mas era depois de uma traumatizante eliminação na Libertadores contra o América. Ibson ainda jogou bem, ainda foi líder, mas o que ele fez em 2007 não podia ser ultrapassado, nem até igualado. Flamengo brigou com Porto para ficar com o jogador, que também fechou bem o Brasileirão 2008. Num 5x2 eterno contra Palmeiras, fez um hat-trick com dois golaços, um chute no ângulo e um gol de letra. Mas Flamengo não ganhou nenhum dos três últimos jogos e fechou o ano 2008 com mais uma decepção.

O ano 2009 foi feliz para o Flamengo, mas bem diferente para Ibson, que fez apenas um gol em 32 jogos pelo Flamengo! Um gol de pé esquerdo depois de um cruzamento, contra Cabofriense, no campeonato carioca. Depois de alguns jogos no Brasileirão, suficiente para ser campeão, era a hora do adeus. No seu último jogo, contra Vitória e já com Adriano em campo, Ibson perdeu um pênalti. E mesmo assim, foi ovacionado pela torcida, não pelo jogo, não pelo ano de 2009 mas pelo tudo que fez antes. E era muito, muito merecido.

Ibson voltou na Europa, no Spartak Moscou, voltou no Brasil, no Santos, e depois vestiu de novo o Manto Sagrado, em 2012. Santos tinha Neymar, tinha a Libertadores, mas Flamengo tem alguma coisa a mais, impalpável, inexplicável e impossível de entender para quem não é Flamengo. E os que são Flamengo sabem o que é, não precisa explicar para entender. Ibson era e ele falou da saudade ao receber de novo a camisa 7 do Flamengo. Falou também que não voltava como uma “solução” e não foi mesmo, num time bem ruim. Fez apenas um gol em 2012, em 33 jogos, um belo chute de trivela de fora da área, contra Sport. Em 2013, de novo fez apenas em gol, mas agora em 3 meses, a diretoria do Flamengo liberou-o em março.

Ibson também criticou a diretoria do clube e o atraso dos pagamentos, falando que não era Casa Bahias. Isso não sei, eu não sou da diretoria do Flamengo, eu não sou dos jogadores do Flamengo, eu sou do Flamengo. E eu sei que do Flamengo, Ibson foi muito ídolo.

Elias

Crônica #8 publicada originalmente no 29 de dezembro de 2022



Depois da sétima crônica dos ídolos, com um meio-campo que brilhou nesse século, Ibson, vamos de um outro meio-campo do século XXI, camisa 8, Elias.

Elias chegou no Flamengo no início de 2013, depois do que foi uma das piores temporadas do Flamengo, o ano 2012, com nenhum título e pouco futebol. Elias chegou como a maior contratação no Sporting Lisboa, mas decepcionou lá e voltou ao Brasil. Com o Manto Sagrado, escolheu a camisa 8: “Fiz minha história no Corinthians com a 7, fui muito feliz, mas agora escolhi a 8 para fazer a minha história no Flamengo”. Fez bem.

Elias começou no campeonato carioca, contra Volta Redonda. Jogou ao lado do próprio Ibson, que se aproximava do fim de sua história com o Flamengo. Tinha também Léo Moura, Victor Cáceres, Rafinha, Hernane. Um time bem mediano. O primeiro gol de Elias saiu num belo chute de fora da área, depois de uma tabelinha com Hernane. Nesse jogo, Flamengo perdeu em casa contra Resende. Realmente, tempos difíceis.

Elias voltou a marcar contra Campinenses e ASA, os dois gols na Copa do Brasil, realmente a competição que ia fazer do ano 2013 um ano histórico. Flamengo começou mal o Brasileirão, com 2 pontos nos 4 primeiros jogos, e já não tinha esperança de um título. Elias jogava bem, mas sem destaque até agora.

Nas oitavas de final da Copa do Brasil, Flamengo enfrentou o futuro campeão brasileiro, o Cruzeiro de Éverton Ribeiro e Ricardo Goulart. Um timaço, bem superior ao Flamengo. E no jogo de ida, deu lógica, com vitória 2x1 do Cruzeiro no Mineirão. E no jogo de volta, deu raça, deu amor, deu paixão. Deu Flamengo. No finalzinho do jogo, ainda num 0x0 que eliminava o Flamengo, Paulinho cruzou, Elias, com a braçadeira de capitão, bateu e fez o gol da classificação. Fez mais do que isso. Com esse gol, o Maracanã explodiu. O Novo Maracanã abriu nesse ano de 2013, vibrou com a vitória do Brasil contra a Espanha na final da Copa das confederações, mas esperava ainda seu momento histórico com o Flamengo. E aconteceu com Elias, que fez até aqui, o gol mais importante de sua carreira com o Manto Sagrado.

Flamengo voltou a decepcionar, a jogar mal. No jogo seguinte, uma derrota 4x0 contra o Corinthians. Depois de mais uma derrota, contra o Atlético Paranaense, Mano Menezes pediu demissão. Para as quartas de final da Copa do Brasil, mais um timaço a enfrentar, o Botafogo de Seedorf. E Flamengo jogava sem Elias, suspenso depois de alguns cartões amarelos. Sem seu melhor jogador, Flamengo conseguiu um 1x1, que deixava a esperança viva. O jogo de volta foi o dia de Hernane, que fez três gols na goleada por 4x0. Elias pediu para jogar esse jogo, apesar do momento muito difícil para ele e sua família. O filho de 1 ano estava internado num hospital, por causa de uma pneumonia.

Na semifinal, vitória 2x1 no jogo de ida em Goiânia, de novo com atuação discreta de Elias. Mas na volta no Maraca, foi mais um show de Elias. Assistência para mais um gol de Hernane, e um golaço de

fora da área, um chute certo, repentino, libertador. E com o pequeno Davi que estava bem melhor, pronto a sair do hospital. E com homenagens da torcida para Elias, a torcida sempre apoiou o jogador, mostrou o que é uma torcida de verdade, em todos os sentidos. Elias era o homem-chave de Flamengo, o dono do meio-campo e parecia crescer a cada jogo, com atuações cada vez mais firmes. Só faltava o título.

Na final contra o Atlético Paranaense, um jogo eterno, gols de Elias e Hernane, e um tricampeonato. Uma alegria incrível para quem estava no Maracanã ou na frente da televisão, vibrando com o Flamengo. Era o último jogo de Elias com o Manto Sagrado e ele deu mais um show, mais um gol, o gol décimo da temporada. Obrigado Elias para essa temporada de sonhos e de um título tão importante para quem sofreu muito em 2012.

Elias foi escolhido no time do Brasileirão de 2013, prova que ele não jogou muito só na Copa do Brasil. O camisa 8 queria ficar no Flamengo e chegou a recusar uma oferta milionária da China. Também por isso que ele é ídolo. Mas, outros tempos do Flamengo, as negociações com o Sporting não permitiram de chegar a um acordo. Depois, voltou no Corinthians.

Em apenas uma temporada e 55 jogos, Elias conseguiu se inscrever na galeria dos ídolos do Flamengo e honrou, muito, o Manto Sagrado.

Diego

Crônica #10 publicada originalmente no 19 de fevereiro de 2023



A camisa 10 é a mais bonita do futebol, ainda mais no Flamengo, onde foi eternizada pelo Nosso Rei Zico. E para escolher um ídolo camisa 10, o nome de Zico era o mais obvio, mas ainda não me sinto preparado para escrever essa crônica. Eu quero um texto igual à carreira dele no Flamengo e não é hoje que vou atingir a perfeição. Depois, tinha outros nomes, mas Sávio já escreveu sobre ele, Petkovic guardo para a crônica 43 se eu vou até lá, Ronaldinho era outra opção, mas eu vou de nosso último camisa 10, antes de dar a camisa 10 para Gabigol, Diego.

Escolho Diego com uma pergunta, Diego é ídolo ou não ídolo do Flamengo? Já duvidei da idolatria de Júnior, então claramente pode ser o caso para Diego. Parece-me que ele já se colocou acima do clube, o que é para mim a característica do não-ídolo.

Diego chegou ao Flamengo em 2016. Para muitos, foi o primeiro reforço de peso do projeto de Eduardo Bandeira de Mello. Discordo. Acho que Paolo Guerrero, que chegou em 2015, foi o primeiro nome internacional. Mas a passagem de Paolo Guerrero no Flamengo foi abaixo das esperanças e Guerrero é um nome sul-americano. Já Diego é um nome mundial, com passagens em vários clubes

europeus importantes e história na Seleção. Acho também que a carreira de Diego foi abaixo das esperanças quando ele estreou no Santos com 16 anos e já com a camisa 10, mas sempre foi um jogador diferente, um jogador com muita classe.

Diego permitiu ao projeto de EBM de crescer. Ele acreditou no projeto, e depois vieram Éverton Ribeiro, Diego Alves, Vitinho e outros até ter o time histórico de 2019. Diego foi no Flamengo numa época onde era muito difícil de contratar jogadores de peso. Estreou sem a camisa 10, já de Ederson, e escolheu a 35, em homenagem aos filhos de 3 e 5 anos. E estreou com gol, contra Grêmio. Diego foi muito bem em 2016, ao ponto de ser nomeado no time do Brasileirão pela CBF. Flamengo ficou no terceiro lugar, mas a esperança de títulos voltava.

A esperança sim, os títulos ainda não, mesmo em 2017. Diego me deu uma das minhas maiores alegrias num estádio, no 3x3 contra Fluminense na Copa Sudamericana, um jogo eterno. Um golaço de falta para inflamar a torcida, para mexer meu corpo e minha alma de flamenguista. Infelizmente, Flamengo perdeu a final, contra o Independiente. E nesse ano também perdeu a final da Copa do Brasil, contra Cruzeiro. E de toda a disputa de penalidades, Diego foi o único a errar. Diego bateu mal, mas só errou quem tentou, e a culpa de uma derrota dever ser dividida com o resto do elenco. Mesmo com a frustração, Diego fez mais uma ótima temporada em 2017, com 18 gols.

Em 2018, Diego fez um dos seus gols mais bonitos com o Manto Sagrado, num amistoso contra o Atlético-GO, numa cavadinha perfeita. Mas ele não foi tão bom em 2018. Fez menos gols, jogou menos em termo de qualidade. Em 2019, ainda era titular com Abel Braga apesar da chegada de Arrascaeta. Mas Diego se machucou gravemente contra Emelec, quebrando seu tornozelo. Em teoria, a temporada dele já estava acabada. Mas Diego voltou em apenas 3 meses. Isso só foi possível graças ao extremo profissionalismo de

Diego, que se dedicou muito para voltar. O profissionalismo dele é exemplar e ele voltou num jogo eterno, o Cincum contra Grêmio, jogo onde voltou já com a faixa de capitão em homenagem a sua importância no grupo, mesmo longe dos gramados.

Com Jorge Jesus, Diego ficou na reserva, não tinha mais espaço para ele no time titular com um Arrascaeta tão brilhante. Aceitou sua nova função e ainda ajudou o time. E foi decisivo num jogo eterno, o Milagre de Lima. Já falei na crônica sobre o jogo que não importa se foi chutão ou cruzamento, foi assistência. Diego fez o que tinha que fazer e é eternizado na galeria dos ídolos rubro-negros só com esse lance.

Em 2020, voltou a titularidade no fim do campeonato com Rogério Ceni, e com uma nova função, de volante. E jogou muito bem. Deu qualidade técnica ao meio de campo e também deu muita raça, o que sempre precisa quando veste o Manto Sagrado. Diego foi importantíssimo no octacampeonato. E em 2021, começou a temporada com talvez o que é seu lance mais marcante no Flamengo, a bola salva em cima da linha contra Palmeiras na Supercopa do Brasil, outro jogo eterno do Flamengo. A ironia é aqui, um jogador tão técnico que Diego, camisa 10, com passes, dribles e gols de falta, o que sempre precisa quando veste o Manto Sagrado, é lembrado com um lance defensivo, um lance de raça. O que também precisa quando veste o Manto Sagrado. E isso mostra a polivalência de Diego e tudo que ele deu quando estava em campo.

O resto do ano foi difícil e já era a hora de sair do clube. Ficou em 2022, virou um peso financeiro sem destaque no campo, mas quem conseguiria sair do Flamengo quando mais um ano é possível? Teve uma ótima despedida com o Flamengo no jogo contra Avaí, onde foi merecidamente homenageado pela torcida. E deu a camisa 10 para nosso Gabigol, que está num outro patamar dos ídolos rubro-negros. E Diego se aposentou como jogador do Flamengo, deixando a história mais linda assim. Ainda poderia ajudar metade dos times do

Brasileirão, mas seu último clube é nosso Mengo. Ele foi durante anos um jogador muito importante do Flamengo, um ótimo capitão mas as duas últimas temporadas foram desnecessárias. Mesmo assim, com 12 títulos, 285 jogos, 42 gols, 34 assistências e lances memoráveis, Diego faz parte sim, dos grandes ídolos do Flamengo.

Vinícius Jr

Crônica #20 publicada originalmente no 22 de julho de 2023



Na hora das últimas crônicas escritas no Brasil, eu tenho poucos arrependimentos sobre esse blog. Na verdade, apenas um, na hora de escolher um Flamengo x Emelec como jogo eterno. Eu sabia que queria escrever sobre o jogo de 2019 nas oitavas da Libertadores, quando Flamengo passou no sufoco na disputa de penalidades. Esqueci de olhar os outros confrontos contra Emelec, esqueci completamente a melhor atuação de Vinícius Jr com o Manto Sagrado.

É um arrependimento, porque Vini Jr é um de meus maiores ídolos no futebol. Dos jogadores que vi o início da carreira, e comecei a acompanhar o futebol com a Copa do Mundo 1998, acho que ele fica no meu top 3 dos jogadores favoritos, com Neymar e Gabigol. E talvez ele ainda ocupa o primeiro lugar. Vinícius Jr tem vários motivos de ser meu ídolo e o ídolo de todos os flamenguistas.

Vini Jr nasceu no 12 de julho de 2000, nasceu em São Gonçalo, nasceu flamenguista. Tem essa foto onde ele deve ter um ano de idade, com o Manto Sagrado do início do século, sorrindo, como se ele já sabia que nasceu craque. Eu tenho 8 anos e 5 dias a mais que Vinícius, mas como só comecei a acompanhar de perto Flamengo

com 15 anos, ele deve ter começado a vibrar pelo Flamengo na mesma época que eu, torcendo para os mesmos times, gritando os mesmos gols, sofrendo as mesmas decepções, comemorando os mesmos títulos, tendo os mesmos ídolos. Tem também essa foto de Vini, agora um pouco maior, ao lado de Obina, também meu primeiro ídolo no Flamengo.

Além de ser flamenguista, Vini Jr quase sempre foi promessa da base, sempre foi um garoto do Ninho. Chegou numa escolinha do Flamengo em São Gonçalo com 7 anos e jogou no futsal no Flamengo com 9 anos. Passou no campo, passou de todas as fases da joia da base. Acho que comecei a ouvir sobre ele em 2016. Ele já tinha se destacado, tanto com os mirins e infantis do Flamengo que com a Seleção brasileira sub-15. Vinícius Jr também se destacou com os juvenis do Flamengo e em 2017, ele quase já era uma realidade. Acompanhei a Copinha, onde ele foi um dos destaques, e o campeonato sul-americano sub-17 com a Seleção, onde ele foi campeão, artilheiro, melhor jogador, além de fazer um dos lances mais bonitos da competição, quando ele conseguiu três chapéus em seguidas sobre três paraguaios impotentes. Nessa hora, Vinícius Júnior já era realidade para mim.

Vinícius Júnior viveu um fim de semana de sonhos no 13 de maio de 2017, quando ele fez seu primeiro jogo profissional com Flamengo, que chegou naturalmente. Jogo foi no Maracanã, um 1x1 contra o Atlético Mineiro, de um de seus ídolos, Robinho, na estreia do Brasileirão. Tinha algumas semelhanças com o início profissional de Gabigol, num Flamengo x Santos na estreia do Brasileirão de 2013, também último jogo de Neymar com Santos. A diferença era que Vinícius Júnior fechou nos dias seguintes com o Real Madrid por 45 milhões, a segunda venda mais cara do futebol brasileiro, atrás apenas de Neymar. Relembro que um de meus amigos franceses, Tintin, estranhou quando ele viu o preço de Vinícius Júnior. Ele achava isso caro demais para um jogador de apenas 16 anos, com um

jogo profissional só. Tranquilamente o garanti que valia a pena, que Vinícius era tudo isso. Para mim, Vini Jr já era realidade.

Eu não precisava de Vini Jr para acompanhar mais o Flamengo, já assistia a todos os jogos, mas passei a olhar mais para o lado esquerdo que o lado direito, a olhar o banco, porque ele começou naturalmente como reserva. Passei a viver todos os passos deles como meus próprios sucessos. O primeiro jogo profissional contra o Galo, o segundo, contra o Atlético-GO, quando ele deu um drible de vaca na grande área, a primeira titularidade, contra Avaí, o primeiro gol, contra Palestino na Ilha do Urubu, quando ele marcou apenas um minuto após sua entrada em campo, o primeiro dobrlete, um 2x0 contra o Atlético-GO, quando ele mostrou toda sua velocidade e fez um gol que lembrou, não só a mim, o gol decisivo de Romário contra o Uruguai nas eliminatórias da Copa do Mundo de 1994. Vinícius era uma realidade para muitos.

Não sei bem porque Vini é tão meu ídolo. Acho que ele tem o Flamengo na pele, quando outros jogadores são flamenguistas disfarçados, flamenguistas até um certo prazo, até a saída deles do clube. Vinícius Júnior sempre é Flamengo. Gosto também do estilo de jogo, ele tem essa ousadia brasileira, joga um futebol alegre, driblador e veloz. Ele fez apenas 69 jogos com Flamengo, mas tive a sorte de o ver em campo, no Maracanã, num Fla-Flu eterno. E ele foi decisivo. Nas quartas de final da Copa Sudamericana, entrou em campo na metade do segundo tempo, quando Flamengo tinha 2 gols de atraso. Fez um bom passe na jogada do gol do 3x2, e provocou a falta no gol do empate, no gol da classificação. Vini entrou e desequilibrou o Fla-Flu, talvez ainda hoje minha maior emoção num estádio de futebol.

Vini jogou a final da Copa Sudamericana, de novo como reserva. Flamengo perdeu contra Independiente e perdeu outra final, a da Copa do Brasil contra Cruzeiro, com Vini Jr jogando só o jogo de ida. Talvez com ele no Mineirão a história teria sido diferente. Faltou

um título, não considero a Taça Guanabara, vencida pelo Flamengo em 2018, como um título. Mas Vini melhorou muito nesse ano de 2018. Obvio que com apenas 17 anos, ele tinha defeitos, na utilização da bola, na finalização também. Mas ele passou a ser titular, fazendo o único gol do jogo na estreia da temporada contra Cabofriense, com a camisa 10 de Zico. Fez ainda alguns gols no campeonato carioca até seu maior jogo com o Manto Sagrado, na Copa Libertadores, em Guayaquil. Contra Emelec, Flamengo perdia 1x0 até os últimos 15 minutos do jogo, até o show de Vinícius. Parecia num outro planeta nesse dia, fez 2 golaços do pé esquerdo para virar o jogo. Se precisava escolher um gol, eu teria muito dificuldade para eleger um, mas felizmente não precisa escolher, Vini Jr fez dois golaços e virou o jogo. Para a América, Vinícius Jr era realidade.

Eu torci muito para ele ficar no Flamengo até o mínimo no fim do ano de 2018. Não ia atrapalhar seu desenvolvimento, ao contrário, ele ia ter mais jogos como titular, jogos importantes, com responsabilidades para ele. Ele também queria ficar no Flamengo, mas infelizmente, ele foi para a Espanha e o Real Madrid no dia de seu 18º ano, como um craque diferente. Se despediu do Maracanã com lágrimas e com vitória, 2x0 contra Paraná. Flamengo estava na liderança, com 6 pontos a mais que o Atlético Mineiro. Acho que com Vinícius, Flamengo teria conquistado o Brasileirão 2018. Também teria ido mais longe na Libertadores. Mas o futebol é às vezes cruel e Vini Jr não era mais do elenco do Flamengo. Flamenguista, ele sempre será.

Eu sou fã do Real Madrid desde a Liga dos campeões 2000 e estava feliz com a escolha dele. Longe do Flamengo, mas ao menos, no Real Madrid. E como eu fazia na base do Flamengo, no time principal ou na Seleção sub-17, passei a acompanhar cada passo de Vini Jr, da promessa até a realidade. Começou com o segundo time, a Castilla, e jogou bem, mas odiava o fato de ele jogar nesse time, quando podia brigar para o Brasileirão ou a Libertadores com

Flamengo. No time principal do Real Madrid, fez alguns bons jogos, mas ainda era muito novo e faltava às vezes objetividade nos lances. Torci também para uma convocação dele na Copa América 2019 depois da lesão de Neymar, queria ver ele com a camisa 10 da Seleção, mas Willian foi chamado no lugar de Neymar. O primeiro jogo com a Seleção chegou alguns meses depois, quando jogou 15 minutos contra o Peru, mais uma conquista para ele, mais uma alegria para mim.

Na temporada 2019-2020, minha maior alegria foi quando ele decidiu El Clásico, fazendo gol contra Barcelona. Teve ainda muitos momentos difíceis, dribles errados, bolas perdidas, finalizações fracas, e um vídeo constrangedor, quando Benzema pediu para Mendy não dar bolas para Vinícius Jr, sob o motivo que ele jogava contra o próprio time. Vinícius foi inteligente na resposta, diminuiu o fato, continuou a trabalhar, continuou a melhorar. A recompensa veio alguns meses depois, quando fez um dobrele contra Liverpool na Liga dos campeões, tornando-se o jogador mais jovem da história do Real Madrid a fazer um dobrele num mata-mata da Champions. Mais uma alegria para mim, e Vini Jr foi convocado para a Copa América 2021. Infelizmente, passou em branco nos 4 jogos que participou e o Brasil perdeu a final contra a Argentina.

Vini explodiu na temporada 2021-2022. Nas três primeiras temporadas com o Real Madrid, fez 15 gols e 18 assistências em 118 jogos. Na quarta temporada, com 21 anos de idade, ele fez 22 gols e 16 assistências em 52 jogos. Ele fez muitas grandes atuações, mas nenhuma supera o gol na final da Liga dos campeões, quando fez o único gol da partida contra Liverpool. Vini me deu nesse dia minha maior alegria no futebol de 2022, até o Flamengo ganhar a Copa do Brasil, ganhar a Copa Libertadores. Vinícius jogou bem na Copa de 2022, mas infelizmente, o hexa não veio. Acho que o hexa virá com Vini Jr como maior protagonista da Seleção. A temporada de 2022-2023 foi mais uma vez uma grande temporada para ele, com quase os mesmos números do ano passado: 23 gols e 19 assistências em 55

jogos, o que deveria ser suficiente para ser mais uma vez no top 10 do Ballon d'Or. Para o mundo inteiro, Vini Jr é uma realidade.

Eu admiro o jogador Vinícius Jr e também admiro o homem. Ele é flamenguista e não esqueceu de onde ele vem. Sempre que volta no Rio de Janeiro de férias, ele aparece no Maracanã num jogo do Flamengo, agradece a torcida pelo carinho de sempre, a torcida fazendo festa para ele. Ele também criou o Instituto Vini Jr em São Gonçalo, que ajuda muitas crianças. E não é para a imagem dele, ele realmente tem essa preocupação social e faz tudo que é possível para fazer uma diferença. Também, infelizmente, tornou-se um símbolo da luta contra o racismo. Na Espanha, ainda muita racista, foi várias vezes vítima de racismo, de torcedores adversários e até de periodistas na televisão. Nesse combate, apesar da juventude, Vini Jr é também exemplar. Espero que ele não teria a lutar tanto no futuro e não seria mais vítima desse crime.

Fica então uma esperança, um desejo, um sonho: ver Vinícius Júnior vestir de novo o Manto Sagrado. Ele falou recentemente que ele queria voltar, quando terá 35 anos de idade. Espero que será antes. Faltou tempo no início da carreira para conquistar um título com Flamengo, não pode faltar no fim da carreira. Vini precisa ainda ganhar o hexa com a Seleção, algumas Champions com o Real Madrid e depois voltar no Flamengo, fazer a alegria de sua maior torcida para sempre, conquistar o Brasileirão, pintar a América de vermelho e negro, ser o ídolo da Nação.

Times históricos

1912

Crônica #12 publicada originalmente no 26 de fevereiro de 2023



Hoje é dia de um time histórico do Flamengo, o primeiro time da história do clube, em 1912. O Grupo de Regatas do Flamengo foi fundado como clube de regatas no 17 de novembro de 1895, data celebrada no 15 de novembro para coincidir com a proclamação da República. Nesse mesmo ano de 1895, o primeiro jogo de futebol aconteceu no Brasil, em São Paulo. O futebol cresceu no início do século seguinte, e Alberto Borgeth, brasileiro da classe alta, jogava remo no Flamengo e futebol no Fluminense. Torcedor do Flamengo, queria já fundir uma seção de futebol no Flamengo, mas a ideia foi recusada, futebol sendo um esporte “de bailarinas” e não para “homens” como o remo era na época.

Em 1911, Alberto Borgeth, centroavante do Fluminense, foi substituído para os últimos jogos do campeonato carioca pelo zagueiro Ernesto Paranhos, uma humilhação na época. Jogadores recusaram-se a jogar para dar apoio ao Alberto Borgeth, que recusou essa ideia. Fluminense foi campeão, mas quase ninguém assistiu a festa do título. “Nunca se comemorou menos ruidosamente a conquista de um campeonato” escreveu Mário Filho. Alberto Borgeth liderou a turma dos dissidentes e propôs a fundação de uma seção de futebol no Flamengo num assembleia de sócios realizada em 8 de

novembro de 1911. Apesar de uma certa desconfiança dos remadores, a ideia foi aprovada e no 24 de dezembro de 1911, criou-se o Departamento de Esportes Terrestres, tendo como primeiro diretor o próprio Alberto Borgeth. Nove titulares do Fluminense campeão carioca 1911 foram no Flamengo, as únicas exceções sendo Oswaldo Gomes e James Calvert, que ficaram no Fluminense.

Ainda sem campo, Flamengo treinou na Praia do Russel. Flamengo estreou no 3 de maio de 1912, no campo do America, na rua Campos Salles, contra Mangueira. Pela primeira vez de sua história, Flamengo, dirigido pelo Ground Committee, entrou em campo e foi escalado assim: Baena; Píndaro, Nery; Coriolano, Gilberto, Gallo; Baiano, Arnaldo, Amarante, Gustavo, Borgeth. Flamengo estreou com a famosa camisa papagaio de vintém, uma camisa com 4 grandes quadrados. O Manto Sagrado com listras horizontais já existia, mas só no remo, mais elitista, que obrigou a seção de futebol a jogar com uma camisa diferente.

E nosso Flamengo precisou de menos de um minuto em campo para já fazer um gol, Gustavo marcando o primeiro gol da história do Maior do Mundo. Na revista Grandes Clubes Brasileiros de 1971, Gustavo volta as lembranças de quase 60 anos atrás: “Foi praticamente no início da partida, mais precisamente no primeiro minuto. A jogada começou lá atrás, na esquerda da nossa defesa, com o Galo dominando e me cedendo um passe na altura da meia canhoto. De primeira, tão pronto recebi, lancei na extrema direita, em profundidade, para o Arnaldo, que fugiu pela linha de fundo e de lá deu para trás, dentro da grande. Eu acompanhara o ataque no pique mais veloz que possuía e, de pé direito e em plena velocidade, emendei de primeira e violentamente, rasteiro, de forma indefensável para qualquer goleiro. Eu era baixinho e muito leve, mas compensava tudo isso com a rapidez [...] Eu fui o autor desse feito histórico e titular até o mês de julho, quando viajei para a Inglaterra, onde permaneci cinco anos, estudando engenharia. Quando formado, em 1918, voltei ao Rio e a jogar pelo Flamengo”.

E com apenas dois minutos de jogo, Flamengo fazia um segundo gol, de novo com Gustavo, agora com assistência de Gilberto. Flamengo continuou a fazer gols com um ritmo impressionante. No intervalo, uma ampla vantagem de 5x1 para nosso Mengo. Numa época antiga de futebol, ou melhor, do Foot-Ball, o intervalo durou apenas 5 minutos. E Flamengo voltou em campo ainda mas avassalador. No dia seguinte, o Jornal do Brasil escreveu, num vocabulário de uma época antiga: “A peleja foi desastrosa para o Mangueira, cujo eleven era visivelmente inferior ao do adversário. Foram poucas as vezes em que seus players pisaram o campo inimigo. O seu goal-keeper, desnortado, sem calma, fez o que era possível naquella conjectura. Para o contraste flagrante do estado das equipes o defensor das barras do Flamengo passeava de braços cruzados por não ter serviço”.

Flamengo fez gols, continuou a fazer gols, até errou dois pênaltis. Alberto Borgeth fez o gol 14 e Gustavo o gol 15. No fim das contas, Flamengo 15x2 contra Mangueira. Cinco gols de Gustavo, quatro de Arnaldo e Amarante, um de Gallo e Borgeth. Durante muitos anos, o placar considerado foi um 16x2, por causa do Jornal do Comércio, que deixou em manchete no dia seguinte um erro duplo: “Fluminense vence 16x2 Mangueira”. A correção no dia seguinte passou despercebida, até a pesquisa de Marcelo Abinader no seu livro 1912, surge o futebol do Flamengo. Mas qual clube poderia estrear no futebol com uma goleada assim de 15 gols? Só o Flamengo.

No segundo jogo de sua história, agora em Laranjeiras, Flamengo abriu o placar de novo no primeiro minuto do jogo, agora com Alberto Borgeth. No final, vitória 6x3 contra o America, com dobles de Borgeth, Arnaldo e Gustavo. Flamengo perdeu o artilheiro do campeonato, Gustavo, que foi estudar na Inglaterra. Depois voltará ao Flamengo, como jogador e até como presidente, onde brigou com Leônidas da Silva. Flamengo também conheceu a primeira derrota de sua história, contra Paysandu. Recuperou-se com uma vitória 7x4 contra Bangu. Outra época de futebol. E depois o

primeiro Fla-Flu da história, um 7 de julho de 1912, dia do meu aniversário, exatamente 80 anos antes do meu nascimento. Por causa da história, Fla-Flu já era clássico antes do primeiro jogo. Nelson Rodrigues, escritor tricolor, escreveu: “O Fla-Flu surgiu quarenta minutos antes do nada”. Tricolor roxo, também escreveu: “Cada brasileiro, vivo ou morto, já foi Flamengo por um instante, por um dia”. Eu não sou brasileiro, mas sou Flamengo, por todos os dias de minha vida.

Infelizmente, Flamengo perdeu o primeiro Fla-Flu da história, 3x2, com um gol tomado no último minuto do jogo. Nas Laranjeiras, apenas 800 pessoas nas arquibancadas, por causa de uma competição de regatas no mesmo dia, o remo ainda sendo o esporte mais popular da cidade na época. Flamengo perdeu o primeiro Fla-Flu, mas depois ia se tornar o maior vencedor do clássico mais charmoso do Rio. Em 1912, Flamengo fechou o primeiro turno do campeonato carioca no segundo lugar com 10 pontos, mesmo total que o America e dois pontos atrás do Paysandu. Em quarto lugar, Fluminense, com 9 pontos.

No segundo turno, Mangueira de novo foi goleado de forma vergonhosa, um 14x0 para Flamengo com 4 gols de Arnaldo e 3 de Borgeth. Fla ganhou seu primeiro jogo de W.O, contra Bangu, e em seguida empatou 1x1, tanto contra Paysandu que contra Rio Cricket, os dois primeiros empates da história do Flamengo. No mesmo dia do empate contra Rio Cricket, Paysandu, time fundado por ingleses, ganhou 4x2 contra Fluminense com uma arbitragem duvidosa segundo os jornais da época, e sagrou-se campeão carioca. Pelo menos, nosso Mengo vingou-se da derrota no primeiro Fla-Flu, com uma vitória 4x0 contra Fluminense no 27 de outubro de 1912, também nas Laranjeiras. Flamengo fechou seu primeiro campeonato carioca com uma vitória 3x0 contra São Cristóvão, com 3 gols de Baiano, jogador nascido em 1893 em Fortaleza, mostrando as ligações entre Flamengo e o Nordeste já desde o início do clube.

Flamengo ficou no segundo lugar, como faria em 1913, antes de ganhar o título em 1914 e 1915, este último de maneira invicta. No fim do ano de 1912, alguns jogadores do Flamengo, como Píndaro, Gallo, Milton, Arnaldo e Nery jogaram com a seleção carioca, que fez uma excursão no Sul do Brasil. Para o Flamengo, o título não veio em 1912, mas nascia em campo nesse ano o maior clube do Brasil.

1936

Crônica #16 publicada originalmente no 2 de maio de 2023



O ano 1936 é um dos mais importantes da história do Flamengo, graças ao maior presidente do Flamengo, que deu seu nome ao estádio da Gávea que ajudou a construir, José Bastos Padilha. E José Bastos Padilha foi muito além do estádio, ele transformou Flamengo. Escreveu Roberto Assaf no Jornal do Brasil em 2002: “Foi Padilha quem convenceu os companheiros de diretoria a abandonarem o regime amador e embarcarem em 1933 no trem do profissionalismo no futebol, a realidade que sócios românticos insistiam em ignorar. Foi Padilha quem abriu as portas do Flamengo para os jogadores negros, delicadamente afastados do clube até 1934, por uma maioria racista que frequentava o clube. Graças à compra dos passes de craques como Domingos da Guia, Médio, Fausto, Waldemar de Brito e principalmente Leônidas da Silva, o Flamengo, até então apenas um clube popular, tornou-se um fenômeno das massas. Logo, trouxe da Europa o húngaro Dori Krüschner, o técnico que revolucionou taticamente o futebol brasileiro. Padilha foi o primeiro “marqueteiro” do futebol, empreendendo campanhas de adesão ao rubro-negro, baseadas em slogans que criou, como “Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer”, que veiculava no Jornal dos Sports, o diário que adquiriu para transformar, disfarçadamente, no jornal do Flamengo, algo fabuloso para a época”.

O grande jornalista Mário Filho, que deu seu nome ao estádio do Maracanã que ajudou a construir e que nesse mesmo ano de 1936 tornou-se o redator-chefe do Jornal dos Sports, escreveu na sua obra clássica *O Negro no futebol brasileiro*: “Indo em busca do preto, o Flamengo ia de encontro ao gosto do povo. Queria ser o clube mais querido, mais popular do Brasil”. O ano de 1936 é o terceiro ato do nascimento do Flamengo: 1895 e o remo, 1911 e o futebol, 1936 e o povo. José Bastos Padilha começou a contratar os melhores jogadores do momento, na maioria jogadores negros. Fausto foi o primeiro a chegar no clube, depois ainda teve Newton Canegal, Médio, Jarbas, Waldemar de Brito, mas sobretudo Leônidas da Silva. Foi ele que ajudou a transformar Flamengo, o time dos ricos dissidentes e rebeldes, advogados e médicos, se tornava o clube do povo.

Mais do que a imprensa escrita e o Jornal dos Sports, meio dos alfabetizados, foi o rádio que também ajudou a transformar o Flamengo. Nesse mesmo ano de 1936, foi inaugurado o Rádio Nacional no Rio de Janeiro, que passou a retransmitir todos os jogos do Flamengo, no Brasil inteiro, para o povo todo. E Flamengo era o povo, se construiu, como em 1911, em oposição ao Fluminense. O time das Laranjeiras gosta de se orgulhar de ter no seu time o mestiço Carlos Alberto, filho de fotógrafo, já em 1914. Como se Fluminense lutou contra racismo, contra preconceitos, contra a desigualdade social. Carlos Alberto era rico, por isso era aceito no Fluminense, que lutou durante muito tempo contra a profissionalização, que permitia a inserção dos pobres no futebol da elite. Pobre nas Laranjeiras, nem pensar.

Flamengo abriu as portas do clube para os pobres e os negros, Fluminense abriu as portas para os italianos e os paulistanos. Chegaram Romeu, Tim, Demóstenes ou Hércules. Em 1912, Flamengo passou das regatas ao futebol, e em 1936, Flamengo passou da elite ao povo, sendo como maior exemplo o centroavante e

ídolo Leônidas. E o Fla-Flu se transformou mais uma vez em 1936, virou a elite contra o povo, o pó-de-arroz contra o pó-de-carvão. O pobre, o favelado, o negro, tinha um time para torcer, tinha Flamengo para amenizar a dureza da vida, para colocar alegria no dia a dia.

Como o calendário gregoriano, Flamengo começou o ano de 1936 no 1º de janeiro. Começou em Curitiba, no Couto Pereira, com uma vitória 3x2 sobre Coritiba, dois gols de Caldeira, um de Jarbas. No time, tinha também um futuro grande treinador, Zezé Moreira. Depois de outros amistosos no Paraná, Flamengo voltou a jogar contra Coritiba, agora para a Taça João Viana Seiler. E Flamengo conquistou a taça, goleou Coritiba 7x2, com dobletes de Nelson, Jarbas, Caldeira e mais um gol de Alfredinho. E no time, mais um futuro grande técnico, o então goleiro Dorival Knipel, chamado de Yustrich pela semelhança com outro goleiro, o argentino Juan Elias Yustrich.

Flamengo ainda jogou dois amistosos contra a Portuguesa, o primeiro no estado de São Paulo e o segundo no Rio de Janeiro, nas Laranjeiras. No primeiro jogo, o arbitro da partida era bem conhecido, Arthur Friedenreich, maior jogador brasileiro da era do amadorismo e que tinha pendurado as chuteiras um ano antes, no próprio Flamengo. Outro nome conhecido é Flávio Costa, técnico do Flamengo, que tinha 30 anos na época. Como jogador, Flávio Costa fez toda a carreira no Flamengo, entre o time titular e o time reserva. Era um meio-campista jogando na base da raça, chamado de Alicate por sua capacidade a correr em campo e recuperar bolas. Em 1934, ainda jogador, começou a treinar o Flamengo. Revolucionou a profissão de técnico e ainda hoje, certamente para sempre, é o técnico que mais dirigiu Flamengo, 777 jogos em 5 passagens entre 1934 e 1965. Uma lenda rubro-negra.

Em 1936, três anos depois da oficialização do profissionalismo, Flamengo jogou o Torneio Aberto, um torneio em mata-mata criado um ano antes e onde quase todos os times, amadores ou profissionais,

de Rio de Janeiro ou do Minas Gerais, podiam participar. Em 1936, 47 times participaram do torneio e Flamengo começou contra Modesto, time de Quintino, terra do Zico. Flamengo começou sem modéstia, com goleada 6x2, 3 gols de Jarbas, 2 gols de Alfredinho, 1 gol de Caldeira. Em seguida, goleou Villa Joppert 9x2, com dobletes de Sá, Jarbas e Engel e um hat-trick de Alfredinho, e goleou Bandeirantes 8x2, destaque para os 5 gols de Alfredinho, ídolo um pouco esquecido na história gigante do Flamengo, mas que, depois de brilhar no Fluminense, foi artilheiro do Flamengo em 1934, 1935 e 1936, antes de voltar ao Fluminense. Uma lenda do Fla-Flu.

Entre dois jogos do Torneio Aberto, Flamengo jogou alguns amistosos, único meio de ganhar dinheiro no início do profissionalismo, o marketing ou a televisão ainda eram muito longe do futebol. No 21 de maio de 1936, teve o primeiro Fla-Flu do ano, muito longe de ser o último, com um empate 2x2, com 2 gols de Alfredinho, lenda do Fla-Flu. Em amistosos, Flamengo venceu tanto o Atlético Mineiro que o Cruzeiro. Ainda em amistosos, Flamengo também goleou tanto Bonsucesso 7x1, com 4 gols de Alfredinho, que Estrela do Norte 8x2, com 6 gols de Alfredinho, igualando o recorde de mais gols num jogo de um jogador do Flamengo, que pertencia a Néelson, que fez 6 gols em 1933 num 16x2 contra River. Nesse jogo contra Estrela do Norte, o técnico Flávio Costa disputou em campo seu único jogo do ano, o último de sua carreira com o Manto Sagrado, e até fez um gol.

De volta no Torneio Aberto, Fla começou com mais uma goleada, 8x2 contra Bandeirantes, 5 gols de Alfredinho, mais o caminho foi mais difícil depois: vitórias 2x0 contra Engenho de Dentro e 2x1 contra Bonsucesso com um gol no último minuto da prorrogação de Alfredinho, sempre Alfredinho. Depois, mais dois amistosos contra times mineiros, uma derrota 4x2 contra o América nas Laranjeiras, e um empate 2x2 contra Cruzeiro no estádio Juscelino Kubitschek em Belo Horizonte. O primeiro jogo marcou a primeira partida de Leônidas com o Manto Sagrado, o segundo marcou o primeiro tento

de Leônidas com o Maior do Rio. Sem dúvida, uma nova Era para o Flamengo, que via o início de quem será seu maior ídolo na primeira metade do século XX, um ídolo imortal e já eternizado no francêsguista.

De volta no Torneio Aberto, agora no quadrangular final, com Fluminense, America e Bonsucesso. E Flamengo começou com um Fla-Flu, o segundo do ano, que, como o primeiro, acabou num 2x2. Mas esse Fla-Flu do 16 de agosto de 1936 nas Laranjeiras é ainda mais histórico. Pela primeira vez, Flávio Costa escalava os três maiores jogadores brasileiros da década, três pretos, Domingos na zaga, Fausto no meio e Leônidas no ataque. Ainda tinha Médio, irmão de Domingos, e Jarbas, que chegou no clube em 1933 e é considerado o primeiro jogador negro do Flamengo. O clube rubro-negro tinha 5 jogadores no seu time que eram negros, um time metade negro, metade rubro, cem por cento Flamengo. Uma nova Era para o Flamengo, uma nova Era para o Fla-Flu, uma nova Era para o futebol brasileiro.

Ainda no Torneio Aberto, Flamengo venceu o America 2x1, 2 gols de Leônidas, e empatou 1x1 contra Bonsucesso, gol de Alfredinho. O novo e o antigo artilheiro para um Flamengo que talvez, provavelmente, nunca tinha sido tão forte. Flamengo precisava de uma vitória no último jogo para ser campeão, abriu o placar contra o Bonsucesso com gol de Alfredinho, mas cedeu o empate e teve que ir numa decisão extra em dois jogos contra... Fluminense obviamente. No jogo de ida, 1x1, gol de Jarbas para Fla, gol de Hércules para Flu. No jogo de volta nas Laranjeiras, um Flamengo poderoso, com Domingos na defesa, com Fausto no meio, com Leônidas no ataque, com 17.393 espectadores, publico muito bom para a época, com gol de Sá, o único gol da partida. Flamengo campeão, em cima do Fluminense.

Quatro dias depois, Flamengo estreava no campeonato carioca, disputado entre apenas 6 equipes numa época ainda de conflito no

Rio sobre o profissionalismo. O ano de 1936 também foi o último ano de dois campeonatos cariocas distintos, o da LCF, com Flamengo e Fluminense, e que defendia o profissionalismo, e o da FMD, com Botafogo e Vasco, ligada a CBD e ainda defensor de uma Era sem mais sentido do amadorismo. Flamengo começou o campeonato carioca com vitória 2x1 sobre Bonsucesso, com 2 gols de Alfredinho, um artilheiro nato. Depois, um empate contra America e goleadas contra Jequiá e a Portuguesa, depois, mais um Fla-Flu, mais uma vitória rubro-negra, gols de Leônidas e Néelson. Depois, de novo, um empate contra America e goleadas contra Jequiá e a Portuguesa, com dois hat-tricks de Leônidas nos dois últimos jogos. Flamengo perdeu o sexto Fla-Flu do ano, apesar de um gol de Ladislau, também preto, também irmão de Domingos, e que tinha jogado no Flamengo para uma excursão no Uruguai em 1933, primeira abertura do Flamengo aos jogadores negros.

E veio uma vitória 4x0 contra Bonsucesso, com dobrlete de Jarbas e, claro, gols de Leônidas e Alfredinho. Como o campeonato carioca tinha apenas 6 times, a LCF organizou um terceiro turno, todos jogando contra todos. Para Flamengo, derrota contra America, vitória contra Bonsucesso e empate para mais um Fla-Flu, 1x1, gols dos ídolos, o negro do subúrbio carioca Leônidas para Flamengo, o italiano de São Paulo Romeu para Fluminense. Mais um capítulo para a lenda do Fla-Flu. Flamengo ainda venceu a Portuguesa, goleou Jequiá 8x1 com 4 gols de Sá e chegou empatado com Fluminense no topo da tabela: 10 vitórias, 3 empates e 2 derrotas. Os dois times tinham 16 gols contra, mas Fluminense marcou 57 gols, contra 44 para o Flamengo. Mas nessa época, não tinha esse critério de desempate e o campeonato carioca 1936 se decidiu com 3 jogos em finais, com 3 Fla-Flu.

Antes da final, dois amistosos para Flamengo contra Villa Nova, time mineiro. No estádio Presidente Antônio Carlos de Belo Horizonte, um empate 3x3, e nas Laranjeiras, a Nação ainda não tinha a Gávea, outra obra do presidente José Bastos Padilha, Flamengo venceu Villa

Nova 4x2 com 2 gols de Leônidas. No 20 de dezembro de 1936, começou a final do campeonato carioca, com o oitavo Fla-Flu do ano, o Fla-Flu 70 da história, com um retrospecto equilibrado: 25 vitórias do Flamengo, 23 empates, 21 vitórias do Fluminense. E em 1936, deu mais um empate, com gols de ídolos, Jarbas e Leônidas para Flamengo, Russo e Hércules para Fluminense. Infelizmente, no segundo jogo, Russo e Hércules voltaram a marcar, agora um dobrele para cada um e Flamengo foi goleado. Precisando da vitória no terceiro jogo, Flamengo viu Leônidas ser expulso e Fluminense conquistou um título que não ganhava desde 1924.

Mesmo sem o título no final, o ano de 1936 foi um grande ano para o Flamengo, principalmente para a chegada de novos ídolos negros, Fausto, Domingos e Leônidas, que ajudou também a mudar o Fla-Flu, que voltará a ser o grande jogo das edições seguintes do campeonato carioca, agora único, entre 1937 e 1941. Para seu primeiro ano no clube, Leônidas fez 22 gols e o artilheiro do ano foi Alfredinho, com números impressionantes: 45 gols em 39 jogos. Alfredinho batia assim o recorde de Nonô, também às vezes considerado como o primeiro jogador negro do Flamengo por ser mulato. Nonô fez 30 gols em 1925 e morreu jovem, da tuberculose em 1931, um ano depois de pendurar as chuteiras com 31 anos de idade. Nonô foi o primeiro jogador do Flamengo a alcançar os 100 gols com Flamengo, Alfredinho o segundo. Alfredinho ainda fez em 1937 um jogo, e dois gols, com o Manto Sagrado, e voltou ao Fluminense, clube onde tinha jogado entre 1926 e 1933, e escreveu novos capítulos do Fla-Flu.

Fecho essa crônica com o grande presidente rubro-negro José Bastos Padilha, que mudou a história do Flamengo e que fez do Flamengo o mais popular do Brasil. Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer.

1953

Crônica #13 publicada originalmente no 12 de março de 2023



Vamos continuar as homenagens ao Nosso Rei Zico pelo seu 70º aniversário, com uma volta no ano de seu nascimento, que não foi apenas a criação de Deus para Flamengo, 1953 também foi um ano de ouro, de título, de milagre.

O ano começou com o fim do campeonato carioca 1952. No 3 de janeiro de 1953, Flamengo perdeu seu primeiro jogo do ano, contra o America. O técnico era um monumento no Flamengo, Jayme de Almeida, e Flamengo tinha grandes jogadores como o goleiro paraguaio Garcia, Jordan, Dequinha, Joel, Índio e Zagallo. Flamengo ainda goleou Botafogo por 6x3 e Bonsucesso 5x2, Índio fazendo um hat-trick nos dois jogos, e fechou o campeonato com uma vitória 3x1 contra Fluminense, com gols de Índio, Adãozinho e Rubens, o supercraque do time. O apelido do Rubens era Doutor Rubis pela classe que ele tinha em campo. O grande jornalista Mário Filho descreveu Rubens assim: “Gostava de dar dribles largos. Parecia que prendia a bola com um barbante amarrado à chuteira. Porque a bola, que ele atirava para a esquerda e para a direita, voltava sempre, logo, aos pés dele. Rubens não andava como qualquer mortal. Levava um pé à frente, devagar, deixava-o pousar na calçada e, depois, trazia o

outro, gingando o corpo, como se dançasse. Não era um samba (...) era um gingar de malandro. De bamba de terreiro”.

Mas quem foi campeão carioca 1952 foi o Expresso da Vitória, o grande time do Vasco. Desde o tricampeonato do Flamengo entre 1942 e 1944, Vasco faturou a maioria dos títulos cariocas: 1945, 1947, 1949, 1950, 1952. Fluminense conseguiu ser campeão em 1946 e 1951 e Botafogo acabou com um jejum de 13 anos em 1948. Flamengo ainda ficava num jejum de 9 anos, não tinha levantado a taça desde 1944, quando o Maracanã nem era um sonho. As coisas precisavam mudar.

Mas as coisas não mudavam ainda. No primeiro quadrangular internacional do Rio de Janeiro, Flamengo empatou contra o Racing e venceu Boca Juniors por 4x2. Mas no jogo do título, foi goleado 5x2 pelo Vasco, que conquistou a taça. Flamengo ainda passou por amistosos, inclusive um na Vila Belmiro onde foi derrotado 4x3 pelo Santos apesar de um novo hat-trick de Índio. Dois dias depois, Flamengo vingou-se com uma goleada 4x0 contra o mesmo Santos na mesma Vila Belmiro. No torneio quadrangular Régis Pacheco, na Bahia, Flamengo começou com uma goleada 8x2 contra Vitória e em seguida venceu dificilmente Bahia e empatou contra o Internacional, que levou o título com duas goleadas contra os times baianos. No torneio Juan Domingo de Perón, no Monumental de Buenos Aires, Flamengo empatou contra o Racing e Boca Juniors e goleou Botafogo 3x0 com dois gols de Rubens e um de Joel. Flamengo, enfim, campeão.

Flamengo era campeão na Argentina, mas de um torneio amistoso. Voltou no Brasil para um torneio para valer, o torneio Rio – São Paulo. Contra o mesmo Botafogo, Doutor Rubis fez de novo um dobrete, mas Flamengo empatou 3x3. E agora sim, as coisas mudaram com a nomeação como técnico do paraguaio Fleitas Solich, que levou dez dias antes o Paraguai ao seu primeiro título do campeonato sul-americano, conquistado num jogo desempate contra

o Brasil. Tinha três outros paraguaios no time: o goleiro Garcia, o meio-campista Modesto Bria e o centroavante Benítez. Tinha também o argentino Chamorro para um Flamengo internacional no contexto pós-Maracanão. Fleitas Solich, que recebeu o apelido de Feiticeiro para sua capacidade de revelar jogadores, não foi o primeiro estrangeiro a treinar o Flamengo, este foi Ramón Platero em 1922, que treinava ao mesmo tempo Flamengo e Vasco! Depois teve vários, o mais famoso foi o húngaro Dori Kruschner, que revolucionou a tática no Brasil e importou o WM.

Fleitas Solich também revolucionou a tática no Brasil, com um 4-2-4 e um Zagallo recuado, um esquema tático que será utilizado pelo Brasil campeão do mundo em 1958. Fleitas Solich começou no Mengo com uma vitória 3x2 contra o Santos no Maracanã, com gols de craques, apenas de craques: Joel, Evaristo de Macedo e Esquerdinha. Flamengo sempre foi diferente. Em seguida, empatou contra Vasco e logo no seu terceiro jogo, Fleitas Solich levou uma terrível goleada, um 6x0 contra o Corinthians! O clube paulista fechou com o título este ano e tinha um grande time, com Cláudio, Luizinho, Carbone e Baltazar, mas uma derrota assim sempre dói. Em seguida, Flamengo empatou quatro vezes consecutivamente e fechou sua participação com uma derrota contra Bangu e um 8º lugar num torneio de 10 times. Uma decepção. Conquistou o torneio triangular de Curitiba contra a Portuguesa e Coritiba, mas levou um 4x1 num amistoso contra São Cristovão no antigo estádio Figueira de Mello e perdeu logo no torneio início carioca contra o Canto do Rio. Fleitas Solich ainda estava longe de convencer todo mundo.

No campeonato carioca, Flamengo estreou com uma goleada 4x0 contra Madureira. Venceu Olaria e a Portuguesa. Goleou Bonsucesso 4x0, Benítez fazendo todos os gols do jogo! Benítez ainda fez um dobrete numa outra goleada, um 5x0 contra Bangu, com também um dobrete de Rubens e um gol de Joel. Mas depois, Flamengo perdeu contra Fluminense, empatou contra São Cristovão e perdeu 3x0 contra Botafogo. Flamengo sofreu com Garrincha, autor de um gol e

que disputava esse ano seu primeiro campeonato carioca, enfrentando Jordan, que foi segundo o próprio Garrincha, o maior marcador dele, sempre jogando limpo. Laterais esquerdos para Garrincha era tudo João, a mesma coisa, menos Jordan, o marcador impecável. Apesar de outras vitórias durante a primeira fase, Flamengo fechou o primeiro turno com um 3x3 contra Vasco e ainda não convencia todo mundo, vencendo nenhum dos grandes times do Rio.

Flamengo precisava vencer, não podia ficar mais um ano sem título, completar um jejum de dez anos. Flamengo tinha que ganhar em 1953, ano do nascimento de Zico, um ano totalmente rubro-negro. O padre Góes, flamenguista roxo, não aguentava mais. No livro *A Nação*, como e por que o Flamengo se tornou o clube com a maior torcida do Brasil, Marcel Pereira escreve: “O padre Góes, da Igreja de São Judas Tadeu, flamenguista fanático, sofria. Em 1953, quando não aguentou mais, foi à Casa Grande da Gávea e lá, sem preâmbulo, com os jogadores em volta – Fleitas Solich mostrando os dentes de coelho num riso, Gilberto Cardoso sério, como numa igreja – garantiu que, em nome de São Judas Tadeu, o Flamengo ia ser campeão de 1953. Mas os jogadores tinham que ajudar um pouco: não custava nada ir numa missa de domingo, na manhã antes de cada jogo”. Flamengo era, é e sempre será diferente de todos os outros clubes.

E Flamengo começou o segundo turno com uma goleada 7x2 contra Bangu, três de Índio, dois de Rubens, um de Esquerdinha, um de Joel. De novo, só craques no Flamengo. Venceu Olaria, Canto do Rio, Bonsucesso e como na primeira fase, empatou 3x3 contra Vasco. Também empatou contra Botafogo, um 1x1 com gols de Joel e Garrincha, dois campeões do mundo em 1958 na ala direita. Entre goleadas, 5x0 contra a Portuguesa e Madureira, 4x0 contra São Cristovão, uma vitória mais difícil contra America, 3x2 com gols de Benítez, Rubens e Índio. Só craques. Rubens e Índio voltaram a fazer um gol para vencer o Fla-Flu, último jogo da segunda fase. Flamengo

classificou-se para o hexagonal final como primeiro do campeonato, com 36 pontos, um a mais do que o Botafogo. Com a ajuda do padre Góes, rezar para São Judas Tadeu parecia funcionar.

Fluminense, Vasco, America e Bangu também se classificaram para o hexagonal final, uma Era de ouro para o futebol carioca. Flamengo venceu um outro Fla-Flu, de novo por 2x1, agora com gols de Benítez e Índio. Benítez continuou a marcar nas duas vitórias contra América e Bangu, as duas pelo placar de 2x0, contra América no 28 de dezembro de 1953 e contra Bangu no 3 de janeiro de 1954. Mas nada de férias, Flamengo precisava ganhar o campeonato, precisava rezar ainda mais para São Judas Tadeu.

De novo Marcel Pereira no livro A Nação, como e por que o Flamengo se tornou o clube com a maior torcida do Brasil: “Quando chegou a manhã da partida decisiva, Gilberto Cardoso, Fleitas Solich, Alves de Moraes, todos os jogadores, até o dr. Rúbis, com velas na mão, ajoelhou-se diante do altar da Igreja de São Judas Tadeu, no Cosme Velho”. No jogo decisivo contra Vasco, 132.508 almas no Maracanã. O adversário era o Expresso da Vitória, de Ely, Ademir, Pinga e Ipojuca, campeão de 1952, e que também tinha um zagueiro no início de carreira, Bellini. O técnico é Flávio Costa, outra lenda do Flamengo, ainda hoje que dirigiu mais vezes o Flamengo, 777 vezes entre 1934 e 1965. Um monumento.

No Maraca, o lateral-esquerdo vascaíno Jorge foi o primeiro a marcar. Só que foi gol contra. Flamengo 1x0. Com meia-hora de jogo, Índio marcou, pelo Flamengo, 2x0 e um minuto antes do intervalo, Benítez quase deu o título ao Flamengo com um gol, Flamengo 3x0. O grande Ademir deu esperança ao Vasco fazendo um gol com uma hora de jogo. Mas um minuto antes do fim do jogo, Benítez deu o título ao Flamengo com mais um gol, Flamengo 4x1, Flamengo campeão. No 20 de janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro de Rio de Janeiro, Flamengo fechou o campeonato contra Botafogo com mais uma vitória, a quinta em 5 jogos no hexagonal

final, com um gol de seu maior craque de um time cheio de craques, Doutor Rubis.

Com 22 gols, dois a mais do que Garrincha, o paraguaio Benítez se tornou o primeiro estrangeiro a ser artilheiro do campeonato carioca desde 1915 e o inglês Harry Welfare, centroavante do Fluminense. Pelo Flamengo, Índio fez 18 gols e Rubens 17. Espetáculo não foi só em campo, mas também na arquibancada. No total do campeonato carioca de 1953, 2.456.678 espectadores, um recorde que será batido só em 1976. “Quando o estádio foi construído pareceram exageradas as suas proporções e excessivos os sacrifícios financeiros dedicados à sua formidável concepção. Mas agora vemos que esses domingos esportivos são úteis para a higiene mental do povo e para arejar as pesadas preocupações da semana” escreveu o Jornal do Brasil no 12 de janeiro de 1954. Uma Era de ouro do futebol carioca. E mais importante, Flamengo, depois do tricampeonato 1942-1944, enfim, depois de 9 anos de luta e sofrimento, era o campeão da cidade, com a ajuda de São Judas Tadeu, o padroeiro das causas impossíveis, que também virou o padroeiro do Flamengo.

Em 1954, outros padres tentaram ajudar outros times do Rio, torcedores tricolores reclamaram, mas o padre Góes garantiu: “O Flamengo vai ser bicampeão”. E foi. E a torcida do Fluminense continuou reclamando, até escrevendo carta para o Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara. E o padre Góes continuou: “Em nome de São Judas Tadeu, garanto o tricampeonato”. E foi, em 1955, Flamengo conquistou o segundo tricampeonato de sua história. Hoje, o Dia do flamenguista é 28 de outubro, porque é dia do São Judas Tadeu.

O técnico Fleitas Solich ficou no Flamengo até 1957 e voltou em três outras ocasiões, até 1971. Dirigiu o time em 504 jogos, sendo ainda hoje o segundo técnico com mais jogos no Flamengo, atrás apenas de Flávio Costa. E nesse último ano no banco, em 1971, o feiticeiro Fleitas Solich fez mais magia, lançou pela primeira vez nos

profissionais um jogador, um Deus, Nosso Rei, Arthur Antunes Coimbra, Zico. 1953, realmente um ano de fé, de ouro e de glória eterna para o Flamengo.

1964

Crônica #5 publicada originalmente no 16 de outubro de 2022



O Flamengo de 1964 tinha alguns nomes conhecidos no elenco, como o goleiro Marcial, o zagueiro Ditão, o lateral-esquerdo Paulo Henrique, o meio-campista Nélson, o atacante Aírton. Tinha o ídolo, Carlinhos, um dos maiores nomes da história do Flamengo. E tinha também o gringo, Espanhol, chamado assim porque nasceu na Espanha. Se mudou no Brasil com seus pais, quando ele tinha 13 anos. Começou na base do Flamengo e jogou no clube até esse ano de 1964. Depois, jogou durante dez anos no Atlético de Madrid, jogando também pela seleção espanhola, com quem jogou a Copa do Mundo 1966.

Flamengo tinha também como técnico uma lenda, Flávio Costa. Ganhou 4 títulos do campeonato carioca com Flamengo, e 4 outros com o Vasco. Depois, voltou no Flamengo, onde ganhou mais um título carioca, em 1963, no eterno Fla x Flu, na frente de 194 603 torcedores no Maracanã.

Flamengo começou a temporada de 1964 com alguns jogos amistosos, inclusive o Torneio Internacional de Santiago, torneio de muita história e tradição. Flamengo venceu o Racing da Argentina, o Nacional do Uruguai, o Colo-Colo do Chile, mas a derrota contra

Universidad do Chile logo na primeira rodada foi fatal e Flamengo ficou com o vice. Se recuperou e conquistou o Torneio Triangular de Medellin, vencendo tanto o Atlético Nacional que o Independiente.

Primeira competição oficial do ano foi o Torneio Rio – São Paulo, em março. Flamengo começou com duas vitórias, contra Corinthians no Pacaembu e Vasco no Maracanã. No dois jogos, Aírton e Paulo Alves fizeram os gols. Depois, ganhou apenas mais um jogo no torneio, mas uma vitória histórica. No Maracanã, com 132.550 espectadores, Flamengo recebeu Santos. Pelé abriu o placar logo no primeiro minuto, Flamengo empatou, Pepe fez mais um pelo Peixe, Flamengo empatou de novo. E Flamengo virou, com gol de Aírton nos dez minutos finais. Mas no fim, o campeão foi Santos, com 14 pontos, quatro a mais do que Flamengo, que ficou na terceira colocação.

Flamengo não parou de fazer história em 1964, com uma excursão na África, Ásia e Europa. Jogou na Costa de Marfim, Gana, Líbano. Fez 1x1 contra o Milan no San Siro, venceu o Troféu Naranja contra o Nacional do Uruguai e o anfitrião, Valência. Espanhol, quase em casa, fez o gol do título pelo Mengão. O Mengão goleou 5x1 a seleção da Alemanha Ocidental, com 5 gols de Aírton! Jogou também na URSS, o que viajou o Flamengo de 1964 foi brincadeira. Na excursão, foram 3 continentes, 14 jogos, 9 vitórias, 3 empates e apenas duas derrotas. Flamengo foi gigante no mundo inteiro.

Para fechar o ano, o campeonato carioca. No primeiro turno, venceu Vasco e Botafogo, mas perdeu contra Bangu e Flu. No segundo turno, mais um Fla-Flu eterno, porém sem vencedor. No Maracanã, com 136.600 torcedores, foi 3x3. Grande nome do Flamengo foi Osvaldo, que fez o gol do 1x1 no início do jogo com um golaço de falta, e fez o gol do 3x3 no último minuto, de pênalti. Flamengo goleou Canto do Rio 6x0, mas depois teve um sequencia ruim, com derrotas contra America e Bangu, e empate contra São Cristóvão. No último jogo, Flamengo precisava de uma vitória contra Botafogo

para ser campeão pela 15ª vez de sua história, ou de um empate para força um triangular final. Mas perdeu o jogo, que também foi o último jogo de uma lenda do futebol brasileiro, Nílton Santos. Na decisão, Fluminense venceu Bangu. Aírton foi artilheiro do Flamengo, com 17 gols, a dois gols do artilheiro do campeonato, Amoroso do Fluminense.

Como campeão carioca 1963, Flamengo jogou mais uma competição em 1964, a Taça Brasil. Estreou na semifinal com vitória no Ceará, contra o time do mesmo nome. No Maracanã, venceu mais uma vez o Ceará, com dois gols de Aírton e um de Carlinhos. Na final, um monstro, o Santos de Pelé. No Pacaembu, Flamengo foi goleado 4x1 com hat-trick de Pelé e gol de Coutinho. O 0x0 no Maracanã consagrou Santos.

Apesar das decepções finais, Flamengo fez brilhar seu nome em 1964 nos quatro cantos do mundo, no Chile, na Colômbia e no Brasil, na África e na Ásia, na Europa do Oeste e do Este. Parabéns Flamengo, você sempre é um gigante.

1972

Crônica #3 publicada originalmente no 27 de setembro de 2022



O time de 1972 teve no começo do ano o reforço de alguns craques como o argentino depois naturalizado brasileiro Doval, de volta de um empréstimo na Argentina, e o Paulo César Caju, craque do Botafogo, culpado pela perda do campeonato carioca 1971 contra Fluminense. O capitão do time era o zagueiro paraguaio Francisco Reyes, que morreu precocemente com apenas 35 anos, vítima de uma leucemia. Tinha também bons jogadores, como o centroavante Caio Cambalhota, também antigo jogador do Botafogo, e Wanderley, que depois se tornará Vanderlei Luxemburgo como técnico. Falando de técnico, o de Mengão de 1972 era também antigo botafoguense, mas também passou pelo Flamengo como jogador: o Mário Jorge Lobe Zagallo. Pela primeira vez, não a última, o tricampeão do mundo era o treinador do Mengo.

Flamengo iniciou a temporada de 1972 com dois torneios amistosos, começando com o Torneio Internacional do Rio de Janeiro. Também participaram Vasco e Benfica. O primeiro jogo, contra Benfica, é um jogo eterno. Foi uma vitória 1x0 com um golão de Fio Maravilha, que virou um canto de Jorge Ben. “Foi um gol de classe onde ele mostrou sua malícia e sua raça, foi um gol de anjo, um verdadeiro gol de placa”. Fio Maravilha, nós gostamos de você. No último jogo,

também no Maracanã, Flamengo ganhou também 1x0, agora com gol de Paulo César Caju. Flamengo começava a temporada como campeão.

Depois, jogou o Torneio General Emílio Garrastazu Médici, popularizado Torneio do Povo. Eram tempos sombrios da ditadura militar. O regime usou o futebol para divertir o povo, esconder a tortura e os desaparecimentos. Então foi Torneio do Povo, com os times de maiores torcidas: Bahia, Atlético Mineiro, Corinthians, Internacional e Flamengo. De novo, Flamengo começou com uma vitória 1x0, contra Bahia, agora com gol de Caio Cambalhota. Contra o Galo, Caju abriu o placar, Doval fez o segundo, Flamengo ganhou. Contra o Timão, Caju abriu o placar, Doval fez o segundo, Flamengo ganhou. Um 0x0 contra o Internacional na Fonte Nova foi suficiente para gritar de novo “é campeão”.

O campeonato carioca foi especial, por ser o do ano de sesquicentenário da independência do Brasil. Uma metade sem o Flamengo, a outra com o Flamengo. Bem melhor a segunda metade. Em 1972 também, a Taça Guanabara passou a ser o primeiro turno do campeonato carioca, e não mais uma competição a parte, como era o caso antes. E o primeiro campeão dessa Taça Guanabara foi o Flamengo, com 9 vitórias, 2 empates e nenhuma derrota. E uma goleada 5x2 contra Fluminense. Flamengo perdeu a invencibilidade contra São Cristóvão no segundo turno, vencido pelo Fluminense. Vasco ganhou o terceiro turno, precisava de um triangular final para ter um campeão.

O Vasco de Tostão perdeu contra Flamengo e contra Fluminense. A grande final era uma Fla-Flu, a primeira vez desde 1963, quando Flamengo ganhou. Para mim, evitando o clubismo apesar do fanatismo, o time do Fluminense de 1972 era melhor. Tinha os tricampeões Félix e Marco Antônio, um meio-campo de ouro com Denílson, Gérson e Didi, não o Didi bicampeão do mundo, mas também grande jogador, e um ataque muito bom com Jair, Cafuringa

e Lula. Para mostrar a qualidade do time, basta dizer que Toninho, que brilhou depois no Flamengo, era reserva.

Um Fla-Flu é sempre especial, uma final ainda mais. E em 1972, a data do jogo foi especial também, um 7 de setembro. 150 anos depois do grito do Ipiranga, tinha outros gritos, agora no Maracanã, de 136.829 torcedores. Nem foi o maior público do campeonato carioca 1972, maior público foi um outro jogo do Flamengo, claro, mas contra Botafogo, com 137.261 torcedores. Contra Fluminense, 7 de setembro de 1972, Doval abriu o placar, e acabou artilheiro do campeonato com 16 gols. Caio Cambalhota, já autor do gol contra Vasco, fez o segundo. Apesar do gol de Jair pelo Tricolor, Flamengo ganhou o Fla-Flu e conquistou a Taça Sesquicentenário da Independência do Brasil.

O campeonato carioca de 1972 foi especial por um outro motivo. Uma jovem promessa participou de dois jogos, um 0x0 contra Botafogo, o jogo dos 137.261 torcedores, e um 2x2 contra Vasco. O nome da promessa era Arthur Antunes Coimbra, ninguém menos do que o Zico, que ganhava assim seu primeiro título profissional depois de ganhar o campeonato carioca juvenil no mesmo ano. O ano de 1972 também foi um ano de decepção para Zico, como ele explicou no UOL em 2012: “A minha maior tristeza no futebol foi não ter ido à Olimpíada de 72. Eu fiz o gol que classificou o Brasil e meu nome não estava na lista dos convocados. Foi a maior decepção da minha vida. Na hora fui falar com o meu pai que eu queria encerrar a minha carreira e cheguei a ficar dez dias sem ir ao Flamengo”. Graças a Deus, Zico voltou ao Flamengo.

Zico voltou no Brasileirão 1972, com uma vitória contra Sergipe, uma derrota contra Grêmio e dois empates, contra Santos e Cruzeiro, os quatro jogos fora de casa. Flamengo foi eliminado na segunda fase, mas foi na primeira fase que conheceu uma decepção, quero dizer uma humilhação, agora no Maracanã. Numa outra data especial, um 15 de novembro, Flamengo perdeu 6x0 contra

Botafogo. Graças a Deus e ao talento do time de 1981, o 6x0 foi vingado, mas não totalmente esquecido. Como o time de 1972, com a ginga de Paulo César, os gols de Doval e Caio, a promessa de Zico, não foi esquecido.

1974

Crônica #14 publicada originalmente no 2 de abril de 2023



Para hoje um ano histórico que foi a afirmação de Zico. Craque, ele sempre foi. Mas faltava ainda coisas para passar de potencial a potência, e foi em 1974 que ele passou de promessa a já ídolo da Nação. Ainda faltava títulos mas acho que já foi em 1974 que ele se tornou o maior nome do Flamengo, não apenas do time, mas da história do clube. Claro, tinha Domingos, Leônidas, Dida & Cia., mas Zico já aparecia como o maior craque, o maior ídolo do Flamengo.

Zico era a maior promessa da base, mas ainda muito franzino. Em 1970, com a ajuda financeira e a confiança total do futuro presidente George Helal, começou um trabalho físico intenso para desenvolver essa parte do jogo. Em 1971, estreou nos profissionais, em 1972, ganhou o primeiro título, mas ainda era reserva. Em 1973, com Zagallo, começou a jogar mais, 52 dos 72 jogos do Flamengo no ano. Assinou o primeiro contrato profissional e recebeu a camisa 10 pelo funcionário Ayer Andrade, como Ayer Andrade lembrou no livro Zico, 50 anos de futebol, de Roberto Assaf e Roger Garcia: “Estávamos no vestiário do Maracanã. Perguntei ao gringo Doval se ele não poderia deixar o menino entrar com a 10. E ele me falou,

naquele português enrolado: ‘Ô Andrade... quem joga sou eu, não é camisa, vai lá e dá a camisa ao menino’”.

Zico começou a se afirmar no fim do ano de 1973. O ano de 1974 prometia ainda mais, com relembra agora o próprio Deus Zico, no mesmo livro: “O Flamengo não se classificou para a fase final do Brasileiro, mas ganhamos quatro das cinco últimas partidas e eu fiz gol em três delas. Então chegou o ano de 1974, eu fiquei crente de que voltaria a ser titular, mas veio no princípio uma desilusão muito grande. O Zagallo saiu e entregou o time para o Joubert, que tinha sido o meu técnico no título juvenil de 1972”. E Zico começou a temporada mais como reserva que como titular.

Zico era reserva com Joubert, e ganhou seu lugar num jogo-treino, jogando sim, com os reservas no início. De novo Zico, de novo no livro Zico, 50 anos de futebol, de Roberto Assaf e Roger Garcia: “Ganhamos o coletivo de 2 a 1, eu fiz os dois gols, fui o melhor, arrebentei mesmo. Na segunda-feira tinha outro coletivo, já que a gente ia jogar na quarta. Quando cheguei na Gávea, o Joubert chamou a mim, o Doval e o Dario numa sala, reuniu nós três e falou assim: ‘Olha, a camisa de titular eu vou dar para o Zico, ele vai jogar, vocês dois vão disputar outra posição’. Era a camisa titular na minha posição, então arrebentei com o treino de novo. Por fim, no jogo contra o time da Iugoslávia, vencemos por 3 a 1 e eu marquei dois gols. Em seguida, fomos para uma excursão. Em Goiatuba, ganhamos de seis e eu fiz dois, no Ceará foram sete e eu fiz mais três, veio o Corinthians no Maracanã com Rivelino e tudo, eu fiz dois, dei dois para o Dario, e falei ‘Porra! Acabou...’”.

Pode parecer exagero, mas tem nenhum exagero nas palavras de Zico, já que Zico é um dos seres humanos mais honestos e humildes que existiu, e tudo pode ser verificado. Inclusive, a goleada 5x1 contra o Corinthians já foi um jogo eterno no francêsguista. O jogo contra o time iugoslavo de Zeljeznicar foi 3x1 sim, com dois gols de Zico sim, e tem como ilustre testemunha o grande escritor Nelson

Rodrigues: “Ao longo dos 90 minutos, os iugoslavos foram dominados, envolvidos, batidos. Zico foi uma figura excepcional. É um jogador que está a caminho de uma furiosa plenitude. Como sabe lidar com a bola, como seus passes saem límpidos, precisos. Zico entrou nessa fase em que o jogador faz o que quer com a bola”. Seis dias depois, Flamengo empatou 1x1 contra Desportiva Ferroviária, Zico fez o gol do Mengo, Zico estava perto da furiosa plenitude.

Zico era uma figura excepcional, fazia o que queria com a bola, já era um líder, uma evidencia para a torcida, uma grande ajuda para os companheiros. Ia fazer uma grande dupla com o saudoso Geraldo, que infelizmente morreu dois anos depois, e ia deixar o Flamengo dos anos dourados ainda mais incrível. Fala ainda Zico, agora no livro Zico: paixão e glória de um ídolo, de Lúcia Rito: “O Geraldo tinha um domínio incrível sobre a bola. Ele jogava sempre com a cabeça em pé, não olhava para baixo, e a bola nunca desgrudava da chuteira dele. Eu ficava muito espantado ao ver aquela telepatia dele com a bola. Só anos depois encontrei outro jogador que fazia o mesmo, o Leandro”.

Geraldo era tão impressionante que obrigou uma outra promessa da base a deixar o meio-campo para a lateral, o que também transformou a melhor Era da história do Flamengo. Um jogador de cabelo Black Power, de habilidade e maestria, Júnior, que virou lateral-direito com a lesão de Garrido na base, até contra a sua própria vontade: “Não queria jogar ali de jeito nenhum. Até porque o Garrido era meu camarada e não queria tirar o lugar dele. Mas me convenceram, já que logo eu estaria nos profissionais, onde o Geraldo era o dono absoluto da ‘oito’, e, na lateral, não tinha ninguém de peso”. Mas ainda não é a hora da estreia de Júnior.

Era a hora da preparação do Brasileirão e Flamengo realizou mais uma excursão, estendendo a magia rubro-negra fora do Rio, do Brasil, da América do Sul. Na África, empatou 4x4 e 3x3 contra a seleção do Zaire, Zico fazendo 2 gols no primeiro jogo, 1 gol no

segundo jogo. Com apenas 3 dias de recuperação, perdeu 2x1 contra o Olympiakos na Grécia e depois empatou 2x2 contra a Seleção da Arábia Saudita com 2 gols de Zico. Zico foi de novo o principal nome do Flamengo na primeira vitória do clube na excursão, no último jogo, contra a seleção do Kuwait, vitória 3x2, gols de Zico, Dario e Paulinho. Agora era a hora de começar o Brasileirão.

O Brasileirão de 1974 era por uma vez simples, com 40 clubes. Na primeira fase, 2 grupos de 20 clubes, com os dez melhores classificados na próxima fase. Mas a CBF, ou na época a CBD, sendo a mesma bagunça de sempre, adicionou uma particularidade. Dentro dos dez últimos dos grupos, tinha um time que beneficia de uma rescapagem com um critério extra-esportivo: quem tinha a melhor renda se classificava na segunda fase. Se beneficiariam desse regulamento sem sentido Fluminense e Nacional de Manaus.

Flamengo estreou no Brasileirão de 1974 no Maranhão, contra Sampaio Corrêa, estreou com vitória 2x1, com gols do ídolo Rondinelli, e de Dario, talvez não ídolo completo do Flamengo mas uma das personalidades mais incríveis da história do futebol brasileiro. Dario marcou de novo contra o América de Natal. No primeiro jogo no Maracanã, um clássico contra Vasco, 1x1, gol de Zico. Flamengo ganhou os 4 jogos seguintes antes de um empate contra o Internacional, de novo com gol de Zico. Com antigos parceiros da base, como Cantarelli, Jaime de Almeida, Vanderlei Luxemburgo e Geraldo, Zico já se afirmava como o líder do time, substituindo nos gramados e no coração dos torcedores o craque argentino Doval.

Depois do empate contra Internacional, Flamengo ganhou 3 jogos seguidos, Zico fazendo gol em todos os jogos. Depois de um frustrante 0x0 contra Olaria, Flamengo venceu 1x0 Grêmio. Gol de quem? Gol de Zico obvio, um autentico golaço, infelizmente sem imagens, ainda eram outros tempos do futebol. No ano da aposentadoria de Pelé, Zico surgiu como um novo Pelé. Futebol de

craque, visão de jogo e dribles, e gols, muitos gols. Pelé, Zico, quatro letras para fazer brilhar o Brasil. Flamengo foi um pouco mais irregular no final da primeira fase, com 3 vitórias em 7 jogos, mas fechou a fase no segundo lugar, com um ponto a menos do líder Grêmio. Também foi a melhor defesa do grupo, junto com Grêmio, com 8 gols contra, e a segunda melhor ataque, 29 gols, um a menos do que Grêmio, Internacional e America.

Na segunda fase, tinha 4 grupos de 6 times, onde só o primeiro conseguia um lugar para o quadrangular final. E no grupo do Flamengo, Cruzeiro foi impecável com 5 vitórias em 5 jogos. Flamengo estreou no turno com vitória 3x0 no Guarani, gols de Arílson, Paulinho e Zico. Perdeu contra Palmeiras, empatou contra Bahia, perdeu contra Cruzeiro. A goleada 6x0 contra Paysandu foi inútil, Flamengo foi eliminado e ficou no sexto lugar de um campeonato vencido pelo arquirrival Vasco. Com 12 gols, Zico ficou a 4 gols do artilheiro, que viria a ser um grande amigo e rival, Roberto Dinamite.

Depois de duas semanas de férias, Flamengo estreou no campeonato carioca. Com vitória não, 1x1 contra Bangu, com gol de Zico sim. Zico também deixou o dele na derrota contra Madureira, na vitória contra America. Depois de um dobrete de Doval na vitória 2x0 contra São Cristóvão, Zico voltou a marcar, na vitória contra a Portuguesa, na derrota contra Fluminense, de falta, na vitória contra Olaria, no empate contra Bonsucesso. Depois de passar em branco contra Campo Grande, Zico voltou a marcar nos dois clássicos para fechar a Taça Guanabara. Fez 2 gols no 2x2 contra Botafogo, 1 gol no 1x0 contra Vasco. Nos 11 jogos do primeiro turno, Zico marcou em 9 jogos, uma marca impressionante, mas o resto do time era um pouco atrás e Flamengo fechou a Taça Guanabara no terceiro lugar, com 4 pontos atrás do campeão, o America.

O America era justamente o primeiro adversário do Flamengo no segundo turno, a Taça Oscar Wright da Silva. E Flamengo venceu

4x1, Zico abrindo o placar. Zico fez dois, de pênalti e de falta, na goleada 5x1 contra Madureira, obviamente não fez no 0x0 contra Campo Grande, e respondeu, de falta, ao Roberto Dinamite no 1x1 contra Vasco. Depois de uma vitória contra Bonsucesso, Flamengo fechou o turno com dois 0x0 nos clássicos contra Botafogo e Fluminense, e quem foi campeão foi Vasco, com um ponto a mais que Flamengo e Botafogo.

Ficava um lugar para ver o triangular final junto com America e Vasco, o do campeão do terceiro turno, a Taça Pedro Magalhães Corrêa. Mas antes, um jogo amistoso, a Taça deputado José Garcia Neto, que marcou o primeiro dos 876 jogos do Júnior com o Manto Sagrado. Falou Júnior no livro Os dez mais do Flamengo, de Roberto Sander: “Num jogo em Mato Grosso, entrei no lugar do Humberto Monteiro no segundo tempo. No vestiário, quando ajeitava meu cabelo, o Joubert veio falar comigo. Primeiro brincou, implicando com o estilo Black Power que usava: ‘que penteado é esse?’, ele perguntou. ‘É a moda, seu Joubert’. Aí ele jogou uma letra: ‘Se prepara que seu deserto vai virar um oásis’. Entendi o recado e passei a treinar ainda mais com vontade. Sabia que logo teria uma oportunidade”. E Júnior virou titular na vitória 1x0 contra Madureira, no campeonato carioca, gol de Zico. Antes disso, Flamengo tinha estreado na Taça Pedro Magalhães Corrêa com uma vitória 2x1 contra Botafogo, 2 gols do argentino Doval, ainda um jogador maravilhoso.

Flamengo venceu Vasco 3x1 com gols de Paulinho, Zico e Doval e empatou 0x0 contra Campo Grande. Assim, Campo Grande tomou nenhum gol de Zico em 3 jogos no campeonato carioca 1974, uma verdadeira proeza de tantos gols que fez Nosso Rei durante a competição. Flamengo venceu o Fla-Flu, mas perdeu no jogo seguinte, apesar de um gol de Zico contra Bonsucesso, o outro time do primeiro turno que não tinha tomado gol de Deus. No último jogo do turno, Flamengo precisava ganhar do America para vencer a Taça, para ver o triangular final. Mas com apenas 6 minutos de jogo, Alex

abriu o placar para o America, de Edu Coimbra, irmão de Zico. Na metade do primeiro tempo, Júnior recuperou uma bola no meio de campo, avançou e de 35 metros, chutou forte de pé direito, chutou no gol de Rogério e empatou. Um golaço e no segundo tempo, outro golaço, do perfeito Zico, numa cobrança perfeita de falta. Flamengo no sufoco, mas Flamengo campeão do turno, Flamengo no triangular final.

Uma semana depois, Flamengo e America se reencontraram no Maracanã, para inciar o triangular final. E Flamengo abriu o placar com seu lateral-esquerdo, não Júnior, que jogava na direita, mas outro monumento do Flamengo, Jayme de Almeida. Mas Júnior também fez um gol durante o jogo, de ainda mais longe do que o gol uma semana antes. “Júnior mete o gol que Pelé sonhou” escreveu simplesmente o Jornal dos Sports. Flamengo ganhou 2x1 e Júnior foi eleito homem da partida pelo Globo: “O Flamengo chegou à final com um gol que Júnior marcou em Rogério, chutando de intermediária. Agora o Flamengo também vai decidir o título por causa de um gol seu encobrendo Rogério, conscientemente e com grande habilidade. Além disso, mostrou muita raça e decisão, tanto defendendo quanto atacando. O melhor em campo. Nota 10”. Depois do 0x0 entre o America e o Vasco, Flamengo precisava apenas de um empate contra Vasco para ser campeão.

E foi exatamente o que aconteceu, na frente de 165.358 espectadores, sétima afluência da história do Maracanã, Flamengo e Vasco ficaram no 0x0, Flamengo ficou com a taça de campeão. Com 2 gols contra o America, Júnior se tornava o grande herói do fim da conquista: “Esses gols me marcaram muito. Estava começando nos profissionais e eles aconteceram em jogos decisivos. Deram muita confiança. Acabamos campeões, e, por quase dois anos, fiquei como titular absoluto da lateral-direita” falou Júnior. Mas o grande herói do campeonato, que fez o Flamengo o campeão da cidade, foi Zico, que com 19 gols, deixou escapar sua primeira artilharia do campeonato carioca por um gol de diferença com Luizinho.

Mesmo assim, junto com um Brasileirão já brilhante, Zico fez um ano 1974 de ouro, ultrapassando o próprio ídolo e o ídolo da torcida, Dida, antigo recordista de maior número de gols em uma temporada com Flamengo, 46 gols em 1959. Quinze anos depois, com 49 gols, Zico virou o maior artilheiro do Flamengo em um ano, e virou o maior ídolo de uma Nação para a eternidade.

1977

Crônica #7 publicada originalmente no 7 de dezembro de 2022



Para a volta dos times históricos, vamos de um time que não fez tanta história, mas que foi muito importante para o clube. O ano é 1977, com já alguns dos jovens jogadores que fariam parte da maior geração do clube, entre 1978 e 1983: Rondinelli, Adílio, Júnior, Tita e claro, Zico. Flamengo também trouxe do Fluminense um veterano ídolo do Brasil, o Capita do Tri, Carlos Alberto Torres. Técnico era o saudoso Cláudio Coutinho, também jovem, apenas 38 anos.

Flamengo começou a temporada de amistosos, de goleadas também: 9x0 contra Central e 7x0 contra Portela. Depois, também num amistoso, jogou contra Fluminense, com na ponta do ataque o desconhecido Kalu, que lembrou do jogo para GloboEsporte: “Quando regressei para o Flamengo eu era ainda juvenil. O técnico era o Cláudio Coutinho, o centroavante titular era o Luizinho, e o reserva, o Marciano. No dia do jogo, de manhã, o Luizinho falou que não ia jogar, porque estava sem contrato. E o Marciano estava machucado. Aí o Coutinho telefonou para a concentração dos juvenis, que ficava na Praia do Flamengo, e me perguntou se eu estava bem, se não tinha ido a festa na noite anterior”. Kalu estava numa festa, mas mentiu e fez bem: no jogo, fez dois gols e Flamengo venceu 3x1.

Flamengo também foi jogar um amistoso no Estádio Nacional do Santiago, contra a própria seleção chilena. O Chile jogou como de costume em vermelho, e Flamengo entrou em campo com o Manto Sagrado para a foto oficial, mas depois trocou para o jogo para uma camisa azul-celeste, que era da associação de futebol do Chile. Apesar de um gol de Adílio, Flamengo perdeu por 2x1.

No campeonato carioca, Fla começou com um empate 1x1 contra Olaria, Zico fazendo o primeiro gol oficial da temporada de 1977. Na Taça Guanabara, Flamengo ficou 3 pontos atrás do Vasco, com uma frustrante derrota 3x0 contra o próprio Vasco. Depois de mais outros amistosos, Flamengo e Vasco fecharam o segundo turno do campeonato carioca na liderança com 12 vitórias, 2 empates e nenhuma derrota. Flamengo foi muito bem com várias goleadas, 37 gols pro em 14 jogos e apenas 2 gols contra. Mas se o Flamengo era o melhor ataque, com 27 gols em 28 jogos para Zico no campeonato, os 2 gols tomados não foram suficientes para ser a melhor defesa do segundo turno, a Taça Manoel do Nascimento Vargas Netto. Vasco tomou nenhum gol, o goleiro Mazarópi ficando 1.816 minutos sem ter o gol vazado, um recorde mundial.

Precisava então de um desempate para o segundo turno, Flamengo precisando da vitória para forçar uma final, já o Vasco podia ser o vencedor do campeonato carioca com uma vitória no jogo de desempate. Como aconteceu no último jogo entre os dois clubes, a partida ficou num 0x0. Mas um empate num jogo de desempate não é uma opção e jogo foi decidido numa disputa de pênaltis. Júnior abriu a disputa com um gol de pé direito, depois todo mundo fez, até Tita, que tinha entrado no jogo só para bater o pênalti. Tita, 21 anos na época, chutou e Mazarópi defendeu. Último cobrador do Flamengo, Zico fez o dele, achando o canto direito de Mazarópi. O ídolo do Vasco, Roberto Dinamite, foi no contrapé de Cantarelli e ofereceu o título ao Vasco.

Apesar da dor de perder contra Vasco, foi uma derrota muito importante para a geração de ouro do Flamengo, como falou Zico: “o marco inicial daquela equipe vitoriosa foi a derrota no estadual de 77, especialmente pelo Tita. Ele era muito jovem e entrou só pra bater o pênalti. Acabou perdendo e o grupo se fechou em torno dele. Saímos do Maracanã arrasados. Fomos para um restaurante e fizemos um pacto. O time era esse, não precisava de reforços significativos. Nós seremos vencedores. Precisamos acreditar no trabalho que estamos fazendo. E assim foi. Só nós, jogadores e a Comissão Técnica estavam lá. Foi o início de tudo”. O Flamengo nunca ia ser o mesmo depois dessa derrota contra Vasco.

Antes do início do Brasileirão, Flamengo jogou mais um amistoso, contra o Cosmos de New York. No Maracanã, Flamengo goleou o time de Beckenbauer por 4x1, com dois gols de Nosso Rei Arthur. O Brasileirão de 1977 ficou com 62 times e começou apenas no 15 de outubro. Flamengo estreou com uma goleada 5x0 contra Vitória, de novo Zico fazendo o primeiro gol rubro-negro do campeonato. Goleou também o Fluminense de Feira, time baiano, por 6x0, de novo Zico fazendo dois gols no jogo. Flamengo perdeu o Fla-Flu, mas fechou a primeira fase na liderança de seu grupo. Na segunda fase, agora no grupo K, Flamengo também foi o vencedor do grupo.

Tinha mais uma fase, Flamengo agora no grupo S! Com tantos jogos, a terceira fase começou no ano de 1978. Flamengo estava no grupo de Londrina, Vasco, Corinthians, Santos e Caxias, um grupo acessível onde só o primeiro se classificava para as semifinais do Brasileirão. E Flamengo foi muito mal, jogou mal, exceção com Adílio, e ganhou nenhum dos cinco jogos da fase! Flamengo estava eliminado e o vencedor do grupo foi o surpreendente Londrina, que caiu na semifinal contra o Atlético Mineiro.

A temporada de 1977 foi frustrante para nós flamenguistas, mas foi a última antes de muitos anos de felicidade. E talvez tudo isso não teria sido possível sem a frustração de 1977 e o pacto dos jogadores.

1979

Crônica #11 publicada originalmente no 12 de fevereiro de 2023



A melhor Era do Flamengo começou no final do ano de 1978, com um gol do Deus da Raça Rondinelli, numa final do campeonato carioca contra Vasco. Faltava ainda confirmar, e Flamengo fez isso, de uma maneira incrível, em 1979.

A temporada de 1979 começou com um jogo amistoso valendo uma taça, o troféu Alencar Pires Barroso, prefeito de Nova Friburgo, onde ficava o jogo, no estádio Eduardo Guinle, industrial franco-brasileiro e pai do fundador do Fluminense. O adversário do Flamengo nesse 27 de janeiro de 1979 era justamente Fluminense. E deu goleada 4x0 de Flamengo, com um gol contra e gols dos ídolos, Júlio César, Adílio e Zico.

A primeira competição oficial do ano foi no início o chamado I Campeonato Estadual de Futebol. Pela primeira vez, os times do interior do Rio de Janeiro disputavam o campeonato carioca, e não mais o campeonato fluminense. A nova criada Ferj convocou para a disputa os 6 melhores times do campeonato carioca 1978 e os 4 melhores times do campeonato fluminense.

Flamengo estreou com uma vitória 2x0 contra Volta Redonda. Depois, goleou America 4x0. Nesse jogo, Zico fez um gol de falta e depois teve uma outra falta, no exato mesmo lugar do campo. “É tudo igual, parece um videotape. Só falta a saber se a conclusão do lance será idêntica” falou o narrador do jogo. Foi. Zico fazia um dobre de faltas mágicas. Isso, só Nosso Rei.

Em seguida, Flamengo goleou Fluminense de Nova Friburgo 5x1, de novo com dois gols de Zico. Venceu Goytacaz 1x0, um gol de Zico, driblando o goleiro e tudo. E não era qualquer gol, Zico se tornava assim o maior artilheiro da história do Flamengo, ultrapassando o ídolo Dida com esse gol 245 com o Manto Sagrado. No livro 50 anos de Zico de Roberto Assaf e Róger Garcia, Zico falou: “Entrei para a história do meu clube do coração, foi muito bonito, muito gratificante, passei a ser o maior artilheiro da história do rubro-negro, mas nunca joguei para isso, veio com naturalidade, porque se tinha algo que eu fazia mesmo era gol, embora não tivesse a ideia fixa de superar ninguém”.

Depois, Flamengo empatou 1x1 contra Vasco, gol de Zico. Venceu São Cristóvão 2x0, dois gols de Zico e empatou 1x1 contra Fluminense, gol de Zico. Flamengo não conseguia vencer os grandes do Rio, mas pelo menos, também não perdia. E Zico não parava de marcar, uma coisa impressionante, em 4 jogos seguidos, só Zico marcou pelo rubro-negro. Flamengo também venceu o troféu João Batista Figueiredo, com uma vitória 2x0 contra o Corinthians em Brasília.

As goleadas voltaram, 6x1 contra Americano, 3x0 contra Botafogo, 6x1 contra São Cristóvão, 7x1 contra Goytacaz. Claro, os gols de Zico ficaram. Dois contra Americano, um golaço e uma assistência mágica para Carpegiani contra Botafogo e um hat-trick contra São Cristóvão. Mas Zico ia fazer ainda mais contra Goytacaz, ia brilhar ainda mais. Fez um duplo hat-trick, isso sim, 6 gols no mesmo jogo. Um gol de cabeça, um pênalti, um segundo pênalti, um terceiro

pênalti, um gol de voleio, um quarto pênalti. Quem fez o outro gol foi Júlio César, de falta. Olha a ironia, Zico, um dos maiores batedores de faltas da história, não fez o gol de falta do dia, mas fez 4 pênaltis. E 6 gols num jogo só. Ainda hoje, nenhum outro jogador no mundo fez 6 gols no maior palco do mundo, o Maracanã, onde Zico também é o máximo artilheiro em carreira, com 333 gols.

O maior artilheiro do Maracanã com a Seleção brasileira é Pelé, com a marca impressionante de 30 gols em 22 jogos. E os dois, Pelé e Zico, o Rei do futebol e Nosso Rei, jogaram juntos com o Manto Sagrado em 1979, num amistoso contra o Atlético Mineiro. O jogo já foi eternizado no francêsguista, mas vale lembrar que na frente de 139.953 sorteados, Fla goleou o Galo 5x1 com três gols de Zico, nesse jogo camisa 9. “Quando fui jogar do lado dele foi outra coisa. Abri mão da camisa 10, ele era o Rei, né?” falou Zico, que também é Nosso Rei, mas que é de uma classe e uma humildade tão gigantes que seu talento em campo. Pelé ficou nesse dia com sua camisa 10 eterna, mas agora com o Manto Sagrado, a melhor combinação possível.

Depois, Flamengo conseguiu três vitórias no campeonato carioca, as três com um gol de vantagem só. Maior jogo, aquele contra Vasco. Roberto Dinamite abriu o placar com um golaço de voleio, Zico empatou com outro golaço de combinações de cabeça e Adílio fez o gol da virada depois de um chute de Zico. Flamengo ainda goleou o Fluminense de Nova Friburgo e fechou o campeonato com dois empates, 1x1 contra Fluminense, gol de Cláudio Adão e 2x2 contra Botafogo, 2 gols de Zico. Flamengo ganhava as duas fases do campeonato, e vencia mais um campeonato com uma campanha impecável: 18 jogos, 13 vitórias, 5 empates, 0 derrota, 51 gols pro, sendo mais da metade, 26, só de Zico, obviamente o artilheiro do campeonato. Pela terceira vez de sua história, Flamengo vencia o campeonato carioca de maneira invicta, a primeira na era profissional, porque Flamengo só tinha conseguido fazer isso em 1915 e 1920.

Depois, a CBF achou injusto o critério de 6 cariocas e 4 fluminenses e obrigou a Ferj a fazer um novo campeonato carioca com todos os times que participaram dos campeonatos de 1978, os 12 do campeonato carioca e os 6 do campeonato fluminense. O campeonato de 1979 vencido pelo Flamengo de forma invicta virou “campeonato carioca especial”, e um novo campeonato carioca começou no mês de maio de 1979.

Flamengo estreou com goleada 5x0 contra Bonsucesso, com dois gols de Zico, um golão de calcanhar e um gol de cabeça. Depois venceu Serrano 1x0, gol de Zico e goleou São Cristóvão, com 2 gols de Zico. Claro, o Flamengo de 1979 não era só Zico, tinha Júnior, Adílio, Tita, Júlio César Uri Geller, Cláudio Adão e muitos outros. E claro, Zico não era só um artilheiro completo, era também o camisa 10, de dribles curtos, de canetas, de passes preciosos, de inspirações geniais, de liderança, de carisma. Zico e o Flamengo eram tudo isso também, mas as estatísticas de Zico nesse ano eram impressionantes.

Em seguida, Flamengo venceu Campo Grande 2x1, de novo com um gol de Zico. Flamengo chegava a 52 jogos consecutivos invictos, uma série que começou no 22 de outubro de 1978, com uma vitória 2x1 contra America e um gol de Zico. Claro, Zico também fazia gols em 1978. Flamengo igualava um recorde do futebol brasileiro, quando Botafogo ficou 52 jogos sem perder entre 1977 e 1978. E o próximo adversário era justamente Botafogo. Na frente de 139.098 pessoas no Maracanã, Flamengo infelizmente perdeu a invencibilidade, com gol de Renato Sá e atuação magistral do goleiro botafoguense Borrachinha, filho do Borracha, antigo goleiro do Flamengo.

Uma pena não ser o único clube a ter esse recorde que ainda vale hoje, mas Flamengo brilhou nesses 52 jogos, com 43 vitórias, apenas 9 empates e dois títulos, o campeonato carioca 1978 e o campeonato carioca especial 1979. Em comparação, Botafogo ganhou 31 jogos,

empatou 21 e nenhum título. Esse é uma das diferenças entre os dois times, outra é a diferença de qualidade dos jogadores e do coletivo. Esse Flamengo de 1979 é histórico, imortal, mesmo que o recorde seja superado um dia.

E depois, Flamengo voltou a fazer o que sabia: vencer, vencer, vencer. Vencer na raça ou na maestria, mas sempre vencer. Flamengo ganhou os 11 últimos jogos da Taça Guanabara, que conquistou com uma campanha quase perfeita: 16 vitórias, uma derrota. Nessa nova série, claro teve jogos eternos e atuações magistrais de Zico. No jogo seguinte da derrota contra Botafogo, Zico fez os três gols da vitória 3x1 contra Bangu. Dois de canhoto, um de cabeça, Zico um artilheiro completo. Mas Zico ia fazer ainda mais contra Niterói, ia brilhar ainda mais. Fez um duplo hat-trick, isso sim, 6 gols no mesmo jogo. Não é um erro, Zico realmente fez 6 gols em 2 jogos distintos em 1979 depois do jogo contra Goytacaz. Contra Niterói, um gol de semi-voleio, um gol de cabeça, um gol de pênalti, um gol de cabeça, um quinto gol eterno e um sexto gol de primeira. O quinto gol é eterno porque é o gol que Pelé não fez. Não o chute do meio de campo, gol que vários jogadores já fizeram. Não, é o lance de Pelé contra o Uruguai, com a finta sem tocar a bola que deixou o goleiro Mazurkiewicz sem saber o que fazer. O gol que Pelé não fez e que ninguém outro jogador fez, menos o Zico. Contra Niterói, Zico fintou sem tocar a bola, frangou o goleiro Passarinho no chão e fez o quinto dele do dia. Isso, só Deus.

Zico ainda fez gols nos 4 jogos seguintes e após uma pequena pausa de um jogo contra Fluminense de Nova Friburgo sem marcar, voltou a brocar com um gol contra America. No 4x3 contra Goytacaz, fez os 4 gols do Flamengo. No 2x0 contra a Portuguesa, fez os 2 gols do Flamengo. Ainda deixou o dele no 3x0 contra Olaria, driblando o goleiro antes de tocar a bola nas redes. No último jogo da Taça Guanabara, Zico abriu o placar, mas herói do jogo foi Júnior, que estreou nesse ano de 1979 com a seleção brasileira, e fez 2 gols na vitória 4x2 contra Vasco. Flamengo era o campeão da Taça

Guanabara, infelizmente não invicto, mas com uma campanha excepcional.

O segundo turno foi um pouco mais difícil, com 2 derrotas em 9 jogos. Até porque no meio do campeonato, Flamengo foi na Europa, onde disputou o Troféu Ramon de Carranza, torneio prestígio na Espanha que já foi vencido pelo Real Madrid de Di Stéfano, o Barcelona de Kocsis e o Benfica de Eusébio. Na semifinal, Flamengo estreou contra o Barcelona, vencedor da última Recopa Europeia e que tinha craques como o Krankl, o artilheiro do campeonato espanhol 1979, Rexach, também Pichichi, em 1971, e Simonsen, Ballon d'Or em 1977. Mas Flamengo não tomou conta disso e abriu o placar com apenas dois minutos de jogo e um gol do driblador Júlio César Uri Geller. E Zico fez o gol da vitória, de falta, claro. Na primeira página do Jornal dos Sports: "Flamengo botou o Barcelona na roda". Sim, os ingleses não foram os únicos europeus a sofrer com o Flamengo.

No dia seguinte, na final contra o time húngaro de Ujpest, Flamengo abriu o placar ainda mais rápido do que no jogo contra Barcelona. Com 13 segundos, Zico já deixava o gol dele. E foi jogada ensaiada, como falou Zico no mesmo livro 50 anos de Zico: "No vestiário, o Coutinho disse: 'Para os húngaros, os negros são todos iguais. Eles marcavam homem a homem', então o Coutinho pegou o Toninho e botou nele a camisa nove, pegou o Cláudio Adão e pôs nele a dois, a oito no Manguito, a quatro no Andrade... Foi tudo estudado [...] O Adão se movimentou, o Júnior deu para mim e eu fiz o gol, em 13 segundos. O cara que era para marcar o Adão estava com o Toninho lá na lateral-direita e o outro com o Adão, e por aí vai". Nosso Rei finalmente conseguiu o dobrlete e Flamengo conquistava um título muito respeitado na época. Para fechar a excursão, um 1x1 contra o Atlético de Madrid e uma derrota contra o Paris Saint-Germain, meu time na França. Nos dois jogos, quem marcou foi Zico. Ah Zico... falta palavras para descrever quanto gigante você foi.

Flamengo voltou no Brasil e fechou o segundo turno do campeonato carioca no topo da tabela, com um ponto a mais do que Botafogo. Flamengo foi na terceira e última fase, com 2 pontos a mais, um para cada turno ganhado. Dois pontinhos necessários, ainda mais que com tantos jogos, Zico se machucou e ficou quase dois meses fora. Uma grande pena, porque Zico fez 36 gols nesse campeonato e tinha tudo para bater o recorde de mais gols em uma edição do campeonato carioca, que ainda pertence ao Pirillo com 39 gols em 1941. Flamengo começou o terceiro turno com 3 vitórias, mas perdeu 3x0 contra Fluminense. O jogo do título foi contra Vasco. Flamengo ainda estava sem Zico, mas tinha outros craques. No início do jogo, um cruzamento de Júlio César e a pressão de Cláudio Adão na frente do gol obrigou o vascaíno Ivan a fazer o gol contra. Tita aproveitou do erro do goleiro vascaíno para fazer o gol de 2x0. De cabeça, Roberto Dinamite marcou e ainda no primeiro tempo, Vasco empatou. No segundo tempo, um gol com a cara do Flamengo de Cláudio Coutinho, passes altas no meio de campo, de um toque só, e um cruzamento de Toninho Baiano na direita. Tita, 21 anos e com a camisa 10 de Zico nas costas, fez seu segundo gol no jogo, um gol de cabeça, o gol do título. Flamengo campeão, Flamengo tricampeão 1978 – 1979 Especial – 1979. E com 36 gols, Zico se tornava o tetra artilheiro consecutivo carioca, entre 1977 e 1979. Já tinha sido uma vez antes, em 1975, e será uma última vez em 1982.

O Brasileirão de 1979 foi uma bagunça total, com 94 times! Flamengo, ainda sem Zico, estreou na segunda fase com uma vitória 3x0 contra XV de Piracicaba. Para sua volta, Zico marcou um gol contra Gama, mas passou os 4 jogos seguintes sem fazer um gol. Mesmo assim, Flamengo fechou o primeiro turno na liderança e invicto, com 5 vitórias e 2 empates. Na terceira fase, ficou com apenas times paulistas, Palmeiras, Comercial e São Bento. Apenas o primeiro do grupo se classificava para as semifinais do Brasileirão. No primeiro jogo, contra São Bento, Zico chutou, goleiro defendeu e Cláudio Adão aproveitou do rebote para fazer o gol. Zico fez o segundo, de falta, com muita tranquilidade. O terceiro gol foi de

Reinaldo, depois de uma tabelinha com Zico. O quarto e último gol, Zico, de cabeça. Impressionante o número de gols de cabeça em 1979 de Zico, que não era só monstro com os pés. Com mais uma atuação magistral de Deus, Flamengo vencia São Bento 4x0.

Contra Comercial, uma vitória 2x0 e mais um show de Zico, com um gol e uma assistência. O último jogo valia vaga para a semifinal, Palmeiras também tinha ganho os dois primeiros confrontos. No Maracanã, um jogo eterno, e infelizmente para nós, uma goleada sofrida, apesar de mais um gol de Zico. Flamengo perdeu 4x1 e estava eliminado de um Brasileirão que tinha tudo para conquistar.

Mesmo com esse infeliz último jogo do ano, Flamengo fez um ano incrível, com dois campeonatos cariocas conquistados e uma série de 52 jogos de invencibilidade. E talvez ainda mais incrível, a temporada de Zico, que fez com o Manto Sagrado 81 gols em 81 jogos, sendo machucado quase dois meses. A temporada de 1979 do Flamengo foi coisa fora de série e anunciava dias ainda melhores.

1981

Crônica #1 publicada originalmente no 7 de setembro de 2022



Para o primeiro capítulo da categoria dos times históricos, eu vou começar com o maior time da história do Flamengo, um time campeão do mundo, um time que inspirou a Seleção de 1982, o time de 1981, que se recita como um poema : Raul; Leandro, Marinho, Mozer, Júnior; Andrade, Adílio, Zico; Tita, Nunes, Lico.

Esse time começou em 1978 com um gol de Rondinelli, contra o Vasco. Foi tricampeão em 1979. Ganhou o campeonato carioca e o campeonato carioca especial, porque esse time era especial e porque a CBD interferiu no primeiro campeonato reunindo times cariocas e times fluminenses. Mudou o formato, ficou o campeão, Flamengo. Em 1980, Flamengo foi campeão brasileiro, corrigindo uma anomalia : a Copa Libertadores nunca tinha acolhido o Mengão.

Zico passou em branco no primeiro jogo da Liberta, fez gol de falta e de pênalti no segundo. O jogo contra o Galo foi polêmico, mas a classificação do Flamengo não foi desmerecida, bem longe disso. Na final no Maraca, Zico fez dois, garantiu a primeira vitória. O jogo de volta, contra Cobreloa, foi lá no Chile. “O Flamengo entrou em campo com seu uniforme número dois. Algumas daquelas camisas brancas seriam tingidas de sangue ao longo do jogo” escreve

Eduardo Monsanto no seu livro 1981, o ano rubro-negro. Foi na violência, e para Mário Soto, com pedra na mão, literalmente, que o time chileno ganhou esse jogo.

Jogo de desempate, num estádio cinquentenário, palco da primeira final da Copa do Mundo, o Centenário de Montevideú. Mário Soto ficou na violência, Zico fica gênio da bola. Dois gols de Zico – um de falta, claro – dois a zero Flamengo, jogo podia acabar. Ainda não, o técnico Paulo César Carpegiani fez entrar o jovem Anselmo com uma missão bem simples : acertar em cheio o Soto, um soco no rosto. Missão cumprida : “O soco do Anselmo foi tão forte e certo que parecia ter sido dado por todo o time do Flamengo” falou Lico no livro 20 jogos eternos do Flamengo de Marcos Eduardo Neves. Anselmo expulso, Soto também, Anselmo novo herói da Nação.

Flamengo 1981 não foi só Libertadores. No campeonato carioca, se vingou do 6 a 0 sofrido contra Botafogo em 1972, com uma goleada contra o mesmo Botafogo. No intervalo, 4 a 0, “queremos seis” cantou a torcida. E foram seis, com um do Rei Arthur e no finalzinho, um de Andrade, camisa 6. O 6 a 0 do Flamengo de 1981 nunca foi vingado pelo Botafogo. A final, contra o Vasco, começou dois dias depois de um drama : Cláudio Coutinho, técnico campeão brasileiro de 1980 com o Mengão, morreu afogado, com suas duas paixões : a pesca submarina e o Flamengo. No livro de Eduardo Monsanto, o amigo Bruno Caritato lembra-se da descoberta do corpo : “O pessoal da lancha da Marinha me chamou: ‘É ele?’ Aí eu vi o pé de pato dele. Era vermelho e preto. Ele era flamenguista, então... Sabe o pé de pato? Vermelho e preto”.

Campeão da Taça Guanabara e da Taça Sylvio Corrêa Pacheco, Flamengo só precisava de um empate nos dois primeiros jogos contra Vasco para gritar “É campeão”. Perdeu os dois, Roberto Dinamite marcando todos os gols do Vasco. No terceiro jogo, Flamengo fez dois em cinco minutos mas no fim do jogo, Vasco marcou um, se aproximou da prorrogação. Muita tensão para os 169 989 torcedores

do Maracanã. Um deles, Roberto Passos Pereira entrou no campo, para esfriar a reação do Vasco. Aí o jogo ficou conhecido como “jogo do ladrilheiro”, com Roberto novo ídolo da Nação. Roberto ganhou a camisa do Zico, e em 1996, quando sua casa foi destruída por causa da chuva, procurou o Zico para assinar a camisa e a vender em leilão. Zico assinou a camisa, recusou a venda, ofereceu ao Roberto um cheque para uma vida nova. Zico ídolo de sempre da Nação.

Campeão carioca, campeão da América, Flamengo queria e merecia o mundo. Hoje, todos os grandes times brasileiros têm seu Mundial, ou quase. Em 1981, não era o caso, na verdade, só o Santos de Pelé tinha. Para ser campeão do mundo, Flamengo precisava bater o Liverpool, que tinha vencido três Taças dos Clubes Campeões em quatro anos. Flamengo só precisou de um tempo para acabar com os ingleses. Nunes fez dois gols, ganhou definitivamente o apelido de Artilheiro das Decisões. Adílio marcou um, com a ajuda espiritual do Cláudio Coutinho. Zico, alguns anos antes de se tornar uma divindade no Japão, deu duas assistências e ficou com o carro Toyota. “Fiquei meio frustrado porque não participei do jogo. Só veio uma bola. O Flamengo podia ter jogado sem goleiro, que seria 3 a 1” lamentou-se o goleiro Raul. Em apenas 45 minutos, Flamengo deu um espetáculo no mundo, inscreveu-se na eternidade como um dos maiores times do Brasil e do Mundo.

O jogo contra Liverpool ficou na história, virou canto da torcida. Até para torcedores dos outros times, o Flamengo de 1981 é especial. “Cada brasileiro, vivo ou morto, já foi Flamengo por um instante, por um dia” dizia Nelson Rodrigues. Além dos títulos inúmeros, o Flamengo de 1981 foi bola, foi tradição. “Craque, o Flamengo faz em casa” diz o lema. Zico, Adílio, Andrade no meio de campo, Leandro, Júnior nas laterais, até Tita e Nunes voltaram no Flamengo para fazer história, marcar gols, ganhar troféus, fazer a alegria dos torcedores no Maracanã. Esse time é lembrado pelos títulos e amado pela maneira de jogar. Sempre com a vontade de ir no ataque, de procurar o gol, de fazer a jogada bonita.

“Eu queria ter tido um clone pra ficar lá de cima vendo o Flamengo de 1981 jogar” disse uma vez Zico. Eu também queria ver no Maraca, o Flamengo de 1981.

1983

Crônica #8 publicada originalmente no 21 de dezembro de 2022



Depois do ano de 1977 e do pacto dos jogadores, Flamengo ganhou a cada ano pelo menos um título: campeonato carioca em 1978, duas vezes o campeonato carioca em 1979, Brasileirão em 1980, carioca, Liberta e Mundial em 1981 e mais um Brasileirão em 1982. Muito difícil de ganhar tantos títulos em muitos anos seguidos, ainda mais com os mesmos jogadores, sem perder a fome de gols, de vitórias, de títulos. O fim dessa geração de ouro foi em 1983.

Flamengo começou o ano 1983 com mudanças no ataque, Tita foi emprestado no Grêmio e Nunes foi vendido no Botafogo. Do outro lado, chegaram Robertinho e Baltazar para apoiar Zico no ataque. O ano 1983 começou com o Brasileirão, e contra um adversário que voltaria a cruzar o caminho do Mengo, Santos. Baltazar e Zico fizeram os gols da vitória. Depois, Flamengo goleou Moto Clube 5x1 e Rio Negro 7x1 mas perdeu a liderança na última rodada, com a primeira derrota no campeonato, contra Santos. Na Copa Libertadores, estreou mal com nenhuma vitória nos três primeiros jogos. Depois, goleou Blooming 7x1 e Bolívar 5x2, mas não foi suficiente para tirar o primeiro lugar do Grêmio, único classificado do grupo para as semifinais. Na segunda fase do Brasileirão, de novo

Flamengo foi no segundo lugar, mas agora classificado para a terceira fase.

Dessa vez, na terceira fase, Flamengo ficou na liderança com mais uma goleada, mais um jogo eterno, um 5x1 contra o Corinthians para a estreia do técnico Carlos Alberto Torres. Zico estava em dia de Zico, com dois gols e duas assistências. E a goleada foi pouca, com dois gols mal anulados de Júnior e Zico. O Rei Arthur estava em grande forma, tinha feito o gol 500 da carreira um ano antes, e brocou de novo nas quartas de final contra Vasco e na semifinal contra o Atlético Paranaense. Ninguém podia parar Flamengo, ninguém podia parar Zico, que foi pai pela terceira vez no início do ano e, mesmo com 30 anos, jogava com o mesmo brilho de sempre.

Ninguém podia parar Zico, ao menos o próprio presidente do clube, Antônio Augusto Dunshee de Abranches. O presidente fez a coisa mais absurda da vida, se separou do Zico. No livro Gigantes do futebol brasileiro de João Máximo e Marcos de Castro, Zico fala: “Eu não tinha o menor interesse em deixar o Flamengo, mas o presidente Antônio Augusto forçou a minha saída. Mostrou que na verdade não queria que eu continuasse no clube, porque existiu essa possibilidade, com a Adidas pagando as luvas de renovação de contrato, como se dispunha a pagar. Mas ele quis jogar para a torcida, invertendo as coisas e dizendo que eu é que estava forçando minha saída do clube”. Claro, a venda foi no sigilo, se não a torcida do Flamengo ia se revoltar, impossibilitar de qualquer maneira a saída de seu maior ídolo.

Antes, teve a final do Brasileirão, contra Santos, primeiro adversário da campanha. No jogo de ida, no Morumbi, com um público impressionante de 114.761 torcedores, Santos abriu 2x0 antes do gol de Baltazar no final do jogo, um gol muito importante. Flamengo precisava agora de uma vitória de dois gols de diferença no Maracanã para conquistar um terceiro título brasileiro em 4 anos. Confiança dos torcedores, dos jogadores e do técnico Carlos Alberto

Torres. O Capita falou depois do jogo de ida: “No Maracanã, podem ter certeza, não temos como perder para o Santos”. Confiança e para Zico, tristeza. As negociações com Udinese já eram concluídas, a transferência definitiva. Zico não era mais jogador do Flamengo. E só a diretoria e ele sabiam, não os outros jogadores, ainda menos a torcida. Imagina a emoção de Zico antes de pisar no Maracanã pela última vez com o Manto Sagrado.

Mas Zico é Flamengo para sempre, e também é extremamente profissional. Precisou de menos um minuto no Maracanã para abrir o placar, para a alegria dos 155.523 torcedores do Maracanã. Aliás, o maior público da história do Brasileirão. Nunca teve tanta gente em qualquer estádio para um jogo do Brasileirão, e podemos dizer tranquilamente que nunca terá mais gente. De novo, imagina a emoção do Nosso Rei ao fazer o gol, balançar as redes talvez pela última vez com o Maior do Mundo. No final do primeiro tempo, o peixe-frito Leandro fritou o Peixe. Leandro fez um gol de cabeça, depois de uma falta de Zico. Leandro no livro 6x Mengão de Paschoal Ambrosio Filho: “Foi muita emoção. A gente tinha perdido o primeiro jogo em São Paulo e precisávamos de dois gols de diferença. Nunca fui de fazer muitos gols, mas o Zico me dizia que, quando eu marcava, era sempre um gol importante. Foi o caso deste dia”.

Flamengo já era campeão, mas esse jogo merecia uma goleada, merecia mais um gol. E no final do jogo, Adílio, provavelmente o melhor jogador em campo nesse dia, fez um gol de cabeça depois de um show de Robertinho na ala direita. Flamengo 3, Santos 0, Flamengo tricampeão. Uma alegria para todo o Maracanã e uma mistura de emoções para Zico. “Dos jogadores que disputaram a final do Brasileirão só eu sabia que estava vendido. A direção do clube sabia, mas não vazou, nas deve ter vazado, ninguém da imprensa falou nada, ninguém tocou no assunto. O duro foi você ser campeão, ver a torcida gritando o teu nome e você sabendo que não ia ter mais aquilo, que aquilo tinha acabado, aí foi brabo. Foi assim que

comemorei o título. Sabendo que era o último. Não passava pela minha cabeça que eu ia cumprir o contrato e voltar” explica Zico no livro Zico 50 anos de futebol. Ao menos, Zico saiu, mas Zico voltou, como o que era, como campeão.

Dois dias depois do tricampeonato, o Jornal do Brasil anunciava a saída de Zico, pegando toda uma Nação de surpresa. Talvez ainda pior foi o destino, no pequeno clube de Udinese, longe dos grandes da Itália. Causou revolta na Itália e a federação bloqueou momentaneamente a transferência. Imagina agora a revolta da torcida do Udinese, que nunca esperou ter um craque como Zico no time deles. Os torcedores até ameaçaram de pedir separação da Itália e voltar ao domínio da Áustria se a transferência ficava bloqueada. Zico jogou no Udinese e quem ficou revoltada era a torcida do Flamengo. O presidente Antônio Augusto Dunshee de Abranches teve de pedir demissão diante da traição contra a Nação.

Sem Zico, sem seu melhor craque e seu maior ídolo, Flamengo estreou no campeonato carioca contra o pequeno Goytacaz com derrota. Também perdeu contra America, Americano e Campo Grande. Levou um 3x0 do Botafogo e foi goleado pelo Bangu, uma derrota humilhante por 6x2. Flamengo estava mal, estava órfão, foi apenas no sexto lugar na primeira fase e se recuperou na segunda fase, ficando na liderança junto com o Bangu. No jogo de desempate, Flamengo conquistou a Taça Rio com uma vitória 1x0, gol de Adílio. Flamengo era no triangular final, com o próprio Bangu, que conquistou o maior número de pontos nas duas fases, e o vencedor da Taça Guanabara, Fluminense.

No primeiro jogo, empate entre Bangu e Fluminense. No segundo jogo, Flamengo perdeu o Fla-Flu com um gol de Assis no último minuto jogo. Há torcedores do Fluminense que consideram esse jogo uma decisão. Não foi. Flamengo estava fora do título, mas Fluminense ainda não era campeão. Precisava de uma vitória do Flamengo contra Bangu para ser campeão. E Flamengo deu o título

ao Fluminense, é assim que aconteceu, com uma vitória 2x0, gols de Adílio e Tita, já de volta na Gávea. Uma decepção, que seria ainda maior com o roteiro de 1984, mas o maior drama do Flamengo em 1983 não foi a perda do carioca, mas a perda de Zico. A maior alegria, 155.523 pessoas a viram no Maraca.

1987

Crônica #18 publicada originalmente no 10 de junho de 2023



Talvez 1987 é o ano mais polêmico do futebol brasileiro, mais polêmico do Flamengo. Mas polêmica não tem, Flamengo é o campeão brasileiro de 1987. Mas antes do Brasileirão, teve muito jogos em 1987, a começar pelo fim do Brasileirão de 1986. Flamengo começou o ano com uma vitória 2x0 sobre Vitória, Sócrates fazendo nesse dia 2 de seus 5 gols com o Manto Sagrado. Flamengo foi eliminado pelo Atlético Mineiro nas oitavas de final e depois de alguns dias de férias, começou a nova temporada com amistoso contra outro time mineiro, Uberlândia, com um 2x2 e onde a grande novidade era o Renato Gaúcho, vindo do Grêmio onde era ídolo.

Flamengo ainda fez alguns amistosos e estreou no campeonato carioca com vitória 1x0 sobre Bangu, gol de Renato Gaúcho. Mas Flamengo decepcionou na Taça Guanabara, o primeiro turno do campeonato carioca, o técnico Sebastião Lazaroni foi mandado embora, o ídolo Carlinhos foi nomeado interino, mas Flamengo ficou no 0x0 nos três clássicos e ainda empatou ou perdeu contra times pequenos para um quinto lugar, até atrás de Goytacaz. Na Taça Rio, o segundo turno, Flamengo estreou contra Mesquita com vitória 3x0 triplo A: gols de Aílton, Aldair, Adílio, e a estreia do novo técnico,

também com nome com A: Antônio Lopes. Flamengo continuou a ganhar, vencendo o primeiro clássico do ano, contra Botafogo, e depois partiu numa excursão na África, conquistando o torneio Air Gabon, no Gabão. Jogou também na França, em Saint-Ouen, na periferia de Paris, e na Argélia. De volta na Taça Rio, venceu Goytacaz e empatou contra Campo Grande antes do Fla-Flu.

E o Fla-Flu foi especial. No 21 de junho de 1987, exatamente um ano depois do pênalti perdido de Zico na eliminação do Brasil contra a França na Copa do Mundo, Zico estava de volta num gramado de futebol. Foi para Zico um ano muito difícil, até no plano pessoal, com a perda do pai, seu Antunes. Para Zico, foram muitas lágrimas, de suor, de dor e de dúvidas, até de se poderia caminhar de novo. Explica Zico sobre o processo de recuperação no livro Zico conta sua história: “Finalmente, o Ralf Ferreira, que acompanhou minha recuperação física, me liberou para dar uma corrida em volta do campo. Lembro tudo daquele dia e da dor que eu senti. Ele ia correndo do meu lado, e eu chorava, dizendo que estava tudo acabado, que nunca mais conseguiria retornar ao futebol. Não sei como consegui terminar aquela volta. Retornei ao vestiário me desviando de todo mundo que queria me cercar, me perguntar como é que tinham ido as coisas... Para mim, fora péssimo! Era o fim!... Não queria saber de mais nada”. Mas Ralf Ferreira explicou para Zico que fazia parte do processo, e Zico voltou no dia seguinte, ainda com dores, ainda com lágrimas, mas fez duas voltas. E Zico voltou num campo de futebol, para um Fla-Flu. Flamengo ganhou 1x0 e olha a ironia, Zico fez o gol de pênalti. “O futebol precisava dele nos campos para devolver a alegria aos torcedores” falou no dia seguinte Paulo Vítor, antigo goleiro de Fluminense.

Durante a pausa para a Copa América 1987, Flamengo fez amistosos em vários estados do Brasil, Bahia, Pernambuco, Alagoas, Distrito Federal, Piauí, Maranhão, Pará. Porque Flamengo é do Brasil, Flamengo é uma Nação. De volta no campeonato carioca com o terceiro turno, a Taça Euzébio de Andrade, Flamengo estreou com

mais um 0x0 num clássico, contra Vasco, antes de empatar contra Bangu e vencer Fluminense, classificando-se para o triangular final. Antes disso, mais uma excursão, tempo de ganhar o torneio internacional de Angola, com vitórias sobre a seleção de Angola e o time português de Boavista. De volta no Brasil, Flamengo venceu Bangu no placar mínimo mas perdeu o bicampeonato contra Vasco, com gol do antigo ídolo flamenguista Tita. Depois, uma nova excursão, no México, dessa vez com duas derrotas contra Cruz Azul e América no torneio Azteca. Jogou ainda amistosos no México e na Bahia e depois era a vez de olhar em direção do Brasileirão.

Na verdade, fazia tempo, muito tempo, que se falava do Brasileirão de 1987. E ainda vai se falar por muito tempo. Para a crônica, usei principalmente dois livros, *No campo e na moral*, Flamengo campeão brasileiro de 1987 de Gustavo Roman para o lado de futebol e 1987, a história definitiva de Pablo Duarte Cardoso para a parte burocrática e jurídica. Confesso que ainda não li o livro 1987 – De fato, direito e cabeça, de André Gallindo e Cassio Zirpoli, que defendem que o título é do Sport. Seria interessante ver os argumentos mas duvido mudar de opinião sobre o Brasileirão 1987. O Brasileirão de 1987 é do Flamengo. O fim da ditadura, onde se falava: “onde a Arena vai mal, um time do Nacional. Onde vai bem, outro também” não ajudou a simplificar o Brasileirão organizado pela CBF. A bagunça vem de longe, já em 1985, com um campeonato com várias taças, grupos, divisões, Placar escreve que a CBF agia como “como aqueles dramaturgos que montam uma situação instigante e conflituosa no primeiro ato e se perdem totalmente antes que a trama chegue ao desfecho”. Em 1986, com a eleição de Octávio Pinto Guimarães com presidente da CBF e o fracasso da Seleção na Copa do México, foi ainda pior.

O Brasileirão de 1986 foi uma bagunça com vários clubes, como Vasco, Joinville e a Portuguesa recorrendo a vários tribunais, como o da CBF, do CND, o STJD e até a Justiça comum para impedir um rebaixamento ou fazer cair o outro clube, tudo isso por causa de

regulamentos complicadíssimos da CBF. O Brasileirão de 1986 teve 80 times, Taças de Ouro, Prata e Bronze, duas fases antes da fase de mata-mata e rebaixados em cada uma das primeiras fases, dentro eles, vale a pena destacar, o Sport. Uma bagunça total. O Conselho Nacional dos Desportos, última instância do futebol brasileiro, publicou resoluções e “desde a publicação das resoluções, a 20 de outubro de 1986, já não era mais possível para a CBF, legitimamente, pretender impor fórmulas, regulamentos e participantes do Campeonato Nacional sem uma consulta formal aos clubes, reunidos em conselho arbitral”. Teve virada de mesa e quando a CBF anunciou os clubes da Série A, os clubes esquecidos foram de novo na Justiça. A Seleção fracassou de novo na Copa América de 1987 e a CBF estava sem dinheiro, depois de gastar muito dinheiro para convidados na Copa do Mundo de 1986, promessas para a eleição de Octávio Pinto Guimarães. No 8 de julho de 1987, Octávio Pinto Guimarães anunciou que “a CBF não tem como fazer o Campeonato Nacional”, acrescentando três dias depois “que o Campeonato Brasileiro deste ano seja disputado apenas pelos clubes que se considerem autossuficientes para participar da competição sem ajuda financeira”. Daí a CBF não organizou o Brasileirão de 1987 e Sport não pode ser o legítimo campeão.

Teve a fundação do Clube dos Treze com o presidente de São Paulo, Carlos Miguel Aidar, e do Flamengo, Márcio Braga, reunindo os treze clubes mais potentes do Brasil. Teve oposição da CBF, dos outros clubes, teve batalhas na Justiça. Quem considera Sport o campeão dificilmente pode reclamar da corrupção e da desorganização histórica da CBF, que fez tudo para impedir a organização e cooperação dos clubes brasileiros. O Clube dos Treze conseguiu patrocinadores como a Globo, Coca-Cola, Varig e os hotéis Othon para fazer o que a CBF não conseguia, organizar um campeonato estável financeiramente. Os treze clubes até abriram a mão da Loteria Esportiva para a CBF financiar os outros módulos, ou seja, as outras divisões. “As federações do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Bahia apresentaram – e a CBF

aprovou – uma nova e praticamente definitiva proposta para a realização do Campeonato Brasileiro, que atenderia às reivindicações do Clube dos Treze e da Confederação. Segundo a fórmula, o futebol brasileiro passará a ter quatro módulos – Verde, Amarelo, Azul e Branco – e, ao final da competição, quatro campeões distintos” escreveu o Jornal do Brasil no 4 de setembro de 1987. O Clube dos Treze elaborou o calendário de um dos maiores campeonatos brasileiros da história, como escreveu o jornalista Juca Kfoury: “Foi o grande campeonato que eu cobri na minha vida. Tinha ali um frescor novo: o frescor da democracia”.

Flamengo parecia numa transição, com a aposentadoria de Sócrates, a venda de Mozer no Benfica e as lesões de Leandro e Zico. “Por mais brioso e disciplinado que seja, Zico voltará ao time do Flamengo mais como símbolo do que como jogador. Ninguém nega que ele sabe tudo de bola. Depois de certo tempo e de muitas contusões, porém, o saber, simplesmente, deixa de poder” escreveu Cláudio Mello e Souza. Além de Renato Gaúcho, que ainda deixava a desejar no campeonato carioca, e da contratação de Edinho, Flamengo tinha alguns jovens jogadores, como Jorginho, Aldair, Zinho e Bebeto. Flamengo estreou com uma derrota contra São Paulo no Maracanã, ao mesmo tempo que a CBF tentou impor um outro calendário. Mas na época, todo mundo, a não ser os clubes das outras divisões, reconhecia o amadorismo da CBF e a falta de legitimidade para organizar o Brasileirão de 1987. No Flamengo, o técnico Antônio Lopes saiu do time e Carlinhos voltou, com vitória contra Vasco, com gol de Zico no final de jogo. Depois, Zico se machucou de novo: “Não estava mais aguentando esse ‘volto e me machuco’”. Se não fosse a minha família, o departamento médico do Flamengo e a confiança que eu tinha naquele grupo, eu talvez tivesse encerrado a carreira naquele momento” explicou Zico no livro *No campo e na moral*, Flamengo campeão brasileiro de 1987 de Gustavo Roman. Com também lesões de Edinho, Leandro e Bebeto, Flamengo foi mal no primeiro turno, com apenas duas vitórias em 8 jogos. Mas Carlinhos tinha pedido a direção na sua chegada de reformular o time

na primeira fase, por exemplo fez subir o jovem Leonardo no time principal, e de ser julgado apenas no segundo turno.

Flamengo foi mal na primeira fase, mais foi um grande campeonato, com grandes times só. “O bom daquele campeonato é que você sabia que podia perder um jogo e ter recuperação, porque eram todos jogos muito equilibrados, só grandes time” explicou Zico. E para Flamengo, teve um jogo decisivo, uma derrota contra o Atlético Mineiro de Telê Santana, sem Zico, com Renato Gaúcho muito criticado pelo individualismo. Teve reunião na Gávea, Carlinhos pedindo para os outros jogadores o que eles achavam de Renato Gaúcho. Mas teve liderança de Zico. “Eu mandei parar: ‘Carlinhos, não vai fazer enquete aqui do Renato. O Renato tem as suas características e a gente tem que saber usar isso, usá-lo da melhor maneira possível’. Acabei com a reunião. Vambora pra dentro do campo, trabalhar” relembra no livro 1987, a história definitiva Zico, que ainda falou para o atacante: “Olha, Renato, se você sentir confiança, mesmo tendo oito na sua frente, tenta passar pelos oito”. Zico, craque e líder, estava de volta para o jogo seguinte, também contra um time poderoso, Palmeiras, na luta com Flamengo para a classificação na semifinal. Relembra agora Nielson, o treinador de goleiros: “O Carlinhos queria que o Zico, que voltaria ao time contra o Palmeiras, não precisasse se desgastar, ajudando na marcação. Por isso, sugeriu que o Renato passasse a voltar, para compor o meio e marcar o lateral adversário. Nesse momento, o galinho, com toda a visão e liderança que ele possui, pediu a palavra e disse que estava disposto a se sacrificar na marcação, desde que o Renato ficasse livre. Segundo a camisa 10, o ponteiro era a válvula de escape do time. E era quem deveria fazer a diferença para a equipe. Mais uma vez, o Zico provou o seu valor”. Zico provou também seu valor no jogo, com grande partida na vitória 2x0 contra Palmeiras, onde Renato Gaúcho abriu o placar. Flamengo estava de volta no campeonato.

No último jogo, Flamengo precisava vencer Santa Cruz para ver as semifinais. Santa Cruz era o penúltimo do grupo que tinha só grandes times: Atlético Mineiro, Palmeiras, Botafogo, Grêmio, Bahia e Corinthians. Um nível absurdo de competitividade. E Santa Cruz não trazia boas lembranças para Flamengo, já que em 1975 Flamengo precisava vencer Santa Cruz para se classificar na semifinal e acabou sendo eliminado dentro do Maracanã. O jogo contra Santa Cruz de 1987 é um dos maiores jogos de Zico com o Manto Sagrado, apenas isso. Zico fez de tudo no jogo, principalmente no segundo tempo, onde fez três gols, o último de falta, uma falta que considero no top 3 de Zico, junto com a contra Cobreloa na final da Libertadores e a do Fla-Flu de 1986. A curva da bola é puramente sensacional, um golaço impressionante, e também um drama para Zico, que não podia pular desde a operação e teve de mudar a comemoração histórica dos gols. Mas não foi possível nesse golaço contra Santa Cruz. Explica Zico no livro 6x Mengão de Paschoal Ambrósio Filho: “Estava com os meniscos arrebentados. Tinha que operar, mas aí não jogaria. Os médicos então deram uns pontos no joelho. Não podia saltar e me apoiar na perna esquerda na queda. Mas quando fiz aquele gol de falta contra o Santos Cruz, atravessei o campo para comemorar com o Zé Carlos, que reclamava que nunca participava das comemorações dos gols. Prometi a ele que se fizesse um gol ele receberia o primeiro abraço. Fiz isso. Dei um pulo em cima dele, porém, quando caí, sem querer, me apoiei com a perna esquerda. Os pontos arrebentaram na hora. Nos jogos seguintes, contra o Atlético, meu joelho inchava muito. Ficava o tempo todo com uma bolsa de gelo fazendo tratamento”.

Na semifinal, de novo o Atlético Mineiro de Telê Santana, que tinha cortado Renato Gaúcho da Copa de 1986 após uma escapada da concentração da Seleção. No jogo de ida, Bebeto fez o único gol da partida no Maracanã e de seus 118.162 espectadores, a Copa União foi muito bem também no aspecto de afluência nos estádios. Na volta, mais um jogo eterno, com Zico decisivo no primeiro tempo e um golaço de Renato Gaúcho para fazer o gol do 3x2 e dar a vitória

ao Flamengo. “Desafia-se o torcedor do Sport a referir um, um só momento assim de sua campanha de 1987” escreveu Pablo Duarte Cardoso no livro 1987, a história definitiva. Claro, Renato Gaúcho relembra bem do gol: “Numa dividida entre o Aílton e um jogador deles, a bola caiu no meu pé, no círculo do meio de campo, e eu arranquei. Pensei: é agora ou nunca. Fui driblando, driblei o goleiro e praticamente entrei com bola e tudo. Este é um gol, para mim, que está entre os três gols mais importantes da minha carreira”. Na grande e única final, Renato Gaúcho foi de novo vaiado pelo estádio, agora o Beira-Rio por causa de sua história com Grêmio. E de novo foi decisivo, com um drible e um cruzamento para a cabeça de Bebeto. O Inter empatou em seguida, mas empate era bom para Flamengo, como falou Zico, que de novo foi substituído no decorrer do jogo por causa das dores: “Nosso time era experiente demais. Sabia o que queria. Fomos pra Porto Alegre para marcar forte e aguentar a pressão do Inter. Só que nossa marcação foi tão eficiente que eles não conseguiram nos atacar. E nós só não saímos de lá com a vitória porque eles conseguiram empatar o jogo dois minutos depois de abrimos o placar. De qualquer forma, o resultado foi fantástico para a gente. No Maracanã, não perderíamos o título de maneira alguma”. Flamengo podia ganhar o Tetra, no Maracanã, no 13 de dezembro de 1987, exatamente seis anos depois do título mundial.

No 13 de dezembro de 1987, um dia de muita chuva, Flamengo entrou em campo para mais um título brasileiro. Precisa antes, anunciar a escalção toda de outro ídolo, Carlinhos, para esse jogo: Zé Carlos; Jorginho, Leandro, Edinho, Leonardo; Andrade, Aílton, Zinho, Zico; Bebeto, Renato Gaúcho. Todos, com a exceção de Aílton, que teria merecido uma chance, jogaram na Seleção brasileira. Alguns foram campeões em 1994 como Jorginho, Leonardo, Zinho e Bebeto, outros teriam merecido ser campeões em 1982, como Leandro, Zico e sim, também Andrade. Claro, o time de 1981 é histórico, é o maior da história do Flamengo. Mas gosto muito do time de 1987, talvez o melhor time de um Flamengo

campeão brasileiro, com essa experiência de juventude e experiência, e um Zico mais líder que nunca, decisivo e craque como sempre. Fala sobre esse time o próprio Zico: “Nosso time era muito técnico. Talvez, um dos melhores da história do clube. Dominamos a partida e fizemos um jogo brilhante. Atuamos com a cabeça e o coração de um campeão. Foi sensacional. Mostramos que éramos time de chegada”.

Com mais um jogo eterno em 1987, Flamengo foi campeão. E com um golaço, “um típico gol do Flamengo. Muito toque de bola e finalização precisa” para Galvão Bueno. Uma jogada coletiva, um passe de gênio em profundidade de Andrade, e uma finalização de Bebeto para vencer Taffarel e oferecer ao Fla o Tetra. Incrivelmente, Bebeto fez apenas dois gols na primeira fase, mas marcou em todos os jogos da semifinal e da final. Fala Bebeto no livro *Grandes jogos do Maracanã* de Roberto Assaf e Roger Garcia: “O jogo decisivo do Brasileirão de 1987 foi um dos mais difíceis de que participei, pois colocou frente a frente o futebol carioca, com sua habilidade e técnica, contra o futebol gaúcho de muita aplicação tática e marcação. Dessa forma, os jogadores do Flamengo não tinham muito tempo para organizar as jogadas como fazíamos nos jogos anteriores. Foi um jogo muito pegado. Porém, num dos raros momentos de descuido na marcação, fiz o gol. A partir daí, o Inter foi obrigado a mudar sua característica, isto é, jogar ofensivamente em busca do empate. Mas conseguimos comandar as ações até o final”.

Antes do final, como em todos os jogos, Zico foi substituído, sob aplausos e cantos: “Ei, ei, ei, o Zico é nosso rei”. Adoro também, até principalmente, o título de 1987 por causa de Zico, uma história de superação, a volta em cima de um jogador e um ser humano que nunca deixou de ser campeão. Zico recebeu algumas homenagens, do Maracanã, com um torcedor especial, o alemão Franz Beckenbauer: “Fiquei encantado com os toques rápidos do time do Flamengo e, principalmente, com Zico, que mostrou sua genialidade em vários lances”. O técnico Carlinhos foi outro a falar de Zico: “Não posso

destacar qualquer jogador na partida, mas não tenho como deixar de falar de Zico. Ele foi de uma importância fundamental para o Flamengo. Mas não apenas pelo nome que possui e que preocupa o adversário. O que destaco nele foi o espírito de união e a foga que transferiu aos mais jovens, fazendo com que estes entrassem em campo psicologicamente em condições de render tudo o que podiam”. Com a modéstia de sempre, Zico falou apenas isso depois do jogo: “Fiquei triste, lendo nos jornais que eu estava acabado, que deveria parar, deixar de enganar o Flamengo. Foi duro enfrentar esses ataques. Eu não me sentia incapaz de continuar jogando. Aprendi a lidar com a minha limitação atual e ser útil ao Flamengo”. Zico foi muito útil ao Flamengo, apesar de limitações sim, ainda era capaz de fazer. Já no dia seguinte do jogo, Zico foi operado de novo no joelho.

No livro *No campo e na moral*, Flamengo campeão brasileiro de 1987 de Gustavo Roman, Zico fala mais sobre o Brasileirão de 1987: “Nos últimos jogos do campeonato, Flávio e Henagio se revezaram algumas vezes para me substituir. Na final, inclusive, quando deixei o campo para Flávio entrar estava sentindo muitas dores. Já sabia que teria que operar mais uma vez. E foi no vestiário, logo após o apito final que nos garantiu a taça com gol de Bebeto, que senti uma das maiores emoções da minha vida. Dava para sentir a explosão da torcida com a conquista, seguida por um coro de ‘Zico, Zico’ que ecoava dentro do meu coração. Retornei ao campo corado para cobrar ao lado dos meus companheiros, mas parecia que o Maracanã inteiro estava me passando energia. Era o ponto final de uma jornada vitoriosa a ser dividida com quem jogou, com quem esteve no banco de reservas, com toda a equipe de apoio e com um décimo segundo jogador que sempre está presente nas grandes conquistas rubro-negras: a torcida”.

Depois da vibração da torcida e do título no Maraca, foi muita politicagem, muitas polêmicas, mas Flamengo é Tetra. De novo Zico: “Todo vez que ouço alguém questionar aquela conquista, não sei se

fico com vontade de rir ou de chorar. Só nós sabemos o que passamos para conquistar aquele campeonato. Jogamos contra os melhores. Derrotamos os melhores. E, se houvesse cruzamento, ganharíamos também. Daquela equipe, só o Aílton não vestiu a camisa da seleção brasileira. E olha que ele jogava muita bola. Nosso time tinha a mescla exata entre experiência, comigo, Leandro, Edinho, Andrade e juventude, com Leonardo, Zinho, Bebeto. E o Renato estava jogando demais. Merecemos aquela conquista. Não vou deixar ninguém desmerecer o que fizemos dentro das quatro linhas. Em 1987, nos sagramos tetracampeões brasileiros de futebol. Quem não conseguiu enxergar dessa maneira, está equivocado”. Basta ler o Jornal do Brasil no dia seguinte que deixou em manchete “Fla colore o futebol de vermelho e preto” e ainda escreveu: “A imediata comoção que tomou contra de todos no Maracanã tratou de impor o direito que a CBF insiste em desprezar. Como deixar de reconhecer o mérito de campeão brasileiro a um time que, mesmo com seus altos e baixos, se destacou entre os 16 melhores do nosso futebol? Como apagar a eufórica vibração? Como torná-la ilegal?”.

E claro, não foi só o Jornal do Brasil, a imprensa brasileira inteira considerava Flamengo campeão: “Mengo é tetra” para o Jornal dos Sports, “Flamengo tetracampeão” para Globo, “Flamengo é tetracampeão” para O Estado de S. Paulo, “Quatro vezes Flamengo” para Placar. Até o Diário de Pernambuco, jornal de Recife escreveu: “O Flamengo, com todo o merecimento, sagrou-se o primeiro campeão da Copa União, denominado pelo Clube dos 13, correspondente ao Módulo Verde da Copa Brasil e Troféu João Havelange, ao vencer no segundo jogo decisivo o Internacional, por 1 a 0, com um gol de Bebeto, jogador que decidiu as partidas mais importantes. A torcida do Flamengo promoveu um grande carnaval no Maracanã, festejando o inédito título, que lhe valeu pelo tetracampeonato brasileiro”. A Copa União só foi um nome a mais para o Brasileirão, que já foi denominado de Taça de Prata, Campeonato Nacional de Clubes, Taça Ouro ou Copa Brasil.

Ainda cito dois jornalistas, que não podem ser chamados de flamenguistas, a começar pelo Mauro Beting: “Todos estão errados. A CBF, que não teve a competência para realizar o campeonato brasileiro. O Clube dos 13, que veio com lideranças novas e ideias boas, mas com os velhos vícios da cartolagem antiga. Os dirigentes, que assinaram o acordo de não realizar o cruzamento, fosse qual fosse a final da Copa União e que, hoje, ao requisitar amarelo, que se aproveitou de toda essa confusão para tentar levar vantagem. Para resumir um fato que não tem resolução, na minha opinião, o Sport é o campeão de direito e, o Flamengo, o de fato. O rubro-negro era disparado o melhor time. Se tivesse havido o cruzamento, o clube da Gávea seria o vencedor, pois era mais time que o Inter e muito mais time que Sport e Guarani”. Outro grande nome da imprensa paulista, Juca Kfoury: “Em 1987, a CBF anunciou que não tinha dinheiro para organizar o campeonato brasileiro. Então, os 13 clubes de maior torcida no país resolveram fundar o Clube dos 13 e fazer o campeonato, ao qual se deu o nome de Copa União. A CBF aceitou [...] Diante do sucesso do evento – que teve média de 21 mil torcedores e mais o equivalente a 20 mil pessoas por jogo em patrocínio, números europeus – os clubes que ficaram de fora pressionaram a CBF para que fosse realizado um campeonato paralelo, uma espécie de Segunda Divisão, e o SBT se interessou em transmiti-lo. Foi então, já com a Copa União em andamento, que a CBF impôs no regulamento do seu torneio que deveria haver um cruzamento entre o que chamou de Grupo Verde, Copa União, e o Grupo Amarelo, a Segunda Divisão. Os clubes da Copa União, por unanimidade, e muito antes da fase final, resolveram desconhecer a novidade da CBF. E o Brasil inteiro viu a final entre Flamengo e Internacional como a que decidia o título nacional. Daí para a frente, foi só politicagem. O campeão legítimo é o Flamengo, o legal virou Sport”.

Depois de falar do Flamengo, brilhantemente campeão da Copa União, tem que falar do Grupo Amarelo, a segunda divisão. Não considero Sport campeão brasileiro, nem da segunda divisão. Até

antes de brigar com o Flamengo, foi uma vergonha. Na semifinal do Módulo Amarelo, a segunda divisão, vale a pena repetir, Sport eliminou Bangu na intimidação, com invasão de campo e ameaça da polícia. Quem fala isso é o próprio presidente do Sport, Homero Lacerda, na Resenha do Leão: “No meio do campo, não sei se vocês se lembram [...], jogaram uma pilha num jogador deles – aí a gente já estava ganhando a partida, de 2 a 0. Aí o juiz foi lá, pegou a pilha, chamou o coronel de novo. Disse: ‘Coronel, jogaram uma pilha num jogador. Se jogar outra, eu suspendo o jogo por falta de segurança’. Aí o coronel foi genial! O Sport deve isso ao coronel. O coronel disse: ‘Olhe – tirou o apito do bolso e disse –, olhe: eu tenho 300 homens trabalhando aqui. Se eu der um apito aqui, em dez minutos não tem mais nenhum aqui, o senhor resolve seu problema com a torcida’”.

Na final, foi ainda mais vergonha. A final de volta, no novo na Ilha do Retiro, teve uma atuação escandalosa do juiz. “Eu nunca vi ninguém apanhar tanto como o João Paulo, e o juiz seguir o jogo” explica o craque de Guarani, Evair. Até um jogador de Sport, Estevam Soares, confirma: “Eu dei um soco na boca do João Paulo: ele deu um tapa na minha frente e eu o mandei a nocaute”. Na prorrogação, Guarani fez um gol, mas o juiz anulou o gol por um “impedimento inexistente” até para o Diário de Pernambuco, jornal de Recife! O jogo acabou nos pênaltis, na última cobrança, Rogério perdeu para Sport e Guarani ganhou o título. Por um segundo. O juiz mandou repetir a cobrança, alegando que o goleiro de Guarani se moveu na linha. Guarani se retirou de campo, voltou 8 minutos depois, a disputa seguiu até um 11x11 e acabou aqui. Não tem erro, a disputa de penalidades parou num empate. Nunca existiu antes, e nunca mais vai aparecer de novo. Como se futebol era xadrez, os dois times entraram em acordo para empatar a final! No seu relatório, o juiz escreveu que “todos os atletas do Guarani e do Sport tiraram suas camisas e começará a festejarem juntos, inclusive com os seus dirigentes, uma suposta conquista” e depois de esperar o tempo regulamentar, o juiz acabou o jogo “por suspensão a cobrança das

penalidades máximas pela ausência das duas equipes do campo de jogo”. Uma loucura, uma vergonha.

O título do Sport do Módulo Amarelo só foi confirmado um mês depois, quando precisava um vencedor para o quadrangular final desejado pela CBF. Acho que Flamengo acertou a não jogar o quadrangular, que era ilegítimo. Até o Inter, que poderia ser campeão jogando esse quadrangular, não jogou. Mas teve falta de apoio do Clube dos 13, que perdeu a oportunidade de revolucionar o futebol brasileiro. E Flamengo errou no início a não brigar mais forte na Justiça o que era dele de direito. E depois era tarde demais, não era mais o momento de apresentar as provas. Sport é o campeão para a Justiça sim, mas às vezes a justiça é injusta. Acho que nem o título do Brasileirão pode ser dividido, Flamengo é de fato e direito o campeão da Série A, Sport da Série B. Se tem que dividir um título, Sport tem que dividir o título da segunda divisão com Guarani, com quem empatou 11x11.

Fazendo uma analogia, seria como se um dia a FIFA anuncia que não tem dinheiro para organizar a próxima Copa do Mundo. Aí, as oito federações já campeões do mundo fundam o G-8, acham patrocínios, abrem a mão da premiação da FIFA e convidam mais oito outros países para uma Copa do Mundo com apenas 16 times, todos grandes, 4 grupos de 4, mata-mata e basta, um campeão. Por exemplo, convidaram Países Baixos, Bélgica, Croácia, Portugal, Camarões, Marrocos, Estados Unidos, Coreia do Sul. Basta, o critério é deles, seja o peso dos times, seja a história, seja o retrospecto recente, a festa é deles, é a primeira Copa do Mundo do G-8. E a FIFA, livrada de redistribuir dinheiro para as grandes nações, faz uma outra Copa do Mundo, com poucas despesas financeiras. Seria justo a FIFA, ontem sem dinheiro, exigir hoje um quadrangular final entre os finalistas da Copa do G-8, vamos dizer Brasil e França, e os finalistas da Copa da FIFA, vamos dizer Senegal e Polônia, sem eles jogar antes contra nenhum time campeão do mundo? Seria brincadeira, como a CBF é brincadeira. Gosto dessa

frase de João Luiz Silva no seu livro Flamengo – Uma história divina: “O Sport achar que é campeão brasileiro de 87 é a mesma coisa que o Arcebispo de Recife achar que é o Papa”.

Gosto também do que escreveu Paschoal Ambrósio Filho no seu livro 6x Mengão: “Se vivo fosse, o tricolor Nelson Rodrigues certamente escreveria: ‘Só os idiotas da objetividade não aceitam o óbvio ululante’”. Os idiotas da objetividade e os idiotas do clubismo. Porque essa polêmica não é sobre a CBF, não é sobre o Sport, é sobre o sentimento de anti-Flamengo. Porque se Flamengo tem uma Nação junto com ele, tem também uma nação de contros, que, não importa o debate, não importa o time, vão torcer contra o Flamengo. De fatos e de argumentos não tem, só Flamengo não pode ser campeão. Cito para fechar Nosso Rei Zico: “Ninguém mentira essa conquista. Quem levou porrada fui eu, quem se sacrificou fazendo tratamento 24 horas para jogar fui eu. Tenho sangue e passaporte português. E se eu chegar em Portugal e contar que aqui no Brasil a CBF não considera esse título porque no campeonato de 1987 o campeão da Primeira Divisão tinha que disputar a condição de melhor do Brasil com o campeão da Segunda Divisão, vão dizer que é piada. E realmente é, não tem jeito. O Flamengo é hexa”. O Flamengo é Tetra em 1987, Hexa em 2009, Octa em 2020 e assim em diante.

Infelizmente, quando se fala de 1987, se fala muito da polêmica e não do título, não se fala do Flamengo, que teve um de seus melhores times da história. Um time histórico com jogos eternos, como contra Palmeiras, Santa Cruz, Atlético Mineiro e Internacional. Um time histórico com ídolos, como um Renato Gaúcho craque, um Bebeto decisivo no final, um Zico líder, craque e decisivo. E para acompanhar eles, um supporting cast digamos não cinco estrelas, mas quatro estrelas, porque alguns foram tetracampeões do mundo em 1994 e todos foram tetracampeões do Brasil em 1987. Parabéns Flamengo de 1987, você é o campeão.

1993

Crônica #4 publicada originalmente no 3 de outubro de 2022



O time de 1993 teve craques de alta qualidade: Djalminha, Marcelinho Carioca, Sávio, Renato Gaúcho, Casagrande. Tinha também Gilmar, Júnior Baiano, Wilson Gottardo, Marquinhos, Charles Guerreiro, Paulo Nunes, Gaúcho. Até de técnicos, Flamengo era bem servido nesta temporada: Carlinhos, Jair Pereira, Evaristo de Macedo, Júnior. Imagina um time com esses jogando juntos. Mas claro, uma temporada com tantos técnicos diferentes não pode ser ótima.

Começou a temporada com o campeonato carioca e a Libertadores. Na Libertadores, começou com um empate e uma derrota, mas depois se recuperou, e se classificou nas oitavas após uma vitória contra o Atlético Nacional no Maracanã. Eram muitos jogos, estreou também na Copa do Brasil, estreou direito, com uma goleada 4x0 contra América-RN e três gols de Nílson.

O Flamengo de 1993 poderia ter sido histórico. Eram muitos jogos, muitas competições, e muitas goleadas também, em poucos dias. 31 de março, um 5x0 contra América no campeonato carioca. 3 de abril, um 3x0 contra Paysandu na Copa do Brasil. 5 de abril, um 3x0 contra Bangu no campeonato carioca. E depois o jogo mais eterno da

temporada, contra Minerven, no Maracanã, no jogo de ida das oitavas da Copa Libertadores. Começou com um gol contra de Minerven, e depois foi apenas o Mengão. Gol de Marcelinho Carioca, Gaúcho, Nélío, Wilson Gottardo, Marquinhos, Djalminha, Nílson. 8x0 e no fim, Minerven salvou um pouco de honra com dois gols, para um 8x2 eterno. Sete jogadores diferentes no placar, um time histórico.

O Flamengo de 1993 poderia ter sido histórico. Ainda mais que tinha uma camisa muita bonita, brilhante, com foi o Mengo nesse ano. Mas caiu nas quartas de final da Libertadores, contra o campeão em título, e também futuro campeão, São Paulo. Perdeu um jogo decisivo do campeonato carioca, contra o campeão em título, e também futuro campeão, Vasco. E quatro dias depois, perdeu contra Grêmio na semifinal da Copa do Brasil. Em pouco mais de um mês, Flamengo estava eliminado de três competições.

Mas era uma temporada longa, com muitas competições. Estreou com um Fla-Flu no Torneio Rio – São Paulo, de volta pela primeira vez desde 1966. Renato Gaúcho abriu o placar, mas Flamengo cedeu o empate no último minuto. No último jogo do grupo, podia se classificar para a final com uma vitória contra Santos no Vila Belmiro. No intervalo, 0x0. Mas no 27 de julho de 1993, exatamente 18 anos antes do 5x4 eterno, Santos fez 4 gols, fazendo um 4x0 histórico. Flamengo salvou um pouco de honra com três gols nos últimos dez minutos, mas não salvou a classificação. Santos 4x3, Flamengo eliminado. Um Flamengo que poderia ter sido histórico, mas que começava a não ser.

Em setembro era momento de estreiar no Brasileirão. De novo, começou o campeonato com um 1x1, contra Bragantino. O jogo de volta foi pior, bem pior, com uma derrota 5x1. Mesmo assim, se classificou para a segunda fase, contra Santos, Corinthians e Vitória. Ficou na última colocação, com nenhuma vitória em 6 jogos.

Agora, só faltava uma competição para ser campeão, a Supercopa Libertadores. Começou com uma derrota 1x0 contra Olimpia, mas na volta no Maracanã, Renato Gaúcho abriu o placar de cabeça. Num escanteio, Casagrande fez o gol do 2x0, também de cabeça. Gostava muito do Casagrande, acho que ele tinha muito carisma, mas fez pouco no Flamengo. Apenas 35 jogos e 7 gols. Depois, Nélío provocou um pênalti depois de uma caneta sensacional. Júnior Baiano, com tranquilidade, transformou o pênalti. Flamengo estava nas quartas de final.

Contra River Plate, de novo Flamengo foi derrotado por 1x0. De novo, Flamengo voltou no Maracanã, de novo com um gol de cabeça, agora de Rogério depois de um cruzamento de Marcelinho. O jogo foi nos pênaltis, os quatro primeiros batedores fizeram, 2x2. Magno, que tinha entrado durante o jogo, perdeu. Silvani, que também tinha entrado durante o jogo para River, também perdeu. Éder Lopes? Também reserva no início do jogo, também perdeu. E Fernandez, agora titular, também perdeu. Quatro pênaltis perdidos em seguida! Os jogadores não sabiam mais fazer um pênalti, então precisava de um goleiro. Gilmar foi para a cobrança e desfez a igualdade com força, agora 3x2 para Flamengo. Todo mundo achou o caminho das redes do novo, foi de 3x2 a 5x4. Agora, o outro goleiro, Soderó, para fazer o pênalti. Não tremeu, 5x5. Gélson fez 6x5 para o Flamengo. Corti não fez para River, Gilmar fez a defesa e virou herói, River cortado da Supercopa, Flamengo na semi.

A semifinal, contra Nacional, foi mais fácil. Vitória 2x1 no Maracanã, gols de Casagrande e Renato Gaúcho. Vitória 3x0 no Gran Parque Central, dois de Nélío, um de Renato Gaúcho, Flamengo na final. Agora era jogo de título, jogo de vingança também, contra São Paulo, que tinha eliminado o Flamengo da Libertadores. Um jogo para deixar o ano 1993 histórico.

Jogo de ida, no Maracanã, dia 17 de novembro, não do aniversário do Flamengo não, mas da fundação sim. E foi um jogador da base que

abriu o placar, mas agora jogando pelo São Paulo, Leonardo, aproveitando de uma bola perdida de Júnior Baiano. Marquinhos empatou, um golaço depois de driblar dois defensores, e desempatou, aproveitando da falha de Zetti. Flamengo teve oportunidades de fazer o terceiro, mesmo depois da expulsão de Júnior Baiano, mas Zetti segurou. E no fim, empate de um jogador que ia vestir o Manto Sagrado, Juninho Paulista, que tinha entrado no lugar de Palhinha. 2x2 no Maracanã.

No jogo de volta, Renato Gaúcho calou o Morumbi no início do jogo, de novo com um gol de cabeça. São Paulo fez gols com os mesmos jogadores do que na ida: Leonardo e Juninho Paulista. Flamengo empatou, também com um jogador que tinha feito o dele na ida, ou melhor os dois dele, Marquinhos, de novo com um chute de fora da área. 2x2, o jogo precisava de um vencedor, de um campeão, e foi nos pênaltis. Flamengo tinha vencido uma disputa de penalidades, nas quartas, e São Paulo, uma outra, nas semifinais, contra o Atlético Nacional. No Morumbi, todo mundo fez o pênalti, menos o melhor cobrador da disputa, Marcelinho, que achou a trave de Zetti. São Paulo campeão, Flamengo sem título no ano 1993.

Flamengo fechou a temporada com nenhuma vitória nos últimos 9 jogos de 1993! Um ano que poderia ter sido histórico, mas que não foi.

1996

Crônica #9 publicada originalmente no 4 de janeiro de 2023



Eu acho que o Flamengo de 1996 foi o melhor time da Era Romário, junto com o ano de 1999. Foi um ano de muitas competições, muitos jogos e até títulos. Um time que tinha como craque Romário claro, mas também o goleiro Zé Carlos, um jovem Athirson, um muito jovem Juan, um meio campo com o argentino Mancuso e as promessas Rodrigo Mendes e Iranildo, e um ataque impressionante, que não tinha só Romário, longe disso. Em 1996, jogaram no ataque craques como Sávio, Bebeto, Nélcio, Aloísio Chulapa e Amoroso. Joel Santana tinha nas mãos um time de muita qualidade, que podia brigar para todos os títulos.

Flamengo começou a temporada com um torneio amistoso, a Copa Euro-América, junto com Borussia Dortmund e Palmeiras. Seria muito legal ainda ter esse tipo de torneios amistosos hoje. No primeiro jogo, 1x1 contra o Borussia, gol de Romário. No segundo jogo, 1x1 contra o Palmeiras, gol de Romário. Nesse início de temporada, o Baixinho já mostrava o que ele sempre foi: um goleador nato, um artilheiro, o gênio da grande área. Mas quem levou o título foi o Palmeiras, com uma goleada 6x1 contra o Borussia, último campeão da Alemanha.

Depois, Fla jogou a Taça da Cidade Maravilhosa, que o vencedor, o Botafogo, considera como campeonato carioca especial. Bem. O Flamengo foi invicto, com 3 vitórias e 4 empates, mas não foi campeão. Nessa competição, Flamengo chegou a jogar na Gávea, um de seus últimos jogos de sua história nesse estádio. Não é a prioridade, mas gostaria de uma reforma da Gávea para jogar alguns jogos, do time principal ou dos outros times do Flamengo.

Flamengo estreou em competição oficial na Copa do Brasil, contra Linhares no Espírito Santo, com a primeira polêmica do ano de Romário. O Baixinho só queria chegar lá no dia do jogo. Perdeu o voo, voluntariamente ou não, perdeu o jogo também. Flamengo não perdeu, ganhou 1x0 e disputou o jogo de volta no antigo estádio Mané Garrincha de Brasília. Flamengo é do Brasil. E Flamengo aplicou uma goleada, com show do nosso ídolo Sávio, que fez um golaço depois de um drible de vaca no pobre goleiro.

Na estreia do campeonato carioca, nova vitória, contra Volta Redonda. A fase da Taça Guanabara foi quase perfeita, 11 jogos, 10 vitórias e um empate, contra Fluminense. Um ano depois do jogo eterno de 1995, infelizmente perdido pelo Flamengo, Renato Gaúcho fez dois gols para o Fluminense, mas Romário empatou no fim do jogo e se envolveu em mais uma polêmica, provocando a torcida do Fluminense e o próprio Renato Gaúcho na comemoração. Na opinião de Romário claro, ele comemorava os gols como ele queria, gols eram deles. E foram muitos gols. Só na Taça Guanabara, Romário fez 17 gols em 10 jogos! Apenas no primeiro jogo o Baixinho passou em branco. Depois, fez contra todos os grandes do Rio, Botafogo, Fluminense, Vasco. Também fez 5 gols contra Olaria, onde jogou quando ele era jovem, e 4 gols contra o America, time de coração de seu pai. O Romário era sinistro.

Na Copa do Brasil, Flamengo passou do Inter nas quartas de final. Depois de uma derrota no Beira-Rio na ida, um jogo épico no Maracanã na volta. Nélcio abriu o placar, depois foi show de Sávio,

que começou para obter um pênalti. Romário perdeu. Acontece às vezes, Romário falando na televisão de uma “sensação estranha”. De novo Sávio, com um drible curto, um chute seco, um gol para deixar Flamengo na frente no placar. De novo Sávio, provocando mais um pênalti. Romário fez, aconteceu muitas vezes. De novo Sávio foi derrubado na grande área, agora sem pênalti apesar de a marcação ser evidente. Enfim, Flamengo na semifinal, com mais um grande show de Sávio.

Na Taça Rio, a segunda fase do campeonato carioca, mais jogos e mais gols de Romário. Dois contra Itaperuna, um contra Barreira, quatro contra Olaria durante mais um jogo na Gaveá. Olaria pode ter pesadelos de seu antigo jogador, em dois jogos, o Baixinho fez 9 gols. Romário ainda fez dois gols no 2x2 contra Botafogo. Depois, sem gol de Romário, Flamengo foi eliminado na semifinal da Copa do Brasil pelo futuro campeão Cruzeiro, e de forma surpreendente, o Baixinho não marcou nos quatro últimos jogos do campeonato carioca. Mesmo assim, Flamengo, após um 0x0 contra Vasco no Maracanã, conquistou a Taça Rio com 8 vitórias, 3 empates e nenhuma derrota. Assim, Flamengo se livrou de uma final para já conquistar o campeonato carioca, pela primeira vez de forma invicta desde 1979. Mesmo não marcando nos últimos jogos, Romário fez 26 gols em apenas 19 jogos, sendo evidentemente o artilheiro do campeonato carioca.

Depois, mais uma competição. A Copa dos Campeões Mundiais, apenas com times brasileiros: Santos, Flamengo, Grêmio e São Paulo, nesse momento os únicos brasileiros campeões mundiais, isso não é um debate. Flamengo empatou 0x0 contra São Paulo e venceu Grêmio 2x0, com gol e assistência de Romário. Fla também venceu Santos para se classificar na final, contra o São Paulo de Muricy Ramalho. Claro, Romário deixou o dele, de pênalti, mas não foi suficiente e Flamengo foi vice-campeão. Foi o último jogo de Romário, até voltar, com o Manto Sagrado. Quando seu antigo parceiro do Tetra de 1994, Bebeto, voltou no Flamengo, Romário

voltou na Espanha, agora no Valência. O fim de uma Era, graças a Deus, não um fim definitivo. Flamengo ainda precisava do Baixinho e o Baixinho ainda precisava do Flamengo para ser feliz.

Depois, mais uma competição. O Brasileirão, com estreia também de Bebeto, contra o Atlético Mineiro, com vitória 2x1 no Maracanã. Cinco dias depois, mais uma competição, a Copa Ouro, entre os diferentes campeões da Conmebol em 1995: Grêmio da Libertadores, Rosário Central da Copa Conmebol, São Paulo da Copa Master da Conmebol. Independiente, vencedor da Supercopa Libertadores, desistiu e o vice-campeão Flamengo foi chamado. Fla venceu na semifinal Rosário Central, com dois gols de Fábio Baiano. Na final, uma vingança da final da Copa dos Campeões Mundiais contra o mesmo São Paulo. E mais um show do Anjo Loiro. Contra um jovem Rogério Ceni, Sávio fez apenas os três gols do Mengo, sempre com muita categoria. Mais um título para o Flamengo de 1996.

Depois, uma excursão na Europa. Realmente um calendário incrível, e muitos jogos, em 1996 foram 81 jogos! Um número de alegria para a torcida, mas realmente desgastante para os jogadores, ainda mais com tantas competições e jogos em vários continentes. Na Europa, Flamengo jogou o Troféu Naranja de Valência, parte do acordo da transferência de Romário, um troféu que Flamengo já tinha conquistado em 1964 e 1986. Goleou o time italiano de Veneza por 5x2, mas perdeu contra Valência por 2x0. Romário nem participou no jogo.

Como foi muitas vezes o caso nessa época, Flamengo decepcionou no Brasileirão. Entre a segunda e a quarta rodada, perdeu os três jogos. Depois perdeu quatro jogos consecutivos, inclusive com goleadas sofridas: 1x4 contra São Paulo, 1x4 contra Vasco, 1x3 contra Grêmio, 1x4 contra Paraná. Uma decepção, um sofrimento, uma vergonha, vendo a qualidade do time. Estreou numa outra competição, a Supercopa Libertadores. Estreou com empate 0x0 contra Independiente, mas conseguiu se classificar no jogo de volta

com uma vitória 1x0 no Mané Garrincha, gol de Fábio Baiano. Nas quartas de final, foi eliminado contra Colo-Colo. Mais uma decepção.

A alegria voltou junto com um velho conhecido, um ídolo, Romário. O Baixinho brigou com o técnico espanhol Luis Aragonés e voltou no Rio, ao Flamengo, voltou a vestir o Manto Sagrado. Mas a alegria durou pouco. Para o primeiro jogo da dupla Romário – Bebeto no Flamengo, contra o Internacional, Romário saiu por contusão com apenas 39 minutos do jogo, e Flamengo foi derrotado no Maracanã. No fim do ano, já sem Bebeto, Romário voltou a jogar os dois últimos jogos do campeonato. Sem gol para ele, e com duas derrotas para o Flamengo, fora das quartas de final. Um final decepcionante, mas que não faz esquecer o início de ouro, com campeonato carioca invicto e artilharia impressionante de Romário.

2000

Crônica #10 publicada originalmente no 14 de janeiro de 2023



A última temporada do segundo milênio, a primeira temporada desde o fim da Era Romário, a última temporada da Era Umbro, a primeira temporada da Era Nike, também a primeira da dupla Petkovic – Adriano, o ano de 2000 foi histórico para o Flamengo, com de novo muitas competições e muitos jogos, algumas alegrias e muitas decepções, e muitos, muitos craques. Mesmo sem Romário, o imortal Flamengo, com o apoio da ISL, era bem servido de craques, em cada posição: Júlio César no gol, Juan e Gamarra na zaga, Athirson como lateral, Leandro Avila como volante, Lê e Denílson nas alas, Reinaldo, Adriano e Edílson no ataque.

Mas, se o Flamengo era muito bem servido numa posição, era de uma das mais importantes no futebol do século XX, o camisa 10, o cérebro do time. E para a décima crônica dessa categoria, o Flamengo de 2000 tinha dois camisas 10, dois gênios, Petkovic e Alex. Sempre é muito difícil de jogar com dois camisas 10, dois jogadores centralizados, que precisam da bola para existir. Se alguém tem duas articulações no mesmo joelho, dificilmente ele conseguira andar sem mancar.

A temporada do Flamengo em 2000 começou com um torneio amistoso, o troféu São Sebastião, patrão de Rio de Janeiro e celebrado os 20 de janeiro. No 20 de janeiro, também dia aniversário da morte de Garrincha, Flamengo, de calça vermelha e camisa toda preta, começou a temporada da melhor maneira, com um título, em cima do Fluminense, gol de Lúcio. A estreia oficial, no torneio Rio – São Paulo, foi mais difícil. Duas derrotas, contra São Paulo e Botafogo, depois dois empates, contra Santos e Botafogo, e depois duas vitórias, de goleada, 5x2 contra São Paulo e 4x1 contra Santos.

O jogo contra São Paulo no Morumbi foi o palco do primeiro gol profissional de um dos maiores ídolos do Flamengo, nosso Didico Adriano. Trinta segundos depois de sua entrada no jogo, dominava a bola esquivando um defensor ao mesmo tempo, chutava com a perna esquerda e fazia um golaço contra uma outra lenda em início de carreira, Rogério Ceni. No jogo contra Santos, foi estreia de outro ídolo do Flamengo, também hexacampeão em 2009, Petkovic. O Pet estreou com golaço, duas fintas de pé direito, um chute cruzado de pé esquerdo. Em seguida, no antigo Maraca, um escanteio de Pet num canto onde voltaria a brilhar, um escanteio bem curvado, para o gol de Beto. Apesar das goleadas e do gênio dos futuros ídolos, Flamengo acabou sendo eliminado na primeira fase do Torneio Rio – São Paulo, conquistado pelo Palmeiras depois de um 4x0 contra o Vasco na final.

No campeonato carioca, Flamengo também começou com goleada: 5x0 contra o America. Depois, outra goleada, 4x0 contra Madureira. Nos dois jogos, Reinaldo marcou um dobrele. Na Copa do Brasil, estreou com empate contra River lá no Piauí, mas não tremeu no Maracanã, Athirson fazendo o único gol da partida no início do jogo. No campeonato carioca, perdeu a invencibilidade contra o Botafogo, mas conquistou outras goleadas: 7x1 contra Friburguense e 6x1 contra Bangu, com destaque para Reinaldo e Athirson, 4 gols para cada um na soma dos dois jogos. Entre as duas goleadas, uma vitória

de prestígio, de virada, contra Fluminense, de novo com gol de Athirson, que faria 12 gols em 32 jogos durante a temporada.

Depois, foi o momento da goleada sofrida, contra um arquirrival e um artilheiro bem conhecido, o Vasco de Romário. Num domingo de Pascoa, o Maraca virou centro de distribuição de chocolates, com a arrogância de Eurico Miranda, as provocações de Pedrinho e o gênio de Romário. Foi um jogo eterno, um grande jogo na história do Vasco. Parabéns para eles, ainda não era o momento da vingança para o Flamengo. Mas era para o técnico Paulo César Carpegiani a hora de sair, o técnico campeão mundial em 1981 pediu demissão no dia seguinte.

No lugar de Carpegiani, chegou um outro ídolo, ainda mais ídolo, Carlinhos. Ídolo como jogador, onde só jogou no Flamengo, e ídolo como técnico, onde muitas vezes foi chamado para sair de uma crise e onde ganhou o Brasileirão de 1987 e 1992. Em 2000, ajudou o clube a voltar para cima depois da goleada sofrida contra Vasco, também com a ajuda de Petkovic, que marcava a quase todo jogo, e quando não marcava, dava assistência. Petkovic foi eternizado em 2001, mas já jogou muito em 2000.

Flamengo conquistou a Taça Rio e encontrou de novo Vasco, agora na final do campeonato carioca. Agora sim, era hora de vingança. E chegou com juro e com título, Vasco sendo vice de novo. No jogo de ida, a goleada foi construída nos quinze minutos finais, mais um gol de Athirson, um golaço de falta de Fábio Baiano, e os vascaínos, já saindo do Maracanã, sem ter tempo de ver o terceiro gol, uma cabeçada de Beto. Sim, era a vingança de Pascoa. No jogo de volta, uma vitória de virada, com gol de empate de Reinaldo e depois Tuta roubando um gol de Juan. Flamengo bicampeão carioca, Vasco bi-vice. A vingança não era completa só porque o Vasco ia sofrer ainda mais no ano seguinte.

Mas o Flamengo desses tempos sofria de transtorno bipolar, era de uma alegria pura e no instante seguinte, os torcedores sofriam com a derrota mais dura. Nas quartas de final da Copa do Brasil, foi goleado 4x0 pelo Santos, em pleno Maracanã. Flamengo acabou eliminado depois de mais uma derrota contra Santos, 4x2 no Vila Belmiro. Em mais uma outra competição, a Copa dos campees regionais, também caiu nas quartas de final, contra Palmeiras. Na disputa de penalidades, Reinaldo foi o único a errar e o Flamengo foi eliminado.

Depois era tempo de mais uma competição, o Brasileirão, nesse ano chamado de Copa João Havelange, com viradas de mesa, (des)organização do Clube dos 13 e da CBF e 116 clubes participando, apenas isso. E mais uma vez no Brasileirão desses tempos bipolares, Flamengo começou mal, com apenas uma vitória em 6 jogos. De nova, era hora de estreiar em mais uma competição, a Copa Mercosul, competição em alta e de qual o Flamengo era o último campeão, com vitória na final de 1999 contra Palmeiras. Apesar de um gol de Petkovic, Flamengo estreou com derrota no Maracanã, 2x1 contra River Plate, jogou que marcou a estreia de Edílson com o Manto Sagrado.

E mesmo com tantos jogos, tantas competições, Flamengo teve o tempo de fazer uma excursão na Europa. E Flamengo tinha mais um reforço de peso, um jogador que eu adorava em 1998, Denílson. A ISL dava recursos para o Flamengo ter um timaço, só não pagava os salários depois. Flamengo perdeu o Troféu Villa de Madrid, disputado a cada ano pelo Atlético de Madrid, apesar de um gol de Edílson, que achou de novo as redes no segundo e último jogo na Europa, uma vitória 2x1 contra Betis, jogo onde Adriano também marcou. O Flamengo prometia no Brasileirão 2000.

De volta ao Brasil, o Flamengo enfrentava o Atlético Mineiro de Cláudio Caçapa, Mancini, Valdir Bigode e Guilherme. No Mineirão, Flamengo ganhou de virada com gols de Petkovic e Edílson, e

grande atuação de Adriano. Quatro dias depois, no Estadio Nacional de Santiago, Flamengo goleava o Universidad de Chile por 4x0. O Flamengo prometia, nesse jogo Edílson abriu o placar num escanteio de Petkovic, e fez mais um no segundo tempo, agora ignorando completamente Petkovic, sozinho na frente do gol. Já dava para perceber que esse Flamengo prometia brigas de ego e vaidade também.

Flamengo goleou o Santos do Edmundo e venceu Gama, outro jogo eterno. Depois, foi a vez de Alex de estreiar com o Manto Sagrado, mas o craque do Palmeiras fez muito pouco pelo Mengo. Na Resenha de Primeira, Alex explicou: “Primeiro, eu fiquei 45 dias. Isso já resume tudo. O Flamengo tinha sérios problemas estruturais e eu encontro um grupo de muita qualidade individual, mas que ninguém queria nada. E quando eu digo que ninguém queria nada, eu também me incluo nisso porque eu poderia ter feito ‘N’ coisas diferentes e acabei não fazendo, entrei no ‘oba-oba’ que existia naquele momento e aí o rendimento do time foi muito abaixo”. No 10 primeiros jogos do Alex, Flamengo ganhou apenas um, empatou apenas um e perdeu 8. Coisa improvável vendo a qualidade do time. Flamengo perdeu 5 jogos consecutivos no Brasileirão, uma série fatal para o técnico Carlinhos, substituído por um outro ídolo, Zagallo.

Para o primeiro jogo de Zagallo, Flamengo precisava de um empate contra Vélez Sársfield para passar da primeira fase da Copa Mercosul. E fez mais, Adriano abriu o placar depois de jogada de Petkovic, e saiu para a entrada de Roma, que fez um golão cheio de ginga. E três dias depois, um jogo eterno contra o Vasco, na frente de mais de 60.000 torcedores no Maracanã. Antes do jogo, um cumprimento entre os antigos desafetos, Zagallo e Romário. No jogo, um golão de falta de Petkovic, na gaveta de Helton, quase um flashforward. No segundo tempo, um gol de Adriano, um outro golão de Petkovic, agora driblando dois jogadores do Vasco e por fim, um pênalti de Edílson. Flamengo 4x0 Vasco, mais uma vitória, ainda não completa, ainda não era o 27 de maio de 2001.

Mas nesse fim do segundo milênio, a esperança voltava na Gávea, o Flamengo podia realizar um ano histórico.

Mas o Flamengo dessa época é assim, meio feliz, meio infeliz, com uma esperança na mesma altura do que a decepção. Flamengo empatou contra Fluminense, com gol de outro craque, agora zagueiro, o paraguaio Carlos Gamarra, e perdeu contra o Internacional e o Cruzeiro. Entre esses jogos, perdeu duas vezes contra o River Plate, e acabou eliminado nas quartas de final da Copa Mercosul, apesar de gols de Edílson, Juan e Petkovic no jogo de volta. Um timaço, que não saiu do papel.

Flamengo não passou da primeira fase do Brasileirão e viu o arquirrival Vasco conquistar a Copa Mercosul e o Brasileirão. Os dois últimos jogos, vitórias contra o Corinthians e Vitória, só serviram para ver os três primeiros gols de Alex, os únicos, golaços de canhoto, e um pouco mais do gênio de Petkovic e Edílson. Só serve para se lamentar, pensando o que poderia ter feito o Flamengo de 2000.

2005

Crônica #15 publicada originalmente no 15 de abril de 2023



Em mais de 100 anos de futebol, Flamengo passou por várias fases, momentos de glória e momentos ruins. E um dos momentos mais difíceis do clube foi nos meados dos anos 2000, com vários riscos de rebaixamento, a maior vergonha possível para um gigante. O ano 2005 também foi o ano que comecei a acompanhar o futebol brasileiro de clubes, com um site francês sobre a seleção e os jogadores brasileiros jogando na Europa, mas também algumas notícias dos clubes brasileiros. E eu recebia todas as semanas a revista France Football, onde tinha a tabela de todos os campeonatos do mundo. Olhava todos as semanas a colocação do Flamengo, o time estava mal, muito mal, mas não sabia nada das regras do campeonato e do risco de rebaixamento.

O ano de 2005 do Flamengo começou com a Copa Fita Internacional, um campeonato internacional, mas com quase nenhuma relevância. Tinha só três times, e junto com o Flamengo, tinha Volta Redonda e Joe Public, time do Trinidad e Tobago. Flamengo começou o ano com uma goleada 5x0 sobre Joe Public, com 2 gols de Dimba e 2 ídolos no time titular: Ibson e Zinho. Depois, no 20 de janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade de Rio de Janeiro, Flamengo

perdeu o título com uma derrota 1x0 contra Volta Redonda. O ano mal começou e Flamengo já conhecia uma decepção.

No campeonato carioca, Flamengo estreou de uma maneira horrível no Maracanã, 45.279 torcedores viram o Flamengo sofrer uma derrota 3x0 contra Olaria. Em seguida, venceu 1x0 Madureira mas perdeu contra Cabofriense e Americano e já era o fim para o técnico Júlio César Leal, que tinha chegado no clube no início do ano. O interino e ídolo de sempre, Andrade, conseguiu um 2x2 contra Fluminense, mas não conseguiu impedir o Flamengo de terminar na última colocação de seu grupo na Taça Guanabara!

O novo técnico Cuca estreou sem brilhar com um empate 1x1 contra River na Copa do Brasil, também jogo da estreia do Flamengo na competição. Conseguiu classificar o Flamengo no jogo de volta, com apenas 1.560 espectadores no Maracanã, e classificar o time na semifinal da Taça Rio depois de terminar a fase de grupos na 2ª colocação, com 6 pontos a menos do que Fluminense, Flamengo não conseguindo vencer nem o Botafogo nem o Vasco. Eliminou Volta Redonda pelo placar mínimo, mas na final da Taça Rio, levou uma goleada 4x1 contra Fluminense, o gol de Zinho no 92º minuto não salvando a honra rubro-negra. O sonho do bicampeonato carioca acabava ali.

E a trajetória de Cuca no Flamengo quase acabava ali também. Depois de 10 dias sem jogos, Flamengo perdeu contra Ceará na Copa do Brasil em casa, uma casa inusitada, o jogo acontecendo no estádio Pedro Pedrossian, o popular Moreirão, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Flamengo perdeu 2x0, Cuca foi demitido, mas jogo foi importante: foi o jogo da estreia do ídolo Obina. No jogo seguinte, de novo contra Ceará na Copa do Brasil, o interino Andrade conseguiu mais um empate 1x1, mas não conseguiu a classificação. Mas jogo foi importante: foi nesse jogo, em Fortaleza, que Obina fez seu primeiro gol com o Manto Sagrado. O resto é história...

Flamengo estreou no Brasileirão com um empate 1x1 contra Cruzeiro, com gol de outro ídolo, o zagueiro Júnior Baiano, que eu já adorava durante a Copa do Mundo 1998 com a Seleção. O novo técnico, Celso Roth, estreou com uma vitória pelo placar mínimo no campo de Figueirense, mas depois foi só sofrimento, ou quase. Até a 14ª rodada, Fla conseguiu ganhar do Santos e do Vasco, mas foram as duas únicas vitórias, se não conta o amistoso contra Tupy para conquistar o Troféu da Paz. Destaque negativo para as derrotas 3x4 em casa contra Brasiliense e Juventude. E pior ainda, Flamengo estava agora sem casa. O Maracanã fez uma pausa para uma reforma antes do Pan-Americano de 2007 e deu adeus a geral. A geral nunca mais. O fim definitivo de uma Era, de um certo futebol e de uma pura alegria no Maraca.

Logicamente, Celso Roth caiu depois de mais uma derrota, contra Coritiba. E o técnico interino e ídolo de sempre Andrade foi efetivado como técnico pela primeira vez. Junto com ele como auxiliar, um outro ídolo, que fazia com Andrade uma dupla de ouro no meio de campo, Adílio. Ganhou do Botafogo com gol de um futuro ídolo, que tinha chegado no Flamengo nesse ano de 2005 depois de passar pelo todos os outros grandes clubes de Rio, Léo Moura. Outro ídolo que chegou em 2005, Renato Abreu, que fez gols importantes, nas vitórias contra Paysandu e São Caetano, nos empates contra Figueirense e Fluminense. O 2x2 no Fla-Flu também foi o início de uma nova crise no Flamengo. Entre uma vitória contra o Brasiliense de Marcelinho Carioca e Joel Santana, foram 5 derrotas, as três últimas no Rio: um 2x1 contra o Atlético Mineiro, também ameaçado pelo rebaixamento, um vergonhoso 6x1 contra o time reserva de São Paulo e um novo 2x1 contra o arquirrival Vasco no São Januário. Logicamente, foi o fim, não um adeus, de Andrade no Flamengo. Na verdade nem foi um fim, porque Andrade voltava a sua posição de auxiliar-técnico.

Antes do jogo contra Vasco, Flamengo estreou em uma nova competição, a Copa Record, organizada pela Ferj com a ajuda da

Rede Record. O torneio tinha só times do estado do Rio de Janeiro, sem a participação de Fluminense e Vasco. Flamengo jogou com reservas e juniores e estreou com uma vitória 4x0 contra Bonsucesso. Mas a preocupação era o Brasileirão. Flamengo estava na zona de rebaixamento, na 20ª colocação, na época tinha 22 times no Brasileirão. O rebaixamento era uma possibilidade real. Espero que o Flamengo nunca vai ser rebaixado, o que é a maior vergonha para um gigante. Alguns times ainda ampliaram a vergonha, caindo na Série C ou caindo 4 vezes na Série B. Mas o Flamengo nunca caiu, junto com apenas Santos e São Paulo. E acho que o Flamengo será o último a nunca ter sido rebaixado, que nunca vai conhecer essa vergonha.

Mas quase foi em 2005, e Flamengo foi para mais uma troca de técnico. Essa época foi foda, entre 2002 e 2006, sem contar os técnicos interinos, Flamengo conheceu 20 trocas de técnico! Mas o momento em 2005 era de urgência máxima e Flamengo precisava de um técnico capaz de criar um grupo coerente e coesivo em pouco tempo, precisava de um técnico que conhecia a casa, que já tinha vencido no Flamengo. E chamou Joel Santana, que tinha sido demitido pelo Brasiliense alguns dias antes. O Papai Joel chegava na Gávea para salvar o Flamengo da maior vergonha de sua história.

E Joel Santana quase começou com uma derrota, no campo de Juventude, que vencia 2x0 até o minuto 44 do segundo tempo. Mas Flamengo conseguiu um empate com gols de Renato Abreu e Júnior nos minutos finais do jogo. E Joel Santana não perdeu com Flamengo no Brasileirão de 2005. Foram 6 vitórias, destaques para a vitória em virada contra Botafogo com um a menos durante 60 minutos, e para o gol salvador do ídolo Obina em Paraná no minuto 47 do segundo tempo para quase assegurar a permanência na Série A. Também teve 3 empates, destaque para o 0x0 morno contra Goiás, mas que garantia Flamengo na elite do futebol brasileiro, que livrava o clube da maior vergonha possível. Destaque para o fim da temporada para Renato Abreu e Léo Moura, que fizeram gols

decisivos, e acabaram a temporada com um dobrete para cada um na goleada 4x1 contra Paysandu.

Dois dias antes, Flamengo ainda conseguiu vencer a Copa Record na final contra Olaria, na disputa de penalidades. Mas o Flamengo de 2005 é conhecido pelo livramento do rebaixamento, uma época que todos esperam não conhecer mais, mas que também permite de avaliar a paixão pelo Mengo. E Flamengo, eu juro que no pior momento, vou te apoiar até o final, porque sou Flamengo com muito orgulho e muito amor.

2008

Crônica #6 publicada originalmente no 23 de novembro de 2022



O Flamengo deu muitas alegrias desde 2019. Mas antes, já fomos muitos felizes, com times de menos qualidade. Mas o Manto Sagrado era o mesmo. Ou quase, o fornecedor era outro. Acho a camisa de 2008 a mais bonita da história recente do Flamengo, gosto também muito do Manto dos anos 1980. E o ano de 2008 foi bom, um dos primeiros onde acompanhei religiosamente o time.

O Flamengo de 2008 estava bem de ídolos. O goleiro Bruno não é mais ídolo por causa do que ele fez, mas era um grande goleiro, um dos melhores que vi no Flamengo com Diego Alves. Na zaga, Ronaldo Angelim fez muita história no clube, mas confesso que gostava ainda mais do Fábio Luciano. Era nosso capitão e achava ele muito carismático. A dupla de laterais Léo Moura – Juan era incrível, de um apoio de sempre no ataque. Não foi melhor do que a dupla Filipe Luís – Rafinha, mas eram outros tempos. Era um prazer de ver eles jogar.

No meio de campo, Flamengo contratou um campeão do mundo, Kleberson. Tinha ainda Ibson, que fez uma temporada de 2007 incrível, era o melhor jogador de meus tempos ainda recentes de torcedor assíduo do Flamengo. Depois chegou outro craque, que eu

gostava muito na Europa já, Marcelinho Paraíba. A passagem foi rápida, mas honrou o Manto Sagrado. E tinha também o craque da casa, o primeiro da base que vi crescer, Renato Augusto. No ataque, outra dupla carismática, Souza e meu primeiro ídolo, Obina. Os dois eram limitados, mas eram outros tempos. Deram muita alegria aos flamenguistas. Até de técnico, Flamengo tinha alguém limitado, mas carismático, Joel Santana. Adorava o Papai Joel.

No campeonato carioca, Flamengo jogou a final da Taça Guanabara contra Botafogo. Wellington Paulista abriu o placar e Ibson empatou de pênalti. Foi um jogo de polêmicas, de brigas, de expulsões, de chororô também. Diego Tardelli fez um golão no fim do jogo para a alegria dos flamenguistas e o choro dos botafoguenses. Eu não era um grande fã de Diego Tardelli, mas ele melhorou muito o ataque e fez um dos golões mais icônicos da história do Flamengo. E no jogo seguinte, Souza, fez uma das comemorações mais icônicas, o chororô, que voltou depois a ser eternizado pelo Hernane, Vinícius Júnior e Gabigol.

Na Libertadores, Flamengo ficou no primeiro lugar de seu grupo, e no segundo lugar da classificação geral, atrás apenas de um rival, Fluminense. O Fla-Flu é meu clássico favorito desde sempre, desde o início de tudo, ou melhor, meu amor pelo Fla-Flu nasceu 40 minutos antes do nada. Tínhamos perdido 4x1 no campeonato carioca e já estava louco para um Fla-Flu na Libertadores. Revelação do início do ano foi Marcinho, um jogador de muita velocidade, ousadia e gols também. Adorava ele, adorava o elenco de 2008.

Na final do campeonato carioca, de novo contra Botafogo, Flamengo perdeu o jogo de ida e também levou o primeiro gol do jogo de volta, com um frango de Bruno. Mas esse Flamengo era time de desafio, de superação, de virada. No segundo tempo, Obina empatou e no fim do jogo, com outros gols de Tardelli e de novo de meu ídolo Obina. Flamengo campeão. Campeão da Copa do Brasil 2006 contra Vasco, campeão carioca 2007 contra Botafogo, campeão carioca 2008 de

novo contra Botafogo, meus inícios de torcedor flamenguista acompanhando o time eram quase perfeitos. E a festa no Maracanã foi de novo muita linda. Se eu tenho saudade do time de 2008 apesar do time de hoje ser bem melhor, a saudade do Maracanã é diferente, é uma saudade que não passa, ou que passa para sempre voltar. Só o antigo Maracanã não pode voltar. Foi destruído para sempre.

Eu estava cheio de alegrias mas a vida do torcedor é de altos e baixos, da alegria mais pura a decepção mais absoluta, do grito de campeão ao grito de desespero. Nas oitavas de final da Libertadores, Flamengo era quase classificado depois de ganhar 4x2 no México. Quase. Sem alguns titulares, Flamengo perdeu 3x0 no Maracanã. Um outro Maracanaço. Não assisti ao jogo ao vivo e não relembro bem onde estava quando soube da tragédia. Como um choque traumático. Ainda hoje não dá para entender. Achava e ainda acho que o time tinha possibilidade de ganhar a Libertadores. E eram outros tempos, o peso ainda era diferente de hoje, onde a diferença entre os times brasileiros e os outros é muito maior, e Flamengo é quase já semifinalista antes do início do torneio. Pior que o Fluminense foi na final esse ano e tinha a possibilidade de dois Fla-Flus na semifinal. Pelo menos Flu perdeu a final. Mas para o Fla, a temporada já estava meio perdida. Talvez esse outro Maracanaço contra o América é minha maior decepção no Flamengo, só a final do Mundial contra Liverpool pode competir, num outro tipo de decepção. Nem mesmo a perda da final da Libertadores 2021 contra Palmeiras foi tão dolorida.

Mas ainda tinha o Brasileirão a jogar, agora sem Renato Augusto e Marcinho. Passei até a odiar eles, eram outros tempos e eu era ainda bem jovem, não entendia a escolha de vestir outra camisa quando tinha a possibilidade de vestir o Manto Sagrado. No Brasileirão, Flamengo foi bem, foi até líder após uma goleada 5x0 contra Figueirense na quinta rodada. E depois ficou sete jogos sem vencer. Isso aqui também era Flamengo. Voltou a ganhar, goleou Coritiba e Palmeiras no fim do campeonato, com de novo Ibson jogando de terno. Contra Palmeiras, Ibson fez três, num Maracanã cheio, com a

esperança de um hexa. Mas Flamengo ganhou apenas um ponto nos três últimos jogos e ficou até de fora da Libertadores.

Um ano de 2008 marcante, um elenco que ainda está no meu coração, mas um ano muito frustrante. Eram outros tempos e tempos melhores vão vir.

2009

Crônica #19 publicada originalmente no 24 de junho de 2023



Talvez valia esperar 17 anos para ter um final tão bonito. O ano de 2009 é o ano de hexa, com um final que ninguém tinha imaginado. Mas eu também nunca teria imaginado o início da temporada, que na verdade, começou no fim do ano de 2008, começou com uma terrível desilusão.

Ronaldo está no meu top3 dos ídolos, junto com Garrincha e Zico. E ele foi o primeiro ídolo. Com 6 anos recém-completados, meu aniversário foi alguns dias antes da final da Copa do Mundo de 1998, torcia pelo Brasil contra meu próprio país, a França, principalmente por causa do Ronaldo Fenômeno. Se adoro o futebol brasileiro, talvez Ronaldo é a principal explicação. Quando ele assistiu a final do campeonato carioca 2008 com uma camisa do Flamengo, fiquei alucinado de alegria, passei a sonhar com a chegada dele no Flamengo, para jogar, para brocar, para ser campeão brasileiro.

E o sonho ficou ainda mais forte quando ele passou a treinar na Gávea, quando ele repetiu diversas vezes que queria jogar no Maior do Mundo. Assistia a todos os jogos do Ronaldo, assistia a todos os jogos do Flamengo. Meu interesse pelo futebol ficou quase apenas no futebol brasileiro quando Ronaldo rompeu os ligamentos do joelho

pela terceira vez e saiu do Milan. Antes era Ronaldo e Flamengo, depois só Flamengo, e podia ser agora Ronaldo no Flamengo, Ronaldo com o Manto Sagrado. Daí a decepção foi ainda maior. Foi uma terrível desilusão. E mais, foi uma traição. Senti-me traído como nunca quando Ronaldo assinou com o Corinthians. Entre os dois, entre meu ídolo e meu clube de coração, escolhi Flamengo, e mais, passei a odiar Ronaldo. Como se o ídolo nunca tinha existido, como se sempre foi um mercenário. Mas foi muito difícil de parar de amar o Fenômeno.

Foi difícil assistir ao início do Flamengo no campeonato carioca, uma vitória 1x0 contra Friburguense, gol de Juan, ídolo do Flamengo, mas menos ídolo do que Ronaldo no meu coração ferido. Flamengo conseguiu várias vitórias, empatou contra Botafogo, e fechou seu grupo da Taça Guanabara como líder. E na semifinal, perdeu de forma surpreendente contra Mesquita em pleno Maracanã, em pleno Carnaval. Depois de dez dias sem jogos, com Botafogo campeão da Taça Guanabara, Flamengo se recuperou na estreia da Copa do Brasil, goleando 5x0 Ivinhema. A Taça Rio, a segunda fase do campeonato carioca na época, foi difícil, Flamengo até perdeu 2x0 contra Vasco, mas Flamengo conseguiu a primeira colocação e a vaga na semifinal com um 1x1 no Fla-Flu, Emerson Sheik fazendo o gol do empate no último minuto. E uma semana depois, teve outro Fla-Flu, dessa vez com vitória do Fla, com Mengo na final da Taça Rio.

Flamengo conquistou a Taça Rio contra Botafogo e se classificou para a grande final do campeonato carioca, de novo contra Botafogo. De novo, como em 2007, como em 2008. Flamengo tinha conquistado um tricampeonato carioca em cima do Vasco entre 1999 e 2001, podia fazer agora contra Botafogo. Na ida, muitos gols, muita emoção e um empate 2x2. E na volta, muitos gols, muita emoção e um empate 2x2. Grande nome foi Bruno, que pegou um pênalti durante o tempo normal e mais dois na disputa de penalidades. Gostei muito desse time, gostei muito desse título, com

Fábio Luciano levantando a taça. Adorava Fábio Luciano, um dos melhores capitães que vi no Flamengo e fiquei muito triste quando ele encerrou a carreira nesse mesmo jogo. E adorei o Tri em cima do Botafogo, por isso também fiquei muito chateado quando Flamengo perdeu o campeonato carioca 2022 contra Fluminense, perdendo a oportunidade de completar um novo tri contra um mesmo rival.

Depois, Flamengo goleou Fortaleza para se classificar nas quartas de final da Copa do Brasil, mas perdeu na estreia do Brasileirão contra Cruzeiro, também foi eliminado da Copa do Brasil pelo Internacional. Mas uma boa notícia veio logo depois, uma ótima notícia, depois de algumas semanas de incerteza, o Imperador voltou, Didico era de novo do Mengo. Na verdade, Adriano nunca parou de ser flamenguista, mas agora era de novo jogador do Flamengo. Estava muito feliz com a volta dele, ele era um de meus ídolos no futebol. Já estava feliz quando ele voltou no Brasil em 2008 com São Paulo, mas agora era diferente, era do Mengo. Um casamento que deu certo, com no início várias camisas diferentes. Teve 29, 27, 92, 90, 100. Era uma espécie de chá revelação para a nova camisa do novo fornecedor, Olympikus, depois de vários anos com Nike, alias para mim o principal motivo da não vinda de Ronaldo no Flamengo. Teve até enquete na Internet para a torcida escolher a camisa de Adriano, deu 9, mas Adriano finalmente escolheu a 10 de Zico. Uma história perfeita.

E outro ídolo voltou, Petkovic. Mesmo sem acompanhar a primeira passagem dele no Mengo, sempre fui muito fã do Petkovic, ele era até a personalização de meu sonho, um europeu fazendo história no Brasil, um camisa 10 clássico, minha posição preferida num campo de futebol. Mas por causa do Didico e da camisa 10, Petkovic escolheu a camisa 43, como o minuto que o eternizou no Flamengo, na hora de conquistar o Tri contra Vasco. Estava feliz com a escolha dele, porém sem o sonho de ver ele como destaque do Brasileirão. Escreve Marcos Eduardo Neves no livro 20 jogos do Flamengo: “Com pendências financeiras para resolver com o clube, Petkovic

propôs reduzir e parcelar a dívida, desde que pudesse se despedir do futebol com a camisa que o consagrou. Os torcedores gostaram da ideia, até porque faltava um meia cerebral no elenco. Entretanto, alguns dirigentes torceram o nariz pra Pet, duvidando que, aos quase 37 anos, pudesse dar retorno. O acordo financeiro foi assinado. Contudo, o técnico Cuca e alguns diretores decretaram que o serviço, no máximo, faria um jogo de despedida”. E quase foi, com o comando de Cuca, Petkovic jogou apenas 27 minutos.

Quem brilhou durante esse tempo foi Adriano. Marcou na estreia contra o Athletico Paranaense, fez um hat-trick contra o Internacional depois de um vexame, quando Fla tomou um 5x0 contra Coritiba. Mas aí aconteceu uma coisa para mim. O Corinthians ganhou a Copa do Brasil, com gol de Ronaldo na final. O traidor já tinha brilhado no campeonato paulista, com gol na estreia como titular contra Palmeiras, com golaço na semifinal contra São Paulo, com golaço e título contra Santos. E agora conquistava um título nacional. Depois de dois anos longe do futebol europeu, do dinheiro e da falta de emoção, eu me afastava do futebol brasileiro e do Flamengo por excesso de emoção. A traição de Ronaldo foi dura, passei a odiar ele, e ver ele brilhando no Brasil doava meu coração. Sem acesso a um computador nos domingos a noite, passei a acompanhar menos o Flamengo, nem os melhores momentos dos jogos eu assistia regularmente. Incrivelmente, o ano 2009 foi o ano que menos acompanhei o Flamengo. Nos tempos difíceis, para mim 2010, 2012 e 2014 em destaque, com pouco futebol, eu estava lá. Mas em 2009, acompanhei menos, de novo não por falta de amor, mas por excesso de amor.

Ainda mais, o Flamengo de 2009 era irregular e depois da vitória 4x0 contra Internacional, conseguiu apenas uma vitória em 6 jogos, empatando contra Fluminense e Botafogo, perdendo contra Palmeiras. E Cuca, sem apoio dos jogadores do time, saiu do Flamengo. O time nesse momento era na 11ª colocação, 11 pontos atrás do líder. Próximo jogo já era decisivo, já uma virada no ano,

com um técnico interino, um ídolo, Andrade. Flamengo nunca tinha vencido Santos na Vila Belmiro num jogo oficial, mas ganhou de virada, com gol de Adriano, com lágrimas de Andrade e homenagem ao Zé Carlos, antigo goleiro do Flamengo, que tinha falecido dois dias antes. E no jogo seguinte, Flamengo venceu, de novo em virada, venceu o líder do campeonato, o Atlético Mineiro. Era um novo Mengo.

Até o Petkovic, esquecido pelo Cuca, começou a aparecer com Andrade, saindo do banco, fazendo gol de fora da área contra Goiás. Petkovic passou a ser titular, a ser referência técnica do time. E no jogo seguinte, vitória sobre o Corinthians, sem Ronaldo, gol de Adriano, eu feliz. Mas o Flamengo de 2009 era irregular. Fez 5 jogos sem vitórias, com eliminação na Copa Sudamericana contra Fluminense apesar de dois empates no Maracanã, e três derrotas no Brasileirão. Fla perdeu 3x0 contra Avaí, foi na 14ª posição, perto do Z-4, muito longe do G-4. O título nem era um sonho. Mas Flamengo se recuperou, ficou 6 jogos sem tomar gol, golaçou contra Coritiba, venceu o Fla-Flu com dobrlete de Adriano, outro jogo eterno. Petkovic começou a brilhar, duas assistências no 3x0 contra Sport, um gol e uma assistência contra Coritiba, mais um gol no 3x3 contra Vitória, que interrompeu a série sem ser vazado do Mengo, não a boa fase do Fla.

A recuperação do Flamengo veio com a dupla Petkovic – Adriano, que brilhou ainda mais do que no fim do século passado, no início do terceiro milênio. Olha os números, do 3x0 contra Sport até o hexa, Didico fez 9 gols em 12 jogos, Pet deu 5 assistências e marcou 7 vezes em 14 jogos. Teve outros jogos eternos, até gols olímpicos de Pet, contra Palmeiras e o Atlético Mineiro. E teve a volta do Mengo, no início no G-4, perto do líder, mas ainda não líder. E depois de alguns meses longe do Fla como nunca fui na minha vida, passei a acompanhar de novo o Mengo de perto, perto do título. Mas torcer pelo Flamengo é sofrer, quando podia tomar a liderança, empatou em

casa contra Goiás, que tinha nada mais a jogar. Faltava dois jogos, contra o Corinthians de Ronaldo, contra o Grêmio no Maracanã.

E jogo contra Corinthians foi sem Adriano, machucado com uma queimadura, de luminária, de churrasco, de moto, de bala perdida, de ataque alienígena, sei lá, foi mais um capítulo de um ídolo no Flamengo. Enfim, o Imperador não podia estar em campo. E o traidor saiu também machucado, com apenas 25 minutos do jogo. No Brinco de Ouro, teve gol de Zé Roberto, que também jogou muito no fim da temporada, teve gol de outro ídolo do Fla, Léo Moura, num pênalti no último minuto, teve vitória do Mengo, teve Flamengo na liderança. Flamengo nunca foi tão perto do Hexa, e ao mesmo tempo, tão longe, tudo pode acontecer em 90 minutos, até o impossível.

Para o último jogo, já eternizado no francêsguista, teve volta do Didico, teve Álvaro suspenso, teve David Braz titularizado, teve invasão no Maracanã. Teve polêmica também, já que o adversário era Grêmio e um dos outros candidatos ao título era o Inter. Mas, mesmo com um time misto, mesmo sem jogar nada, Grêmio abriu o placar no Maracanã, e quase no mesmo minuto, o Inter também abriu o placar, voltou a ser o campeão virtual. Teve muito emoção no Maracanã, com bola rolando, na bola parada também. Num escanteio de Petkovic, Adriano parou de jogar, reclamou uma mão, David Braz continuou a jogar, fez seu primeiro gol com o Manto Sagrado. Mas o empate ainda não era suficiente para ser campeão, precisava vencer, vencer na raça, no amor, na paixão.

E na metade do segundo tempo, quando Inter goleava, quando Petkovic estava pronto a sair, o Gringo bateu mais um escanteio, na cabeça de um dos mais flamenguistas do elenco, Ronaldo Angelim. No início do mesmo ano de 2009, Ronaldo Angelim correu o risco de ter uma perna amputada por causa de um problema sanguíneo. Mas o sangue de Ronaldo Angelim era rubro-negro, Ronaldo Angelim era o único Ronaldo que a Nação precisava. De cabeça e de coração, Ronaldo Angelim fez o gol da virada, o gol do título, o gol do Hexa.

Assisti ao jogo ao vivo, mas sem imagens, sem voz, só com a descrição escrita dos lances. Mas, como se eu nunca tinha me afastado um pouco do Flamengo durante o ano, vibrei igual os 90.000, talvez 100.000 pessoas no Maracanã, comemorei, sozinho mas felizão, meu primeiro título brasileiro com Flamengo. Era o ano de 2009, eu tinha 17 anos. Valia a pena esperar uma vida inteira.

2015

Crônica #2 publicada originalmente no 16 de setembro de 2022



Todos os times do Flamengo são históricos, todas as escalações fazem parte da história do Flamengo. Claro, tem times mais históricos e menos históricos, o de 2015 não é o melhor, mas tem sua importância na história do clube.

Para mostrar a qualidade do elenco de 2015, basta dizer quem jogou mais partidas durante o ano: Márcio Araújo (56 jogos), Pará (53), Héctor Canteros (53), Wallace (48) e Éverton (47). Basta dizer que o camisa 10 era Lucas Mugni. Basta dizer que o principal nome das contratações do início do ano era Marcelo Cirino. Um time muito limitado, que vinha de um ano 2014 muito difícil, onde o rebaixamento foi uma possibilidade real.

Desse time, odiava entre outros Márcio Araújo e Gabriel, que jogou muito no Flamengo, mas só em termo de números de jogos. Incrível que Gabriel vestiu mais de 200 vezes o Manto Sagrado e muitos poucos jogos foram realmente bons. Mas confesso que desses perebas todas gostava muito do Anderson Pico. A aparência física, o chute poderoso nas faltas, era quase um Roberto Carlos, só faltava a técnica, a rapidez, a inteligência de jogo e muitas outras coisas. Mas

gostava dele, acho que todo mundo tem um carinho para algumas perebas, que tinham espaço no Flamengo.

2015 começou com a saída de um ídolo, Léo Moura, que teve até jogo de despedida, que depois mostrou que não merecia. Mas pelo tudo que fez no Flamengo, os 519 jogos, os 47 gols, os 8 títulos, merecia no momento. Foi uma festa linda no Maraca.

No campeonato carioca, foi ruim o Flamengo, eliminado contra Vasco, com Wallace cometendo um pênalti bobo. Esse dava raiva. Mas teve um Flamengo x Vasco eterno nesse campeonato carioca. Foi o jogo da chuva, quando o jogo foi interrompido durante 50 minutos por causa da chuva. Alecsandro fez um gol, aproveitando da bola parada por causa da chuva na saída de bola do goleiro, Alecsandro fez um outro de pênalti, teve comemoração de guarda-chuva, teve briga generalizada. Até um time ruim pode fazer história.

Na Copa do Brasil, foi ruim o Flamengo, eliminado de novo contra Vasco, com Wallace expulso no primeiro jogo. Esse dava muita raiva. No jogo de volta, foi Pará que foi expulso. Também dava raiva. Vasco foi o carrasco do Flamengo nesse ano, mas quem foi rebaixado no fim do ano foi o próprio Vasco.

No Brasileirão, foi ruim o Flamengo, perdendo os dois clássicos contra o rebaixado Vasco. Flamengo esperou o sexto jogo para enfim ganhar, já com Cristóvão Borges no lugar do Vanderlei Luxemburgo. Até de técnico Flamengo era ruim. Depois, teve Oswaldo de Oliveira, bem melhor, que ganhou seis jogos seguidos, fez Flamengo voltar ao G-4, uma coisa inesperada, não vista desde 4 anos e 137 rodadas. Mas o time caiu de novo de produção com 2 vitórias, 2 empates e 9 derrotas nos últimos jogos. Pelo menos, não foi rebaixado, contrário ao Vasco.

Mas não foi tudo ruim. Durante o ano, Flamengo contratou Pablo Armero, Ederson, Emerson Sheik, Alan Patrick, Paolo Guerrero.

Nomes de peso, destaque para o Guerrero, internacional peruano, ídolo do Corinthians. No campo, esses reforços não foram tão bom, mas a política de austeridade do presidente Eduardo Bandeira de Mello se aproximava do fim. Salários em dia, nova administração, novas fontes de renda, Flamengo se profissionalizava, tinha mais credibilidade. No site Colunadofla, Bandeira de Mello explicou: “Acredito que 2015 já é melhor que 2014, que foi melhor que 2013. É possível que este ano a gente já possa, não diria ousar, porque tudo que a gente faz é extremamente responsável, mas já possa pensar em jogadores que, talvez, não conseguisse pensar no ano passado. Agora, 2016 e 2017, com certeza, vão ser bem mais confortáveis”. Em 2016, vieram Réver, Cuellar, Diego, em 2017 Diego Alves, Éverton Ribeiro, Conca. Não só sucessos, mas o ano de ouro de 2019 se aproximava. E por isso, valia a pena de viver o ano de 2015.

2017

Crônica #17 publicada originalmente no 20 de maio de 2023



Eu falei na crônica sobre o ídolo Diego que para muitos a nova Era do Flamengo começou com a chegada dele em 2016. Para mim, começou um ano antes com a transferência de Paolo Guerrero, apesar de não ser um nome tão importante no mundo do que Diego, apesar do fracasso em campo. O ano de 2015 foi histórico, frustrante sim, mas mudou o clube com financeiras boas, e Flamengo continuou a mudar em 2016. Pela primeira vez desde muito tempo, brigou pelo título brasileiro e precisava de uma confirmação em 2017.

E o ano começou com transferências que me agradaram na época. Rômulo, com boa passagem no Spartak Moscou, e muitos gringos, Miguel Trauco na defesa, Darío Conca no meio, Orlando Berrío no ataque. Eu era um grande fã do Darío Conca no Fluminense e estava muito entusiasmado com a chegada dele no Flamengo. Mas foi outra decepção, e uma grande decepção, e Conca jogou pouco, muito pouco com o Manto Sagrado. Apenas 3 jogos, ou mais exatamente, três pedaços de jogos, com ao total apenas 27 minutos no campo. Acho que ele foi minha maior decepção de um jogador comprado pelo Flamengo, com uma diferença incrível entre as expectativas e o que deu.

Flamengo, dirigido pelo Zé Ricardo, começou a temporada de 2017 com um amistoso, com uma derrota contra Vila Nova, apesar de um gol de Leandro Damião, outra decepção no Mengo. Mas Flamengo estreou bem no campeonato carioca com goleadas sobre Boavista, Macaé, Nova Iguaçu. Também estreou na Primeira Liga com uma vitória 2x0 sobre Grêmio no Mané Garrincha. Nunca gostei dessa competição que só colocava mais jogos num calendário já cheio. Flamengo começou a temporada com 7 vitórias, depois empatou contra Ceará e perdeu a final da Taça Guanabara nos pênaltis contra Fluminense depois de um 3x3, que nem seria o melhor Fla-Flu do ano.

Flamengo se recuperou, rápido e bonito, com uma goleada 4x0 contra San Lorenzo na estreia da Libertadores, num Maracanã cheio e lindo. Pela primeira vez desde um bom tempo, Flamengo também estava candidato ao título da Libertadores. Também ganhou 5x1 da Portuguesa, um jogo eterno nesse blog. A primeira derrota do ano veio na Libertadores, no campo da Universidad Católica, e Flamengo fez quatro empates consecutivos, o último fatal com uma eliminação contra Vasco na semifinal da Taça Rio. Não impediu o clube de se classificar na semifinal do campeonato carioca, e depois na final com um dobrete de Paolo Guerrero contra Botafogo. Na final, um Fla-Flu. O Fla-Flu é meu clássico favorito do Rio e era a primeira vez desde 1995 e o gol da barriga de Renato Gaúcho que os dois times decidiam o título carioca. Seria mais um Fla-Flu histórico, onde a única possibilidade era a vitória.

Depois de uma derrota contra o Athletico Paranaense na Libertadores, Éverton fez o único gol da final de ida do campeonato carioca. No jogo de volta, Henrique Dourado, que seria outra decepção no Flamengo, abriu o placar para Fluminense e deixou tudo igual. No final do jogo, um dos gols mais marcantes do Guerrero no Flamengo, para quase oferecer o título ao Flamengo. E no finalzinho do jogo, num contra-ataque, Rodinei venceu o goleiro improvisado Orejuela para fazer um dos gols mais marcantes do Fla-Flu, para

oferecer ao Flamengo o 34º título carioca, o sexto de forma invicta, igualando o recorde do Vasco. Um título marcante para começar o ano de 2017 e relembro muito bem de minha alegria com o gol de Rodinei, com o campeonato carioca que não vinha desde 2014, ainda tinha que ter a dor de ver Vasco levantar o troféu em 2015 e 2016. Com 10 gols, Paolo Guerrero foi o artilheiro do campeonato carioca. Adorei esse Fla-Flu, mas nem seria o melhor Fla-Flu do ano.

Já falei numa outra crônica que fui no Brasil em 2017. Livre para tirar as férias, as datas da viagem só dependiam do Flamengo. Queria ver um jogo decisivo da Copa Libertadores e, com medo de não ter ingresso para a final e também vendo que tinha um Flamengo x Vasco no Brasileirão entre as duas semifinais, decidi comprar o voo para a semifinal da Copa Libertadores, obviamente do Flamengo. Relembro que achava que o jogo contra San Lorenzo era apenas a quinta rodada e com um jogo a 2h45 da manhã na França, resolvi não assistir para conservar forças para o último jogo. Flamengo perdeu e fiquei chateado na manhã seguinte, mas não abatido. Situação era ruim, mas ainda tinha um jogo. Depois fui Twitter e vi que Flamengo era eliminado. Não entendi direto, Flamengo só estava um ponto atrás. Mas depois entendi, não tinha mais jogo, Flamengo eliminado. Fiquei muito aborrecido, com mais uma eliminação traumatizante depois de 2012 e 2014, uma viagem no Brasil sem Flamengo na Libertadores, e também contra mim, para ter faltado ao vivo o jogo decisivo. Foi um dia ruim, muito ruim.

Na Copa do Brasil, Flamengo estreou com um 0x0 no Maracanã contra o Atlético-GO, mas se classificou na volta na Serra Dourada, com mais um gol, e mais um cartão amarelo, de Paolo Guerrero. No Brasileirão, a estreia foi um 1x1 contra o Atlético-MG, no Maracanã. Um jogo marcante, por um motivo: foi a estreia de Vinícius Júnior. Sempre adorei Vinícius Júnior, acompanhei ele na Copinha com o Flamengo e no campeonato sudamericano U17 com a Seleção. Sempre torci, e ainda torço, pelo sucesso do Vini, que assinou, com

16 anos e na mesma semana da sua estreia profissional, com o Real Madrid, um de meus clubes favoritos na Europa. Voa Vini!

No Brasileirão, Flamengo começou de maneira irregular, escapando da derrota contra Fluminense no último minuto, mas ficando no meio da tabela. Depois, goleou a Chape 5x1 com 2 gols de Diego e 3 gols de Guerrero, iniciando uma série de 5 vitórias consecutivas, a última contra Vasco para chegar na vice-liderança. Também goleou 5x2 Palestino no Chile na Copa Sudamericana, com o primeiro gol no Flamengo de Éverton Ribeiro. Eu já era um grande fã de Éverton Ribeiro na época do Cruzeiro e foi uma decepção de ver ele ir no Al Ahli, acho que ele tinha o nível para jogar na Europa. Mas voltou no Brasil no segundo semestre de 2017, jogou no Flamengo, vestiu o Manto Sagrado, brilhou no Maior do Mundo. Com essa chegada, Flamengo tinha ainda mais peso, e Éverton Ribeiro não decepcionou. Também, depois da decepção da Libertadores, comecei a torcer muito para um Fla-Flu nas quartas de final da Sudamericana, o que era possível no cruzamento, e que ia ser durante minhas férias no Rio. Fé no Fla-Flu.

No jogo de volta, Flamengo goleou de novo Palestino, 5x0, com outro primeiro gol no Flamengo de um craque, Vinícius Júnior, que com 17 anos e 29 dias, se tornava o jogador mais jovem a marcar um gol pelo Flamengo, recorde que será batido pelo Lorrann em 2023. Gol foi marcado no estádio Luso-Brasileiro na Ilha do Governador, e gostava muito desse estádio. Mas a fase do Flamengo no Brasileirão era ruim e Zé Ricardo foi demitido antes do jogo contra Palestino. No seu lugar, o colombiano Reinaldo Rueda, campeão da Copa Libertadores um ano antes com o Atlético Nacional. Gostei de escolha e ele foi bem no Flamengo enquanto ele ficou. Flamengo se recuperou, venceu 2x0 o Atlético-GO com dois gols de Vini Jr e se classificou para a final da Copa do Brasil, Diego fazendo o único gol do confronto contra Botafogo, depois de uma assistência, e sobretudo de um drible sensacional, meio letra meio drible de vaca, de Berrío.

No jogo de ida da final da Copa do Brasil, Flamengo abriu o placar com outro craque da casa, Lucas Paquetá, mas Cruzeiro empatou com gol de futuro craque do Flamengo, Arrascaeta. Eu também era um grande fã do Lucas Paquetá e acho que ele merecia um grande título no Flamengo, foi para mim o melhor jogador do futebol brasileiro no primeiro semestre de 2018. No Brasileirão, Flamengo perdeu contra Botafogo, ganhou contra Sport, empatou contra Avaí. Na Copa Sudamericana, Flamengo goleou a Chape 4x0, com gol de um ídolo, Juan. Flamengo estava nas quartas de final e eu tinha meu jogo de sonho, um Fla-Flu, na verdade dois Fla-Flus para minhas férias no Rio. Valia a pena ser eliminado na Libertadores para ter o Fla-Flu, meu confronto favorito no futebol. Antes, teve a final da Copa do Brasil. Fiquei acordado no meio da noite, mas, apesar da importância do jogo, não consegui ver o jogo todo e faltei a disputa de penalidades. Diego errou, Flamengo perdeu, não foi campeão. Mais um dia ruim em 2017.

Depois de outros jogos no Brasileirão, uns bons, outros ruins, era a hora para mim de ir ao Brasil, sozinho, para três semanas de sonho. Comecei a viagem em São Paulo, por um único motivo: tinha um São Paulo FC x Flamengo. Jogo foi no histórico Pacaembu e cheguei bem cedo para comprar um ingresso no setor visitante. Mas a fila era maior que meu sonho e chegou a notícia que não tinha mais ingressos com a torcida do Flamengo. Solução para mim foi comprar um ingresso no setor de São Paulo, deixar meu Manto Sagrado na casa de um vizinho do Pacaembu e ir escondido no estádio, no meio de são-paulinos. Relembro que cheguei a me sentar ao lado de franceses que torciam para São Paulo e tive que mudar de lugar. Assistir ao jogo ao lado de tricolores OK, de tricolores franceses não. Jogo não foi bom para o Flamengo que perdeu 2x0. Mas foi para mim um sonho. Depois de tantos jogos assistidos na televisão, de tantas vitórias e derrotas, títulos e lágrimas, enfim, eu via meu Flamengo em campo. Flamengo perdeu, mas Fla-Flu seria melhor, muito melhor.

Cheguei enfim no Rio e consegui um ingresso para o Fla-Flu de ida na Copa Sudamericana. Fui no Maracanã, na Norte, no coração do Flamengo. Um sonho e cheguei a chorar quando Éverton fez o único gol do jogo. Assisti também ao Clássico dos Milhões contra Vasco e não tinha certeza se eu ia conseguir um ingresso para o Fla-Flu de volta. Cheguei cedo na Gávea e saí com o ingresso na mão e uma alegria no meu coração que poucas vezes senti na minha vida. Fla-Flu era meu. E, já eternizei o jogo no francêsguista, mas não foi só o melhor Fla-Flu do ano como foi um dos maiores da história. Teve gol de Diego, teve Flu na frente, e teve a entrada de Vini Jr no jogo, saindo do banco. Vinícius Júnior, já meu ídolo, entrou e desequilibrou. E teve gol de Willian Arão, gol de empate com sabor de vitória, gol para arrepiar, para gritar, para até cair de emoção. Flamengo empatou no Fla-Flu, mas de fato ganhou o Fla-Flu, se classificou e me ofereceu a lembrança mais forte de três semanas inesquecíveis no Brasil. Te amo Flamengo.

De novo, Flamengo foi irregular no Brasileirão, mas foco agora era a Copa Sudamericana. Na semifinal contra Junior Baranquilla, Flamengo venceu no Maraca, com gols de Juan, 38 anos, e Felipe Vizeu, 20 anos. Na volta na Colômbia, Flamengo venceu de novo, agora com dobrlete de Felipe Vizeu, que jogou muito durante esse fim de temporada de 2017. Na última rodada do Brasileirão, Flamengo virou no campo de Vitória com gol de Diego no último minuto, e se classificou diretamente para a Copa Libertadores 2018. Um fim de Brasileirão perfeito antes do título da Sudamericana. Por ter vivido um Fla-Flu tão incrível nas quartas, queria muito esse título, ainda mais do que a Copa do Brasil. Se falava de um título continental, que Flamengo não conquistava desde 1999, um outro século, um outro milênio.

O adversário era Independiente, que estava no caminho do Flamengo justamente no último título continental, com uma goleada 4x0 do Flamengo nas quartas de final da Copa Mercosul de 1999. Um adversário de peso, de tradição, heptacampeão da Copa Libertadores.

No tão tradicional estádio Libertadores da América de Avellaneda, Flamengo abriu o placar com gol de cabeça de Réver, mas Independiente virou no segundo tempo. A derrota 2x1 não era um resultado ruim, mas Flamengo precisava vencer para ser campeão no Maracanã. Em 1999, foi campeão no campo de Palmeiras e em 1981 conquistou a Copa Libertadores no Centenário de Montevideu. Uma oportunidade única, levantar um troféu continental em pleno Maraca.

De novo, Flamengo abriu o placar, com gol de Lucas Paquetá, com raça, amor e paixão. Mas ainda no primeiro tempo, Independiente empatou num pênalti, com lance bobo de Cuéllar. Dessa vez, não falei o jogo e relembro muito bem da emoção nos minutos finais, do desespero no último lance, um chute de Réver um pouco acima do travessão. Pela segunda vez do ano, Flamengo perdia uma final. Flamengo fez uma boa temporada em 2017, mas foi bi-vice-campeão e foi muito difícil perder essa final da Copa Sudamericana. Ainda tinha que aguentar as piadas dos rivais, mesmo dos que jogaram muito menos do que o Flamengo em 2017. Mas já falei que a piada do cheirinho nunca me incomodou, porque sabia que um dia ou outro, os títulos iam chegar na Gávea, como foi o caso, até em cima dos meus sonhos mais loucos, e costumo sonhar alto com Flamengo. O Flamengo de 2017 não foi tão histórico que poderia ter sido, mas foi no caminho de glórias ainda maiores.

2019

Crônica #20 publicada originalmente no 19 de julho de 2023



Depois de 1981, o ano de 2019 foi o maior da história do Flamengo. Nos anos 2000, Flamengo perdeu um pouco do prestígio que tinha. Ainda era Flamengo, mas teve times horríveis, anos de luta contra o rebaixamento, temporadas inteiras sem emoções, a não ser de frustração e desespero. O Flamengo mudou de novo com a gestão de Eduardo Bandeira de Mello, com finanças boas, e depois contratações interessantes. Faltavam só os títulos.

E os títulos chegaram em duplo, em triplo, em 2019. O time vinha se fortalecendo desde 2015, com bons reforços a cada ano, mas quase todo o time titular do bicampeonato da Libertadores foi contratado em 2019. No início do ano, chegaram, entre outros, Rodrigo Caio, Arrascaeta, Gabigol e Bruno Henrique. Ou seja, o trio ofensivo tão avassalador e um dos xerifes da zaga. Empolguei-me com as contratações. Gostava muito de Rodrigo Caio no São Paulo, um jogador difícil de driblar, com boa leitura de jogo e uma técnica suficiente para jogar até de volante, apesar de achar ele mais zagueiro. Achei uma loucura quando um diretor de São Paulo o chamou de “jogador de condomínio”. Agora, Rodrigo Caio era um jogador do Flamengo

Depois, veio o trio ofensivo, que deu tantas alegrias ao Mengo em 2019. Primeiramente, Gabigol, chegando de empréstimo da Inter de Milão. Sempre fui um fã de Gabigol, desde seu primeiro jogo profissional, o mesmo que foi o último de Neymar num clube brasileiro, um Santos x Flamengo, lá em Brasília, já mais de 10 anos atrás. Fiquei feliz quando ele se tornou o artilheiro da Copa do Brasil em 2014 e 2015, e acompanhei sua ida na Europa, vendo ele não jogar na Inter e no Benfica. Acho que ele merecia mais oportunidades, mas também que faltava maturidade e um pouco de futebol para ser um jogador importante na Europa. Voltou bem no Santos e fiquei feliz de novo para ele. Acho que ele é um jogador muito brasileiro, tem características e qualidades do futebol brasileiro, não muito da Europa. O Flamengo sempre será o melhor clube para ele.

Um dia depois, veio Arrascaeta, que foi na época o jogador mais caro do futebol brasileiro, ultrapassando Tevez quando ingressou o Corinthians em 2005. Mas valia a pena, já na época. Sempre achei Arrascaeta um craque diferenciado, que inclusive fez sofrer o Flamengo em 2017 e 2018. Como Gabigol, também acho que ele é mais um jogador da América do Sul do que da Europa. Ele é craque e seria craque em qualquer lugar do mundo, mas entre ser uma peça de um grande time, um protagonista num clube mediano ou craque e ídolo do Flamengo, não precisa de pensar mais de um milissegundo. Arrascaeta é craque, com a camisa 10, com a camisa 14, loiro ou moreno, sempre é craque, e merece o Maior do Mundo.

E dez dias depois, chegou Bruno Henrique. Impressionante como a história do Flamengo mudou em só um mês, de janeiro de 2019. Se eu estava muito empolgado com as chegadas de Gabigol e Arrascaeta, não era muito o caso com Bruno Henrique. Se a contratação não era muito cara, e ele tem qualidades de drible e velocidade, achava Bruno Henrique muito irregular. E era o caso, se ele fez 8 gols e 11 assistências no Brasileirão 2017 com Santos em 28 jogos, ele fez no ano seguinte, com os mesmos 28 jogos, apenas 1

gol e 3 assistências com o mesmo Santos. Uma decepção e achava que ele talvez será só um pouco melhor que Vitinho, uma decepção no Flamengo, muito mais cara. Se acertei com Gabigol e Arrascaeta, estava felizmente bem enganado com Bruno Henrique. E mais incrível, os três são ainda jogadores do Flamengo, fazendo uma quinta temporada no Flamengo. Espero que será o dobro no final, ao menos para Gabigol e Arrascaeta, e renovaria tranquilamente com Bruno Henrique também. Os três são meus ídolos particulares e ídolos da Nação.

Não foram as únicas mudanças no Flamengo, que trocou também de técnico. Eu não era um grande fã de Maurício Barbieri e não estava em favor da permanência dele no clube. Mas fui absoluto contra a chegada de Abel Braga, tanto por ser muito ligado ao Fluminense, ser pra mim um técnico ultrapassado e sem ideias ofensivas interessantes, tanto para o fracasso na sua primeira passagem ao clube, quando Flamengo conheceu uma das maiores vexames de sua história, perdendo a final da Copa do Brasil 2004 contra Santo André, em pleno Maracanã. Sem querer passar de soberbo, estava certo nessa também.

Flamengo começou a temporada de 2019 com a Florida Cup, a Copa Mickey por alguns. Não ligo muita importância a essa competição, mas foi bom de ganhar o troféu, vencendo dois europeus, principalmente o Ajax, que tinha grande time. Mas foi uma vergonha da diretoria publicar um comunicado no meio do ano quando o time estava mal e criticado nas redes sociais, se gozando de ter ganhado esse título. De forma oficial, Flamengo estreou na temporada de 2019 no dia 20 de janeiro, dia do São Sebastião, padroeiro do Rio de Janeiro, com uma vitória 2x1, de virada, no campeonato carioca contra Bangu. Antes do jogo, Arrascaeta e Gabigol foram apresentados para os 43.761 torcedores no Maracanã. A torcida do Flamengo também fez uma tremenda diferença em 2019.

Bruno Henrique fez seu primeiro gol, na verdade seus dois primeiros gols, na vitória 2x1, de novo de virada, contra Botafogo, e Arrascaeta brocou pela primeira vez, saindo do banco, no jogo seguinte, uma goleada 4x0 contra Cabofriense. Flamengo fechou seu grupo da Taça Guanabara na liderança mas perdeu pela primeira vez da temporada logo na semifinal da Taça Guanabara, contra Fluminense. Flamengo se recuperou na estreia da Taça Rio com uma goleada 4x1 contra Americano e o primeiro gol com o Manto Sagrado de Gabigol, que iniciou uma série de 6 jogos consecutivos com ao menos um gol. Flamengo também estreou na Libertadores com uma vitória difícil 1x0 na Bolívia contra San José, gol de Gabigol. Depois da decepção de 2018 contra Cruzeiro, Flamengo era um dos favoritos ao título máximo da América do Sul e, como cada ano, eu tinha grandes expectativas para a Libertadores 2019. Talvez expectativas menores do que ia ser tornar realidade, mas mesmo assim, grandes sonhos.

Flamengo conseguiu uma série de 10 jogos sem perder, vencendo Madureira com 2 gols de Gabigol, dois Fla-Flus de forma dramática, e conquistando a Taça Rio contra Vasco com gol no último minuto de Arrascaeta e homenagem ao técnico Abel Braga, que tinha problemas de saúde e não assistiu ao jogo. Com esse jogo, Arrascaeta começou a ter mais oportunidades como titular, depois de ser reserva do Diego, um dos maiores absurdos que eu vi no Flamengo. E na final do campeonato carioca, contra Vasco, foi a vez de Bruno Henrique de me convencer definitivamente, com grande atuação e dobrlete no jogo de ida. Vitinho fez o gol do título na volta e Flamengo comemorou uma primeira vez em 2019. Cinco anos depois do gol de Márcio Araújo, Flamengo ganhava um novo campeonato carioca em cima do Vasco, prolongando o longo jejum do Vasco. Desde 1988, Vasco não ganhou uma final do campeonato carioca contra Flamengo, perdendo as 7 últimas finais contra o Maior do Rio.

No Brasileirão, Flamengo começou de maneira irregular, com vitória contra Cruzeiro, derrota contra Internacional, empate contra São Paulo. Na Libertadores, passou da fase de grupos, mas sem

convencer, sem vencer o jogo decisivo, um empate 0x0 contra Peñarol. Na Copa do Brasil, Flamengo venceu o Corinthians no Itaquarão, no jogo de ida das oitavas de final. No Brasileirão, o rubro-negro estava no sexto lugar quando Abel Braga pediu demissão. Foi um alívio, não gostava dele e Flamengo não convencia. Apesar de alguns bons jogos, apesar de todas as contratações e estrelas no time, Flamengo não era um time assombroso e deslumbrante, era ainda longe de seu pleno potencial. Arrascaeta ainda não era plenamente um titular e Abel Braga falou na saída do clube que foi traído e era isolado. Mas maiores besteiras que falou foi quando ele ainda era técnico do clube. Falou que perder no campo do Internacional era “absolutamente normal” e confundiu duas vezes Flamengo e Fluminense nas coletivas. Acho que só isso mostra como ele era no Flamengo e como ele considerava o Flamengo, como um clube qualquer. Mas não é, Flamengo é o Maior do Rio, o Maior do Brasil.

Chegou no seu lugar Jorge Jesus. Eu não me relembro bem de como eu acolhi essa notícia. Jorge Jesus tinha feito um grande trabalho com Benfica, mas eu não o conhecia bem. Achava a escolha interessante, acho que técnicos estrangeiros podem trazer coisas muito boas para o futebol brasileiro, mas queria ver mais futebol para ter uma ideia mais clara. Fui logo conquistado com sua primeira entrevista, elogiando o Flamengo e dizendo que Flamengo precisava ganhar, ganhar, ganhar. Isso é exatamente o Flamengo. E a pausa para a Copa América chegou no momento certo. Jorge Jesus teve um mês para conhecer o grupo, os jogadores, implementar ideias, princípios de jogo. E Jorge Jesus ainda teve reforços de alta qualidade no mercado, Rafinha, Pablo Marí, Gerson e Filipe Luís. Agora, Flamengo não tinha só um ataque incrível, tinha um time completo, muito competitivo.

Jorge Jesus começou com uma eliminação, na Copa do Brasil contra o Athletico Paranaense, mas já era um Flamengo diferente, mais intenso, mais dedicado ao ataque, que não aceitava a derrota, nem o

empate. E entre os dois jogos da Copa do Brasil, o primeiro show do Flamengo de Jorge Jesus, um 6x1 contra Goiás, que merece ser eternizado nesse blog. Um show de todo o time e principalmente do ataque, um gol de Bruno Henrique, dois gols e três assistências de Gabigol, três gols e duas assistências de Arrascaeta. Isso aqui é Flamengo, isso é o Flamengo de Jorge Jesus.

Depois, foram vários shows, alguns jogos eternos aqui, uma classificação dramática contra Emelec, uma goleada contra Vasco com nova atuação perfeita do trio de ataque, uma vitória no Ceará com golaço de Arrasca, uma vitória na Liberta com dobrlete de Bruno Henrique, uma vitória no Maraca com golaço de Gabigol. Acho que foi nesse mês de agosto que o Flamengo se descobriu como time, começou a alegrar o torcedor e terrorizar o adversário. Atropelou o último campeão brasileiro, Palmeiras, pelo placar de 3x0, com 2 de Gabigol e um de Arrasca, mas foi o jogo eterno contra Santos, com golaço de Gabigol, que me deu a certeza que o Flamengo ia conquistar o hepta em 2019. Flamengo, o Maior do Brasil.

O confronto contra o Internacional nas quartas da Liberta, principalmente o jogo de ida, me deu a certeza que esse time era especial. Conquistar a Copa Libertadores é sempre difícil, mas o time era diferente e podia realizar grandes coisas. E fez mais que um sonho, com uma atuação inesquecível contra Grêmio, o Cincum. Não me canso de rever os gols, de relembrar o jogo. Foi o jogo mais simbólico do Flamengo de Jorge Jesus, um time que atacava, que não parava de atacar, que não se cansava de fazer gols. Um time de ídolos, Diego Alves; Rafinha, Rodrigo Caio, Pablo Marí, Filipe Luís; Willian Arão, Gerson, Éverton Ribeiro; Arrascaeta, Bruno Henrique, Gabigol. Vale repetir a escalação toda, porque quase todos os jogadores são ídolos do Flamengo.

No Brasileirão, Flamengo conseguiu grandes coisas, uma vitória quase inédita no campo do Athletico Paranaense, uma vitória no Fla-Flu, uma goleada contra o Corinthians com hat-trick de Bruno

Henrique em 3 minutos. Esse time ganhava, goleava muitas vezes, empatava no pior dos casos, tinha nada de derrota. Teve um incrível 4x4 contra Vasco, que foi comemorado como uma goleada pelo adversário. Flamengo ainda ganhou na Arena do Grêmio antes do jogo mais importante da temporada, antes do jogo mais importante da história do clube desde 1981. E mais uma vez, o Flamengo de Jorge Jesus foi além dos sonhos, foi além do tempo normal, foi além da normalidade. Flamengo é eterno, como é esse jogo, o Milagre de Lima. River Plate abriu o placar, mas Flamengo nunca desistiu e, para a primeira final da Libertadores em jogo único, ofereceu um roteiro que nem Hitchcock podia escrever. Gabigol me deu nesse 23 de novembro de 2019 uma das maiores alegrias de minha vida. E não só a mim, mas a todos os flamenguistas da terra e do céu. Uma virada eterna, para conquistar a Liberta de novo, exatamente 38 anos depois da primeira, com Zico e tudo. Flamengo, o Maior da América.

E um dia depois só, ainda na ressaca das comemorações em Paris para mim, aproveitando da derrota de Palmeiras, Flamengo conquistava o hepta brasileiro. Flamengo, o Maior do Brasil. Um fim de semana inesquecível, que consagrava Jorge Jesus, em apenas alguns meses, como um dos maiores técnicos da história do Flamengo. O Mister conseguiu implementar no time uma mentalidade de vencedor absoluto, mas não era apenas os títulos, era também a maneira de jogar, muita intensidade, muita versatilidade, Flamengo sempre no ataque, Flamengo sempre fazendo gols. Assistir ao Flamengo nessa temporada era a certeza de um show, de um grande jogo, de um espetáculo. E o Flamengo de Jorge Jesus conseguiu fazer o que poucos times brasileiros fizeram, talvez o Santos de Pelé, o Botafogo de Garrincha, o Internacional de Falcão, o Flamengo de Zico, o São Paulo de Raí, o Cruzeiro de Alex, ou seja, conquistar os torcedores dos outros times, que também pararam para assistir ao Flamengo, ver as goleadas, ver as estrelas do time, como maior símbolo Gabigol, artilheiro do Brasileirão, herói da Liberta, Rei da América. Flamengo conseguiu a proeza de conquistar o Brasil todo, menos os idiotas do clubismo.

Flamengo ainda goleou Ceará e Avaí, venceu Palmeiras no Allianz Parque com 2 de Gabigol, um de Arrascaeta. Ainda na ressaca das comemorações e de olho no Mundial, Flamengo perdeu contra Santos na última rodada do Brasileirão, a primeira derrota em 4 meses, o fim de uma série de 29 jogos sem perder, todas competições incluídas. Mesmo assim, Flamengo bateu muitos recordes no Brasileirão 2019, um Brasileirão histórico e eterno: 90 pontos, 16 a mais do que o segundo, 86 gols, 22 a mais do que o segundo ataque do campeonato. Mas, mais uma vez, além dos títulos, além dos números, foi pela maneira de jogar que ficou na história o Flamengo de Jorge Jesus, que por sua vez venceu 27 dos 39 jogos que dirigiu o Mengo.

Faltava o Mundial. De virada, Flamengo venceu Al-Hilal e se classificou na final, contra Liverpool, que ganhava igualmente tudo, com um futebol ofensivo e um trio de ataque incrível, mas na Europa. Contra um dos maiores times do mundo, Flamengo jogou de igual a igual durante 70 minutos. Foi depois motivo de zoações pelos adversários, que por alguns nunca chegaram a conquistar o Mundial, mas Flamengo me deu nesse dia muito orgulho de ser flamenguista. Bruno Henrique jogou uma barbaridade, dominando Alexander-Arnold como ninguém fez nessa temporada. A história era bonita, talvez até demais, encontrando de novo Liverpool, 38 anos depois de Tóquio. Acreditei na vitória e chorei com o gol de Roberto Firmino, acabando para mim nesse momento com os meus sonhos de ser campeão mundial mais uma vez. Culpo um pouco Jorge Jesus nesse jogo, que substituiu os dois cérebros do time, Arrascaeta e Everton Ribeiro. Mesmo sem pernas, eles ainda tem a cabeça para pensar. Jorge Jesus também não colocou o jovem Reinier, que conseguiu espaço nesse time incrível durante a temporada, e ainda colocou Lincoln, que perdeu uma grande oportunidade na prorrogação, uma jogada que ainda hoje não consigo rever. Acho que Berrío teria sido uma melhor opção. Flamengo merecia um desfecho melhor, mas as lágrimas de tristeza do Qatar, ou de Saint-Thibault para mim, onde

assisti ao jogo sozinho na casa de meus pais, não podem fazer esquecer as lágrimas de alegria de Lima, ou de Paris para mim, não podem fazer esquecer o que tudo jogou esse Flamengo de Jorge Jesus.

Fica os números impressionantes de ataque, exatamente 150 gols na temporada em 74 jogos, com temporada inesquecível do quarteto fantástico, 43 gols e 11 assistências para Gabigol, 35 gols e 16 assistências para Bruno Henrique, 18 gols e 19 assistências para Arrascaeta, 6 gols e 16 assistências para Éverton Ribeiro. Mas, pela última vez nessa crônica, o Flamengo de Jorge Jesus foi além das estatísticas e dos placares, o Flamengo de 2019 foi a definição máxima do futebol no Brasil. Flamengo sempre foi minha maior definição do futebol.

A photograph of a man with a beard and a baseball cap, smiling and pointing towards the camera. He is wearing a red and black striped Flamengo jersey. The background is a large stadium filled with spectators, with a red tint overlaying the entire image.

*« Uma vez Flamengo,
Flamengo além da morte »*

Marcelin Chamoin,
francês de nascimento,
carioca de setembro
de 2022 até julho
de 2023.

Brasileiro no coração,
flamenguista na alma.